REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO LIV

PARTE I

(1°. E 2°. TRIMESTRES)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint sera posteritate frui.

INSTITUTUM
HISTORICO GEOGRAPHICUM
IN URBE FLUMINENSE
CONDITUM
DIE XXI OCTOBRIS
A·D·MDCCCXXXVIII

RIO DE JANEIRO

Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor
de LAEMMERT & C., rua dos Invalidos, 93

1891

PORANDUBA MARANHENSE

Vejo um novo emisferio e novos ares,
Outros céos, outros bosques, outros mares,
Aves estranhas, flores nos matizes
Diversas, das que vi nos meos paizes

Assumpção, canto 6.

Magnus Dominus, et laudabilis nimis :
et magnitudinis ejus non est finis

Psalmo 144.

PARECER

Que o M. R. P. M. Fr. Francisco de S. Jozé deo ao seo reverendissimo ministro provincial sobre esta obra.

Em cumprimento do despaxo etc. etc. Eu Fr. Francisco de S. Jozé, ex-leitor de historia sagrada e ecleziastica e teologia dogmatica, examinei a obra intitulada *Porandúba Maranhense*, composta por Fr. Francisco de N. S. dos Prazeres, pregador e filho professo d'esta real provincia da Conceição de Portugal, e do meo exame conclui, que a dita obra não contem alguma coiza, que seja contraria á fé e moral da nossa santa igreja catolica e apostolica romana. Alem d'isso revendo os materiaes, de que ella trata, axei, que n'ella se contém uma relação historica da descoberta, colonização, progressos e vicissitudes do estado do Maranhão, onde igualmente se incluem os sucessos do Pará até a separação final d'estas duas provincias; e ao depois a continuação particular do governo do Maranhão até o nosso tempo.

N'esta parte da obra o seo autor tece uma relação completa dos principaes acontecimentos, de que até agora só existiam alguns fragmentos sem coherencia, que o autor da prezente obra soube colocar em uma ordem cronologica muito exacta, emendando erros, e aproveitando informações veridicas, que tinham escapado aos antigos historiadores; e das coizas, que decorreram n'estes

ultimos tempos, o autor d'esta obra é o primeiro que es creve. Em tudo que pertence á historia natural do paiz o autor descreve as couzas com a clareza e exactidão de uma testimunha de vista, pois é sabido, que elle viveo muitos annos nos mesmos sitios, de que fala, onde mesmo delineou e compoz a sua obra. O mapa particular da provincia do Maranhão, que o autor ajunta á sua *Porandúba*, é produção propriamente sua, pois não me consta, que tivesse algum modelo mais que nos mapas geraes. O dicionario da lingua do Brazil, que se axa no fim da obra, é certamente uma coiza precioza, porque sendo pela maior parte exprimidos n'esta lingua os objectos do paiz, sem este elucidario perder-se-ia pelo tempo adiante a sua etimologia e verdadeira significação. Por tanto em vista de todos estes motivos julgo, que esta obra tem o seo lugar na republica das letras, e o seo autor não só é digno da graça, que implora, mas tambem é acredor ao reconhecimento da nossa provincia, de quem elle se mostra um filho benemerito.

Este é o meo parecer, *salvo meliori judicio.*

Convento de S. Francisco da Villa-Real 4 de Agosto de 1826. *Fr. Francisco de S. Jozé*.»

AO LEITOR

Quando me propuz compor esta obra, não deixei de lembrar-me, que ia contra o conselho do grande Horacio (*), e que não devia emprehender o que têm omitido tantos sabios,que abitaram e abitam no Maranhão (talvez esta omissão seria cauzada pela languidez de que n'este paiz se veem atacados os homens de vida sedentaria,como eu mesmo tenho experimentado); mas considerando ao mesmo tempo que qualquer membro de uma sociedade tem estreita obrigação de cooperar para o bem da mesma, quanto estiver da sua parte, conclui, que devia arrostar com todos os embaraços, e servir á nação quanto o permitissem as minhas forças fizicas e moraes. N'esta consideração puz mãos á obra na cidade de São-Luiz em 1819. Confesso, que a minha pena não pode voar tão alta como a dos grandes do reino literario, mas ninguem poderá dizer, que eu com ella não utilizei ao publico, pois que compuz, em estilo a todos inteligivel, a relação historica de uma das melhores provincias do Brazil.

O meo dever mais rigorozo é falar a verdade, e eu, para dezempenhar este, puz os meios, que me foram possiveis. Todos os que têem vivido no Maranhão sabem quão falta é esta provincia de memorias, e quanto custa

(*) Arte Poet. v. 38.

o alcançar n'ella quaesquer noticias certas. Porem a maior dificuldade està em axar quem dê uma noção certa do verdadeiro curso e grandeza dos rios, da raia da provincia da parte do sul, das leguas que se contam entre os diferentes pontos do terreno e sobretudo dos gentios, das suas terras, lagoas, rios, serras etc.

E por isso ninguem deverá estranhar, que eu omita algumas couzas e de outras escreva só com aquelle gráo de certeza, com que me foram comunicadas. Eu, imitando o sabio Tacito, consultei as pessoas, que me podiam servir de algum socorro. (*)

Alem d'isto servi-me tambem de alguns autores, especialmente de Bernardo de Berredo, cujos *Annaes* em parte segui á letra, e em parte rezumi; porque os axei faltos de laconismo.

No que pertence á historia natural omito quazi sempre os termos technicos, e uzo de similhanças, para que todos me entendam.

Si eu excitar em algum sabio o dezejo de me vencer, e elle o pozer por obra, terei feito serviço á nação.

(*) Bleterie, Vie de Tacite, pag. 40.

PORANDUBA MARANHENSE

OU

Relação Historica da Provincia do Maranhão

Em que se dá noticia dos sucessos mais celebres que n'ella tem acontecido desde o seo descobrimento até o anno de 1820, como tambem das suas principaes produções naturaes, etc., com um mapa da mesma provincia e um dicionario abreviado da lingua geral do Brazil

COMPOSTA PELO AUTOR DA

TABOA GEOGRAFICO-ESTATISTICA LUZITANA

INTRODUÇÃO

Navegando pelo Oceano uma caravela portugueza no anno de 1486, um grande temporal a levou a uma remotissima longitude ocidental, onde avistou terra até então desconhecida, que seria alguma das ilhas Carahibas, e pereceo de fome e trabalhos do mar toda a equipagem, excepto o piloto d'ella Afonso Sanches, natural de Cascaes, e trez ou quatro marinheiros, os quaes arribaram á ilha da Madeira, onde pouco depois morreram todos em caza do piloto genovez Christovão Colombo, que da sua patria passára áquella ilha e n'ella cazára. Ficou Christovão Colombo com a relação da derrota de Afonso Sanches, em que se axava a longitude e altura da terra descoberta ; e querendo aproveitar-se d'ella, se ofereceo a D. João II, rei de Portugal, para descobrir novas terras ; mas por votos

dos geografos escolhidos para o ouvirem, não foi atendido ; o mesmo lhe sucedeo com Henrique VIII de Inglaterra; em Castela tambem a principio foi desprezada a sua proposta, mas como teve votos a seo favor, foi depois admitida.

Vencidas algumas dificuldades, sahio Christovão Colombo de Palos de Muger com 3 caravelas a 3 de Agosto de 1492 em demanda das Canarias. D'estas navegou para o poente até 11 de Outubro, em que encontrou a ilha Guanahani (uma das Lucaias), á qual deo o nome de São-Salvador, em memoria de se ver livre do muito que tinha sofrido a equipagem, que dezesperada quiz por vezes voltar para tráz ; mas elle animozo a tinha socegado, dizendo-lhe que não podiam ver *terra* antes de estarem 750 leguas a oéste das Canarias. Continuando a viagem, descobrio a ilha de Cuba e a Espaniola, oje São-Domingos, onde deixou 38 homens em um forte de madeira e voltou para a Europa com 10 ou 12 indios. Fez mais duas viagens, com que continuou as suas descobertas sempre no serviço de Espanha.

Deram a esta *nova terra* o nome de novo mundo ou novo continente, que tomou tambem o de America, de Americo Vespucio, que fez a ella duas viagens. Persuadidos os primeiros descobridores de que a America pegava com a India, lhe deram tambem o nome de Indias ocidentaes ; e por isso os seos abitantes indigenas são denominados Indios.

A America é uma grandissima ilha, que está entre o mar Atlantico,que a separa da Africa e Europa pelo oriente, e o mar Pacifico, que a separa da Azia pelo ocidente.

O mais curto intervalo entre a America e Azia é de 15 legoas, que tantas tem o estreito de Behring ao nordeste d'esta.

Tem o novo mundo 2.700 a 3.000 leguas, de 21 em grão, de comprimento de norte a sul e 1.200 de largura (*)

Pouca diferença fizica se descobre entre as inumeraveis nações, de que toda a America se axou povoada. São os Americanos ou Indios geralmente baixos, refeitos,

(*) *Dicionario geografico francez portuguez*, pag. 5.

de semblante redondo, nariz grosso e um tanto xato, olhos pequenos, côr tirante a avermelhada, sem barba nem cabelo em parte alguma do corpo, excepto palpebras, sobrancelha e cabeça, sendo o do cabeça muito preto, grosso e corredio. (1) Eis aqui como certo viajante os retrata moralmente : « Os Americanos são em extremo gulotões, quando têem com que se saciar, sobrios na necessidade, até nem ainda dezejarem o necessario ; pusilanimes e poltrões em quanto a bebida os não faz enfurecer ; inimigos do trabalho ; indiferentes a qualquer motivo de onra, gloria, ou reconhecimento ; unicamente ocupados do prezente, sem cuidado do futuro, incapazes de reflexão passam a vida e envelhecem sem sahirem da infancia, da qual conservam todos os defeitos. »

Como foi povoada a America ainda está em problema. Sabe-se, que os Siberianos orientaes, xamados Choukchis, costumam passar o Berhing no verão para a America desde tempos imemoraveis ; mas ignora-se si os Americanos passaram do mesmo modo para o novo continente. Para se responder a todas as objeções, é nececessario admitir, que antigamente pegava por alguma parte o velho mundo com o novo; o que é mais provavel (2).

O istmo de Panamá ou Darien divide a America em 2 partes quazi iguaes (si a Groelandia é ilha) setentrional; e meridional; n'esta está o Brazil descoberto pelos Portuguezes da maneira seguinte.

Depois que os Portuguezes, como diz o nosso Camões, *por mares nunca d'antes navegados passaram ainda além da Taprobana* (3) ; concluido, digo, o feito eroico e singular da descoberta da India por Vasco da Gama (4); determinou el-rei D. Manoel enviar uma armada a tratar amizade com o rei de Calecut, e estabelecer ali comercio. Esta armada comandada por Pedro Alvares Cabral sahio

---

(1) Temos porem muitas excepções. Os Amanajós do Maranhão são brancos, os Guaicas do alto Orenoco são alvissimos, mas muito pequenos; os Patagões são de grande estatura. Os Indios, da bahia Nootka, são muito altos e têem grandes barbas, etc.

(2) Vejam-se as opiniões, emitidas a este respeito, em Simão de Vasconcelos; Cronica da Companhia de Jezus no Brazil, tomo 1.º

(3) Taprobana é a ilha de Ceilão, Diogo do Couto, Dec... 5. l. 1 cap. 7.

(4) Vasco da Gama sahio do Tejo a 8 de Julho de 1497; xegou a Calecut a 18 de Maio de 1498, e voltando entrou no Tejo a 29 de Julho de 1499.

de Lisboa a 9 de Março de 1500. Pedro Alvares Cabral, passadas as ilhas de Cabo-verde, para evitar as calmarias da costa d'Africa, tanto se engolfou para oéste que a 21 de Abril, ultima oitava da Pascoa, encontraram signaes de *terra*, e no seguinte dia de tarde avistaram uma grande montanha (a serra dos Aimorés), á qual o nauta portuguez deo o nome de Monte-Pascoal, em respeito ao oitavario, e á *terra* o de Vera-Cruz. Fundearam uma e segunda vez na costa, sem axarem bom surgidouro, até que ancoraram na enseada da Corôa-vermelha (1) e por axarem bom este ancouradouro, lhe deram o nome de Porto-seguro.

Aqui trataram com os indigenas Tupiniquins por meio de acenos.

Em um ilhéo, que está dentro d'esta enseada, cantou missa e prégou no domingo da pascoela frei Henrique, guardião dos 6 missionarios franciscanos, que iam na armada. Depois cortando uma arvore, d'ella formaram uma cruz, que colocaram no 1.º de Maio junto da praia com as armas d'el-rei D. Manoel, em testimunho da solene posse, que em seo real nome se tinha tomado da *nova terra* da Vera Cruz (2). No mesmo dia se levantou junto d'esta cruz um altar, em que segunda vez cantou missa e prégou frei Henrique á vista de muitos Tupiniquins.

Depois de enviarem a el-rei a noticia d'esta descoberta por uma das embarcações, sahio a armada d'este porto e continuou a sua derrota para a India. Segundo alguns, deixou Pedro Alvares Cabral dois degradados portuguezes entre os Indios, que não cessavam de os confortar no meio das lagrimas, que os viam derramar. Estes degradados serviram depois de interpretes.

D. Manoel mandou continuar esta descoberta por uma esquadra de 3 caravélas, que sahio de Lisbôa em Maio de 1501.

Depois mandou outra de 6 caravelas; esta costeou o continente, observando a costa com as miudezas, que lhe foi possivel, xegou ao estreito de Magalhães, tendo

---

(1) Oje Bahia Cabralia na provincia de Porto-seguro.

(2) Eu julgo, que este seria o dia em que deram á *terra* o nome de Vera-Cruz.

ancorado em muitas paragens para fazer os exames necessarios; assentou varios padrões com as armas de Portugal, perdeo 4 caravelas e deixou em Porto-seguro uma colonia da gente, que escapou dos naufragios, com dois missionarios franciscanos, e voltaram as duas caravelas para Portugal carregadas de páo-brazil (1). Continuou-se depois a colonização d'este paiz por varios modos.

D. João IV elevou o Brazil a principado, dando ao erdeiro prezuntivo da corôa, seo filho D. Teodozio, o titulo do principe do Brazil.

O titulo de principado durou até o dia 16 de Dezembro de 1815, em que o principe regente D. João fez o Brazil reino.

O reino do Brazil jaz entre o paralélo de 34.° e 54' de latitude austral, e o de 3.° e 57' de latitude boreal. Confina ao norte com o rio de Vicente Pinson (Oiapoc), ao sul com o Rio da Prata, a léste com o mar Atlantico, a oéste com as possessões espanholas nas margens dos rios Javarí e outros. Tem 694 leguas (de 20 em gráo) de comprimento de norte a sul, e 600 na maior largura. A sua população será de 4 milhões de abitantes, não metendo n'este numero as nações inimigas, que abitam o interior. Este paiz tem mais de baixo do que de montanhozo, mas é geralmente dezigual. Tem bons portos e muitas ilhas, quazi todas juntas á costa.

Os rios, que o regam, são inumeraveis; para eu dar ao leitor alguma noção dos mais principaes, bastará referír aqui o que diz o autor da Corografia Brazilica. Eis aqui como elle fala:

« Rios. O *Amazonas* ou *Maranhão*, e o *Paraguai* (*Prata*), entre os quaes se nota uma grandissima desproporção, não têem outros que se lhes comparem (2).

« O rio *Madeira*, o *Tocantins*, o de *São-Francisco*, o *Paraná* de 300 a 400 leguas de curso, desprezadas as tortuozidades. O *Tapajóz*, o *Xingú*, e o *Uruguai* formam uma terceira ordem, e nenhum tem menos de 200 leguas. O *Itapicurú* do Maranhão, o *Paranahiba*, o *Parahiba do Sul*, o de *São-Pedro* ou *Jacuhi* compõem a quarta, tendo para

(1) Da abundancia que se axou d'este páo tomou depois a *terra* o nome de Brazil, que oje conserva.

(2) Tem para cima de mil leguas cada um.

cima de 100 leguas de extensão; o *Mearim*, o *Jaguaribe*, o *Parahiba do Norte*, o *Paraguassú*, o *Rio de Contas*, o *Belmonte*, o *Rio-Dôce* com os centraes, *Tieté*, *Parapapanema*, *Iguassú* ou *Curutiba*, *Pardo* e *Cuiabá* fazem a quinta; o *Capibaribe*, o das *Piranhas*, o *Tajahi*, o de *São-Mateos*, o *Patipe*, o *Itapicurú* da Bahia podem formar a sesta.»

As producções naturaes d'este paiz tantas são e tão admiraveis que não é facil decidir em qual dos 3 reinos se esmerou mais a natureza. (1)

O Milton Portuguez (ou o nosso poeta cégo) não duvidou de xamar ao Brazil o novo Canaan. (2)

Apareceo todo o Brazil povoado de grande numero de nações, quazi todas divididas em órdas ou tribus, das quaes as maiores apenas excedem o numero de 100 familias, ordinariamente errantes a maior parte do anno, procurando caça, mel e frutas. Todas andam nuas; são muito raras as que uzam do sal. Admitem um creador, um espirito máo e feiticeiros. Temos muitos indicios de que tambem admitem a imortalidade d'alma. Não têem religião, estado monarchico, nem republicano; cada nação tem seo cacique ou capitão electivo, que pela maior parte só serve para os dirigir nas ocaziões de guerra.

Não têem letras (falta geral em toda a America em sua descoberta!) nem caracteres que as supram. Cada nação tem o seo idioma; entre elles existia antigamente uma lingua geral, da qual adiante falarei.

Os christianizados vestem-se, são comunicaveis, e

---

(1) Os trez reinos aqui que a opulencia,
E bazes são da humana subsistencia;
Em minas, animaes e vegetantes,
Tão uberrimos são, e tão prestantes,
Que não rezolve a sabia subtileza
Para onde mais pendeu a natureza. (*Assumpção*, canto 6)

(2) Já novos peixes, aves, gados, frutos
De vario gosto, de matiz diverso.
Por toda a costa á vizinhança inculcam
Do novo Canaan, em cujo sólo,
Si o centro lhes profundam são diamante
As pedras, ouro a terra, prata a arêia;
E si lhe olham a vasta superficie
São o cardo a farinha, a silva o assucar,
Jardins os matos, balsamos os lenhos!
(*Braziliada*, canto 12).

menos andejos; mas não perdem a indolencia natural, nem adquirem sentimentos de onra, gloria ou interesse; comumente em tendo uma camiza e calças de algodão grosso,um xapeo e caza de palha, e comida para o dia prezente pouco mais apetecem; poucos aprendem a lêr, alguns aplicam-se ás artes mecanicas. As mulheres,por vaidade natural do sexo, gostam de aceiar-se, mas com pouco se contentam.

Antigamente dividia-se o Brazil em 2 estados (subdivididos em capitanias), cuja raia intermedia ficava perto dos baixos de São-Roque ; d'estes para o norte ficava o estado do Maranhão, e dos mesmos para o sul o estado do Brazil, que era mais antigo. Oje devide-se o Brazil em 22 provincias, cujos nomes, largura, e comprimentos são os seguintes :

Provincias	Comprimento	Largura
Rio-Grande do Sul ⊙ (1)...	Leguas 130..	Leguas 100
Paraná (central).........	190..	Mais de 80
Uruguai (central)........	Indeterm.....	Indeterm.
Santa-Catarina..........	Mais de 60..	20
São-Paulo ⊙............	135..	100
Mato-Grosso (central) ⊙..	315..	230
Goiaz (central) ⊙........	200..	Indeterm.
Minas-Geraes (central) ⊙..	112..	80
Rio de Janeiro ⊙........	60..	50
Espirito-Santo...........	38..	Indeterm.
Porto-Seguro......	65..	Indeterm.
Bahia ⊙................	115..	Mais de 80
Sergipe.................	40..	26
Pernambuco ⊙..........	Mais de 100..	70
Parahiba...............	60..	19
Rio-Grande do Norte......	50..	30
Ceará ⊙...............	90..	90
Piauhi.................	Mais de 140..	18
Maranhão ⊙............	Mais de 160..	(2) 110
Pará ⊙................	250..	120
Solimões (central)........	Leguas 180..	70
Guiana.................	280..	60

(1) Este sinal indica as provincias principaes.

(2) Contadas da confluencia do Tocantins com o Araguaia até a do Parnahiba com o Caṅindé.

Algumas d'estas provincias ainda estão sugeitas ás suas limitrofes. As que jazem na margem esquerda do Rio da Prata, estão oje ocupadas politicamente pelos Portuguezes; e por isso eu as contemplo como parte do reino do Brazil.

Para o leitor ter alguma noticia dos pontos principaes da costa do Brazil, leia a taboa seguinte, pois que os limites d'este tratado me não permitem ser mais estenso.

TABOA

Dos principaes portos, cabos, ilhas e lugares da costa do Brazil pela ordem da mesma costa, com as suas latitudes e longitudes, segundo o meridiano de Coimbra.

Nomes dos lugares, portos, etc.	Latitude — Sul	Longitude — Ocid.
Montevidéo (cidade no Rio da Prata).............	34°,54',8	47°,49',7
Bahia do Maldonado..........................	34°,56',3	46°,26',3
Cabo de Santa-Maria.........................	34°,40',0	45°,41',0
Rio-Grande do Sul...........................	32°, 8',0	42°,24',0
Rio Mampituba...............................	29°,57',0	39°,37',0
Ilha de Santa-Catarina......................	27°,19',0	39°, 4',0
Rio de São-Francisco (Barra do norte)..........	26°, 0',0	39°,15',0
Barra meridional de Paranaguá................	25°,24',0	39°, 6',0
Santos (em São-Paulo).......................	23°,59',0	37°,14',0
Rio de Janeiro..............................	22°,51',2	34°,52',8
Cabo-Frio...................................	22°,51',0	33°,46',0
Espirito-Santo..............................	20°, 3',0	32°,28',0
Porto-Seguro................................	16°,40',0	32°,19',0
Barra de Camamú.............................	14°, 0',0	32°, 5',0
Bahia de Todos-os-Santos....................	13°, 0',0	31°,20',0
Rio-Real....................................	11°,35',0	29°.49',0
Sergipe.....................................	11°,22',0	29°,33',0
Rio de São-Francisco........................	10°,58'.0	29°, 0',0
Alagôas.....................................	9°,55',0	27°,46',0
Tamandaré (rio e porto).....................	8°,54',0	27°,11'.0
Cabo de Santo-Agostinho.....................	8°,27',0	26°,58',0
Recife de Pernambuco........................	8°, 4',0	26°,42',0
Olinda......................................	8°, 1'.0	26°,40',5
Ilha de Itamaracá...........................	7°,41',0	26°,43',0
Cabo-Branco.................................	7°, 3',0	26°,47',0
Parahiba do norte (Ponta de Cabedelo)........	6°,48',0	26°,48',0
Bahia da Traição............................	6°,14',0	26°,54',0
Rio-Grande do Norte (barra)..................	5°,19',0	27°,12',0
Cabo de São-Roque...........................	5°, 6',0	27°,14',0

Nomes dos lugares, portos, etc.	Latitude — Sul	Longitude — Ocid.
Baixos de São-Roque (o mais oriental)	4°,59',0	27°,16',0
Ceará	3°,26',0	31°,21',0
Paranahiba	2°.30',0	34°,19',0
Maranhão (barra)	2°,30',0	36°,35',0
Ilha de São-João	1°,16',0	37°,10',0
Ponta da Tigioca	0°,28',0	39°,55',0
Pará	1°,28',0	40°,15',0
Cabo Maguari (na ilha de Joannes ou de Marajó)(1)	0°,15',0	40°,21',0
Macapá (2)	0°, 0',0	42°,51',0
	Norte	
Cabo do Norte (na Guiana)	1°,51',0	41°,43',0
Rio Vicente Pinson (Oiapoc)	3°,57',0	43°,12',0

CAPITULO I

Descobre-se o rio Maranhão, e este nome se comunica á ilha oje assim xamada, e depois a todo o estado. Os donatarios do Maranhão intentam plantar n'elle uma colonia, mas infelizmente o não efectuam. Os Francezes estabelecem-se na ilha do Maranhão, n'ella fundam os capuxinhos um convento, e se aplicam á redução dos gentios. São levados á França 6 indios.

§ 1. Vicente Ianes Pinson, companheiro de Christovão Colombo no descobrimento d'America, alcançou do rei catolico licença para buscar fortuna no mundo novo; sahio Vicente Pinson de Palos com 4 navios, armados á sua custa, a 15 de Novembro de 1499, e passando para o sul da equinocial, descobrio no principio do anno seguinte o cabo da Consolação, oje de Santo-Agostinho.

(1) A ilha de Marajó está entre a foz do Tocantins e a do Amazonas; tem 37 leguas de comprimentó léste oéste e 27 de largura; um canal, que passa por traz d'ella comunica os 2 rios. Esta ilha, xamada por por alguns ilha Tupinambá (Veja-o se dicionario de Moreri, traduzido em espanhol por Miravel) é antipoda da ilha de Gilolo, uma das Molucas.

(2) Vila na margem esquerda do Amazonas, junto á sua foz.

Retrocedeo a observar (como se supõe) a costa para oéste, e então avistou entre outras as praias do Maranhão; e depois descobrio o rio Amazonas, e lhe deo o nome de Mar-Doce. Continuando as suas observações, descobrio o Cabo do Norte, e o rio ainda oje xamado Vicente Pinson (1)

Deram depois ao *Mar-Dôce* os nomes de rio Orelhana, rio das Amazonas, e rio Maranhão. Este ultimo passou á ilha, oje xamada do Maranhão, pelo naufragio de Aires da Cunha (2) e depois a todo o estado. Outros dizem, que a provincia do Maranhão tomou o nome do rio Mearim, ao qual os primeiros descobridores xamárão Maranhão (3).

§ 2. Para melhor facilitar a povoação do Brazil dividio D. João III a costa d'este rico e estenso paiz em 12 capitanias, e as repartio por homens de merecimento, com o titulo de donatarios de juro e erdade. N'esta repartição coube por sorte a do Maranhão ao historiador João de Barros ; o qual prevendo as dificuldades da empreza da colonização d'esta capitania, se associou com os dois cavalheiros Fernando Alvares d'Andrade e Aires da Cunha, para conseguir melhor o fim dezejado. Como todos trez eram ricos, fizeram os maiores esforços que até aquelle tempo se tinham visto entre os particulares, em que não entrava adjutorio regio, porque armáram á sua custa 10 navios em guerra com 900 homens, e 113 cavalos Concordando-se unanimemente que fosse Aires da Cunha o comandante da armada e o plantador da colonia, partio este de Lisbôa em 1535 com 2 filhos de João de Barros. Navegou esta armada, com feliz viagem ; mas xegando ao Maranhão, se perdeo toda nos baixos do Boqueirão junto á ilha do Medo. Salvou-se alguma gente a nado para terra, onde logo tomou amizade

---

(1) Alguns autores dizem, que Vicente Pinson não passou do Amazonas para o sul, nem descobrio o cabo de Santo-Agostinho.

(2) Bernardo de Barredo (Annaes pag. 5) diz, que os naufragados diceram em Lisboa, por enobrecerem a sua desgraça, que tinham naufragado no rio Maranhão, que deo o nome á dita ilha.

(3) Nada se sabe ao certo da etimologia do nome Maranhão. As opiniões a este respeito nada valem ; pois este nome não é novo. Em 1206 já em Espanha alguem já uzava d'este sobrenome, e talvez algum parente d'este daria o nome ao dito rio. Veja a obra citada: pag. 5.

com os gentios ; porém como não era suficiente para fundar povoação, voltou a Portugal nos navios dos piratas, que navegavam pela costa.

Dos Portuguezes, que escaparam d'este naufragio, ficou entre os gentios um ferreiro xamado Pedro ou Pero, o qual foi muito estimado d'elles; porque da ferragem, que o mar arrojava á praia nos fragmentos dos navios, lhes fazia uteis instrumentos, e depois ia com elles á guera, em que alcançou muitas victorias.

Os caciques ou principaes lhe ofereceram suas filhas para mulheres; d'estas escolheo elle uma e d'ella deixou 2 filhos xamados Pedro ou Pero, porque os indios julgavam, que todos os Portuguezes tinham este nome, ou que era o nome da nação portugueza.

Talvez que a nação do Amanajós decenda d'estes Peros e dos filhos, que as indias tivessem dos outros naufragados acima referidos.

§ 3. Luiz de Mello da Silva, procurando fortuna pela costa do Brazil, foi forçado dos ventos a correr a do Maranhão. Xegando a Lisboa pedio em remuneração de seos serviços esta capitania, já vaga pela dezistencia de João de Barros. D. João III não só lhe fez em 1539 mercê da capitania pedida, mas tambem o auxiliou com 3 navios e 2 caravelas, para com maior facilidade poder executar o projecto de subir pelo Amazonas até o Perú oriental, porem xegando ao Maranhão, naufragou tambem nos baixos já ditos ou perto d'elles. A gente, que escapou d'este naufragio, voltou para Lisboa em uma caravela que ficou salva. Estas duas desgraças dezanimaram todos os que podiam colonizar o Maranhão.

§ 4. As guerras d'Africa e a doloroza passagem da corôa portugueza ao dominio estrangeiro (*) ocuparam os animos dos Portuguezes por largos annos; e deram ocazião aos Francezes de se estabelecerem em terras do Maranhão por meio do Francez Jacques Rifault, o qual, pirateando na costa do Brazil, contrahio tal amizade com o cacique Ovirapive, que este o convidou a procurar

(*) D. Sebastião morreo em Africa na batalha de Alcacer a 4 d'Agosto de 1578. Filipe II de Castela tomou posse de Portugal em 1580.

n'aquellas terras melhor fortuna, que a de pirata, em novos descobrimentos, que elle lhe prometia ajudar pessoalmente.

Persuadido das palavras do indio foi Jacques Rifault á França, voltando ao Brazil a 14 de Maio de 1594 com 3 navios fornecidos de boa equipagem; as dezordens de seos companheiros e um grande temporal o obrigaram a arribar á ilha do Maranhão, já com perda do seo melhor navio.

Foi bem recebido dos gentios, que a abitavam; porem novos projectos o levaram logo á França, deixando entre os indios parte da equipagem ás ordens de Carlos des Vaux, Turenense. Carlos des Vaux pelejava a favor dos gentios com tanto valor e tratava-os com tanta afabilidade, que voluntariamente se sugeitaram a uma colonia franceza, que elle lhes ofereceo, com a promessa de os instruir na religião christan e costumes europêos, e de os defender dos seos inimigos.

§ 5. Feita esta negociação, passou Carlos des Vaux á França (onde já teria morrido Jacques Rifault) e ali encareceo a Henrique IV quanto interessaria á sua corôa a povoação do Maranhão; mas dezejando este monarca noticias mais convincentes, enviou com Carlos des Vaux a Daniel Ravardière para examinar ocularmente a sua asserção, afim de tomar a ultima deliberação na fundação da colonia.

Daniel Ravardière, xegando ao Maranhão, fez exatissimas indagações por espaço de 6 mezes, e axando muito verdadeira a relação de Carlos des Vaux voltou a Pariz a dar conta da sua comissão ao seo rei, ao qual axou já assassinado por Francisco Ravaillac. Tinha Daniel Ravardière concebido grandes esperanças da colonização do Maranhão; e como Maria de Medicis, rainha regente da França, não atendeo ás suas indicações, ajustou com permissão d'ella uma sociedade com Nicoláo Harlay e Francisco de Rasily para com os cabedaes de todos unidos melhor poder estabelecer a colonia. A todos estes passou a rainha patentes de seos tenentes-generaes nas Indias ocidentaes e terras do Brazil.

§ 6. O piedozo Francisco de Rasily, dezejando a redução dos gentios, pedio logo para fundadores da religião de Jezus Christo no Maranhão alguns religiozos capuxinhos de exemplares virtudes, os quaes elle venerava muito, desde sua infancia. Esta petição foi insinuada pela rainha por carta regia de 20 d'Abril de 1611, dirigida a frei Leonardo, provincial da provincia de Pariz.

Convocou este prelado o capitulo provincial, e n'elle foram solenemente nomeados para missionarios de tanto gentilismo frei Ivo d'Evreux, frei Arsenio de Pariz, frei Ambrozio d'Amiens, e para superior de todos frei Claudio d'Abeville. Rezignando-se todos estes na vontade do superior, partiram de Pariz a 28 d'Agosto para Cancale, porto donde devia de partir a expedição; aqui se demoraram alguns mezes assistidos de Francisco Rasily. Este e Daniel Ravardière, comandantes da expedição, eram diferentes em religião; porque Francisco de Rasily era catolico romano e Daniel Ravardière (com outros muitos da expedição) era luterano. Com esta divizão de sentimentos intentava Satanaz escudar ainda o seo tiranico imperio, mas o zelozo Francisco de Rasily os reduzio a tal conformidade que ficaram vencidas as diabolicas tentativas.

§ 7. No anno seguinte o virtuozo bispo de Saint-Maló benzeo em Cancale com magnifica solenidade 4 cruzes (que poz nas mãos dos missionarios), os estandartes da nação conduzidos pela nobreza d'ella, e ultimamente as armas de Francisco de Rasily; e cometeo a benção dos navios aos missionarios. Principiou o bispo a dita função a 25 de Janeiro, afim de persuadir, com a lembrança da conversão de S. Paulo, a dos gentios do Maranhão, por meio de uma erudita oração. Esta esquadra composta de 3 navios e quazi 500 homens de mar e guerra, sahio de Cancale a 19 de Março; e pelas grandes tempestades foi obrigada a arribar aos portos d'Inglaterra. Saindo d'estes a 23 d'Abril, xegou a 24 de Junho á ilha de Fernando (*)

(*) Não sei a razão porque esta armada procurou uma latitude tão austral, antes de se fazer na volta da costa do Maranhão. Oje basta avistar o morro de Jericoácoára, na costa do Ceará. A referida ilha fica 70 legoas a lesnordéste do cabo de São-Roque.

onde axou um Portuguez e 18 Tapuios de ambos os sexos desterrados todos de Pernambuco (diz Claudio de Abeville). Os missionarios, principiando a dar provas de seo zelo na salvação das almas, não só dispozeram logo uma capéla, em que celebravam o santo sacrificio da missa, mas tambem instruidos os barbaros nas primeiras doutrinas da nossa religião, lhes administraram o sacramento do batismo, e a dois (depois d'elle) o do matrimonio. Deram estes insulanos alguma noticia do Maranhão aos comandantes, que os admitiram na sua companhia.

§ 8. D'esta ilha se fizeram á vela a 8 de Julho, e a 12 surgiram no cabo das Tartarugas, onde se divertiram 12 dias na caça e pesca. Saindo daqui, xegaram a 26 á ilha de Upaonmeri, á qual deram o nome de Santa-Anna (que oje conserva) em memoria de terem xegado a ella no seo dia.

N'este surgidouro encontraram 2 navios de piratas de Diepe, dos quaes souberam, que a ilha do Maranhão estava em paz, e que podiam entrar sem opozição; querendo porem os comandantes segurar-se, mandaram logo por embaixador aos indios o seo antigo óspede Carlos des Vaux. Existia então na ilha do Maranhão 23 aldeias de Tupinambás, unicos abitantes d'ella. Foi o embaixador bem recebido na primeira, a que xegou, e voltando logo a dar parte da sua missão, informou os comandantes dos alvoroços, com que os esperavam os indios. N'este tempo tinham já os missionarios preparada uma cruz, a qual foi no dia 29 conduzida com muita solenidade aos ombros de Francisco de Rasily até a distancia de 1.000 passos, onde corria uma grande planicie, em que a colocaram depois de abenzerem.

§ 9. Francisco de Rasily, emquanto a esquadra se preparava para entrar no Maranhão, se embarcou com Carlos des Veaux e grande parte da equipagem nas lanxas e escaleres dos navios, afim de se informar melhor da vontade dos gentios, e dezembarcando na ilha do Maranhão, axou n'elles todas as demonstrações da prometida fidelidade. Então lhes fez saber por meio de Carlos des Vaux, que os padres, que elle trazia para os

instruir na verdadeira religião, não viriam á ilha sem a total certeza de que seriam recebidos com a veneração devida ao seo caracter ; e bem assegurada esta dos mesmos indios, avizou á ilha de Santa-Anna para que os missionarios se axassem a 6 de Agosto em Javareé (sitio oje desconhecido, em quanto ao nome, e que provavelmente ficaria entre a ponta d'Aréia e a de São-Francisco).

No dia assinalado entraram os missionarios em Javareé, assistidos do cavalheiro Mr. Pizieu e do pirata francez Manoir, que tinha n'aquelle sitio uma feitoria dos seos roubos, e se axava n'ella com a equipagem de 3 navios. No meio da maior alegria entoou logo Claudio de Abeville o sagrado imno d'ação de graças, que continou com uma devota procissão, assistida já de grande numero de gentios. Depois d'isto foram os missionarios com Francisco de Rasily e Mr. Pizieu á morada de Manoir, que na mesma noite lhes deo um festim com meza lauta. Porém Francisco de Rasily, acabada a ceia, passou com seos companheiros por mar ao sitio ja destinado para cabeça da colonia, e n'elle passaram o resto da noite e algumas das seguintes debaixo de frondozas arvores junto do mar em acomodações, que os indios lhes arranjaram.

§ 10. Os missionarios axaram um aprazivel sitio para o seo ospicio ; porèm emquanto este se não edificava, e capéla para dizerem missa, levantaram altar portatil em uma barraca de campanha, e celebraram as primeiras missas a 12 de Agosto com muito concurso e reverentes admirações dos gentios. Daniel Ravardière e Francisco de Rasily dezenharam uma fortaleza na ponta de um roxêdo sobranceiro ao mar (*); a qual com a ajuda dos indios em pouco tempo se poz capaz de defensa; e por isso logo n'ella montaram 20 peças de artilharia. Junto d'esta se fabricou logo um grande armazem, onde se recolheram as drogas, que os Francezes traziam para comercio.

No sitio escolhido pelos missionarios levantaram os

(*) No sitio onde oje está o convento de Santo Antonio, pouco mais ou menos.

indios em pouco tempo o ospicio, que teve o nome de convento de São Francisco (*).

§ 11. Dispoz Francisco de Rasily, que em memoria da victoria, que tinha conseguido a lei de Jezus Christo, se arvorasse uma cruz ; o que se executou com as mesmas cerimonias praticadas na ilha de Santa-Anna.

N'este mesmo dia 8 de Setembro declarou a fortaleza a invocação de São Luiz em memoria do seo rei Luiz XIII, e a bahia a de Santa Maria em obzequio á natividade de Nossa Senhora, e em memoria da sua rainha Maria de Medicis. Os Francezes sahiram ás aldeias para melhor atrahirem os indios á sua sugeição e persuadir-lhes o aborrecimento aos Portuguezes; e Francisco de Rasily para o fazer melhor sahio a vizitar a ilha, acompanhado de alguns criados e indios, de seo irmão, do interprete Carlos des Vaux e dos missionarios frei Claudio de Abeville, e frei Arsenio de Pariz ; foi bem recebido dos gentios. Na aldeia Janovarem batizaram os missionarios, a 30 do dito mez, uma menina com o nome de Maria. Daqui passou Francisco deRasily a Juniparáo, capital de toda a ilha, onde se deteve até 3 deOutubro. Os missionarios iam continuando em doutrinar os indios por meio dos interpretes Carlos des Vaux e Sebastião, indio catolico, versado na lingoa franceza: os indios o escutavam com muita atenção.

Francisco de Rasily, deixando em Juniparáo a Sebastião para explicar aos gentios os misterios da fé, seguio a vizita pelas mais aldeias, e xegou a do Timbó, onde se batizaram duas crianças. D'esta voltou logo para Juniparáo, onde os missionarios axaram já acabada a capéla, em que tinham deixado trabalhando muitos indios; n'ella batizaram com maior aparato 2 filhos e 2 filhas de Japiguassú, cacique da aldeia; Francisco de Rasily e seo irmão foram padrinhos, e lhes deram os nomes de Luiz, Carlos, Anna e Maria. Batizaram-se mais 6 pessoas, Sebastião cazou com Maria, e finalmente celebrou-se o santo sacrificio da missa na mesma capéla. A complacencia, que os missionarios tiveram d'esta solenidade, se

*) No sitio onde estão o palacio e baluarte.

converteo logo em tristeza com a noticia da morte do virtuozo frei Ambrozio de Amiens.

§ 12. Com esta novidade apressou Francisco de Rasily a sua vizita; e no dia 11 de Outubro, deixando frei Arsenio de Pariz em Juniparáo, passou com frei Claudio de Abeville ás outras aldeias, onde foi bem recebido; porém na de Igapó o fez suspender a viagem o seguinte acontecimento. Dice Carlos des Vaux aos gentios, que os Francezes, sem o interesse de sugeital-os, generozamente lhes ofereciam a sua proteção para os defender da tirania luzitana (1) e lhes traziam o conhecimento da verdadeira religião, que só podia resgatal-os do cativeiro do paganismo; porém das mesmas memorias do máo procedimento dos Portuguezes, com que Carlos des Vaux pretendia exaltar o da sua nação, tirou um indio velho tão forte argumento, que ficou emudecida toda a eloquencia d'este Francez; porque o gentio, recitando os antigos sucessos da sua longa idade, lhe mostrou com clareza, que todos os principios d'aquella prezente expedição eram similhantes aos das passadas expedições dos Portuguezes, que Carlos des Vaux xamava crueis; e que prudentemente a deviam temer os Tupinambás como ultima ruina da sua liberdade. Este discurso cauzou grande impressão nos indios. Instou comtudo Carlos des Vaux, porém Francisco de Rasily com prudencia suspendeo as disputas, temendo que, sustentando-as o velho, cauzasse por sua autoridade maior comoção nos gentios; e dissimulando o seo sentimento, se recolheo á fortaleza, onde comunicou o cazo ao Francez David Migon, interprete da lingua tupinambá, e muito estimado dos gentios. David Migon passou logo a Igapó, e teve a felicidade de convencer o velho, e por consequencia todos os que seguiam a sua opinião. Com este sucesso ficou toda a ilha na obediencia dos Francezes.

§ 13. Existiam então em Tupuitapéra 10 aldeias, e em Cumá 11 (2): a todas estas mandaram os comandantes

---

(1) Já é antiga a proteção franceza... Apage!

(2) Cumá julgo ser o terreno, que oje forma o distrito de Guimarães.

embaixada; e todas sem repugnancia se lhes sugeitaram, com muito interesse da sociedade catolica. Vendo-se Daniel Ravardière e Francisco de Rasily no dominio pacifico do Maranhão, para melhor dissimular a violencia do seo procedimento, persuadiram aos indios, que, para melhor se assegurarem na proteção da França, deviam procurar, que o estandarte da nação fosse arvorado por elles no lugar já reconhecido como cabeça da colonia.

Alguns dos caciques ou principaes de mais autoridade tanto se deixaram penetrar d'esta sugestão que assim o pediram; e os comandantes assinalaram o 1°. dia de Novembro para esta cerimonia; o que logo se publicou por todas as aldeias.

Tanto que os comandantes no dia assinalado postaram a infantaria, assistida de muitos indios, entregaram o estandarte real a 6 principaes caciques, e sustentando ambos as pontas d'elles, marxaram em triunfo até junto de uma cruz.

Aqui fizeram alto. Daniel Ravardière com um breve discurso lembrou aos Francezes a obrigação em que se constituiam por aquelle acto, e Francisco de Rasily persuadio constancia aos indios; e depois arvoraram os 6 caciques as armas da França em testimunho da posse, que davam aos Francezes, de tão alto dominio.

§ 14. No mesmo dia assinaram e publicaram os comandantes as ordenações, que deviam reger a nova colonia. Passados poucos dias assentaram os dois generaes, que, recolhendo-se um a França, onde receberia a porção que lhe tocasse nos interesses da calonia, ficasse o outro no Maranhão. Francisco de Rasily foi o encarregadô da colonia, com a condição de fazer primeiro uma viagem a Paris para melhor concluir o perfeito estabelecimento da colonia. D'isto se fez um tratado judicial, que Daniel Ravardière, com outros cabos principaes assinou no ultimo dia de Novembro, com a obrigação de que na auzencia de Francisco de Rasily conservaria tudo no estado, em que se axava, e ajudaria os progressos da religião catolica romana.

§ 15. No dia seguinte sahiram da barra Francisco de Rasily e Claudio de Abeville com 6 gentios a titulo de

embaixadores ao rei da França. O navio, que os conduzia, arribou á Inglaterra, e depois de outros trabalhos xegou a Havre de Graça a 16 de Maio de 1613. Aqui foram recebidos com grandes solenidades, cantando-se o *Te-Deum* em ação de graças. Xegando depois a Pariz a 12 d'Abril, frei Arcangelo de Pembroch, c missario dos capuxinhos d'aquella provincia, sahio logo fóra da cidade, com mais de 100 religiozos, a receber os indios, que, conduzidos em procissão ao convento, fizeram concorrer tanto povo a vel-os, que com dificuldade entrou a procissão na igreja, e foram necessarias guardas para o cohibir.

Foram os indios levados á prezença do rei e rainha, que com grande contentamento os asseguraram da proteção da França. Passados dias morreram 3 (talvez estranhando os ares) que na óra da morte foram batizados com os nomes de Francisco, Jacques e Antonio; os outros trez foram batizado pelo mesmo prelado de Pariz com grande solenidade na prezença do rei e rainha, que foram padrinhos, e lhes pozeram os seos nomes, xamando ao primeiro Luiz Maria, ao segundo Luiz Henrique, e ao terceiro Luiz de São João, em obzequio ao precursor de Christo, em cujo dia se fez o batismo.

CAPITULO II

Carta de Filipe II ao governador do Brazil, tendente á conquista do Maranhão. Prepara-se uma expedição, e com ella sae Jeronimo de Albuquerque para o Maranhão, xega ao Buraco das Tartarugas, e retira-se. Sucessos do forte do Rozario. Sae segunda vez Jeronimo d'Albuquerque com uma expedição maior, e xega a Guaxendúba.

§ 1. No mesmo anno recebeo o governador do Brazil uma carta de Filipe II para tratar da conquista do Maranhão, cuja carta é como se segue: « Eu el-rei faço saber a vós Gaspar de Souza, do meo conselho, meo gentilhomem de boca, governador e capitão general do estado do Brazil, que para melhor se poder conseguir a conquista e descobrimento das terras e rio Maranhão, que vos tenho cometido, conforme as minhas instruções, a qual é

de tanta importancia ao meo serviço, como se deixa ver; e se animarem todos a ir servir n'ella com mais vontade, sabendo que mandarei ter conta com o serviço, que me fizerem: Hei por bem e me praz, que signifiqueis por esta da minha parte, que me haverei por bem servido de todas as pessoas que forem n'esta jornada, para lhes fazer as mercês e onras, que conforme seos serviços e qualidades merecerem, e vos mando e a todos os meos ministros, a quem pertencer, que assim o cumpraes e façaes cumprir. Lisboa 8 de Outubro de 1612. *Rei.* Esta carta tinha um adicionamento com algumas explicações.

§ 2. Por outra carta foi Gaspar de Souza mandado rezidir em Pernambuco para dali dar mais calor á expedição, a qual se lhe mandava entregar a Jeronimo d'Albuquerque, morador em Olinda. Gaspar de Souza com toda a diligencia armou em guerra 4 embarcações, com 100 homens de guarnição. Com esta armada sahio Jeronimo d'Albuquerque do Recife de Pernambuco no 1.° de Junho, e xegando ao Ceará, fez que o acompanhasse o comandante d'aquelle prezidio Martim Soares Moreno. Levantou no Buraco das Tartarugas (Jericoacoara) uma pequena fortificação de páo a pique, e lhe deo a invocação de Nossa Senhora do Rozario. Daqui destacou logo a Martim Soares em uma embarcação, guarnecida dos melhores soldados, para reconhecer a ilha do Maranhão, como o mais pratico do paiz por sua muita assistencia no Ceará. Jeronimo d'Albuquerque ficou esperando as informações, mas vendo que tardavam muito, e que sem elles nada podia obrar com tão poucas forças, guarneceo o forte do Rozario com 40 soldados ao comando de seo sobrinho, e se retirou por terra com algumas pessoas a Pernambuco, enviando por mar o resto da gente. Todos tiveram feliz viagem ; porém Gaspar de Souza dezaprovou esta retirada, ainda que depois conheceo a necessidade d'ella.

§ 3. A grande armada, que n'este tempo se preparava na Olanda, fazia temer a sua invazão no Brazil. Axando-se então na corte de Espanha Diogo de Campos Moreno, sargento mor do estado do Brazil, requerendo a remuneração dos seos serviços, foi mandado continual-os na conquista do Maranhão. Porém xegando a Lisboa, onde se

lhe prometia o socorro de 400 homens, depois de muitos mezes de espera, se vio obrigado a embarcar-se com alguns soldados, e poucas munições de guerra. Xegando a Pernambuco a 26 de Maio de 1614, axou já muito adiantadas as providencias para a nova expedição. Por este tempo eram já passados 3 mezes, que a guarnição do forte do Rozario se sustentava de ervas do campo; porém sendo atacada por 300 gentios d'aquelle distrito, apezar da falta de forças naturaes, pelejou com tal constancia, que os indios se viram obrigados a pedir a amizade dos Portuguezes, que facilmente alcançaram. Gaspar de Souza, sendo d'isto informado, fez sair para socorro do forte um caravelão com 300 homens á ordem do capitão Manoel de Souza d'Eça, Açorista, e provedor dos defuntos e auzentes em Pernambuco, donde partio a 28 de Maio e xegou ao forte a 9 de Junho.

§ 4. Logo no dia seguinte arribou ali uma náo franceza comandada por Mr. Pratz, que trazia a bordo 300 homens para a colonia do Maranhão, com 12 missionarios capuxinhos, dos quaes era comissario frei Arcanjo de Pembroch, acima referido, religiozo illustre em sangue e virtudes. Mr. Pratz estava informado de que a guarnição do forte não passava de 25 homens, e por isso fazendo dezembarcar 200 homens para a sua invazão, principiou logo a dar os vivas da victoria; porém Manoel de Souza de Eça, observando bem os movimentos do inimigo, sahio logo com 18 companheiros e emboscando-se na fragozidade do terreno, a que se encaminhava a marxa dos Francezes, os atacou em um passo estreito com tanto valor, que os que lhe não serviram de nobre despojo, se retiraram precipitadamente á náo. O capitão Domingos d'Araujo sinalou-se muito n'esta ação.

§ 5. Martim Soares, cumprida a sua comissão de Jeronimo d'Albuquerque, intentou voltar ao forte do Rozario; mas a força dos ventos o levou á America espanhola, donde passou a Sevilha. Deo logo conta ao ministerio de Madrid do que tinha axado, com a noticia certa de que a ilha do Maranhão estava povoada de Francezes. As mesmas noticias enviou o governador Gaspar de Souza pelo piloto Sebastião Martins e

alguns soldados seos companheiros de viagem á referida ilha. Xegou este avizo a Gaspar de Souza a 24 de Julho, com ordem da côrte de Madrid para se empenhar todo na conquista do Maranhão, e encarregal-a novamente a Jeronimo de Albuquerque. Todos faziam formidavel o poder dos Francezes; e esses discursos eram aprovados por Diogo de Campos, pelo dissabor de se ver obrigado a obedecer na conquista a Jeronimo de Albuquerque.

§ 6. Gaspar de Souza, atendendo as dezordens, que daqui poderiam nacer, mandou passar a Diogo de Campos provizão de adjunto do mesmo comandante, ficando este sempre superior na decizão dos votos e expedição das ordens; pois só em nome de Jeronimo de Albuquerque se deviam expedir e executar.

Esta onra socegou a Diogo de Campos, e o fez trabalhar com tanta atividade nos aprestos da armada, que dentro de poucos dias estavam prontas as embarcações para se fazerem á vela. Porém como faltava ainda um grande fornecimento de farinhas, e ao mesmo tempo xegaram apertadas ordens de Madrid para a remessa dos dizimos (*), donde so se poderia tirar o dito fornecimento, não pôde Gaspar de Souza aprontar ainda a expedição; o que muito o afligia, pois dezejava mais a felicidade de Portugal, que os ministros de Madrid, que por uma parte recomendavam a conquista do Maranhão, e por outra tiravam o que era necessario para ella.

Com tudo, continuando Gaspar de Souza a sua diligencia, fez sair 2 embarcações com gente e munições; e mandou, que se encaminhassem a Jeronimo de Albuquerque, que se axava no Rio-Grande do Norte, juntando reforços de moradores e indios guerreiros, que voluntariamente o procuravam.

Gaspar de Souza limitou as suas instruções ao Periá, onde ordenava a Jeronimo de Albuquerque se fortificasse,

---

(*) Os dizimos do Brazil pertencem ao rei, como grão-mestre das ordens; os bispos e os vigarios têem congrua.

não passando a maiores progressos sem nova ordem sua, ou da côrte, á qual informaria cuidadozamente com as noticias certas da capacidade do paiz.

§ 7. Os religiozos capuxos de Santo Antonio, rezidentes em Pernambuco, ofereceram para acompanhar a expedição os dois virtuozos missionarios frei Cosme de São Damião, ex-guardião do convento da Parahiba, e frei Manoel da Piedade, Brazileiro e grande teologo. Entre os muitos particulares, que se ofereceram, foi um o engenheiro-mór do estado do Brazil Francisco de Frias Mesquita e outro Gregorio Fragozo d'Albuquerque, que aceitou o posto de capitão só com soldo de soldado razo, util exemplo, que todos os outros seguiram.

Foram nomeados capitães das 4 companhias, que se formaram, Gregorio Fragozo, sobrinho do commandante Antonio de Albuquerque, filho do mesmo Manoel de Souza d'Eça, já referido, e Martim Calado de Bitancourt.

Os aventureiros deviam ser governados pelo cabo, que se lhes nomeasse.

§ 8. Compunha-se a expedição de 2 navios, 1 caravela e 4 caravelões.

Com esta sahio Diogo de Campos de Pernambuco a 23 de Agosto, para se unir a Jeronimo d'Albuquerque no Rio-Grande do Norte, onde xegou a 26, e lhe aprezentou logo a provizão do seo adjunto, á qual Jeronimo d'Albuquerque assentio sem repugnancia.

A guarnição da armada, vinda de Pernambuco e junta com a de Jeronimo de Albuquerque, que compunha ao todo o numero de quazi 300 pessoas, além de 234 indios frexeiros com 12 principaes, aos quaes se deviam de juntar ainda o grande principal Camarão (*), que marxava por terra com perto de 40; as mulheres e meninos de todos estes indios (que sempre costumam acompanhar suas marxas) excediam ao numero de 300 pessoas.

Sahio a armada d'aquelle rio a 5 de Setembro, e navegando a 4 leguas distante de terra, dobrou o cabo de

---

(*) E' aquelle cacique, que depois com grande valor ajudou a expulsar os Olandezes de Pernambuco, unindo-se aos famigerados João Fernandes Vieira *(branco)* e Henrique Dias *(preto)*.

São-Roque, sempre com bom fundo; viagem que ficou servindo de melhor roteiro.

§ 9. No dia 7 dezembarcou o general Jeronimo de Albuquerque em Iguape, maltratado do mar, com todos os indios que se axavão da mesma sorte, e marxou com elles por terra para o Ceará, onde se incorporou com Diogo de Campos, que xegou por mar. Aqui se lhes unio Manoel de Brito Freire, comandante do forte. O Camarão, que veio por terra desde o Rio-Grande do Norte, xegou muito cansado, e por isso alcançou licença de ficar com seo irmão o principal Jacaúna, amicissimo de Martim Soares. E porque este sitio era doentio, os ratos (pedras pontudas do fundo do mar) roiam as amarras, e os soldados perdiam a disciplina militar com a comunicação das aldêias vizinhas; sahio d'aqui Diogo de Campos no dia 17, e foi dezembarcar em Parámirim, onde xegou o general, vindo, por terra com os indios.

Então embarcaram todos, e xegáram ao forte do Rozario a 29 de Setembro.

§ 10. Aqui fez Jeronimo d'Albuquerque aliança com os gentios das vizinhanças, para não deixar inimigos na retaguarda; avizou da sua xegada ao poderozo cacique Juruparíguassú (demonio grande), convidando-o para conferencias sobre os interesses de ambos os partidos nas consequencias d'aquella jornada, lembrando-lhe ao mesmo tempo os socorros, que liberalmente tinha oferecido para ella; porem o dito cacique respondeo por meio de dois mensageiros, que não podia vir, nem dar socorros, com o falso pretesto de estar o seo povo atacado de peste. O general, informado de que as ações d'aquelle barbaro correspondiam ao seo nome, politica e dissimuladamente se deo por satisfeito da resposta.

Feita a consulta sobre as operações da armada, se rezolveo, que se ocupasse a Tutoia, primeiro ponto sinalado por Gaspar de Souza; mas como os pilotos responderam, que não sabiam a entrada d'esta barra, e só Sebastião Martins assegurava a do Periá, para este porto se fizeram á vela a 12 de Outubro, demolido primeiramente o forte do Rozario. Com muito trabalho xegarão á ilha do Periá, a qual não axaram capaz de n'ella se

demorarem muito tempo. Aqui armou Jeronimo d'Albuquerque um batel e n'elle fez partir Belxior Rangel (natural do Rio de Janeiro, e interprete da lingua tupinambá) com ordem de reconhecer a ilha do Maranhão, tomar lingua, e examinar bem a sua barra.

§ 11. Passados 3 dias, voltou Belxior Rangel, e deo conta ao general de que, esquadrinhando todos os canaes até junto da ilha do Maranhão, não encontrára Francez algum nem embarcação sua; e que, defronte da mesma ilha, descobrira um sitio denominado Guaxenduba (1), muito proprio para o alojamento da tropa, tanto pelo aprazivel rio, que o regava, como pela aptidão de seo terreno para a lavoura.

Mandou então o general meter tudo a bordo, e no dia 21 se fez á vela para Guaxenduba, onde xegou a 26 de Outubro, com trabalhoza viagem. A armada entrou na bahia de Guaxenduba (oje de São-Jozé) tão embandeirada que, atemorizados de tal novidade os moradores da ilha do Maranhão, a comunicaram á fortaleza de São-Luiz por ligeiras postas de varias fumaças bem correspondidas por toda a costa. Apezar d'isto dezembarcaram as tropas em Guaxenduba, sem a menor disputa dos Francezes.

CAPITULO III

Os Portuguezes fortificam-se em Guaxenduba, e os Francezes os sitiam. Batalha de Guaxenduba, em que ficam victoriozos os Portuguezes; fazem-se tratados. Alexandre de Moura sae de Pernambuco com uma armada, xega ao Maranhão e rompe os tratados; os Francezes entregam-lhe as fortalezas e evacuam o Maranhão.

§ 1 O general mandou levantar um forte em Guaxenduba, com a invocação de Santa Maria; (2) e logo foi procurado por um poderozo principal tupinambá do Maranhão, queixozo dos Francezes, o qual o informou bem

(1) Na margem oriental da bahia de São-Jozé.
(2) Supõe-se, que foi na ponte ainda oje xamada de Santa Maria.

de todos os da ilha. Este cacique voltou de noite para a sua aldêia, bem instruido do general, que para reforçar as negociações lhe entregou 5 indios da armada dos mais fieis e industriozos, a troco de 2 filhos de um principal da mesma ilha, que deixou em refens.

N'este tempo sahiram sem cautela fóra do campo algumas indias e rapazes; e dezembarcando ali os Tapuios da ilha, despedaçaram 4 indias e um indio, que acudio a defendel-as. Já se retiravam com os prizioneiros, quando, acudindo muitos soldados, se adiantou a todos o principal Mandiocapúa, impaciente de que sua mulher e seo filho se comprehendessem na preza; e com tal valor investio com os inimigos que, mortos alguns, aprizionou todos os outros antes que xegassem os soldados. Concedeo a vida a um principal, que a tinha concedido a sua mulher e a seo filho. Este cacique, em agradecimento de ser bem tratado, dice, que os Francezes tinham tomado todas as medidas para a destruição dos Portuguezes; que todos os passos de mar e terra, que podiam facilitar a sua retirada, estavam já bem guarnecidos; que os indios, que tinham procurado aquelle alojamento com praticas de amizade, com os 5 que levaram, já tinham confessado tudo em tormentos, e se axavam carregados de ferros na fortaleza de São-Luiz; e que finalmente, para prova do que dizia, appareceriam na manhan seguinte 2 lanxas de guerra para reconhecer o campo portuguez, que determinavam atacar dentro de pouco tempo.

§ 2. O general fez logo avizo a Pernambuco do perigozo estado, em que se axava. No dia seguinte, 2 de Novembro, appareceram as ditas lanxas dos Francezes, e logo o forte de São-Jozé, que elles tinham em Itapari (sitio fronteiro a Guaxenduba), desparou 2 peças de artilharia, a que os Portuguezes responderam com igual numero, arvorando ao mesmo tempo todas as bandeiras da nação.

Na maré da tarde xegou para Guaxenduba, com demonstrações de querer reconhecer o campo, uma lanxa com 25 soldados á ordem de Mr. Pratz; o general mandou logo a Belxior Rangel, que a atacasse com um caravelão com 20 soldados; porém ella se retirou e elle se recolheo.

Como os Francezes por nenhum modo poderam saber das nossas forças, cavilozamente levantaram uma bandeira branca sobre um banco de areia, para vêr si prizionavam alguem, que os informasse d'ellas. Tanto que apareceo a bandeira, mandou logo o general Jeronimo de Albuquerque o caravelão já dito com a mesma guarnição, para receber a paz, e para saltarem em terra dispoz, que fosse uma grande jangada; porém xegando perto de terra, conheceram ser cilada dos inimigos, e sendo d'estes atacados de mosquetaria, valeo-lhes o socorro do caravelão. No dia 10 saltaram em Mamúna os indios de uma canoa inimiga; porém foram logo assaltados de uma emboscada e trazidos a Jeronimo de Albuquerque, á excepção de 2 que fugiram a nado. Um d'estes prizioneiros confessou, que iam reconhecer o alojamento portuguez por ordem dos Francezes, os quaes determinavam tomar os navios na madrugada seguinte, e depois atacar o forte por mar e por terra. Jeronimo de Albuquerque mandou logo abicar á terra todas as embarcações. Daniel Revardière, então general da colonia, armou logo grande numero de embarcações, assim razas como de quilha, que ja se axavam pouco junto do forte de São-Jozé, e lhes nomeou para comandante a Mr. Pizieu, seo tenente general, assistido de Mr. Pratz e de Francisco de Rasily, que já se axava na colonia. Mr. Pizieu no dia 11, depois de alguns movimentos de ambas as partes, aprezou 3 das nossas embarcações e se recolheo á fortaleza de São-Luiz.

§ 3. Continuaram depois as ostilidades com muito calor, sempre com vantagem para os Portuguezes.

A falta de viveres fez que 71 dos nossos soldados se conjurassem para queimarem a polvora e fugirem para os matos; porém Diogo de Campos, com o seo grande espirito, os socegou. Quando os nossos só tratavam dos meios de receber ocultamente os socorros, que esperavam de Pernambuco, apareceo no dia 19 na enseada uma armada composta de 7 navios e 46 canôas, com 400 soldados e 4.000 indios frexeiros, comandados por Daniel Ravardière, o qual logo fez dezembarcar em Guaxenduba Mr. Pizieu com 200 soldados e 2.000 indios, o qual dividio esta tropa em 2 corpos iguaes, e entregou o da vanguarda a

Mr. Pratz. Postos estes em terra, logo se entrinxeiraram na praia e na montanha. Jeronimo d'Albuquerque, vendo-se sitiado por mar e por terra e impossibilitado de esperar socorros, pois até a agua lhe tinham tomado, se preparou para um ataque geral com beneplacito de todos os seos oficiaes. Posto então fóra do forte, encomendou a defensa d'elle a Manoel de Brito Freire com a debil guarnição de 30 soldados infermos; separou um pequeno corpo de rezerva com a maior parte dos indios, comandados pelo capitão Manoel de Madureira e o entregou a Gregorio Fragozo. Do resto das tropas formou 2 batalhões, cada um de 70 soldados e 40 indios; encarregou um d'estes a Diogo de Campos, e elle ficou comandante do outro, e finalmente deo aos soldados uma publica satisfação do seo procedimento e os excitou á peleja.

§ 4. Depois d'isto mandou a Diogo de Campos, que atacasse os Francezes da praia, emquanto elle buscava os da montanha.

Moveram-se ambos ao mesmo tempo, levando Jeronimo d'Albuquerque na sua vanguarda, como avançado d'ella Manoel de Souza d'Eça, que comandava os aventureiros. Diogo de Campos, aproveitando-se das vantagens do terreno, marxou sobre o inimigo coberto dos matos; e depois de animar os soldados com um breve discurso, ordenou a Gregorio Fragozo, que, postado na retaguarda de todos os indios, atacasse os inimigos pelo flanco da praia, ao mesmo tempo que elle os atacasse pela frente, para assim os confundir da diversão.

N'este tempo receberam uma carta de Daniel Ravardière, na qual os avizava, que se rendessem, pois já não tinham outro remedio; mas como os nossos conheceram, que era maxima d'aquelle general para adiantar na suspensão das armas as suas fortificações, continuaram a sua marxa sem fazerem cazo da carta. Diogo de Campos, recebido de Jeronimo d'Albuquerque o sinal do combate, atacou a Mr. Pizieu com tanto valor que, forçada já a primeira trinxeira, desmaiavam os animos dos Francezes na valentia dos golpes portuguezes, quando foi socorrido do segundo corpo da montanha, entendendo este que elle

contendia com todo o poder das nossas armas, e que, metido entre dois fogos, o deixariam vencido. Entrou então Manoel de Madureira pelo flanco da praia com a principal tropa dos indios aliados, sostido da rezerva. Jeronimo d'Albuquerque, que tinha feito um largo giro coberto de densos arvoredos, vendo o furor da batalha, se introduzio com a sua gente no maior perigo.

Travou-se a peleja com grande furor, e foram mortos muitos inimigos; mas a sorte da batalha esteve por muito tempo indeciza, até que, morto Mr. Pizieu, a victoria se declarou a favor dos Portuguezes.

§ 5. Daniel Ravardière, observando do mar o destroço da sua gente, quiz acudir-lhe com a diversão de um pequeno dezembarque pela parte do nosso forte; mas axou a maré vazia, e Manoel de Brito Freire, com a pouca artilharia que tinha, lhes fez um vivo fogo. As reliquias dos vencidos se retiraram das defensas das montanhas, sustentadas por dois cabos francezes com poucos soldados e muitos indios. Porém Jeronimo d'Albuquerque, que receiozo de que, unidas estas forças com as que Daniel Ravardière conservava a bordo, xegassem a pôr em contingencia a gloria d'este dia, unindo-se a Diogo de Campos, os atacou nas mesmas trinxeiras com destemido valor.

A noite suspendeo a batalha, e cobertos de suas sombras fugiram os inimigos. N'esta batalha ficou ferido Antonio d'Albuquerque; Luiz de Guevara e Antonio Grizante morreram, trabalhando com valor. Os que mais se distinguiram foram os dois comandantes e o engenheiro-mór Francisco de Frias, o capitão-mór de mar Salvador de Mello d'Albuquerque, o sargento-mór Baltazar Alvares Pestana, os capitães Gregorio Fragozo, João Nunes Tinoco e Manoel de Souza d'Eça, os alferes Pedro Teixeira, Matias d'Albuquerque, filho do general, os sargentos Mateos Rodovalho e Pedro do Couto Cardozo, Francisco de Medina e João de Salinas, natural d'Espanha.

Da nossa parte ficaram 10 mortos e 18 feridos. Dos Francezes apareceram sobre o campo 115, em que entravam 30 nobres, e 9 prizioneiros. Dos indios inimigos morreram mais de 1.400. Muitos dos Francezes e indios

seos morreram afogados na sua retirada. O despojo foi grande.

Daniel Ravardière, depois de receber na armada os fugidos, com elles persistio na mesma enseada muito consternado.

§ 6. No dia seguinte, 20 de Novembro, lhe xegou de Cumá o socorro de 600 Tupinambás em 16 canoas, os quaes intentaram dezembarcar nas terras do rioMonim; porém os nossos se lhes opozeram ao dezembarque; e sabendo elles da victoria antecedente, se fizeram na volta do mar, sem que Daniel Ravardière podesse impedil-os por mais que o intentou. Depois d'isto ameaçou Daniel Ravardière os nossos por meio de varias cartas; porém sendo-lhe respondido com entuziasmo, tudo veio a bem, e se suspenderam as armas para se entrar em negociação; e emquanto ella se tratou mantiveram-se grandes familiaridades entre os dois exercitos. Ultimados os negocios, se fez no dia 27 de Novembro um tratado de tregoas por um anno com grandes vantagens para os Portuguezes. Daniel Ravardière se fez á vela no dia 9 para a bahia da fortaleza de São-Luiz.

§ 7. No mesmo dia fizeram os Portuguezes uma solene procissão em ação de graças; e para mais publica demonstração do seo agradecimento por tantos beneficios, recebidos pelas poderosissimas assistencias da sua divina protectora, lhe levantaram uma igreja com o titulo de Senhora d'Ajuda, adornou-se o altar com um rico frontal bordado de diferentes matizes, o qual foi generoza oferta (com uma cazula da mesma qualidade) de frei Arcangelo de Pembroch, que asseverou tinha sido obra da devoção e arte da Duqueza de Guiza.

[illegible] Para melhor comodidade das tropas situou Jeronimo d'Albuquerque os indios em alguma distancia do alojamento; e vendo-se elles dezembaraçados, forneceram viveres com abundancia. Passados 2 dias mandou Daniel Ravardière a Jeronimo d'Albuquerque um capitão com o seo cirurgião-mor e remedios para curar os feridos.

A 14 de Dezembro remeteo Jeronimo de Albuquerque a Daniel Ravardiere seo filho Matias d'Albuquerque em refens do cirurgião. O mesmo Jeronimo de

Albuquerque tinha já no dia 3 do referido mez despaxado um caravelão para Pernambuco com Manoel de Souza d'Eça e Francisco de Frias para informarem a Gaspar de Souza de todo o acontecido e exigirem d'elle prontos socorros.

§ 8. Um dos artigos do tratado de tregua dizia, que se mandariam a Pariz 2 mensageiros, um Portuguez e outro Francez, e outros 2 a Castéla; para que suas magestades catolicas e christianissima decidissem a quem pertencia ficar nas terras de Maranhão. Em consequencia d'este artigo foram enviados para Pariz, Jorge Fragozo, e Mr. Pratz; e para Espanha Diogo de Campos e o capitão Maillard, aquelles a 16 de Dezembro e estes a 4 de Janeiro de 1615. N'este tempo xegaram varios reforços a Jeronimo d'Albuquerque, assim de Portugal, comandados por Miguel de Siqueira Sanhudo, como da Bahia e Pernambuco á ordem do capitão mór Francisco Caldeira de Castelobranco.

Então Jeronimo de Albuquerque, entuziasmado com estes socorros, fez saber a Daniel Ravardiere, que tinha recebido do seo monarca declaração de que as terras do Maranhão pertenciam a Portugal, e por isso se via obrigado a romper a tregua, si a ilha lhe não fosse entregue. Daniel Ravardiere respondeo, que a importancia do negocio pedia um conferente com plenos poderes para o ajuste; e Jeronimo de Albuquerque enviou logo Francisco Caldeira para Itapari, esperando da sua capacidade a felicidade do negocio. Daniel Ravardiere assentou com Francisco Caldeira, que no espaço de 5 mezes evacuaria toda a colonia do Maranhão e seos fortes, com a condição de lhe darem as embarcações necessarias para o transporte de todos os Francezes, e de lhe pagarem toda a artilharia, que deixasse nos fortes ; e que elle logo entregaria o de Itapari aos Portuguezes.

Jeronimo d'Albuquerque assinou o tratado, e passou logo ao dito forte com toda a sua gente a 31 de Julho.

Diogo de Campos e o capitão Maillard xegaram a Lisboa a 5 de Maio; porem o ministerio de Madrid só cuidou em enviar socorros para o Maranhão.

§ 9. Com estes xegou Diogo de Campos a Pernambuco, onde axou o governador Gaspar de Souza ocupado em aprestar nova expedição para o Maranho pelos avizos recebidos de Guaxenduba. Gaspar de Souza armou em guerra, em Olinda, 7 navios, 1 caravelão e 1 caravela, tudo com a equipagem de 90 homens, e encarregou esta armada a Alexandre de Moura.

Nomeou tambem a Diogo de Campos almirante, Henrique Afonso, capitão de mar e guerra da capitania, a Paio Coelho de Carvalho comandante da almiranta, e comandante das outras embarcações a Manoel de Souza d'Eça, Gregorio Fragozo, Martim Soares Moreno, Ambrozio Soares d'Angulo e Bento Maciel Parente.

§ 10. No dia 2 de Outubro se fez esta armada á vela, e depois de ter entrado na barra do Periá, continuou a sua viagem até dar fundo na bahia de São-Jozé.

Alexandre de Moura intimou logo a Jeronimo d'Albuquerque, que, rotos os tratados, marxasse sem demora sobre os Francezes; o que passou a executar. O contentamento, que a xegada d'esta armada cauzou aos Portuguezes, se mudou logo em tristeza, porque pegando fogo no alojamento fabricado de madeira e folhas de palmeiras, o queimou com preciozidades existentes, n'elle e grande parte das munições de guerra, e ainda das armas, que, disparadas pelo mesmo fogo, fizeram derramar bastante sangue. Gaspar de Souza não só tinha nomeado a Alexandre de Moura capitão mór da armada, mas tambem primeiro general da guerra, não atendendo a que Jeronimo d'Albuquerque era o primeiro comandante nomeado por el-rei, além de se axar muito adiantado nos progressos da guerra e conhecimento do terreno. Porém Jeronimo d'Albuquerque, com um espirito superior a tudo, obedeceo pontualmente ás ordens de Alexandre de Moura; e moveo as suas tropas sobre a fortaleza de São-Luiz com tanta atividade e valor, que no dia 31 de Outubro sitiou os Francezes pela parte de terra, postando-se junto ao forte das Pedras.

Alexandre de Moura entrou com a sua armada no 1.° de Novembro na bahia de Santa-Maria (oje de São-Marcos),

á qual deo o nome de bahia de Todos os Santos, por ser este o seo dia; e fazendo pronto dezembarque na ponta (oje de São-Francisco) fronteira á fortaleza de São-Luiz, levantou n'ella uma defensa de páo a pique; e nomeou para guarnecel-a a Bento Maciel com a equipagem do seo navio.

A esta fortificação deram o nome de forte de São-Francisco, e algumas vezes o de forte Sardinha.

§ 11. Daniel Ravardière, vendo-se sitiado por mar e por terra, sem ter forças para competir com Alexandre de Moura, capitulou, e feito o tratado, lhe entregou a fortaleza de São-Luiz a 3 de Novembro; e como um dos artigos da capitulação era a retirada livre aos Francezes, passaram logo para a sua patria mais de 400, ficando no Maranhão alguns cazados com indias da terra.

No convento dos capuxinhos francezes estavam então 20 missionarios, dos quaes era dignissimo prelado Arcangelo de Pembroch, existia tambem um seminario (dependente do mesmo convento) de moços francezes e indios, que aprendiam a lingua uns dos outros. Na retirada dos Francezes para a França tomaram posse do referido convento os capuxos portuguezes frei Cosme de São-Damião, e frei Manoel da Piedade acima mencionados.

Estes dois missionarios se empregaram logo na redução dos indios.

CAPITULO IV

Alexandre de Moura, dadas as providencias para o descobrimente do Pará e conservaçao do Maranhão, volta para Pernambuco. Jeronimo d'Albuquerque funda a cidade de São-Luiz. Estabelecimento dos carmelitas no Maranhão. Jezuitas no Monim. Sucessos entre os gentios e os Portuguezes. Morre Jeronimo d'Albuquerque, e sucede-lhe seo filho no governo; procedimento d'este com Bento Maciel. Castigo dos Tupinambás. Domingos da Costa Maxado toma posse do governo. Continua-se o castigo dos Tupinambás. Xegam ao Maranhão Açoristas para povoar a colonia.

§ 1. Alexandre de Moura, depois de enviar Francisco Caldeira para o descobrimento do Pará, deo todas as providencias para a conservação do Maranhão, porque nomeou Jeronimo d'Albuquerqne capitão mor do Maranhão;

encarregou a fortaleza de São-Luiz a Ambrozio Soares com 100 soldados, o forte de São-Francisco a Alvaro da Camara com 50, o de Itapari a Antonio d' Albuquerque com 50, nomeou a Baltazar Pestana sargento mor, a Salvador de Mello capitão-mór ; a Martim Soares Moreno capitão de Cumá com 25 soldados; a Bento Maciel capitão das entradas (1); a Luiz de Madureira ouvidor e auditor geral. Depois d'isto Alexandre de Moura despaxou Jorge Fragozo para Portugal, e se fez á vela para Pernambuco a 9 de Janeirode 1616, levando comsigo Daniel Ravardiere, o qual axou ali bom agazalho ; e passando depois a Lisboa com dependencias, e demorando-se la 2 annos, el-rei lhe consignou 2$000 por dia, que n'aquelle tempo mostrava bem a qualidade da pessoa.

§ 2. Jeronimo de Albuquerque fundou logo junto á fortaleza de São-Luiz uma cidade (debaixo da proteção de Maria Santissima com o titulo de Victoria, que já lhe tinha decretado em Guaxenduba) com a invocação de São-Luiz ; e a fortaleza d'este nome teve daqui por diante o de São-Filipe, talvez em atenção a Filipe III de Castela, a quem então obdecia a monarchia portugueza. Aos religiozos do Carmo da vigararia do estado do Brazil frei Cosme d'Annunciação e frei André da Natividade, que tinham vindo com Alexandre de Moura por capelães da armada, deo este para a fundação de um convente a pequena ilha do Medo (2), e entre esta e o rio Bacanga 2 legoas de terra ; e finalmente no sitio já destinado para a cidade terreno para outro convento. Na cidade fundaram os ditos religiozos o seo primeiro convento, e se aplicaram logo á redução dos barbaros (3).

---

(1) Dava-se o nome de entrada ou bandeira a um corpo de gente armada, que entrava nas terras dos selvagens a fazer algum descobrimento, a guerrear com os indios, a fazer resgate etc. Adiante direi o que seja resgate ; nome que, segundo julgo, se deo tambem ao que na realidade era cativeiro, E' verdade, que falando moralmente é resgatar o tirar dos ferros do gentilismo para a liberdade da religião de Jezus Christo, por qualquer modo que isto se faça.

(2) Esta fundação nunca teve efeito na dita ilha.

(3) Dizem, que o primeiro convento do Carmo fôra fundado no sitio, em que oje existe a igreja do Rozario no Egipto e depois fôra fundado o que oje existe no sitio onde existia uma capela de Santa Barbara.

Os padres da companhia de Jezus Benedito Amadeo, Lopo do Couto, outro não sacerdote, e Luiz Figueira, superior de todos, tambem vieram com Alexandre de Moura: e passando a uma grande aldeia do rio Monim, ali se empregaram na instrução dos indios (*).

§ 3. Jeronimo d'Albuquerque, depois de reduzidos os Tupinambás da ilha á sua obediencia, mandou Bento Maciel ao rio Pindaré, onde elle supunha grandes preciozidades e tezouros. Bento Maciel sahio da cidade de São-Luiz a 11 de Fevereiro com 45 soldados e 90 indios; porém passados alguns mezes, se recolheo sem ter encontrado sinão os indios Guajajáras, aos quaes fez cruel guerra.

Como sofria muita falta de munições de guerra, Jeronimo d'Albuquerque as mandou pedir ao governador Gaspar de Souza por Baltazar Pestana, que marxou por terra com 20 soldados e quazi 100 indios; porém como eram os primeiros que penetravam os certões, só xegaram a Pernambuco passados 5 mezes de viagem.

Francisco Caldeira, que n'este mesmo anno tinha fundado a cidade de Belém, se vio obrigado a pedir socorro a Jeronimo d'Albuquerque. Para este fim enviou por terra o alferes Pedro Teixeira com alguns soldados; o qual foi o primeiro que por terra viajou do Pará ao Maranhão. Jeronimo d'Albuquerque o socorreo com alguma artilharia e munições de guerra em uma lanxa grande.

§ 4. Os indios de Cumá vacilaram ainda na amizade dos Portuguezes, por se lembrarem das sinistras praticas dos Francezes.

Procurou o seo comandante Matias d'Albuquerque reduzil-os com suavidade á merecida confiança; e o conseguio, mandando levantar algumas igrejas com a possivel decencia; porque os indios se inclinaram muito ao culto divino, cuidaram da lavoura, e principiaram a correr as permutações entre elles e os Portuguezes. N'este estado os deixou Matias d'Albuquerque e passou á cidade,

---

(*) Julgo, que essa aldêia era junto da bôca do rio, onde oje xamam a Villa-Velha.

a xamado de seo pai para negocios importantes; mas aparecendo em Cumá uns indios do Pará com cartas para o capitão-mór Jeronimo d'Albuquerque, Amaro, indio muito industriozo, natural de Cumá, e creado com os jezuitas no estado do Brazil, abrio as cartas, e fingindo que as sabia lêr, asseverou diante dos principaes: «Que o assunto d'ellas se reduzia a que todos os Tupinambás ficassem escravos; execução que só tardaria emquanto o capitão-mór não recebesse aquellas cartas; o que suposto, vissem elles o que determinavam, si não queriam concorrer para a ultima desgraça da sua nação, etc.

§ 5. Instigados os barbaros com esta sugestão, mataram os 30 soldados, de que se compunha o destacamento, quando estes dormiam; e passaram armados á Tapuitapéra com o projéto de se unirem aos moradores d'ella, seos parentes; matarem a Matias d'Albuquerque, que esperavam, e passarem dali a incendiar a cidade; porém xegando Matias d'Albuquerque a Tupuitapéra, de viagem para Cumá, e sabendo da traição, com os poucos soldados da sua guarda os obrigou a retroceder com vergonhoza fuga; e socorrido de seo pai com 50 soldados e 200 indios á ordem do capitão Manoel Pires, seguio ao alcance dos inimigos até á distancia de 50 leguas com um nobre desprezo das asperezas do caminho. Os gentios porém, que conheciam bem o terreno, a que o tinham levado, o acometeram n'elle com muitas emboscadas com grande estrago dos nossos, até que a 3 de Fevereiro de 1617 Matias d'Albuquerque deo sobre ellas com tal valor que, morta a maior parte, fugiram os outros; e os nossos voltaram por mar para a cidade nas muitas canôas, que aumentaram o despojo. Os Tupinambás do Pará, avizados pelos de Cumá, tambem se sublevaram; mas igualmente foram vencidos.

§ 6. Em Janeiro do anno seguinte xegaram de Pernambuco a São-Luiz alguns socorros, porém não os suficientes para remediar as necessidades da capitania. Jeronimo d'Albuquerque, com o sentimento de não serem bem atendidos os seos soldados, e consumido de tantas fadigas, acabou a vida a 11 de Fevereiro com 70 annos de idade, nomeando para seo sucessor a seo primeiro filho Antonio d'Albuquerque, e por adjuntos d'este no governo Bento

Maciel Parente e Domingos da Costa Maxado. Bento Maciel, conhecendo então que o novo capitão-mór não necessitava de sua companhia, passou a reedificar o forte de Itapari para fazer serviço ao estado. Domingos da Costa ficou tambem sem o exercicio de adjunto. Porém passado algum tempo, Bento Maciel, arrependido, declarou a Antonio d'Albuquerque, que reputava nulo tudo o que elle obrara sem o seo parecer e o de Domingos da Costa. Em consequencia d'isto Antonio d'Albuquerque mandou prender a Bento Maciel; e depois de o conservar prezo 4 mezes na fortaleza de São-Filipe, o remeteo para Pernambuco com Domingos da Costa, que embarcava para aquella capitania.

§ 7. N'este tempo recebeo Antonio d'Albuquerque apressados avizos de que pelo Gurupí caminhavam os Tipinambás do levantamento de Cumá a fazer junção com os seos nacionaes do Pará; pelo que fez sair logo uma expedição de 50 soldados e 600 indios, ás ordens de seo irmão Matias d'Albuquerque, para que os atacasse na maxima marxa que levavam.

Matias d'Albuquerque sahio com a sua expedição a 24 de Agosto, e apezar de sua marxa forçada só encontrou os inimigos já perto do Pará, onde deo sobre elles com tanto valor, que, morto o celebre Amaro com a maior parte de seos companheiros, só escaparam os poucos que fugiram para os matos. Passados 4 mezes se recolheo esta expedição á cidade de São-Luiz. Domingos da Costa e o prezo Bento Maciel xegaram a Pernambuco.

§ 8. O governador Gaspar de Souza, confirmada a nomeação de Antonio d'Albuquerque, lhe deo tambem por adjunto o dito Domingos da Costa com a declaração de que, não concordando ambos em materias graves, teria voto decizivo Luiz de Madureira acima referido, e a Bento Maciel encarregou da guerra contra os Tupinambás. Desconfiando porém que Antonio d'Albuquerque não aceitaria a Domingos da Costa Maxado por adjunto, passou a este patente de capitão-mór no cazo de demissão d'aquelle. Xegando Domingos da Costa ao Maranhão Antonio d'Albuquerque, com o pretesto de ser necessaria a sua assistencia

em sua caza, lhe entregou o governo a 6 d'Abril, e se retirou paraPortugal.

§ 9. Bento Maciel aprestou em Pernambuco á sua custa uma expedição de 80 soldados e 400 indios frexeiros; e xegando com ella ao Maranhão, deo principio á guerra dos Tupinambás em Tapuitapéra, e acabou de vencer estes barbaros até o Pará. No Pará proseguio n'esta guerra até os principios do anno de 1620, em que se recolheo a Belém ; e querendo ali por meio do desassocego publico uzurpar o governo da capitania, de tal sorte se portou com elle o capitão mor d'ella Pedro Teixeira, que o fez retirar logo para o Maranhão, onde fundou um forte na bôca do rio Itapicurú, e se encarregou da guarnição d'elle com 40 soldados.

A' sombra d'este forte entrou a povoar a *terra firme*, com assistencia de 2 aldeias de indios domesticos; tudo por antecipadas dispozições de Gaspar de Souza.

§ 10. N'este tempo xegou ao Maranhão um navio das ilhas dos Açores com algumas familias para a povoação da colonia, conduzidas á custa de Jorge de Lemos Bitencourt, a quem se fez promessa de uma comenda de 400$ pelo beneficio de meter no Maranhão 200 cazaes.

Depois xegou uma caravéla com a mesma carga, a que se seguio Jorge de Lemos Bitencourt, comandante d'estas embarcações.

CAPITULO V

Paz fingida e traição dos Goianás. Entra na colonia o castigo das bexigas. Dá-se ás terras do Maranhão o titulo de estado do Maranhão. Bento Maciel, capitão mór do Pará, e Antonio Moniz Barreiros do Maranhão. Francisco Coelho de Carvalho, donatario de Tapuitapera. Xega de Lisboa o vizitador ecleziastico frei Christovão com missionarios. Olandezes rexaçados no Ceará. Ataque de frei Christovão e seos companheiros com os gentios. Francisco Coelho toma posse de governador e de capitão general do estado do Maranhão.

§ 1. Os Goianás (gentios de corso) ofereceram paz a Domingos da Costa Maxado, e elle a recebeo com muito gosto; mas para a conseguir melhor enviou um destacamento de 13 soldados á ordem de seo filho Jorge da Costa

para uma aldeia do rio Monim, fronteira aos ditos indios, onde se fortificou em uma defensa de páo a pique ; porém os Goianás os mataram a todos, quando os axaram descuidados, á excepção de Jorge da Costa, que não estava na ocazião.

No principio do anno de 1621 xegou á cidade do São-Luiz uma embarcação de Pernambuco com dinheiro e mais fornecimento para a capitania ; mas a este fornecimento seguio-se logo o contagio das bexigas, de que morriam muitos, especialmente indios. Domingos da Costa, muito aflicto com isto, assistio aos pobres com o seo cabedal e pessoa, e entrando n'este tempo uma embarcação dos Açores com 40 cazaes de colonos do prometimento de Jorge de Lemos Bitencourt, Domingos da Costa, depois de acomodar estas familias com a sua costumada liberalidade, para aplacar a ira de Deos, lhe levantou á sua custa a igreja matriz, e ajudou a obra do conventodo Carmo, de que parece se agradou tanto a divina Bondade, que principiou logo a abrandar o referido contagio.

§ 2. N'este mesmo anno o ministerio de Madrid separou as conquistas do Maranhão do governo do Brazil, e lhes deo o titulo de estado do Maranhão (*).

Gaspar de Souza promoveo Bento Maciel a capitão mór do Pará, de que tomou posse a 18 de Julho, e principiou a governar com rectidão.

No seguinte anno (1622) sucedeo a Gaspar de Souza no governo do estado do Brazil Diogo Mendonça Furtado.

Tinha este levado de Portugal na sua companhia Antonio Moniz Barreiros, nobre morador de Pernambuco, com o despaxo de provedor-mór da real fazenda, o qual recebeo com a obrigação de estabelecer no Maranhão 2 engenhos de assucar á sua custa. Antonio Moniz alcançou de Diogo de Mendonça a nomeação de capitão-mór do Maranhão para um seo filho do mesmo nome ; e como este era moço, desculpou Diogo de Mendonça a sua eleição, impondo-lhe a obrigação de se aconselhar nas materias mais graves com o jezuita

(*) Veja-se a introdução.

Luiz Figueira, que com outro jezuita italiano voltava ao Maranhão. Com estes 2 companheiros e com feliz viagem xegou de novo Antonio Moniz Barreiros á cidade de São-Luiz, onde Domingos da Costa lhe entregou o governo a 20 de Abril.

§ 3. O povo do Maranhão, temendo sempre a comunicação dos jezuitas como embaraço dos interesses particulares pelos escrupulos, em que punham o cativeiro dos indios, se comoveo de tal sorte com a xegada de Luiz Figueira e seo companheiro, que a camara se vio obrigada a requerer a Antonio Moniz, que fossem em breve tempo lançados fóra da capitania. Afligiram-se com esta ação os 2 jezuitas; porém com tal confiança permaneceram na sua vocação que, postos no juizo do mencionado tribunal, rezolutamente proferio Luiz Figueira, que só feito em pedaços se apartaria dos exercicios d'ella. Antonio Moniz, ajudado de Domingos da Costa, fez uma compozição entre o povo e os jezuitas, fazendo estes um termo, que logo assinaram, de que nunca se intrometeriam com os indios domesticos; e que faltando elles, incorreriam na pena de exterminio e perda de todos os bens.

Antonio Moniz estabeleceo nas margens do rio Itapicurú um dos engenhos, que seo pai tinha prometido, o qual foi a primeira fabrica de assucar, que se vio no Maranhão. Depois d'isto continuou este capitão-mór seo governo com geral aceitação, promovendo com toda a diligencia o aumento da cidade e da lavoura.

§ 4. Em 1623 foi nomeado capitão general e governador do novo estado do Maranhão o fidalgo da caza real Francisco Coelho de Carvalho; o qual teve expressas ordens para tomar a sua derrota por Pernambuco, por ocazião do estrondo, que então fazia na Europa uma armada olandeza de 1.400 homens, que se tinha feito a véla a 21 de Dezembro do mesmo anno ás ordens do general Jacob Willekens, e do mestre de campo João Dorth; porque, ainda que se dicesse encaminhar-se á invazão da America espanhola, mais se receava a do Brazil.

§ 5. A 19 de Março de 1624 foi Tapuitapéra elevada á capitania de segunda ordem, e doada ao dezembargador Antonio Coelho de Carvalho. No dia 25 do referido

mez sahio de Lisboa Francisco Coelho com 2 navios carregados de soldados, munições de guerra, e moradores para o estado do Maranhão; e xegando a Pernambuco a 6 de Maio, ali se demorou para ajudar a defender aquella capitania da invazão que se receava.

Na companhia de Francisco Coelho tinham sahido de Portugal Manoel de Souza d'Eça, nomeado capitão mór do Pará; Jacome Raimundo de Noronha, despaxado provedor-mór da real fazenda do estado do Maranhão; e o illustre e virtuozo frei Christovão de Lisboa, nomeado vizitador ecleziastico e primeiro custodio dos capuxos de S. Antonio no mesmo estado. E conhecendo este quanto as conquistas necessitavam do pasto espiritual, e que a demora do governador não podia ser breve, sahio de Pernambuco em um barco de coberta com 12 missionarios, seos subditos, e 2 do Carmo com o seo comissario; deixou 2 missionarios no Ceará, e xegou á cidade de São-Luiz a 5 d'Agosto.

Os 2 religiozos, que tinham tomado posse do convento de São Francisco, vendo a colonia assistida de missionarios suficientes, passaram á sua custodia de Pernambuco, deixando na sua vivenda os jezuitas, que tambem a deixaram passando ao Monim; e como por esta cauza o convento se arruinou com o tempo, frei Christovão de Lisboa, axando-o incapaz de abitação, se recolheo em caza do feitor de Gaspar de Souza. Porém no breve espaço de 5 dias se levantou igreja e ospicios (tudo tecido de folhas de palmeiras), em que se recolheram e se celebrou a primeira missa, dia de São Lourenço; e logo depois se principiou a fundação do novo convento com a invocação de Santa Margarida; tudo no terreno do convento velho, segundo julgo.

§ 6. Frei Christovão de Lisboa principiou a vizita, de que vinha incumbido, e n'ella fez importantes serviços a Deos; e com tanto respeito o veneraram logo os moradores, que mostrando-lhes elle um alvará regio, que removia todas as administrações das aldeias dos indios, lhe deram inteiro cumprimento, sem a menor duvida, quando este era o mais pezado golpe para os seos interesses: é

verdade, que para a felicidade d'este sucesso ajudou muito Antonio Moniz Barreiros.

§ 7. N'este tempo acometeram a fortaleza do Ceará 2 náos olandezas com um dezembarque da sua guarnição, mas o capitão d'aquelle prezidio, Martim Soares Moreno, o rebateo com tanto vigor, que, morta a maior parte dos inimigos, os outros fugiram para bordo, e se fizeram á vela. Já n'este tempo o Ceará pertencia ao Maranhão.

Nos principios de 1625 foi a mesma fortaleza atacada por outras 2 náos com maior força, mas com igual sucesso. N'estas duas ações se distinguio Martim Soares e o soldado Manoel Alvares da Cunha.

Reduzido já o convento de Santa Margarida á fórma decente (1), passou a elle frei Christovão de Lisboa com os seos religiozos no 1.° de Fevereiro no meio de muita solenidade; e nomeando para prelado d'esta caza a frei Antonio da Trindade, principiou a sua viagem para o Pará a 7 de Março com 2 companheiros, e João da Silva, escrivão da vizita; mas como do Caeté para diante viajou por terra, padeceo grandes perigos e trabalhos até xegar a Una, abitação dos seos religiozos (2), nos fins de Abril.

Principiou no Pará a vizita ecleziastica, depois de lhes ser impugnado o alvarà, que tinham aceitado os do Maranhão.

Derem-se depois no Pará grandes guerras com os Olandezes.

§ 8. Acabada a vizita e socegado o povo, que se tinha comovido por cauza do alvará, partio Christovão de Lisboa nos principios de 1626 para o Maranhão, onde foi bem recebido; e repetindo aqui a vizita axou conhecida emenda.

---

(1) Julgo, que este convento é o mesmo que depois tomou a invocação de Santo Antonio, e que de poucos annos foi reedificado de pedra e cal. Era elle feito de terra (calcada entre pranxas, a que xamam *parede de soque*) ainda oje uzadas nas paredes dos quintaes sobre alicerces de pedra.

(2) Prova de que n'este tempo já os missionarios capuxinhos de S. Antonio de Portugal se tinham estabelecido no Pará. Segundo diz a Corografia Brazilica, fundaram o seo primeiro ospicio em Belem no anno de 1617.

Daqui partio a 18 de Maio com o destino de vizitar o Ceará; e xegando ao Periá, seguio viagem por terra, mas depois de trabalhoza marxa de 30 dias se lhe opoz um corpo de 90 Tapuios de corso; era igual o numero dos que seguiam a frei Christovão, mas só de 15 fazia confiança; ajudados porém de 8 Portuguezes, foi tal a rezistencia na sua retirada atè sitio defensivo que os indios inimigos, apezar de tomarem a bagagem, pediram paz.

Distinguiram-se n'esta ação frei Christovão (pois a todos é licito pelejar em defensa propria), que com a espada e rodela se mostrou tão bom capitão como religiozo; frei João, seo companheiro, e o padre Baltazar João Corrêia ficaram feridos; e o soldado João Pereira. Dos nossos morreram 3 indios.

§ 9. Finalmente por asperos caminhos, com falta de mantimentos, e lutando sempre com a morte, xegaram a 20 de Junho ao Ceará, onde foram bem recebidos de Martim Soares.

Francisco Coelho de Carvalho, que ficára em Pernambuco, repelio com 500 soldados e 600 indios a grande força de 34 náos olandezas na bahia da Traição; e vendo depois todo o estado do Brazil livre de similhantes inimigos, partio no fim de Julho para o Maranhão em um navio, seguido de 4 caravelões com boa infantaria; dos quaes eram comandantes o provedor Jacome Raimundo de Noronha, Manoel de Souza d'Eça, o capitão João Torres, e o capitão Francisco de Azevedo, e xegando ao Ceará, tomou ali posse do seo governo.

§ 10. Reedificada esta fortaleza, e vizitada a aldeia do grande principal Algodão, continuou Francisco Coelho de Carvalho a sua viagem a 15 de Agosto com frei Christovão (*), e os 2 jezuitas Lopo do Couto e outro; e dezembarcando em Itaparí com grande parte da sua gente, xegou por terra á cidade a 3 de Setembro, e tomou posse no tribunal da camara. Francisco Coelho de Carvalho principiou logo o seo governo cortando os abuzos politicos e militares; e vendo que a fortaleza de São-Filipe era de faxina, a mandou reedificar de pedra e cal.

(*) Frei Christovão de Lisboa foi depois bispo d'Angola.

CAPITULO VI

Bento Maciel passa á cidade de São-Luiz e d'ella a Lisboa; Francisco Coelho de Carvalho vizita o Ceará; o capitão-mór d'esta capitania é remetido prezo para o Maranhão. Morre Francisco Coelho de Carvalho no Pará e Jacome Raimundo de Noronha se constitue governador do estado. O capitão mór do Pará é xamado ao Maranhão. Jacome Raimundo pacifica uma sublevação armada contra a sua pessoa; manda continuar o descobrimento do Amazonas. Os Olandezes tomam o Ceará. Bento Maciel toma posse do governo do estado.

§ 1. Sucedendo Manoel de Souza d'Eça no governo do Pará a Bento Maciel, este se retirou logo ao Maranhão; mas Francisco Coelho de Carvalho, que o temia, lhe aconselhou uma jornada á Madrid; e abraçando Bento Maciel o conselho, partio para Lisboa. Francisco Coelho de Carvalho, acabada a fortaleza de São-Filipe com uma bôa rezidencia para os governadores do estado, encarregou o governo do Maranhão a seo filho Feliciano Coelho de Carvalho, a instancias da camara, e se dirigio á vizitar o Pará, saindo da cidade de São-Luiz a 15 de Abril de 1627. Tomou porto no Gurupí, dezembarcou ali na povoação com a invocação da Vera-Cruz, e xegou em poucos dias a Belém.

Dadas as providencias para o bom governo do Pará, voltou para o Maranhão. Porém recebendo logo queixas contra o capitão mór do Pará, lhe enviou as ordens necessarias, as quaes foram recebidas em Belém no principio do anno seguinte.

Mandou tambem depois seo filho Feliciano Coelho vizitar aquella capitania, cujo capitão mór Manoel de Souza d'Eça foi remetido prezo para o Maranhão.

Luiz Aranha de Vasconcellos, sucessor de Manoel de Souza d'Eça, foi tambem suspenso em 1630 e xamado ao Maranhão por Francisco Coelho de Carvalho.

§ 2. Como os Olandezes tomaram n'este anno Pernambuco, temia-se bastante a sua invazão no Maranhão e Pará, pelo que o governador mandou para esta capitania

a seo filho com todas as autoridades; e ainda que não fosse atacado pelos Olandezes, surgio grande guerra com os Inglezes nas margens do Amazonas, onde elles se fortificaram, como tambem grandes dissenções entre o povo e o capitão mór; e n'estas couzas se passou o tempo até o anno de 1636. N'este partio Francisco Coelho para o Pará a vizitar a capitania, onde xegou em Maio; e passando a Cametá a tentar si poderia convalecer da molestia que o atacou, não obstante a melhoria do clima, n'esta povoação acabou a vida e teve a sepultura a 15 de Setembro. Esta noticia foi dada ao provedor Jacome Raimundo de Noronha por Antonio Portilho, que, tendo assistido á morte de Francisco Coelho, partio com tanta pressa a darlhe parte que xegou a São-Luiz em 14 dias.

§ 3. Jacome Raimundo poz logo todos os meios de se constituir sucessor de Francisco Coelho, e pela actividade do seo ardente espirito o conseguio, dando-lhe a camara de São-Luiz, a 9 de Outubro, posse solene do governo do estado apezar da forte opozição do capitão-mór Antonio Cavalcante de Albuquerque, a quem Francisco Coelho deixára encarregado da capitania do Maranhão.

Jacome Raimundo conservou tambem o exercicio de provedor-mór, quiçá por zelo ou ciume. Não perdendo tempo enviou logo ao Pará Francisco d'Azevedo com procuração para tomar posse por elle; Francisco d'Azevedo fez a sua viagem em 11 dias, e depois de subornar algumas pessoas, conseguio a dezejada posse, e que Jacome Raimundo fosse obedecido pela camara e povo do Pará, não obstante a opozição do seo capitão-mór Luiz do Rego, o qual foi logo xamado ao Maranhão por Jacome Raimundo, ficando já substituido no governo da capitania por Francisco d'Azevedo, que, morrendo a 3 de Fevereiro de 1637, foi sucedido a 7 de Março por Aires de Souza Xixorro acima referido.

§ 4. N'este tempo teve Jacome Raimundo noticia de que se forjava uma sublevação para a sua depozição, por cujo motivo se recolheo logo á fortaleza de São-Filipe; e vendo que os conjurados já xeios de temor só cuidavam em ocultar suas intenções, os fez condenar em devassa ao leve castigo de separação para pequenas distancias;

ação xeia de politica, que o consolidou mais no seo intruzo governo. Jacome Raimundo por sua retidão e justiça era assás digno do lugar que ocupava; mas como tinha entrado n'elle com mais escandalo que gloria, dezejava purificar-se d'aquella manxa, empenhando a grandeza do seo espirito em alguma ação eroica, e por isso tomou a rezolução de mandar continuar o descobrimento do Amazonas até o Quito. Para este fim enviou do Maranhão uma expedição, que xegou ao Pará a 25 de Julho, e principiou a sua viagem fluvial a 28 de Outubro.

§ 5. No meio de grande tranquilidade governava Jacome Raimundo o estado, quando teve noticia de que 2 náos olandezas, comandadas por Joris Gartsman, e guarnecidas com 340 soldados e 600 indios, tinham tomado a fortaleza do Ceará, depois da morte de 8 Portuguezes, sem que lhes podesse fazer total opozição o comandante d'ella Bartolomeo de Brito, por ter só 32 homens á sua ordem.

Sem temer o inimigo Jacome Raimundo já se impunha para se lhes opor, quando o tirou d'estes cuidados a xegada de Bento Maciel nomeado governador do estado, de que tomou posse a 27 de Fevereiro de 1638.

CAPITULO VII

Jacome Raimundo é remetido prezo para Lisboa. Conclue-se o descobrimento do Amazonas, e por elle decem os mercenarios. E' suspenso e xamado ao Maranhão o capitão-mór do Pará; vinga-se este de Bento Maciel. Aclamação de D. João IV. Os Olandezes, tomam o Maranhão; estrago que fizeram. Ação eroica religioza do prior do Carmo. Baixeza de Pedro Maciel. Algumas pessoas são desterradas por João Cornelizoon.

§ 1. Com a xegada do governador Bento Maciel, e com a permissão que elle trouxe de Madrid, para as administrações dos indios forros, se decidiram todas as duvidas, que se tinham excitado a este respeito. Jacome Raimundo, depois de julgado governador illegitimo, foi

remetido prezo para Lisboa. Feliciano de Souza, cunhado de Bento Maciel, foi eleito capitão-mór do Pará, de que tomou posse a 17 de Abril.

Pedro Teixeira, comandante da expedição enviada por Jacome Raimundo ao Amazonas, concluio o descobrimento d'este rio, xegando com feliz sucesso á cidade de Quito, onde foi recebido com grandes aclamações, e voltando pelo mesmo rei dos rios, depois de varios descobrimentos, xegou á cidade de Belèm a 21 deDezembro de 1639 (1); e daqui passou ao Maranhão a dar conta da sua viagem a Bento Maciel. Com Pedro Teixeira decerão de Quito os religiozos de Nossa Senhora das Mercês, que depois fundaram conventos no Pará e Maranhão.

§ 2. No anno seguinte 1640 foi suspenso e xamado ao Maranhão o capitão-mór do Pará Manoel de Madureira e eleito Pedro Teixeira para o mesmo governo, do qual tomou posse a 23 de Janeiro. Bento Maciel, que só cuidava nos seos interesses, debilitando as forças do estado para povoar e defender a capitania do Cabo do Norte (2), que pela corte de Madrid lhe tinha sido dada de foro e erdade; perdoou a Manoel de Madureira os crimes, de que fora acuzado, e lhe permitio voltar ao Pará com o socorro de 60 soldados e 12 cazaes de moradores para a referida capitania do Cabo do Norte, tudo em uma caravela; porém Manoel de Madureira, mancomunado com o piloto d'ella arribou á America espanhola por vingança ao governador Bento Maciel.

§ 3. Quebrados os ferros do nosso cativeiro pelos generozos e destimidos fidalgos portuguezes, passou Portugal, no fim de Dezembro d'este anno, de rei estranho a rei natural (só com a morte do secretario Miguel de Vasconcelos e outros; couza rara na historia das nações), sendo aclamado rei de Portugal D. João, 8.° duque de

---

(1) Francisco d'Orethana descobrio o Amazonas no interior, e deceo por elle d'esde a boca do Napo atè o mar em 1539.

(2) Era a Guiana Portugueza, á que os Francezes ainda pretendiam ter direito, e do qual cederam pelo tratado de 11 de Abril de 1713. Veja-se a *Historia de Portugal*, traduzida por Antonio de Moraes Silva, tomo 3. pag. 335.

Bragança, e na ordem dos reis 4.° do mesmo nome, que se xamou D. João IV.

Pedro Maciel, sobrinho do governador, xegou com esta noticia ao Maranhão; pelo que foi logo aclamado n'esta capitania D. João IV por seo legitimo rei. No Pará se fez o mesmo a 13 de Junho de 1641, em consequencia da participação que lhe foi dirigida pelo governador Bento Maciel. Como este general tinha recebido ordem para tratar como inimigos só a Mouros e Espanhóes, não fez cazo da vizinhança dos Olandezes, e tratou sempre de fabulozas as noticias, que corriam de que elles se dispunham para invadir o Maranhão, devendo lembrar-se Bento Maciel que era de sua obrigação defender o estado de todos os inimigos, ainda nos cazos imprevistos a el-rei. Tal era o letargo d'este máo Portuguez e peior general que, sabendo com certeza que ao norte da ilha do Maranhão, na enseada de Araçagi, estavam ancorados 18 náos olandezas, ficou muito socegado.

No dia 25 de Novembro principiou a referida armada a entrar na barra, e Bento Maciel a mandou salvar como amiga; mas vendo que sem responder continuava a entrar, lhe fez disparar toda a artilharia da fortaleza carregada de balas. Os Olandezes como receberam pouco dano, responderam com uma descarga de todas as suas embarcações, e debaixo de seo mesmo fogo embocaram o rio Bacanga, e deram fundo defronte da ermida de Nossa Senhora do Desterro. Então João Cornelizoon, general d'armada, fez dezembarcar 1 000 homens e ficou com igual numero a bordo; os moradores da cidade fugiram para os matos, e os inimigos se moveram logo sobre a fortaleza.

§ 4. Bento Maciel, que se axava dentro d'ella com 150 homens, mandou então dizer a João Cornelizoon: «Esta ilha é d'el-rei de Portugal, que tem seos embaixadores na côrte d'Olanda; a vossa tiranica invazão se faz abominavel a todo o mundo.»

Ao que elle respondeo, suspendendo a marxa: «Violentado de um temporal busquei esta barra, porque sei bem, que a minha republica se axa unida aos interesses da monarchia portugueza; e se fiz dezembarcar algumas tropas em ton de guerra, foi provocado da

opozição de tanta artilharia; mas vendo-nos ambos, se tratará amigavelmente das conveniencias de uma e outra nação.»

Mais convencido do susto, que d'estas espiciozas razões, sahio Bento Maciel a procurar João Cornelizoon, desamparando, como soldado covarde, o posto que devia defender. João Cornelizoon, com afectadas ponderações, lhe persuadio, que, pelas ordens que trazia do Conde de Nassau, general de Pernambuco, não podia já apartar-se do Maranhão sem a rezolução dos estados geraes de Portugal. Afinal assentou com Bento Maciel, que continuasse com o seo governo até a vinda da decizão da Europa; e que lhe désse na cidade quartel para os Olandezes, como tambem mantimentos, os quaes seriam pagos pontualmente; e Bento Maciel, dadas para isto as ordens necessarias, se recolheo á fortaleza muito satisfeito da negociação.

Os inimigos, que já se axavam em ordem de batalha, desfilaram, e ao mesmo tempo que queriam inculcar, que só intentavám ocupar o quartel já destinado, começam a cometer insultos, quebram a imagem de Nossa Senhora do Desterro na ermida já referida, logo depois a de Santo Antonio, e finalmente roubam o convento do mesmo. Xegados a uma porta da cidade intentou impedir-lhes a sua entrada o capitão Paulo Soares de Avelar, que a guarnecia, mas não pôde. Começam a saquear então a cidade sem opozição.

Esta ação desculpou João Cornelizoon com as dezordens militares; desculpa que Bento Maciel recebeo com muita satisfação, não sei si por seo dezacordo, si por sua ambição.

§ 5. N'este tempo o capitão Francisco Coelho de Carvalho (depois governador do mesmo estado do Maranhão) com os mais oficiaes da fortaleza, persuadio a Bento Maciel, que, emquanto os inimigos andavam engolfados no roubo, se preparasse para a defensa, porque certamente o procurariam logo; mas elle não fez cazo.

O artilheiro Matias João ideou uma cilada, na qual os inimigos certamente ficavam derrotados, porem Bento Maciel o repreendeo e impedio; por que a falta de onra e valor militar não deixava ver a este

general, que, como diz Macedo (*) *ha riscos tão honrados, que perder-se n'elles acredita.*

João Cornelizoon, que não perdia tempo, depois de reunidas todas as suas tropas, procurou a fortaleza, já seguro da victoria. Bento Maciel o recebeo com as portas abertas, e lhe entregou as xaves ; abateo-se logo a bandeira portugueza, e arvorou-se a olandeza.

Estes ereges, depois de tratarem a Bento Maciel como vil prizioneiro, passaram logo a repetir o saque e os sacrilegios ; mas o maior de todos soube evitar o ardente zelo do prior do Carmo, correndo no meio de tantos perigos á igreja matriz, e consumindo algumas sagradas formas, que o paroco, atendendo mais á salvação da vida que ás altas obrigações do seo ministerio, tinha deixado no sacrario, e talvez em castigo d'essa omissão o nome d'este se fez esquecido, ao mesmo tempo que o d'aquelle (Luiz de Miranda) vae passando á posteridade.

Saqueada a cidade, passaram os Olandezes ás fazendas da ilha, e d'ellas tomaram posse ; afinal impozeram a contribuição de 1.000 arrobas de assucar a cada um dos 5 engenhos do Itapicurú.

§ 6. Pedro Maciel, que n'este tempo se axava em Tapuitapéra de viagem para o Pará afim de tomar posse do governo d'aquella capitania, assistido de mais de 30 companheiros, 300 indios, e muitos negociantes com suas fazendas, que conduziam para Belém, tanto que teve noticia da ação do governador, seo tio, mostrando que era outro tal, voltou ao Maranho e se entregou aos Olandezes com as fazendas e a maior parte dos que o acompanhavam: ao que se seguio a perda de Tapuitapéra e seo distrito.

Os moradores da cidade, mais obrigados da necessidade que das ameaças e promessas de João Cornelizoon, voltaram para as suas cazas e juraram obdiencia á Olanda.

Reedificou-se o forte da bôca do rio Itapicurú; e os senhores dos engenhos de assucar ficaram bem escoltados, servindo só de feitores dos Olandezes.

(*) Eva e Ave, dedicatoria

Além d'isto remeteo João Cornelizoon em um navio quazi desmantelado 150 pessoas das que mais temia, com liberdade de escolherem derrota. Estes desterrados navegaram para a ilha da Madeira; porem uma agua aberta os obrigou a arribar á ilha de São-Christovão no golfo do Mexico, donde passaram a Lisboa.

CAPITULO VIII

João Cornelizoon, deixando guarnecido o Maranhão, volta para Pernambuco, levando comsigo Bento Maciel. Sublevam-se os Maranhenses e comandados por Antonio Moniz destroem a guarnição do Itapicurú e tomam o forte do Calvario.

§ 1. João Cornelizoon deixando no Maranhão 600 homens e 4 embarcações á ordem de certo governador, sahio com o resto da sua armada para Pernambuco a 31 de Dezembro, levando a bordo o ex-governador Bento Maciel, a quem o Conde de Nassau tratou logo com o devido desprezo, mandando-o para a fortaleza do Rio-Grande do Norte, onde dentro de poucos dias morreo. Os Maranhenses, apezar de procurarem por todos os meios suavizar o jugo da Olanda, até o ponto de darem suas filhas em cazamento aos seos inimigos, cada vez o sentiam mais pezado nas continuas vexações que padeciam ; e por isso não podendo sofrer maís, se animaram a quebrar valorozamente as cadeias de seo penozo cativeiro. Para dar principio a tão alta empreza se coligaram 50 homens dos mais briozos debaixo de todo o segredo e nomearam por seo comandante a Antonio Moniz, ex-capitão-mór da capitania. Antonio Moniz, ponderadas bem as circunstancias, determinou descarregar o primeiro golpe na guarnição dos engenhos e forte de Itapicurú, que se compunha de 300

homens, rezolução que comunicou aos seos novos subditos e lhes fez o seguinte discurso, que bem deixa vêr o seo grande espirito:

« Ha mais de 10 mezes, amigos, parentes e companheiros meos, que, triunfando do fatal dezacordo do governador Bento Maciel, a perfidia olandeza estabeleceo o seo dominio com á força das armas n'esta capitania d'elrei de Portugal, sem advertir que um tal procedimento se fazia o mais abominavel a todo o mundo, por se praticar em terra de um principe, a quem a soberania da sua republica tratava já como aliado; mas antes inculcando como justo titulo da sua posse e tirania d'ella, nenhuma ha que até o dia de oje não tenha exercitado na nossa sugeição; pois não se contentando com os ambiciozos e crueis estragos da fazenda, se emprega tambem nos da mesma onra, para que o sentimento nos fique inconsolavel; o que se mostra bem no total desprezo dos nossos clamores. Não ha caminho, que em todo este tempo não hajamos buscado para vencer a sua dureza; porem as diligencias das nossas aflições só servem de obstinal-a. Confesso, que as medidas que tenho temado para a satisfação de tantas injurias parecem temerarias por excederem muito a capacidade das nossas forças; mas igualmente vejo, que, faltando-nos todas as vidas, deixamos já illustre a ação na imortalidade da memoria; e si a fortuna a favorecer namorada de sua formozura, como sucede o mais das vezes, e misteriozamente me prognosticaram os ardentes impulsos do meo coração, quaes serão os aplauzos dos nossos nomes no teatro da fama?

Bem conheço, que as qualidades de uma tal empreza necessita de outra qualidade de comandante; mas já que a minha sorte persuadio a vossa inclinação, podeis estar certos, que saberei acredital-a, quando não seja nas aclamações da nossa victoria (porque estas só Deos costuma repartil-as como senhor d'ellas) ao menos no epitafio da minha sepultura; podemos a vencer, amigos valiozos, que a justiça da cauza dezempenha já os meos vaticinios.»

§ 2. Este discurso lhes infundio tal valor, que já dezejavam com impaciencia dar principio a tão generoza

ação. Antonio Moniz fez logo saber aos outros senhores dos engenhos (que tambem eram coligados) a óra determinada afim de estarem prevenidos, e dadas todas as ordens necessarias para a interpreza; foram os engenhos acometidos na muita escura noite do dia 30 de Setembro de 1642. A maior parte dos Olandezes, que os guarneciam, foram mortos; muitos morreram queimados em um dos engenhos, em que, fexadas as portas, se fizeram fortes; porque os nossos deitaram o fogo ás folhas secas de palmeira, que lhes serviam de telhado. Os poucos prizioneiros que se fizeram foram entregues á gente tão onrada, que, dando o cabo da escolta expressa ordem para serem mortos, foi louvavelmente dezobedecido.

Animado Antonio Moniz com esta victoria, se dirigio logo por terra ao forte do Calvario, cuja guarnição se compunha de 70 homens bem municiados com 8 peças de artilharia, e xegando ao amanhecer a pouca distancia d'elle aprizionaram um Olandez, que ficara fôra aquella noite; o qual obrigado do medo os guiou por entre densos arvoredos até a distancia de 50 passos do forte e os postou junto de um penedo, a que deram o nome de Paciencia, pela muita que ali tiveram perplexos na rezolução, que tomariam, considerando o superior poder dos Olandezes.

§ 3. Este penedo não foi esquadrinhado pela escolta olandeza, que, saindo de manhana descobrir campo, xegou junto d'elle, porque nenhum avizo tinham de sua desgraça; mas antes tão desapercebidos estavam, que postados os nossos na sua retaguarda, entravam todos no forte sem serem percebidos da mesma escolta, nem das sentinelas da muralha; a que se atribuio o malogro.

Os Olandezes sobresaltados intentaram primeiro rezistir, e depois fugir pela porta falsa; porem como esta já estava tomada, foi morta a maior parte dos inimigos, escapando-se alguns por intercessão de um virtuozo sacerdote, que acompanhava os Portuguezes com um santo crucifixo arvorado.

CAPITULO IX

Guarnecido o forte, se dirigem os Portuguezes á cidade, e perto d'ella matam uma partida olandeza. Movimentos dos dois partidos. Batalha do Oiteiro da Cruz. Os Portuguezes se fortificam na cidade. Ostilidades entre Portuguezes e Olandezes; estes recebem socorros de Pernambuco e aquelles do Pará. Continuam-se as ostilidades. Morre Antonio Moniz e sucede-lhe Pedro Teixeira. Continuam-se as ostilidades.

§ 1. Antonio Moniz, depois de guarnecer o forte de Itapicurú com alguns moradores do mesmo rio, que novamente se lhe incorporaram, passou logo á ilha do Maranhão, para avizinhar-se da fortaleza de São-Filipe; porém avançando 30 soldados, logo que tomou terra, para descobrimento de campo, se encontraram dentro de poucas óras com 40 Olandezes, que tinham sahido da cidade na mesma diligencia, informado já o seo governador dos sucessos do Itapicurú por um negro, que fugira do forte; mas ajudados os nossos de alguns moradores da cidade, que já se lhes tinham unido, degolaram todos os inimigos.

Animado Antonio Moniz com este sucesso, se postou em um sitio defensavel, e dali avançou um destacamento na distancia de uma legua até ás margens do rio Cotim. O soldado Manoel Freire Louzada, que deceo pelo mesmo rio em uma canoinha a espiar os inimigos, alcançou noticia de que elles tencionavam atacar no dia seguinte o destacamento do Cotim com grande parte das suas forças; e Antonio Moniz, aproveitando-se d'esta util noticia, passou logo ao Cotim, e pôz uma emboscada de 60 soldados e 80 indios no sitio oje xamado Oiteiro da Cruz, cuja estrada deviam seguir os inimigos.

§ 2. Pelas 6 óras da manhan sahio da cidade o capitão Sandalin com 120 soldados; e como supunha os Portuguezes separados, buscava com muita ouzadia o pequeno destacamento do Cotim; porém xegando ao Oiteiro da Cruz foi inopinadamente atacado com uma descarga de mosquetaria e fléxas pela emboscada de Antonio Moniz, que,

aproveitando-se da consternação em que tinha posto os inimigos, os acometeo por todos os lados, e com tal valor que foi morto Sandalin com os seos soldados, exceptuando 5 e 1 alferes, que se embrenharam nos matos. Dos Portuguezes morreram só 2 soldados. Passado o resto do dia e a noite seguinte sobre o campo de batalha entre as alegrias da victoria e despojos do inimigo, clamaram todos a Antonio Moniz, que, emquanto os Olandezes não tomavam animo, se acometesse a cidade pela parte de terra, por onde estava mal defendida; pelo que se pozeram logo em marxa.

Entrados sem a menor opozição nos suburbios da cidade, ocupou Antonio Moniz o convento do Carmo; e cobrindo-se com as sombras da seguinte noite, ganhou outra pozição mais proxima á fortaleza de São-Filipe, onde logo se fortificou. No dia seguinte não só foram rexaçadas as sortidas olandezas, que intentaram impedir os progressos da fortificação portugueza, mas tambem xegou Antonio Moniz a postar as suas tropas na curta distancia de 150 passos da fortaleza inimiga; acidente que obrigou os Olandezes a fexarem-se d'entro de suas muralhas e a pedirem logo apressados socorros ao Conde de Nassau.

§ 3. Antonio Moniz logo depois da ação do Itapicurú, pedio socorros ao Pará. A camara, que pela morte do capitão-mór governava a capitania, enviou imediatamente os capitães-móres Pedro Maciel e seo irmão João Velho do Valle com 113 soldados, de que eram capitães Aires de Souza Xixorro, Bento Rodrigues d'Oliveira e Pedro da Costa Favila, e 700 indios governados por seos principaes; cujo socorro, depois de 2 mezes de viagem de mar, xegou ao Maranhão a 2 de Janeiro de 1643.

Porém quando Antonio Moniz, xeio d'alegrias e esperanças com este socorro, se dispunha para grandes emprezas, o atacou uma infermidade que, com sentimento de todos os seos subditos, o obrigou a entregar o comando ao segundo comandante Antonio Teixeira de Mello.

§ 4. Ainda que o socorro do Pará só trazia 4 quintaes de polvora e pouca bala, quando sentia-se extraordinaria falta de munições; comtudo animado Antonio Teixeira de Mello com este reforço e inteirado da consternação dos

inimigos, projetou tomar por assalto a fortaleza de São-Filipe, guarnecida de 500 soldados, muitos indios e boa artilharia; mas encontrou em alguns emulos uma apaixonada contradição; e antes que elle acabasse de reduzil-os, xegou ao inimigoo reforço de 770 soldados e um grande numero de indios; o qual, vindo de Pernambuco, entrou na referida fortaleza a 15 de Janeiro. Era comandante d'este reforço o coronel olandez Koin Henderson; em quem (por ter sido vencedor na ilha de São-Tomé em 1641) afiançava o Conde de Nassau a victoria e castigo dos Maranhenses.

No seguinte dia sahio Koin Henderson da fortaleza com perto de 800 soldados e igual numero de indios, e pelo descuido das sentinelas tomou as primeiras trinxeiras dos Portuguezes, que, depois de um vigorozo ataque, se retiraram com boa ordem.

Koin Henderson seguio os nossos até as trinxeiras do Carmo; mas foi obrigado a retirar-se d'ellas por tão fortes rezistencia que elle mesmo a tratou de milagroza. A perda do inimigo n'esse dia foi de 160 soldados, a maior parte dos seos indios, e 200 feridos. Dos Portuguezes morreram 3 soldados e 7 indios.

§ 5. Na seguinte noite morreo o general Antonio Moniz e Antonio Teixeira de Mello se sucedeo no lugar, ficando tambem Agostinho Correia com o posto de sargento-mór.

Como as balas das nossas trinxeiras se encaminhavam principalmente a desmontar 2 canhões olandezes, que cauzavam bastante dano, offereceram aquelles ereges por alvos ás mesmas pontarias a imagem de S. João Baptista, que de longe parecia vulto de homem animado; porém não só a imagem ficou iléza dos nossos tiros, mas tambem no primeiro, que desparou um dos referidos canhões, rebentou com tanto estrago d'aquelles iconoclastas que, ficando confuzos com similhante sucesso, retiraram logo a santa imagem com menos indecencia.

CAPITULO X

Retirada de Antonio Teixeira de Mello e segunda batalha do Oiteiro da Cruz. Barbaro procedimento dos Olandezes. Antonio Teixeira passa a Tapuitapéra. Fogem muitos Portuguezes para o Pará; xega algum socorro d'esta capitania. Continuam as ostilidades com aproximação de AntonioTeixeira á ilha do Maranhão.

§ 1. Antonio Teixeira de Mello, axando-se falto de munições, rezolveo passar á terra firme, para acantonar as suas tropas em algum sitio naturalmente defensavel até melhorar de fortuna. Tomada esta prudente rezolução, fez transportar para Tapuitapéra todas as bagagens grossas e gente inutil; e abandonando o alojamento do Carmo, se retirou na noite de 25 de Janeiro e seguio a estrada do Cotim. Xegando ao Oiteiro da Cruz, emboscou ali todas as suas tropas, esperando que o inimigo saisse de manhan a observar os movimentos dos Portuguezes.

E com efeito no seguinte dia sahio da fortaleza de São-Filipe o governador do Ceará com 30 soldados e 150 indios, o qual tanto que xegou á emboscada de Antonio Teixeira, foi atacado com tanto valor, que foi morto com os seos soldados, e a maior parte dos indios. Com este acidente suspendeo Antonio Teixeira a marxa de Tapuitapéra até nova deliberação, e marxou com as suas tropas para um sitio (xamado n'aquelle tempo Moruapi) dos mais defensaveis da ilha da parte do Itapicurú.

§ 2. Dezesperado o comandante dos Olandezes com o sucesso do governador do Ceará, tomou a mais barbara vingança nos moradores, que ainda viviam na cidade neutraes; porque os mandou saquear e lançar suas mulheres núas fóra da cidade. Além d'isto entregou 25 homens aos indios do Ceará para serem comidos (o que estes executaram); e enviou 50 a Barbadas para

serem ali vendidos aos Inglezes (1); porém o governador d'aquella ilha, abominando tão feia tirania, os poz em liberdade, e repreendeo asperamente os seos condutores (2).

Antonio Teixeira fez duas sahidas de Moruapi, e em varios tiroteiros matou 30 inimigos; e passados 3 mezes n'este sitio, vendo que ainda não xegavam os socorros, que esperava, reduzio a cinzas as fazendas, que podiam ser uteis aos Olandezes ; e abandonando Moruapi e o forte do Calvario, passou a Tapuitapéra no dia 2 de Maio.

§ 3. Daqui fugiram para o Pará os socorros, que de la tinham vindo; exemplo, que seguiram alguns moradores do Maranhão. Consternado com similhante dezerção se rezolveo Antonio Teixeira passar tambem ao Pará ; porém xegando felizmente n'este tempo o capitão João de Deos com 5 quintaes de polvora e proporcionada bala, que conduzia da cidade de Belém, se animou a continuar a guerra ; excitando tambem a ella os seos companheiros com um bom discurso, que lhes fez. Dividio então Antonio Teixeira a sua tropa em 2 corpos cada um de 30 soldados e 100 indios; e lhes nomeou por comandantes Manoel Carvalho de Barreiros (irmão de Antonio Moniz) e João Vasco; e querendo saber o estado da ilha do Maranhão, enviou a ella o tenente Antonio Dias Madureira com 7 companheiros em 2 canoas.

Dias Madureira, sabendo que os inimigos já ocupavam o forte de Itapicurú, se dirigio a este com as canoas cobertas de ramos. E entrando junto á bôca do rio em um pequeno igarapé ou esteiro, n'elle aprezionou um Olandez, que lavava roupa; o qual deo noticia de que pelo rio acima tinha subido n'aquella manhan um barco de coberta com 35 valorozos soldados, afim

---

(1) Talvez estes infelizes seriam do numero d'aquellas 200 pessoas, que o referido comandante mandou prender na cidade, logo que teve noticia dos sucessos do Itapicurú.

(2) Não seria parente do tirano e sanguinario Oliveiro Cromwel, que alguns annos depois vendeo para as Antilhas 20.000 Irlandezes!

de descobrir o mesmo rio. Dias Madureira, passando de noite o forte sem ser sentido, procurou logo o barco inimigo, e navegando avante d'elle ao raiar d'aurora voltou sobre o mesmo com todo o impeto dos remos. Os inimigos o receberam debaixo de um xuveiro de balas. Cada uma canoa acometeo seo bordo, e ainda que uma se alagou, foi esgotada (por ser de pào muito leve) com tal presteza que, atacados valorozamente os inimigos por ambos os lados, foram todos mortos, a excepção de um que fugio a nado. Antonio Dias Madureira, recolhido o despojo e queimado o barco, deceo de noite pelo mesmo rio; o forte lhe desparou toda artilharia sem efeito, e elle se recolheo a Tapuitapera, sem perder um só homem.

§ 4. No dia 28 de Maio apareceram perto de Tapuitapéra 8 navios olandezes, cujo comandante fez a Antonio Teixeira a caviloza proposta (autorizada com uma carta do Conde de Nassau, que supôz fingida) de que lhe assegurava, que, recolhendo-se á cidade de São-Luiz, governaria todos os Portuguezes sem dependencia alguma. Respondeo Antonio Teixeira tambem por escrito, que assim dispunha já o seo alojamento na mesma cidade, porque brevemente expulsaria d'ella tão infames ospedes. Esta resposta obrigou o dito comandante a fazer-se á vela para a fortaleza de São-Filipe.

O governador olandez, animado com este socorro, passou logo expressa ordem para que se não desse dali em diante quartel aos Portuguezes; porém a mesma passou Antonio Teixeira contra as tropas olandezas, exceptuando os Francezes, que serviam n'ellas. E sabendo por seguros espias a consternação em que se axava o inimigo, passou Antonio Teixeira com a sua tropa para um sitio vizinho da ilha do Maranhão.

§ 5. O estrondo de muita artilharia, que no dia 13 de Junho se ouvia da parte da costa, obrigou Antonio Teixeira a enviar o alferes João da Paz com 8 soldados, e 50 indios em duas canôas, a observar a verdadeira cauza de tal novidade.

João da Paz, quando buscava o lugar donde sahiam similhantes écos, encontrou uma lanxa inimiga com 27

homens, e 2 pequenas peças (que talvez iam na mesma diligencia) e abordando-a com facilidade a tomou; porém divertido com esta ação não cumprio a comissão de que ia encarregado; e d'esta falta se seguio grande prejuizo aos Portuguezes, como adiante se verá.

CAPITULO XI

Renovam-se as ostilidades na ilha do Maranhão. Antonio Teixeira de Mello toma o forte de Itapicurú, queima as roças vizinhas do inimigo, e passa á ilha. Pedro d'Albuquerque toma posse do governo do estado no Pará; envia socorros a Antonio Teixeira de Mello; morre depois de nomear sucessor. Continuam ostilidades no Maranhão. Os Olandezes fogem para Pernambuco.

§ 1. Antonio Teixeira de Mello do seo acampamento destacou o capitão Manoel de Carvalho com 40 soldados e 100 indios, para que esquadrinhasse a ilha do Maranhão, e se aproveitasse das ocaziões. Manoel de Carvalho penetrou o interior da ilha sem opozição; e xegando ao sitio das Nhaúmas, principiou a fazer farinha nas roças, que poucos mezes antes tinham sido abandonadas dos Portuguezes. N'esta tarefa se relaxou de tal sorte a diciplina militar, que entregaram a sua segurança á unica guarda de 2 indios. O governador olandez, tendo noticia da ouzadia e descuido d'este destacamento, fez sair da praça 60 soldados e 100 indios guerreiros para o buscarem e castigarem.

Manoel de Carvalho tinha passado com alguns soldados a outro sitio, e por isso a suas forças se axavam divididas. Os 2 indios, sentinelas de Nhaúmas, se adiantaram do seo posto no 7 d'Agosto até junto das margens de um pequeno riaxo ou arroio, aonde descobriram os Olandezes descançando das fadigas da marxa e desvélos da noite. Estes irracionaes (si assim se pode xamar), em lugar de retrogradarem velosmente a previnirem o seo destacamento, dispararam as suas flexas sobre os

inimigos. Os Olandezes ficaram sobresaltados, julgando que toda a gente de Manoel de Carvalho os atacava; mas vendo que eram só 2 indios, despedaçaram um e aprizionaram outro, e depois de bem informados por este, acometeram o sitio de Nhaúmas com uma espantoza vozeria ao modo dos mahometanos. Esta dezuzada traça e não esperado ataque pôz os Portuguezes em precipitada fuga; porem 12 mais vizinhos do perigo se opuzeram a todas as forças do inimigo com indizivel valor; e retirando-se em bôa ordem, foram cedendo terreno até que xegaram a um cotovêlo, que fazia a estrada, aonde se fizeram fortes, amparando-se dos robustos troncos das arvores que ali existiam.

O inimigo com bôa tatica intentou atacal-os por ambos os flancos; mas os Portuguezes, que perceberam a contramarxa da retaguarda dos seos contrarios, gritaram logo em altas vozes: *A elles á espada, que a sua mesma divizão os leva já vencidos.* E carregando sobre elles com taes golpes que despensavam segundos; em breve tempo os venceram, matando uns e despersando outros. Os que fugiram para os matos foram mortos pelos indios e pelas feras.

§ 2. Manoel de Carvalho, no lugar em que se axava, derrota um destacamento, que os Olandezes tinham feito no principio da ataque para cortal-os.

E apezar de ter recebido 6 feridos, tanto que xegou ao campo da batalha, fez reunir todas as suas forças, e seguir ao alcance do inimigo até as portas da cidade; e como n'ella de todo o destacamento olandez entraram somente 10 Francezes, o governador os mandou enforcar com o pretesto de terem fugido para não pelejarem contra os Portuguezes. Da nossa parte ficaram 4 mortos e 5 feridos. Manoel de Carvalho se retirou ao quartel general com um bom fornecimento de farinhas.

Depois de mais alguns sucessos menores, sabendo Antonio Teixeira que o forte de Itapicurú estava dezerto, passou a elle com suas tropas no mez d'Outubro. Dali destacou 30 soldados guiados do valerozo indio Sebastião com ordem de penetrarem toda a ilha do Maranhão, e lançarem o fogo a todos os frutos mais vizinhos da cidade,

que podessem servir de proveito aos Olandezes; e lograda com felicidade esta ostilidade, passou Teixeira de Mello á mesma ilha.

§ 3. El-rei D. João IV, tendo noticia da invazão dos Olandezes no Maranhão, e dos eroicos esforços de seos moradores para sacudirem o jugo inimigo, nomeou para general do mesmo estado a Pedro d'Albuquerque, fidalgo da caza real, e expedio as ordens necessarias para que saisse com socorro para o seo governo. Pedro d'Albuquerque sahio de Lisboa a 29 d'Abril de 1643 com mais de 100 soldados e um bom fornecimento de munições de guerra; e avistando a ilha do Maranhão a 13 de Junho com o intento de atrair alguma pessoa que o informasse do estado da cidade de São-Luiz, fez desparar aquella artilharia, cujo éco obrigou Antonio Teixeira á acertada expedição das ordens, que malogrou João da Paz, como acima se refere.

§ 4. Não podendo conseguir o que dezejava, se dirigio Pedro d'Albuquerque á barra do Pará, mas infelizmente naufragou junto d'ella a 30 de Junho. Dos poucos que salvaram a vida foi um d'elles Pedro de Albuquerque, o qual passou logo á ilha do Sol, e d'esta a Belém, onde tomou posse do governo do estado a 13 de Julho, e apezar de sua pouca saúde enviou logo socorros a Antonio Teixeira.

Conhecendo porem que as suas molestias se aumentavam, nomeou a Feliciano Correia para seo sucessor, e para adjunto d'este a Francisco Coelho de Carvalho, sargento-mór do estado. Dadas estas providencias, cuidou só no negocio da sua salvação, e acabou a vida na referida cidade a 6 de Fevereiro de 1644 com grande sentimento de seos subditos.

§ 5. Tudo isto ignorava Antonio Teixeira na ilha do Maranhão; elle só cuidava em perseguir os seos inimigos, os quaes apenas sahiam da cidade, cahiam nas emboscadas portuguezas. Ainda mesmo depois de receber a triste noticia da morte de Pedro de Albuquerque, continuou Antonio Teixeira as ostilidades com grande calor. Os Olandezes, vendo-se no ultimo apuro, tomaram um

navio portuguez, que tinha arribado a Araçagi, e n'elle e em outros 3 mais fugiram todos (500 soldados e 80 indios) para a capitania de Pernambuco no dia 28 de Fevereiro.

CAPITULO XII

Antonio Teixeira deMello toma posse da cidade. Procedimento dos Olandezes com os indios do Ceará, e vingança d'estes. Xegam ao Maranhão socorros de Portugal. Fundação do convento do Carmo em Tapuitapèra. Francisco Coelho de Carvalho toma posse do governo do estado, e nomeia capitão-mór para o Pará. As dissenções do Pará xamam Francisco Coelho a Belém, onde morre. Prizão de Antonio Figueira Durão. Luiz de Magalhães toma posse do governo do estado, e suspende o capitão-mór do Pará. Divizão do estado do Maranhão. Baltazar Pereira toma posse do governo do Maranhão.

§ 1. Sabida a noticia da fuga dos inimigos, passou logo Antonio Teixeira de Mello á cidade. Ella se axava toda desfigurada, porque os Olandezes deram pasto á sua vingança nos objétos insenciveis; quiçá para ocultarem melhor as sepulturas de 1.500 camaradas, que ali deixavam enterrados. Mas que alegria não ocuparia então os Maranhenses, vendo-se livres de seos inimigos! E que verdes louros não deviam enramar as victoriozas frontes *d'aquelles poucos*, vencedores de muitos! Oh! Patria, onra estes filhos valorozos! Oh! Historia, embalsama em teos annaes as suas eroicas ações!...

Tinham os Olandezes xamado ao Maranhão para seo socorro muitos indios da costa do Ceará até o rio Camocim, que já lhes obedeciam (*). Mais de 50 d'estes mizeraveis perderam a vida batalhando contra os Portuguezes e os poucos que restavam tiveram o premio de serem lançados nas dezertas praias do referido rio.

Ofendidos os indios d'esta ingratidão, atacaram logo um forte olandez, que existia nas mesmas praias e mataram a sua guarnição; o mesmo executaram em outro forte,

(*) O Camocim dezagua 7 leguas ao poente de Jericoácoára.

que distava d'este 10 legoas. Daqui passaram ao Ceará, tomaram a fortaleza por assalto ; e dos Olandezes que a guarneciam, uns foram mortos, outros prizioneiros. De todos estes sucessos avízaram logo os indios a Antonio Teixeira que, cuidadozamente mandou guarnecer aquelles prezidios. E depois informou de tudo a corte de Lisboa pelo capitão de infantaria João Vasco.

§ 2. Xegaram no mesmo anno á cidade de São-Luiz socorros, vindos de Lisboa, e igualmente Francisco Barradas de Mendonça, que foi o primeiro baxarel despaxado para o estado do Maranhão por ouvidor geral. Porém foi tão máo o seo comportamento, que uma ordem régia o depôz da sua autoridade. No anno seguinte (1645) fundaram os carmelitas o seo convento de Tapuitapéra.

Restaurado o Maranhão ficou Antonio Teixeira governando esta capitania, e Feliciano Correia a do Pará, até o dia 17 de Julho de 1646, em que tomou posse do governo do estado Francisco Coelho de Carvalho, o Sardo (referido já nos cap. 7 e 11), cujo acto, talvez por ser já morto Antonio Teixeira, se celebrou só com a assistencia da camara da cidade de São-Luiz, em cujas mãos este governador deo tambem omenagem, por despozição de sua patente. Francisco Coelho nomeou logo o capitão Paulo Soares de Avelar para capitão-mor do Pará, que tomou posse de seo governo a 28 de Julho.

A este sucedeo em breve tempo, por patente regia, Sebastião Lucena de Azevedo.

§ 3. As dissensões, que em 1647 se levantaram entre Sebastião Lucena e seos subditos, xamaram Francisco Coelho ao Pará, onde dezejou valer a Sebastião Lucena ; mas não podendo, fez devassas sobre elle e o mandou retirar para a aldeia do Gurupi; com o que ficou socegado o povo do Pará. A Sebastião Lucena sucedeo no governo Aires de Souza Xixorro por patente de 10 de Janeiro de 1648.

Francisco Coelho, quando sahio do Maranhão, encarregou esta capitania com patente de capitão-mor ao provedor mór da fazenda real Manoel Pita da Veiga. E lembrando-se agora dos sucessos acontecidos depois da morte de seo tio, primeiro general do estado, pela intruzão de

Jacomo Raimundo de Noronha, acrecentou na patente de Aires de Xixorro, que em similhante cazo os dois capitães mores ficariam governando independentes nas suas capitanias até a rezolução do ministerio de Portugal, ao qual daria conta com a possivel brevidade. Depois d'esta dispozição, aumentando-se cada vez mais as molestias de Francisco de Carvalho, morreo finalmente na cidade de Belém, e foi sepultado á porta da igreja do convento de Santo Antonio, como elle mesmo tinha determinado.

§ 4. O máo procedimento do ouvidor geral do estado Antonio Figueira Durão obrigou a Pita da Veiga a mandal-o carregado de ferros para o forte de Itapicurú. Pita da Veiga e Aires de Xixorro por morte de Sardo foram governando independentes até o dia 17 de Fevereiro de 1649, em que na cidade de São Luiz tomou posse do governo do estado Luiz de Magalhães, fidalgo da caza real, comendador de Santiago de Cunha, e ex-governador de Caxeo.

No Pará tambem a 17 de Julho tomou posse de capitão-mór por patente régia Ignacio do Rego Barreto; porém o seo máo porte obrigou a Luiz de Magalhães a depol-o e nomear em seo lugar a Aires de Souza Xixorro, que reentrou a governar a 19 de Junho de 1650.

§ 5. El-rei D. João IV, dando ouvidos ás apaixonadas reprezentações dos moradores do estado do Maranhão, suprimio o governo geral d'elle, e a 25 de Fevereiro de 1652 o dividio nas duas principaes capitanias Maranhão, e Pará com jurisdição independente uma da outra, como declarou nas patentes de seos capitães-mores.

Para a do Maranhão foi nomeado Baltazar de Souza Pereira, professo na ordem de Christo, o qual tomou posse do seo governo na cidade de São-Luiz a 17 de Novembro. Os Maranhenses o receberam com grande alvoroço, esperando um feliz governo d'aquelle que com tanta distinção tinha servido na guerra contra Castéla; mas brevemente sucedeo o odio ao amor; pois tal é a inconstancia do mundo.

CAPITULO XIII

Dissenções entre Baltazar Peireira e o povo. Partem comissarios das duas capitanias para Lisboa e voltam satisfeitos. Estabelecimento dos jezuitas no Parà. Reunem-se em estado as duas capitanias; toma posse d'elle André Vidal de Negreiros. Antonio Vieira xega de Lisboa com a reforma da lei de 1653, e é bem recebido. Faz André Vidal de Negreiros uma viagem ao Pará; é nomeado general de Pernambuco, para onde parte, depois de encarregar o governo do estado do Maranhão a Agostinho Correia, que o entrega a Pedro ds Mello. Mercenarios no Maranhão.

§ 1. Baltazar Pereira, em cumprimento ás ordens que trouxe, intentou logo pôr em liberdade todos os indios, que tivessem o nome de escravos.

O povo do Maranhão se comoveo de tal sorte com esta novidade, tão oposta aos seos interesses, que se apossou logo da praça d'armas da cidade. Baltazar Pereira, depois de assestar contra os sediciozos a artilharia, que os flanqueava, marxou para elles com a infantaria em ton de guerra, porém ouvindo maduros conselhos se retirou sem nada obrar.

Os jezuitas (aos quaes os sediciozos imputavam a cauza da comoção nas negociações da nova lei de liberdade dos indios) quizeram pacificar o povo, mas não puderam. A final conveio-se em que se recorresse a el-rei. Estipuladas as condições, expedio o povo os seos comissarios, e Baltazar Pereira tambem deo parte de todos estes sucessos. O povo do Pará tinha imitado o do Maranhão; e por isso tanto que os referidos comissarios xegam a Belem, se reunio a elles o reprezentante d'esta cidade o capitão Manoel Guedes Aranha, e partiram todos para Lisboa nos principios do anno de 1653. N'este mesmo anno se estabeleceram os jezuitas no Pará por diligencias do

padre Antonio Vieira, que tinha xegado ao Maranhão em Fevereiro, vindo de Lisboa. (1)

§ 2. No seguinte anno voltaram de Lisboa os procuradores das duas capitanias muito contentes, por terem alcançado a lei 17 de Outubro de 1653, que permitia o cativeiro dos indios, debaixo de certas clauzulas (2); com esta rezolução ficou tudo socegado.

El-rei D. João IV, considerando os grandes males que tinha cauzado a divizão do estado do Maranhão, e que as reprezentações de seos moradores para a conseguir foram filhas do orgulho da antiga liberdade, que os governadores reprimiam, e não das vexações d'estes, reunio as duas capitanias, e nomeou para general do estado André Vidal de Negreiros, fidalgo da caza real, comendador de São-Pedro do Sul, e alcaide-mór de Marialva e Moreira, homem de grande valor na guerra de Pernambuco contra os Olandezes.

Vidal de Negreiros xegou á cidade de São-Luiza 11 de Maio de 1655, e no mesmo dia lhe entregou Baltazar Pereira o governo.

§ 3. Como os jezuitas não poderam sofrer a lei que permitia o cativeiro dos indios, para alcançar a reforma d'ella partio ocultamente para Lisboa, em Junho de 1654, Antonio Vieira, superior dos mesmos (3). El-rei, vendo-se perplexo sobre as propostas d'este sabio e zelozo missionario, e o alegado dos procuradores do Pará em Lisboa; afim de proceder com rectidão em tão importante negocio, nomeou para a decizão d'elle uma junta de pessoas respeitaveis e literatas, prezidida por D. Raimundo de Lancastre, duque d'Aveiro. Esta junta, ouvindo ambas as

---

(1) Antonio Vieira, natural de Lisboa, passou com seos pais á Bahia em 1615, tendo quazi 8 annos de idade; e ali abraçou depois o estado jezuitico. Este eróe fez abalizados serviços á patria não só na Europa, mas tambem nas terras do Maranhão e Pará, onde elle com zelo incansavel se ocupou na reforma dos máos christãos, e na conversão dos gentios, especialmente dos Nheengahibas de Marajó. Morreo na Bahia em 1697. Veja-se a vida do padre Antonio Vieira por André de Barros, a qual a respeito do estado do Maranhão é bastante inexacta.

(2) Podem ver-se na obra de Bernardo Pereira de Berredo, pag. 421.

(3) Tendo nas vesperas (em um sermão alegorico) repreendido os peixes, e indirectamente os Maranhenses. *Veja-se o sermão* 13º. da parte 2ª.

partes, deliberou com sabedoria (1) e el-rei, seguindo o seo parecer, pela provizão de 9 d'Abril de 1655, restringio a dita lei com tão sabias providencias, que, xegando Antonio Vieira com esta provizão á cidade de São-Luiz a 17 de Maio, todos ficaram satisfeitos; e a camara o foi cumprimentar, e lhe rendeo graças pelos beneficios que tinha conseguido para o povo.

André Vidal de Negreiros, demorando-se 3 mezes no Maranhão, passou ao Pará, e xegando a Salinas fez levantar n'aquelle sitio uma atalaia com uma peça de artilharia para fazer sinal ás embarcações afim de que, sabendo ellas onde se axavam, entrassem á barra com resguardo da Tigioca e outros perigos. E dando mais algumas providencias n'quella capitania, voltou para o Maranhão, e xegou a São-Luiz nos principios do anno 1656.

Sendo porem nomeado general de Pernambuco, partio por terra para aquella capitania, depois de encarregar a 23 de Setembro o governo do estado do Maranhão ao sargento-mór Agostinho Correia, um dos nobres moradores que sustentaram a guerra contra os Olandezes.

§ 4. A rainha regente do reino (por morte de D. João IV) nomeou para governador do estado do Maranhão o capitão D. Pedro de Mello, comendador da ordem de Christo, o qual tomou posse do governo a 16 de Junho de 1658.

Com este veio de Lisboa Marçal Nunes da Costa, nomeado capitão-mór do Pará, para onde logo partio.

N'este mesmo anno fundaram convento em Alcantara os 2 religiozos de Nossa Senhora das Mercês, frei Marcos da Natividade, natural do Pará (o qual tambem fundou o de São-Luiz) (2) frei João da Silveira, natural da mesma

---

(1) Esta Junta, denominada das missões, ficou depois permanente por indicação de Antonio Vieira, tendo as suas sessões em S. Roque. Passados annos houve tambem no estado do Maranhão— *Junta das missões*, na qual se decidia tudo o que pertencia ás missões.

(2) Dizem, que fora fundado depois do de Alcantara; outros que o da cidade fora fundado em 1654.

vila d'Alcantara ou Tapuitapéra, o qual foi o primeiro missionario, que á custa do proprio sangue converteo a fé catolica os bravos Bocas e Engahibas.(*)

CAPITULO XIV

Procedimento dos moradores do estado do Maranhão contra os jezuitas; são estes prezos e remetidos para Lisboa. Toma Rui de Siqueira posse do governo do estado. Procedimento dos sediciozos cont a este. Continuam as sedições no Pará. Perdão geral e sabias ordens de Rui de Siqueira. Soltura dos jezuitas do Pará; faz Rui de Squeira uma viagem a esta capitania. Nova lei que prohibe aos missionarios a jurisdição temporal nos indios, e dá outras providencias.

§ 1 A camara do Pará, vendo que o povo se queixava da falta de braços para a lavoura, fez reprezentações ao padre Antonio Vieira para que cedesse da administração temporal das aldeias dos indios, em que tinha missões; e como Antonio Vieira não assentisse, enviou logo a dita camara um procurador á côrte e outro ao governador Pedro de Mello com os mesmos requerimentos. Tanto que o referido procurador xegou á cidade de São-Luiz, de tal sorte se comoveo o povo que lançou fóra do colegio os jezuitas, e obrigou logo a Ricardo Caceres, superior dos mesmos, a dezistir em acto da camara da mencionada administração. Pedro de Mello, não tendo forças para conter os sediciozos, deo parte á côrte; e escreveo á camara do Pará, que tivesse cuidado no socego do povo para que não imitasse o de São-Luiz. Porém, apezar d'estas providencias,

---

(*) A 20 de Abril de 1690 dezampararam os mercenarios o seo convento d'Alcantara, por que el-rei, não sei porque cauza, o mandou demolir. Porém em 1696 a 3 d'Agosto fôi restituido por ordem de D. Pedro II, como consta da carta régia, escrita a frei Teodoro Viegas, primeiro missionario dos rios Urubú e Rio-Negro. (Archivo do referido convento).

foi prezo Antonio Vieira a 17 de Julho de 1661 e remetido para o Maranhão. (1)

§ 2. O povo de São-Luiz recebeo Antonio Vieira, e com os outros jezuitas o remeteo em uma embarcação para Lisboa; e escreveo logo ao Pará afim de que fizessem o mesmo aos jezuitas d'aquella capitania. Antonio Vieira, xegando a Lisboa, se queixou (tanto em particular como em publico (2) do procedimento dos moradores do estado do Maranhão; e a rainha se escandelizou tanto d'estes atentados que, apezar de se axar entre as opressões da guerra, intentou enviar forças para os castigar; porém seguindo o conselho dos ministros principaes, mudou de parecer. Os jezuitas voltaram, passado tempo, para o Maranhão, excepto Antonio Vieira, que ficou em Lisboa para com seos conselhos ajudar a rainha no espinhozo negocio da entrega do governo a el-rei, seo filho, que, depois de tomar posse, degradou Antonio Vieira para o seo colegio do Porto.

§ 3. Rui Vas de Siqueira, comendador de São Vicente da Beira, nomeado governador do estado do Maranhão, sahio de Lisboa a 8 de Fevereiro de 1662, e xegando á cidade de São-Luiz, tomou posse do governo a 26 de Março seguinte. Os sediciozos o obrigaram no acto de sua posse a assinar um termo, *de que não trazia ordem, que favorecesse os jezuitas, e que, mostrando-a, se não cumpriria:* ao que Rui de Siqueira assentio para evitar maiores males. A rainha tinha premiado Rui de Siqueira com este governo por ter servido á patria com valor, depois da aclamação, assim como o tinha feito antes d'ella na praça

---

(1) Admira, que o povo nunca se levantasse contra os missionarios de outras ordens, clamando elles como os jezuitas contra o cativeiro dos indios! Talvez seria porque nunca os considerou tão poderozos contra os seos interesses. Não falta porém quem diga, que os outros missionarios, por uma especie de antipatia com os jezuitas, favoreciam em parte os projétos do povo.

(2) Pregando Antonio Vieira a 6 de Janeiro de 1662 na capéla real em prezença da rainha, e referindo a primeira conversão da gentilidade, tomou daqui ocazião para reprezentar o mal que fazia aos indios, e as injurias que sofriam os missionarios mostrando tambem que a prezente perseguição nacera do Pará, dizendo : «Levantou o demonio este fumo ou soprou este incendio entre as palhas de quatro xoupanas que com o nome de cidade de Belem poderam ser patria do Anti-Christo.» Parte 4.ª dos seos sermões, pag. 491.

de soldado; e elle dezempenhou no Maranhão o conceito, que se fazia de sua pessoa. No Pará tomou posse de capitão-mór Francisco de Seixas com patente régia.

Rui de Siqueira, depois de tomar por industria ascendencia sobre os moradores do Maranhão, expedio ordem ao Pará, afim de que fossem soltos os jezuitas. E para lograr melhor o seo intento publicou um perdão geral a favor de todos os revolucionarios até aquella óra, cominando gravissimas penas contra a reincidencia. Este perdão, depois de publicado no Maranhão, xegou ao Pará a 18 de Julho; e sendo recebido com grandes aplauzos, foram soltos os jezuitas, e restituidos ao seo colegio.

E logo os povos do estado do Maranhão pediram á rainha a confirmação d'este perdão.

§ 4. Rui de Siqueira, para acudir ás necessidades do Pará, partio para aquella capitania; e xegando a Belém a 7 de Setembro de 1663, foi tão solenizada a sua xegada que até foi recebido da camara debaixo do palio. Dadas as providencias necessarias, voltou Rui de Siqueira para São-Luiz, onde xegou a 10 de Fevereiro de 1664. N'este tempo apareceo no Maranhão o procurador d'esta capitania em Lisbôa, o qual não só tinha alcançado de D. Afonso VI a confirmação do referido perdão, mas tambem a lei de 12 de Setembro de 1663, que em substancia é a seguinte:

« Eu el-rei... Hei por bem declarar, que assim os religiozos da companhia, como os de outra qualquer religião, não tenham jurisdição alguma temporal sobre o governo dos indios; e que a espiritual a tenham tambem os mais religiozos, que assistem n'aquelle estado (*), por ser justo, que todos sejam obreiros da vinha do Senhor; e que o prelado ordinario, com os das religiões, possam escolher religiozos d'ellas, que mais suficientes lhes parecerem, encomendando-lhes as paroquias, e a cura das almas do gentio d'aquellas aldeias, os quaes poderão ser removidos todas as vezes que parecer conveniente; e que nenhuma religião possa ter

(*) Do Maranhão.

aldeias de indios fôrros de administração; os quaes no temporal poderão ser governados pelos seos principaes, que houverem em cada aldeia; e quando haja queixas d'elles, cauzadas dos mesmos indios, as poderão fazer aos meos governadores e ministros de justiças d'aquelle estado, como o fazem os mais vassalos d'elle e no particular das indias, em ordem a se poderem servir d'elles moradores se deve praticar n'isto o exemplo dos orfãos d'este reino, e o que dispõe as ordenações, pois não sendo o risco menor da onestidade que o das indias, não deve haver diferença no serviço e que a repartição dos indios, para ser ajustada como convém, se siga a ordem comun; de que as camaras d'aquelle estado no principio de cada anno elejam um repartidor, para saber os indios, que cada morador ha de mister (1); e o paroco para apontar aquelles, que devem servir, observando-se no pagamento d'elles o que dispõe o regimento dos governadores no capitulo 448; e que elejam um religiozo da religião, a que tocar por turno, a quem encomendem, que o cabo da escolta, que será sempre nomeado pela camara, faça as entradas no certão do resgate (2), quando as mesmas camaras as requererem, e forem necessarias; com tanto que o dito religiozo, nem para si nem para a sua religião possa fazer escravos, nem sejam seos nem da religião, por espaço de um anno, os que em cada entrada se resgatarem; fazendo-o, ficarão perdidos os taes escravos, a metade para o denunciante e a outra para a minha fazenda e o cabo da escolta governadores e capitães móres, mais ministros, e oficiaes do dito estado serão advertidos, que em nenhuma maneira

---

(1) Para a sua lavoura.

(2) Os indios engordavão os prizioneiros em curraes, para depois os comerem. Porém estes selvagens prizioneiros muitas vezes eram resgatados das mãos de seos inimigos, por intervenção dos missionarios, a troco de certos generos e transportados para as povoações christães aumentavam o numero de seos habitantes, na condição de escravos.

Em um resgate exceptuaram os gentios uma filha de um cacique e vendo esta moça, que, apezar da repugnancia dos indios, ainda se fazia força para a resgatar, respondia do curral, em que se achava: « *Não importa, que elles me comam; pois eu já tambem comi os seos parentes.*» Veja-se a nota do cap. IV.

mandem fazer os ditos resgates para si, sob pena de mais de se lhes dar em culpa nas suas rezidencias, si proceder contra elles com todo o rigor da justiça,

Hei outro sim por bem que se guarde a ultima lei do anno de 655, e o regimento dos governadores, e que os ditos religiozos da companhia possam continuar n'aquella missão na forma que fica referida, excepto o padre Antonio Vieira, por não convir ao meo serviço, que torne á aquelle estado...

Hei por bem declarar, que as igrejas parochiaes, que os religiozos da companhia de Jezus fundaram no Maranhão, com sua despeza, ou com sua industria, de que estavam de posse, quando foram expulsos d'aquelle estado, se lhes restituam e as possam possuir, e pela reprezentação, que nas ditas igrejas posso fazer como grão-mestre que sou da ordem de Christo, e hei assim por bem pela satisfação, que tenho do seo bom procedimento, e do zelo que tem do serviço de Deos, e bem das almas daquella gentilidade ...»

CAPITULO XV

Suspende-se a publicação da lei; é aceita no Pará. Desordens no Pará. Antonio d'Albuquerque Coelho de Carvalho toma posse do governo do estado, precedimento d'este para com Rui de Siqueira. Publica-se a lei com algumas modificações. Novas dezordens no Pará. Pedro de Menezes toma posse do governo do estado; procedimento d'este para com Coelho do Carvalho.

§ 1. Não ficaram ainda contentes os moradores do Maranhão com a lei referida, e por isso se suspendeo a publicação d'ella, até novas reprezentações, com o pretesto de que em muitos pontos diferia da tenção do monarca. Rui de Siqueira, que por ella se julgava muito ofendido nos seos interesses e regalias do ministerio, era o que mais apoiava esta opinião. A camara lhe reprezentou, que para se tomarem com acordo as ultimas medidas, se deviam xamar procuradores do Pará. Rui de Siqueira enviou para isto

as ordens necessarias a aquella capitania, juntamente com a confirmação do perdão e cópia da mesma lei. Os moradores do Pará, transportados d'alegria pela confirmação do perdão, aceitaram totalmente a mencionada lei; e o procurador da camara, em nome do povo, protestou, que não consentia em replica alguma.

Rui de Siqueira, mal satisfeito com este procedimento, lhe deo o titulo de dezobediencia, reprehendeo por escrito a camara, e tardando os procuradores, passou a Belém, onde com grande politica aceitou as desculpas da camara; e culpando só ao capitão-mor Baltazar de Seixas de ter fomentado a dezobediencia ás suas ordens, o depoz do governo da capitania, elegendo em seo logar a Feliciano Correia em 5 de Junho de 1665.

Dadas estas e outras providencias, voltou Rui de Siqueira para o Maranhão; porem logo se levantaram novas dezordens no Pará por cauza do embargo da lei.

§ 2. No dia 22 de Junho de 1667 na cidade de São-Luiz tomou posse do governo do estado do Maranhão Antonio d'Albuquerque Coelho de Carvalho (filho do primeiro general do mesmo estado) comendador de Santa Maria de Ceia, e de São-Martinho das Moutas, e donatario de Cametá e Tapuitapéra. Coelho de Carvalho principiou logo a estranhar as ações de seo antecessor Rui de Siqueira, que, temendo maiores ofensas, embarcou logo, e da barra mandou dizer a Coelho de Carvalho, que o esperava em Lisboa.

Coelho de Carvalho trazia a ratificação da lei em questão, que só se alterou «que na repartição dos indios das aldeias não interviessem os seos missionarios; e que os repartidores fossem sempre os juizes ordinarios.» Com esta excepção a receberam os povos do estado.

§ 3. Nos principios de Outubro de 1668, xegou Coelho de Carvalho a Belém; e dadas ali algumas providencias se recolheo a São-Luiz nos fins de Dezembro. Era este governador de genio aspero, e cuidava mais de seos interesses que nos publicos; o que cauzou grandes comoções especialmente no Pará. A camara d'esta capitania não só fez d'isto reprezentações á corte e queixas

petulantes ao mesmo Coelho de Carvalho, mas tambem obrou outras couzas alheias á sua jurisdição.

§ 4. Logo que esta camara acabou a sua administração, partio Coelho de Carvalho, nos principios de 1671 arrebatadamente para o Pará, afim de pedir satisfação aos seos ofensores. Porem ainda que entrou em Belém de noite com toda a cautela, fugiram os cumplices para o certão : elle os seguio por espaço de 8 dias até Gurupá; porem não popendo lograr o seo intento, se retirou para São-Luiz. Aqui deo posse a 9 de Junho ao seo sucessor Pedro Cezar de Menezes, fidalgo illustre, que em varios postos tinha servido 14 annos na formidavel guerra da aclamação de Portugal. Pedro de Menezes, que dezejava tomar uma politica satisfação das ofensas feitas ao seo grande amigo Rui de Siqueira, cortejou ou fez cortejar a Coelho de Carvalho com muito grandes venerações, e estranhando-as este como excessivas, Pedro de Menezes publicamente lhe respondeo, que d'aquella sorte se devia proceder com os antecessores. Coelho de Carvalho, não tendo prudencia para dissimular, passou logo para bórdo da embarcação, em que viajou para Portugal.

CAPITULO XVI

Pedro de Menezes fez uma viagem ao Pará, e muda para ali a sua rezidencia Inquietações no Pará e prizão dos camaristas. Ignacio Coelho da Silva toma posse do governo do estado ; rezidencia d'este no Pará. Guerra com os Tarambazes. D. Gregorio dos Anjos toma posse do governo do estado. Companhia de comercio. Edifica-se uma defensa no Itapicurú.

§ 1. Dezembaraçado Pedro de Menezes dos negocios do Maranhão, passou a Belém, onde foi recebido com as solenidades do costume a 15 de Fevereiro de 1672, e demorando-se aqui algum tempo se recolheo á cidade de São-Luiz em Maio.

N'esta capitania se deteve até Junho de 1673, em que mudou a sua rezidencia para o Pará, aonde depois da sua xegada se levantaram novas inquietações no povo e camara; o que obrigou o governador a remeter dois membros d'ella prezos para Lisboa. Em São-Luiz sucedeo

a Pedro de Menezes no governo em 17 de Fevereiro de 1678 IgnacioCoelho da Silva, ex-capitão mór da Parahiba, o qual, sendo capitão de couraças, se destinguio na batalha de Montes-Claros.

Coelho da Silva, depois de se demorar alguns mezes no Maranhão, entregou o governo d'esta capitania a Vital Maciel Parente (filho natural do celebrado Bento Maciel) com a patente de capitão-mór, e mudou a sua rezidencia para o Pará, onde Pedro de Menezes lhe deo nova posse a 20 de Julho.

§ 2. Nas praias da Tutoia e suas vizinhanças abitavam os Tarambazes, gentios de corso.

E como eram tão grandes nadadores, que com facilidade atravessavam muitas legoas d'agua, e se conservavam debaixo d'ella por largo espaço, tanto que algum navio fundeava na costa, lhe picavam de noite a amarra, sem que fossem vistos; e si por acazo este navio dava á costa, se aproveitavam da carga, e comiam os infelizes naufragantes. Na sua viagem para o Maranhão se vio Coelho Silva ameaçado d'este perigo, que evitou fazendo disparar alguns tiros de peça sobre aquelles barbaros; com o que morreram alguns d'elles. Para castigar esta nação, e atalhar o comercio que ella fazia com alguns navios estrangeiros (vendendo-lhes não só ambar (*) mas tambem violete e outras madeiras finas) expedio Coelho da Silva desde o Pará apertadas ordens e alguma infantaria ao capitão mór do Maranhão para que passasse a fazer-lhes guerra.

§ 3. Maciel Parente sahio da barra do Maranhão em Abril de 1679 com 150 soldados e 500 indios, tudo em 30 canôas e um barco grande e xegando á Tutoia perseguio os Tarambazes por mar e por terra, e fez n'elles o mais fatal destroço sem distinção de sexo ou idade. E tendo perdido só 4 pessoas, que, antes de xegar toda a

(*) Ambar, especie de droga aromatica. Entre as muitas opiniões, que temos a respeito do que seja o ambar, dizem alguns, que elle é uma especie de planta, que nace no fundo do mar, onde a baleia a come, e depois vomita nas praias, aonde aparece. Parece, que os Tupinambás acreditavam, que o ambar era o escremento da baleia ou de outro peixe grande; pois lhe xamavam *pïrá-ocu-repoti*.

expedição, tinham desacauteladamente saltado em terra, se recolheo Vital Maciel Parente a São-Luiz.

§ 4. N'esta cidade entrou em Junho o primeiro bispo do estado do Maranhão (erecto em bispado por Innocencio XI em 1676 a instancias d'el-rei D. Pedro II), D. Gregorio dos Anjos, da congregação de S. João Evangelista. D'aqui passou á cidade de Belém, onde fez a sua entrada publica a 31 de Julho de 1680.

A 27 de Maio de 1682 tomou posse do governo do Maranhão, na cidade de São-Luiz o doutor Francisco Sá de Menezes.

§ 5. O ministro de Portugal, persuadido de que para adiantar os interesses do estado do Maranhão era necessario uma companhia de comercio excluzivo, ajustou um assento com Pedro Alvares Caldas e outros grandes negociantes; por termo de 12 annos só esta companhia podia negociar em fazendas do paiz de Portugal e negros d'Africa.

Francisco de Sá de Menezes a estabeleceo na cidade de São-Luiz, sem contradição dos seos moradores, que não ponderaram logo quanto ella se opunha aos seos interesses.

Para divertir os animos d'estes mandou alargar mais a povoação de Itapicurú; e para segurar as utilidades, que prometiam as margens d'este rio, fez levantar, em distancia de 12 leguas acima da sua boca, uma caza forte com a invocação do Sant · Christo da serra de Semide, no sitio onde já existia alguma especie de defensa. Esta caza servia como de praça para defender os lavradores do gentio de corso; e tambem talvez fosse a origem da vila do Itapicurú-mirim.

CAPITULO XVII

Queixas dos Maranhenses por cauza do estabelecimento da companhia do comercio; é esta estabelecida no Pará; comove-se o povo contra ella e contra os jezuitas. Sublevação da cidade de São-Luiz e suas consequencias.

§ 1. O governador, voltando do Itapicurú para a cidade, ouvio muitas queixas contra o estabelecimento da

companhia do comercio, as quaes elle sufocou com muita destreza; e depois de demorar-se aqui alguns mezes, encarregou o governo d'esta capitania ao sargento-mór do estado Baltazar Fernandes com patente de capitão-mór, e passou ao Pará, aonde estabeleceo a referida companhia. O rumor do povo do Maranhão foi tomando tanto corpo, que já no principio de 1684 se axava a cidade de São-Luiz em perigo de comoção; e Baltazar Fernandes nenhumas providencias dava.

Francisco de Sá de Menezes tambem se fazia insensivel aos continuos avizos; e julgando que as suas amiudadas ficções de dispozição de viagem para o Maranhão bastariam para conter este povo em obediencia, vivia muito socegado no Pará.

§ 2. Manoel Beckman, Lisbonense, que observava estes accidentes, e via ao mesmo tempo o povo oposto aos jezuitas por cauza do serviço dos indios, de que elle tambem necessitava para o seo engenho d'assucar do Mearim, passou a este rio a procurar sequazes para a comoção dos povos. Aqui enviando dentro de queijos de vaca avizos de uma para outra parte, adquirio grande partido e voltou á cidade para dar mais calor aos seos projétos. Francisco Teixeira de Moraes, provedor da fazenda real da capitania, tendo noticia da forjada sublevação, entendeo impedil-a, mas não pôde, e Baltazar Fernandes estava insensivel. Os sediciozos se juntaram pela meia-noite na cerca do convento de Santo Antonio (então ainda fóra da cidade), entrando n'ella por uma bréxa que o tempo havia féito no seo muro.

Depois de varios debates pró e contra, concordaram todos com Manoel Beckman, e saindo pela mesma rotura do muro, entraram já nas vizinhanças d'aurora na cidade, fizeram grandes insultos aos anti-sediciozos, prenderam o capitão-mór Baltazar Fernandes, dando-lhes sua caza por omenagem e entregando-o á sua propria mulher com obrigação de fiel carcereira: em uma palavra tudo se vendeo a Manoel Beckman, comandante dos sediciozos. Dados estes passos, formou elle no adro da sé uma junta à que xamou dos trez estados: pelo ecleziastico figuravam o vigario geral Ignacio da Fonseca Silva e frei Ignacio

d'Assumpção, ex-vigario provincial da ordem carmelitana no estado do Maranhão; pela nobreza o mesmo Manoel Beckman e Eugenio Ribeiro Maranhão; pelo povo os seos dois misteres Francisco Dias Deiró e Belxior Gonçalves.

§ 3. Esta junta passou a uma caza vizinha da sé, aonde por ordem sua se publicaram algumas dispozições (denominadas do governor Sá de Menezes e do capitão-mór Belxior Fernandes) com a expulsão dos jezuitas e abolição da companhia de commercio. O povo aplaudio com os gritos do costume e nomeou para seos especiaes procuradores a Eugenio Ribeiro e Manoel Beckman.

Estes foram logo anunciar á camara que esperava no seo tribunal a rezolução da junta e prizão de Baltazar Fernandes, de Manoel Campelo, juiz de orfãos, e de Antonio de Souza Soeiro, e tudo foi aprovado e aplaudido.

Daqui passou Manoel Beckman ao colegio dos jezuitas e lhes fez intimar o seo exterminio de todo o estado do Maranhão e a recluzão no mesmo colegio com separação do povo, até o seo embarque. Intentaram roubar a caza da companhia de comercio; mas depois se contentaram com fexar-lhes as portas. Afinal entraram unidos na igreja, onde se entoou o sagrado himno em ação de graças pela felicidade de tantas desordens. Assim se passou o dia 25 de Fevereiro, que a devoção tinha destinado para a procissão dos passos de Jezus Christo!

João de Souza Castro, Manoel Coitinho de Freitas e Tomaz Beckman, irmão do comandante, foram eleitos para com a camara governarem a capitania, mas todos elles protestaram, que aceitavam obrigados do povo.

§ 4. Os moradores do Pará, sendo incitados pelos do Maranhão á mesma dezordem, os reprehendiam; e querendo Francisco de Sá de Menezes acudir em pessoa a cidade de São-Luiz, o dissuadiram do projéto. Os de Tapuitapéra, ainda que aprovaram a abolição da companhia de comercio e o ter sido tirada aos jezuitas a administração dos indios, comtudo repudiaram as altivas instancias dos sediciozos da cidade, deram parte de tudo a Francisco de Sá de Menezes e o certificaram da sua fidelidade.

CAPITULO XVIII

Partidos no Maranhão. Expulsão dos jezuitas. Francisco de Sá de Menezes envia procuradores para reduzirem os sediciozos. Gomes Freire d'Andrada por industria e valor toma posse do governo do estado. Foge Manoel Beckman. Xega Francisco de Sá de Menezes ao Maranhão.

§ 1. Principiou logo a aparecer partido entre os Maranhenses. Manoel Beckman, que os supunha fomentados pelos jezuitas, tratou do seo embarque. No domingo de Ramos sahiram estes padres pela porta do carro do seo colegio, com palmas reclinadas sobre os ombros, e escoltados do povo, foram logo metidos em duas embarcações com alguns soldados de guarnição. Fazendo-se estas á vela uma aportou em Pernambuco, e outra foi tomada dos piratas, que deitaram os jezuitas nas costas do Maranhão, donde conduzidos a cidade de São-Luiz foram prezos em uma caza particular; e d'esta passaram brevemente ao Pará.

§ 2. Xegou n'este tempo a Tapuitapéra Antonio d'Albuquerque, (filho do donatario da mesma villa), enviado por Francisco de Sá de Menezes, para reduzir os sediciozos; mas os governadores da cidade não admitiram a sua embaixada. Francisco de Sá de Menezes enviou depois a Ilario de Souza d'Azevedo com o sargento-mor do estado Miguel Bello da Costa, nomeado capitão-mor do Maranhão. Nos fins d'Agosto entraram estes na cidade, com licença dos governadores d'ella. Ilario d'Azevedo, não podendo reduzir os sediciozos, se retirou; Miguel Bello porém ficou em São-Luiz livremente.

A instancias do povo foi expedido por procurador á côrte de Lisboa Tomaz Beckman. Miguel Bello em 1685 já tinha á sua obediencia a gnarnição da praça, ao mesmo tempo que Manoel Beckman se via muito dezamparado.

§ 3. N'este estado se axava o Maranhão, quando a 13 de Maio deo fundo na barra um navio, que trazia a bordo Gomes Freire d'Andrada, nomeado governador do estado. Na sua companhia virham de Lisboa Francisco da Mota Falcão e Jacinto de Moraes Rego,

irmão do juiz ordinario da cidade de São-Luiz, que se opunha á maior parte das operações dos sediciozos, e parente da principal nobreza e dos bem intencionados da mesma cidade. Gomes Freire, valendo-se d'estas circunstancias e da capacidade de Mota Falcão e Moraes Rego, os enviou á cidade para examinarem o estado dos animos. Mota Falcão voltou logo para bordo com a certa noticia de que tudo estava socegado na esperança das bôas negociações do seo procurador Tomaz Beckman.

Na manhan do dia seguinte xegaram ao navio o procurador e escrivão da camara; e em nome de seos constituintes deram a Gomes Freire os parabens da sua feliz viagem, e lhe pediram, que demorasse o seo dezembarque, afim de se prevenir a sua entrada e reparar o palacio. Gomes Freire, que não queria perder tempo, lhes respondeo, que por cauza de suas molestias entraria n'aquella mesma tarde, e que a caza da camara seria a sua rezidencia interina.

E sabendo que Manoel Beckman, e os misteres do povo de novo o comovia para segurar antes de sua entrada o perdão geral, enviou uma escolta de 50 soldados com ordem de a todo o risco tomar terra, e encorporar-se com a guarnição da praça.

§ 4. Dadas estas providencias, se fez á vela; e os sediciozos observando a rezolução, com que Gomes Freire entrava a barra, e que sua escolta brevemente se unia á infantaria da cidade, fugiram para os matos da terra firme. Gomes Freire entrou na cidade e a camara lhe deo posse do governo a 16 de Maio sem a menor alteração do povo. Eis o valor e industria com que se portou n'esta ocazião este tenente general de cavalaria, que já contava 39 annos de serviço, nos quaes se tinha distinguido em muitas batalhas, especialmente nas de Odigebe e Ameixial. Gomes Freire mandou prender Manoel Beckman pela justiça da terra; mas esta o avizou, e elle se retirou.

A esta fuga seguio-se logo a da maior parte dos moradores da cidade, a qual o governador atalhou, mandando publicar o perdão real, em que se exceptuavam os principaes cabeças da revolução. Artur de Sá de Menezes, vindo do

Pará, xegou no dia da posse de Gomes Freire a Tapuitapéra; donde passou á São-Luiz, e foi recebido por seo sucessor com todas as atenções.

CAPITULO XIX

Devassa-se dos sediciozos, e são prezos muitos: Manoel Beckman é prezo por um seo afilhado; são todos punidos. Jezuitas restituidos ao seo colegio. Companhia de comercio extinta. Artur de Sá toma posse do governo; este o entrega a Antonio d'Albuquerque. D. frei Timoteo toma posse do bispado; procedimentos d'este bispo: sofre temporalidades. Falsidades dos Caicazes. Novo procedimento do bispo; passa este a Lisboa.

§ 1. O dezembargador Manoel Vaz Nunes, vindo de Lisboa com Gomes Freire para sindicar dos sediciozos deo principio a sua comissão. Restabeleceo-se a companhia de comercio. Os jezuitas, que se axavam no Pará, foram mandados recolher ao Maranhão. Depois de prezos muitos sediciozos, prometeo Gomes Freire, com bando publico, patente de capitão da companhia da nobreza e outros prémios, a quem prendesse a Manoel Beckman; cominando ao mesmo tempo gravissimas penas contra quem o ocultasse ou ajudasse a sua fuga .

Lazaro de Melo, cidadão maranhense, mas de pouca onra, apezar de ser afilhado e antigo pupilo de Manoel Beckman, se dirigio (com o vil interesse do posto de capitão) ao Mearim, com um companheiro e alguns escravos, e prendeo ao padrinho. Vendo-se Manoel Beckman em uma canôa carregado de ferros, pedio a Lazaro de Melo, que os aliviasse d'elles ; pois lhe dava palavra de segurança de sua pessoa: d'esta se fiou o traidor tirando-lhe os ferros e Manoel Beckman a cumprio, pois podendo muitas vezes fugir, nunca o fez. Gomes Freire aborreceo a infidelidade de Lazaro de Melo, mas com dissimulação lhe mandou passar a patente de capitão da nobreza ; porem esta companhia não quiz dar-lhe posse ; e recorrendo elle a Gomes Freire para o obrigar, este se escuzou dizendo que já tinha cumprido a sua promessa na nomeação. Assim perdeo Lazaro de Melo a honra, o posto, e

depois de alguns annos a vida, enforcando-se por desgraça em um engenho, qual outro Judas. Foram afinal punidos os cabeças da sedição, mas com pena ultima só Manoel Beckman e Jorge de Sampaio.

§ 2. Pacificado o Maranhão, e restituidos os jezuitas ao seo colegio, convocou logo o governador Gomes Freire a camara do Pará, afim de que junta com a de São-Luiz mostrassem as cauzas, que faziam util ou inutil a companhia de comercio ; e axando solidos os fundamentos que a impugnavam, elle a deo por extinta ; do que ficaram todos satisfeitos, e os procuradores da camara paraense se retiraram a Belém.

Compostas as couzas do Maranhão, e encarregado o governo d'esta capitania a Baltazar de Seixas Coitinho com patente de capitão mór, passou Gomes Freire ao Pará, aonde foi recebido comgrandes aplauzos no dia 18 de Julho de 1686.

No anno seguinte a 26 de Março, xegou a cidade de São-Luiz Artur de Sá de Menezes, capitão d'infantaria e comendador das ordens de Christo e Aviz. A carta régia que o nomeava governador do estado, declarava, que não tomasse posse, em quanto Gomes Freire se não recolhesse a Portugal. Porem Artur de Sá, fingindo que a dita carta lhe tinha ficado a bordo, por descuido, tomou posse solene, sem que a camara lhe pozesse duvida. Mas fazendo-se publica a carta, Artur de Sá, envergonhado, se absteve do governo e passou ao Pará, onde Gomes Freire lhe deo posse a 14 de Junho. Em 1668 fez Artur de Sá uma viagem ao Maranhão, e se recolheo outra vez ao Pará.

Xeio de virtudes morreo na cidade de São-Luiz o bispo D. Gregorio dos Anjos a 12 de Março de 1689.

§ 3. O capitão mor do Pará Antonio d'Albuquerque (já anteriormente referido), sendo nomeado governador do estado, d'elle tomou posse a 17 de Maio de 1690. Antonio d'Albuquerque fez trez viagens ao Maranhão; e na ultima recebeo noticia que ficava reconduzido a requerimento da camara do estado. Em 1694 foi tal a falta de embarcações de Portugal que nem para o santo sacrificio da missa aparecia vinho no estado do Maranhão.

Em uma das oitavas do Espirito Santo no anno de 1697

tomou posse do bispado do estado do Maranhão D. frei Timoteo do Sacramento, eremita de S. Paulo. Este prelado entrou na vizita geral, e sem formar processos, nem admitir defeza aos seculares, ainda mesmo aos culpados no primeiro lapso de concubinato, os fez prender na cadêia publica, com exorbitantes condenações pecuniarias. Avizado d'isto Antonio d'Albuquerque, admoestou o bispo; e não querendo este obdecer, enviou para o Maranhão o ouvidor geral Mateos Dias da Costa.

§ 4. Este xegou á cidade de São-Luiz em 1698, e axando as partes queixozas das mesmas vexações, depois de terem apelado e serem providas nos juizos da corôa, de que Dias da Costa tambem era juiz, escreveo logo, a requerimento do procurador d'ella, primeira, segunda e terceira carta ao bispo, pedindo-lhe, ainda com as devidas atenções, quizesse soltar os criminozos do primeiro lapso, ou lhe remetesse os processos das culpas. O bispo não obdeceo e Dias da Costa soltou os prezos.

Pedio logo o bispo a repozição d'elles, e não sendo obedecido, declarou a Dias da Costa por excomungado: porem este a tempo apelou da declaratoria perante frei Antonio do Calvario, comissario provincial dos capuxos de S. Antonio de Portugal no Maranhão: o bispo continuou na agravação das censuras até o interdicto geral e local. Dias da Costa com o auxilio militar pôz o bispo em cerco (*); mas como os soldados pelo respeito reverencial se não atreveram a oprimil-o, passados dois dias, lhe pregou as portas. Vendo-se então o bispo d'este modo, levantou as censuras, e logo o ouvidor o cerco: a final, abertas as portas, se submeteram ambos á decizão da côrte, para onde remeteram todos os documentos; e posto tudo em socego, se retirou Dias da Costa ao Pará.

§ 5. Os Caicazes (gentios de corso) e outros seos aliados, conservando uma continuada correspondencia com os senhores de um engenho d'assucar do rio Munim, entraram em Março de 1698 na mesma fazenda com a costumada

(*) Corre tradição de que, não tendo o bispo n'este tempo quem o servisse, elle mesmo fôra buscar uma cantarinha d'agua á fonte, que desde então até agora se xamou *Fonte do Bispo*.

familiaridade, mas emquanto uns abraçavam tão fieis amigos, outros por traz lhes quebravam as cabeças; e não perdoando nem ainda a alguns parentes, que ali tinham, mataram mais de 90 pessoas de diferentas sexos e idades.

Em 1699 xegou de Portugal a rezolução das contendas de Dias da Costa com o bispo, e como ella favorecia mais a este do que aquelle, declarou o bispo interdicta a igreja do Carmo do Pará, por se axar já n'ella sepultado o dito ouvidor Dias da Costa. O prior do Carmo do Maranhão, procurador dos seos religiozos do Pará, requereo ao bispo, que levantasse o referido interdicto, e não sendo ouvido apelou para o juizo da corôa ; o bispo o declarou e a seos constituintes por incursos em uma censura papal. O prior acudio a frei Manoel de S. Boaventura, comissario provincial de S. Antonio, que tinha tomado antecipada posse de juiz conservador apostolico na catedral perante o vigario geral e outros clerigos com a devida solenidade. Frei Manoel de S. Boaventura mandou logo notificar o bispo para que dezistisse de similhantes vexações e não querendo o bispo obdecer com o pretesto de estar nula a eleição de juiz conservador, este procedeo contra elle na forma de direito até a censura de interdicto ; do que irritado o bispo declarou tambem o conservador por excomungado com o fundamento de que lhe perturbava a sua jurisdição ordinaria.

§ 6. Depois continuou o bispo na agravação das censuras até o de interdicto contra o juiz conservador e seos religiozos ; impaciente porém de não lograr o seo dezejo, arrebatadamente embarcou para Lisboa em Julho de 1700, deixando as suas ovelhas sem pastor e as consiencias embaraçadas sobre a validade das censuras, que de nenhum modo quiz levantar.

Foi questão muito debatida : « si o prior do Carmo do Maranhão, em nome de seos constituintes, devia recorrer ao juizo da corôa no cazo referido ; si o bispo ficou verdadeiramente excomungado pelo mesmo conservador; si as censuras do bispo contra este eram nulas ou não ». Esta questão xegou a ventilar-se em Coimbra.

CAPITULO XX

Antonio d'Albuquerque passa a Lisboa. Fernão Carrilho toma posse do governo e passa ao Pará. Procedimento do ministerio para com o bispo; levanta este as censuras. Morte de dois missionarios. Confirmação do privilegio da infanção. Rolim de Moura toma posse do governo. A camara do Maranhão é reprehendida. Deposto Rolim de Moura, sucede-lhe Velasco de Molina. Rolim de Moura acuzado falsamente da conjuração contra Velasco de Molina; procedimentos d'este. O senhor de Pancas toma posse do governo e passa ao Pará.

§ 1. Antonio d'Albuquerque com licença do monarca partio a 11 de Julho de 1701 para Lisboa. Para governar n'auzencia d'este foi nomeado em seo lugar o tenente Fernão Carrilho, soldado de fortuna, mas de muita onra. Este, axando-se no Maranhão e julgando que Antonio d'Albuquerque já teria embarcado para Portugal, a 30 do dito mez tomou posse na camara da cidade de São-Luiz, do governo do estado, de que o encarregou uma carta régia, e passados poucos mezes se dirigio ao Pará.

O bispo D. frei Timoteo do Sacramento xegou a Lisboa, e foi mal recebido d'el-rei. O dezembargo do paço decidio a favor do juizo da corôa do Maranhão. D'esta rezolução se expedio logo carta ao bispo (que desgostozo vivia retirado em uma sua quinta de Setubal) para cumpril-a, levantando as censuras com declaração, por editaes, de que eram todas nulas e sendo por elle inteiramente obedecido, passou o assento ao Maranhão.

§ 2. E' muito para admirar, que Bernardo de Berredo em seos Annaes não mencione os muitos erócs de diferentes religiões, que no estado do Maranhão se ocuparam em dar filhos á igreja, bravos á patria, ainda mesmo com desprezo da propria vida, que muitos perderam em tão santo exercicio!...Eu, ainda que não possa remediar esta tão culpavel como sensivel omissão (por me faltarem as memorias necessarias), não deixarei de expor aqui, além do que já referi anteriormente, a morte de dois missionarios, que padeceram no Pará ; afim de que os leitores façam alguma idéa dos trabalhos dos religiozos no estado do Maranhão, e ao mesmo passo bem digam ao Senhor nos seos santos.

Frei Jozé de Santa Maria, natural de Lamego, religiozo professo no convento de S. Antonio do Maranhão, dos capuxos de S. Antonio de Portugal, assás versado na lingua dos Aruans, entra nas terras d'estes indios (uma das ilhas do Amazonas) e os catechizou, vivendo muito tempo com elles.

Persuadidos pelo dito religiozo deceram estes indios para a boca do igarapé grande do Peracaguri, junto da cidade de Belém, onde viviam em 3 aldeias, e o mesmo padre continuava a ensinar-lhes com muito fruto a lei de Deos e as obrigações do estado (*); até que partio para as missões de que foi nomeado prezidente.

§ 3. Quebrantando porem o governador do Pará as convenções que tinha feito com estes indios, quando deixaram as suas terras, os tratava com muita dureza, obrigando-os a trabalhar continuamente nas fortalezas; o que os fez dezertar da nova colonia para as suas antigas terras. Tanto que frei José de S. Maria soube d'esta dezerção, sentindo muito a perda de tantas almas, e o trabalho que tiveram em domestical-os e conduzil-os ao gremio da igreja, logo tencionou ir pregar-lhes de novo e persuadir-lhes a volta a Peracaguri.

Embarcando em uma canôa grande, se dirigio ás terras dos Aruans, aonde xegou e axou indicios da abitação dos ditos indios. Porem como para entrar no rio era precizo esperar a enxente da maré, mandou frei Jozé ao seo companheiro frei Martinho, Lisbonense, que na canoinha fosse participar aos indios, que, aquelle que os tinha batizado, estava na boca do rio, esperando a maré para entrar a vizital-os; e dizer-lhes o que deviam fazer em seo proveito para esta vida e para a eterna. Entrou frei Martinho, e os indios responderam a sua embaixada «que si frei Jozé quizesse viver ali com

(*) Este era o metodo ordinario, com que os missicnarios convertiam á fé os selvagens, e aumentavam o numero das povoações, de sorte que se pode dizer com toda a verdade, que o aumento do Brazil se deve pela maior parte aos missionarios. Sò no Pará os jezuitas em 1758 regiam 19 aldeias ou missões; os capuxos de S. Antonio de Portugal e os da Conceição de Portugal 15; os carmelitas calçados 12; os mercenarios 5.

elles como d'antes, o receberiam; mas si lhes falasse em tornarem para as aldeias, que o matariam e a todos os seos companheiros de viagem.» Ao mesmo tempo que isto diziam, lançavam fléxas, mas sem fazerem mal.

Voltou frei Martinho e dando parte d'isto ao seo companheiro, o dissuadia da entrada; ao que frei Jozé respondeo, que os tinha batizado, que queria vel-os e falar-lhes, e si o matassem, que dava a vida pela salvação d'elles e pregação evangelica; e que si frei Martinho não queria, que não fosse; mas este respondeo, que não só pela obediencia mas de muito bôa vontade o acompanharia; e que si Deos assim o dispozesse, alegre daria tambem a vida.

§ 4. Entraram afinal as duas canôas com os dois religiozos e vinte e tantos marinheiros. Os indios, que estavam em uma ribanceira os receberam logo em ton de guerra, e diceram a frei Jozé, *que se retirasse, que elles nunca voltariam para debaixo das alabardas dos sargentos de Belém, que os tinham maltratado com fome, trabalho e pancadas*; e querendo frei Jozé sair á terra para falar-lhes, elles despediram um xuveiro de sétas, em cujo conflito os dois religiozos cahiram mortos, e os remeiros fugiram a nado para a oposta margem do rio.

Apenas os viram cravados de flexas, deceram ás canôas, roubaram tudo, e lançaram os dois corpos a um pôço do rio.

Os marinheiros depois de verem isto da outra parte do rio, passando de ilha em ilha por entre infinitos trabalhos, no fim de 15 dias de viagem xegaram alguns ao ospicio e missão do Cajá (*) (dos mesmos religiozos capuxos de Santo Antonio), onde deram a triste noticia.

E de tudo se deo logo parte ao governador Fernão Carrílho.

§ 5. Passados depois d'este martirio quazi 6 mezes, sahio do Pará uma expedição para castigar os Aruans, levando por guias os remeiros, que tinham acompanhado a frei Jozé e frei Martinho. Esta expedição, axando queimada a aldêia dos Aruans, discorreo pelas ilhas vizinhas,

---

(*) Oje freguezia de Monsarás, na ilha de Marajó.

e aprehendeo 4 indios e uma india da mesma nação. Postos estes em tormentos, negaram sempre; a india porém confessou, que ella vira matar os dois religiozos, e que, emquanto os indios sentados repartiam o roubo das canôas, aparecêra outro religiozo, o qual entrára no rio, e tirando os dois corpos mortos os levara ás costas ao campo cada um por sua vez; e que as flèxas, disparadas contra este religiozo vivo, voltaram para traz; e que elle dezaparecera sem que ninguem o visse mais; que os indios, assustados com isto, queimaram a aldeia e fugiram para a Caiena franceza e para as ilhas vizinhas.

A mesma india mostrára o lugar, onde o referido religiozo pozera os corpos de frei Jozé e frei Martinho. Aqui foram axados debaixo de uma linda latada, com que a erva o cobrira; e não obstante serem passados 6 mezes depois de suas mortes, em paiz tão quente e úmido, estavam tão frescos, inteiros e livres de toda a corrução e de animaes carnivoros, como si tivessem sido mortos no mesmo instante.

Levados em um decente caixão ao Pará, e verificados e autenticados pelo vigario geral governador do bispado, foram depois depozitados debaixo do altar mór da Igreja do convento da cidade de Belém; porém na reedificação d'este convento se perdeo a memoria de suas sepulturas. Foram depois prezos mais de 200 pessoas Aruans; das quaes, segundo a sentença aprovada por D. Pedro II, os matadores foram postos em bôcas de peças, e voaram pelos ares; os outros foram degradados para o Maranhão, e outras partes.

§ 6. O camarista da camara do Maranhão, seos filhos e netos gozam do privilegio de infanções (*), que tem os da cidade do Porto, e São-Paulo. Não se sabe quando lhes foi concedido; mas é de supor, que seria o premio de terem lançado fóra de seo paiz os Olandezes.

Porém não lhes guardando o ouvidor da capitania os referidos privilegios, a camara se queixou a el-rei D. Pedro II, o qual em carta régia de 3 de Março de 1702, dirigida

(*) Infanção é o mesmo que fidalgo. Veja-se o Elucidario de frei Joaquim de Santa Roza de Viterbo, e a Nobiliarchia Portugueza, pag. 117.

ao mesmo ouvidor determinou, que atendendo as queixas que os camaristas da camara da cidade do Maranhão lhe fizeram em carta de 21 de Maio de 1701, de lhe não guardar o dito ouvidor os seos privilegios, tratando-os com pouco respeito, e prendendo-os em cadeia publica, de que nacia não quererem servir n'este estado pessoas de consideração, o que era em prejuizo d'essa republica, tivesse o dito ouvidor de fazer guardar aos oficiaes da camara infalivelmente os privilegios, que lhes tinham concedido os senhores reis, seos precedecessores (*).

§ 7. A 8 de Julho tomou posse do governo do estado na cidade de São-Luiz D. Manoel Rolim de Moura, capitão d'infantaria, o qual passou ao Pará, e fez a sua entrada publica em Belém a 10 de Agosto. Voltou para São-Luiz em 1704. N'este mesmo anno xegou ao Maranhão uma carta régia, que repreendia a camara da cidade por ter xamado algumas vezes á sua prezença os governadores, e ao mesmo tempo lhe intimava, que a camara estava sugeita ao governador como lugar-tenente d'el-rei.

Rolim de Moura partio em 1705 para o Pará, onde recebeo uma carta régia, que o suspendia do governo (por ter deposto o ouvidor geral Miguel Monteiro Bravo de todos os cargos, que servia no Pará) e lhe intimava, que o entregasse interinamente ao capitão-mor do Pará João Velasco de Molina. Obedeceo Rolim de Moura e deo posse a Velasco de Molina a 13 de Fevereiro de 1706, e se retirou para o Maranhão.

Velasco de Molina, recebendo apertados avizos (falsos) de que Rolim de Moura, ajudado do ouvidor geral do Maranhão Manoel da Silva Pereira, fomentava uma conjuração contra elle, e intentava restituir-se ao governo, passou arrebatamente á cidade de São-Luiz com o ouvidor geral do Pará Antonio da Costa Coelho. Este por ordem de Velasco de Molina devassou da conjuração e aprovou, que o mesmo Velasco de Molina, só por mal fundadas prezunções, filhas do odio, fizesse encarcerar na enxovia muitas

(*) R. J. Souza Gaiozo no seo *Compendio Historico Politico*

pessoas principaes da terra, e na fortaleza o ouvidor Manoel da Silva Pereira.

Intentou tambem a prizão de Rolim de Moura, porém este, depois de andar vagando pela ilha, se retirou ao convento de S. Antonio.

§ 8. N'este estado axava-se a cidade de São-Luiz, quando n'ella entrou a 3 de Janeiro de 1707, Christovão da Costa Freire, senhor de Pancas, e mestre de campo de milicias de Lisboa, nomeado governador do estado. Velasco de Molina intentou entregar-lhe o governo, mas Costa Freire, por determinação de sua patente, o recebeo das mãos do seo antecessor Rolim de Moura. Por ordem régia examinou Costa Freire a culpa dos prezos da conjuração; e axando-as falsas os lançou fora da prizão. Depois fez duas viagens ao Pará.

CAPITULO XXI

Os Tapuios do Piauhi matam o seo comandante; guerra contra estes e outros gentios. D. Jozé Delgarte toma posse do bispado. Gomes Freire passa á rezidencia do Pará. Bernardo Pereira de Berredo toma posse do governo; a este sucede Alexandre da Serra Freire e a Alexandre da Serra Freire sucede Jozé da Serra. Por morte de Jozé da Serra toma posse do governo Antonio Duarte de Barros; este o entrega a João d'Abreo.

§ 1. Em 1713 foi morto aleivozamente, pelos mesmos Tapuios da sua obediencia, Antonio da Cunha Soutomaior, que servia de mestre de campo da conquista do Piauhi.

Para castigar os gentios de corso, infestadores do Maranhão, sahio o governador Gomes Freire da cidade de São-Luiz em 1715 com um suficiente corpo de tropas; porém os barbaros, ouvindo o tiro de uma arma que por acazo se desparou, fugiram de noite da sua princial aldeia, e Gomes Freire se retirou. No anno seguinte, trazendo do Pará uma companhia de d'infantaria e muitos indios frexeiros, formou uma bôa expedição, e a encarregou a Francisco Cavalcante d'Albuquerque com a graduação de sargento-mór.

Dirigio-se elle com esta expedição ao Iguará; castigou aos indios matadores de Antonio da Cunha Soutomaior, e destruidores de um comboio que passava a São-Luiz, e depois se juntou ao mestre de campo do Piauhi Bernardo de Carvalho d'Aguiar, a quem devia obedecer. Unidos estes dois corpos, fizeram grande estrago nos indios Aranhis.

No dia 12 de Junho de 1717 fez a sua entrada publica na cidade de São-Luiz o bispo do estado frei Jozé Delgarte, religiozo da Santissima Trindade; o qual, depois de cumprir os seos deveres, passou com o mesmo cuidado ao Pará.

§ 2. Gomes Freire se recolheo á sua ordinaria rezidencia do Pará em Fevereiro de 1718.

Aqui se axava elle, quando a 19 de Junho xegou a São-Luiz e tomou posse do governo Bernardo Pereira de Berredo, capitão de cavalos, o qual sustentando em uma mão o *bastão* e na outra a *pena*, compilou os antigos manuscritos e juntou as noticias, com que depois compôz os *Annaes do estado do Maranhão*; preciozidade que depois da sua morte se comunicou ao publico e tem lugar entre as bôas historias (*).

Em 1720 foi a capitania do Pará separada da jurisdição do bispo do Maranhão e elevada a bispado por Clemente XI, a instancias d'el-rei D. João V, que lhe nomeou para seo primeiro bispo a D. frei Bartolomeo do Pilar, carmelita.

§ 3. Bernardo de Berredo, depois de dar posse na cidade de São-Luiz a 20 de Julho de 1722 ao seo sucessor João da Maia da Gama, ex-governador da Parahiba, se ocupou por espaço de um anno em indagar melhor as antiguidades necessarias para os seos *Annaes*.

A João da Maia sucedeo no governo do estado, a 14 d'Abril de 1728, Alexandre da Serra Freire, mestre de campo de milicias. A este se seguio no governo Jozé da Serra, xefe d'esquadra naval, o qual tomou posse a 16

(*) Biblioteca Historica de Portugal, pag. 182.

de Junho de 1732 (*). Porém como Jozé da Serra morreo em Setembro de 1736, principiou a 17 do mesmo mez a governar o estado o capitão-mór do Pará Antonio Duarte de Barros, o qual a 18 de Setembro do anno seguinte entregou o governo a João d'Abreo Castelobranco, ex-governador da ilha da Madeira.

CAPITULO XXII

D. frei Manoel da Cruz toma posse do bispado do Maranhão. O papa clama contra a escravidão dos indios. D. frei Francisco de Santiago toma posse do bispado do Maranhão, e Francisco Pedro Gurjão do governo do estado. Luiz de Vasconcelos Lobo governador subalterno do Maranhão. Francisco Xavier de Mendonça Furtado toma posse do governo do estado; e Gonçalo Pereira Lobato do da capitania. Fundação do recolhimento. A capitania de Tapuitapéra passa para a coroa. Liberdade dos indios, e providencias a seo respeito. Creação da companhia. D. frei Antonio de S. Jozé toma posse do bispado do Maranhão. Creação das milicias. Expulsão dos jezuitas.

§ 1. Em 1739 tomou posse do bispado do Maranhão D. frei Manoel da Cruz, religiozo de S. Bernardo, o qual depois passou para primeiro bispo de Mariana de Minas-geraes.

Os gritos dos indios, que juntamente com as suas terras tinham perdido a propria liberdade fizeram tão repetidos écos d'esde as margens do Parnahiba até as do Amazonas, que xegaram a resoar nas rebanceiras do Tibre, e obrigaram ao santo padre Benedito XIV a expedir aos bispos do Brazil o breve de 20 de Dezembro de 1741, que principia — *Immensa Pastorum*. N'elle clama contra a escravidão dos indios e violencias, que se lhes faziam, prohibindo-as debaixo de excomunhão *lata sentenciæ*, e excitando a piedade d'el'rei D. João V. para fazer cessar similhantes extorsões. Porem, nem ainda isto foi capaz de restituir aos indios a sua liberdade: o cativeiro dos indiginas, praticado a principio em quazi toda a

(*) N'este mesmo anno fundaram os carmelitas o seo convento do Bomfim.

nossa America continuava ainda no estado do Maranhão, com desprezo de todas as leis.

§ 2. Em 1747 tomou posse do bispado do Maranhão D. frei Francisco de Santiago, religiozo menor da provincia de Portugal.

A 4 d'Agosto do mesmo anno entrou na posse do governo do estado Francisco Pedro Gurjão, ex-governador da ilha da Madeira. Daqui por diante os capitães generaes do estado rezidiam no Pará, e no Maranhão existia um governador subalterno, que foi o primeiro Luiz de Vasconcelos Lobo, coronel do regimento de linha do Maranhão, o qual tomou posse a 28 de Julho de 1751. A todos estes governadores se dava o posto de xefes do dito regimento. A 24 de Setembro do anno seguinte (1752) tomou posse do governo do estado Francisco Xavier de Mendonça Furtado, capitão-tenente de fragata, e do da capitania do Maranhão, a 29 de Outubro de 1753, Gonçalo Pereira Lobato de Souza, brigadeiro d'infantaria.

§ 3. N'este mesmo anno foi fundado na cidade de São-Luiz o recolhimento d'Anunciação pelo jezuita Gabriel Malagrida e outros missionarios. A capitania de Tapuitapéra (e não de Cumá, como muitos dizem) comprehendida entre a bahia, oje de Guimarães, e o rio Pindaré, foi dada a 19 de Março de 1624 ao dezembargador Antonio Coelho de Carvalho e na sua caza se conservou até 1754, em que passou para a corôa, sendo seo donatario Antonio d'Albuquerque Coelho de Carvalho indemnizado em terras de Portugal.

§ 4. O anno de 1755, tão infausto para Portugal (*), foi de grande felicidade para os indios, porque o senhor D. Jozé I baixou a 6 de Junho uma lei, pela qual, no mesmo espirito do breve acima referido, mandou a observancia d'elle, e de todas as bulas pontificias e leis régias que tinham precedido, para restituir aos indios do Pará, e Maranhão a liberdade de suas pessoas, bens e comercio.

---

*) No 1 de Novembro de 1755 aconteceo o orrivel terremoto de Lisboa, em que, seguindo os melhores calculos, morreram 15.000 pessoas.

E para providenciar a comodidade dos lavradores, e dos indios diz a dita lei: « E para que os moradores d'elle (*estado do Maranhão*) possam axar quem lhes faça as suas obras, e cultive as suas terras ainda dentro d'ellas, sem a dependencia de mandarem vir obreiros e trabalhadores de fóra ; e os indios naturaes do paiz possam tambem axar a sua conveniencia em se aplicarem ás ditas obras e serviços : Hei por bem que, logo que esta se publicar na cidade da Belém do Grão-Pará, o governador e capitão general d'aquelle estado, ou quem seo cargo servir, convocando a junta, os ministros estados d'aquella capital, e ouvindo o governador e ministro da cidade de São Luiz do Maranhão, com acordo das suas respectivas camaras, estabeleça aos sobreditos indios os jornaes competentes para se alimentarem e vestirem, segundo as suas diferentes profissões, conformando-se com o qne a este respeito se pratica n'estes reinos e nos mais da Europa em quanto os preços comuns do mesmo estado poderem permitil-os (1). E para que os ditos gentios (2) que assim decerem, e os mais que ha de prezente melhor se conservarem nas aldeias: Hei por bem, que sejam senhores de suas fazendas como o são no sertão, sem lhes poderem ser tomadas, nem sobre ellas se lhes fazer molestia. E o governador com o parecer dos ditos relegiozos assinará aos que decerem do sertão lugares convenientes para n'elles lavrarem, cultivarem, e não poderão ser mudados contra sua vontade ; nem serão obrigados a pagar fôro ou tributo algum das ditas terras, ainda que estejam dadas em sesmarias a pessoas particulares, porque na concessão d'estas se rezerva o prejuizo de terceiro, e muito mais se entende, e quero se entenda ser rezervado o prejuizo e direito dos indios, primarios e naturaes senhores d'ellas. »

Por outra lei de 7 de Junho do mesmo anno mandou

---

(1) Arbitrou-se a cada um indio de serviço um tostão por dia e comer.

(2) Fala dos selvagens, que quizerem deixar os matos para sugeitar-se ao dominio portuguez.

o dito senhor, que se observasse inviolavelmente a lei de 12 de Setembro de 1636 (1) referida anteriormente.

§ 6. Em consequencia e cumprimento d'estas leis todos os indios ficaram libertos, e foi tirada aos missionarios a administração temporal das missões; arduas emprezas, que só o senhor D. José I foi capaz de concluir, ajudado do grande Marquez do Pombal, seo digno ministro (2). Muitos lavradores gritaram, que *ficavam perdidos*; e assim foi que cahiram em indigencia, por que antes da nunca assás louvada lei de 1755 cada um contava a sua riqueza pelo numero de indios, assim como oje se julga mais rico o que tem mais negros. Com tudo alguns davam aos indios o nome de administrados, e não o de escravos, e uzavam de todos os rodeios possiveis para mostrarem ser-lhes licito o cativarem estes infelizes.

Dos indios libertados formaram-se aldêias. Cada uma d'estas (e das que tinham sido administradas temporalmente pelos missionarios com o nome de missões) ficou debaixo da inspecção de um homem branco, intitulado director. Este os dirigia, e debaixo de sua administração faziam uma roça ou lavoura comun; d'esta tirava elle para si a sesta parte, sustentava os indios, e dava a cada um certa porção, o resto deitava-se em um cofre para as necessidades geraes dos indios, v. g. guizamentos d'igreja (3). Porem ainda os obrigavam a trabalhar no serviço régio e no particular, separando-os para isso muitas leguas das suas aldêias, mulheres e filhos; o que não so era e é um impedimento aos progressos da população, mas tambem obrigava a muitos a deixarem a religião, e fugirem para os matos, a abraçarem a vida dos seos antepaçados; dando ali aos selvagens más informações dos Portuguezes, e impedindo por este modo o adiantamento da igreja e do estado.

§ 7. Em 1756 se publicou a creação da companhia geral do Pará e Maranhão, que depois se estabeleceo n'estas

---

(1) No que toca á administração temporal das aldêias.

(2) O mesmo rei abolio a escravatura dos pretos em Portugal no anno de 1773.

(3) Veja-se o directorio dos indios.

duas capitanias, apezar de ter muitos opozitores. So ella podia negociar, o seo fundo era de 100.200.000 cruzados.

§ 8. Tendo passado d'esta vida a 18 de Dezembro de 1752 o bispo D. frei Francisco de Santiago, foi nomeado para seo sucessor D. frei Antonio de S. Jozé, augustiniano calçado, o qual xegou ao Maranhão em Setembro de 1757. Passados annos, foi transferido para o arcebispado da Bahia, segundo dizem.

N'este mesmo anno, por ordem régia, o governador de Mendonça Furtado alistou no estado do Maranhão para milicias todos os moradores livres capazes de pegar em armas desde a idade de 7 annos para cima.

Os jezuitas foram desnaturalizados de Portugal em 1759, e no mesmo anno foram enviados para Lisboa os que viviam no Maranhão, para dali serem remetidos com os seos companheiros para os estados do papa (1). O colegio, que elles tinham na cidade de São-Luiz, passou a ser palacio episcopal, e a igreja do mesmo a catedral: até então servia de sé uma igreja de taipa, que existia pouco mais ou menos 40 passos a sudoeste da porta principal da prezente catedral. O colegio da Madre de Deos, que elles tinham fóra da cidade, serve oje de ospital militar. O que serve de caza da Relação tambem era d'elles (2).

---

(1) Foram extintos em 1773 pelo papa Clemente XIV a instancias dos reis de Portugal, Espanha, França e Napoles. Pio VII os restaurou em 1814.

(2) O autor da *Relação abreviada da republica, que os religiozos jezuitas estabeleceram nos dominios ultramarinos*, diz muitas couzas a respeito dos jezuitas do estado do Maranhão; mas como elle me parece pouco verdadeiro em muitas asserções, nada refiro do que elle diz.

CAPITULO XXIII

Comercio do Maranhão; primeira exportação d'algodão. Principia a correr no estado a lingua portugueza. Manoel Bernardes de Melo Castro toma posse do governo do estado; e Manoel Bernardes do da capitania. Fernando da Costa Teivas sucede a Manoel Bernardes. Primeira exportação d'arroz. João Pereira Caldas sucede a Fernando da Costa. Divide-se o estado do Maranhão. Joaquim de Melo Povoas primeiro capitão general da capitania do Maranhão; elogio d'este. Tributo do furo. Plantação d'anil e amoreiras. Creação da junta de justiça. Extinção da companhia. A Mello Povoas sucede Antonio Sales de Noronha; governo d'este.

§ 1. O comercio da capitania do Maranhão não passava de rolos de pano grosso d'algodão (1) para o interior, e capitanias vizinhas, especialmente Minas-Geraes e Goiaz, donde vinha em retorno ouro em pó, ou em barra em comboios, que deciam pelo Iguará. De Lisboa vinha annualmente um navio com a frota, que todos os annos sahia de Portugal para o Brazil, o qual em retorno dos efeitos, que trazia, carregava dos poucos generos, que então apareciam; e tornando a juntar-se com a frota, voltava para Portugal. (2)

Porem os administradores da companhia geral do comercio, tanto que se estabeleceram no Maranhão, promoveram com tal actividade a cultura do algodão, que já no anno de 1760 se exportaram para Lisboa 65 arrobas d'elle.

Com a liberdade dos indios, grande introdução de negros e creação da companhia principiou a desterrar-se a lingua geral ou tupinambá, e a correr a portugueza.

§ 2. A 2 de Março d'este anno tomou posse do governo do estado Manoel Bernardes de Melo Castro; e a 16 de Julho do anno seguinte (1661) entrou na posse do

---

(1) O algodão grosso em novelos, ou em rolos de panno era o reprezentativo da moeda do paiz (no sertão eram bois ainda ha poucos annos): um novelo valia 20 a 25 réis, um rôlo 1$600 réis. Ainda oje a gente baixa diz: «Custou-me tantos rôlos.» v. g. «tenho um preto, que me custou 10 rôlos, isto é, 160$000 réis.

(2) Em 1708 xegou a Portugal uma frota do Brazil de mais de 100 navios com ouro, diamantes, assucar e outros generos, avaliado tudo em 61.000.000 de cruzados. Reinava então o senhor D. João V.

governo da capitania do Maranhão Joaquim de Melo Povoas. A Manoel Bernardes sucedeo no governo do estado Fernando da Costa Atahide Teivas, coronel do regimento d'Almeida, que tomou posse a 14 de Setembro de 1763.

Até o anno de 1765 não produzia o Maranhão sinão arrôz vermelho; n'este anno porem introduzio a companhia no paiz o da Carolina, e enviou de Lisboa a Jozé de Carvalho para formar os engenhos de o descascar. (1) Jozé de Carvalho formou o primeiro no sitio do Anil, aonde aindä oje existe; e feitos depois outros engenhos, já no anno de 1767 se exportavam para Lisboa 285 arrobas de de arrôz da Carolina ( ).

§ 3. A Fernando da Costa sucedeo no governo do estado a 21 de Novembro de 1772 João Pereira Caldas, coronel de cavalaria de Xaves e ex-governador creador do Piauhi. Este foi o ultimo governador e capitão general do estado do Maranhão, porque el-rei D. Jozé I por decreto de 3 de Maio de 1774 o devidio nas duas capitanias principaes, isto é, Maranhão e Pará, ficando sugeita a esta o governo do Rio-Negro, e a aquella á do Piauhi. Melo Povoas, que ainda n'este tempo governava a capitania do Maranhão, foi pelo mesmo monarca eleito capitão general da mesma, e por isso tomou nova posse a 7 de Agosto de 1775.

Ainda oje se suspira por este verdadeiro creador da capitania; elle só cuidava em aumental-a promovendo a lavoura, e o comercio. Não faltando ás obrigações de seo governo edificava os povos frequentando os templos, pois para tudo temos tempo, quando temos vontade...

Porem ainda que era tão religiozo, não faltava á justiça; e por isso para castigar aos assassinos passou ao certão; fez o seo quartel na vila da Môxa (oje cidade d'Oeiras), e d'ali os castigou, já com pena ultima

---

(1) Para o mesmo efeito se estabeleceo, ha pouco tempo perto da cidade de São Luiz uma fabrica movida por vapor.

(2) Alguns atribuem a defeitos das fabricas o não ser o arróz do Maranhão tão branco e tão inteiro como o da Carolina, d'onde veio a semente. E' porem de mais suprimento.

(mandando matar os que não queriam entregar-se), já com degredo ou galés ; de sorte que foi o terror do certão. Fundou algumas povoações, pondo-lhes nomes portuguezes, segundo a ordem, que para isso teve. Mandou fazer o palacio dos governadores, que oje existe, e deo outras providencias que adiante se verão.

Finalmente o estado de opulencia, em que se axa oje o Maranhão, deve-se a Melo Povoas, e á companhia geral do comercio.

§ 4. Como as canôas, que decem o Itapicurú para a cidade, perigam muito no Boqueirão ; afim de evitar este risco determinou-se abrir um furo ou canal no rio Mosquito para o Bacanga ; para o que Melo Povoas com o ouvidor e juiz de fóra, com beneplacito da camara, e povo impuzeram em cada uma arroba de algodão de exportação 160 réis de tributo, o qual se pagou desde 1776 até 1808, e a obra ainda está por fazer, apezar de já se trabalhar alguma couza n'ella em 1777.

Quando Melo Povoas promoveo a cultura do anil, mandou fazer uma fabrica d'elle em São-João de Cortes; assim como muito antes se tinha feito outra no sitio ainda oje xamado Anil. Porem todas se abandonaram depois, por darem pouca utilidade. Mas os lavradores ainda oje tingem varias couzas com esta planta

Por lembrança do Marquez do Pombal cuidou Melo Povoas e Lourenço Belfort em plantação d'amoreiras ; porem os bixos de seda não prosperaram no paiz, porque á terceira geração ficavam os ovos infecundos. Comtudo ainda produziram-se alguns quintaes de seda ; e o senhor D. Jozé I mandou fazer um vestido da que lhe mandou Lourenço Belfort (*).

§ 5. Por uma carta régia de 10 de Fevereiro de 1777 foi creada a junta de justiças, que teve fim com a creação da Relação; serviam de ministros d'ella o ouvidor como relator o juiz de fóra, e mas dois vogaes que deviam ser os ministros das povoações mais vizinhas da cidade,

---

(*) Por mais que indague, não pude descobrir n'esta provincia o bixo de seda ou *bombyx* indigena, de que fala a Corografiá Brazilica t. 2 pag. 263.

ou advogados de bôa nota. Esta junta podia sentenciar todos os crimes (ainda os meramente militares que merecessem penas arbitrarias ou ultima) com processos sumarios sem apelação nem agravo. O governador da provincia era o prezidente d'ella.

Nos ultimos annos do governo de Melo Povoas foi extinta a companhia geral do comercio, e principiaram a negociar livremente os particulares (1).

A 6 de Novembro de 1779 tomou posse do governo do Maranhão D. Antonio de Sales de Noronha, capitão de mar e guerra. Este governador suspendeo o juiz de fóra Jozé Tomaz da Silva Quintanilha, e mandou os vereadores da camara prezos para as fortalezas de São-Francisco, Alcantara e Itapicurú. Mas Sua Magestade mandou soltar estes, e restituir aquelle ao seo exercicio; e recolhido Sales de Noronha á côrte, el-rei o recebeo com dezagrado e mandou sindicar d'elle.

CAPITULO XXIV

Jozé Teles da Silva toma posse do governo, e D. frei Antonio de Padua do bispado. Dezavenças entre estes. O bispo é posto em temporalidades; fica livre d'ellas. O escrivão da fazenda real e o juiz de fóra são feridos de morte. Fernando Pereira Leite de Foios entra na posse do governo. O bispo se retira para Lisboa, e manda governador para o bispado; este foge para não ser prezo. Xeia e epidemia do Itapicurú. Sublevação do regimento, e cerco do convento de Santo Antonio.

§ 1. A D. Antonio Sales de Noronha sucedeo no governo do Maranhão Jozé Teles da Silva, que d'elle tomou posse a 13 de Fevereiro de 1784. A 31 de Outubro do mesmo anno tomou posse do bispado D. frei Antonio de Padua, religiozo menor da provincia da Arrabida (2). Dizem, que no seo dezembarque lhe dicera

---

(1) Uma grande parte dos factos que se seguem não foram communicados por Manoel Jozé dos Reis, natural do Minho, e estabelecido desde muitos annos no Maranhão; homem instruido, de conhecida probidade e admiravel retentiva

(2) Antes de frei Antonio de Padua tinham dois tomado posse por procuradores, mas nunca vieram ao Maranhão, por que passaram para outros bispados. Veja-se a diante a lista dos bispos.

Jozé Teles: *Benedictus qui venit in nomine Domini,* e que o bispo respondera: O ponto é que depois não digam: «*Tolle, tolle, crucifige eum.*» Jozé Teles não gostou da resposta.

Passado tempo, quiz o bispo, que a procissão do corpo de Deos se fizesse pela porção mais alta da cidade, fóra do costume: o general com a camara insistia, que devia correr as ruas costumadas, o bispo por uma pastoral cominou censuras contra quem embaraçasse a passagem da procissão. Estava a tropa alinhada pela cidade baixa; mas o bispo com o povo principiou com a procissão pelas ruas da cidade alta, contra o costume; e então logo a tropa a seguio, segundo a ordem, que tinha; porém Jozé Teles ficou formalizado com o bispo.

§ 2. O padre Dionizio d'Aguiar, vigario d'Oeiras, procedia tão mal no seo ministerio, que os seos parochianos se queixaram d'elle á rainha.

Em consequencia d'esta queixa recebeo o bispo ordem régia para conhecer do mesmo vigario. Porém o padre Dionizio d'Aguiar, como era poderozo e favoneado pelo general, agravou do bispo para a junta da corôa, e esta o poz em temporalidades. Como eram já passados dias desde que o palacio episcopal estava cercado pela tropa, com apertadas ordens para nada entrar nem sair, determinou o bispo deixal-o, e pretendendo um soldado na porta embaraçar-lhe o seo egresso, elle o ameaçou com excomunhão, e o soldado o deixou sair. O bispo se recolheo então ao convento de Santo Antonio, donde passou a Viana para o engenho do Maracú; porém logo foi prezo Jozé Nunes Soeiro, mestre de campo, e senhor do referido engenho, pelo escrivão da junta da corôa Antonio Caetano Borges, por ter admitido em sua caza o bispo.

Recolheo-se o bispo á cidade, cumprio a determinação da junta e ficou livre das temporalidades. Nunes Soeiro depois de muitos trabalhos foi mandado soltar por ordem régia.

Era n'este tempo juiz da junta da corôa o ouvidor da comarca Manoel Antonio Leitão Bandeira; procurador o juiz de fóra Antonio Pereira dos Santos; prezidente o general.

§ 3. Não sei si o bispo procedeo com alguma irregularidade ou não. O que sei é, que consultando elle sobre isto ao digno bispo do Pará D. frei Caetano Brandão, (o qual com toda a industria e zelo conservava grande armonia com o governador do Pará) o mesmo D. frei Caetano Brandão lhe respondeo entre outras couzas: Só uma couza me fará pôr em campo e arvorar o estandarte da guerra; a defensa do depozito das verdades eternas, que Jezus Christo me tem confiado; fóra d'isto terei sempre a balança na mão para contrapezar os males, que se seguem, com aquelle que eu pretendo atalhar; e sendo maiores e mais ofensivos ao laço da união christan deixar-me-ei calcar entre o pó, reputando-me por muito feliz ser victima da paz. V. Ex. sabe melhor do que eu, quanto esta maxima é fundada nos exemplos e na doutrina dos nossos bons mestres, dos bispos anteriores e jurisprudencia da meia idade.... Queira o Senhor restituir paz ao seo antigo trono e dar luz a V. Ex. para nunca se afastar dos caminhos da prudencia, da moderação e da verdade.

Em outra carta escrita por esta ocazião ao governador Jozé Teles da Silva diz: A Deos, nosso Senhor, rogo em meos pobres sacrificios, que restitua ao Maranhão esta amavel filha do céo (*fala da paz*), e firme o seo trono particularmente no coração d'aquelles, que estando postos á frente da republica, para promoverem a sua felicidade, devem por isso ser os exemplares de uma virtude, que é sem contestação a baze, e a raiz da mesma felicidade.

§ 4. Estando pelas 10 óras da noite sentado na sua porta o escrivão da fazenda real Jozé da Silva, xegaram a elle dois homens desconhecidos, e um d'estes lhe descarregou com uma espada muitos golpes; de que passado tempo morreo.

Ao juiz de fóra Antonio Pereira dos Santos golpearam a cara com uma moeda de cobre afiada, quando passava em uma noite pelo largo do Carmo. Ignoram-se os autores d'estes factos; mas não falta quem diga, que um poderozo os mandou executar.

§ 5. Jozé Teles entregou o governo do Maranhão a Fernando Pereira Leite de Foios, coronel de cavalaria, que d'elle tomou posse a 17 de Dezembro de 1787. No tempo

d'este general sahio D. frei Antonio de Padua em vizita, e xegando ao Turiassú, freguezia do seo bispado (no civil pertence ao Pará), passou a Belém, e dali a Lisboa, onde foi mal recebido da rainha, por ter fugido do seo bispado, quando já ninguem o afligia n'elle. De Lisboa mandou o bispo um padre por antonomazia o *Pequei*, para governador do bispado. Pequei principiou a proceder muito mal no seo ministerio; porem logo veio um avizo da corte para ser prezo, por se ter aproveitado da decrepita idade do bispo para d'elle alcançar o governo do bispado. Pequei, sabido isto, fugio para o convento de S. Antonio, d'onde passou ao Turiassú e dali ao Pará.

Em 1789 enxeo tanto o Itapicurú, que em partes tinha 2 leguas de largo. Durou esta xeia d'esde os principios d'Abril até os fins de Maio, e depois de baixo sobrevieram aos seos moradores umas febres epidemicas, que mataram a quinta parte da sua popalação. Não existia memoria de xeia igual n'este rio.

§6. No 1.º de Novembro de 1790, organizando-se o regimento de linha no largo de João do Vale para ir passar revista, principiaram os tambores a tocar rebate, e o regimento a formar uma meia lua com o intuito de cercar os oficiaes; mas estes fugiram todos, a excepção dos sargentos Antonio Mateos, Leandro Pereira e um Simão, que atacando os tambores os rasgaram com as alabardas, e com estas deram muitas pancadas nos soldados, até que se dezorganizou tudo. Andavam os soldados rotos, pediam fardamento e não se lhes dava, por isso se sublevaram.

Foram depois prezos alguns soldados, e entre elles Antonio Jozé de Souza Guêco, como cabeça da sublevação, o qual foi logo posto no segredo da cadeia publica; o prezo fugio de noite da cadeia a 14 de Fevereiro de 1791, e entrando no convento de S. Antonio, pedio ao guardião d'elle frei João de S. Pedro, que lhe valesse; mas respondendo lhe este que não queria embaraçar-se com o general, sahio Souza Guêco do convento.

Pelas 6 óras da tarde foi este cercado pelo juiz de fóra, auxiliado do general com tropa de linha. No dia seguinte entrou o juiz de fóra no convento com um pratico d'elle para o esquadrinhar bem; porem feitas as

diligencias não encontrou o fugido, nem deo credito ao guardião, que lhe asseverava, que elle tornára a sair.

Os oficiaes da tropa fizeram sengunda busca com igual efeito.

§ 7 O guardião, depois de receber um oficio do general para entregar o soldado, foi por elle xamado a palacio, e insultado com palavras e ameaças de rigorozas temporalidades e degredo a elle e seos religiozos. Como faziam já 5 dias desde que em roda do convento e cerca se axava um cordão de tropa de linha, milicias e pedestres, com apertadas ordens para ninguem entrar nem sair, ainda mesmo á confessar algum moribundo, determinou o guardião em capitulo (depois de ter dado ao general as mais evidentes provas de que não ocultava a Souza Guêco na clauzura, nem existia na comunidade individuo, que o auxiliasse, como lhe mostrou por certidão de todos jurados aos Santos Evangelhos) passar com a sua comunidade para o convento de Nossa Senhora das Mercês por tempo que désse provas mais forçozas das suas verdades; e de tudo mandou lavrar um protesto. No dia 20 pelas 9 óras da de manhan depois de entregar o inventario e xaves do convento ao tezoureiro dos defuntos e auzentes Jozé Gonçalves da Silva, sahio o guardião e sua comunidade, e lido na portaria o protesto, se dirigiram com cruz alçada ao convento das Mercés, acompanhados de inumeravel povo, que vertia muitas lagrimas ; na portaria das Mercés foi segunda vez lido o protesto.

Logo que os religiozos sahiram do seo convento, fizeram n'elle exacta busca o vigario geral governador do bispado João Maria da Luz com os seos oficiaes ; o juiz de fóra com os seus ; o tenente-coronel de linha com os seos oficiaes e soldados. Esta busca durou 4 óras, não escapando as mesmas sepulturas, incomodando até os mortos! Mas como não encontráram o fugido, mandaram dizer ao guardião, que voltasse para o seo convento ; e requerendo elle uma atestação de como estava concluida a diligencia, foi-lhe passada.

Voltou elle então com a sua comunidade para o seo convento pelas 7 óras da noite, acompanhados de muito povo, que na portaria deo repetidos vivas ; repicaram-se

os sinos, e cantou-se o *Te-Deum*. Os religiozos axaram tudo no estado em que o tinham deixado, pelas apertadas ordens que tiveram os sentinelas (*).

CAPITULO XXV

Procedimento de Leite de Foios contra Antonio Pereira e João Francisco Leal. Fernando Antonio de Noronha sucede a Leite de Foios. Europeos excluidos da camara. Intentada conquista da fabuloza cidade de Axuhi. Os mercenarios do Pará são enviados para o Maranhão. Xeia do Itapicurú. Primeiro intendente da marinha. Governo de Fernando Antonio de Noronha, a quem sucede Diogo de Souza. D. Joaquim Ferreira toma posse do bispado. Governo de Diogo de Souza. Fim das directorias dos indios. Administração dos bens dos mercenarios. D. Luiz de Brito toma posse do bispado.

§ 1. Leite de Foios remeteo para Lisboa o ex-juiz de fóra Antonio Pereira dos Santos, e suspendeo o ouvidor João Francisco Leal por ter cazado sem licença da rainha e o enviou para a dita cidade.

A Leite de Foios sucedeo no governo da capitania a 14 de Setembro de 1792 D. Fernando Antonio de Noronha, tenente-coronel de um regimento da côrte. Tendo sempre entrado nas camaras da capitania os naturaes de Portugal com os da terra, principiaram n'este anno a ser camaristas da cidade só os naturaes do paiz por ordem régia, segundo dizem.

N'este tempo um negro africano xamado Nicoláo, escravo do tenente-coronel João Paulo Carneiro, fugio para os matos, donde depois sahio; e aproveitando-se da fabuloza noticia, que já d'esde muitos annos corria, de que perto dos campos da Lagarteira existia um mocambo ou quilombo (ajuntamento de pretos fugidos), que já formava uma boa cidade denominada do Axuhi, se aprezentou ao general dizendo-lhe que descobrira a dita cidade nas margens da pequena lagôa Caço; e que ella era abitada de negros tão ricos, que tinham uma grande imagem da

---

(*) Archivo do referido convento de Santo Antonio

Senhora da Conceição de ouro, bebiam por cuias do mesmo metal, possuiam muito dinheiro de ouro e prata, que o vigario era um jezuita etc.

Muitas pessoas diceram ao general, que Nicoláo já era conhecido por embusteiro, e que nada existia n'aquellas paragens, pois as tinham examinado; porém como elle anunciava riqueza foi facilmente acreditado do general e outras pessoas, que pareciam de senso. Deo-lhe logo Fernando Antonio de Noronha patente de capitão de milicias ; e por isso principiou a entrar em banquetes e a ser muito estimado Sahia muito entonado com um sargento d'ordens (de Lisboa) atraz de si, para ir procurar as pessoas, que, segundo elle dizia, tinham trato oculto com os de Axuhi ; e foram prezas algumas. Por sua ordem veio prezo do Periá Antonio Tatú, mestiço, o qual asseverou que nada sabia ; porém instando Nicoláo pelo contrario, foi Antonio Tatú metido na cadeia; aonde, para se livrar da prizão e das ameaças de Nicoláo, falsamente afirmou, que sabia do Axuhi.

§ 2. Iniciada assim a tragedia, aprontou-se uma expedição de mais de 2.000 homens entre tropa de linha, milicias, pedestres e indios de serviço. Para comandante d'ella foi nomeado o coronel do regimento de linha Anacleto Henrique Franco ; para ajudante d'ordens o capitão de linha Carlos Antonio Marques Henriques, e para ajudante de campo o capitão de milicias Simplicio Dias da Silva.

No dia 3 d'Agosto de 1794 sahio da cidade de São-Luiz com grande estrondo esta tropa por mar, dividida em dois corpos ; o maior e principal se dirigio ao Munim, e dezembarcando em Santa Elena, marxou para o campo da Lagarteira, servindo-lhe de guia o mesmo Nicoláo. O corpo menor, de que era comandante o capitão de linha D. Antonio Castelobranco, e guia Antonio Tatú, prezo, dezembarcou no Alegre, marxou por Lençóes-grandes ; e penetrando depois os matos, andou n'elles perdido, sofrendo grandes fomes e trabalhos, atravessando riaxos e muritizaes, e gatinhando morros, até que, passados 18 dias xegou aos ditos campos, ponto prefixo por Anacleto Franco, o qual já ali se axava muito consternado ;

porque Nicoláo, vendo que estava proximo o tempo de descobrir-se o seo embuste, tinha fugido antes das tropas xegarem a Lagarteira.

§ 3 Aqui pegou fogo a 24 do dito mez em uma frasqueira de polvora, que queimou algumas pessoas; do que depois morreram duas.

Vendo estas tropas frustrada a sua expedição deceram todas para a costa. A maior parte se recolheo de noite á cidade para não serem vistos os que com tanto estrondo tinham sahido. Mais ouro perdeo a fazenda real n'esta expedição do que elles axaram na cidade do Axuhi. Nicoláo foi depois prezo, e seo senhor o meteo em prizão prepetua.

§ 4 N'este mesmo anno foi no Pará extinta a ordem das Mercês, e os seos religiozos enviados para os conventos do Maranhão: os seos avultados bens passaram todos para a corôa. (*)

Em 1795 aconteceo uma grande xeia no Itapicurú, em si e seos efeitos menor que a já referida.

O ouvidor da comarca servio de intendente da marinha até o anno de 1797, em que veio exercer este emprego Pio Antonio dos Santos, capitão de mar e guerra; o que depois suspendeo D. Diogo de Souza por vêr que a despeza da intendencia se aumentava mais do que era justo.

§ 5. O governador Fernando Antonio de Noronha remeteo prezo para Lisboa o juiz de fóra Jozé d'Araujo. O mesmo governador mandou fazer o forte da Ponta d'Arêia; e daqui por diante principiou a desmantelar-se o de São-Francisco, de sorte que oje só d'elle existe um montão de pedras e um poço, que fornecia agua á guarnição; mandou fazer o quartel do campo d'Ourique, e d'alfandega: esta foi feita de madeira, mas depois a ponte reedificou-se de pedra e cal. Antigamente xegava o mar á alfandega.

(*) A maior fazenda dos mercenarios e de toda a ilha de Marajó (sita na margem do rio Arari na freguezia de N. S. da Conceição da Caxoeira tinha boa cazaria, 150 escravos, perto de 30.000 cabeças, de gado vacum e muito gado cavalar.

A rainha tendo noticia de que o coronel Anacleto Franco, amigo do general, fazia roubos no seo regimento e na inspeção do fabrico do quartel, e que o ouvidor João Pedro d'Abreo era venal, fez expedir ordem para serem prezos e remetidos para Lisboa ; o que se executou. O governador foi rendido no dezagrado da mesma senhora. Entregou este, a 7 de Outubro de 1798, o governo da capitania ao seo sucessor D. Diogo de Souza, ex-governador de Moçambique, donde veio em direitura ao Maranhão.

§ 6. No anno seguinte tomou posse do bispado D. Joaquim Ferreira de Carvalho, natural de Coimbra, doutor teologo, ex-abade de São-Romão de Coronado (1). Com elle veio de Lisboa um dezembargador para sindicar do governador Fernando Antonio de Noronha, João Pedro d'Abreo e Anacleto Franco ; mas não os axou culpados segundo julgo, porque Fernando Antonio de Noronha foi depois despaxado, e Anacleto Franco voltou para o seo regimento com a graduação de brigadeiro,

D. Diogo de Souza mandou construir um navio, ao qual pela sua disforme figura deram o nome de *Pacamão* (2), e sendo incapaz de navegar, o encalharam defronte do arsenal, onde o tempo o consumio.

Em tempos mais remotos podiam os cidadãos dormir descançados até com as suas portas abertas ; mas já n'esse tempo não era assim, pois já apareciam ratoneiros, pelo que D. Diogo de Souza estabeleceo as guardas de policia.

§ 7. N'este tempo, por ordem régia, finalizaram as directorias dos indios, e com razão; porque alguns directores, cuidando só dos proprios interesses, tratavam os indios como escravos. Ficaram então os indios entregues á sua vontade, de baixo da sugeição do seo principal,

---

(1) Alguns dizem, que D. Joaquim Ferreira de Carvalho tomou posse em 1795, outros que em 1796. O que parece mais provavel é, que elle, sendo sagrado em 1795, tomando posse por procurador em 1796 (como diz a lista dos bispos que me deo o archivista do cabido) xegou ao Maranhão em 1799.

(2) Pacamão, peixe de palmo ou pouco mais de comprimento, disforme, de cabeça maior que o corpo, mas de bom gosto.

que sempre é o homem mais velho da familia decendente do antigo cacique. Esta continuação de sucessão parece indicar, que ella existio entre algumas nações selvagens do Maranhão ; e que os caciques ou principaes não eram todos electivos.

O principal governa debaixo das ordens do general da provincia.

§ 8. Em 1803, pouco mais ou menos, foram os mercenarios desapossados dos seos bens, os quaes por ordem regia foram postos em administração: cada religiozo recebia um tanto para a sua sustentação.

Durou esta administração 4 annos, depois dos quaes entraram outra vez na sua posse por diligencias de frei Jozé Vieira. D. Luiz deBrito Homem, bispo d 'Angola, foi nomeado bispo do Maranhão por morte de D. Joaquim Ferreira, pelo que embarcou d'aquella cidade para a de São-Luiz, e tomou posse do novo bispado a 22 de Fevereiro de 1804.

CAPITULO XXVI

Antonio de Saldanha toma posse do governo; succede-lhe Francisco de Mello; ações deste. Entrada dos Francezes em Portugal, e suas consequencias Jozé Tomaz de Menezes toma possedo governo; suas acções ; é suspenso. Governo interino Piauhi independe te do Maranhão. Paulo Jozé Silva Gama toma posse do governo. Creação da Relação. Europea admitidos a camarisias. Paz geral, e suas consequencias Bernardo da Silveira Pinto toma posse do governo, e D. frei Joaquim do bispado. Estabelecimento datulha publica. Serie dos governadores e bispado do Maranhão.

§ 1. A D. Diogo de Souza sucedeo no governo do Maranhão, no 1.° de Junho de 1804, Antonio de Saldanha da Gama, capitão de fragata.

Este governador mandou fazer o cemiterio da Mizericordia (1), e na praça grande as barracas (2), e os canos. Foi nomeado general d'Angola e por isso não acabou o

---

(1) São decorridos poucos annos que os Inglezes fizeram o seo cemiterio defronte da Mizericordia.

(2) As barracas são uma imitação da praça da Figueira em Lisboa.

governo. Sucedeo-lhe n'este a 7 de Janeiro de 1806, D. Francisco de Melo Manoel da Camara, tenente coronel de cavalaria, e comendador da ordem de Christo. Francisco de Melo mandou prender o juiz de fóra, Luiz d'Oliveira, e o fez embarcar para a Inglaterra, mas este passando d'ali ao Rio de Janeiro foi bem atendido do principe regente. Remeteo prezo para a ilha de São Bernardo o ex-ouvidor Jozé Patricio Diniz da Silva, porém um avizo real o poz em liberdade. Fez continuar na cidade a mesma camara por mais 3 annos, etc.

§ 2. A entrada dos Francezes em Portugal em 1807, e a fugida de toda a familia real para o Brazil, pôz o Maranhão em grande consternação, porque o comercio totalmente se estragou: a arroba de algodão apenas era vendida a 1$600 réis até 2$000 réis; os generos de Portugal eram carissimos, a exportação nenhuma.

Porém logo que o decreto de 28 de Janeiro de 1808 abrio os portos do Brazil ás nações estrangeiras, se aumentou tanto a lavoura e comercio, que no anno seguinte se exportaram do Maranhão 402.000 arrobas d'algodão e 376.000 arrobas de arroz. É verdade, que em Portugal principiou a decair sensivelmente o comercio desde o mencionado decreto.

§ 3. N'este anno sucedeo a Francisco de Melo a 17 de Outubro no governo D. Jozé Tomaz de Menezes, coronel de cavalaria, comendador d'Aviz; fez elle vir prezo o governador de Piauhi e o meteo na fortaleza d'Alcantara.

Prohibio ao juiz de fóra o ingresso na alfandega. Suspendeo de juiz pela lei o baxarel Jozé Nunes Soeiro, mandou-o retirar para o Itapicurú, e fez eleger em seo lugar o vereador mais velho João de Moraes Rego. Despaxou em autos e revogou sentenças. Elle faria um bom governo, si não fosse tão moço, e não seguisse os maos conselhos do seo capelão padre Leonardo (mestiço), por que, segundo dizem, as suas intenções eram bôas.

As muitas queixas, que d'este governador se fizeram ao principe regente obrigaram a expedir uma carta régia a este general, para que sem perda de tempo se recolhesse á côrte. Obedeceo elle, e sahio do Maranhão a 24

de Maio de 1811. Ficaram governando interinamente a capitania o bispo, o ouvidor interino Bernardo Jozé da Gama, e intendente da marinha Felipe de Barros Vasconcelos, xefe de divizão, em cumprimento da lei, que manda, que, na falta do general, governem as trez maiores autoridades (ecleziastica, civil e militar) que estiverem na terra. Durou este governo interino até o dia 2 de Dezembro, em que tomou posse Paulo Jozé da Silva Gama, vice almirante.

§ 4. N'este mesmo anno, por carta régia de 10 de Outubro, foi o Piauhi desmembrado da provincia e governo do Maranhão. O principe regente creou no anno seguinte a Relação do Maranhão, nomeando-lhe para seo creador e xanceler o dezembargador do paço Antonio Rodrigues Velozo d'Oliveira, homem de vastos conhecimentos.

E axando-se este em 1813 na cidade de São-Luiz com alguns dezembargadores, tomaram posse na caza da camara, que por alguns annos ficou servindo de caza da Relação (*). N'este mesmo anno mandou o principe regente que os Europeos entrassem outra vez na camara de São Luiz promiscuamente com os filhos do paiz.

§ 5. Ainda que o decreto de 1808 tenha aumentado o comercio do Maranhão, comtudo a guerra da Europa não o deixava progredir até o ponto, a que elle podia xegar. O algodão em 1813 não dava sinão a trez mil e tantos réis a arroba. Porem logo que, vencido totalmente, Napoleão Bonaparte pelas potencias aliadas, se fez a paz geral de 20 de Novembro de 1815, foi subindo tanto o comercio do Maranhão, que em 1817 se exportaram 401.729 arrobas d'algodão, e o preço d'elle n'este anno foi de 7$000 até 10$000 réis a arroba.

Nos ultimos annos do governo de Silva Gama, apareceram naprovincia especialmente na cidade de São-Luiz grandes faltas de carnes e farinha de páo; o que não

(*) O distrito d'esta Relação compreende não só as comarcas do Maranhão, Piauhi, Pará, e Rio-Negro; mas tambem as do Ceará-grande bem como todas as outras comarcas e judicaturas que nas referidas capitanias e comarcas de novo se crearem (Regimento da Relação do Maranhão, titulo 5).

sucederia assim, si este governador desse as providencias que podia. O seo governo foi d'agua morna; podia fazer muitas obras necessarias, mas nada fez.

Sucedeo-lhe no governo a 24 d'Agosto de 1819 Bernardo da Silveira Pinto, marexal. Este vindo do Rio de Janeiro, pela impericia dos pilotos, entrou na bahia de São-Jozé depois de muitos trabalhos; e dezembarcando ali veio por terra para a cidade São-Luiz.

Bernardo da Silveira é activo: si elle tivesse no erario da provincia tanto dinheiro como o seo antecessor (*), certamente poria em pratica os seos grandes projétos; assim mesmo já mandou calçar algumas ruas, com boa ordem, em que se vêm oje, e vão continuando.

§ 6. Tendo passado d'esta vida o bispo D. Luiz a 10 de Dezembro de 1813, foi eleito para seo sucessor D. frei Joaquim de Nazareth, da ordem dos menores da provincia da Arrabida, e bispo titular de Leontepolis. Este, xegando ao Maranhão, tomou posse solene do bispado a 11 de Maio de 1820.

Bernardo da Silveira estabeleceo nas barracas da Praia-grande um armazem publico, onde os lavradores metessem o milho, feijão, farinha, carne séca, etc., que trazem á cidade, para sem extravio poderem vender estes generos ao povo, que já oje os compra mais barato, por terem desde então cessado os atravessadores. Principiou esta tulha a ter uzo em Agosto do dito anno. Já se deo principio a um cáes em roda da cidade, que depois de acabado a fará muito formoza.

Resta abrir o furo, não só para que as canôas deçam o Itapicurú sem risco, mas tambem para que a maior força d'agua limpe a barra das areias, que cada vez vão entulhando mais e ficará d'este modo o Maranhão um dos melhores portos do Brazil.

(*) Passou por certo então ter entrado no erario de 4 a 5 milhões. Porem antes da xegada de Bernardo da Silveira tinha passado quazi tudo ao erario do Rio.

Serie dos governadores e bispos do Maranhão (1)

GOVERNADORES (2)

	Annos das posses
Jeronimo d'Albuquerque	1616
Antonio d'Albuquerque	1618
Domingos da Costa Machado	1619
Antonio Moniz Barreiros	1622
Francisco Coelho de Carvalho *	1626
Jacome Raimundo de Noronha *	1636
Bento Maciel Parente	1638
Antonio Moniz Barreiros	1642
Antonio Teixeira de Mello	1643
Pedro d'Albuquerque *	1643
Francisco Coelho de Carvalho Sardo *	1646
Luiz de Magalhães *	1649
Baltazar de Souza Pereira	1652
André Vidal de Negreiros *	1656
Agostinho Correia *	1656
D. Pedro de Melo *	1658
Rui Vaz de Siqueira *	1662
Antonio d'Albuquerque Coelho de Carvalho *	1667
Pedro Cezar de Menezes *	1671
Ignacio Coelho da Silva *	1678
Francisco de Sá de Menezes *	1682
Gomes Freire d'Andrade *	1685
Artur de Sá de Menezes *	1687
Antonio d'Albuquerque Coelho *	1690
Fernão Carrilho *	1701
D. Manoel Rolim de Moura *	1702
João de Velasco de Molina *	1706
Christovão da Costa Freire *	1707
Bernardo Pereira de Berredo *	1718
João da Maia da Gama *	1722
Alexandre da Sena Freire *	1728
Jozé da Serra *	1732

(1) Este signal* indica os que governaram o Pará e Maranhão juntamente.

(2) Eu denomino governadores aos que governaram, ou fossem capitães-generaes ou não.

	Annos das posses
Antonio Duarte de Barros *..................	1736
João d'Abreo Castelobranco *...............	1737
Francisco Pedro Gurjão *....................	1747
Luiz de Vasconcelos Lobo	1751
Francisco Xavier de Mendonça Furtado *.....	1752
Gonçalo Pereira Lobato de Souza............	1753
Manoel Bernardes de Melo Castro *..........	1760
Joaquim de Mello Povoas....................	1761
Fernando da Costa Atahide Teivas *.........	1763
João Pereira Caldas *......................	1772
Joaquim de Mello Povoas....................	1775
D. Antonio Sales de Noronha................	1779
Jozé Teles da Silva	1784
Fernando Pereira Leite de Foios............	1787
D. Fernando Antonio de Noronha............	1782
D. Diogo de Souza..........................	1798
Antonio de Saldanha da Gama...............	1804
D. Francisco de Melo Manoel da Camara....	1806
D. Joze Tomaz de Menezes..................	1809
Governo interino	1811
Paulo Joze da Silva Gama..................	1811
Bernardo da Silveira Pinto.................	1819
BISPOS	
D. Gregorio dos Anjos *....................	1608
D. Fr. Timoteo do Sacramento *.............	1697
D. Fr. Jozé Delgarte *.....................	1717
D. Fr. Manoel da Cruz.	1739
D. Fr. Francisco de Santiago..............	1747
D. Fr. Antonio de S. Jozé	1797
D. Fr. Jacinto Carlos na Silveira (1)........	1779
D. Fr. Jozé do Menino Jezus (2)...........	1783
D. Fr. Antonio de Padua...................	1784
D. Joaquim Ferreira de Carvalho...........	1799
D. Luiz de Brito Homem....................	1804
D. Fr. Joaquim de Nazareth................	1820

(1) Tomou posse por procurador, e depois passou para provizor de Evora.

(2) Tomou posse por procurador, e depois passou para bispo de Vizeo.

CAPITULO XXVII

Do clima, terreno, portos, e outras particularidades do Maranhão

§ 1. Esta provincia é sobremaneira calida pela sua proximidade ao equador : o maior calor (na cidade) sobe até 92.°, o minimo só dece até 76.° O clima é quente e úmido. Quando falta o vento geral (nordeste), tão quente é o verão como o inverno ; as noites são frescas.

As xuvas principiam em Dezembro, acabam em Julho, e são pela maior parte acompanhadas ou precedidas de trovoadas; nos 8 mezes das xuvas aparecem alguns veranicos. Sempre os dias são iguaes ás noites, exceptuando poucos mezes, em que diferem alguns minutos. O vento sul, que algumas vezes sopra de terra, é algum tanto frio e pestifero.

Aqui nunca cae neve, geada, ou saraiva. Muitas arvores nunca se despem da folha ; e as que se despojam d'ellas não o fazem todas ao mesmo tempo (algumas vezes se observa isto ent e as da mesma especie), pelo que se póde dizer que reina continuada primavera ; mas não se segue daqui o que diz Afonso de Beauchamp na sua Historia do Brazil, tom. 2.°pag. 29 linhas 7 e 8. Na parte austral da provincia os dias diferem mais das noites ; sente-se frio de noite especialmente em Junho; e o inverno principia em outros mezes. O muito calor faz que os abitantes d'este paiz andem em uma quazi continua transpiração sensivel.

§ 2. Os manjares são pouco gostozos, e pouco substanciaes. Os grãos farinaceos são muito cedo atacados do gorgulho ; e por isso o arrôz só é descascado, quando se tem de comer ou está em vesperas de ser embarcado nos navios. Todas as obras de ferro se cobrem de ferrugem em pouco tempo. Quem toma uma pinga ou vomitorio, deve guardar-se do ar livre por espaço de 3 dias. Muitos por obrarem o contrario morreram repentinamante; pelo contrario quem toma uma sangria póde imediatamente sair a passeio. A ferida fresca deve guardar-se do ar livre; e

sobre tudo de lhe tocar com agoa fresca ; do contrario rezulta muitas vezes um espasmo parcial ou total á pessoa ferida. Algumas pessoas são atacadas da molestia denominada *corrução*. N'esta o doente cae em uma profunda letargia acompanhada de febre, e a via posterior principia a dilatar-se sobre maneira : o remedio é deitar-lhe pelo anus continuados estimulantes, como são pimenta malagueta, gengibre-branco, sal, ferrugem, sapucaia etc.; si o doente acordando der um ai, é signal de que escapará. Geralmente falando aparecem muitas febres, nos lugares pantanozos e nas margens dos rios, onde não gira bem o ar.

Para não apodrecerem os dentes e adquirirem máo xeiro, é necessario laval-os depois de comer : algumas pessoas novas com instrumento os fazem pontiagudos, para ficarem mais lindos e livres de corrução. Todos os corpos mortos se corrompem passadas 24 óras depois da sua morte. São os abitantes d'este paiz sugeitos a flatos, emorroidas, e mais infermidades nervozas. Poucas pessoas criam piolhos na cabeça ; ninguem os cria no corpo, exepto ladilhas. Os naturaes do paiz têm poucas forças ; e os Europeos perdem aqui em pouco tempo uma grande parte das que tinham na Europa ; apezar d'isto encontram-se pessoas centenarias, mas quazi todos os abitantes brancos do Maranhão são descorados.

§ 3. O terreno, que se axa desde o rio Parnahiba até a bahia de São-Jozé, está ainda pouco cultivado e mal povoado, por não ter tantas e tão bôas matas como as outras terras da provincia; o seo maior porto é a Tutóia, que admite sumacas. Esta costa tem 12 legoas d'altos morros d'areia, que o vento continuamente faz mudar de pozição : xamam a este areial Lençoes-grandes. Aqui se cação algumas tartarugas de casco fino, que tem arrobas de pezo (*), e já n'esta costa arribou uma

---

(*) A tartaruga sae ás praias em certos tempos do anno, fazendo uma cova na arreia, põe ali grande quantidade de ovos, que o calor do sol desenvolve. As tartaruguinhas, tanto que nacem, correm logo para a agoa ; mas antes que xeguem a ellas muitas servem de prezas aos gaviões. No Pará vemos grande quantidade de tartarugas d'agua dôce ; o seo casco não presta, mas a sua carne, que se assimilia á de vaca, come-se, e dos seos ovos se faz muita manteiga, que serve d'azeite e fornece um ramo de comercio.

baleia (1). Na bahia de São-José entram por engano alguns navios; e como d'esta não podem sair, dão (com muito custo) volta pelo rio Mosquito, e decem para a barra da cidade.

No rio Munim navegam canôas grandes (2) até a Manga, no inverno. As margens d'este rio e seos tributarios são muito apropriadas para a cultura de algodão, café e laranjas. O Itapicurú ou Itapucurú (3) dá navegação a canôas grandes até Caxias; as margens d'este rio são as mais proprias para arroz e algodão.

§ 4. Aqui é onde vivem os maiores lavradores da provincia, cada um na sua fazenda com toda sua familia e escravos. Fazendas existem em que trabalham 100 escravos d'ambos os sexos, entre estes notam-se carapinas, ferreiros, caçadores, barbeiros etc; em algumas está um capelão para dizer missa a toda esta gente, que na verdade forma uma boa aldeia; e tem 2 leguas de terra para trabalhar da maneira seguinte: cortam o mato, deitam-lhe o fogo e depois de xover bem sobre esta cinza, principiam (sem mais trabalho) a semear, enterrando de distancia em distancia 3 ou 4 grãos da semente: quando o mato ou capim vae crecendo, corta-se; e não tem mais cultura. Cada um anno semeam 300 até 400 braças quadradas de terreno; e para ser bôa a lavoura, não se deve semear no mesmo sitio, sinão passados 12 annos (4).

Lavradores existem, que possuem 3, 4 e mais fazendas, similhantes ás de que acabo de falar; e por isso

---

(1) O peixe espadarte, que tem 20 a 30 palmos de longor, e no focinho uma espada ossea de 6 a 7 palmos de comprimento, fere com ella muitas vezes a balêia, de quem é inimigo, e esta sentindo-se esgotada de sangue, arriba ás praias e ali morre.

(2) Canoa-grande é um barco de coberta do tamanho de sumaca.

(3) Dizem, que *Ita-pucurú* quer dizer pucaro de pedra, e que o rio toma este nome de um perigozo sorvedouro entre pedras, que existe junto de sua foz, e que se assimilha a um pucaro ou panéla fervendo. Porem na Bahia tem o nome de *Itapucurú* não só um rio, mas tambem certa planta.

(4) No Mexico no lago Xochimolco vêem-se ilhas nadantes, em que os indios plantam jardins, ortaliças, e varias plantas frutiferas. (L'Europe et l'Amerique comparées, tom. pag. 74). No rio Congo em Africa tambem existe grande numero de pequenas ilhas fluctuantes: as maiores tem até 100 varas de comprimento. (Geogr. de Pinkerton).

axam-se alguns, que colhem 3.000 arrobas d'algodão em pluma ou limpo, e 6.000 ditas de arroz (1).

§ 5. Os lavradores do Itapicurú, na sua profissão, se assimilham aos do Douro. A foz do Mearim é muito espraiada ; passada porém esta, tem muito fundo este rio, e dá navegação a canôas grandes no inverno até mais de 30 leguas.

A rapidez da sua corrente, as tortuozidades do seo alveo, e o pouco fundo da sua boca suspendem a enxente da maré por algum tempo ; de cuja opozição rezultam umas ondas tão encapeladas, que fazem um espantozo ruido nas proximidades da sua foz : vencida a opozição, corre a maré para cima com tanta velocidade, que enxe em menos de 3 óras o que depois vaza em 9. Este fenomeno, denominado *pororóca*, acontece na lua nova exeia, é mais fórte no verão do que no inverno, e comunica-se ao Pindaré (2).

§ 6. Perto da praia atravessa o Mearim muitas leguas de campos que se estendem até São-Bento (3) : n'estes campos pastam muitos milhares de cabeças de gado vacum e cavalar. Junto de Viana, na fazenda do Maracú, que foi dos jezuitas, contou o seo possuidor 14.000 cabeças de gado das ditas especies (4).

Pelo rio Pindaré sobem canoas grandes até Viana e acima de Monção. Entre os muitos lagos, que dezaguam n'este rio, ve-se um com uma pequena ilha xamada de Murutim-oatá, que na lingua geral quer dizer *Murutim-grande*, porque ella se muda de uma para outra parte, por ser um agregado de morotins, mururis e outras plantas, cujas

---

(1) E' lastima ficarem desperdiçados (por ser dificultoza a condução de tantos robustos troncos de preciozas madeiras, que ficam deitados sobre o terreno da roça; o fogo apenas os xamusca por serem muito compactos. A seara ou lavoura xama-se roça.

(2) Dizem, que Jozé Gonçalves da Silva (natural de Serva nas margens do Tâmega) possue 30 leguas de terra e 2.000 escravos, tudo em varios sitios do Maranhão e Pará.

(3) A dita fazenda tinha 5 leguas de terreno. Oje as datas são só de uma legua. O que consegue uma data de terras, nunca paga d'ellas foro ou pensão, e pode dispor d'ellas ou deixal-as a seos erdeiros. Só se despende muito na demarcação.

(4) Xama-se aqui campo do brejo, brúza ou prado natural. Este nunca se cultiva : servé só para pastagens.

raizes emaranhadas por baixo a sustentam sobre agua. Em outros lagos da provincia vemos ilhotes similhantes(*).

Entre os lagos conhecidos do Maranhão, os de Viana são os maiores: o que está junto da villa, apezar de ser d'agua dôce embravece-se com o mar; as margens d'este lago mostram-se no verão muito agradaveis; porque logo que a agua vae baixando, se vão cubrindo de uma amena relva, onde pastam grandes rebanhos de gado, patos bravos de varias castas, e outras especies d'aves. No Peri encontram-se extensas salinas naturaes: o mar, transbordando em Agosto, deixa aqui grande porção d'agua, que pela propriedade do terreno se salifica; e por ser licito a todos o apraveitarem-se d'este sal, lhes deram o nome de salinas geraes do Peri.

§ 7. A ilha do Maranhão é de grande fertilidade por ser cortada de muitos regatos; tem boas aguas, as suas madeiras são as de maior duração; produz bons coqueiros e o melhor tabaco da provincia. Aqui é onde os da cidade têm as suas quintas de recreio e lucro, a que xamão *sitio*; nome que se dá em toda provincia ao lugar onde estão as cazas na quinta ou fazenda.

§ 8. O terreno d'esta ilha, assim como o de toda a provincia, é em parte baixa, e em parte semeados de morros e collinas, mas não tem serras consideraveis. Além do porto da cidade tem um ancouradoro no Itaki, que dizem ser um dos melhores portos do Brazil, por ter bom fundo, ser susceptivel dos maiores vazos que o de São-Luiz e muito abrigado: n'elle foi composta a fragata Venus em 1819, é verdade, que não é muito espaçozo. O porto d'Alcantara admite sumacas. No distrito d'esta ilha existe um alto morro bem conhecido dos navegantes com o nome de *Itaculumim*, que na lingua geral quer dizer *rapaz de pedra*. Na bahia de Guimarães (antigamente de Cumá) podem entrar navios. Vê-se no rio Pericumá uma planta denominada *mururi*, cujas raizes, emaranhando-se fortemente umas com as outras, formam um grosso matagal, que, sustentando-se sobre agua, cobre grande estensão das

---

(*) No Pará tambem aparecem pororócas entre Macapá e o Cabo do Norte; como tambem no rio Guaman, etc.

margens do dito rio; que por esta cauza só oferece aos olhos do espectador um pequeno espaço na veia d'agua.

Este matagal, a que dão o nome de balsedo ou tremedal, cria debaixo de si temiveis sucurujús e jacarés. Algumas pessoas caminham por cima d'elles. O distrito de Guimarães é saudavel, de boas aguas, e o mais proprio para a cultura da maniva, e alguns lavradores recolhem por anno 5.000 arrobas de farinha. Podem entrar sumacas nos rios Calháo, Urú, e Turi, assim como nas bahias Cabelo-de-velha, Anajatuba e Turinâna. Na ponta do nordéste da ilha de São-João existe um bom surgidouro para navios. Diversos canaes dividem esta ilha em 6, a qual é muito baixa.

§ 9. O sertão é pela maior parte mais seco que o resto da provincia, mas tem bons pastos, e por isso os seos moradores xamados sertanejos, se ocupam em criar grandes quantidades de gado vacum e cavalar.

Dizem viver no sertão certa planta, cuja grande folha afunilada conserva por muitos tempos a agua da xuva, com a qual os viajantes matam a sede. Finalmente não deixarei de dizer aqui, de passagem, que n'esta paiz (e em outras muitas provincias do Brazil) só quem tem muita preguiça é que passa mal. Qualquer proprietario cede por muitos annos ao pobre muitas braças quadradas de terreno; a natureza espontaneamente oferece muitos socorros para a vida; os matos e os campos assás abundam em mel, frutas, caça etc. (*)

§ 10. O mar, os rios e os lagos são muito piscozos. Os capitulos seguintes darão a conhecer tudo isto miudamente. Com razão o bispo do Pará D. frei Caetano Brandão, admirando a amenidade do rio Aramucú e fertilidade das terras, que elle rega, exclamou dizendo:» Que espectaculo deliciozissimo! Porém que perda! Campos tão belos sem cultura, pastos os mais preciozos, e nem uma só vez se alcança com a vista. Magoa grande é vêr as cidades (ainda a do Pará) xeias de gente ocioza, que

(*) Aquelle que se perde no mato e se vê obrigado a sustentar-se de frutás, de que não tem experiencia, deve comer só d'aquellas que estiverem dentadas do macaco, para evitar as venenozas.

com o seo trabalho e industria podiam tirar d'estes lugares e outros similhantes ricas producções para o bem do genero umano; porém a moleza, o ocio, a torpe preguiça danam tudo. (1)

CAPITULO XXVIII

Das povoações do Maranhão

§ 1. A cidade de São-Luiz está situada em terreno levantado e deziguał, tem boa cazaria, e é muito comerciante; as suas ruas correm do oeste a léste, e são cortadas por outras de norte a sul; tem alguns largos ou terreiros bons.

Esta cidade vista do mar mostra uma perspectiva pitoresca, por cauza dos altos e vistozos coqueiros, que existem nos quintaes.

A sua população, que será de 16.000 abitantes pouco mais ou menos, está dividida em duas freguezias, que são Sé e Conceição.

E' a capital da provincia e rezidencia do capitão general, seo governador, que tambem é regedor das justiças, prezidente do conselho militar, da relação, da junta da coroa e da fazenda real; este tem continencia real. N'ella tambem rezide o bispo (2). Tem um convento de franciscanos reformados da Conceição de Portugal; outro de carmelitas calçados, terceiro de mercenarios, e um recolhimento de mulheres.

Tambem tem muitas irmandades; sendo a de S. Benedito, preto, a mais numeroza, e a de Nossa Senhora dos

(1) Memorias para a istoria da vida do veneravel arcebispo de Braga D. frei Caetano Brandão, tom. 1, pag. 192.

(2) O bispado do Maranhão abrange a provincia do Piauhi, é sufraganeo do patriarca de Lisboa, e rege-se pela constituição do arcebispado da Bahia. O cabido dirige-se pelos estatutos do cabido do Pará.

Remedios a mais rica, depois da Mizericordia. (1) Tem esta cidade um regimento de linha, um de milicias de brancos, outro de pretos livres xamados pedestres, uma companhia d'artilharia, outra de cavalaria miliciana. (2)

As principaes exportações do comercio d'esta cidade são algodão, arroz e alguns couros de boi. O seo porto é defendido por um baluarte e 2 pequenos fortes, a que xamam fortalezas.

§ 2. Existem as seguintes povoações :

VINHAES. Vila de indios creada em 1757, era antigamente uma missão do convento de S. Antonio com o nome de São-João dos Poções. Na sua camara só entram indios. S. João Baptista é o padroeiro da sua matriz.

PAÇO DO LUMIAR. Vila d'indios, creada em 1767, foi missão dos jezuitas. Na sua camara só entram os brancos da freguezia. A sua matriz é dedicada á Nossa Senhora da Luz. (3)

SÃO-JOZÉ. Antiga aldeia dos indios. Algumas vezes tem vigario e outros não, por ser pobre.

ALCANTARA OU TAPUITAPÉRA. Vila creada em 1648 por seo donatario, é populoza, de boa cazaria, comerciante e situada em terreno alcantilado.

Tem um convento de carmelitas calçados, outro de mercenarios, e um forte no sitio onde existio o colegio dos jezuitas, que tambem eram senhores das salinas, que estão nas vizinhanças d'esta vila. A sua matriz é dedicada a São Matias. Esta vila foi antigamente cabeça de uma capitania secundaria.

---

(1) Um escravo, que estava fugido na capelinha dos Remedios matou n'ella a seo senhor, que o procurava. Este orrozo cazo afugentou os devotos, e a Senhora ficou dezamparada e sem culto no meio dos matos, que o governador Joaquim de Melo Povoas, fazendo abrir em direção a ella a larga estrada, que oje forma a rua dos Remedios, fez crecer tanto a devoção, que o seo zelozo e virtuozo ermitão Francisco Xavier levantou em 1790 o templo, que oje existe, com as esmolas dos devotos.

(2) No resto da provincia existem 8 regimentos de milicias e 3 companhias e uma grande parte d'estas milicias é cavalaria.

(3) Quazi todas as povoações dos indios constam de um espaçozo terreiro quadrado ou quadrilongo; as cazas em roda d'este e a igreja no meio ou a um lado do mesmo largo.

GUIMARÃES. Vila creada em 1758, é florecente. Teve principio nos indios de uma fazenda, que ali existio, de Tefiolo de Barros (natural do paiz), o qual, vendo-os libertos pela lei de 1755, lhes deo as suas terras para n'ellas se aldearem. São Jozé é o padroeiro da sua matriz

SÃO-JOÃO DE CORTES. Aldeia de indios pescadores. Já foi freguezia, mas oje está sugeita á Alcantara.

SANTA HELENA. Pequena aldeia d'indios.

PINHEIRO. Pequena aldeia d'indios.

ANADIA. Pequena aldeia, fundada a poucos annos.

SÃO BENTODOS PERIZES. Aldeia cabeça de freguezia. João Alves Pinheiro, Transmontano, que eu ainda conheci, foi o seo primeiro povoador.

VIANA. Vila creada em 1758, foi missão dos jezuitas. Antigamente eram camaristas da sua camara os indios e os brancos ; oje estão excluidos aquelles. Nossa Senhora da Conceição é a padroeira da sua matriz. Esta vila exporta para a cidade muitas madeiras.

BOA-VISTA. Aldeia de pescadores.

MONÇÃO. Aldeia de indios Gamelas e cabeça da freguezia de S. Francisco Xavier. Tambem lhe xamam Carará.

VICTORIA. Aldeia, cabeça da frequezia de Nossa Senhora de Nazareth do Mearim ; onde existem um julgado.

ARARI. Pequena aldeia.

ITAPICURU. Aldeia muito antiga, cabeça da freguezia de N. S. do Rozario. Algunsxamam-lhe só a freguezia.

SÃO-MIGUEL. Aldeia d'indios ; Nossa Senhora das Lapas e Pias é a padroeira de sua matriz.

ITAPICURUMIRIM. Vila florecente, creada em 1818. Jozé Gonçalves da Silva é o seo primeiro alcaide-mór. Fazem 35 annos que principiou a ser povoada. Nossa Senhora das Dores é a padroeira de sua matriz. Junto d'esta vila se faz a feira das boiadas, que decem do certão.

ICATU OU MUNIM. Vila muito antiga. Nossa Senhora da Conceição é a padroeira de sua matriz. Faz-se n'esta vila muito sabão.

MANGA. Aldeia dependente de Icatu. N'ella rezide o vigario da freguezia de Nossa Senhora das Dores de Iguará por esta não ter ainda igreja propria.

Caxias ou Aldeias-altas. Vila creada em 1802, é a mais antiga, florecente e comerciante da provincia. Tem juiz de fóra. São decorridos 60 annos que principiou a ser povoada. Nossa Senhora da Conceição é a padroeira da sua matriz.

Trezidèla. Aldeia de indios, e cabeça da freguezia de Nossa Senhora de Nazareth.

Santo-Antonio. Aldeia de indios Amanajós.

São-Bento. Aldeia, cabeça da freguezia de Pastos-bons.

São-Felix. Aldeia, cabeça da freguezia de Balsas.

Brejo-dos-Anapurus. Aldeia comerciante.

São-Bernardo. Aldeia, cabeça da freguezia de Nossa Senhora da Conceição.

Araiós. Aldeia, cabeça da freguezia de Nossa Senhora da Conceição.

Tutoia ou Titoia. Vila creada em 1758, tem o juiz branco, e outro indio. A sua matriz é dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

Periá. Aldeia de indios, donde se exporta para a cidade muito peixe seco.

Muritiba. Pequena aldeia d'indios.

Na provincia existem mais algumas aldeias de pouca monta. A maior parte das fazendas se podem reputar como aldeias. O vigario vae a estas dezobrigar os seos freguezes, levantando ali altar portatil.

O sertão está tão pouco povoado, que os que distam entre si 10 leguas, ainda se xamam vizinhos.

CAPITULO XXIX

Dos abitantes do Maranhão, seos costumes e lingua

§ 1. A respeito de costumes religiozos não entro em miudezas ; só digo que os vicios da incontinencia, da ambição e da crapula (nas classes inferiores) com os mais que d'estes nacem, estão muito arraigados n'este

paiz ; essas venenozas serpentes fazem orrivel estrago no povo de Deos, e até muitos *filhos d'Arão* são victimas do seo furor.

Porém ainda se encontram pessoas de uma virtude edificante. O Deos das mizericordias aumente o numero d'estas boas almas, enviando a esta porção da sua vinha operarios xeios do Espirito Santo !

São os abitantes d'esta provincia afaveis, naturalmente esmoleres, esmeram-se na ospitalidade ; gostam muito de onras e distinções ; criam os filhos com excessivo melindre : estes são vivos e aptos para as siencias e artes. Gostam muito de dansa, jogo, e tabaco de fumo, tanto omens como mulheres. Dividem-se em 4 classes, a saber, brancos, indios, pretos, e pardos, que são os decendentes das 3 primeiras classes misturadas ; e por isso lhes xamam mestiços.

§ 2. Os brancos uns são filhos do paiz, outros Europeos, Portuguezes e alguns estrangeiros. Os Portuguezes das ilhas dos Açores e de Portugal, que pela maior parte são cazados com filhas do paiz, são os mais ricos, tanto em lavoura, como em comercio. Antigamente todas as mulheres uzavam de uma toalha em lugar de manto ou capa, (1) oje só algumas pobres uzam d'ellas, porque as outras todas se aceiam com bons vestidos. Em caza as brancas nunca apareciam a homem, que não fosse de sua familia; oje já aparecem muito, quazi todas da cidade, e ribeira de Itapicurú, nas outras partes poucas deixam de observar o antigo costume, especialmente no sertão, onde algumas ainda cazam sem que os futuros maridos as vejam, sinão no acto do cazamento.

Dão os filhos a criar ás suas escravas, e como estas padecem muitas vezes molestias ocultas, por isso muitos, bebendo-lhes o leite, ficam debeis e doentes. Melhor seria que as mães os criassem a seos peitos, como faziam as antigas matronas. *Meias mãis* xamaram alguns sabios ás que não criam os filhos. (2)

---

(1) No Pará ainda oje as mesmas senhoras uzam d'ellas, mas muito bordadas. E' uma especie de mantilha muito curta.

(2) Eva e Ave, parte 1.ª cap. 8.

§ 3. Os indios uns vivem christianizados entre nós, outros selvagens nos matos, estes xamam-se tapuios ou gentios. (1) Os christianizados, a que tambem xamam *caboclos*, já quazi todos têm passado, a mestiços, mas não deixaram ainda a indolencia de seos ascendentes.

Em tendo com que passar um dia, não cogitam do seguinte. De boa vontade fazem sentar á sua meza os estranhos, que xegam á óra de comer, como si fossem todos da mesma caza. As suas cazas, que pela maior parte se podem xamar pocilgas, são de taipa, terreas e cobertas de folhas de palmeira, e a maior parte só com portas de esteira (assim eram antigamente as da cidade). Vivem de caça, pesca e alguma lavoura de comestiveis, alguns exercem artes mecanicas, e fazem penélas sem o adjutorio da roda. Dos gentios uns vivem em paz comnosco, outros em guerra ; estes atacam muitas vezes as fazendas, que estão nas suas vizinhanças e matam muita gente. Quando podem xegam de noite ás fazendas, atiram com uma flexa o fogo sobre as cazas, que logo ardem, por serem cobertas de folha de palmeira, e os moradores obrigados pela xama saem d'ellas ; então os gentios, divizando-os bem com a luz das lavaredas, lhes atiram com as suas flexas e maças. Outras vezes atacam mesmo de dia ; vale porem muito o terem elles grande medo de espingardas ; com tudo ja não caem ao ouvir tiros d'ellas, como antigamente. Existem alguns destacamentos para lhes fazerem guerra defensiva (2).

---

(1) Parece, que em algumas partes do Brazil se dà o nome de *caboclos* só aos cafúzes Veja Hist. de Portugal, já citada. tom. 3.º pag. 273.

(*) O commandante do destacamento de Pastos-bons enviou ao governador D. Francisco Manoel certo idolo que os Cupinharós adoravam.

Talvez estes indios seriam antigamente christianizados pelos missionarios, e depois fugindo para os matos, foram cahindo na idolatria.

O mesmo se deve ajuizar de outros selvagens do Brazil, em que se axam alguns indicios de religião : como os Caans de Mato Grosso, que tributão certo culto ao Creador, e os seos pretendidos sacerdotes trazem na mão uma cruz, assim como os jezuitas uzavão de um bordado em forma de cruz.

Estimam sobre tudo o ferro ; e por isso se saqueam alguma caza, levam todo o que encontram. Tingem-se com tinta de urucú para se fazerem mais temiveis, e para afugentarem os bixos com o insuportavel xeiro d'ella. Umas nações uzam de maca ou rede, outras dormem sobre ervas secas. As suas cazas são cabanas de folha de palmeira. Sustentam-se pela maior parte de frutas silvestres, caça e pesca ; nada comem cozido e para assarem a carne, metem esta (sem a estriparem) em uma cóva xeia de brazas, e cobrem tudo levemente de terra ; o calor do fogo reconcentrando-se penetra de tal sorte na carne, que fica bem assada e saboroza. Todos andam nús ; a onestidade dos omens consiste em puxarem para diante o prepucio e atarem-no com uma tira de casca de planta (1) ; as mulheres apenas recatam as suas partes com uma pequena tira de rede ou com uma folha de planta.

Algumas nações nem das referidas decencias uzam. Os adornos dos gentios consistem em penas de passaros, ovos de animáes, e franja de algodão tingido de vermelho. Prezentemente não consta, que sejam autropofagos ou comedores de gente; antigamente comiam os prizioneiros, e faziam dos cascos das cabeças tigelas, e dos ossos das pernas gaitas (2).

Algumas nações têm guerra com as outras quazi sempre por cauza da caça e pesca. As suas armas são flexas e maças de páo esquinadas, com que atiram á cabeça, e algumas nações uzam tambem da esgravatana, que é um canudo artificial de 12 palmos de comprido, pelo qual por meio do sopro atiram uma pequena flexa ; a mira d'esta arma é um dente d'animal. Os xefes uzam de uma

---

(1) De tal decencia ou indecencia uzam os pescadores e remeiros ainda mesmo junto da cidade. Xamam á dita atadura *tacanhóba*.

(2) Iguaes orrores existiram antigamente na Europa. Em 568 da era christan ainda os Lombardos e outros povos do norte bebiam no seos festins por tigelas similhantes. Os Alãos esfolavam os seos inimigos depois de lhes tirarem a vida ; e da pele, tirada com a cabeça, faziam xaireis para os seos cavalos. Millot, Histor. Univ. tom. 4, pag. 116 e 318.

lança de páo preto, e alguns tambem de uma especie de maxado,cuja parte cortante é de pedra muito dura e afiada. Nas suas viagens vão os gentios cortando mato e deitando-o para traz ; talvez para cobrir o rasto. Passam os rios por pontes,que formam na superficie d'agua com varas tecidas de cipó. As mulheres, logo que parem, lavam-se no rio com o filho, o qual, quando viajam, levam ao tiracolo em uma manga de rede.

Gostam os gentios muito de dansa, e n'ella tocam os seos maracás, que são côcos ou cabaças com pedrinhas dentro. Curam as suas molestias com as plantas. Uns fazem grande buraco nas orelhas, e com pezos as fazem compridas ; outras furam o labio inferior, e metem no buraco um botoqne de páo ou pedra. Os Gamelas uzam n'elle de uma gamelinha, onde poem o comer para dali o atirarem á boca por meio da contração do beiço ; o que os faz orrendos e ediondos ; porém alguem diz, que estes oje ja não furam os beiços aos filhos. Parece, que os cazamentos dos gentios consistem só em um festim, e entre algumas nações na entrega de um ramo de palmeira.

Algumas nações tem oferecido paz, mas situando-as os governadores da provincia nas vizinhanças dos brancos com adjutorios para a sustentação e lavoura, muitas fogem outra vez para os matos, onde podem viver sem trabalhar. E' verdade, que alguns têm sido maltratados, como poucos annos passados aconteceo em Aldeias-altas a duas órdas d'elles,que, por serem tratados com máo metodo, fugiram todos em uma noite para as suas terras. Dizem, qne uma órda levára bexigas, e que toda ou quazi toda morrêra com ellas; porque os Tapuios todos morrem tanto que lhes dá esse mal : recentemente porém já ouvi dizer, que descobriram uma planta, com que se curam d'ellas facilmente. Os Amanajós são brancos e de bôa indole. Dizem uns, que estes decendem dos Olandezes, que na guerra de 1642 e 1643 se extraviaram para os matos, perseguidos dos Maranhenses ; outros dizem o que já deixo indicado.

As nações, de que eu tive noticia, vão indicados no mapa.

§ 4. Os pretos uns são escravos e outros são forros;

uns são Africanos, outros já nacidos no paiz; estes ultimos, xamam-se *crioulos*.

Os escravos são os que fazem as lavouras debaixo da direção de um feitor branco, ou do seo senhor, e muitas vezes um dos mesmos cativos. Alguns são bem tratados por seos senhores; mas a maior parte são tratados como escravos, isto é, com pouco comer e muito trabalho. Passo em silencio as tiranias, que alguns obram com estes mizeraveis, é verdade, que existem escravos tão máos que matam os feitores, e algumas vezes os seos mesmos senhores, e os companheiros da sua escravidão. Para suavizar a sua triste condição fazem, nos dias de guarda (1) e suas vesperas, uma dansa denominada *batuque*, porque n'ella uzam de uma especie de tambor, que tem este nome. Esta dansa é acompanhada de uma desconcertada cantoria, que se ouve muito longe.

§ 5. Os mestiços têm varias denominações, cada um segundo o gráo de mistura que tem; as primarias são: *mameluco*, decendente de branco e india; *mulato*, decendente de branco e preta; *cafuz*, decendente de preto e india ou mulata. Vice-versa têm os mesmos nomes.

Muitos mestiços tratam-se com grandeza e logram melhor saúde n'este paiz do que os brancos. Regularmente são os pretos e os mestiços os que se empregam nas ocupações mais laboriozas; e andam descalços, assim como tambem os indios. Ainda se encontram mesmo pela cidade muitas pessoas (regularmente escravos) de ambos os sexos núas da cintura para cima. Muitas pretas e mestiços trazem a cabeça e pescoço cobertos de ouro; algumas senhoras caprixam em trazer atraz de si duas ou trez escravas carregadas do dito metal. Algumas das pessoas que andam descalsas, trazem bons vestidos, e muitas vezes de sêda. (2)

---

(1) Alguns senhores concedem aos escravos em todas as semanas um *dia de fazer* para trabalharem n'elle para si; porém a maior parte, com desprezo dos preceitos ecleziasticos, lhes facultam a dita licença nos *dias de guarda*.

(2) Em algumas procissões aparecem pretos pequenos vestidos d'anjos, descalsos, nús da cintura para cima, com uma toalha dobrada ao tiracolo, atada *por baixo do braço*, e uma corôa de flores na cabeça.

§ 6. O sertanejos andam vestidos desde a cabeça até os pés de couro de veado curtido, porque, uzando de outros vestidos, o mato xamado unha de gato os deixa nús em pouco tempo.

Entre estes dezalmados (1) muitas deszavenças e omícidios aparecem, quazi sempre por cauza de mulheres, e pela falta de certas politicas uzadas no sertão (2).

Pouca instrução tem sobre os deveres religiozos, e por isso são muito inclinados á superstição (3); muitos trazem no peito um bolsinho com palavras santas e reliquia de santo, ou couza similhante, e têm tanta fé n'isto que julgam poder matar e ferir, sem que alguem lhes possa fazer o mesmo, por se julgarem impenetraveis; xegam a tanto, que pedem aos que duvidam d'isto, que lhes dêm um tiro com arma de fogo para experimentarem a sua impenetrabilidade; porém só são felizes, quando se não faz similhante experiencia. Xamam ao dito bolsinho *patuá*; e algumas vezes o vendem por muito dinheiro.

§ 7. Os abitantes do Maranhão uzam de rede, já como cama, já como palanquim ou cadeirinha carregada por dois escravos em uma tabóca de 15 até 20 palmos de comprimento.

§ 8. Prezentemente a lingua corrente no paiz é a

---

(1) Fazem poucos annos que morreo prezo na cidade de São-Luiz um sertanejo por autonomazia o *Tira-couros,* que tinha esfolado vivas algumas pessoas.

(2) Ex. gr. Quando um cavalheiro se despede de uma fazenda, deve o dono da caza sustentar-lhe o estribo para elle montar; a este obzequio responde o cavalheiro: Recebo as onras de meo senhorzinho onrado; a onra não é de quem a recebe mas sim de quem a dá. » O escravo que se liberta calça logo xinéla e quer ser tratado como branco, e que ninguem lhe xame *negro.* So ás pessoas escravas se póde xamar *rapaz* ou *rapariga* (nomes que em todo o Maranhão indicam escravidão) etc.

(3) Em algumas partes apenas ouvem uma ou duas missas no anno por falta de sacerdotes. Em todas as fazendas da provincia, que distam muito da igreja, existe um cemiterio para enterrar os mortos.

portugueza; os instruidos a falam muito bem; porem entre os rusticos ainda corre um certo dialecto (1), que, emquanto a mim, é o rezultado da mistura das linguas das diversas nações, que têm abitado no Maranhão: elles a falam com um certo metal de voz, que o faz muito agradavel ao ouvido.

§ 9. A provincia do Maranhão terá 160.000 abitantes, não entrando n'este numero os selvagens. O numero dos cativos é para o dos livres como 2 para 1 pelo menos (2).

---

(1) A seguinte carta dá alguma idea d'elle:

« Meu Fio: Estimarei que tu já esteja mió das tua cezão: eu e tua comade Quitaja não pasâmo tão má. Ahi ti mándo um côfo, e deu delle duas garrafas d'agoa arden bai d'ellas vão duas faca e treis cuié di prata, embruiadas nûas fôia.

« Não te remetto agora o moléque (*) Cazuza; por que o vejo ainda muito columim: elle cá nos vai servindo para i ó má pescá com o Tótó. O nosso Lulú esteve tão mà dos óio, que eu cuidei elle lhe spocávo (**): agora está tão gordo, que o Chichi não o póde abraçá. Tem cuidado no Feitô manda tirá o capim do lôlô, e tijuco terreiro. Meu Fio, eu ti dou a minha bençam, e Deu nosso Sinhô ti dê a sua por seu infinito amô. Asseita muitas lembrança do nhô Mâno, e do Quimquim. Tua May Polúca.»

Em bom portuguez diz assim.—Meo filho: Estimarei, que tu já estejas melhor das tuas sezões; eu e tua comadre Quiteria já não passamos tão mal. Ahi te mando um côfo, e dentro d'elle duas garrafas d'agua ardente; debaixo d'ellas vão duas facas e trez colheres de prata, embrulhadas em umas folhas.

Não te te remeto agora o moleque Jozé, por que o vejo ainda muito rapaz; elle cá nos vae servindo para ir ao mar pescar com o Antonio. Nosso Luiz esteve tão mal dos olhos, que eu cuidei, que elles lhe saltavão fora; agora está tão gordo que o Francisco não o póde abarcar. Tem cuidado no feitor, manda tirar a erva do arroz, e a lama do terreiro. Meo filho, eu te dou a minha benção, e Deos, nosso senhor, te dê a sua por seo infinito amor. Aceita muitas lembranças do senhor Manoel e do Joaquim. Tua Mãi Apolonia.

(*) Moleque, preto pequeno.

(**) Em lugar de espocavam. O verbo espocar julgo, que vem da lingua geral, e significa rebentar ou saltar fora.

(2) Só no anno de 1817 vieram para o Maranhão 8.000 escravos. Si não morres sem tantos, como morrem todos os annos (uma grande parte por cauza do máo trato, e da triste lembrança de verem separados para sempre da sua patria e parentes) existeria agora na provincia extraordinario numero d'elles.

CAPITULO XXX

Das plantas

§ 1. Todo o terreno do Maranhão se vê coberto de plantas e espessos arvoredos, e da continua rezolução de tantos vegetaes é, que provém a grande abundancia de *humus*, que aparece sobre a terra quazi por toda a parte, e que é a cauza da exuberante produção d'este paiz. A mata virgem ou firme (nunca cortada) já é rara, não falando nas terras dos selvagens.

O viajante, quando entra a primeira vez n'estes bosques, tão cerrados que vedam a entrada aos raios do sol, e tão altos que parece demandam as nuvens; olhando para troncos de tanta corpulencia (1) e altura carregados de diversas frutas; vê-se acometido de uma especie d'arripiamento ou para melhor dizer, d'aquelle respeitozo orror de que fala o padre Jozé Agostinho Macedo no seo poema. (2)

Eu assim o experimentei, quando na viagem ao Pará atravessei as 4 1/2 legoas de mata virgem, que existe entre Ourém e Tentugal.

A mata que já foi cortada xama-se *capoeira*; tendo esta 12 annos ou dahi para cima, xama-se *capoeira assú*, e tendo menos *capoeira-mirim*.

§ 2. Muitas plantas medicinaes e varias arvores estrangeiras se têm naturalizado no paiz. O extraordinario numero de plantas faz que se não possa falar de

---

(1) De alguns se forma uma canoa inteiriça de 400 arrobas de carga. O tronco abre-se (com fogo) de uma parte ao comprido; e depois se desbasta, e se lhe dá a forma de barco, e assim fica mais larga do que era o tronco.

(2) Aqui com maior pompa, e mais riqueza
Se mostra a força vegetal nas plantas,
Nos troncos colossaes, na sombra imensa,
Sagrado orror aos incolas inspiram:
Dos omens socios, são da vida esteios.

(Meditação, canto 3º).

todas; eu porém direi o que souber das principaes e mais conhecidas (1).

Abacateiro, arvore mediana de folha comprida como a da cerejeira; o fruto, xamado *abacate*, assimilha-se á uma grande péra-marmela comprida e tem casca muito verde, polpa esverdeada, sucoza e gostoza, comida com assucar; o caroço é uma castanha da grandeza de uma pequena maçan pontuda, e coberta de casca delgada e parda: este caroço serve para tinta rôxa.

Açouta-cavalo, arvore pequena.

Alcaçús, pequeno arbusto de folha assimilhada á do louro, porém mais pequena; a sua raiz é bem conhecida. Mitiga as asperezas da traca arteria e da bexiga. E' bôa para tosse; provoca a saliva e é remedio contra os axaques do peito. (2).

Algodoeiro, ramozo, arbusto de folha grande, larga, com 3 a 5 divizões pontudas; a flôr é amaréla com 5 folhas, cada uma com sua pinta rôxa junto á baze; o fruto é um capulho ou capsula, esverdeada, triangular, grossa, e de 2 polegadas de comprimento; a qual encerra um agregado de carocinhos pretos rodeados de lan muito branca, que é o algodão; e amadura, quando o capulho se abre em 3 porções. O *algodoim* produz algodão amarélado, e é pouco uzado: o *algodão bravo* dá só flor vermelha, e nada mais.

Almécega, arvore pequena, que produz a droga do seo nome. Aparece pouca.

Almiscar, pequena planta de folha e flôr similhantes ás do algodão. O seo fruto é um capulho grosso de 5 angulos ou quinas, e xeio de pequenas sementes com xeiro de almiscar e medicinaes.

Amejuba, arvore pequena de madeira forte. Existe branca e amaréla.

Anajá, especie de pequena palmeira espinhoza; produz uns caxos de fruta quazi do tamanho de ovo de galinha, casca liza e amarelada, tem em roda de um grande

---

(1) Na America.

(2) Pacheco, Divertimento erudito, tomo 1.º pag. 383.

caroço uma massa amarela, pouco gostoza; no centro do caroço está uma amendoa oleoza.

Ananazeiro, planta assimilhada á baboza, mas de folha mais miuda; esta veste uns talos de uma polegada de grossura, nas pontas dos quaes nace, sem precedencia de flôr vizivel, um fruto como uma grandissima pinha de casca escamoza e amarelada ou esverdeada, servindo-lhe de coroa o olho ou ponta do mesmo talo.

A massa d'este fruto, xamado *ananáz*, tem gosto e cor do melhor pecego, com alguma mistura de melão fino; e é muito sucoza e de xeiro agradavel. O suco é contraveneno do *tucupim*, a folha tem bom linho. O xamado *abacaxi* é o melhor. Dizem, que esta provincia produz os melhores ananazes do Brazil. Este fruto é sem duvida o melhor do Brazil. (*). Souza Gaiozo, porém dá-lhe preferencia sobre todos os frutos do mundo.

Andirobeira, arvore grande, de madeira forte, cujo fruto se xama *andiroba*. Produz uma capsula de tamanho de uma grande maçan pontuda, e xeia de certas castanhas, das quaes se extrae azeite para luzes, mezinhas e sabão. O Munim abunda d'estas arvores, cuja matas são do povo.

Angelim, arvore muito alta, grossa e ramoza, e de folhas miudas; a flor é encarnada tirante á rôxa, o fruto é uma amendoa oval aberta de uma grossa membrana.

O *angelim de côco* tem na madeira ondas como amendoas de côco.

Angico ou *paricá*, arvore grande, de madeira fina e avermelhada. A sua rezina cura a tosse.

Anil, planta muito similhante á arruda, que serve para tinta azul.

Araçá, planta que produz umas como ameixas, que, comidas com assucar, tem gosto de morangos.

Araribá, arvore mediana de madeira avermelhada.

(*) Das frutas do paiz a mais louvad
E' o regio ananáz, fruta tão bô
Que a mesma Natureza namorad
Quiz como a reis cingil-a de corôa

(Caramurú, canto 7)

Araticum, arvore mediana, de folhas redondas e luzidias; a flôr é similhante a um figo; o fruto é do tamanho de um grande pero com alguma similhança exterior da pinha; no interior é similhante á ata, mas pouco saborozo. Existem muitas castas d'elles.

Aroeira, arvore grande, muito alta e de bôa madeira.

Arroz, planta similhante á cevada, só com a diferença de ter a espiga dividida em partes compridas. Em alguns annos dá a mesma planta duas vezes fruto. Regularmente produz aqui o arroz 250 por 1. Para se dar não carece sinão das aguas das xuvas, como o milho.

Arvore do pão, é mediana, e assimilha-se no lenho á figueira; a folha é recortada e tem mais de 2 palmos de longor e pouco mais de largura; o fruto é similhante á jaca de côr verde, e xeio de castanhas. (*)

Atéira, arvore pequena assimilhada á macieira, o seo fruto, xamado *áta*, nace sem precedencia de flôr vizivel, e é de tamanho de uma maçan com similhança exterior de pinha, casca dura, esverdeada, a qual encerra uns como pinhões pretos luzidios, e rodeados de uma massa branca sucoza e muito saboroza. Frutifica duas vezes no anno.

No certão existem extensas matas d'ella.

Axixá, arvore muito grande, de madeira mole.

Bacába, especie de pequena palmeira espinhoza, que produz baga como a do louro; d'ela se faz uma bebida, que tem o mesmo nome. O caroço é oleozo.

Bacurizéiro, arvore grande, copada, de bôa madeira, e folha algum tanto similhante á do louro: a flor é vermelha, e o fruto xamado *bacuri* é similhante a um grande pecego, de casca rezinoza com meia polegada de grossura, a qual encerra 3 ou 4 caroços da feição de gomos

---

(*) A verdadeira *arvore do pão* veio d'Azia, e só existe nos jardins botanicos das outras provincias. Esta em lugar de castanhas dá um fruto massiço de 4 polegadas de diametro, o qual se come, cozido, assado e por diferentes modos. De 2 annos dá fruto, e em muitas ilhas do mar Pacifico frutifica abundantemente, 8 mezes successivos cada anno. Este fruto verde, assado no borralho, tem gosto de pão de trigo.

de laranja, e rodeados de massa agri-doce, branca e pegajoza. Da casca se faz doce, e da massa bôa geléa.

Tem maxo e femea. Contam-se 3 castas, branco, vermelho e amarelo.

Bananeira ou *pacoveira*, planta de 2 braças d'altura pouco mais ou menos, folhas de 6 pés de comprimento, e um e meio de largura ; as folhas vão saindo da raiz enroladas, e encapadas umas pelas outras, escondem no centro o talo da planta, e formam um tronco grosso. Este séca depois de maduro o fruto, mas da raiz vão rebentando outros. Do olho sae um só caxo, que muitas vezes tem mais de 100 *bananas* ou *pacovas* ; estas são da grandeza e quazi da feição de maçarócas de milho. Contam-se 5 castas de pacovas ; *curta* de 4 polegadas de comprimento, casca do figo, polpa móle e branca, e xeiroza ; *comprida*, de casca e polpa mais dura, e é a maior de todas ; *pacovi*, pequena e delgada ; *rabixa*, pouco diferente d'aquella e muito saboroza; *tangerina*, grande, roliça, direita, xeiroza, e muito gostoza. A folha póde dar linho para papelão. Tambem existem bravas. Alguns antigos xamavam figos ás bananas.

Felix de Avelar Brotero no seo compendio de botanica (pag. 9) inclina-se a que Adão se cobrio com as folhas da bananeira.

Barriguda : Veja-se *sumaúma*.

Batata, é dôce de mais, e tem pelo meio uma veia de fibra grossa. (*)

Baunilha, especie de cipó, que produz uma vagem grande, que depois de madura se faz negra ; e encerra uma massa tambem negra muito aromatica e semeada de granitos. Entra na compozição do xocolate.

Bracutiára, arvore de madeira fina, um tanto parda ; ondeada de preto.

Bredo difere só do de Portugal em ser espinhozo.

Buxa de Paulista, especie de pepino agreste, cujo fruto depois de seco é muito leve, e serve para buxa de espingarda.

(*) As batatas principiaram a naturalizar-se em Portugal no seculo passado. A America as deo á Europa.

Bútua, especie de cipó assimilhado á parreira e por isso alguns antigos lhe xamavam *parreira brava*; a sua raiz tem muitas virtudes (*) sendo nova, isto é, não tendo mais de um anno depois de tirada da terra. O seo nome vem do reino de Bútua em Africa, onde primeiro foi descoberta.

Cacauzeiro, arbusto com folhas similhantes á do castanheiro e ramos orizontaes; o fruto é xamado *cacáo*, nace no tronco e ramos grossos; e é do tamanho da cidra, feição de melão, casca muito dura, grossa e amarélada, e xeia de favas, envoltas em massa esbranquiçada e agri-doce. D'estas favas se faz o xocolate.

Cafezeiro (aziatico), arbusto de folha um tanto assimilhada á do loureiro, flôr branca e pequena. O fruto é uma pequena cereja vermelha e oblonga, que encerra 2 favinhas, das quaes secas e torradas se faz o café. Dizem, que esta bebida é util aos fleugmaticos e nociva aos sanguineos.

Cajazeiras, arvore alta e ramoza, de folha recortada bem como a da ervilha, e flôr branca, dá em caxo um fruto xamado *cajá*, como uma azeitona grande, de casca fina e amarela, gosto agri-doce e pouca massa.

Cajueiro, arvore mediana, de folha maior que a da laranjeira, aspera, grossa, e não pontuda, flôr branca e aromatica; a madeira é tortuoza, e apta para cavername de embarcações menores; a casca externa entra na compozição da tinta preta, e a interna n'amarela. Produz um fruto denominado *cajú*, como pimentão roliço, de pele fina, liza, vermelha ou amarela com polpa esponjoza, sucoza e sem caroço. Tem o *cajú* na extremidade um apendice duro da feição de rim de lebre, casca cinzenta, grossa, impregnada de oleo caustico, a qual encerra uma amendoa oleoza, que assada tem gosto de castanha; e por isso lhe xamam *castanha de cajú*. O *cajú* serve para doce, vinho e limonada. Esta planta deita umas lagrimas, que suprem a goma arabica. O cajueiro bravo não dá fruto.

Cajurú, planta que produz uma especie de ameixa rôxa e insipida.

(*) Trata d'ellas Semedo no *Memorial de Varios Simp.*, pag. 14 e 15.

Campêxe, arvore pequena de madeira vermelha rajada, e folha assimilhada á da murta, a qual serve para tingir de preto.

Cana d'assucar, só difere da outra cana em ter mais nós; no interior está xeia de uma substancia similhante á do milho, e muito sucoza. O suco depois de extrahido xama-se *garapa*. Da garapa emquanto doce (e posta em ponto) se faz o assucar, mel etc.,e da mesma, depois de fermentada, se destila a aguardente ou a caxaça. Duvida-se si esta planta é brazilica, ou veio de fóra. Planta-se de estaca; qualquer pedaço pega. Crece até uma braça ou mais.

Candeia, arvore pequena, de tronco tortuozo, amargo amarelo e muito rijo, seo fruto é uma vagem xata. Qualquer bocado seco d'esta planta serve de candeia á gente pobre do certão, porque arde como arxote por longo espaço, e sem fumaça; do que lhe veio o nome. Tambem serve para estacadas por durar muitos annos.

Capéva, erva muito medicinal, especialmente para molestias dos olhos, e por isso alguns lhe xamam *erva de Santa Luzia*.

Cará, especie de cipó assimilhado ao maracujá-assú. Produz na raiz umas batatas, que se comem, e tem o mesmo nome. Exitem duas castas.

Cararoúba, arvore mediana, de boa madeira.

Carnaúba, especie de palmeira do campo, de folha a modo de leque fexado, tronco muito duro, o qual depois de brunido fica salpicado; e por isso d'elle se fazem lindos bastões. O fruto é negro e todos os viventes o comem. Só com esta planta se póde fazer uma caza, sem outro ingrediente mais, que cipó (para atar em lugar de pregos) e barro; o tronco dá esteios, barrotes, e ripas; a folha serve para cobrir (como tambem para outros muitos uzos). Em quanto nova se faz do tronco mais tenro uma especie de farinha em tempo de fome.

Carrapateiro (mamona), planta que muitas vezes tem mais de braça e meia d'altura; é ramoza, e a sua folha maior que a da vide. Produz em caxo flor branca, á qual sucede um pequeno ouriço,que encerra 3 ou 4 feijões com similhança de carrapato; e por isso lhe deram este

nome. Do carrapato se extrae azeite para luzes e para muitos remedios. E' o dito azeite um catartico benigno e conveniente nos cazos em que é necessario dezembaraçar os intestinos com o menor gráo de irritação de paupoula. (1) A folha é branca, entra em muitos remedios cazeiros.

Catinga, planta similhante ao carrasco. *A catinga de porco* é arvore grande; e da sua folha se pode fazer tinta preta. Tambem se dá o nome de catinga ou catingal ou mato baixo e brenhozo; cujo terreno é improprio para a lavoura.

Cedro, arvore grande de boa madeira; só se assimilham aos que temos em Portugal, no xeiro e cor da madeira. Existem 3 castas.

Cipó, da-se este nome a toda planta trepadoura, que crece muito em comprimento com pouca grossura e serve de vimes. Vêm-se nos matos varias castas d'esta planta, com diversas grossuras, subirem ao mais alto das arvores, já encostadas a ellas, já unidas espiralmente aos seos troncos, já finalmente torcidas umas com as outras em fórma de cordas. Oje na botica dá-se o nome de *cipó* á ipecacuanha.

Cipó de cobra: veja-se *Raiz de cobra*.

Condeceira, arvore similhante á ateira, com a diferença de ter a folha mais comprida, e o fruto denominado *fruta de conde*, mais gostozo, com casca liza e verde.

Condurú, arvore grande, de madeira fina, vermelha, e ondeada de preto. Depois de brunida é linda.

Contraerva, erva rasteira com folha da feição de coração. E' contra veneno e muito medicinal.

Copaúba ou *Cupahiba*, arvore mediana, de folha miuda. Produz um oleo muito medicinal (2) e de muito lustre para pinturas interiores; o que rebenta do tronco expontaneamente é branco, e o melhor; o que se tira por incizão é negro.

---

(1) *Souza Pinto, Vademecum do cirurgião, pag.* 342,

(2) Trata das suas muitas virtudes o *Vademecum do Cirurgião* no lug. cit. pag. 383.

Coqueiro (aziatico), especie de palmeira mansa, muito alta, de tronco nú e com folhas só em roda do olho: cada uma d'estas folhas tem 15 a 20 palmos de comprimento, e sustenta um omem em cima. D'entre ellas estão pendentes os caxos dos côcos. Este fruto é do tamanho de uma bóla de jogar, e da feicão de coração; a sua primeira casca tem fibras de linho, que pode servir para amarras, a segunda, que por sua dureza serve para pucaros de beber, encerra um grão maior que laranja, branco com gosto de noz; o qual é ôco e contém um liquido denominado *agua de côco*, que muitos bebem. O tronco é um agregado de fibras muito grossas. Todos os mezes nace um caxo de côcos, e por isso o coqueiro tem fruto todo o anno.

Cotiúba, arvore grande e de boa madeira.

Criuí, planta que produz uma especie de cereja.

Croá, especie de melão, cuja planta trepa ás arvores ou latadas; e ali dá um fruto de palmo e meio de comprido, mais grosso que pepino, de casca liza, dura, e arrôxada ou avermelhada; o qual se estima por seo grande xeiro, mas poucas pessoas o comem. Alguns lhe xamam *melão de cabôclo*.

Croatá, especie de piteira, de que se tira linho muito forte.

Cumarú, arvore de madeira muito forte, que produz fava aromatica.

Cururú, arvore alta, de madeira forte.

Cuieira, arvore pequena de folha algum tanto comprida, larga e liza. O fruto, denominado *cuia*, nace sem precedencia de flor vizivel nos ramos grossos; e é uma especie de cabaço esferico ou oval, do qual fazem umas como tigelas, de que uza a escravatura e gente pobre, dando-lhe o nome de *cúias*. No Pará tanto os indigenas, como os brancos, as pintam delicadamente, e muitas pessoas aceiadas do Brazil uzam d'ellas como de cópos, especialmente no Pará.

Erva de bixo, planta de talo delgado, duro, direito com 4 a 5 palmos d'altura, folha comprida, e muito recortada, flor amarela. O seo fruto é uma vagem estreita, comprida, e xeia de pequenos grãos, que podem

servir para café. O cozimente da raiz é um excelente anti-febril, e d'elle se uza muito.

Erva de xumbo, especie de cipó pequeno, e muito medicinal.

Erva de passarinho, planta parazitica, cuja folha terá polegada e meia de comprimento, e pouco menos de largura. Produz caxos de baga miuda, que um passarinho (quazi como o milheiro) come, e depois depõe a semente nos ramos das larangeiras e outras arvores, envolta em certo liquido glutinozo, que á une á casca d'ellas : ali se dezenvolve e vae nacendo, Principia a crear raizes, que totalmente se unem aos ditos ramos, e d'elles recebe a nutrição, com que vae crecendo, e passando de uns a outros como éra, de sorte que muitas vezes cobre toda a arvore, e lhe impede a frutificação. Alguns lhe xamam *temtém*. Entra em muitos remedios cazeiros.

Erva de rato, planta de folha como a do *temtém*, e flor amaréla pintada de verde. Misturada com qualquer iguaria máta os ratos.

Figueira (europea), frutifica, mas uma especie d'alforra que lhe dá a faz durar poucos annos. No Iguará, Caxias e outros terrenos centraes crece mais e frutifica melhor.

Feijão (europeo), frutifica, mas não é macio. O xamado *favinha* é o mais macio, tem fruto todo o anno, cria cepa e dura 6 annos. Existem varias castas d'elle, silvestres, mas todas nocivas,

Fumo ou *tabaco*, planta bem conhecida, da-se aqui muito bem. O terreno plantado de tabaco xama-se fumal.

Gameleira, arvore grande de folha redonda e grossa. O seo leite bebido em jejum cura a idropezia : ê assersão de um lavrador fidedigno, que com elle curou um escravo.

Genipápeiro, arvore de folha verde e escura, grossa e assimilhada á do castanheiro. O fruto xamado *genipapo* é da grandeza de maçan, de casca cinzenta e aspéra, polpa tirante a parda e no interior d'estas muitas pevides; é substancial, porém muito quente, especialmente as

pevides. Esta arvore despe-se da folha; porém n'ella permanecem os frutos, e só principiam a amadurecer, quando ella já está vestida de nova folha, e já crecidos os *genipapos*, que têm de ficar para o anno futuro. O *genipapeiro* maxo não dá fruto.

Gepió, arvore mediana, de madeira branca.

Geruparibóra, arvore de madeira preta, e tão dura que alguns lhe xamam *páo-ferro*.

Geribéba, arbusto espinhozo até na folha, que é grande.

Goiabeira, arvore pequena, de que existem duas castas, vermelha e branca. O seo fruto xamado *goiaba* ou *goiava*, é uma especie de maçan, de que se faz gelea, e aquela marmelada denominada em Portugal *dôce de tijolo*.

Gengibre, planta similhante á cana do milho. Existem duas castas; o branco produz raiz parda, muito acre e medicinal especialmente para flatos; a raiz do outro é amaréla e serve para tintas.

Gororóba, arvore grande, de boa madeira.

Gramo da terra, assimilha-se á de Portugal e o seo cozimento é muito fresco.

Guabijú, arvore alta, de madeira forte.

Guabiraleira, arvore grande de tronco tortuozo, flôr branca, folha assimilhada á do pecegueiro. O fruto xamado *guabiraba* é uma especie de abrunho, amarélo e gostozo. Em Pastos-bons existe uma mata d'esta planta com 3 leguas de comprimento.

Guandú, planta assimilhada ao salgueiro, a qual produz uma especie d'ervilha, que se come.

Guandi, arvore grande, muito alta, direita e de madeira forte.

Guarapiranga, arvore mediana, de madeira forte.

Imburagiá, arvore grande, boa madeira.

Imburaité, arvore pequena.

Ingá, planta que produz um fruto do comprimento de um dedo, com suco doce e massa branca.

Inhâme, só difere do corá em dar as batatas mais pequenas e asperas.

Inhaúba, arvore de madeira esbranquiçada, e amago amarélo. Existem 2 castas.

Ipecacuanha ou *pacacónha*, planta pequena de talo redondo e cinzento, flôr branca, raiz delgada, fibroza, nodoza e fusca, sabor acre e amargo. Existem 3 castas, escura, parda e branca: a mais forte e de melhor virtude é a primeira, a ultima é a mais branda. E' a raiz d'esta planta adstringente, e de grande virtude contra caimbras de sangue, dezinterias, e afectos do estomago.

Iriri, especie de palmeira de fruto assimilhado ao do anajá.

Jaboticabeira, arvore pequena, de casca liza e folhas luzidias. O fruto xamado *jaboticaba* é uma especie de ginja de polpa similhante á da uva ferral, e nace desde as raizes descobertas até os ramos grossos, vestindo admiravelmente o tronco. Esta fruta é saboroza e inocente, ainda comida em demazia. Julgo, que só existe nas matas do sertão.

Jaracatutiba, arvore que produz uma fruta de figura oval com 2 polegadas de comprimento, massa vermelha e doce.

Jacaré-catinga, planta que dá um pequeno fruto preto no exterior, rôxo no interior, e de sabor agradavel.

Jambeiro, arvore mediana, de folha verde-escura e pontuda; o fruto ou jambo assimilha-se ao damasco, é gostozo, e tem xeiro de roza; mas os morcegos o comem de noite. Frutifica quazi todo o anno; julgo, que veio d'Azia.

João-gomes, especie de beldroèga agreste, que se come.

Jaqueira (aziatica), arvore grande, frondoza e copada; tem folha maior que a da laranjeira, verde-escura por cima, tronco grosso, e baixo, madeira e casca similhante ás da amoreira. Produz no tronco e ramos grossos um fruto, xamado *jáca*, aromatico, do tamanho do melão, de casca muito grossa, amarelada, e xeia de bicos a moda de lixa grossa; por dentro está xeio de polpa branca fibroza, viscoza, e semeada d'amendoas, envolta em massa amarela, que é a que se come, e tem gosto delicado. Nunca está sem folha, e segundo dizem, só prospéra dentro dos tropicos.

Jatobá ou jutahi, arvore grande de madeira forte. O fruto é grande, duro e xeio de caroços, os quaes estam rodeados de uma massa doce e seca, que serve de pão aos gentios. Existem 2 castas, *grande* e *mirim*, que é avermelhado e o melhor. A rezina é medicinal ; servia antigamente para vidrar louça.

Juçara, especie de palmeira, que produz uns como bagos, de que se faz uma bebida do mesmo nome.

Juredá, arvore pequena, de madeira forte.

Jutahi. Veja *Jatobá*.

Kiabeiro, planta ortense, alta, de folha um tanto maior que a da videira, e flor similhante à do algodoeiro. O fruto xamado kiabo (e em algumas provincias kingobô) é uma vagem roliça e pontuda, que serve para guizados. Do talo se pode tirar bom linho. Existe outra casta, que dá fruto da feição do do almiscar.

Larangeira, frutifica aqui muito bem. E' doce e azeda, ambas muito boas. Todas as plantas de espinho produzem aqui muito bem. O limoeiro, que em sitios úmidos produz todo o anno, tem folha e fruto miudos; mas este é muito fino.

Louro, arvore grande de boa madeira, amaréla e muito xeiroza.

Maceranduba, arvore grande de bôa madeira; o seo leite é muito glutinozo. Existem 2 castas ; a *mirim* que é avermelhada, produz uma especie de ginja doce; a *assú*, que é branca, produz um como abrunho sucozo e doce.

Malicia das mulheres, erva espinhoza, de folha assimilhada á da lentilha, porém mais miuda. Tanto que se lhe toca em algum ramo,logo os olhos d'este se murxam, e cada uma folha se encosta a sua oposta; mas passado algum espaço, recobra a planta o seo antigo estado. Desde o pôr até ao nacer do sol sucede em toda esta planta a mesma murxidão. Alguns autores xamam-lhe *mimoza* ou *sensitiva*.

Malva, é de 3 castas; *preta*, que tem o talo elevado, folha estreita, comprida e anegrada; *branca*, que tem folha grossa e curta, e é toda branca, e de virtudes similhantes á de Portugal, e a *brava*, que é similhante ao malvaisco.

Mamoeiro, planta do tamanho da larangeira, ramos grossos, e poucos; amago como a da couve; folha maior que a da vide e mais recortada, com o talo ôco e muito comprido, flôr branca. O fruto é similhante a um pequeno melão com uns carocinhos como grãos de xumbo, pretos e acres; na extremidade assimilha-se a peito de mulher, e por isso lhe xamam *mamão*; come-se e é laxativo. O mamoeiro maxo dá flôr em caxo, e algumas vezes 3 ou 4 mamões do tamanho de marmelos. Existem 3 castas;e quazi todo o anno tem fruto. O mamoeiro assimilha-se muito a um grande malvaisco.

Mandioca. Veja-se *Maniva.*

Mandubi, planta pequena assimilhada ao feijoeiro. Produz na raiz vagens de côr parda cada uma com uma, 2 ou 3 favinhas quazi como grãos de bico, as quaes se comem torradas ou cozidas.

Mangabeira, arvore mediana, de folha miuda e pontuda, flôr como a do jasmim. O fruto denominado mangába é redondo, e de varios tamanhos, sendo o maior da grandeza e feição de damasco, casca amarela e avermelhada, massa branca, muito móle, assás xeiroza e gostoza, semeada de pevides cobertas de certo cotão. O leite d'esta planta é perigozo. Tambem existe mangabeira *brava.*

Mangue, arvore similhante ao ameixeiro, a qual se cria só nos lugares lavados da maré. Dos seos ramos decem uns espigões nús, que, xegando á terra, criam raizes, e rebrotam, formando assim um balsedo. São duas as castas, vermelho e branco; o seo uzo mais ordinario é para linhas e andaimes. A mata d'esta planta (que muitas vezes ocupa leguas) xama-se mangal.

Mangueira (aziatica), arvore mediana, e frondoza. O seo fruto, xamado manga, é do tamanho da maçan, de casca esverdeada ou amarelada, polpa amarela, mole, doce, xeiroza e xeia de fibras duras pegadas fortemente ao caroço. E' muito estimada e é de duas castas.

Maniva, arbusto similhante no lenho á macieira nova. com folhas retalhadas a modo de mão aberta. São varias as castas. Produz na raiz uma especie de batata denominada *mandioca*, comprida e grossa, de casca aspera e

grossa. D'esta batata descascada, ralada, bem espremida, e depois torrada em grandes alguidares de barro ou cobre, xamados fórnos e assentados sobre fornalhas, aqui se faz a farinha, xamada da *terra*, e em Portugal *farinha de páo*, e que serve de pão aos abitantes do paiz. A xamada farinha d'agua é feita da mandioca deitada de molho até estar mole; e é amarelada. O suco da mandioca, denominado *tucupi*, mata todo o vivente que o bebe; o mesmo efeito faz a mandioca comida sem casca. Os racionaes escapam da morte tomando logo pela boca alguma couza que seja bem doce; para os irracionaes ainda se não descobrio remedio. O *tucupi* depois de fervido não mata; e é muito bom para molho. O *aipim* ou *macaxeira* é muito macio, e não tem veneno. A maniva planta-se de estaca. Seria muito util, que na Europa se tentasse a cultura d'este vegetal; já em outrotempo assim opiniou Monteiro (1)

Mapá, arvore de boa madeira, e seo leite cura boubas.

Maracujá, especie de cipó bem conhecido por sua admiravel flòr xamada dos martirios. (2) E' mirim e assú. Do mirim crecem nos matos varias castas, e uma com flòr vermelha; produz fruto amarelo quazi de grandeza d'ovo de galinha, que se come. O assú, cultiva-se nas órtas; e d'elle se fazem latadas e cobrem passeios, tem folha grande, liza e grossa produz fruto quazi como cidra, oblongo de casca esverdeada, a qual cobre uma massa branca de quazi meia polegada de grossura, de que se faz bom doce; e no interior do fruto se acha um liquido crasso, agri-doce, refrigerante, e semeado de pequenas pevides. Desfaz a pedra não só a fruta e semente (do maracujá), mas tambem a casca da raiz feito em pó. Esta é a verdadeira salsa-parrilha; porque a excede em

(1) Optandum esset, ut in Europa etiam tentaretur mandiocæ cultura, annonœ sepedificientis *supplementum futurum*. Phisica Vivent. pag. 111.

(2) Dos folhudos festões estão pendentes,
Pelo tronco trepando, os recendentes,
Frutos de agreste flòr, quadro imitante,
Do martirio a paixão de um Deos amante.

(Assumpção, canto 3)

dezopilar, abrir, adelgaçar os umores, aquecer, confortar os membros principaes, principalmente as partes que os medicos xamam espremáticas, como são o cerebro, nervos, estomago, figado, baço, ossos, e intestinos ; e isto não é desecando como faz a salsa-parrilha, que a muitos faz éticos em vez de cural-os (1).

Marajá, especie de pequena palmeira espinhoza, que produz fruto preto, um tanto maior que o do anajá.

Mastrús, erva de folha miuda e comprida, semente preta e miudissima. A folha pizada, e posta sobre os ossos quebrados, os solda ; o suco, que tem xeiro muito forte, dado a beber aos que deram grandes quédas, é assás proveitozo, e misturado com azeite de carrapato mata as lombrigas.

Melancia, são muito boas e dão-se duas vezes no anno.

Os melões são raros, e pouco valem.

Merim, arvore grande, de boa madeira ; a sua rezina e casca suprem o incenso.

Milho ou *milhão*, cada uma cana dá 5 ou 6 maçarocas. Ainda se não uza aqui pão d'elle (2) já é porem muito uzado nas terras populozas o pão de trião, cuja farinha pela maior parte vem da America ingleza. Antigamente so se uzava da farinha de páo, da qual sente-se muita falta no certão, talvez por preguiça. O trigo, a cevada e o centeio não se dão no Maranhão, talvez por ser o terreno pouco elevado.

Moconambi, planta cuja folha assimilhada á da malva serve para matar peixe.

Mucajúba, especie de palmeira pequena de fruto mais redondo que o do anajá.

Muruci, arvore pequena, que produz uma especie de ginja amaréla.

Mururi, planta brenhoza, que crece sobre agua, e tem folha assimilhada á da pereira.

---

(1) Pedro Lozango, *Corogr. do Chaco.*

(2) Em 1512 ja o milho ou maiz era (esmagado entre 2 pedras) o sustento ordinario dos Mexicanos, como diz de Antonio de Solis na sua *Tomada do Mexico*. Em Portugal so apareceo no seculo 17.

Murutim, especie de palmeira grossa, a folha é a modo de leque aberto, talo de 3 faces, nú, comprido, leve e serve para muitos uzos, xama-se murutizal o sitio abundante de murutins. Dá grandes caxos de fruta do tamanho d'ovo de galinha, casca e massa amarelas, grande caroço.

Pacacônha : Vide *Ipecacuanha*.

Palmeira, planta pouco diferente do coqueiro, não produz tamaras, mas sim uns côcos pequenos xeios d'amendoas oleozas, que se comem. Esta planta emquanto pequena xama-se *pindobeira*, as suas folhas proximas ao olho xamam-se *pindoba*, e servem para cobrir cazas, como tambem para côfos (1) esteiras etc. O olho mais tenro da pindobeira denomina-se palmito, e come-se, guizado como repolho. Existem matas de palmeiras muito extensas..

Páo d'arco, arvore muito alta, de madeira muito forte, flor amaréla, folha como a da tansagem, fruto umas vagens grandes. Existem 4 castas; ao preto xamam alguns ébano do Brazil.

Páo de lacre, arvore pequena, que por incizão destila gotas de lacre.

Páo de brêo, arvore mediana, da qual sae brêo ou uma especie d'almécega.

Páo de envira, arvore mediana, que dá envira vermelha. (2)

Páo d'estopa. Veja *Táuari*.

Páo de rato, arbusto venenozo, de folha simillhante á da cajazeira. Alguns por engano comeram carne assada em espeto d'esta planta, mas custou-lhes a vida.

Páo de remo, arvore grande, cujo tronco se compõe de taboas naturaes, ou pedaços separados em muitas partes uns dos outros; d'este se fazem remos.

Páo-mamaluco, arvore grande, de madeira avermelhada.

---

(1) Côfo é uma especie de cesto, açafate, ou alcofa. Vem de *cophinus*. Alguns xamam ao côfo *paneiro;* este nome vem do francez *panier*.

(2) Envira é toda a casca, que serve para fazer cordas. Da envira se pode tirar linho para velame de navios.

Páo-rôxo, arvore grande, de madeira fina e rôxa.

Páo-santo, arvore mediana, de amago preto. Um é mais preto que outro.

Paparaúba, arvore mediana, de madeira esbranquiçada, muito uzada em obras interiores. São de 2 castas.

Paricá. Veja-se *Angico*.

Parreira ou *Videira*, frutifica aqui 3 vezes no anno, mas ordinariamente poda-se só 2 vezes para a não esgotar em pouco tempo. As uvas são bem boas, porém como as aves as comem muito, e a formiga saúba roe a folha, é a sua cultura mais custoza do que na Europa, donde veio. O preço ordinario do arratel d'uvas é 350 réis.

Parúra, arvore alta, de madeira forte.

Pente de macaco, arvore grande, que produz uma especie d'ouriço, que serve de pente ao macaco. Dá envira branca.

Pequipocúba, arvore grande, de boa madeira.

Pequirana, arvore grande, de madeira fina e esbranquiçada.

Pequizeiro arvore muito grande com folha quazi do comprimento do da vide, porém mais estreita. O fruto ou *pequi* é da grandeza do bacuri, de casca grossa esverdeada, massa branca e oleoza, que depois de cozida fica amarela, e se come ; o caroço é do tamanho d'ovo de galinha, feição de rim, substancia algum tanto dura, e semeada de penetrantes espinhos, que saem de um ouriço central, o qual encerra uma amendoa muito oleoza. São de 2 castas.

Perinan, especie de palmeira, que dá fruto mais grosso do que anajá.

Pião ou *Pinhão*, arbusto de tronco grosso, folhas de grandeza da da videira, fruto quazi como carrapato de casca liza ; deste se pode extrair muito azeite para luzes, cujo azeite é um um catartico forte. O pinhão-bravo é arbusto pequeno de olho rôxo.

Pimentas : existem varias castas d'ellas ; a mais celebre, e mais estimulante, é a malagueta, que tem quazi uma polegada de comprimento, pouco mais grossura que pena de galinha, vermelha e roliça, pontuda e xeia de

pequenas pevides, envolvidas em liquido vermelho; serve para molhos, e sustento de muitas aves. A planta é um pequeno arbusto, de folha do tamanho do temtém, e mais pontuda; flôr branca.

Pitanga, arbusto, que produz uma especie de ginja de 2 caroços e gosto agradavel.

Pitombéira, arvore grande, que dá em caxo flôr branca e fruto, ou *pitomba* como azeitona de casca parda e grossa, caroço grande, polpa branca, luzidia, e de pouco gosto. E' maxo e femea; aquelle não da fruta.

Quina, arvore mediana, de casca estomatica. A do Perú não prospera n'este paiz; o que admira, pois nos matos de Loxa no Quito, que ficam na altura da caxoeira do Itapicurú, crece quina boa em abundancia.

Raiz de cobra, cipó pequeno, delgado, pintado como cobra, flôr similhante á cabeça da mesma, e folhas da feição de ferro de lança. E' remedio de mordedura da cobra.

Romeira (europea), frutifica todo o anno, e péga de estaca.

Saboneteiro, arvore mediana, copada, de madeira branca, e mole, flôr branca; produz em caxos umas contas pretas, grandes, duras e cobertas de casca esverdeada e grossa, a qual tem virtude sabonaria.

Sacáca, arbusto assimilhado ao guandú: a sua raiz mata o peixe.

Sambahiba, arvore algum tanto similhante ao cajueiro. A sua folha é tão aspera na face superior, que serve para polir a madeira, e na face inferior é coberta de uma fibra, que vistas com o microscopio mostram uma admiravel rede.

São-Caetano (africana), erva algum tanto assimilhada á melancieira, com folha e talo miudo, flôr amaréla de 5 folhas; fruto da grossura de um dedo, pontudo, de polegáda e meia de comprimento, avermelhado e coberto de bicos, o qual abre em 3 porções e mostra uns grãos como de roman, que são o pasto de muitas aves. Esta erva supre o sabão, e entra em muitos remedios cazeiros. Sendo transportada de Guiné, foi plantada junto a uma capela de S. Caetano, e d'elle tomou o nome.

Sapucaia, arvore alta, grossa e vestida de casca grossa, que macerada serve de estopa para calafetar embarcações ; a folha é similhante á do pecegueiro ; o fruto é um grande coco rodeado de um como arco, e na extremidade com uma abertura de 304 polegadas de diametro arolhada com uma tampa. Tem este fruto uma casca delgada e aspera, que cobre outra de uma polegada de grossura, a qual encerra umas castanhas compridas e gostozas, tanto para a gente como para o macaco, que com facilidade destampa o coco para comer, batendo com elle nos ramos grossos. Este coco serve de pilão a alguns pobres. Dizem ser diuretica a agua, que n'elle estiver de infuzão.

Sapupira, arvore mediana de boa madeira.

Sicantan, arvore de madeira fina.

Sucupira, arvore grande de madeira forte. Temos branca e preta.

Sumaúma, arvore de madeira móle, casca espinhoza, folha a modo de mão aberta. Produz uma especie de pepino, o qual abre e mostra uma lan branca e finissima, que se não pode fiar, mas é a mais apta para enxer colxões, almofadas, etc. Tambem lhe xamam *barriguda,* por ter no tronco uma grande barriga.

Tabaco. Veja *Fumo.*

Tabóca (cana), algumas são tão altas e grossas que servem para grandes escadas de mão, não obstante serem ôcas como as de Portugal.

Tamanca, arvore mediana, de madeira amarela.

Tamarindo (aziatico), arvore pequena, ramoza e copada, com flôr branca e folha como a da lentilha; o fruto é uma vagem grossa e parda, que encerra 2 ou 3 favas rodeadas de massa pegajoza, melada e de um acido agradavel, a qual é detersiva, laxativa e adstringente, tempéra o calor da febre, mitiga a sêde, e com o acido que tem modera a alteração dos umores dezabalados (*).

Tocoára, especie de cana sem nós, muito liza, e xeia de miôlo como a do milho ; depois de seca serve aos indios para a ástea da flexa.

(*) Pacheco no lug. ja cit. pag 396.

Na folha ao pôr e nacer do sol, observa-se o mesmo que na *malicia de mulher*.

Taquipé, arvore grande; a cinza da sua casca serve para liga do barro das panelas e fornos de farinha.

Tatajuba, arvore mediana, de boa madeira. Existem 4 castas, amarela, póca, preta e tinta.

Tauarí, arvore que no angulo formado pelo tronco e raizes esteriores, cria taboas naturaes ou pedaços delgados e largos, a que xamam *sapopémas*. Da casca se faz estòpa. A madeira trabalhada em verde ou posta ao lume, exala um fedor similhante ao do esterco umano.

Temtem. Veja *erva de passarinho*.

Timbaúba, arvore grande, de madeira forte.

Timbó, especie de cipó, cuja raiz assimilhada á do trovisco e mais venenoza, serve para matar peixe.

Titara, especie de palmeira pequena e espinhoza, que produz fruto vermelho da grandeza do da jucará.

Tucum, especie de palmeira espinhoza, que produz fruto vermelho do tamanho do da mucajúba. Das folhas, que são diferentes das das outras palmeiras, se tira linho rijo.

Tuterubazeiro, arvore de folha assimilhada á do louro, O fruto, xamado *tuterubá*, é pouco menor do que o ovo de galinha, de casca liza e amarelada, polpa muito amarela, seca e xeiroza e carôço grande.

Urtiga, pouco difere da de Portugal. A *urtiga de rato*, é arbusto de folha grossa e do tamanho da vide. Esta planta está coberta de subtis espinhos, que cauzam insofriveis dores, a quem lhe toca. Diz-se, que o rato, que passa por cima d'ella, morre.

Urucú, arvore pequena, de folha de feição de coração; o fruto é uma capsula da grandeza e feitio do abrunho, o qual quando abre, mostra uns grãos como de roman; são estes muito medicinaes, e d'elles fazem os gentios tinta vermelha. É de notar, que esta planta não só se encontra por todo o Brazil, mas tambem na ilha Luçon. (*)

Urucurâna, arvore de madeira mole, o fruto é do tamanho de bala de espingarda, de casca vermelha, a

(*) Luçon, uma das Filipinas, é antipoda de Mato-Grosso.

qual por fim se faz preta; esta encerra uma pôlpa dura, da qual (pizada reduzida á massa, e depois cozida) se póde tirar uma bôa cêra, e algum azeite. No Pará se xama véuciba e encontra-se muita abundancia d'ella nas margens dos rios Capim e Mojú.

A *castanha*, *salsaparrilha* e *cravo* xamados do Maranhão só se criam no Pará. Dizem porém alguns, que tambem estas plantas vivem na margem do rio Tocantins, que pertence ao estado do Maranhão.

As flôres, e ortaliça da Europa não se dão aqui tão bem como no paiz de que são oriundas. A couve planta-se de estaca ou esgalho; esta e a alface nunca dão semente.

Vinagreira, érva de folha grande, recortada, e de gosto azedo; come-se

Violete, arvore de madeira muito fina, ondeada de preto e rôxo.

CAPITULO XXXI

Quadrupedes e outros animaes

Anta, é simillhante na grandeza a um pequeno bezerro, na figura e orelhas ao porco, tem pêlo curto e nedio, cabeça grande e comprida, olhos pequenos, rabo piramidal de 3 a 4 polegadas de comprido, pernas curtas e grossas, pés de porco, cada um com 3 unhas, e cada uma das mãos com 4; no beiço superior tem um apendice, que estende, quando quer, adiante do inferior 4 polegadas. Pasta como boi, nada e mergulha muito.

E' veloz na sua carreira, e a nada faz mal sinão quando já não pode fugir. Quando a onça lhe salta no caxaço, corre com grande rapidez e mete-se por baixo de algum tronco que, tocando-lhe no lombo, sacuda fora o seo inimigo. Encontra-se de varias córes. A sua carne come-se e a pêle curte-se. A unha, segundo Pedro Lozando, tem as mesmas virtudes que a da gran-besta. Dizem

alguns ser a anta o animal maior do Brazil, mas eu julgo ser a onça cangussú. (*)

Aranha, existem varias castas, a mais celebre e maior é a *carangueigeira*, que é similhante a um pequeno carangueijo; negra, coberta de pêlo raro e curto, e muito venenoza.

Bixo dos pés. Veja *Pulga.*

Caxorro, alguns caçadores têm encontrado um pequeno cão, perseguindo a caça, e lhe dão o nome de caxorro do mato.

Camaleão, especie de lagarto grande, que tem a péle no fio do lombo arriçada a modo de serra. E' muito veloz na sua carreira; algumas pessoas o comem, a sua gordura tem muita virtude contra dores agudas, fomentando com ella a parte leza. São pardos e cinzentos.

Capivara, é na grandeza e figura similhante ao porco, com orelhas, dentes e focinho de lebre; cabêlo raro, e aspero, pés de porco com grandes membranas entre as unhas, tem muita catinga, e por isso pouca gente a come. E' erbivora, vive junto d'agua, e nada e mergulha, quando se vê perseguida.

Carrapato, bixo bem conhecido; existem grandes e pequenos. Em algus matos são tantos que o racional ou irracional que ali entra fica logo coberto d'elles.

Cobra, existem muitas castas. A *sucurujú* ou *sucuruiú* é a maior de todas (de 30 a 40 palmos de comprimento e 2 a 3 de grossura ou circunferencia), e vive nos rios e lagos,

---

(*) Apareceram no Brazil grandes ossadas de um monstro animal xamado mamote (talvez seja o behemoth de que fala Job. c. 40) que provam a existencia d'elle em tempos antigos. No rio de Contas se descobrio no seculo passado uma ossada de tal grandeza, que a canéla da perna tinha a altura de um homem ordinario, e para mover o queixo inferior foram necessarios 4 homens. Em toda a America se duvidou, si existia este animal, até que a poucos annos, segundo a *Gazeta do Rio de Janeiro*, foi descoberto nos dezertos ocidentaes da America sepetentrional.

Tem 15 pés de alto, é coberto de cabelos, e não tem cornos: sustenta-se de vegetaes, e nunca se deita. D'aqui se segue não ser o *giracatachem* d'Abissinia, o maior animal do mundo, como diz o Padre Baltazar Telles na sua *Historia da Etiopia Alta ou Preste João.* Segundo Baltazar Teles facilmente passa um omem, montado em bom cavalo, por baixo do giracataxem: mas este não é tão carnozo como o elefante.

em cujas margens prende o rabo na raiz de alguma planta, e laça o homem ou irracional que vae passando, e puxando-o para si por varias vezes, o vai cançando até cair, e então o vae engulindo inteiro. A cabeça do boi, por cauza dos cornos, fica fora da boca até apodrecer e cair. O mesmo faz a *giboia* a animaes mais pequenos, esta é menor, pintada, e vive no mato. (1) A *surucucú* é muito brava e venenoza, e tem péle pintada com simetria, cauda com 2 ferrões. A *surucucú de fogo* é avermelhada, persegue de noite quem leva fogo, e atira-se a este para o apagar. A *cascavel* é grossa e tem a ponta do rabo seca e delgada com alguns nós, que ella antes de atacar, faz tocar como cascavel ou vagem seca de tremoço ; o mordido d'esta morre deitando sangue por varias partes do corpo. A *catimboia papaovos* gósta das cazas, come os ovos das galinhas, e não tem veneno. As maiores d'estas 4 castas tem 15 palmos de comprimento. A *caninana* é delgada, comprida e venenoza e tão veloz no xão como sobre as arvores, ás quaes sobe, com tal velocidade salta de umas para outras, que ja alguns diceram, que ella voava. *A boiúna*, é escura. A *de veado*, é grande e escura. A *jararáca*, que se subdivide em varias castas, é muito venenoza pela maior parte são atabocadas, uma é pequena, e tem rabo sêco. A *de cipó*, é verde e muito delgada. A *de coral* tem listras anulares de varias cores; e é pequena, delgada e venenoza. A *de duas cabeças*, assim xamada por ter a ponta do rabo tão grossa como a cabeça, é venenoza é a mais pequena de todas; d'esta existem 2 castas, amarela e preta malhada de branco (2). Veja-se *Unicorne*, ave.

Coelho é similhante ao europeo, mais pequeno e de menor cauda.

Cotia, especie de coelho de pernas altas, orelhas

(1) Em algumas lagoas de Minas-Geraes existe uma especie de *sucurujú* de 80 palmos de comprimento, e com 2 unhas junto á extremidade do rabo.

(2) Aparecem muitos embusteiros, denominados *curadores de cobra*, dos quaes se contam mil patranhas. Elles pretendem curar do veneno da cobra ainda muitos annos antes d'ella morder; porém si alguma vez acontece que a cobra, mordendo ao *curado*, lhe não comunica o veneno, deve atribuir-se este efeito ao remedio ou antidoto, que o *curador* lhe tinha dado a beber e não as palavras e cerimonias, com que elle costuma fazer similhantes curas.

pequenas, cabelo avermelhado e rijo, rabo muito pequeno. Come-se, porém sua carne é seca; a pele curte-se para sapatos.

Formiga: as mais conhecidas são as seguintes. A *de fogo* é pequena, preta e com sua mordedura cauza um efeito igual a da faisca de fogo, que tóca no corpo; estas andam em grande quantidade pelas cazas, e fóra d'ellas será muito dificil encontrar uma braça de terreno sem alguma. A *corriqueira* tem pernas altas e corre muito. A branca é a mais pequena e esbranquiçada. A *saúba* é pouco maior que mosca, acastanhada e de cabeça grande; esta fura os alicerces dos edificios e rouba os celeiros. E' o maior flagelo dos lavradores; porque muitas vezes ataca de noite ás roças e desfolha as plantas, o que obriga a muitos a deitar-lhe á noite de comer. Fazem grandes cavidades subterraneas com varias e estensas sahidas, e entradas para se servirem de umas quando lhe tapam as outras. Dizem, que o fumo do enxofre, introduzido nas ditas cavidades, as afugenta por muitos annos. A de *correição* é mais escura que a precedente e de menor cabeça; as d'esta casta se mudam algumas vezes em rebanhos, que na sua marxa cobrem muitas braças de terreno e obrigam todos os viventes a fugir. A *tapiúa* é anegrada e maior que a de fogo; faz a sua abitação de terra sobre as arvores dos lugares umidos, e afugenta d'ellas todas as outras; e por isso alguns a põem nas larangeiras e outras arvores, para que d'ellas afugente a *saúba*. A *cupim* é branca e muito gorda; a maneira de carunxo, ella se sustenta do farélo de algumas madeiras; e com elle e certo liquido glutinozo, que tem na boca, cobre d'abobada a estrada, por onde caminha, para escapar aos insectos e aves. Das mesmas materias faz a sua caza quazi redonda e xeia de varias celulas, nos tectos das cazas, nos ramos grossos das arvores, e a maior parte a faz de terra no xão com forma piramidal e altura, que excede a d'agua, e quando o terreno inunda no inverno, estas rezistem ás maiores invernadas. O *cupim* tambem muitas vezes ataca os livros e roupas; uma pitada de rozalgar, deitada dentro da sua caza, o mata todo. A *tucanguirá* é a maior de todas, e sua mordedura insuportavel.

Gato-bravo é a maior que o domestico. São de 3 castas, pardo ou mourisco, vermelho e maracajá, que é uma especie de onça pequena, e o maior de todos. São comedores de galinhas.

Guará, especie de lobo, que tem crina arripiada para diante das espadoas até o alto da cabeça. Só se encontra no certão, onde muitos lhe xamam lobo. Dizem, que os seos dentes são contra-veneno das cobras.

Guaxinim ou *macaco do mangue*, é do tamanho de um gato, de focinho curto e grosso, dedos compridos e abertos, peito largo, lombo levantado. côr fusca. Vive nos mangaes, onde se sustenta de caranguejo, que tira com as mãos, dos seos buracos.

Lagarta, existem varias castas d'ellas.

Lagarto, é como o europeo.

Lontra, existem muitas e são de côr acastanhada. No rio Parnahiba têm côr de xumbo. A pele é estimada.

Macaco, existem varias castas e todos andam em bandos. O *guariba* é do tamanho de gato grande e o maior de todos: estes andam sempre sobre as arvores, aonde muitos juntos a certas óras do dia fazem uma rouca vozeria ou coqueada, que se ouve de muito longe. O *prégo* é mais pequeno, de um pardo avermelhado, e de parte genital similhante a um prégo. O *coxiú* é preto, de pelo macio, cauda muito felpuda, e 2 marrafas na cabeça; a sua carne é boa e sempre anda gordo. O *capijúba* é amarelado e mais pequeno. O *jerupari* tem marrafas como o coxiú, e é maior do que elle. O *saguim* ou *sauim* é pequeno, lindo e muito estimado, e tem penaxos sahidos nas orelhas; destes existem varias castas e alguns não são maiores que ratos. Os macacos não gostam de molhar os pés; e por isso (segundo dizem alguns) passam os rios fazendo desde cima de uma arvore uma cadeia, cada um pegado ao rabo do outro, e balançando-se até o do fundo pegar em algum ramo d'arvore da parte oposta, para então o primeiro se dezagarrar. As femeas trazem o filho cavalgado no pescoço. O coxiú e prego, quando vão furtar as roças, deixam uma sentinéla para os avizar da xegada do caçador.

Maritataca ou *cangambá*, especie de foinha pequena, branca, malhada de preto e de rabo felpudo. Sendo atacada e algumas vezes antes de o ser solta uma porção de ourina tão edionda, que todo o vivente foge para se livrar do fedor; o cão fere o focinho de o esfregar na terra, o homem só procura mudar de vestido; porque tanto este como tudo o que levava comsigo ficam infeccionados de tal sorte, que todos os que o encontram sentem e conhecem o fedor. Um naturalista, que anatomizou alguns, axando-lhes junto do vazo ourinario um pequeno receptaculo d'agua, totalmente distinta da da bexiga, persuadio-se ser ella a donde procede o fedor. A banha d'este animal, sendo eternamente aplicada, é um poderozo emoliente e sua carne gostoza, quando não foi infeccionada com a agua fedorenta; tambem então se lhe aproveita a pele para bolsas: passa pelo gato d'algalia (1). Alguns dizem que o fedor procede de uma ventuozidade, que ella despede com algum estrondo.

Micuim, bixinho vermelho, quazi invizivel, que se cria no capim; e xegando ao corpo cauza inflamação cutanea.

Mocó, especie de coelho, de rabo e orelhas assas pequenas. Domestica-se, e então é infiel, inquieto, e grande destruidor dos ratos.

Mocura, é da grandeza de um gato mediano, com figura, pes e orelhas de rato, cabeça e focinho de porco, dentes de cão, tem pêlo comprido, raro e macio, cauda afurada e comprida, pernas curtas, boca grande. Este animal tem em roda das têtas uma bolsa ou segunda barriga com uma boca no meio; tanto que pare mete os filhos n'esta bolsa, e alí os vae criando até elles poderem por si procurar o sustento. Tem muita catinga, gosta muito de galinhas, e segundo alguns, tambem de caxaça, e com ella se embebeda (2). Em algumas provincias xama-se *sariguê*, *saroê* ou *gambá*. A cauda d'este animal é prestantissimo remedio para doença de rins e pedra, bebida em agua e na quantidade de uma onça por algumas vezes em

---

(1) Corografia Brazilica, pag. 65.
(2) Simão de Vasconcelos no lugar cit. pag. 176.

jejum ; faz geral leite, serve para dores de colica, aceléra os partos, e tem outras virtudes admiraveis.

Osga, existe grande quantidade d'ellas mesmo pelas cazas.

Onça, é um grandissimo gato de aspecto terrivel e bramido aterrante; existem 5 castas. A tigre é preta, com malhas de negro azevixado; estas são poucas, mas são temiveis. A *pintada* ou *verdadeira* é pintada com simetria de negro e branco ou amarelado. A *cangussú* (1) é malhada de amarelo, quazi do tamanho de um boi, e a maior de todas. A *suçuarâna* é alourada, ou avermelhada, e a menor de todas. A *mistiça* (2) (filha do tigre e suçuarâna) é das menores, rara, porem muito atrevida. Qualquer das tres primeiras mata a um boi ou cavalo, e o arrasta com facilidade por uma ladeira acima. As outras sustentam-se de animaes menores. So o touro de mais de 4 annos não teme a onça. Para matar os porcos do mato, espera-os sobre as arvores; e quando elles passam salta sobre o ultimo, mata-o em um momento, e repentinamente resobe á arvore: os porcos acodem ao que gritou; mas como a final seguem o seo caminho, ella dece, e o come descançada. Os caçadores procuram as onças com cães, espingardas, lanças e forcados ; a fera, vendo-se acoçada, ou sóbe á alguma arvore grossa, ou se senta, urrando; e si algum cão lhe xega, o mata logo com uma unhada. Si o caçador atirando-lhe a não mata logo, salta ella em continente aonde ve fumo, e o despedaça, si os companheiros o não socorrem. No xão acomete um com um forcado; e como ella para atacar o omem se levanta sobre os pes, e lhe lança primeiro as garras que os dentes, elle lhe mete o forcado ao pescoço, e os outros ao mesmo tempo a lancêam ou a faqueam. Outros vendo-as sobre arvores delgadas, donde ellas não podem decer, excepto atirando-se abaixo, sobem a lanceal-as. Tem n'esta caçadas sucedido muitas desgraças. A onça não acomete o homem para o comer,

(1) Cangussú vem de *acanga-oçú*, que na lingua geral quer dizer cabeça grande.

(2) Pode-se comparar bem ao tigre real de Bengala.

sinão com muita fome. A carne das onças não se come, a péle é muito estimada.

Páca, especie de porco grosso, sem rabo, com orelhas muito pequenas, focinho e grandeza do coelho, cabelo rijo e avermelhado, miudas malhas brancas pelas ilhargas, e riscas avermelhadas, pelo espinhaço. E' muito gostoza.

Papa-mel (e em algumas provincias *irára*), especie de macaco, que tem 3 palmos de comprimento, focinho agudo pernas curtas e cauda cumprida; sustenta-se de mel.

Porco do mato, existem 3 castas e todas andam em grandes manadas. O *queixada* tem o queixo inferior branco, é como o javalí da Europa e o menor de todos, o *verdadeiro* é quazi do mesmo tamanho, e todo preto. Estas 2 castas denominam-se *tacuités*, são muito bravos e fazem orrivel estalada com os dentes. O *caitetú* ou *taitetú* é do tamanho do leitão de 5 mezes, e tem sobre as cadeiras um orificio por onde súa certo liquido fedorento. Todos estragam as roças.

Porco espinho, é similhante na grandeza ao gato, nas feições ao cão, e tem cauda comprida, e grandes unhas com que sobe ás arvores ; o lombo é coberto d'agudos espinhos que despede sacudindo o corpo, contra quem o acommete. Péla-se como porco, e come-se.

Preguiça, é similhante a um gato grande grosso e curto, sem rabo, nem orelhas ; tem pelo pardo, comprido e grosso, pernas grossas com duas grandes unhas cada uma ; sobe a certas arvores e n'ellas se sustenta da folha, traz o filho cavalgado no pescoço, anda quazi de rastos com um lentisssimo passo, o qual não apressa ainda que lhe queimem o corpo ; e daqui lhe veio o nome (*). Alguns a comem.

(*) Entre outros bixos, de que o bosque abunda,
Ve-se o espelho da gente, que é remissa,
No animal torpe de figura immunda.
A que o nome puzemos de Preguiça;
Mostra no aspecto a lentidão profunda,
E quanto mais se bate e mais se atiça,
Conserva o tardo impulso por tal modo,
Que em poucos passos mete um dia todo.

(*Caramurú*, canto 7.)

Preá, especie de pequeno coelho sem rabo, com orelhas muito pequenas e focinho redondo.

Pulga, são menos que em Portugal, existem porem uma especie de pulga muito pequena, a qual insensivelmente se introduz nos poros (especialmente dos pés) da gente e de alguns irracionaes; e permanecendo debaixo da cutis, ali se torna branca e crece tanto que muitas vezes fica quazi da grandeza do grão de milho. Tira-se com alfinete e enxe-se a cavidade de algum cauterizante.

Quati, especie de rapoza, que tem orelhas curtas, redondas, e pouco peludas, pêlo mole, comprido e grosso, pernas curtas, e grossas, pés compridos cada um com 5 dedos armados de 5 unhas, com que sobe as arvores e desenterra os insectos; rabo de gato com listras anulares; focinho de porco, e o queixo superior mais comprido que o inferior, dentes de cão. Domestica-se mas é inquieto. Este chama-se *quatipurú*. O *quati-mondé* é mais pequeno e ande em rebanhos.

Rabo-torto (lacrão), criam-se muitos até nas cazas.

Rapoza, é similhante á de Portugal; andam em rebanhos.

Rato, são muitos. Tambem existe uma especie de ratos xamados *sabujá*, que vive no mato, e algumas pessoas o comem.

Sápo, existem muitas castas d'elles; o mais celebre é o que lança uma baba, que (segundo dizem) se converte em rezina medicinal, denominada *cururúcica*. Em algumas noites de xuvas uns ladram como cães grandes, outros dão uma especie de assovios altos, outros miam como gato outros roncam como porco; só quem os ouve faz idéa.

Tamanduá: existem 3 castas. O *bandeira* é do tamanho de um porco mediano, com pèlo de javali; tem uma listra russa de cada lado, orelhas redondas e muito pequenas; olhos muito pequenos focinho assaz comprido, e delgado boca muito pequena, e sem dentes; lingua estreita e compridissima; cauda comprida, muito gadelhuda e arqueada para o pescoço; quando dorme cobre-se com ella; e quando anda vai dando com ella para uma e outra parte, de sorte que parece uma bandeira, o que lhe deo o cognome; as pernas são curtas, e grossas com 5 unhas em

cada pé, e 4 em cada mão, sendo d'estas as 2 dos lados pequenas, e as 2 do meio muito aduncas, e de 4 polegadas de comprimento cada uma, estas andam dobradas, e o animal só pôe os cotunhos no xão, deixando uma pegada como de menino, com a diferença de ficar o dedo polegar para fóra. Anda de vagar, e quando se vê acometido, deita-se de costas; si o inimigo lhe xega abraça-o, ferrando-lhe as garras, e nunca mais o larga; excepto si lhe jarretarem as munhecas. Tem aparecido alguns abraçados com onças, ambos mortos.

Diz-se, que dando-lhe uma pancada no focinho, cae logo atordoado. Sustenta-se do *cupim*, cujas cazas desfaz com as garras em um instante; e estendendo sobre ellas a lingua, a recolhe coberta de formigas. A sua carne é insipida, porém medicinal.

O *juléco* é mais pequeno; o *tamanduahi* é do tamanho do rato, felpudo e amarelado.

Tatú é similhante ao porco na cabeça e orelhas tem olhos pequenos, focinho agudo e comprido, boca pequena, pernas e unhas grossas, com que em breve tempo faz no xão um buraco para se esconder, rabo de rato, pouco pêlo no corpo, que é coberto por cima de duro casco em conxas atravessadas como de lagosta. Existem 5 castas e o maior é do tamanho de um grande leitão; este se xama *canastra*, por se assimilhar nas costas a uma canastra; sua carne é nociva. O *verdadeiro* tem casco macio. O *péba* tem cabeça xata, e côr parda com pintas verde negras; é grande inimigo das cobras, e fura as sepulturas para comer os defuntos. Depois de meter mãos e pés dentro de sua toca, nenhum omem, ainda que lhe puxe pelo rabo com todas as forças, fará com que elle não acabe de entrar. O *bóla* assim xamado, porque sendo tocado esconde todos os membros debaixo do casco, e fica como uma bola; é amarelado. O *xina* ou *tatuhi* é o mais pequeno. O *verdadeiro* e *bola* comem-se.

Tejú, especie de lagarto pequeno e grosso. Vi um d'estes com 2 caudas. O xamado *caruará* é maior, pintado, e grande comedor de pintos. Ambos têm lingua farpada.

Terahira, especie de lagartixa grossa, de que existe muita abundancia. Algum dizem *troíra*.

Veado, existe 5 castas. O *suçuapára* é do tamanho de uma pequena vaca, e tem cornos grandes, ramozos, e cobertos de uma especie de musgo: arremete, vendo-se perseguido. O *campeiro* é da grandeza de uma pequena cabra e não tem cornos; os d'esta casta andam em bandos no campo. O *catingueiro* é pequeno, não tem cornos, e vive nas catingas. O *mateiro* é do tamanho de uma grande cabra, vermelho e pintado na barriga; o maxo tem cornos, a femea não. O *galheiro* é pequeno, e tanto o maxo como a femea tem cornos; este e o *suçuapára* são raros, e só se encontram no certão. A carne do veado come-se e a péle curte-se. Bem podiam os lavradores criar rebanhos de veados (e antas), mancando-os de umo mão em pequenos (como se faz na China, segundo refere Mendes Pinto, cap. 98), para não fugirem.

Prezentemente vivem no Brazil todos os irracionaes domesticos da Europa, mas regularmente falando são menos volumozos que em Portugal. Os maxos ainda são poucos. As ovelhas são raras, e sua lan incapaz de fiação, por ser muito grossa. As cabras se multiplicam sobre maneira; poucas vezes parem menos de 2 ou 3 filhos. O boi serve a muitos de cavalo; para o que lhe fazem um buraco no nariz, por onde lhe metem uma corda para o guiar. E' mais seguro que o cavalo para tranzitar os tijucaes ou lamaçaes. O boi d'este paiz não conhece o arado (*).

CAPITULO XXXII

Das aves e insectos volateis.

Abelha: existem 10 castas: *uruçu*, *tatahira*, *manoel d'abreo*, *preguiçoza*, *tiúba*, *tubí* e *mosquitinho*, que todas melificam nas cavidades das arvores; *boca de barro*, que nas fendas das róxas faz caza de barro a modo de manga

---

(*) Na Laponia domestica-se uma especie de veado até o ponto de servirem para os serviços domesticos. Geog... de Pinkerton. Como as terras se não lavram, so se amansam bois para os carros.

com uma boca no fundo; *xupé*, que sobre as arvores faz caza similhante á precedente; *cupineira*, que faz caza sobre arbustos baixos, algumas vezes abita os dezertos do cupim. So a *manoel d'abreo* faz o mel similhante ao europeo; o das outras é mais liquido. A *uruçú* é a mais numeroza, e mais similhante á da Europa; as outras assimilham-se a mosquitos, moscas, e formigas d'aza; e nem todas têm ferrão. A cera nunca toma tanta alvura como á da Europa e Africa.

Acauan, ave de rapina do tamanho de uma galinha, de costas pardas, barriga branca, cabeça parda com uma listra branca a modo de corôa; canta o seo nome, imitando ao mesmo passo quem grita sobresaltado.

Alma de gato, especie de gavião de tamanho de uma pomba, dá um grito similhante ao do gato dezesperado.

Andorinha, em figura e ninho difere algum tanto das que se criam em Portugal.

Anum, é similhante ao melro, com bico grosso e preto, cauda comprida; um grito triste é o seo canto. Andam no campo tirando as moscas e carrapato do gado.

Arára, especie de papagaio grande: existem 3 castas: *amarela*, *azul* e *vermelha*, a qual tem rabo e azas azues.

Bacurão, ave noturna, pouco maior que o melro, preto tirante a pardo, com uma listra na cabeça a modo de corôa branca. De madrugada canta o seo nome, e de noite canta perfeitamente *jam corta páo*; e por isso alguns lhe xamam *joão corta páo*.

Barata, especie d'escaravelho grande, xato e acastanhado, de que existe extraordinaria abundancia. Tem muita catinga e róe as roupas, livros, comestiveis, etc.

Beija-flôr, é a ave mais pequena entre as conhecidas, menor do que carriça, com bico preto e comprido, cauda curta e negra, esbranquiçado pela barriga, e o resto de brilhante verde furta-côr. Seo vôo e zunido é de bezouro. Sustenta-se do suco das flôres e de pequenas aranhas, nunca pouzando para apanhar estas ou xupar aquellas; mas sustentando sempre as azas em continua vibração. O ninho é delicadissimo; o ovo do tamanho do

grão d'ervilha. Si cantasse seria a mais estimada das aves. Em alguns estados lhe xamam *colibri* ou *colibrio* (*).

Bemtevi, é do tamanho da cotovia, com rabo comprido, amarelados na barriga, quazi pardo por cima e com um circulo branco em roda da cabeça. Canta o seo nome. O *bemtevi pequenino* é da grandeza do milheiro.

Borboleta, existem varias castas, segundo a variedade das lagartas. A xamada de *fogo* anda coberta de um pó subtil, o qual, apenas toca, produz uma dezesperada inflamação cutanea.

Caba (vespa), existem varias castas. A que faz a caza de barro a modo de tigelinha emborcada, depois de por o ovo, introduz n'ella 2 lagartinhas verdes, vivas (que apanha e traz mas mãos penduradas), as quaes servem de sustento ao filho, emquanto não sae, e talvez com seo calor ajudarão a fomentar o ovo.

Caga-fogo, insecto fosforico, a que xamamos em Portugal caga-lume. Quando vòa de noite parece, que de espaço em espaço vai largando o lume. Existe extraordinaria abundancia d'elles.

Canario, assimilha-se alguma couza ao das Canarias, mas não canta tão bem. Dizem, que no Iguará encontram-se canarios pintados de vermelho.

Carão, é do tamanho de galinha, pardo com pintas brancas no pescoço, pernas altas, bico comprido e fino. A sua carne dá-se aos doentes.

Carapirá, especie de gavião um tanto maior que pomba, de barriga branca e costas anegradas. Aparecem algumas vezes voando sobre o mar em grande distancia da costa, e os marinheiros lhe xamam *mercadores*.

(*) O pequeno colibrio, esta ave rara,
Troféo na pequenhez da Mão que a creára,
Ostenta o peito d'oiro ; e esvoaçando
Com sussurro e tremor anda libando
O nectar e dulcissimos sabores,
Que encerra o calix das melifluas flôres.
Pigmeo na esféra das gentis volantes
Si na esfera das aves ha gigantes.

(Assumpção, canto 3).

Cardeal, é do tamanho do pardal, com similhança de pintasilgo ; tem a cabeça com parte do pescoço purpurea. Seo canto é forte e engraçado.

Cegonha, é da grandeza da de Portugal, branca com azas pretas, olhos e pernas encarnadas.

Ceriéma, é do tamanho da galinha, com alguma similhança d'essa; tem bico pontudo e avermelhado, pernas altas e avermelhadas, dá pequenos vôos; altos e apressados gritos são o seo canto. Domestica-se.

Cigana, ave quazi do tamanho e côr do melro.

Codorniz, especie de *pomba do xão*.

Colhereira, ave paludal do tamanho de galinha, de rabada côr de roza por cima e branca por baixo; tem pernas altas, pescoço comprido e branco, bico comprido, grosso na raiz e na ponta largo a modo d'espatula ou colher.

Coruja, existem 2 castas d'ellas, grandes e pequenas.

Curicáca, é algum tanto maior que galinha, de côr cinzenta, pescoço comprido e branco até o peito, pernas curtas. Canta o seo nome.

Ema, é a maior ave do mundo novo (*); tem corpo quazi redondo, coberto de penas compridas, pardas e arripiadas, pescoço muito comprido; bico de pato, porém mais estreito; pernas muito compridas e grossas, cada uma com 3 dedos grossos e curtos; não tem rabo, nem vôa, mas abrindo as azas, e picando-se com dois esporões, que tem nos encontros, seguindo sempre carreira de torcicolos, cansa um cavalo. O seo ôvo tem 5 polegadas de comprimento e 3 e meia de diametro na parte mais grossa. Logo que nacem os filhos, quebra um dos ôvos gôros, para lhes servirem de sustento os bixos, que n'elle se criam, e alí acodem; acabado este quebra outro, etc. Encontram-se as émas em rebanhos nos campos. A péle do pescoço e o papo curtido servem para bolsas; em algumas partes do Brazil curtem a péle para calções.

(*) Walckmaer xama ao *condor* do Perú o gigantes das aves; mas eu julgo fabulozo o que se conta d'esta ave. Alguns dizem, que é tamanha, que com facilidade arrebata um boi e o leva pelos ares.

Pacheco e Bluteau dizem, que a ema é diferente do avestruz (e que este tem os pes fendidos como veado, e coberto de escudetes); mas eu julgo ser o mesmo. Nas adjacencias do Rio da Prata se dá a ema o nome de avestruz. Domestica-se, mas não se come.

Ganso, especie de pato do tamanho do manso ; tem côr de rozas, bico muito torto, lingua assás comprida, pernas encarnadas; estas e o pescoço são tão compridos, que o ganso, quando levanta a cabeça, fica d'altura de um homen ordinario. Os gansos, vistos de longe em fileira, parecem soldados.

Garça, são de 3 castas, *azul*, *morena* e *real*, que é a maior.

Gavião, existem 3 castas, *real*, que tem o volume do perú; *táuató*, da grandeza do frango; de *rapina*, que é do tamanho da pomba.

Graúna, só difere da galinha preta em têr bico fino, e adunco. Existem mais 2 castas do tamanho do pardal, uma parda e outra preta, estas comem o arroz, e por isso alguns lhes xamam *papa-arroz*.

Guárá, ave marisqueira, do tamanho da perdiz, com figura de garça. Em quanto novo é branco, depois anegrado, e ultimamente muito vermelho. Quazi sempre voam em cordão, fileira ou simicirculo; e quando pouzam em uma arvore a fazem parecer vermelha. Não os vemos em alguns estados.

Jaburú, especie de gavião do tamanho do pato, branco com as pontas das azas pretas, pernas compridas e pretas, pescoço comprido, preto e nú; cabeça preta, bico preto, comprido e adunco. O *jaburú moleque* é o tejejú.

Jaçanan, ave paludal, pouco menor que tordo, atabacada por cima e avermelhada no peito ; tem olhos encarnados, bico fino, uma especie de crista vermelha, penas da mesma côr, e muito altas.

Jacamim, ave triste, porém muito estimada; é pouco maior que galinha, de um agradavel preto furtacor, e com algumas penas brancas nas azas. Dizem, que o fumo das penas das azas queimadas, recebido sobre a parte leza, aproveita nos estupores e outras molestias. Domestica-se.

Jacú, existem 3 castas; *jacutinga*, que é do tamanho de galo, anegrado com riscas brancas no peito e cabeça, pernas vermelhas; *jacupéma*, que é um tanto maior que pomba; *aracuan*, da grandeza da pomba. Todos têem mamilos como perúa.

Japi, é quazi do tamanho do melro, preto com pintas amarelas; com seo canto não só arremeda as outras aves (como faz o coxixo), mas tambem muitos outros animaes. Faz o ninho da feição de bolsa pendurado nas pontas dos ramos, e muitas vezes se contam 6 ou 7 ninhos no mesmo ramo.

Japiaçóia, é do tamanho de pomba, de côr e crista azul celeste, costas verdes, bico e perna amarélas.

Marreca, especie de pato bravo, de que existem 5 castas, sendo a maior quazi de tamanho de galinha. A *poteri-assú* é a maior, e tem côr atabacada, bico encarnado. A *poteri-péua* tem bico e *pés* encarnados; os encontros das azas brancos e azues. A *viuva* é preta, com peito pintado de branco, bico preto, cabeça branca, do meio para diante. A *paturí* é pintada de preto e amarélo, e tem bico encarnado por baixo e azul por cima, e umas penas brancas por baixo da cabeça. Os moradores do distrito de Viana e suas vizinhanças matam muitas marrecas, e depois de salgadas e sêcas, as trazem á vender á cidade.

Marrecão, especie de marreca maior que as outras; tem costas pretas, os encontros das azas azues e brancos, pescoço e peito brancos, barriga amaréla, bico roxo, olhos encarnados. Um assobio flautado é o seo canto.

Maçarico, existem varias castas.

Mãi da lua, pequena ave noturna, que ao nacer da lua principia um canto a modo de quem se ri por zombaria e vagarozamente; o que já fez fugir a muitos que não sabiam de que boca sahia similhante rizo.

Méoá, tem grandeza e pés de pato, côr acinzentada, bico torto.

Mergulhão, é similhante ao méoá, com pescoço branco e bico comprido; mergulha para apanhar o peixe.

Morcego, existe grande quantidade, e danificam os templos com o seo escremento; alguns são muito grandes, e algumas vezes picam (sem serem sentidos) os omens e

o gado, fazendo sair muito sangue; o que mata muitos gados, não só pela falta do sangue, mas tambem por apodrecer a ferida e criar bixos.

Morucututú, especie de bufo, pouco maior que a galinha, de côr parda e cabeça de môxo; canta de noite o seo nome com voz medonha.

Mulata dá cá.., é do tamanho do melro, preto com o peito amarélo. Canta o seo nome.

Mutum, é quazi do tamanho do perú, negro azevixado; tem sobre a cabeça um penaxo crespo e delicado, bico amarélo com ponta preta; a femea tem o penaxo pintado de branco. O *mutum de fava* tem crista simillhante a uma fava. Domestica-se e sua carne é boa; seo canto é baixo e lugubre.

Papa-arroz. Veja *Graúna.*

Papagaio, existem 9 castas, *anacan*, *canindé*, *curica grande*, *curica pequena*, *curá* (que o é o melhor), *maracanan amaréla*, *maracanan verde*, *urubú grande*, *urubú pequeno*; todos pela maior parte são verdes com alguma mistura de outras côres.

Pato-bravo, existem 3 castas, *preto*, que é do tamanho do manso; de *crista*, que tem grande crista, costas pretas, barriga branca, pescoço e cabeça pintados de preto e branco; *paturí*, que é preto, mais pequeno, de encontros atabacados, olhos encarnados.

Passarinho de gaiola, é do tamanho de milheiro, anegrado e pintado de amarélo; seo canto é engraçado.

Pepira, é do tamanho do pardal e igualmente daninha. existem 3 castas, verde, azul e anegrada; esta ultima tem (o maxo) sobre a cabeça uma malha purpurea furta-côr.

Pavão, é pouco maior que tordo, de côr pedrez: abre o rabo como o perú.

Perequito, especie de papagaio pequeno, de que existem 4 castas: *antan*, *janduia*, *da mata*, *do campo*.

Pica-flôr. Veja *Beija-flôr.*

Pica-páo (peto), existem 4 castas: um maior que o de Portugal, o qual é preto, com cabeça e peito vermelhos e uma gravata branca no pescoço; outro amarélo; terceiro preto riscado d'amarélo e cabeça tirante a parda; quarto quazi pardo, com barriga e costas brancas.

Pombas, existem muitas castas e quazi todas têem alguma similhança da perdiz. As xamadas *do ar*: são *troquaz* e *pocassú*; as *do xão* (quazi derrabadas), são *pecoapá*, *inambú*, *curulina* (que dá muitos assobios continuados, subindo sempre de ponto em cada um); *juruti* e *tína*; esta ultima é do tamanho de galinha e a maior de todas.

Prága, dá-se este nome a todo o mosquito que inquieta com suas picadas; existe extraordinaria abundancia d'elles. Contam-se 4 castas: *meruçoca*, que é como o trombeteiro de Portugal; *carapanan*, que tem pernas maiores que o precedente; *meruum*, que é muito pequeno; *piúm*, que é pequeno, redondo e sua mordedura venenoza.

Rôla, existem 3 castas; *grande*' *fogo-pagou*, que tem azas brancas, peito pedrez, e canta o seo nome; *pequena* ou *rolinha*, que é do tamanho de cotovia, e nidifica nos buracos das cazas.

Rouxinol, é uma especie de carriça. O *rouxinol do mato* é quazi todo preto, do tamanho do tentilhão, e seo canto agradavel. Nenhum canta como o da Europa.

Sabiá, é da côr da carriça, e do tamanho do melro, ao qual alguma couza se assimilha no canto. Existem 2 castas.

Socoboi, especie d'ave de rapina do tamanho do carão, mas de pernas mais curtas e bico mais comprido; é acastanhado com pintas pretas. Canta o seo nome com voz baixa, grossa e vagaroza.

Socó, é do tamanho de pomba, cinzento, com riscas pretas, pescoço comprido e pernas verdes; sustenta se de mariscos.

Tejujú, é similhante ao *jaburú*, com a diferença de ser do tamanho do perú, e ter uma gravata branca no fundo do pescoço, bico muito grosso e comprido.

Tezoura, ave similhante á boieira ou lavandeira; tem no rabo 2 pennas compridas, que abre como tezoura.

Unicorne, ave pouco maior que galinha, escura nas costas e cinzenta na barriga; tem azas extraordinariamente grandes com 2 ferrões nos encontros, e na cabeça um corno de meio palmo de comprimento, delgado para a ponta, e na base da grossura de pena de escrever.

Quando quer beber mete primeiro o corno n'agoa para repelir o veneno, que n'ella têm deixado os bixos venenozos; e só então bebem as outras aves, que por ella esperam assim como os quadrupedes d'Africa esperam a *abada* ; daqui se tirou ser elle contraveneno. Dizem, que elle tambem tem virtude magnetica.

Esta ave se xama em algumas partes *anhúma* ou *inhuma*. Sua carne não se come,por ser esponjoza. O corno e esporões dos encontros das azas;tem maravilhoza virtude bezoartica contra todo o veneno, e contra a malignidade dos umores, xamando-os por suor de dentro para fóra, com tanto que se deve dar um escropulo (24 grãos) do dito esporão ou corno feito em pó, misturado com 4 ou 5 onças d'agua de cardo santo ou escorcioneira ; é infalivel remedio para os mordidos da cobra cascavel. Na falta dos esporões ou corno pode a pessoa mordida da dita cobra tomar um pouco de pó da raiz da serpentina virginiana, que, na opinão de Roberto Boile e de outro autores graves, é o maior de todos os antidotos contra estas e outras mordeduras venenozas, e na falta de qualquer d'este dois antidotos se pode tomar (em agua ou vinho, e sem demora) um pouco de esterco fresco da mesma pessoa mordida (ou de outra qualquer), por que sem embargo de que é remedio orrorozo, é admiravel, como tem mostrado a experiencia dos que foram mordidos da dita cobra ou de outro qualquer bixo peçonhento (*).

Urubú, especie de corvo, que se sustenta de animaes mortos, ainda que estejam corruptos. Existem 3 castas: *negro*, que é preto, de cabeça e pescoço pelados; *geréba*, que só difere do antecedente em têr cabeça encarnada; *tinga* ou rei, que é acinzentado, e tem azas e cauda brancas, palpebras vermelhas, e na cabeça uma mui admiravel especie de corôa formada por um como cordão ou caruncula de varios globulos de diversos tamanhos, e semeados de uma subtil lanugem: este é raro. Dizem, que os urubús, estando o *tinga* ou rei prezente, não tocam o animal, sem que elle lhe coma os olhos. Existe extraordinaria

---

(*) Semedo, no lugar cit. pag.21.

abundancia de rebanhos de urubus (bem necessario n'este clima), e xegam-se muito á gente.

Viuva, é pouco maior que milheiro, preta com cabeça branca.

CAPITULO XXXIII

Dos peixes e anfibios dos rios e lagos

Acari, peixe pequeno, de cabeça grande, e 3 esporões, 1 nas costas e 2 nos lados.

Anujado, é pequeno, gordo e gostozo.

Aracú, é pequeno e xato com malhas pretas.

Cascudo. Veja *Tamoatá*.

Cação, é avermelhado e menor que o do mar; o figado é muito gostozo.

Cerobim, é alvo maior que pescada, e tem malhas negras e esporões como acari o contacto destes é dolorozo, e ás vezes mortal.

Crumatan, é xato e quazi da grandeza da pescada.

Jabotim, especie de cágado anegrado e pintado d'amarelo ordinariamente tem palmo e meio de comprimento pouco mais ou menos, e grossura proporcionada, mas encontram-se muito grandes. Conta-se ter aparecido um no Iguará de 30 arrateis de pezo. Vive no mato; mas come-se por peixe, e o seo figado é muito bom. Pode estar 3 mezes sem comer (*).

Jacaré, anfibio similhante ao lagarto; são de 3 castas; *curucurú*, que é do comprimento de um omem ordinario, com grossura proporcional e tem as costas cobertas

(*) Os animaes de conxa ou testaceos podem estar muito tempo sem comer; pois, tendo os poros muito fexados, não evaporam a sua substancia tão depressa como os outros.

de grossa escama, que reziste ao tiro e a espada; no fio do lombo tem uma especie de serra, que eriça quando quer; *tenteré*, que é mais pequeno, e tem o queixo inferior até o peito avermelhado: este acomete o homem, corre muito, e ronca muito forte debaixo d'agua, e fóra della, o *jacarerana*, é da grandeza do precedente, e sua mordedura mortal. A femea está sempre de longe olhando para os ovos (que o sol dezenvolve); donde veio a dizer-se, que o jacaré xoca com os olhos. A cobra *surucujú* faz aos jacarés, como as de Portugal aos lagartos. (*)

Jeijú, peixe pequeno, preto, de cabeça roliça, e muitos espinhos.

Jurará (cágado ou sapo-conxo), são de 3 castas; *muçuan* que é anegrada, e da grandeza do de Portugal; *campinima*, que é maior; *cangapára*, que é assimilhado á tartarugas, e algumas vezes tamanho como ella. Os jurarás são o sustento de muita gente do campo, e tambem se vendem muitos na cidade. O ovo do jurará tem casca como o das aves.

Lirio, é do tamanho da pescada, branco com pintas negras, e esporões como acari; sempre anda gordo, e é saborozo.

Lontra, veja-se entre os quadrupedes.

Mandi, é da grandeza da sardinha e saborozo.

Mandubé, é do tamanho da pescada, com grandes malhas pretas, e cabeça xata, anda gordo, e é muito saborozo

Negra-velha ou *bagralhão*, especie de bagre, grande, de couro muito duro; junto dos esporões dos lados tem um orificio, por onde sua certo liquido fedorento.

Pescada, é mais pequena que a maritimo.

Piáu, é como a tainha pequena, pintado de preto e branco.

Pirânha, é do tamanho da sardinha, d'agudissimos dentes e muito voráz. Qualquer couza comestivel, que sinta cair n'agua, a devora em um momento: o homem ou o bruto, que tendo ferida (e algumas vezes sem a ter)

(*) No Amazonas aparecem jacarés de 90 palmos de comprimento. Dizem, que debaixo d'agua não pódem atacar.

entra n'agua, onde ellas vivem, é repentinamente atacado de um cardume d'ellas, que só lhes deixam os ossos. Só o mergulhão zomba d'ellas. São de duas castas; come-se.

Peixe-boi, é muito grande, tem 2 pequenos braços junto ao pescoso, focinho de boi, couro acinzentado, grosso e com alguns pêlos, olhos muito pequenos, carne como a da vitéla e muito gostoza. Pasta na margem dos rios a erva que está n'agua; é vivipara, e aleita os filhos como a baîêia.

Pirapema, assimilha-se ao savel e tem muita força; encontram-se alguns de 15 palmos de comprimento.

Puraqué, especie d'enguia, que entorpece o braço de quem lhe toca imediatamente ou mediatamente; a espada que o toca salta fóra da mão. Roçando na perna do omem ou irracional os faz cair, e dizem, que passando pelo peito do omem o mata: finalmente faz todos os efeitos do fogo electrico. Depois de morto perde a electricidade e é gostozo(*).

Sarapó, é avermelhado, e assimilha-se a um terçado.

Sardinha, é grande e alva, a chamada *tapioca* é pequena. Não abunda e não é tão gostoza como a maritima de Portugal.

Tamoatá ou *cascudo*, é pequeno, preto, e coberto de uma escama ou casca grossa. Quando lhe falta a agua no lago, vai rolando por terra até a axar.

Terahira, tem palmo e meio de comprimento. São 2 castas.

Em todos os rios, onde xega a agua salgada, entram varias castas de peixe do mar, e entre estas o temivel tubarão, especie de cação muito grande, que devora em um momento todo o vivente, que apanha, sem excepção do mesmo homem. Nos mangues vivem inumeraveis caranguejos e são muito grandes.

N. B. A mineralogia é pouca n'este paiz; ella se reduz a pedra de granito calcarea, salitre, sal de Glauber,

(*) No mar d'Aveiro e outras costas de Portugal aparece uma especie d'arraia xamada tremelga, que faz o mesmo efeito.

argila de varias castas, e por muitas partes sinaes d'ouro e prata. Tambem existem aguas ferreas. A pedra de granito é quazi toda arenoza, de cor atabacada(*) e incapáz de se lavrar, mas d'ella, feita em pedaços e misturada com barro e cal, se fazem paredes muito seguras. A cal se faz toda de conxas calcinadas. A terra é arenoza, e nas adjacencias do mar semeada, por muitas partes, de conxas ou fragmentos d'ellas.

(*) E' muito similhante a que se encontra nas margens do Vouga, na comarca d'Aveiro.

APENDICE

COM O

Dicionario abreviado tupinambá-portuguez

> Obscurata diu populo bonus eruet atque
> Proferet in lucem speciosa vocabula rerum.
>
> (*Horat.* ev. epist. 2)

NOÇÕES PRELIMINARES

Entre as numerozissimas linguas dos indigenas d'America meridional, apareceram duas geraes ; no Perú a da nação Quichua e no Brazil a da nação Tupinambá.

Os missionarios espanhóes cultivam ainda a quichua, como necessaria para a conversão dos selvagens. Esta lingua não tem as letras B, D, F, G e R.

Não sei em que parte abitava a nação quichua.

A nação tupinambá, quando os Portuguezes descobriram o Brazil, abitava ambas as margens do rio de São-Francisco ; ella era a mais numeroza de todo o Brazil, vivia repartida em varias ordas, dezignadas com diversos nomes, mas todos falavam a mesma lingua. Quando os Portuguezes se estenderam para o certão de Pernambuco tiveram ali varias guerras com os Tupinambás, e vendo estes que não podiam rezistir, uns se sugeitaram e ficaram nas suas terras, outros foram fazer assento nas

margens do Tocantins e Amazonas, expulsando d'estas os seos abitantes (1). Desde o Amazonas se estenderam os Tupinambás até á bahia de São-Jozé; e por isso os Francezes e Portuguezes os encontraram na ilha do Maranhão, em Tapuitapéra e Cumá, como já referi.

Antigamente a lingua da nação Tupinambá era cultivada pela maior parte das nações brazilicas, e por isso os Portuguezes lhe deram o nome de lingua geral; não tenho porém noticia de que alguma nação selvagem saiba ainda esta lingua. Talvez nas margens do Amazonas ou seos tributarios exista ainda algumas nações gentias, que a saibam. Ignoro, si os Portuguezes, estabelecidos no Brazil, em toda a parte falaram Tupinambá; é certo, que por todo o Brazil se encontram objectos com os nomes d'esta lingua; mas tambem é certo, que em 1682 já o padre Antonio Vieira, escrevendo de Roma, lhe xamava *lingua do Maranhão* (2). E com efeito no Maranhão e Pará foi a lingua corrente (os mesmos oradores prégavam n'ella) até o anno de 1755, em que entrou a correr a portugueza. Oje ninguem sabe o tupinambá no Maranhão; mas no Pará o sabem não só os indios christianizados, mas tambem muitas pessoas brancas, como eu observei; é possivel, que já a falem com alguma corrução.

Nas outras provincias correm oje alguns vocabulos, que dizem ser da lingua geral, mas eu acho-os muito alheios d'ella; talvez que elles se corrompessem pela correspondencia que os Tupinambás tivessem com outras nações, quando a d'elles já vivia repartida por varios sitios, como acima referi. E' verdade, que nós temos em Portugal provincias, em que correm vocabulos totalmente diferentes dos das outras; e quiçá entre os Tupinambás sucederia o mesmo.

Porém o certo é, que em nenhuma parte do Brazil se falou a lingua geral (ainda no cazo que a principio os Portuguezes a falassem em todo elle) tantos annos, como no Maranhão e Pará; e portanto deve prezumir-se, que os

---

(1) Padre Antonio Vieira, Historia do Futuro, liv. ant. pag. 301.
(2) Sei a lingua do Maranhão e a portugueza. Veja o volume 2º das suas cartas, carta 73.

vocabulos, que n'estas duas provincias existem, são os primitivos, ou os que menos d'elles diferem.

No Maranhão conservam nomes da lingua geral a maior parte das plantas, animaes, rios e sitios (1); correm tambem alguns vocabulos da mesma entre o vulgo. Por esta cauza julguei do meo dever dar ao publico alguma noticia d'esta lingua, e não a podia eu dar melhor do que a que aprezento no seguinte Dicionario: elle foi composto por frei Onofre... (nada mais sei do seo nome) antigo missionario dos indios, entre cujas obras manuscriptas eu o descobri na livraria do convento de Santo Antonio do Maranhão.

E' verdade, que o seo autor não seguio rigorozamente a ordem alfabetica; mas eu o corregi, e aumentei em tudo o que me foi possivel.

Antes da comunicação com os Portuguezes não tinham os Tupinambás na sua lingua as letras F, L, S, (2) Z, nem vocabulo algum, que principiasse por D; depois porem admitiram tudo, porque vendo-se na necessidade de falar em muitas couzas, para as quaes não tinham vocabulos seos, uzaram dos nossos, já genuinos, já corrompendo-os ao seo modo.

Entre os ditos indios, eram indeclinaveis os nomes substantivos e adjectivos; e os verbos invariaveis em todos os tempos, modos e pessoas (com poucas excepções) com particulas diferençavam os tempos e com promenores as pessoas. Si oje aparecem nomes no Brazil com singular e plural, é compozição dos Portuguezes, como do nome da nação *Goiá*, que tiraram *Goiáz*, e *Goiazes*; de *Tupinambá*, *Tupinambás*; de *cajá*, *cajás* e *cajazeiro*, etc.

Na dita lingua um *i* junto ao substantivo faz o seo diminutivo, como se vê em *tamanduaí*, *tatuí* etc.

Muitos vocabulos, que antigamente acabavam em *iba*, acabam oje em *úba*; outros que finalisavam em *á* finalizam em *an*; outros que terminavam em *i*, terminam

---

(1) Muitos nomes foram impostos por varios individuos da Europa, que aqui têm rezidido; outros são sem duvida das linguas dos diferentes selvagens, que viveram n'este paiz.

(2) Excepto nas palavras em que é indiferente uzar de *c* ou *s*.

em *im*. Por fim não posso deixar de dizer, que não sei a razão,porque muitos autores uzam em nomes brazilicos de *h* no principio do vocabulo ou entre vogaes ; como tambem de consoante dobradas, sendo certo que os nomes brazilicos foram tirados só pelo que soavam ao ouvido.

Os nomes, que ainda se uzam no Maranhão vão notados no seguinte Dicionario com este signal *. Na nota mostrarei a corrução, com que alguns d'elles se uzam oje. Os futuros etimologistas me agradeceraõ todo este trabalho.

DICIONARIO

DA

LINGUA GERAL DO BRAZIL

A (*)

A á	Tó (voz de quem xama o cão).
Abá	Creatura, pessoa, nação, familia forra. Quem? qual?
— amó	Alguem.
— — nhéenga rupí	De parte de alguem.
— angaipába oçu eté	Tirano, terrivel.
— carimbáb oçú	Valentão.
— coaubeima	Omem tolo.
— çupé tá	A quem?
— çupénhóte	A qualquer.
— çupí rupí oaé	Verdadeiro.
— etá okéna rupí Tupána potába ojururé	Pedir de porta em porta.
— eté	Abalizado.
— goaçu	Ilustre.
— ipiá meoan oaé	Bem acondicionado.

(*) Este sinal — indica repetição do nome que lhe fica superior.

Abá itá júba jára........	Omem rico.
— iuruparí oaé...........	Endemoninhado.
— moacára.............	Omem nobre.
— nitió oarobiár	Contumar.
— nitio onheeng oaé.....	Pessoa muda.
— opabinhé oericó oaé...	Abastado, farto.
— panemo.............	Negligente, sem prestimo.
— puxí................	Omem velhaco.
— recó iticába..........	Novissimos dos omens.
— roonhóte.............	Omem trefego.
— tá iabé indé..........	Quem te dice.
— tá indé..............	Quem és tu?
— tá jandé, çuí goára....	Qual de nós?
— tá nedmepoí..........	Quem te dice essa mentira?
— tá morandub	Quem t'o contou?
Abá taé................	Qual será?
— teité................	Omem umilde.
— iba oçu..............	Abrazador, destruidor.
Ába..................	Cabelo.
— morotinga...........	Bracas da cabeça.
Abatiapé .... / Abatyí................	Arroz.
Abatyi antam...........	Milho.
Abé....................	E (conjução).
Áca....................	corno.
— póra................	Sabugo do corno.
Acá.................... / Acái....................	Ai.
Acaiacá................	Cedro (arvore).
Acaigoé (a)............	Ai.
Acajú..................	Cajú. Anno.
— cica................	Rezina de cajú.
— etá.................	Idade.
Açámo.................	Espirro.
Acánga.................	Cabeça.
— ací.................	Doer a cabeça.
— catú................	Abilidade, juizo, retentiva.
— cangoéra............	Craneo.
— etíc................	Acenar com a cabeça.
— óca................	Descabeçar.

Acánga iba	Dezatinado, doudo, vadio, parvo, louco, tresvarias.
— iba mongára	Adoudado.
Acangatára	Penhasco.
Acanguapába	Cabeceira, almofada, travesseiro.
— rerú	Fronha.
Acanhémo	Sobresalto.
Acará	Acará (peixe), garça (ave).
Açó coicé coicé	Trasantonten.
Acoaubeima oçú	Idiota, tolo.
Acukeri	Assucar.
Acy quéra	Pedaço.
A é	Elle, ella; aquelle; a qual. Hé.
— boé	Muito a propozito.
— çui	De lá; de lá, donde tu estás. D'ahi.
— çui ikequity	De lá para cá.
— eté	Mesmo, mesma.
— kety	Para lá.
— netio	Isso não.
— ramé	Então.
— ramé vé	Então mesmo.
— ramé vé catú	No mesmo tempo.
— riré	D'ali por diante, depois d'isso.
— recé	Pelo que.
— rire mirim	Pouco depois.
— rupi	Por lá.
— tenhé	O mesmo.
Aépe	Ahi; la
— máme oericó	La, onde tu estás.
— tenhé	Ahi; mesmo, nesse lugar.
Aguaçá	Manceba.
Agua çabóra	Mancebia; concubinato.
Agua çara	Concubina.
Aicobé	Viver. Há.
Aixé	Tia.
Aixó	Sogra do omem.

Ajúbá..................	Louro (arvore).
Ajubéte................	Ao mesmo. Embora ; muito embora. Siquer. Seja muito embora. Ainda que.
Ajubéte ára amó pupé....	Quando quer que.
— çaci indebo...........	Ainda que te peze.
— jabé teném...........	Mas antes isso.
— jabenhóte............	Seja como for.
— jepé amó	Qualquer.
— máme...............	A qualquer lugar ; aonde quer que.
Ajura..................	Pescoço.
Ajurepy................	Caxaço ; gasnate.
Akirár.................	Abortar.
Akire..................	Verde. Verdejar.
Amána.................	Xuva.
— ára.................	Dia de xuva.
— okir	Xover.
— opipie	Xoviscar.
— ry........	Agua de xuva.
Amanajé	Alcoviteiro.
Amanajú	Algodão (planta).
Amby..................	Ranho.
— óca.................	Assoar.
Ambira................	Morto, defunto.
Amó ába, cupé oeiticacecé.	Formar a culpa a outro.
— ába mbaé...........	Couza alheia.
— ába retáma goára.. ..	Estrangeiro.
— ára pupé	Em outra ocazião : em outro dia.
— binhé...	Outras vezes.
— çobaidaba .... / — çobaixára	A outra parte.
— jubé	Outro tanto.
— máme..............	Em outra parte.
— ramé................	As vezes ; de quando em quando ; algumas vezes.
— ramé nhóte..........	Por maravilha ; raramente.

Amó rupi	A's avessas ; ao travez ; ao contrario. Diferente de outra maneira, pelo contrario. Variar.
— rupi nhóte	A outro propozito.
— rupi oicó	Estar fóra do seo direito.
— rupi rupi onheeng	Mudança no que fala.
— vé	Ainda mais ; outro mais.
— ibi çúi	De outra terra ; de fóra.
Amongety	Além ; para alem.
Amotába	Bigodes.
Amotareimbára oaé	Malquerente.
Aniú	Irman ; prima da mulher.
Anajé	Gavião (ave).
Anáma	Parente.
— oçu	Basto ; couza embasticida.
— vé	Razão de parentesco.
Anamacába	Parentesco.
Ananá	Ananaz.
Anangái o âne	Jamáis.
Anangaité	De nenhuma maneira.
Andirá	Morcego (animal).
Ané	Nunca.
Anga	Alma. Consiencia.
— angaturáma	Alma justa.
— poçanóng Santa Madre igreja sacramento pupé	Sacramentos.
— cóayba	Desconsolado. Paixão. Tribulação.
— recobeçába	Graça.
Anga tecó angaipába monhagára	Alma pecadôra.
Angaigoára	Magro.
— goéra	Magreza.
Angaipába	Culpa ; agastadiço.
Angaturáma	Justo. Bôa condição.
— moánga	Ipocrita
Angaturançaba	Pureza d'alma.
Angan	Murmurar.
Anhangá	Fantasmas.

Anhangá recu iba....... Páo de lacre (arvore).
Anhé.................. Assim é ; basta que sim.
— çupi................ Basta que assim é !
— çupi aquéra.......... Basta que assim foi.
— pecó................ Admirar-se.
— roá................. Pois não.
— roá pecó............ Por ventura.
— tecatú.............. A' fé ; em verdade.
Anhó.................. Só ; sómente.
— aira oaé............ Solitario; Só.
Ani................... Não.
Apecatú............... Longe.
Apekexinga............ Calvo.
Apuán................. Globo.
Apiába................ Omem ; varão ; maxo.
Apicába............... Assento.
Ar.................... Nacer (o vivente) cahir. Tropicar. Quéda.
Ára................... Dia. Óra. Tempo. Mundo. Ocazião.
— ára santo remodé goára. Vespera de santo.
— aiba eté............ Tempestade.
— çacú................ Calma.
Ára catú.............. Oportunidade. Bonança.
— catú pupé........... A bôas oras ; a tempo oportuno.
— cúa................. Meio-dia.
— eté oçú............. Dia grande, de festa.
— iatuca áira.......... Instante.
— jabé jabé........... Cada dia. Ordinariamente. De dia em dia. Todos os dias.
— Kia................. Dia brusco.
— nitió ojepé oçu...... Acomodar com o tempo.
— ocié eime vé......... Cêdo ; antes de tempo.
— oetépe.............. Todo o dia.
— ojem okia........... Ofuscar-se o dia.
— ojem opitune......... Embrulhar-se o tempo.
— ojepirár............ Aclarar o dia.
rangába............... Relogio.

Arabé	Barata (bixo).
Aramuçù	Solha (peixe).
Aramé	Então.
— bé	Então mesmo.
Aramoçára	Almoçar.
Arapaçó	Pica-páo (ave).
Aratára	Altar.
Araveri	Sardinha (peixe).
Areiré	Apoz isso.
Arfabaca	Alfavaca (erva).
— rána	Alfavaca de cobra (erva).
Aroabé	Espadarte.
Aro aim	Caramujo (marisco).
Aroaneima	Acazo, talvez.
Arobia çara	Obediente.
Arobiár	Crêr ; acreditar; obededer.
Arpe	Sobre; em cima.
Arucanga	Costeleta.
Aria	Avô.
Aribo	De dia. Sobre.
— goára	Sobre ceo.
Arimairy	Arraia grande (peixe).
Atangapéma	Espada.
Até	Até que.
— coir	Até agora.
— mbaé ramé catú'ta	Até quando ?
— oimé	Até ali.
Ateima	Preguiça.
— oçú	Preguiçozo ; mandrião.
Atúca	Baixo ; encolhido; estreito.
Atiaty	Gaivota (ave).
Atiba pigóai	Nuca.
Atir	Rima ; montão.
Augé	Basta (do verbo bastar).
— catu	Folgo muito.
— ipó	Deve bastar.
— oáne	Basta já ; nunca mais.
— ranhé	Basta por ora.
Augeramanhé	Subitamente, immediatamente.

Augeramanhé oaráma	Para sempre; eternamente.
Auky..................	Bolir com alguem; inquietar.
Avára..................	Rapoza.
Averána................	Tizico. Asma.
Avi....................	Agulha.
— coára	Fundo d'agulha.
Ay.....................	Preguiça (animal).
— Aia..................	Colhereira (ave).
Aiba...................	Máo.
— purib	Peiór.

B

Babóca.................	Circular.
Bebé	Voar.
Bençám mombóre	Abençoar.
Berá beráb.............	Fuzilar; xamejar.
Berab	Vibrar.
Boia...................	Cobra.
— nungára..............	Cobrelo.
Bubiú	Aboiar. Aliviar do pezo a canôa.
Bubintába..............	Boia.

Ç

Çaáng..................	Arremedar; imitar; aventurar; experimentar: provar; gosto.
Çaangaba	Balança.
Çaba...................	Enseada do rio.
Çabá...................	Peludo.
Çabaá..................	Mar; enseada do rio.
Çabaipór...............	Bebado.
Çabé...................	Bolor.

Çabé oaé	Couza bolorecida.
— oáne	Estar com bolor.
Çabecóne	Cavar.
Çaberec	Xamuscar; crestar ao fogo.
Çabijú	Penugem.
Çabóca	Pelar. Depenar aves.
Çaça çação	Repassar.
Çacáo	Atravessar; passar: penetrar; traspassar. Vadear o rio.
— eté cangába	De foz em fóra.
— rupi iacánga	Passar pelo entendimento.
— nhote apecatú rupi	Passar de largo.
Çacabóca	Trasfegar; despejar; vazar.
Çaca cánga	Razo, não tapado.
Çacái	Lenha miuda, xamiços.
Çacamby	Verilha.
— péne	Rotura da verilha.
Ça capém	Ventrêxa.
Ça capíra	Bico, ponta.
Ça capíra çantim	Ponta aguda.
Çacé çacéme	Algazarras.
Çacéme	Bramir; bramar. Gemer; gritar.
Çaçóca	Gurgulho.
Çacy	Doer; importar; ter pena.
— rupi	Asperamente.
Çagíca	Nervo; veia.
— oçu	Arteria.
Çái	Azedo.
— oaé	Couza azeda; agra.
Çaibó	Agourar.
Çabonçára	Agoureiro.
Çaibira	Gengiva.
Çaiçába	Giz.
Çaimbé	Aspero; quina; gume.
— oaé	Couza amolada, afiada.
Çainàma	Mulher adoudada, inquieta.
Çajiba	Gueixada; queixo.

Çakaquéra.............	Auzencia ; consequencia ; após, atraz.
— goara...............	Ultimo.
— jebir...............	Tornar para traz, remar.
— kety máem..........	Olhar para traz ; olhar de esguelha.
— vé..................	Consequentemente.
Çakibóre..............	Arder o corpo.
Çánha.................	Dente.
— çocói...............	Cair os dentes.
Çanháne...............	Ajuntar.
Çanhaneçára...........	Ajuntador.
Çanhé.................	Apressa, repentinamente. Pressa. Impeto.
Çantán................	Rijo, duro.
— iacánga............	Cabeçudo ; rude.
— rupi...............	De força.
Çantím................	Bico.
— pecú...............	Esporão.
Çapec.................	Tostar.
Çapiron...............	Carpir; prantear; lamentar.
Çapixára..............	Proximo.
Çapó..................	Raiz.
Çapomim...............	Dar d'olho ; fexar os olhos a miudo.
Çapuá.................	De pressa.
Çapucaiá..............	Clamar ; apregoar ; apupar; gritar por alguem ; bradar.
— çopiá oáne..........	Galinha, galo.
— mirim...............	Galinha poedeira.
— nheenga ramé........	Pinto.
— potira..............	De madrugada.
— róca................	Crista de galo.
Çapy..................	Galinheiro ; caza de galinhas.
— çapy................	Escaldar ; cauterizar ; queimar.
— reté................	Afoguear.
— tatá................	Abrazar.

Çapiá	Acender, atear o fogo.
— jóca	Testiculos.
Çapicón	Capar.
Çaron	Ponta de terra.
Çaronçaba	Esperar.
Çaroncára	Expectação ; esperança.
Çariba	Expectador ; esperador.
Çatikoéra	Caxo.
— rendaba	Bagaço ; borra.
Catipy	Monturo.
Çançub	Boxexa ; faces do rosto.
— catuçaba rupi	Amar ; estimar.
— eté	Afeiçoadamente.
Caucupára	Ter em muito.
Cainha	Amador; estimador; amante querido.
— jóca	Debulhar.
Çair	Gizar ; riscar.
Çaiçaba	Risca ; giz.
Çó	Ir.
Çoán kira	Gomo tenro, talo de planta.
— mitera	Cerne de madeira.
Çobá	Rosto, cara.
— cy	Carrancudo, mal encarado, soturno, tristonho: trombudo.
— cy irunámo maém	Olhar com máos olhos.
— cy oicó	Estar triste.
— júba	Rosto palido ; desmaiado.
— júba oçu	Cara de morto.
— kitán	Sinal do rosto.
— mongatironçaba	Enfeite do rosto.
— oçu	Caráça; severidade.
— pecánga	Maçan do rosto.
— peoitica	Lançar em rosto.
— pokéc	Rebuçar-se.
— pitéca	Esbofetear.
— rangaba	Mascara.
Çobaindá çui	Da outra parte; d'além.
Çobaindápe	Banda d'além.

Çobaitím	Atalhar; impedir sahir ao encontro; encontrar alguem.
Çobaixára	Opôr. De fronte. Obstaculo, metade, banda, lado.
— inhéenga	Replicar.
— jabé, jabé, çui	De cada parte.
— kety	Para outra banda.
— turuçú porib	A maior parte da couza repartida.
Çobaké	A cerca, ao pé, junto, ao perto, perto, rente, a ilharga. Prezença.
Çobaké catú	Diante, em presença.
— çui	De perto.
— goara	Vizinho.
— rupi	Ao redor.
Çobatím	Vinho.
Çobay	Reino ou Portugal. (*)
Çobaia	Rabo.
— acica	Derrubado.
Çobaiana	Contrario inimigo.
Çobay-goára	Do reino. Reinol. Portuguez
Çoc	Rebentar a corda.
Çoçanga	Sofrer, sofrido, paciente, paciencia.
Çoçóca	Pilar (verbo), pizar com as mãos, maçar, pisando calçar.
Çokendá	Cerrar, tapar.
Çokendáb ibi óca pepé	Murar.
Çokendabóca	Dezaferrolhar.
Çokendapába	Rolha, tapadura.
Çoó	Carne, caça animal.
— metéra	Amago.
— oçú	Alimaria.

(*) Antigamente no Brazil pelo nome *reino* se entendia Portugal; e pelo de *reinól* Portuguez (ainda oje se uza d'estes termos em algumas partes). Tudo o que vinha de Portugal se dizia *cobai-goára*, isto é, do reino.

Çoó papáo	Quinta-feira.
— piréra	Couro.
Çopár	Perder o caminho. Empaneirar.
Çopiá	Ovo.
— rerú	Oveiro.
— tacáca	Clara do ovo.
— tagoá	Gema do ovo.
Çopiára	Axaque.
Çopir	Levantar, arregaçar, carregar levando.
Çoróca	Romper
Çorib	Alegre. Alegrar-se. Folgar. Gloriar-se.
— oicó	Estar alegre
Çotingiba	Mastro de canoa.
Çuaçú	Veado.
— apára (*)	Veado de cornos.
Çuaçumé	Cabra.
— apiába	Bode.
Çucurejú (†)	Cobra d'agua.
Çugui	Azul.
— joca	Sangrar.
Çui	Da. De. Do.
— ve	Desde.
Çupé	Ao, aos, á, as.
Çupi	De veras, é verdade, na verdade.
— çaba ocomeéng oaé	Testimunha.
— catu	A fé; certamente; de certo; por verdade. Assim é na verdade.
— catu ipó	Provavelmente.
— catu rupí	Por verdade.
— catu taé oçó	E' possivel, que fosse assim.
— jabé	Assim é.
— jabé aquéra	Assim foi na verdade.

(*) Oje *cuçuapára* significa veado de cornos ramozos.
(†) Oje uzado só com o primeiro significado.

Çupi onheéng...........	Ter razão.
— rupi................	Infalivelmente. Na realidade. Sem falta.
— ta quaé.............	E' isto assim.
— titué................	Assim é na verdade.
Çupiçába...............	Verdade, certeza.
Çururú (*)..............	Mexilhão (marisco). Verter Vasar.
Çuú....................	Morder. Mastigar.
Çuuçaba................	Dentadura. Mordedura.
Çuuçára................	Mordedor. Roedor.
Çuuçuú.................	Roer. Abocanhar.

C

Cáá....................	Folhas de ervas. Mato. Ramo.
— caáo................	Cursos. Evacuação do ventre.
— keúe rendaba........	Orta.
— koéne...............	Coentro.
— mondó...............	Coçar.
— mondoçára...........	Caçador.
— pixuna..............	Murta.
— poám................	Ilha.
— pora................	Abitador do mato; agreste: rustico.
— piir (†).............	Alimpar o mato por baixo; cortar ou arrancar erva, saxar.
— pirçába.............	Saxador.
— rerú................	Beldroega. João-gomes. (erva).
— reté................	Mata firme ou virgem.
— roá.................	Talo das arvores.
— róba................	Rama das arvores.

(*) Oje uzado só com o primeiro significado.
(†) Oje *capinar*.

Cáá iby	Anil.
Caáo	Cagar.
Caapába	Bacio. Secreta.
Caapiún (*)	Erva.
Caariman (†)	Especie de farinha de mandioca.
Caarúca	Vespera ; tarde.
— ramé	A' tarde.
Cába (*)	Vespa. Unto, gordura, banha, cebo, manteiga.
Cabaçú	Cabaço.
Cabarú	Cavalo.
Cácá	Ta. Não bulas.
Cacoáu	Ancião.
Caém	Ferida sarada.
Cáinan	Peitos de mulher.
— jaciuçába	Lençol. Cobertor.
— piréra	Peitos cahidos.
— rendaba	Leito.
Camarára	Amigo.
Camby	Leite.
— antán	Queijo.
— çará	Ama de leite.
— jóca	Mungir ; ordenar.
— uú	Mamar.
Cameric	Amassar; esmagar.
Camixá	Camisa.
Camotim	Pote, cantaro.
— monhagaba	Olaria.
— monhagára	Oleiro.
— namby	Aza do pote.
— rendába	Cantareira.
Candúr	Encurvar, tendo corcunda.
Candira	Canavial.
Canéa rerú	Lanterna, candêia.
Caneón	Atribular-se.

(*) Oje *capim*.
(†) Oje *cariman*.
(*) Oje uzado só com o primeiro significado.

Caneón çába	Abafamento, aflição, cansaço, ancia, fadiga.
— oaé	Estar aflicto.
Cangoéra	Obo; espinha.
— póra................	Tutano.
Canhémo	Dezaparecer, sumir, perder.
Canto papé enóng........	Para contar.
Capic	Pentear.
Capitaré	Tartaruga (maxo).
Cará caraí..............	Gavião (ave).
Carajurú	Especie de tinta vermelha.
Caránhe................	Arranhar; coçar; esgravatar.
Caravan (*).............	Especie de piteira.
Carapína	Carpinteiro.
Carará.	Mergulhão (ave).
Caraibebé	Anjo. Arcanjo. Serafim.
— çarouçára...........	Anjo da guarda.
— quéra...............	Anjo máo. Diabo.
Caribóca	Omen mestiço.
Carimbábo..............	Rijo esforçado.
Caruába................	Pasto.
Caruára................	Corrimento (doença).
Carúc..................	Ourinar.
Carúca.................	Ourina. Ourinol.
Cariba	Portuguez, branco.
Catáca.................	Ranger.
Catánha................	Castanha.
— piréra..............	Ouriço.
Catumbáo repoty.........	Sarro de caximbo.
Catinga	Transpiração fetida. Fedor dos sobraços. Bodum. Xeiro de rapozinhos.
Catú...................	Bom; são.
— eté.................	Couza rica, de muito feitio.
— eté rupi............	Admiravelmente.
— ixupé	Conveniente.
— rupi	Em boa fé; a boa fé.

(*) Oje *croatá*.

Catú tupána café........	Ser grato a Deos.
Catuçába..............	Bondade ; prestimo ; saude; onestidade.
Caú..................	Beber vinho.
Cançába...............	Bebedice.
Cangoerá..............	Beberrão ; amigo de vinho.
Cauím.................	Vinho.
— çaí.................	Vinagre.
— nheengába..........	Taverna.
— piránga............	Vinho de videira.
— tatá...............	Aguardente.
Caiçára...............	Trinxeira. Arraial.
Cé....................	Gosto. Sabor. Não sei.
Ceaquéne..............	Xeirar bem.
Cearáma...............	Ceia.
— ucí.................	Cear.
Cebiú.................	Lombrigas. Minhocas.
— peba...............	Sanguexuga.
Ceça..................	Olho.
— aribo goára.........	Capela dos olhos. Palpebra.
— berib...............	Flato. Vágado.
— canhémo............	Cegar.
— eté................	Agudeza de vista. Astucia. Alerta.
— eima..............	Cégo.
— eima nongara oatá....	Andar com olhos fexados.
— eima rupi..........	Ás cégas, com os olhos fexados.
— iapára..............	Torto dos olhos. Olhos vesgos.
— iapirarar irunamo omaém...........	Olhar d'esguelha.
— morotinga..........	Alvo do olho.
— pecánga............	Sobrancelhas.
— péco...............	Vista.
— pecó eté...........	Olhos de vista aguda.
— piraroců...........	Olhos esbugalhados.
— pomím..............	Pestanejar.
— punga.............	Terçol do olho.
— piçó ojemoatáca......	Encurtar-se a vista.

Ceça rainha............	Menina dos olhos.
— roá.................	Oculos.
— ry..................	Lagrima.
— ry çururú........... — tekir	Lagrimejar.
Ceça tepy tepy.........	Olhos encovados.
— tunga...............	Belida do olho.
Ceçape catú oicó.........	Estar bem á vista.
Ceçarái	Descuidar-se ; esquecer-se.
Cecár.	Adquirir. Buscar; procurar; especular ; indagar.
— eté.	Rebuscar.
Cecateima	Avarento; mizeravel.
— mirim rupí..........	Poupar.
— oçu opabinhé inbaérecé.	Ambiciozo.
Cecé..................	A', ás.
Cecó..................	Compleição.
— abinhé	Acostumadamente.
— bebé jebire.........	Resuscitar.
— bebeçába	Resurreição.
— coaub aráma ojururé...	Pedir conselho.
— meoám.	Eiva.
— tenhé.	Abito ; costume.
Cecobiára..............	Substituto. Penhor. Resposta.
Ceém...	Doce.
— kitá kitá	Confeitos.
— oaé.	Estar adoçado.
Ceembúca	Salgado ; salobro.
Cegy..................	Carretar ; mudar; carregar.
Cegitába	Carreto.
Cegitára	Carretador.
Ceicoára..............	Cú *(Vide Teicoára).*
— epungá a cémo	Emorroidas.
Ceicoára motáca.........	Batecú.
— oçu................	Bixo (doença) (*).
Ceiia	Rebanho ; multidão.
Cejár	Deixar ; dezamparar

(*) Julgo será a xamada oje *corrupção.*

Cejuçú....	Sete-estrelas, ou as Pleiades.
Ceky	Atrair. Puxar. Tirar por força.
— cémo................	Cercar, dar cerco.
— çotinga.............	Dar á vela.
Cekijé	Temer. Medo.
— rupi................	Com medo.
Cembira................	Sobras; fragmentos; restantes.
Cememboé	Dicipulo.
Cemeiba................	Aba. Borda.
— mamána.............	Embainhar. Bainha da costura.
Cemimotára.............	Liberdade; livre alvedrio.
— rupi	Consentimento. Voluntariamente. Alargar; á redea solta.
— rupi oicó	Senhor de si.
— rupinhóte...........	A torto e a direito.
Cemericó rauçupára.....	Amigo de sua mulher.
— potoçaba............	Despozado; noivo.
Cemó igára çui.........	Dezembarcar da canôa.
— ixupé...............	Ocorrer ao encontro.
Cendápe catú	No mesmo logar.
Cendú..................	Escutar; ouvir; entender; perceber.
Cendy..................	Baba.
— çururú..............	Babar-se.
Cendií	Arder. Claridade. Luz.
— oáne................	Acender-se. Já arde.
— púca................	Luzir; reluzir; resplandescer.
— púca óane ig........	Aclarar a agua.
Cenemby	Cameleão (bixo).
Cenhei.................	Rebentar a semente; nacer a planta.
Cenói	Xamar.
— céra rupí...........	Nomear.
Cenondé eté............	Muito antes.

Cenondé goára..........	Antecessor. Primogenito.
— goára etá............	Antepassados.
— kity oçaçáo..........	Adiantar-se.
— mirím................	Adiante mais. Pouco antes.
— omombeú............	Prognosticar.
— ranhé enóng..........	Antepor; preferir.
— úre..................	Antecipar-se.
Cepetú..................	Espeto.
Cepiáca............	Ver.
— jebire...............	Rever.
— nhóte................	Consentir.
Cepiacába..............	Aparencia. Semblante. Côr.
— moánga oçú..........	Aparente.
— o canhémo...........	Desbotar.
Cepoty..................	Tripa; intestinos.
— jóca..................	Estripar.
Cepoitaba..............	Borrifador ou aguador.
Cepy....................	Preço. Valor. Resgate.
— meéng...............	Premiar; compensar; pagar.
— nóng.................	Avaliar. Avaliação.
— oçu eima epirimáu....	Comprar barato.
— quéra ojururé........	Pedir a divida.
— recé..........	Interesse.
— ig.	Borrifar; aguar.
Cepicéi.................	Estar dorminhoco.
— ninhé nongára........	Amodorrado.
Céra..........	Nome.
— árpe goára...........	Sobrenome; apelido.
Cerakuéna..............	Fama.
— catú.................	Boa fama.
Ceraima...............	Pagão. Catecumeno.
Ceréb..................	Lamber.
Ceróc..................	Baptizar.
Cerica..................	Vazar a maré. Correr o liquido.
Cetá....................	Muito.
— eí....................	Muitas vezes.
— mbaé................	Abudancia. Riqueza.
— mbaé jára...........	Abastado, rico.
— mbaé oçú oçú.........	Proezas.

Cetá rupi..............	De muitas maneiras.
Cetáma................	Patria.
Ceté..................	Corpo. Umanidade.
— amanó manó.........	Tolher-se dos membros.
Cetúna................	Xeirar; tomar o xeiro.
Cetimá................	Perna.
— cangoéra...........	Cana da perna.
— iapára.............	Côxo. Alejado.
— roó................	Barriga da perna.
Cigié mirím...........	Tripas.
— oçú................	Estomago.
Cinco eí..............	Cinco vezes.
Cinoába...............	Barba.
— oáe................	Barbado.
— ocenhei............	Apontar a barba.
Cipoém................	Alcaçuz.
Có....................	Roça. Quinta.
Coaé..................	Este. Esta. Isto.
— aráma..............	Para isto.
— recé...............	Por esta razão.
— rendápe............	N'este lugar.
— riré...............	Depois d'isto.
Coameéng..............	Mostrar; aprezentar; declamar; dar a saber; inculcar; expôr; oferecer; reprezentar.
Coára.................	Buraco; furo.
Coaracy...............	Sol.
— amanó..............	Eclipse do sol.
— ára................	Verão; estio; tempo do sol.
— berába.............	Raio do sol.
— piaçába............	Xapeo de sol.
— rangába............	Relogio do sol.
— rendia.............	Restia de sol.
Coatiaçába............	Letra; pintura.
Coatiaçára............	Escrivão; pintor.
Coatiár...............	Escrever; pintar.
Coáub.................	Conhecer; reconhecer; saber.
— cepiaçába rupi......	Conhecer de vista.

Coáub moranduba .... Saber novidades.
— ucár .... Fazer sabedor.
— ucár morandúba ...... Descobrir o segredo.
Cocenór .... Eis aqui.
Cocinheime çui vé .... Desde muito tempo.
— goára .... Antiquissimo.
Cocói .... Cair a fruta.
Coéma .... Manhan.
— eté .... Manhan clara.
— eime vé poáme .... Madrugar.
— pira piráng .... Clarão da manhan. Aurora.
— piranga .... Madrugada.
Coicé .... Ontem.
— coicé .... Ante-ontem.
Coipé .... Ou.
Coité .... Finalmente.
Comeengába .... Indicio.
Comendá .... Feijão.
— oçú .... Fava.
Conapú .... Mero (peixe).
Conhára .... Cunhado.
Coóm .... Arder, latejar a ferida.
Copé .... Costas.
— cangoéra .... Espinhaço.
— rupí .... Por traz; á falsa fé. Auzencia.
Copiára .... Alpendre.
Copixába .... Roça, quinta.
— çuí .... Da roça.
Copir .... Cortar mato ou roçar.
Coquéra .... Roça velha, ou capoeira.
Corai oané ixuí .... Aborrecer-se de alguma couza.
Coréra .... Aparas. Farelo. Pragana. Rebotalho. Argueiro.
Corí .... Logo.
— mirím .... Logo, daqui a pouco.
Coromó cori .... Pelo tempo adiante.
Cororóng .... Gargarejar. Roncar dormindo.

Cotú cotué nongára...... Pontada.
Cotúca................ Picar.
Cotuçába.............. Picadura; estoucada; facada. Aguilhão.
Cotué................. Alimpar lavando.
Coiabé................ Assim, assim mesmo. A modo.
Cor................... Agora; oje.
— amó................ Ainda agora.
— nitió.............. Agora não.
— riré............... Daqui por diante; desde agora.
— teném.............. Agora sim.
— vé................. Aprezente, já agora, já logo.
Cruçá................ Cruz.
Cúa.................. Cintura; cadeiras do corpo. Meio de qualquer couza.
Cúa canga............ Quadril.
— pecoaçába.......... Cingidouro.
Cuaçú................ Encobrir; atabafar.
Cuandú............... Ouriço caxeiro (bixo).
Cuapaba.............. Sabedoria.
Cuapára.............. Discreto; sabedor; familiar; conhecido.
Cube catú............ Agradecimento; parabens.
catuçába............. Galardão.
— catuçára........... Gratificador.
Cunhan............... Mulher; femea.
— cacoáu............. Mulher velha.
— capixána meengára.... Alcoviteira.
— coareima........... Mulher donzella.
— inéma momoxicára.... Mulher adultera.
— goaimím............ Mulher velha.
— membira............ Sobrinho; sobrinha do omem.
— mendaçára.......... Parenta por afinidade.
— mendaçár eima....... Mulher solteira.
— moçú............... Moça donzella.
— pana............... Saia de mulher.

Cunhan rapixára........	Efemínado.
— rupiára	Amigo de mulheres.
Cunhatém	Rapariga.
Curá curáo............	Xamar nomes injuriosos.
Curié curí..............	Depois e não agora. Oje (falando de óra futura).
Curúcurutém...........	A cada passo; a miudo.
Curúba.................	Sarna, borbulha, brotoeja.
Curuçába..............	Garganta, papo, guela, guelras.
— epungá oçu..........	Esquinencia.
— epoi oaé.............	Gorgomilho.
— ojekendáo	Cerração do peito; pigarro; estar rouco; enrouquecer.
Curumim (*)...........	Rapaz.
— oçú.................	Moço.
— oçuçába.............	Mocidade.
Cururú.................	Sapo.
Cururúc................	Falar por entre os dentes; resmungar; rosnar. Rugido das tripas.
Curutém................	Cêdo; de pressa; brevemente.
— oaráma.	A pressa. Para logo. Dentro de poucos dias. De passagem. De pressa.
— oatá	Acelerar os passos.
— ramó................	Faz pouco tempo.

E

Eacanhémo.............	Esmorecer.
Earp enong.............	Sobrepôr.
Eauki.	Entender com alguem.
Ecarimbábo rupí........	A' força.
— rupi eraçó	Levar á força.

(*) Oje *culumim.*

Ecatú.................	Bem; bom.
— rupi.................	Em bôa fé. Licitamente.
Ecatúpe................	Nú.
Ecoéma piránga eime vé...	Ante manhan.
— ramé................	Pela manhan.
Ecopé..................	Traição.
— rupi.................	A' traição.
Eém....................	Sim.
Eiké...................	Entrar.
Emaací.................	Doença.
— aíba.................	Contagio.
Embaé..................	Seo.
Embiára................	Caça; pesca.
Emoeté.................	Adorar; santificar; reverenciar.
Emoeteçába.............	Culto; adoração.
Emoeteçára.............	Adorador.
Emombaé................	Acordar a outrem.
Emongetá...............	Concelho.
— aiba rupi............	Aconselhar mal.
— catú rupí............	Aconselhar bem.
Enecaarúca.............	Bôas tardes.
Enícoéma...............	Bons dias.
Enéme..................	Feder.
Enepitúna catú.........	Bôas noites.
Enganáne...............	Enganar. Tentar. Defraudar.
En gananeçára..........	Tentador.
Enóngába popé..........	Entregar.
— çangába..............	Selar. Sinalar.
Enóngatú...............	Guardar.
Epéba..................	Pus; materia.
— antán................	Carnegão.
Epó pecica.............	Apertar a mão.
— urpe enong...........	Sujeitar.
Epóde vé...............	Comtudo.
Eporói mirim oáne......	Aliviar do peso a canôa.
Epotopáo irumámo onheeng	Falar aspero.
Epungá oçú.............	Opilação.
Epy....................	Alicerce; principio.

Epy çui goára.......... Original.
— rupí................ Pegado ; junto. Ir a pé.
— catú................ Ao longo.
Epiá...... .... Coração.
— çui catú ojururá..... Pedir com eficacia.
Epiá oçú.............. Valorozo.
— popóre.............. Palpitar o coração.
Epiá rojibir........... Penitencia.
— rojibir oáne oicó..... Estar cumpungido.
— iba goére.......... Frenetico.
Equém................ Vai.
Eré catú.............. Eil-o vai. O' lá. Alto !
Ereicó aíba............ Maltratar.
Erimbaé............... Antigamente.
— eté................ Mais antigamente.
— oáne............... Faz muito tempo.
— vé................. Faz muito tempo.
Erúre................. Trazer.
Etapuá................ Prego.
Eté................... Em muito.
Ey.................... Vez.
Eima................. Sem.
Eimé vé.............. Antes que.

F

Funira................ Funil.

G

Gereragoáy............ Pataratear.
Gereragoia............ Pataratas.
Gereragogia aíba monhan-
gára................ Aleivozo.
Getica................ Batata.
Goabirú............... Rato.
Goaçú................. Grande.

Goacapú................	Páo de giráo.
Goaimim	Velha.
— etá nheénga moánga quéra................	Adagio.
Goaimim uirapára........	Arco da velha. Iris.
Goananá	Marrecão (ave).
Goarabá................	Peixe-boi.
Goarapiránga...........	Barreira.
Goatá	Caminhar.
Goataçaba..............	Jornada. Viagem. Passo. Peregrinação.
Goataçára..............	Caminhante. Passeador. Peregrina.
Guaçuçaba..............	Valia. Alteza. Pompa. Dignidade.
Guarapéba..............	Viola.
Guarina................	Vestia.
Guéne	Vomitar.
Guiri juba (*).........	Especie de peixe.
— tinga	Bagre branco (peixe).
Guirá..................	Ave; passaro.
— juba.................	Papagaio amarelo.
— jiba	Aza de passaro.
— megoám...............	Mergulhão (ave).
— oçú..................	Ave de rapina (gavião).
— reijá	Bando de passaros.
— repoty...............	Erva de passarinho.
Gy	Machado.
— gy...................	Arredar. Afastar-se alguem.
Gutaicica	Rezina de *jutay*.

H

Hoje...................	Oje (falando de óra preterita)
— ramó	Ainda oje.

(*) Oje *gurujuba.*

Hoje ve................ Ainda oje; oje mesmo.
— ve mirim........... Faz pouco tempo.

I

Iabá eté................ Arrogante.
— eteçába............. Arrogancia.
Icánga çatán çui........ Rude de memoria.
Iakiine................ Umedecer; couza lenta.
Iapár.................. Aleijado.
Iapára................. Torto.
Iapare................. Vergar.
Iapúm pungá oçú ig çui.. Opilação.
Iapum.................. Forno.
Iapicon................ Lingua.
Iatúca................. Baixo; curto.
Iatir atir.............. Abundantemente.
Ibáca.................. Céo.
— porã................. Abitador do céo; celestial; gloriozo.
Ibaképe oçu............. Salvação.
— turiba............... Gloria. Paraizo celestial.
Ibi.................... Terra.
— antám................ Torrão.
— apába................ Terra talhada.
— apitérpe............. Centro da terra.
— coára................ Cova. Sepultura. Mina.
— coára oçú ibi apiterpe máme pitúna oçu oicó ninhé táima etá anga ceraima pupé ománe otá rendaba............ Limbo ou seio de Abraham.
— cui.................. Praia. Areia.
— cui oçú.............. Banco ou corôa de areia.
— cui tiba............. Areal.
— ketí................. Para baixo.
— keti ia cánga oçá..... De cabeça a baixo.
— máme monhang opabinhé mbaé............ Fertilidade.

Ibi oca.................. Muro ou parede de terra.
— péba................ Planicie; terra plana.
— póra................ Abitador da terra.
— reté................ Terra firme.
— rgrg................ Terremoto.
— tira................ Monte; serra; outeiro.
— úrpe góaia.......... Subterraneo.
Ibicéi................ Ralador.
Ibiceiráne............ Quilha da embarcação.
Ibipe................. No xão; em baixo.
Ibira çui............. De baixo.
Ibitú................. Vento, ar, viração; arroto.
— aiba................ Vento de trovoada.
— babóca.............. Redomoinho de vento.
— nána................ Nevoa; nuvem.
— oçu................. Pé de vento.
— peá peá............. Vento de lufadas.
— rána................ Nevoeiro.
— tinga............... Nuvem.
Ibiti goaia........... Vale.
Icába................. Gordura.
Icatéi................ Bom.
— eté................. Muito bom.
Icémo ocárpe.......... Sair fóra.
Icuré................. Anta (animal).
Icuruí................ Delido.
Iciranҫába............ Fileira.
Igoacú................ Custar; ser dificultozo.
Igoaçuçaba............ Nobreza.
Iicaba................ Palavra.
Iké................... Aqui, cá; ilharga.
— cecoi............... Aqui está.
— çui................. Daqui.
— çui amongety........ De cá para lá.
— kety................ Para aqui.
— nhóte............... Aqui perto.
— rupi................ Para aqui.
Imboe................. Ensino.
— aíba................ Máo ensino.
Iména................. Marido.

Iména potoçaba .... Despozada ; noiva.
Imirá.................. Arvore ; madeira ; páo.
— acá................. Pernada d'arvore ; esgalho.
— aciguéra............ Esgalho ; pedaço de páo.
— bóca................ Roda de fiar. Engenho de farinha, assucar, etc.
— cambú.............. Forquilha.
— coréra.............. Gravetos ; cavacos ; acendalhas.
— í................... Páo delgado ; vara.
— keinha.............. Cravo do Maranhão.
— péba................ Taboa.
— rabijú.............. Musgo das arvores.
— racánga............. Ramo, esgalho de arvore.
— rerecoára........... Meirinho.
— rerecoára oçu....... Ouvidor.
— ira................. Mel de abelhas (dito aqui mel de páo).
Imoá çupi.............. Isso não é assim.
— ipó................. Isso por ventura.
— recé................ E por isso.
— rupí................ Pela qual razão.
— tenhé............... Isso não.
Imombeú catú........... Dezenganar.
Inandé................. Perdiz.
Indé................... Tú.
Indoá.................. Pilão.
— ména................ Mão de pilão.
— mirim............... Almofariz ; gral.
— mirim ména.......... Mão de gral, ou almofariz.
Inéme.................. Fedor ; agua corrupta.
Inhúma................. Unicorne (ave).
Inimbó................. Fio.
— apuán............... Novelo.
— í................... Linhas.
— ipoi................ Fio delgado.
— poaçú............... Fio grosso.
Ipéba.................. Xato
Ipéca.................. Pato.
Ipó.................... Por ventura.

Ipó ricé ricéma pupé......	As mãos xeias.
Ipotába mondó mondó....	Prezentear.
Ipupé.................	Ainda; comtudo. Interiormente.
— oicó................	Incluir.
Ipy...................	Cabeça de geração. Principio; primeira origem.
— rupí oçó............	Ir a pé
Ipipé oçó.............	Ir ao fundo.
Ira...................	Xofra.
Irón..................	Pois não t'o tinha eu dito.
Irunámo goára.........	Companheiro; parceiro.
— oço.................	Acompanhar.
— vé..................	Juntamente.
Itá...................	Pedra. Ferro.
— baboca..............	Mó; moinho; rebolo.
— bubuí...............	Pedra pomes.
— çantím..............	Xuço.
— coréra..............	Limalha.
— ém..................	Pedra-ume.
— goaçú...............	Penedo.
— gíca................	Estanho.
— iúba................	Dinheiro, moeda, ouro, prata.
— júba jára...........	Omem rico.
— júba monhagára......	Ourives.
— júba rána...........	Alquime.
— júba rerú...........	Tezouro.
— juráo...............	Grelhas.
— ky..................	Pedra de afiar.
— nembó...............	Arame.
— óca.................	Parede de pedra.
— péba................	Xapa de ferro.
— pecú................	Barra de ferro, alavanca.
— pó mondé............	Algemas.
— pupé japy...........	Apedrejar.
— reté................	Aço.
— rupiára.............	Alavanca.
— tupán çui océno oaé...	Corisco, raio.
— tiba................	Pedregal, roxedo.

Itá uguí................ Verdete.
— xana..... .... Cadeia de ferro.
— irirí .... Conxa.
Itui tuí................. Maçarico pequeno.
Itic .... Arrancar. Deitar no xão; derribar. Imputar.
— ixupé. .... Imputar culpa.
Iticára.................. Pescador.
Itikéra .... Lixo.
— rendába .... Monturo.
Ixé...................... Eu.
— aé.................... Sou, estou.
Ixébo .... A mim.
Ixupé................... A elle, a ella.

J (consoante)

Jababóra............... Amontado; fugitivo.
Jababira .... Arraia (peixe).
Jabáo................... Auzentar, fugir, escapar.
Jabé .... Basta (do verbo bastar).
— catú .... Assim mesmo.
Jaby .... Errar, faltar, descarregar. Dezenganar.
— tecó .... Quebrantor a lei.
Jabiçaba .... Dezigualdade.
— rupí .... Inadvertidamente.
Jaca jacáo.............. Arresoar.
Jacacáca .... Lontra.
Jacanhémo............. Terror, espanto, pasmar. Titubear, perturbar, maravilhar-se.
Jacáo................... Pelejar. Reprehensão.
Jacaré .... Crocodilo.
— arú.................. Especie de lagarto.
Jacaróá .... Poço d'agua.
— mirim............... Xarco.
— oçu.................. Lago; lagoa.
Jacéon.................. Xorar.

Jaoaub eté.............. Agudeza; industria; laudino sagaz.
— eima................ Rustico, nescio.
Jacó oaé.............. Canhoto.
Jaçui................. Abafar, cobrir, embrulhar, abastar.
Jaçui çaba............ Coberto, testo.
— oca................. Telhar, cobrir a caza.
Jacumá................ Leme.
Jacumaíba (*)......... Arraes, piloto.
Jacy.................. Lua, mez.
— çobá oçú............ Lua xeia.
— jearóca............. Lua minguante.
— jemoturucú.......... Lua crecente.
— peçaçú.............. Lua nova.
— randy............... Luar.
— tota................ Estrela.
Jagogíra.............. Rabo torto (lacráo).
Jagoára............... Cão.
— eté................. Onça ou pantéra.
— keíba............... Pulga.
— oatá cemira......... Andar o cão rastejando.
— pirucú.............. Rabugem de cão.
Jajumáne.............. Arcar na luta.
Jajúra mondóca........ Degolar.
Jakírána.............. Cigarra.
Jami jamim marica..... Puxos de caimbras.
Jamim................. Espremer.
Jamboré ixin.......... Divorcio.
Jamotareima........... Odio, ter odio, aborrecer.
— rupi................ Odiozamente.
— ucarúba............. Meter discordias.
Jamolinga............. Entrudo.
Jamurú catú........... Ainda bem que assim sucedesse. Muito bem empregado.
Jandára............... Jantar.

(*) Oje *jacumaúba.*

Jandé..................	Nós todos.
Jandebo................	A nós todos.
Jandé arobake..........	Ante nós.
— Jára jezú christo.... — iby arquéra etá......	Dicipulo de Jezus Christo.
— mbaé	Couza nossa.
— poia ipy .... — paia Adam	Adão.
— paia Adam rem ..... — daba quéra.........	Paraizo terreal.
Jáude ramuia...........	Antigos.
— reçaçaba	Pestanas dos olhos.
Jandí..................	Azeite.
— caraiba	Crisma. Santos oleos. Extrema unção.
— caraiba rerú.........	Ambula dos santos oleos.
— çabay goára..........	Azeite (d'oliveira) do reino.
— irola	Azeite amargozo.
Jandú..................	Aranha.
— kiçaba...............	Teia d'aranha.
— oçu	Aranha carangueijeira.
Janéra.................	Janela.
Japabóca...............	Partida, ida.
Japatucá...............	Baralhar.
Japegoá	Centopéa (insecto).
Japi...................	Atirar. Ferrar o aguilhão. Topada.
— apixába	Pedrada.
— cecé.................	Dar encontrão.
— japi.................	Apedrejar.
— mocaba...............	Disparar a espingarda.
Japiçá	Estabelecer, geração, linha.
Japinong...............	Onda.
— oçú..................	Marezia.
Japexá.................	Ferir.
Japixába...............	Ferida, golpe, cortadura.
Japixáo................	Acutilar.
Japoty.................	Atar, amarrar.
Japotiçába	Laçada, vinculo.
Japurú.................	Caracol (bixo).

Japiça canhémo.........	Ensurdecer.
Jar....................	Aceitar, receber, tomar.
Jára...................	Dona, amo, ama, senhor, senhora.
Jaticá.................	Fincar; pregar.
Jatimá timám...........	Andar ao redor; ás voltas
Jatimána...............	Rodeamento.
Jatimbór...............	Balançar-se.
Jatiuca................	Carrapato (bixo).
Jatíy..................	Leicenço.
— aiba.................	Carbunculo; antráz.
Jaré aiba tenhé........	Cada vez peior.
— catú.................	Ao vivo. A maneira. Apropriadamente. Conforme no animo. Propriamente. Assim é bom.
— ipó..................	Assim deve ser.
— javé.................	Cada um.
— nhóte................	De balde. Absolutamente. Simplesmente. A granel.
— tenhé................	Nem mais, nem menos.
Jeacapií...............	Pentear-se.
Jeamby oca.............	Assoar-se.
Jeapiçacar.............	Atenção no ouvir.
Jeoaróca...............	Mingoar. Dezenxar. Estar diminuido.
Jeauçupába.............	Amor onesto.
Jeaibie................	Baixar a cabeça. Afocinhar.
Jebie..................	Afogar; esganar; apertar pegando.
Jeby jebiré............	Passeio da porta.
Jebica.................	Enforcar.
Jebicába...............	Forca.
Jebir..................	Repetir; formar; voltar. Rezolver o apostema.
Jecanéon...............	Atribular-se.
Jecoáu ucár............	Dar-se a conhecer.
Jecoáub................	Aparecer o perdido.
Jecoacú ocú............	Quaresma.

Jecoacúb.............. Abstinencia ; dieta ; jejum ; jejuar.
Jecoacuba.............. Jejum. Sesta-feira.
Jecobrár.............. Alternar.
Jecoéma.............. Amanhecer.
Jecomeéng.............. Aparecer. Expôr-se ; inculcar-se ; mostrar-se.
Jecutúca.............. Picar-se.
Jeciron.............. Em fileira.
Jegavár.............. Gabar.
Jegoaiú.............. Asco. Ter nôjo. Enjoar.
Jejebúca.............. Enforcar-se.
Jejúca.............. Consumir-se.
Jejucéne.............. Derramar-se.
Jejumíne.............. Emboscar-se ; encobrir-se ; esconder-se ; agaxar-se.
Jekicí.............. Caldo, molho.
Jekii.............. Estar morrendo.
Jemaacy.............. Fome ; ter fome.
Jemaenduár.............. Lembrar-se.
Jemáne.............. Couza velha.
Jemeeng.............. Dar-se ; entregar-se.
Jememotar.............. Apetite torpe. Vontade.
Jememotára.............. Comcupiscencia. Vontade.
Jemoá mondé.............. Vestir-se ; trajar ; revestir-se.
Jemoa cangai'ba.............. Endoudecer.
Jemo cahémo.............. Assustar-se.
Jemoaçúca.............. Lavar-se todo.
Jemoacy.............. Enternecer-se. Estimular-se.
Jemoagoaçába.............. Amancebar-se.
Jemoakir.............. Enverdecer.
Jemoanáma.............. Aparentar-se.
Jemoangaigoára.............. Emagrecer.
Jemoantám.............. Coalhar-se.
Jemoapár.............. Entortar-se.
Jemoapecica.............. Deleitar-se.
— oicó.............. Estar satisfeito.
Jemoapúng.............. Tratar-se.

Jemoatir	Amontoar-se.
Jemoáub	Recear-se.
Jemoaíba	Corromper-se, derrancar-se.
— porib	Peiorar.
Jemoaçáï	Arrancar-se.
Jemoaçacém	Divulgar-se.
Jemoaçaçuí	Guardar-se ; precatar-se.
Jemoçaimbé	Amolar-se.
Jemoçainánе	Aperceber-se. Buscar o necessario.
Jemocamarár	Amigar-se.
— jebir	Reconciliar-se ; fazer amizade.
Jemocanéon	Afadigar-se, afligir-se. Dezarranjar-se.
Jemoçapé oáne	Criar raizes.
Jemoçarái	Brincar ; jogar.
Jemoçaraitába	Jojo.
Jemocaráne	Abster-se.
Jemoçaraia	Galhofa.
— rupi	Por zombaria.
Jemocarimbábo	Forcejar.
Jemoçoár	Ter conta com alguma couza.
Jemocoáub eima	Desfarce.
Jemococáo	Disperdiçar-se.
Jemocoruí	Delir-se.
Jemocruçá	Benzer-se, persignar-se.
Jemoeiké	Fazer entrar.
Jemoeté	Estimar-se.
Jemoiron	Desconfiar; amuado.
Jemokia	Borrar-se, sujar-se.
Jemomaraár	Definhar-se.
Jemombeú	Confessar-se.
— oíba	Queixar-se.
Jemombeuçába	Confissão, penitencia.
Jemombeuçaba	Penitente ou confessado.
Jemomembéca	Debilitar-se, enfraquecer-se
Jemomendár	Cazar-se.
Jemomenduár	Refrescar a memoria.
Jemomoriauçúba	Empobrecer.

Jemomoxí	Envergonhar-se.
Jemondiára............	Mez ou menstruo das mulheres.
Jemongetá.............	Conversar, praticar.
Jemonháng............	Medrar.
Jemonharón............	Embravecer-se.
Jemopéba..............	Criar materia.
Jemoperíng...........	Gabar-se mentindo.
Jemoperú..............	Frigir-se.
Jemopirantán	Alentar-se, animar-se, convalecer.
Jemopitúne............	Anoitecer, nublar, escurecer o ar.
Jemopoí...............	Adelgaçar-se.
Jemoporáng...........	Enfeitar-se.
— eté.................	Caprixar.
Jemopotupáo...........	Agastar-se, indignar-se.
Jemopotir	Florecer.
Jemopuáme............	Erguer-se, levantar-se.
Jemopuruá.............	Conceber o feto.
Jemoputuú	Apaziguar-se.
Jemopiáíba............	Apaixonar-se, enfadar-se.
Jemoraiçáng...........	Esfriar-se.
Jemoróo...............	Nutrir.
Jemotaçába	Pancada.
Jemotagoá.............	Amarelecer-se a fruta.
Jemotaigoára	Alforriar-se, libertar-se.
Jemotím...............	Envergonhar-se.
Jemotimbóre...........	Defumar-se.
Jemotucuruçù...........	Crecer.
Jemoticán.............	Enxugar-se.
Jemotijoboé............	Envelhecer-se.
Jemotipipir............	Alargar-se.
Jemú..................	Frexar.
Jemuçára..............	Frexeiro.
Jenepián	Joelho, ajoelhar.
Jenóng.................	Deitar-se, jazer.
— ceráme.............	Reclinar-se.
Jenopáu...............	Diciplinar-se.

Jenopara parábo........	Diversidades de couzas, côres diversas.
Jepé..................	Um. Sua.
— jepé...............	De um em um, um e um.
— oçú................	Todos juntos em um corpo.
— oçú eraço...........	Levar a eito.
Jepeába..............	Lenha.
Jepenhó...............	Unico.
Jepoçanong............	Curar-se.
Jepocoaçàba...........	Junta.
Jepocoaub.............	Afeiçoar-se, acostumar-se, familiaridade.
Jepói..................	Alimentar, sustentar, cevar
Jepoóc................	Arrancar-se.
Jeporocár..............	Mariscar.
Jepotar...............	Xegar.
Jepotuú...............	Aliviar-se.
Jepiá mongetá.........	Considerar, cuidar, discorrer, imaginar, meditar, rezolver-se, intentar.
— mongetaçába........	Meditação, consideração.
— rojebir.............	Arrepender-se.
Jepica.................	Dezafrontar, vingar.
Jepicica..............	Abraçar-se.
Jepicirón.............	Apadrinhar-se, defender-se.
Jepipúca............ / Jepipica.............	Naufragio.
Jepiron...............	Começar, urdir, principiar.
Jepiripáne............	Negociar.
Jepitacóba............	Rezistir.
Jeraragoaia...........	Mentir, mentira, falsidade.
— oaé................	Falsario.
— pupé océmo.........	Convencer.
— tupan réra ocinói....	Jurar falso.
Jerocekijé.............	Resentido.
Jerotím...............	Ignominia.
Jerubiacába...........	Fidelidade.
Jerubiár..............	Confiar em alguem; jactar-se; soberba; prezunção.
— eté cecé............	Vangloriar-se.

Jezus Christo rerubiçába.. Fé catolica.
Jeupìr.................. Subir, trepar.
Jeupirçába............. Subida, costa acima.
Jicá.................. Quebrado, quebrada.
— jicá................ Fender.
Jicacába.............. Fenda, greta, abertura, racha, quebradura.
Jicéi.................. Entorpecer o pé, a mão etc.
Jimboé................ Estudar, rezar, aprender, ensinar, doutrinar, ensino.
— papéra pupé......... Ler.
Jinboeçába............ Doutrina; estudo; lição; oração; reza.
Jinboeçára............ Mestre.
Jiráo (*)............... Especie de caniço, sobrado, caza formada sobre forcados em sitios alagadiços.
Jóca.................. Tirar, dezentupir.
Jocoái................ Ocupar.
Jocoái cára............ Ocupador.
Jocib................. Limpar esfregando.
Jojabé................ Parelha.
Jojoca................ Soluçar.
Jokoc................. Encontrar-se.
Jomána............... Abraço.
Jománe............... Abraçar.
Jombiá................ Bozina.
Jominé................ Esconder; agaxar.
— rupi................ Secretamente.
Jomineçába............ Segredo.
Jopáne................ Falquear; desbastar com enxó.
Jopine................ Raspar; tosquiar.
Joráo................. Soltar; dezamarrar; descozer; desfiar; destorcer; dezembaraçar.

(*) Oje só uzado com o primeiro significado.

Jóre	Xamar.
Jotoim	Acotovelar.
Jotime	Dispôr ; plantar ; semear; enterrar; sepultar.
— jebire	Replantar.
Jú	Espinho.
— tiba	Espinhal.
Jucá	Matar.
— cy	Amofinar ; aperrear ; pirraça.
Jucaçára	Matador.
Jucéi	Apetecer; comer ou beber.
Jucéne	Derramar; despejar; escoar; transbordar ; vazar deitando fóra.
Jucib	Lavar, limpar.
— ánga	Descarregar a consiencia.
Juí (*)	Ran.
Jukira	Sal.
— tiba	Salinas.
Jumíne	Negar, ocultar.
— rupi	Ocultamente.
Junçána	Ratoeira.
Jurará (*)	Kagado, tartaruga.
Jurú	Boca.
— aiba	Maldizente.
— canhémo	Emudecer.
— cé oaé	Afavel.
— çui	Falador.
— goere	Baxarelices.
— jái	Admirar, pasmar.
— jái oicó	Estar pasmado.
— jeragoaia rupi oaé	Adulador.
— jib	Cortezia.
— néme	Boca fedorenta ; fedor da boca.
— oçú	Desbocado.

(*) Oje *gia*.

(*) Oje uzado só com o primeiro significado.

— pitucéme............	Bafo.
— puxí................	Maldizente.
Juruparí (*)............	Especie de macaco; diabo; demonio ; anjo máo.
— engananeçába........	Tentação.
—kibába...............	Centopeia.
— ratá................	Inferno.
— ratá porá...........	Abitador do inferno; infernal.
Jurapari remimonhánga...	Diabrura.
— repoty..............	Enxofre.
Jururé................	Pedir; mendigar; requerer; suplicação.
— catú................	Rogar.
— cecé................	Interceder.
— ruré................	Instar.
Jurureçába............	Deprecação.
Jurureçara............	Pedintão; pedreira; valia.
Jibá..................	Braço; manga do vestido.
— apára...............	Aleijado dos braços.
— babáca / — hoé..............	Bodas; dansas dos Tapuíos.
— cangoera............	Espadoas.
— goabirú.............	Lagarto do braço.
— moapireçába.........	Cotovelo.
— pecanga.............	Ombro.
— rajica..............	Pulso; veia.
— ropitá..............	Cotovelo.

K

Katá katá.............	Bolir por si.
Kebira................	Irmão; primo da mulher.
Kendára...............	Cerca ; quintal.
Keí...................	Dormir.
— aiba................	Pezadelo.
Keririm...............	Calor; estar sereno ; silencio; triste.

(*) Oje só uzado com o primeiro significado, e diz-se : *jerupari*.

Ketic .... Keib	Ralar; serrar; brunir; polir.
Keiba..................	Piolho.
— rána................	Piolho ladro.
— ropiá...............	Lendea.
Kiá quéra..............	Borra.
Kiaçaba	Nodoa.
Kiabába	Pente.
Kiçaba	Rede de dormir.
— remeiba..............	Guarnição, ou varandas da rede.
Kicé	Faca.
— apára...............	Fouce.
— oçú.................	Facão; cutelo.
Kiinha.................	Pimenta.
— aví.................	Pimenta malagueta.
— çabaigoára..........	Pimenta do reino (aziatica).
Kirá	Gordo.
Kitán..................	Verruga.
Kitingóc...............	Arear, ou purificar louça.
Kitingóca	Limpar; dezenferrujar.
— ánga................	Limpar a alma.

L

Libru..................	Livro.
— rendába.............	Livraria.

M

Má ára çui vé catú.......	Desde quando?
— ára pupé	A que óras?
— çui.................	Donde; donde vem?
— mbaé	Que couza?
— rupí................	Por onde?
Macáca	Macaco; bugio.
Maçarica...............	Maçarico real (ave).

Maém..................	Atentar. Olhar.
— cobaké rupí..........	Olhar ao redor.
— eté.................	Encarar.
Maenduaçába...........	Lembrança; sinal; pensamento.
Maenduár..............	Lembrar; ocorrer.
— jebir................	Recordar.
Majoí..................	Andorinha.
Mairy..................	Cidade.
Mairi goára............	Cidadão
Mamána................	Dobra; embrulho; feixe; molho
Mamáne................	Dobrar; embrulhar; enrolar; traçar.
Máme..................	Aonde; onde.
— coaracy o canhémo....	Ocidente.
— nhóte...............	Algures.
— tá..................	Aonde?
Mandú.................	Manoel.
Mangarataia............	Gengibre.
Manhána...............	Guarda; vigia; custodia; ronda.
— goára...............	Sentinela; vigia.
Mankety...............	Para onde.
Manó..................	Morrer.
— aiba................	Acidente. Desmaiar.
— manó aiba...........	Gota coral.
Mantéca retikéra........	Torresmos; rojões.
Mapareiba.............	Mangue vermelho (planta).
Maraár................	Desfalecer; finar-se; estar morrendo.
Maracá................	Cascavel.
— boia................	Cobra cascavel.
Maracaimbára..........	Feiticeira; bruxa.
Maracatim (*)..........	Navio; embarcação grande.
Marán.................	Despropozitos.

(*) *Maracatim*, nome que os indios davão ás suas embarcações de guerra, as quaes tinham na prôa um maracá, que elles faziam tocar, quando acometiam. O mesmo nome deram ás nossas embarcações grandes.

Maramonháng.	Batalhar; guerrear; brigar; pelejar: pendencia; guerra.
Maramonhangára	Pendenciador: guerreiro.
Maríca.	Barriga. Ventrelha.
Martéra.	Martelo.
Matapy	Covos de pescar; peixe miudo.
Maia	Mãi.
— angába.	Madrinha.
Maiabé	Como. Que.
— catú	Notavelmente.
— catú cupí [illegible]	Ah! como é verdade.
— ipó cori.	Não sei o que será.
— tá	Que vai de novo?
— ta penhémo	Que vos parece?
Maitinga.	Ama. Senhora.
Mbaacy	Adoecer.
— ací oaé	Doença; contagio.
— aiba [illegible]	Peste.
— jebire.	Recair na doença.
Mbaacibóra	Doente.
Mbaacigába.	Doença.
Mbaé	Couza.
— amó.	Alguma couza.
— aiba.	Couza terrivel; travessura; veneno; ofensa; couza nociva; maleficio; agravo.
— aiba eté.	Couza barbara.
— aiba monhagára	Malfazejo; travesso.
— aiba pocánga	Triaga.
— aiba rupíara.	Contra-veneno.
— çacy oaé.	Peçonha; veneno.
— catú.	Couza bôa; onesta; real.
— cé catú.	Couza saboroza.
— cenepuca oaé.	Couza clara.
— curutém oçaçáo oaé.	Couza tranzitoria; vaidade.
Mbaé epeba oaé.	Couza plana.
— epooçú.	Couza romba, tosca.
— etá.	Bens.

— meoán...............	Couza ruim.
— mogoál oaé..........	Couza coada.
— monhagára...........	Feitor, oficial.
— netío epor oaé........	Couza ôca.
— oçu eté Tupana temimonhangara tenhé.....	Prodigio.
— peçaçu..............	Couza nova.
— peçu................	Couza comprida.
— piráng oaé...........	Couza corada.
— poí oaé..............	Couza delgada.
— porang..............	Couza formoza.
— puáim..............	Couza roliça.
— puxí................	Torpeza ; adulterio; velhacaria.
— puxi recé onheéng.....	Falar leviandades com máo fim.
— ráma re cé tá........	A que fim ? Para que fim ?
— ráma tá.............	Para que ? A que ?
— rámé................	Grande ? para que ? a que ?
— raná................	Vil e baixamente.
— rangába.............	Painel.
— recé................	Porque ? Porque razão ?
— repiáca.............	Vizão.
— retúm...............	Olfato.
— uçába...............	Pasto ; comida.
— uçaba rendába........	Refeitorio.
— uú..................	Refeição.
— uú eté..............	Gala.
— catu má nungára.... / — recá oarána.........	Abilitar.
Mbói bói...............	Jarretas.
Mboí boi opáo...........	Abrazar, destruir.
— lanceta pupé.........	Sarjar.
Mé....................	Na.
Meapé.................	Pão.
— autám..............	Biscouto.
Mauçuba..............	Cativo ; escravo ; servo.
Meaçúbóra.............	Escravidão.
Méeng.................	Dar ; conceder.
Mééngaba..............	Dadiva ; prezente.

Megoé..................	Pouco.
— megoé	Pouco e pouco; devagar.
— megoé rupi..........	Vagorozamente.
— rupi enheéng.........	Falar baixo.
Membeca...............	Fraco; terno.
— íra rupi	Amorozamente.
Memby.................	Gaita; buzina; flauta, trombeta.
— apára...............	Clarim.
— jupiçara	Trombeteiro.
— pojuçára.............	Gaiteiro ; buzinador.
— raty.................	Nóra.
Menbira................	Filho; filha } Da mulher
— angaba...............	Afilhado; afilhada } Da mulher
— rerú.................	Madre } Da mulher
Membirár	Parir.
Memété ipó.............	Principalmente. Quanto mais.
Mendaçaba	Cazamento.
Mendaçára	Cazado, cazada.
— roçapo caitába.......	Banhos de cazamento.
Mendaçarima	Solteiro ; solteira.
Mendar	Cazar.
Mendára	Matrimonio.
Mendúba................	Sogro } Da mulher.
Mendy..................	Sogra } Da mulher.
Meoán..................	Lezão ; macula ; nota defeito.
Meonçába	Faxa ; mal ; maleficio ; maldade.
Meré	Baço.
Mereba	Xaga.
— aiba.................	Lepra; bexigas.
— piréra...............	Bostela.
Merendára..............	Merendar.
Merú	Mosca.
— í (*)................	Mosquito.
— rupiára..............	Vareja.

(*) Oje *meruim* significa uma es pecie de mosquito.

Mikira.................	Nadegas.
Mimbábo (*)............	Criação; gado.
Minó...................	Fornicar.
Minoí..................	Cozinhar.
Menonçára..............	Forniqueiro.
Mirá...................	Gente; vulgo.
— reapá................	Tropel de gente.
— reçapé...............	Publicamente.
— recó rupi............	Vulgarmente.
— reia.................	Acompanhadamente; ajuntamento de gente; tropa.
— reia opuáme..........	Reboliço; alvoroço.
Mirim..................	Pouco pequeno.
— aira.................	Muito pequeno; pequenino.
— nhóte................	Quazi.
— parib................	Menos; pouco menos.
Miriba.................	Barbara (nome de mulher.)
Missa monháng..........	Celebrar; dizer missa.
— pituna...............	Dia de natal.
— pity boncára.........	Ministro; ajudante de missa
Métanga................	Criança.
— jeruçába rerú........	Pia batismal.
Mitanga recó...........	Meninice.
Mitima.................	Planta.
Mixica ráua............	Sarampão.
Mixíra.................	Assadura.
Mixíre.................	Assar.
Moabá eté..............	Abalizar.
Moabii.................	Cozer com a agulha.
— jabenhóte............	Alinhavar.
Moacangaiba............	Constranger. Dezemcabeçar Fazer endoudecer. Induzir para mal. Melancolizar. Persuadir.
Moacanhémo.............	Dezanimar. Turvar; perturbar.

(*) Talvez será o que se diz *xerimbabo*, que eu acrecentarei adiante.

Moacára................	Fidalgo; fidalga.
— etá..................	Principaes ; grandes ; nobres.
Moacù..................	Aquentar.
Moaçúc.................	Banhar alguem.
Moacic.................	Agravado ; sentido ; estimular.
Moaciçába..............	Magoa ; sentimento ; contrição.
— oxipiáca......... — recé mbaé catú miiá çupé...............	Inveja.
Moaciçára..............	Penitente ; magoado.
Moagica................	Engrossar o liquido.
Moagoacaba.............	Amancebar-se.
Moakime................	Regar; molhar ; umedecer.
Moamanajé..............	Alcovitar.
Moáme..................	Armar.
Moanama oçu............	Embastecer.
Moáng..................	Cuidar ; fingir ; afligir-se.
Moánga.................	Fingimento.
Moantán................	Apertar; atarracar ; entezar, fexar trancando.
Moantán tatápe.........	Entezar ao fogo.
Moantaçába.............	Parapeito.
Moapár.................	Entortar; arquear ; derribar.
Moapecica..............	Acariciar ; deleitar ; contentar ; consolar ; satisfazer.
Moapeciçába............	Deleitação.
Moapopóc...............	Soltar ; afrouxar ; afrouxar a corda.
Moapúng................	Fartar.
Moapungaba.............	Abastar ; fartar.
Moapy..................	Tanger ; tocar.
Moapica................	Assentar a alguem ; fazer assentar.
— papéra upé...........	Assentar, ou apontar em papel. Rol.

Mapir..................	Aumentar; acrecentar; cumular.
Moapireçába...........	Acrecentamento ; aumento.
Moapureçára...........	Acrecentador.
Moapixaim.............	Encrespar.
Moar talá	Fazer fogo.
Moatúca...............	Encolher ; estreitar; encurtar ; rezumir ; abreviar.
Matir..................	Amontoar.
Moáub.................	Atribuir. Prezumir. Ter medo; receiar; suspeitar. Notar.
— aiba................	Deitar a uma parte.
Moaugé................	Consumir; inteirar.
Moaugoéra aíba.........	Maliciozo.
Moaib..................	Arruinar ; corromper ; derrancar; desconcertar; danificar; estragar; ofender; deflorar.
— caínha..............	Botar os dentes.
Mobaboé...............	Moer cana de assucar.
Mobóc.................	Escalar peixe ; raxar.
— cúnha pupé..........	Fender com cunhas.
Mobir..................	Quantos.
— ey	Quantas vezes.
— óra.................	Que oras são ?
— nhóte...............	Alguns sómente.
Mobirú birú............	Rugir.
Moçabé	Abolorecer.
Moçabaipór............	Embebedar totalmente.
Moçác	Arrancar ; despregar.
Moçaçáo...............	Atravessar ; passar.
Moçacem	Divulgar ; espalhar.
Moçái	Azedar.
Mocaimbé	Afiar ; aguçar instrumento cortante.
Moçamgáb.............	Afigurar ; assinalar ; debuxar ; marcar; medir ; demarcar. Pezar. Idear.

Moçantím	Aguçar ou fazer bico.
Móçapir	Trez.
Mócatambúca	Endireitar.
Moçaray	Escarnecer ; folgar ; brincar ; galantear ; zombar; triunfar.
— goéra	Bôbo.
Mocaráiba rupí	De zombaria.
— rupinhote onhéeng	Falar leviandades.
Mocaráitará	Dansador.
Meçá çui	Polvora.
Mocába	Espingarda.
— membira / — mirim	Pistola.
— oçú	Peça de artilharia.
— rána	Munição ; xumbo.
— reapú	Tiro.
Mocaém (*)	Assar na labareda.
Mocamby	Dar de mamar.
Mocaneen	Afadigar; afligir; atribular; dezarranjar ; estafar.
Mocanhéno	Assolar ; assustar alguem ; desperdiçar.
Mocaóca mirim	Prezidio.
— oçu	Castelo ; fortaleza.
Mocatú	Sarar a outrem.
Mocaú	Embebedar totalmente.
Moceaquéna	Perfumar.
Mocekijé	Espantar; assestar ; atemorizar.
— çába	Espantalho.
— kijé	Ameaçar.
Mocém	Estender.
Mocéme	Remir.
Mocémo	Privar. Pronunciar.
— cecó quéra qui	Absolver de alguma obrigação.

(*) Oje diz-se—*moquear, fazer moquém, fazer de moquém;* e todos significam o mesmo.

— ibicoára çui.......... Dezencovar.
Mocendy.............. Alumiar.
— púca............... Fazer luzir.
Moceracúene aíba........ Inflamar.
— catú............... Acreditar ; onrar ; afamar.
Moceráne.............. Abater ; fazer pouco cazo ; vencer.
Mocimbába............. Plaina de carpinteiro.
Mococába.............. Gasto.
Mococáo............... Desperdiçar.
Mococáo çára........... Desperdiçador.
Mococobiár............ Compensar ; remuneiar ; substituir.
Mococoi............... Derribar a fruta.
Mocoéne............... Dar os bons dias.
Mocói................. Dois.
— rupí............... De duas maneiras.
Mocoi vé.............. Ambos ; ambas ; um e outro.
Mocóne................ Engolir.
Mocorui............... Delir ; esmigalhar ; ralar.
Moçorib............... Repicar.
— tomaracá........... Repicar o sino.
Mocruçá............... Cruzar.
Mocubé ca[illegible]............. Agradecer ; dar lembranças.
Mocui................. Moer.
— çára............... Moedor.
Moçupi................ Afirmar ; assegurar ; ratificar ; justiçar.
— onheéng............ Cumprir a palavra.
Mocime................ Alizar ; anediar ; aplainar ; poir ; raspar.
Moecica............... Grudar ; soldar ; engomar.
Moeém................. Salgar.
Moeté................. Acatar ; respeitar ; venenar ; onrar ; reverenciar ; festejar ; solenizar.
Moeteçába............. Estimação ; onra ; respeito ; veneração.
Moeteçára............. Devoto. Yenerador.
Mogejib............... Fazer decer alguem.

Mogoáb .... Coar ; crivar ; peneirar.
Mogoaça .... Dificultar ; encarecer, ou subir de preço.
Mogoaçuçába.......... Encarecimento ; exageração.
Mogoapaba .... Coador.
Mogib.............. Abaixar.
Moingé.......... Recolher.
Moira crucé... Rozario.
Mojabáo... Afugentar ; espantar.
Mojaby................. Fazer errar.
Mojaceón.......... Fazer xorar.
Mojaóca..... Apartar ; separar ; dividir ; partir ; repartir ; destuir ; exceptuar.
Mojaocaçába............. Apartamento.
Mojapatúca ·............ Embaraçar.
Mojapixaim............. Encrespar.
Mojár........... Xegar uma couza á outra.
— cecé......... Unir a couza cortada.
— cruça recé.......... Crucificar.
Mojarú .... Gracejar; afagar; acariciar; ameigar ; contentar.
Mojatico .... Perdurar.
Mojaticoçabe.... Pendura.
Mojatinong........ Embalançar.
Mojearóca.......... Diminuir.
Mojebir .... Restituir ; tornar ; fazer voltar.
Mojeciár .... Acamar uma couza sobre outra.
Mojecirón .... Mandar pôr em fileira.
Mojecoapába ...... Revelação.
Mojecoaub.... Declarar ; manlfestar ; revelar.
Revirar.
— çupi çaba............ Averiguar a verdade.
Mojegoarú............ Asco ; cauzar nojo.
Mojemoirón............ Amuar ; fazer desconfiar.
Mojemombéu............ Confessar.
Mojemombéuçara .... Confessor.

Mojemonháng...........	Gerar.
Mojenhong...............	Deitar.
Mojepó oçu.............	Ajustar em um corpo; encorporar; unir.
Mojepoçó aub...........	Abituar; acostumar; amansar; domar.
Mojepipica...............	Alargar.
Mojeré....................	Virar.
— jebir....................	Revirar.
Mejereragoay............	Desmentir alguem.
Mejeupir..................	Subir; fazer trepar.
Mejojabé..................	Ajustar; igualar; emparelhar.
Mojokoc...................	Arrumar; encostar.
Mokatác..................	Abalar; abanar; fazer bulir.
Mokéca....................	Embrulho.
Mokoçóc..................	Enxaguar; vascolejar.
Mokia......................	Borrar, ofuscar.
Mokirá.....................	Engordar.
Mokitán...................	Dar nó.
Momaenduár.............	Fazer lembrar.
Momaraár.................	Ajoujar, fazer desfalecer.
Momarendúb.............	Nulificar.
Mombaé..................	Despertar do sono a alguem
Mombáo...................	Acabar; gastar; finalisar.
— catú.....................	Aperfeiçoar.
Mombéu..................	Dizer; referir; relatar.
— aiba.....................	Maldizer; acuzar; culpar.
— catú.....................	Admoestar; explicar; recomendar.
— catu cecé..............	Louvar, inculcar.
— Tupána nhéenga......	Evangelizar.
Mombóre.................	Botar; lançar; deitar fóra, repudiar.
— çobápe.................	Dar em rosto.
Mombuc..................	Furar; deflorar.
Momembec...............	Abrandar; amolecer.
Momembéca.............	Enfraquecer, quebrantar, debilitar.

Momembeca cerána.......	Afrouxar.
Momendár..............	Fazer casar.
Momoráng..............	Saudar.
Momoriauçúba...........	Empobrecer.
Momorotinga...........	Branquear.
Momoxí................	Adulterar; afeiar; enxovalhar; descompôr; envergonhar; injuriar; viciar.
Momoxi onheenga pupé...	Afrontar com palavras.
Momoxiçába...........	Injuria; descompostura.
Momoxiçára...........	Enxovalhador; injuriador; profanador.
Monáne...............	Misturar.
Monaxí...............	Irmãos gemeos.
Mondá................	Furtar; pilhar.
Mondaçába............	Pilhagem; furto.
Mondaçára............	Ladrão.
Mondar...............	Levantar falso testimunho.
Mondé................	Meter; recolher; alçapão, (armadilha). Tronco,prizão.
— motoá..............	Abotoar.
— pora...............	Prezo.
— tinta pupé..........	Tingir.
Mondó................	Despaxar; despedir; impôr; mandar; ordenar.
Mondóc...............	Cortar; partir.
Mondoçára............	Mandante.
Mondoçoca............	Despedaçar; partir; cortar; torar; retalhar; rasgar.
Mongaraib............	Abençoar; benzer; sagrar.
Mongatiron............	Assear; ornar; armar; adornar.
— tenbiú..............	Temperar o comer.
Mongatironçába........	Ornamento; adorno; armação; compostura.
Mongatironçára.........	Armador; compositor.
Monger...............	Adormecer a outrem.
— ai'ba..............	Maldição.
Monguetá.............	Conferir.

Monguetá catú ixupé.....	Dar bom conselho.
Monguetagába...........	Pratica.
Mongiú................	Desfazer; destruir; derribar.
Monháne...............	Fazer correr; empurrar.
Monháng..............	Fazer; obrar; operar; fabricar; tirar do nada.
Monhangába..........	Fabrica.
Monhangára..........	Artifice; creador; operario.
Monharoú............	Afilar; assanhar; esbravejar
Mooicó ceré..........	Aplicar alguem a alguma cousa.
— pecú...............	Fazer durar; retardar.
Mooiconhote..........	Acomodar; aquietar; socegar, suspender.
Mepanémo............	Frustar.
Mopé.................	Aplanar o caminho.
Mopeçacú............	Renovar.
— jebire.............	Reformar.
Mopecù..............	Alargar; prolongar.
Mopéne..............	Quebrar páo.
— cupé cangoera.......	Derrear.
Moperé..............	Embaçar, ou endurecer-se o baço.
Moperébe............	Xagar.
Mopoxib caraíba pupé	Crismar.
Mopobaré............	Mexer.
Mopoc...............	Rebentar a outrem; arrombar; fazer estalar.
Mopoi...............	Adelgaçar; dezengrossar.
Mopokeric...........	Fazer cocegas.
Mopopecica..........	Pegar na mão de alguem.
Moporacé............ Moporaceima........	Fazer dansar.
Moporang............	Adornar; enfeitar; aformozear.
— moanga oçú.........	Afetar.
Moporará............	Atormentar; fazer padecer.
Motopáo.............	Acelerar; agastar; esbravejar.

Mopotuú	Aliviar; fazer descançar, apaziguar ; fazer aplacar.
— tuguí	Estancar o sangue.
Mopú	Enxotar.
— cetána çui	Degradar.
— reté tamaracá	Dobrar o sino.
Mopuame	Levantar a quem está sentado; fazer erguer; desencostar ; arguir.
Mopucá	Fazer rir.
Mopuir	Fazer dezapegar; desviar a outrem.
Mopiá catú	Consolar.
— catú aba pupé	Grangear a vontade de alguem.
— catú taimar mirim	Acalentar a creança.
— catucaba	Consolação.
— catucára	Consolador.
— oçú	Afoutar.
Mopipic	Remar miudamente.
Mopiratán	Alentar; animar; esforçar; confortar; reforçar.
— oaé	Couza substancial.
Mopitá	Agazalhar; deter.
Mopitubá	Acanhar; acobardar.
Mopitune	Dar as bôas noites.
Mopixune	Tingir de preto.
— cerâne	Ofuscar; enfuscar.
Moramonhang	Guerrear; brigar.
Moramonhagaba	Guerra; briga.
Morandú goére	Xocalheiro.
Morandub	Avizar.
Moranduba	Avizo; recado; noticia; embaixada.
— aiba	Queixa; querela.
Morançúb	Apiedar-se; ter compaixão.
— eima	Impiedade.
Moraucúba	Caridade;mizericordia; piedade.

Morauky .... Ocupação; serviço; trabalho.
— mocapir .... Quarta-feira.
— moçór .... Terça-feira.
— oçú .... Trafego.
— py .... Segunda-feira.
Moraukiçába róca .... Oficina.
Moraukiçára .... Jornaleiro; trabalhador; servente.
Moreauçuba .... Pobreza; tirania; tratar mal.
Moreauçubóra .... Pobre.
Morepotára .... Luxuria.
Morepy .... Paga; salario.
Morerú .... Deitar de molho.
Mororib .... Alegrar.
Morotinga .... Couza branca; alvura.
Morotinga cérane .... Alvacento.
— nongára ojecoáub ..... Alvejar ao longe.
Moroiçang .... Esfriar; refrescar.
Moroxaba oçu .... General.
Morib .... Afagar; ameigar; acariciar.
Moric .... Contentar; lizongear; lizonja.
Moriçaba .... Caricias; labéo.
Motaçába .... Bater; rebater; maço de bater.
Motatác .... Amassar.
Motecó coáub .... Ensinar; doutrinar; encaminhar.
Moteité .... Apoucar.
Motekir .... Fazer destilar.
Motekireçába .... Alambique.
Motemung .... Sacudir.
Motening .... Secar; torrar.
Motepipy .... Alargar.
Motepiting .... Turbar a agua.
Moteric .... Apartar; afastar; desviar; arrastar; azedar.
Moteĉicémo .... Abarrotar.

Toticán .... Enxugar.
Motìm .... Envergonhar.
Motimbóre, ... Incensar; defumar.
Motumúne .... Escarrar.
Moturuçú .... Cear; fazer grande.
Motuti .... Cortiça.
Motuú .... Domingo; dia santo.
— oçú .... Domingo de pascoa.
Motuúne .... Enlambuzar; bezuntar; tisnar.
Motiapú .... Fazer estrondo.
Moticú .... Fazer liquido.
Motijubaé .... Envelhecer.
Motipú .... Fundar; fazer fundo.
Moveó .... Absolver de pecados; apagar.
Moxaví .... Fexar com xave; aferrolhar.
Mú .... Irmão ou primo do homem.
Mungá .... Alporcas.
Múnga .... Nacidas.
Muratú .... Mulato.
Mutá mutá .... Escada.
Mutúca .... Moscardo, ou tavão.

N

Namby (*) .... Orelha; argola; aza de vazo.
— oçú .... Orelhudo.
— póra .... Arrecadas; brincos.
Naramdiba .... Laranjal.
Navaia (*) .... Navalha.
Nedubaé .... Teo; tua.
Ném .... Nem; vamos.
Nhaém .... Alguidar.
— pepó .... Panela.
Nháne .... Correr.

(*) Oje *namby* significa—sem orelha.

(*) Oje *naváia.*

Nheém nheéng..........	Arrazoar ; palrar ; porfiar.
Nheéng................	Falar ; responder.
— aíba................	Falar mal.
— çantám..............	Falar alto.
— catá................	Intimar.
— cecé................	Apalavrar.
— eté.................	Falar com imperio.
— pitá pitá...........	Ciozo no falar ; falar gago.
Nheenga...............	Falar ; palavra ; voz ; linguagem ; preceito.
— aíba eté............	Amaldiçoar ; rogar pragas.
— jára................	Interprete.
Nheéng a ojemeéng......	Dar palavra.
— póra poráng..........	Galanteria ; graça no falar.
— pupe nhóte..........	De palavra.
— puxí................	Palavra deshonesta.
— rupí nhóte..........	Verbalmente.
— robaixára...........	Dar razões ; replicar.
Nheengár..............	Cantar.
Nheengaçára...........	Cantor.
Nheengára.............	Cantiga.
Nheengoéra............	Falador.
Nhemó abaré...........	Ordem ; sacramento.
Nhemombençába.........	Confissão.
Nhemomotaçaba.........	Golodice.
Nheronçába............	Braveza ; ferocidade ; ira.
Nhinhé................	Atualidade ; a cada passo ; quotidianamente; de continuo ; sempre; continuação ; frequentar.
Nhining...............	Arrugar ; ruga.
Nhirom................	Perdoar.
Nhironçába............	Remissão ; perdão.
Nhirongoére...........	Passa-culpas.
Nitío.................	Não.
— abá.................	Ninguem.
— arobiar aoé.........	Incredulo ; pertinaz ; teimozo.
— cangába oaé.........	Imensidade.
— çapia oaé...........	Capado ; castrado.

Nitio cecateima oaé.......	Liberal.
— epaia oaé............	Orfão.
— erecendú..........	Não ouves ?
— goacú..............	Facil.
— goatá oaé.........	Imovel.
— jabé...........	Não é assim.
— iapiçá oaé.........	Surdo.
— ipór oaé....	Couza vazia.
— jurú cé..........	Fastio.
— mbaé........	Nada. Não tem nada.
— oica...........	Caber. Não cabe.
— ojaby..........	Acertar.
— oicó catú..........	Portar-se mal.
— ojucá coaúb.........	Incorruto.
— poçánga......	Não tem remedio.
— pocy...........	Leve.
— ramé..........	Senão.
— xacoáub..........	Não posso. Nada sei.
Noatár mbaé........	Abundantemente. Nada falta.
Nongár............	Parecer.
Nongára..........	Similhança ; maneira.
Nongatú...............	Guardar ; revivar.
Nupán...............	Açoutar ; diciplinar ; castigar ; dar pancadas ; varejar.
Nupançába	Açoute ; azorrague ; diciplina.
Nupançára.............	Castigador ; diciplinador.

O

Ocanhémo..............	Estar espantado.
Oacéme...............	Atinar.
Oacé no...............	Axar.
Oacipe oericó..........	Violentar ; forçar a mulher.
Oám..................	Caga-lume (insecto).
Oáne..................	Já.
Oapixaím	Franzido.

Oapoám..................	Arrendondar.
Oapúng oáne............	Abastado; farto.
Oapica..................	Assentar-se; pouzar a ave.
Oapiçaba...............	Assento.
— oçu..................	Cadeira.
Oár.....................	Cair; nacer.
— catú..................	Ao pé da letra.
Oara capá..............	Rodéla da canôa.
Oaruá..................	Espelho.
Oatá....................	Andar.
Oatá atá nhote..........	Vguear.
Oatupú oçú.............	Buzio (conxa).
Oatár...................	Faltar.
Oatucupá...............	Pescada (peixe).
Oaxime mirim...........	Malva.
Oba....................	Vestido; roupa.
— monhangára.........	Alfaiate.
— motim recé goára.....	Gala.
— mundepába..........	Guarda-roupa.
— Tupanóca goára.......	Ornamento de igreja
Obóc...................	Tender-se por si.
Oça....................	Caranguejo.
Oçac...................	Despregar-se.
Oçacáo catú ára.........	Regalar-se.
— purib................	Exceder.
Oçacibó................	Enfiar.
Oca....................	Caza.
— aribo goára.........	Cumieira da caza.
— çuì..................	De caza.
— epy..................	Canto da caza.
— jára.................	Patrão; morador.
— mbaé meengába.......	Loja de negocio.
— monhangara..........	Pedreiro.
— póra.................	Creado; creada; familia; morador; escravo.
— rocára..............	Pateo.
Ocai...................	Queimar-se; abrazar-se.
— oaé..................	Couza queimada.
Ocanhémo..............	Dar a costa.
Ocára..................	Rua; terreiro.

Ocára çui.............. De fóra.
— kety............... Para fóra.
Ocárpe................ Fóra de caza.
Ocoabeima oçú......... Selvagem.
Ocoaubucár............ Promulgar.
Oceky ocu iába......... Arrepelar os cabelos.
Océmo ixui............ Dezencarregar.
Ocepy meéng oçú....... Premiar.
Ocica cecé............ Abordar ; copula.
— oáne............... Basta.
Oçó.................. Ir ; auzentar.
— ane................ Foi-se.
— cecé............... Acometer.
— ipipe.............. Afundar ; afundar-se ; estar carregada a canôa ; mergulhar.
— ipipé tiáca pupe...... Atolar.
— ixuí............... Dezacompanhar.
Oçobaixára eté abá nheeng. Porfiar.
— enheénga........... Disputar.
Oçót.................. Rebentar a corda.
Oçu (*)............... Grande.
Oericó................ Gozar; possuir; ter; lograr; tratar.
— aíba............... Vexar ; perseguir ; tratar mal.
— catú............... Bom trato.
— coáub tecó.......... Saber governar.
— imoriçab rupi........ Alcançar com afagos.
— tecí cecé........... Dominar.
Oetépe................ Todo ; toda ; inteiro.
Oicó.................. Ser ; estar ; jazer ; rezidir.
— aíba............... Estar mal.
— bebé............... Estar vivo.
Oicó catú.............. Proceder bem.
— cecé............... Aplicar-se ; pretender.
— cecópe............. Ospede.
— eté cecé............ Porfiadamente.

(*) Oje *assú*, uzado ainda muitas vezes.

Oicó eté moranky recé ... Lidar.
— ninhé .... Abitar ; assistir.
— pecú................. Deter-se ; entreter-se ; tardar ; durar.
— tembém .... Aver mister ; carecer ; ter necessidade.
— tenhé cecé oaráma.... Prontidão.
Oicobé catú............. Estar bom, são, valente.
Oiconhóte .... Aquietar ; parar ; socegar ; deixa ; não bulas.
Oiké ocú............... Preamar.
Oime .... Acolá ; ali.
Oimoaé................. Aquilo.
Oirandé................ Amanhan.
Ojáb................... Abrir naturalmente.
Ojaby eté cangába........ Disforme.
Ojagui oaé............. Abafado ; coberto.
Ojaby ia canga pupé...... Cabeçada.
Ojár.................... Acostar ; xegar á terra.
— crucá recé........... Estar crucificado.
— iby recé .... Acostar-se á terra.
Ojeaibic .... Baixar-se ; inclinar-se.
Ojeapixá pixáo.......... A's cutiladas.
Ojeangé................ Estar feito e acabado.
Ojeaib .... Estar deflorada.
Ojebír .... Arribar.
Ojecoáub .... Aclarar a couza ; avistar ; verdadeiro.
— nhóte............... Estar patente.
Ojeitica .... Prostrar-se.
Ojejeky .... Espregaiçar-se.
Ojejepica.............. Dezafrontar-se.
Ojejumíne............. Oculto.
Ojekendáo............. Tapar.
Ojekii oáne............ Morrendo.
— potár oáne.......... Agonizar.
Ojemamáne............ Embrulhar-se.
— oicó .... Dobrado ; estar embrulhado.
Ojememoaçára .... Afidalgar-se.

Ojemoába eté	Abalizar-se ; altivo.
Ojemoacúca	Banhar-se.
Ojemoakine	Umedecer-se.
Ojemoapár	Dobrar-se ; encostar-se.
Ojemoaib	Apostemar-se; deitar a perder.
Ojemoçabè	Abolorecer-se.
Ojemocacuí oaé	Acautelado.
Ojemocamarár	Travar amizade.
Ojemoçapó oáne	Crear raizes ; arraigar.
Ojemogib	Baixar-se.
Ojemoirón	Arrufar-se.
Ojemojepé ocú	Encorporar-se.
Ojemojepoty	Enferrujar-se.
Ojemokatác	Mover-se.
Ojemonháng	Produzir ; suceder ; acontecer.
Ojemopiráng	Bizarrear.
Ojemopiránga pereba	Encarnar a ferida.
Ojemopiaíba	Agravar-se ; entristecer.
Ojemotapejár	Situar.
Ojemoteité	Ter-se em pouco.
Ojemotiricémo	Enxer-se.
Ojenipiá oicó	Estar de joelhos.
Ojepakéc oaé	Abafado ; embrulhado.
Ojepé	Um.
— jandé çui	Um de nós.
— ocú	Todos juntos.
— peçui	Um de vós.
Ojepenhó	Um sómente.
Ojepicica oaé	Agarrar-se; estar agarrado.
Ojepoco aúb	Acostumar-se.
— aoé	Acostumado.
Ojepotár	Aportar.
Ojepipica	Afogar-se ; alagar-se.
Ojeré jeréo	Espojar-se ; trambulhões.
Oji oáne	Cozido ; estar assado.
Ojoca cacanga çui	Dissuadir.
Ojaecé	Copula.
Ojajabé oáne	Ajustado ; estar igualado.

Ojokóc..................	Encostar-se.
Ojururé................	Pedir.
Okéna	Porta.
— piaçaba	Guarda-porta.
— rupitá..............	Couce da porta.
Oker...................	Dormir.
— mirim mirim	Toscanejar.
Okijú..................	Grilo.
Okitá..................	Esteio.
Omocémo ibitú ejurú rupi..	Arrotar.
Omoéng epópe...........	Encarregar.
Omoingé çocope.........	Admitir ; recolher em caza.
Omondá aquera..........	Furto.
Onherón................	Embravecido.
— eté oico	Encarniçar-se.
Ooçu rupi	Trabalhozamente.
Opabinhé...............	Todos ; tudo.
— catú.	Geralmente.
— mbaé monhagára......	Onipotente.
Opác...................	Acordar do sono.
Opetuú ibitú...........	Amainou o vento.
Opicic itaíra ráma......	Adotar ; perfilhar.
Opipine................	Depenicar, picar a ave na fruta.
Opó opoée..............	A pulos.
Opopór.................	Andar de galope.
Opóc...................	Tender-se por si.
Opojár.................	Apontar com o dedo.
Opóre..................	Pular.
Opúc o áne	Couza furada.
Oré....................	Nós outros.
Orébo..................	A nós, sem vós.
Orocorica..............	Coruja.
Oroiçángoaé............	Couza esfriada.
Oterica................	Andar de gatinhas.
Oteric	Afastar-se, arredar-se.
Ovéo...................	Apagar-se.
Oinumy.................	Beija-flôr (ave).

P

Pabóca	Partir do porto.
Pác	Despertar ; despertar do sono por si mesmo.
Paé	Diz.
Pagé	Feiticeiro.
— remimonháng aíba mo ropiára	Feitiço.
Pána	Pano.
— amanejú çui goara	Pano de algodão.
— aiba	Rodilha ; trapo.
— çobaigoára	Pano de linho.
— monhangába	Tear.
— monhangára	Tecelão; tecedeira.
— pacoára	Peça ou rolo de pano.
Pano pecangoéra	Retalho de pano.
— peteca	Lavar roupa.
— poaçú	Pano grosso.
— poi	Pano fino.
— rangába	Vara de medir.
Panacú	Carro.
— oara çapá	Roda de carro.
Panamá	Borboleta.
Panemo	Debalde.
Panéra	Panela.
— monhangába	Olaria.
— monhangára	Oleiro.
— rendaba	Sempre.
Papaçába	Conta ; numero.
— ára	Dia de juizo universal.
Papár	Contar ; numerar.
Papéra	Papel.
— coatiaçára	Escrivão.
— ianámo oçu	Papelão.
— jimboecára	Letrado.
— nbaé papaçaba	Rol.
— mociçába	Obreia.
Parabocú	Escolher ; limpar.

Paragoá	Papagaio.
Paraná	Mar.
— oçú	Bahia; mar largo.
— oiké	Enxente da maré.
— piterpe	Pego.
— remeiba	Beira ou fim da terra sobre o mar.
Paraty	Especie de tainha.
Pari parim	Coxear.
Patakéra	Meretriz.
— recó rupi	O officio da meretriz.
Patuá (*)	Caixa ; arca ; canastrinha quazi afeição de bahú.
Paurú	Paulo (nome de homem).
Pai	Padre. Frade.(E mais propriamente senhor).
— abaré guaçú	Bispo.
— abaré guaçú e é	Papa. Pontifice.
— abúna	Jezuita.
— apína	Frade leigo.
— apitéra	Corôa de padre.
— Bispo	Bispo.
— Clerigo	Clerigo.
— etá roca	Convento.
— abitú	Abito de frade.
— Missa monhangára	Sacerdote. Padre de missa.
— móro rerecoára	Parcco.
— póro mongeteçába	Estação da missa.
— tinga	Amo. Senhor.
— tucúra	Frade capuxo.
Paia	Pai.
— angába	Padrinho. Pedreira. Valia.
Pé	Caminho; via. Na ; á ; em.
— coameéng	Guiar pelo caminho.
— jará	Guia de caminho.
— oçú	Estrada.
— rupí	Pelo caminho.

(*) Oje uzado só com o primeiro significado.

Paçaçu	Fresco; moderno.
Pecangoéra	Amostra; pedaço; migalha; posta.
— pupé	Em pedaços.
Pecoaçaba	Atadura.
Pecoár	Atar; prender.
Pecuçába	Comprimento.
— rupi	Ao comprido.
Pejecém	Compassar.
Pejú	Abanar ; soprar ; bafejar.
Pejuçaba	Sopro.
Péne	Couza quebrada.
Penga	Sobrinho da mulher.
Penhém	Vós; a vós ; vontade.
Penhémo	A nós outros.
Peré	Baço.
Peréba	Xaga ; fistula.
— piránga	Xaga viva.
Pereirú	Ferreiro.
Pereric	Fregir ; faiscar.
Pereriçába	Fregideira.
Perím perím	Calote.
Peripán	Comprar.
Periquitá	Periquito (ave).
Peró	Pedro (nome de omem).
Petupáb goére	Arrebatado da colera ; ser rispido.
Petupába	Alteração.
Petupáo	Indignado.
Peúma	Genro da mulher.
Piár	Aparar com a mão.
— numpaçába	Aparar os golpes.
Picaçú	Pomba.
Piçagé	Meia-noite.
— catú	Alta noite.
Picic	Apanhar ; pegar no que foge.
Picica	Pegar em alguem.
— catú	Segurar para que não fuja.
— cecé	Alcançar a quem foge.

Picirón................	Acudir; alcançar por força; amparar; apadrinhar; assaltar ; defender; livrar; remir ; roubar; saquear ; uzurpar.
Piciromçaba............	Abrigo ; proteção ; refugio.
Picirouçára............	Protetor ; defensor ; libertador ; salvador.
Pim....................	Picar a abelha.
Pindoba caraiba....... ..	Palmas para domingo de ramos.
Pinhóan................	Artelho.
Pinó...................	Peido.
— pinó................	Peidar ; urtiga.
— pinó pupé jopim......	Urtigar.
Pirá...................	Peixe.
— opitama.............	Cambada de peixe.
— ém..................	Peixe seco.
— japoára.............	Bôto (peixe).
— jukira póra..........	Peixe de salmoura.
— miúna............ ...	Dourado (peixe).
— mxire...............	Peixe assado.
— monhangaba..........	Pescaria.
— oçu paraná oçu póra...	Baleia.
— oçu repoty...........	Ambar.
— oetépe..............	Cardume de peixe.
— pereric.............	Peixe frito.
— pipó................	Barbatana de peixe.
— ropiá...............	Ovas de peixe.
— tiba................	Pesqueira.
— úna.................	Mero (peixe).
— icica...............	Grude de peixe.
Pira oçu...............	Gafeira de cão.
Piránga................	Vermelho.
— ceráne..............	Côr ruiva.
Piránha................	Especie de peixe ; tezoura.
Pirár..................	Abrir ; descobrir.
Piréra.................	Casca ; péle ; escama.
Pirikitiím.............	Rim.
Piróc..................	Saltar a casca.

Piróca	Esfolar; descacar; escamar.
Pery	Junco ; esteira.
Peripáne	Resgatar.
Pitá	Ficar ; parar ; soprar; fita.
Pitér	Beijar; xupar ; sorver; embeber o liquido.
Pitiú	Bafo ; fortum.
Pitú pitúna	A boca da noite.
Pitúba	Acanhado; cobarde; mofino.
Pitucéme	Evaporar ; respirar ; suspirar.
Pitucémo	Respiração.
Pitúna	Norte.
— ipi	A' boca da noite.
— jabé jabé	Cada noite.
— oçú	Escuro.
— oçú rupi	A's escuras.
— ramé — rupi	De noite.
Pitibáo	Caximbo.
Pitibon	Ajudar ; auxiliar ; favorecer; socorrer ; concorrer.
Pitiboncába	Auxilio ; ajuda.
Pitiboncára	Auxiliador ; ajudante ; favorecedor.
Pixa pixame	Depenicar a galinha.
Pixáma	Beliscar.
Pixána	Gato.
Pixé	Xeiro de peixe ; môfo.
Pixúna (*)	Couza negra.
— ceráne	Amulatado ; fusco; moreno; côr rôxa.
Pó	Dedo; mão.
— acáuga oçú	Dedo polegar.
— ái	Acenar com a mão.
— án	Dedo polegar.
— apár	Aleijado das mãos.
— apém	Unha.

(*) Julgo que *úna* tambem significa couza negra.

Pó apém pungá..........	Unheiro.
— çangába.............	Palmo.
— catú................	Mão direita.
— etic................	Acenar com o dedo.
— jabáo...............	Ligeireza de mão.
— keric...............	Cocegas.
— koc.................	Apalpar; apolegar. Facto.
— máne................	Fiar.
— mombica.............	Torcer.
— nhé.................	De gatinhas.
— óc..................	Apanhar ou colher fruta.
— oçu.................	Mão esquerda. Grosso.
— oçuçába.............	Grossura.
— petec...............	Dar palmadas. Palmatoadas.
— peteca ipe..........	Patinhar.
— pupe ketica.........	Poir.
— pic.................	Calcar com as mãos.
— piterá..............	Palma da mão.
— repy................	Ganhar soldo. Jornal.
— riceme..............	Mão xeia.
— urpe oicó oaé.......	Sugeito. Subdito.
Pobúra................	Angelim (arvore).
Popureçaba............	Mexedor.
Poçúnga (*)...........	Medicina; remedio; purga.
— etá rendaba.........	Botica.
Poçanong..............	Curar.
Poçanongára...........	Medico ; cirurgião.
Poçauçúb..............	Sonhar.
Pocy..................	Pezo.
Pocicába..............	Carga.
Poc...................	Rebentar; estalar.
Pocoár................	Atar ; amarrar.
Pococába..............	Bordão; bastão.
Pocoçú................	Alcançar; apanhar ; colher de repente.
— rupi................	De repente ; subitamente.
Poicaba...............	Delgadeza.

(*) Oje *poçônga*.

Poité..................	Patarata.
— monháng...........	Pataratear.
Pokec..................	Abafar; embrulhar.
Pokeca................	Embrulho; amortalhar.
Popór.................	Saltar.
Popóre...............	De galope.
Póra..................	Abitador; abitante.
Poracár..............	Enxer; carregar, cumprir; observar; provar.
— eté................	A cugular.
Poracé................	Dansar.
Poracéja..............	Dansar; dansa.
Porandú..............	Perguntar.
— randú.............	Tirar informação.
Porandúb.............	Perguntar; conto; istoria.
Porandúba...........	Relação; istoria; pergunta.
Poráng................	Bonito; formozo.
— eté................	Couza bela; formozissima.
Porangába............	Formozura; beleza.
Porangatú............	Bizarria.
Porará................	Padecer; suportar.
— ucár...............	Tratear.
Poraraçába...........	Tormento.
Poraraçára...........	Padecente.
Porauky..............	Trabalhar.
Poraukiçába..........	Trabalho.
Póre..................	Salto.
Póro imboeçára........	Doutrinador.
— jubiçára...........	Algóz.
— jucaçára...........	Omicida.
— mongetá...........	Consultar.
— monhang...........	Crear, propagar da especie umana. Geração, multiplicação.
— picironçára........	Redentor.
— potára.............	Amor dezonesto, sensualidade.
Poróc.................	Abrir a flor ou fruto; brotar. Despejar; descarregar a canôa.

Pororé................ Enxada. Enxó.
— mirim................ Saxo.
Poruán................ Umbigo.
Potába................ Dadiva ; prezente ; mimo ; oferta; parte ; quinhão ; ração.
— meéng............ Peitar.
Potáçara............... Consentidor.
Potar................ Querer ; dezejar.
Potare................ Consentir.
Potery................ Marreca.
Potupába............... Agastamento.
Potupáo................ Agastar.
Poty................ Camarão.
Potiá................ Peito.
Potira................ Flôr; bonina.
— pacoára............ Ramalhete.
— rendába............ Jardim.
Poucú................ Respeitar com algum pejo. Pejo.
Pouçuçába............. Acatamento.
Pratú................ Prato.
— oçú tipi oaé......... Almofia.
Puámé................ Em pé.
Pubúre................ Revolver.
Puçá................ Rede de pescar.
Pucá................ Rir ; rir-se.
— goére.............. Rizonho.
— moangoçu........... Sorrir-se.
Pucéir................ Sono.
Puçuçába............... Extenção ; comprimento.
Pucurú................ Pucaro.
Pungá................ Polmão ; inxaço ; bubão venereo.
Pufé................ Na, a, em.
Pufúre................ Ferver.
Pupureçába............ Fervura.
Purú................ Alugar ; emprestar.
Puruá................ Prenhe ; pejada.
Puruc................ Desconjuntar ; deslocar.

Purib	Vantagem.
Putuu	Descansar ; cessar ; parar ; pouzar ; aplacar.
Putuuçába	Alivio ; pauza.
Puir	Abster-se totalmente ; desabituar-se ; despegar-se ; emendar-se ; retrear-se ; largar; retirar ; tirar-se; afasta-se.
— mirim	Moderar.
Py	Pé ; avesso.
— apár	Aleijado dos pés.
— ceryca	Escorregar ; cair.
— copi	Peito do pé.
— gicéi	Pé dormente.
— pora	Pégada ; rasto.
— póra rupi oatá	Rastejar.
— pitéra	Planta do pé.
— racapira	Ponta do pé.
— ropitá	Calcanhar.
Piá	Coração; figado ; tenção.
— bubuí	Bofe.
— çai	Azía do estomago.
— cantám oaé	Constante.
— catû	Agrado ; pacifico ; simples.
— catu rupi	Afabilidade ; á vontade; de bôa mente.
— catuçaba	Singeleza.
— membéca	Brandura ; mansidão ; mover o coração.
— meoán	Malicia.
— oçu	Animo ; audacia.
— pora	Fel.
— iba	Angustia ; raiva
— iba oicó	Apaixonado ; arrojado ; estar enfadado.
— iba rupi	Apaixonadamente.
Pigoá	Tornozelo.
Piir	Varrer.
Piíre	Limpar varrendo.

Piireçaba............... Limpeza.
Piireçára............... Limpador.
Pindá.................. Anzol.
— iticára .... Pescador de anzol.
— potába............... Isca de anzol.
— tinga................ Anzol de Portugal.
— úú.................. Picar ou pegar o peixe na isca.
— xána .... Linha de anzol.
Pinhóán .... Bouba.
Pipó .... Penas d'aves.
Pir .... Mais ; vizitar.
Pirantaçába............ Alento ; força ; vigor.
Pirantaçára............ Alentador.
Pirìng................. Arripiar-se o corpo com medo.
Pitaçóc................ Segurar para não cair.
Pitira................. } Meio.
Pitérpe................ }
Pitìma................. Tabaco (érva).
— antáin .... Mólho de tabaco.
— çui .... Tabaco de pó.
— tiba................. Tabacal ou fumal.
Pixíb.................. Untar.
— jundicaraíba......... } Ungir.
— pupé .... }

Q

Quá pupé............... N'isto.
— robaixára çui .... Daquem.
Quiabé ramé iké......... A estas óras.

R

Ranhé.................. De antemão.
Recé................... Já que ; por amor; por cauza.
Recó aiba.............. Oprimir.

Reiré.................. Depois.
Reiia.................. Bando ; multidão.
Repoty................. Veja-se *tepoty*.
Rerecoára.............. Aio ; capataz ; regedor ; pastor.
Rerú................... Vazilha.
Reté................... Totalmente.
Reia................... Rei.
Rimáo.................. Limão.
Roár igára pape........ Embarcar alguma couza na canôa.
Robiaçába.............. Credito.
Rocapocái.............. Publicar.
Roirón................. Aborrecer; desprezar; arrenegar ; recuzar ; vituperar; zelar.
Roirongaba............. Aborrecimento.
Roironcára............. Aborrecedor.
Rojebir................ Dezandar; reduzir.
Rojeron jerón.......... Reconciliar. Fazer amizade.
Rupí................... Pelo, pela.
— vé................... Tanto que.
Riry................... Tremer.
— tui çúi.............. Tiritar.

S

Sabarú................. Sabado.
Sáca................... Alforge.
Saé.................... Sé.
— oaraneima............ Si acazo.
— nitio................ Si não.
Santo rerú............. Andor.
Saia................... Saia.
— membira.............. Refego da saia.
Sorára................. Soldado.

T

Tába .... Aldêia.
— póra .... Forro ; livre ; Tapuio, senhor de si.
Tabatinga .... Barro branco.
— cobaigoára .... Alvaiade.
Taboca .... Cana (planta).
Tacanó .... Bubão venereo.
Tacónha .... Membro viril *(mentula)*.
— óba (1) .... Vestido ou atadura do membro viril.
Tacúba .... Febre; sezão.
— aiba .... Febre maligna.
— opororá .... Ter febre.
— riry .... Maleitas.
Taciba .... Formiga.
— cacy oaé .... Formiga de fogo.
Tacyra .... Ferro de canôas.
— iby rupiára .... Ferro de covas ou alavanca
Tagoá .... Amarélo.
— cerane .... Côr loura ; sarda do rosto.
Tái .... Arder a boca como pimenta.
Taiaçú .... Porco.
— aiá .... Porco domestico.
— aiá mirim .... Leitão.
— eté (2) .... Porco montez.
Taiatitú (3) .... Especie de pequeno porco montez.
Taigoára .... Forro ; livre ; Tapuio, senhor de si.
— eta Tupán oca .... Parochia.
Taipára .... Parede.

---

(1) Oje *tacanhóba*.
(2) Oje *taçuité*.
(3) Oje *taitetc*.

Taitaty	Nora. (Do omem.)
Tajuména	Genro. (Do omem.)
Tagira	Filha. (Do omem.)
— angába	Afilhada. (Do omem.)
Tamaraca (1)	Sina.
— mirim	Campainha.
— raçonha	Badalo.
— rendába	Campaino. Torre.
Tamacarica	Tolda da canôa.
Tambóra	Tambor.
Tamuiá	Avó.
Tanimbuca	Cinza; baralho.
— ára	Dia de cinza.
— cocy oaé	Rescaldo.
Taóca	Correição (especie de formiga).
Tapanhúna	Preto; preta; cafuz; cafuza.
Tapecoára	Abanador (instrumento).
Tapejára	Uzeiro; rezeiro.
Tapéra	Aldeia velha ou erma; sitio ermo.
Tapirú	Bixo.
— panameboiçára	Traça (bixo).
Tapixába	Vassoura.
Tapuia (2)	Gentio.
— táma	Certão.
Tapuitinga	Francez.
Tapira	Boi.
— caapora	Anta (animal).
— cunhán moçú	Novilha.
— curumim oçu	Novilho. Touro.
Tarauira (3)	Especie de lagartixa. Quatro olhos (peixe).
Tatá	Fogo; lume.
— beraba	Xama de fogo.
— moacaba	Fuzil.

(1) Vem de *ita-maracá*.
(2) Oje diz-se *tapuio*, e significa omem gentio, barbaro ou selvagem; *tapuia* significa mulher gentia, etc.
(3) Oje uzado só com o primeiro significado.

Tatá mirim............ Faisca.
— mondica............ Acender o fogo.
— oçu .... Fogueira.
— potúba............. Soca para fogo.
Tata pinha........... Braza; carvão.
— pinha oçu.......... Tição.
— pinha rerú......... Fogareiro ; brazeiro.
— rendaba............ Lar do fogo ; brazeiro ; fogareiro.
— rendy.............. Luminaria.
— ting .... Fumo.
— tinga monhang...... Fumegar.
— tinga repoty....... Fuligem.
Tatáca............... Especie de ran.
Tatúba .... Sogro do omem.
Tatuí................ Rato (bixo).
Taujé................ Está feito.
Teapú................ Patear ; retumbar ; soar ; zunir ; rumor ; estrondo; som; estalo.
Tearón............... Fruta madura.
Teca................. Olho.
Tecatunhé............ Sobremaneira.
Teco .... Indole; poder; estylo; lei; modo ; obrigação ; natureza ; sizo ; preceito.
— acy................ Rigor ; rigoridade.
— angaipába.......... Pecado.
— angaipaba monhangára Pecador.
— angaipába oçú...... Pecado mortal.
— angaipába oçu eté... } Sacrilegio.
— tecatunhé.......... }
— aíba .... Tormento ; prizão ; crime ; dezastre ; risco; perigo.
— aíba goára .... Culpado.
— aíba póra .... Condenado ao castigo ; justiçado.
— catú............... Paz.
— coaub.............. Entendimento ; inteligencia.

Teco coaub catú	Prudente.
— coaub oaé.....	Racional.
Tecó monháng.....	Constituir Dar ocazião..
— monhangába	Mandamento da lei.
— poráng.............	Fortuna.
— puxi...............	Vicio.
— jána...............	Lei falsa.
— tembém............	Ancia; aflição; aperto; necessidade.
— vé.................	Vida.
Teém.................	De balde.
— nhóte	Injustamente.
Teicoára..............	Cú. Ilhó.
Teité	Coitado.
— aira	Acanhado.
— indé...............	Ai de ti.
— ixé......	Ai de mim.
— raá................	Oh! coitadinho.
Tejú..................	Lagarto.
Tejupába....	Cabana.
Tembé	Beiço.
Tembiú...........	Sustento; mantimento; iguaria; alimento; comida.
— corèra..............	Migalhas da meza.
— monháng	Cozinhar.
— oçu....	Banquete; convite.
Temetarára	Pedra que alguns gentios trazem no beiço.
Temiarirón.............	Neto ou neta da mulher.
Temiminó............ .	Neto ou neta do omem.
Temi monhánga........	Obra.
Temiricó	Mulher cazada.
Tendába...............	Lugar; paragem; porto; sitio.
Tendy	Baba.
Tendira	Irman ou prima damulher.
Tenhé.................	Deixa; deixai; tá não mateis.
— uné.................	Desvia-te.

Tening.................	Secar.
— coráne.............	Murxar.
Temondé..............	Adiante ; diante ; antecedente.
— kety.............	Avante.
— oço	Proseguir.
Temondeçaba...........	Adiantamento ; dianteira.
Teón...................	Morte.
— goére..............	Corpo morto; defunto.
Teongoéra rerú......... — rigitába	Tumba; esquife.
Tepopir................	Largo.
Tepopirçaba	Largura.
Tepoty.................	Esterco; escremento; bosta; sarro; ferrugem.
— pyranga............	Cursos de sangue.
Tiánha.................	Gadanho.
Tim	Nariz; focinho ; vergonha. Proa de embarcação. Bico d'ave.
— goére	Vergonhozo.
— emboé..............	Estudante.
— oçú................	Focinho; narigudo.
Tinoába................	Barba.
— monhangára..........	Barbeiro.
Tinta rerú.............	Tinteiro.
Tipáo..................	Baixa-mar.
Titubé.................	Sem duvida ; certamente.
Tiviro.................	Máo ; nefando.
Toacaba................	Compadre; comadre.
Tobá	Cara ; rosto.
— catú...............	Graça no rosto.
— corúba.............	Espinha carnal.
Tabajára...............	Cunhado do omem.
Toirón.................	Ciar ou ter ciumes.
Tomaramó...............	Oxalá ; praza a Deos.
Tomunhéng..............	Assobiar.
Tomunhegoére	Assobiador.
Toríca.................	Cursos de sangue.
Torína.................	Calções.

Tory	Faxo.
Toriba	Alegria.
Torotó	Vesgo.
Tocúna	Remela.
Tracajá	Tartaruga redonda.
Traçára	Alfange.
Trapopéba	Osga (bixo).
Tucá tucá	Dar murros.
Tucucûr	Beber a tragos.
Tucura	Gafanhoto.
Tugui	Sangue.
— aiba	Umores.
— rapé	Vêia.
Tuguiu	Côr parda.
Tujubaé	Velho.
— çaba	Velhice.
— reté	Decrepito.
Tumbira	Bixo dos pés.
Tumúr tumûne	Cuspinhar.
Tumûne	Cuspir.
Tupan / Tupana	Deos; ostia consagrada; trovão.
— berab	Relampejar; relampago.
— igoaçuçába	Divindade.
— janderecó bebé / — mengára	Deos vivificador.
— jumboeçaba	Louvor divino.
— moeteçára	Temente a Deos.
Tupana nheénga	Evangelho.
— nheénga coatiçára	Evangelista.
— nheenga omocéme oaé	Prégador evangelico.
— oatá	Procissão.
— óca	Igreja.
— óca mirim	Oratorio.
— óca rocára	Adro; cemiterio.
— potaba	Dizimo; esmola.
— puán	Ostia.
— ratá	Purgatorio.
— raira	Catolico; cristão.

Tupana recé	Pelo amor de Deos.
— recó	Religião.
— recó jabiçada........	Irreverencia ; superstição.
— recó monhangára......	Bemaventurado.
— reçó porocaba	Virtude.
— recó poraçará........	Virtuozo.
— recó roiboncara	Arrenegar da fé.
— recó rupi............	Cristãmente.
— recobecaba	Bemaventurança.
— rendaba.............	Sacrario.
— rerá cenoi	Jurar.
— robaiána	Erége.
— roca................	Templo.
— Taira...............	Cristo.
— Taira rangaba........	Crucifixo.
— ig.	Agua benta.
— ig reru	Caldeirinha ou pia de agua benta.
Tupanár...............	Comungar.
Tupanára..............	Comunhão.
Turuçú................	Grande.
— mirim porib.........	Pouco mais.
— porib	A maior parte.
— pir.................	Maior.
Turuçucába	Grandeza.
Tutira................	Tio.
Tuúna	Massa ou miolo da fruta.
Tui...................	Arripiamente antes da febre; frio.
Ty	Sumo; suco ; licor ; molho.
Tiapira...............	Favo de mel.
Tiára oçú	Alarve; comilão; gulozo.
Tiaia	Suor.
Tiba..................	Feitoria; sitio abundante de alguma couza.
Tibuira...............	Pó.
Tibiroca..............	Espanar.
Ticarúca..............	Ourina.
— rerú................	Ourinol; penico; bexiga.
Ticoár................	Misturar com agua.

Ticoára................ Bebida de agua fria com farinha de páo.
Ticú .... Liquido.
Ticupi (1).............. Suco de mandioca.
Tijepoi ára............. Dia de finado.
Tijú.................... Escuma.
— oca .... Escumar.
Tijúca (2).............. Apodrecer ; podre ; lama ; barro.
Tijucopába .... Atoleiro; terra lamacenta.
Tijucopáo (3)........... Baixos de rio ; lamaçal.
Ti kir.................. Manar ; distilar ; derreter.
Tikira.................. Aguardente de farinha de páo.
Tipakúena .... Correnteza.
Tipy.................... Ser fundo.
— eté .... Couza profunda.
Tipiçába................ Profundeza ; concavidade.
Tipioca (4)............. A farinha mais subtil da mandioca.
Tipití .... Manga de esteira para fazer farinha de páo.
Tipiting................ Couza turva.
Tira .... Conduto.
Tiric................... Desviar.
Tiricéme .... Cheio.
— rané.................. Abastado; abarrotado; estar cheio.
Titic................... Latejar a arteria temporal; palpitar ; tremer.

U

Uirapára................ Arco de atirar flechas.
Uitabo .... Nadar.
— oaé................... Nadador.

---

(1) Oje *tucupim*.
(2) Oje diz-se *tijuca* e só significa lama. Daqui vem o verbo *entijucar*, que significa enlamear.
(3) Oje *tijucal*.
(4) Oje *tapioca*.

Uitabo oçaçáo..........	Passar a váo.
Ukei..................	Cunhada da mulher.
Ur....................	Vir.
— oarána oaé etá........	Vindouros.
Urapéma (*)...........	Crivo; peneira.
Urpe..................	De baixo.
Urú...................	Côfo.
Urucú.................	Tinta vermelha.
Urupé.................	Tortulho.
Uú....................	Comer ; beber ; catarrho ; tosse.
Uuçába................	Beberagem.
Uiba..................	Frecha.
— acy.................	Frexa ervada ou envenenada.

V

Varaia................	Balaio.
Vauràna...............	Impingem.
Vé....................	Ainda ; tambem.
Vi....................	Farinha.
— catu................	Farinha d'agua
Vidro cendipúca........ — eté oaé............	Cristal.

X

Xavi..................	Xave; fexadura.
— monhangára..........	Serralheiro.
— rerecoára...........	Xaveiro.
Xeembaé...............	Meo.
Xemocahémo............	Enfeitar.
Xepiáca akira..........	Côr verde.
— aúb.................	Saudades.

(*) Fazem oje uma especie de peneira de palhinha tecida, a que xamam *grupéma*.

Xerimbábo..............	Animal domestico ou domesticado.
Xering...............	Sogro.
Xó....................	Apre; apage; irra.

Y

Yapecuí................	Remar.
Yapecuitaba	Remo.
Yapeçuitára.............	Remeiro.
Yapixaim...............	Crespo.
Yárpe..................	Além d'isso.
Yba	Cabo de qualquer instrumento.
Ybá	Fruta.
— bacú.................	Coco.
— raina	Caroço de fruta.
— renra................	Alho.
Ybá rema a cang.........	Cabeça de alhos.
— rema oçú............	Cebola.
— tiba.................	Pomar.
Ybaté..................	Acima ; ar ; região eterea.
— çui	De uma.
— kety................	Para uma.
Ybateçaba..............	Altura ; tecto ; exaltação.
Yçaçoca...............	Bixo da madeira.
Yçíaba	Especie de formiga (*).
Ycicantám.............	Breo.
Yçóca	Bixo da madeira.
Ycica..................	Goma; rezina; grude; solda.
Yg....................	Agua.
— abá.................	Limo.
— acúb...............	Agua quente.
— apó................	Lugar alagadiço.
— apó oçu............	Aguas vivas.
— apó páo............	Aguas mortas.

(*) Talvez seja a xamada oje *saúba*.

Yg apy................	Orvalho.
— bibira................	Borbulhão ou caixão d'agua.
— capuitara.............	Aguador.
— caraíba pupe .... — nhemoaçúca..........	Batismo.
— catú	Agua bôa ou doce.
— ceembuca	Agua salgada.
— cerica	Agua corrente; fonte que corre.
— coáia	Fonte.
— coarána	Sorvedouro de rio.
— cicantán coaquéne..... — cica membeca.........	Almecega.
Yg jebir	Redemoinho d'agua; remanso ou sorvedouro do rio.
— jucéi................	Sede; sequiozo.
— roicáng.............	Agua fria.
— tekir................	Gota dagua.
— tú..................	Caxoeira.
Ygaçapába..............	Ponte.
Ygára..................	Canôa.
— ropitá...............	Popa da canoa.
— rotinga..............	Vela da canoa.
Ygarapé (*)............	Rio.
— jatuna temá..........	Rio de muitas voltas.
— mirim...............	Riaxo; regato; ribeiro.
— reapira	Cabeceira ou origem do rio.
— remoçápe	Boca ou fóz do rio.
Ygarité................	Canoinha.
Ygaropába..............	Porto.
Ygatim.................	Proa da canoa.
Ygatiiba...............	Proeiro da canoa.
Yicaba.................	Palavra.
Ymirá..................	Arvore.
Yra	Mel.
— mai'á	Abelha.

(*) Oje dá-se este nome só aos esteiros ou rios pequenos, especialmente aquelles, que só são volumozos com a subida da maré.

Yraitím................	Cera.
— canéa..............	Véla de cera.
— canéa rendába.......	Castiçal.
Yrób..................	Amargar.
— oąe maricá..........	Cólera.
— póra................	
Yroiçang..............	Frescura ; viração.
Yriré.................	Ostra.
— çui.................	Cal.

Nota. Veja-se na Revista Trimensal, tomo I, 2ª serie, de 1846 á pag. 69 *Colecão de etimologias brazilicas* pelo autor da Poranduba Maranhense.

Nota sobre o Poranduba Maranhense

Meus senhores. Com immenso prazer, hoje peço vossas attenções, venho trazer-vos uma bôa noticia na seguinte narração.

Em 1843 o nosso douto e incansavel consocio o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, depois Visconde de Porto Seguro, nos offereceu um precioso manuscripto com a denominação de *Poranduba Maranhense ou Relação historica da provincia do Maranhão, em que se dá noticia dos successos mais celebres, que n'esta tem acontecido desde o seu descobrimento até o anno de* 1820 : *como tambem das suas principaes producções naturaes, etc., etc., com um mappa da mesma provincia, por frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres,* religioso menor da provincia da Conceição de Portugal e Favaiense.

O nosso consocio foi intermediario da offerta do autor, toda escrita por seu proprio punho.

Por algum tempo esteve no nosso archivo, e d'ella tirou cópia o maviozo poeta Gonçalves Dias, que me proporcionou a satisfação de a lêr, quando eu ainda estava em minha patria.

Não se sabe como desappareceu tão precioso manuscripto, segundo fui informado em 1876, quando o procurei.

Secreto presentimento me dizia que não estava perdido, e dahi em diante perguntava eu a todos os meus conterraneos si não sabiam onde parava essa obra.

Depois de muitas pesquizas inuteis, tive o inaudito prazer de ouvir do nosso distinto patricio, e meu antigo amigo o bravo coronel Francisco Manoel da Cunha Junior

a asserção de que elle possuia uma cópia que lhe custára 300$, pagos a quem a possuia.

Estava prezo por juramento de cavalheiro, e por isso não declinou o nome do possuidor d'esse manuscrito.

Pedi logo para a vêr, e elle esmagou-me com muita generozidade, fazendo-me a graça de offerecer-me por carta de 22 de Abril do corrente anno, e permittindo que « d'ella fizesse o que o patriotismo me indicassse. »

O meu patriotismo e o amor intenso que dedico ao nosso Instituto me aconselhou a offerecer-lhe, como agora o faço.

Infelizmente perdeu-se o mappa, porém, não é isto muito sensivel, porque ha outros trabalhos de igual época.

Ao seu autor requeiro, que, com brevidade, se levante um monumento, publicando nas columnas da nossa *Revista Trimensal* o fructo de suas vigilias.

A frei Francisco dos Prazeres o Instituto concedeu diploma de socio, passou a 14 de Março de 1845, porém, não sei porque motivo, seu illustre nome não figura no quadro dos nossos operarios, e nem quando faleceu no anno de 1852, em Alijó, onde quasi sempre vivia depois que foram extintas as ordens religiozas em 1834 no reino de Portugal, o nosso orador espalhou goivos e saudade sobre sua memoria.

Não será fóra de proposito dar-vos algumas noticias d'esse historiador do Maranhão.

No seculo chamou-se Francisco Fernandes Pereira.

Nasceu na villa de Favaios, comarca e julgado de Alijó, na provincia de Traz os Montes, em 8 de Julho de 1890, fructo da abençoada união dos modestos lavradores Francisco Fernandes e Maria Pereira.

Em 3 de Maio de 1712, no convento de Santo Antonio, na cidade do Porto, recebeu o habito franciscano capuxo.

Partio logo para Maranhão, onde, no convento da sua ordem professou no anno seguinte, perdendo o nome de seus pais e chamando-se dahi em diante frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres.

Muito estudiozo e trabalhador, deu-se logo ás

podigastas pesquizas e entregou-se á redação da *Poranduba*, que acabou no Pará, regressando em 1814 a Portugal.

Seguindo o exemplo do grande Jeronimo de Albuquerque, que a seu nome unio o appellido de *Maranhão* ao sellar com sua assignatura a capitulação feita com o chefe francez Ravardière, frei Francisco ao seu modesto nome unio o appellido de *Maranhão*, como que indicando o quanto se occupou, e quanto amou essa terra tambem querida por outros frades franciscanos frei Ivo de Evreux e frei Claudio de Abbeville, como elle historiadores d'essa terra, que eu tanto amo.

Sirvam estas palavras de testimunho de gratidão a esse venerando sacerdote e que tanto amou parte da nossa patria.

Sirvam tambem de publico testimunho de nosso apreço ao Sr. coronel Francisco Manoel da Cunha Junior, que descansa das suas fadigas de campanha, onde, como bravo, derramando o seu precioso sangue, soube vingar a honra ultrajada da nossa patria, e hoje descansa de tantas lutas, lendo as bellezas da terra, ondo eu e elle tivemos a ventura de nascer.

Desculpem os meus amigos e consocios si lhes falo hoje com tanto entuziasmo e nobre orgulho.

Venho trazer-lhes uma joia precioza, e si n'isto ha algum merito, dezejo apenas que se diga servir ella de mais uma prova robusta de que a

« minha terra amei e minha gente ».

Sala das sessões do Instituto Historico, na noite de 28 de Abril de 1890.

Dr. Cesar Augusto Marques.

Brazões do Brazil

LIGEIRO ESTUDO

BRAZÕES

DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Aquella bandeira, nascida com a Independencia, que servio de guião (*in hoc signo vinces*) aos bravos militares de mar e terra, que defenderam o territorio e a honra do Brazil, combatendo o Paraguay, em Riachuelo, onde a nossa esquadra se coroou de immarcessiveis louros e fechou ao inimigo a sahida do Rio da Prata, e em Humatiá, onde transpoz as cadeias de ferro d'esse passo temivel ; tomou esta fortaleza, que, como porta de bronze, nos trancava o accesso ao Paraguay (*ego ante te ibo et gloriosos terræ humiliabo : portas æreas conteram et vectes ferreas confringam.* Isaiæ, cap. XLV, v. 1); e de victoria em victoria nos levou desde Tuiutí, Lombas Valentinas e Avahi até final desenlace ás margens do Aquidaban, não póde deixar de ser cara aos Brazileiros ; assim proponho, como brazão da Republica dos Estados Unidos do Brazil, o antigo brazão, com as differenças : de ter vinte e uma estrellas, e da suppressão da corôa imperial sobreposta ao escudo e de sua substituição por uma estrella vermelha, com o mote : *In hoc signo vinces* ; como bandeira a antiga auri-verde, com o brazão de armas modificado, que proponho ; e como laço nacional, o antigo (estrella de ouro inscrita em dous circulos concentricos, de verde e de ouro).

Da cidade do Rio de Janeiro ou capital federal

Escudo verde, com a esfera armillar de ouro, atravessada pela cruz da Ordem de Christo (do brazão da Republica); e em chefe, de azul, trez flechas de ouro enfeixadas, duas em aspa e uma em pala, simbolo do martirio de S. Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro.

Sobreposta ao escudo uma corôa mural, tendo por timbre uma estrella de prata. Mote: *Dirigo.*

DO ESTADO DO AMAZONAS

De azul, com uma amazona a cavallo, á margem de um rio de prata, em faxa; e sobre o escudo uma estrella de prata. Mote: *Nec pluribus impar.*

Da cidade de Manáos

Em campo de ouro, um rio de negro, em faxa, tendo á margem um indio Manáo, com o arco e flechas aos pés; com uma corôa mural por cima. Mote: *Jam civis.*

DO ESTADO DO PARÁ

Em campo de prata, trez seringueiras em roquete, com a propria côr; por cima, a estrella de prata. Mote: *Me alit et augescit.*

Da cidade Belém do Grão-Pará

Lê-se á pag. 199 da *Historia da Companhia de Jezus na extincta provincia do Maranhão e Pará* pelo padre Jozé de Moraes, publicada por Candido Mendes de Almeida, no volume I das *Memorias para a historia do extincto Estado do Maranhão*, Rio de Janeiro, typ. do Commercio, de Brito & Braga, 1860, 2 vols, in-4°, o seguinte:

« Foram pois as armas da cidade de Belem, do Grão-Pará, um escudo grande esquartelado, de uma parte

da qual, em campo azul, se via um castello de prata e n'elle um escudo de ouro, com as quinas de Portugal, pendente de um trancelim de pedraria.

«Em cima do castello, de ambos os lados, sahiam dous braços: um offerecendo um cesto de flôres, com a inscripção por baixo *Verent æternum!* em outro um cesto de frutas com a inscripção *Tutius latent*: do outro lado em campo de prata um sol retrogrado, correndo do poente para o nascente e a inscripção *Rectior cum retrogradus*; e logo outra *Nequaquam minima est*, com um boi e uma mula por baixo olhando para o mesmo sol».

Tão inintelligivel e inexequivel com precisão é o brazão acima descrito, que perferi dar á cidade de Belém novas armas, que me parece lhe não irão mal: escudo partido em faxa; em cima, de prata, com trez seringueiras da propria côr; em baixo de verde com um rio de prata, em faxa; tendo a corôa mural sobreposta, Mote: *Megapatamos.*

DO ESTADO DO MARANHÃO

De goles, com trez capulhos de algodão de prata, em roquete; tendo por cima a estrella de prata. Mote: *Sicut argentum.*

Da cidade de São Luiz do Maranhão

O padre Jozé de Moraes, na obra acima citada *Historia da Companhia de Jezus na extincta provincia do Maranhão e Pará*, a pags. 182-183 dá o seguinte brazão á cidade de São-Luiz do Maranhão: «São pois as armas proprias d'esta cidade, cabeça em outro tempo do estado, um escudo coroado; no campo do qual se vê um braço armado de uma espada, de cuja mão, como de Astréa, pendem umas balanças á que servem de conxas dois escudos menores, em um que peza menos se vê as flôres de liz e as armas de Olanda com estas letras VIS; no outro que peza mais se vê as armas de Portugal com as mesmas letras VIS e por baixo logo a epigrafe que diz: *Præponderat*, porque pezou mais o *jus* ou a justiça das armas de Portugal, que o *vis* ou força das de

França e a Olanda, com immortal desempenho do valor portuguez e não menor gloria da valentia d'aquelles illustres moradores do Maranhão.»

Preferi substituir estas armas tão complicadas pelas que proponho em seguida: em campo de goles, trez capulhos de algodão, de prata, em roquete, como no brazão do Estado; em chefe, de azul, trez flôres de liz, de ouro, em faxa, tendo por cima a corôa mural. Mote: *Sicut argentum.*

Do estado do Piauhi

De verde, com trez piaus, de prata, em roquete, e por cima do escudo a estrella. Mote: *Adveniam.*

Da cidade de Therezina

O mesmo brazão do Estado, tendo em chefe trez flôres de liz, de ouro, em faxa, sobre campo azul, com a corôa mural sobreposta. Mote: *Theresina.*

Da cidade de Oeiras

Em campo de ouro, um boi, de goles, em chefe, de azul, uma estrella de ouro, entre uma quaderna de crescentes de prata (das armas dos Carvalhos, em allusão a Sebastião Jozé de Carvalho e Mello, Conde de Oeiras e Marquez de Pombal), com a corôa mural sobreposta. Mote: *Tutè.*

DO ESTADO DO CEARÁ

De azul, com trez carnaubeiras, de prata, em roquete, tendo por cima a estrella de prata. Mote: *Labor vincit omnia.* (*)

(*) Em 1833 o Dr. Menezes Brum, encarregado da secção de gravuras da Biblioteca Nacional, buscava conhecer os brazões das diversas provincias do Brazil, e como não encontrasse brazão algum do Ceará, consultou-me sobre o assunto. Lembrei-me então, que poderia servir de brazão ao Ceará um castelo e uma carnahubeira em campo aberto, tendo por mote: *Sic animo et opere fortis.*

Acrecentei as seguintes palavras:—Cujus explanatio hœc:—*Ceará, scilicet, populus cearensis animo et opere fortis est, sicut fortes sunt ara fundamentis, et arbor cerifica* (carnahuba) *robore.*

T. ALENCAR ARARIPE.

Da cidade da Fortaleza

Em campo de goles, um castello de ouro, com trez torres do mesmo metal, sobranceiras, das quaes a do meio é mais alta; com a corôa mural por cima. Mote : *Fortitudine.*

DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

De azul, com uma avestruz ao natural, á margem de um rio de prata, em faxa, tendo por cima a estrella de prata. Mote : *Velociter.* (Vide a estampa n. 30 da obra de Barlæus, citada n'este trabalho).

Da cidade do Natal

Em campo azul uma estrella caudada, de prata, com a corôa mural sobreposta. Mote : *Gloria in excelsis Deo.*

DO ESTADO DA PARAHIBA

De goles, com seis pães de assucar, de prata, em roquete, tendo por cima a estrella de prata. Mote : *Utile dulci.* (Vide a estampa n. 27 de Barlæus).

Da cidade da Parahiba

Os mesmos escudos e mote do Estado da Parahiba, substituida a estrella de prata pela corôa mural.

DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Em campo azul, uma donzella vestida de prata, mirando-se a um espelho, que tem na mão esquerda, como embevecida na propria belleza, e segurando com a mão direita uma canna de assucar ; com a estrella de prata superposta. Mote : *Olinda.* (Vide a estampa n. 35 de Barlæus).

Da cidade do Recife

De prata, com um recife de preto, em faxa, batido por ondas de azul; tendo por cima a corôa mural. Mote : *Inconcussum*

Da cidade de Olinda

As mesmas armas do Estado de Pernambuco, com a corôa mural sobreposta ao escudo, em vez da estrella, e com o mesmo mote.

Da villa de Itamaracá

Em campo azul trez caxos de uvas, de prata, em roquete, com a corôa mural por cima. Mote: *Sicut nectar.* (Vide a estampa n. 18 de Barlæus).

Da villa de Iguassú

De preto, com trez caranguejos de ouro,em roquete; tendo por cima a corôa mural. Mote: (Vide a estampa n. 11 de Barlæus).

Da villa de Serinhaen

Em campo vermelho, um cavallo de prata com a corôa mural por cima. Mote: *Celeriter.* (Vide a estampa n. 12 de Barlæus.

DO ESTADO DE ALAGOAS

De verde, com trez peixes de prata, em pala, e com a estrella de prata sobreposta. Mote: (Vide a estampa n. 15 de Barlæus.)

Da cidade de Maceió

Em campo de prata, trez ondas de azul no pé do escudo, com a corôa mural por cima. Mote.

Da cidade de Alagôas

Os mesmos brazão e mote do Estado de Alagoas, tendo por cima, em vez da estrella de prata, uma corôa mural.

Da villa de Porto-Calvo

Em campo de prata, trez morros de preto, em faxa; com uma corôa mural por cima. Mote: *Portus Calvus.*

(Vide a estampa n. 8 de Barlæus).

DO ESTADO DE SERGIPE

Em campo azul; um sol de ouro na cabeça do escudo, com trez corôas de ouro, abertas (de principe), em roquete, no pé; tendo sobreposta a estrella de prata. Mote: *Sol lucet omnibus.*

(Vide o frontespicio gravado da obra de Barlæus).

Da cidade de Aracajú

Os mesmos brazões e mote do Estado de Sergipe, tendo sobreposta ao escudo, em vez da estrella de prata, a corôa mural.

Da cidade de São-Christovão

Em campo azul um São-Christovão;em chefe,as armas de Christovão de Barros; em campo vermelho, trez bandas de prata e sobre o campo nove estrellas de ouro, uma na cabeça do campo, seis no meio, trez de cada parte, e duas no pé. Mote: *Christophorus.*

DO ESTADO DA BAHIA

Em campo verde,uma pomba branca com um ramo de oliveira no bico; sendo a estrella de prata sobreposta.

Em uma fita branca, escripto em letras de ouro o mote: *Sic illa ad arcam reversa est.*

O Visconde de Porto Seguro,á pag. 242 do *I da Historia Geral do Brazil*, 2ª. edição,Rio de Janeiro, em caza de E. H. Laemmert, s. d. dá o campo de escudo azul; mas Gabriel Soares (*Revista do Instituto Historico*, á pag. 115 do VII da III serie, anno de 1855) e Sebastião da Rocha Pita (30 do livro II, á pag. 57 da *Historia da America Portugueza*, publicada no I da Collecção de

obras relalivas á historia da capitania depois provincia da Bahia. Bahia, Imprensa Economica, 1878, in-4°.) o dão verde. Debalde procurei no archivo da camara municipal da cidade do Salvador o registro do acto que deu armas á nova cidade fundada por Thomé de Souza; e ainda que julgue mais proprio que a pomba voando no ar seja representada em campo azul, não posso deixar de adherir á descripção de Gabriel Soares e de Rocha Pita, mais antigos, tendo vivido longo tempo na Bahia, em época mais proxima á em que se deu o facto.

Da cidade do Salvador

As mesmas armas e mote do brazão do Estado da Bahia, com uma corôa mural por cima do escudo, em vez da estrella de prata.

Da villa de São-Francisco da Barra da Bahia de Sergipe do Conde

Em campo de goles, trez camarões de ouro, postos em pala; em chefe, de azul, o brazão da ordem franciscana (os braços cruzados, com as mãos chagadas, de Jezus Christo e de São-Francisco, tendo uma cruz de permeio); com a corôa mural sobreposta. Mote: *Humilis tanquam dives*.

DO ESTADO DO ESPIRITO-SANTO

Em campo azul uma pomba de prata, cercada de uma aureola de ouro; tendo a estrella de prata por cima. Mote: *Veni, Sancte Spiritus.*

Da cidade da Victoria

Em campo azul, a imagem de Nossa Senhora da Victoria (a Virgem, em pé, de corôa real de ouro na cabeça, tendo á sua direita o Menino Jezus, em pé sobre um globo de azul recamado de estrellas de ouro) com a corôa mural superposta. Mote: *Victrix.*

DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

De azul, com trez cafeeiros, de prata, em roquete, tendo por cima a estrella de prata. Mote: *Divitias pario.*

Da cidade de Niteroi

Os mesmos escudos e mote do Estado do Rio de Janeiro, com a corôa mural sobreposta ao escudo, em vez de estrella.

DO ESTADO DE SÃO-PAULO

Em campo azul, São Paulo; com a estrella de prata sobreposta. Mote: *Progredior.*

Da cidade de São-Paulo

As mesmas armas e mote do Estado de São-Paulo; com a corôa mural superposta, em vez da estrella de prata.

DO ESTADO DO PARANÁ

Escudo partido em faxa: em cima, de ouro, trez pinheiros na sua côr natural, em roquete; em baixo de verde, um rio de prata, em faxa; com a estrella de prata superposta. Mote: *Vires acquirit eundo.*

Da cidade de Curitiba

Em campo de ouro, um pinheiro, com a côr natural; por cima do escudo a corôa mural. Mote: *Excelsior.*

DO ESTADO DE SANTA CATHARINA

Em campo azul, Santa Catharina (com uma palma na mão direita, e a roda de supplicio quebrada junto de si); por cima do escudo, a estrella de prata. Mote: *Hospitalissima.*

Da cidade do Desterro

Em campo de prata, uma cidade edificada em uma ilha, de verde, batida pelas ondas do mar, de azul; com a corôa mural sobreposta. Mote: *Felix Exilium.*

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Em campo azul, S. Pedro voltado para a esquerda (do espectador), e na cabeça do escudo cinco estrellas de prata (a constellação do Cruzeiro do Sul); com a estrella de prata sobreposta. Mote: *Claudo et vigilo.*

Da cidade de Porto-Alegre

De azul, com uma cidade edificada á margem de um rio de prata, em faxa; tendo por cima a corôa mural. Mote: *Porto-Alegre.*

DO ESTADO DE MINAS-GERAES

Partido em faxa: em cima, de azul, trez morros de ouro, em faxa; em baixo, de verde, seis estrellas de prata em duas faxas; com a estrella de prata superposta. Mote: *Eureka.*

Da cidade de Ouro-Preto

Em campo de ouro, trez morros de preto; com a corôa mural por cima. Mote: *Prætiosum, tamen nigrum.*

Da Escola de Minas de Ouro-Preto

Partido em pala: o da direita, de azul; o da esquerda de goles; com dois martellos de ouro, em aspa, atravessado no meio do escudo. Mote: *Cum mente et malleo.*

DO ESTADO DE GOIAZ

De azul, cinco morros de prata, em faxa; com a estrella de prata por cima. Mote: *Quasi adamas.*

Da cidade de Goiaz

De prata, com um rio, de vermelho, em faxa; em chefe, de azul, a cabeça de um indio Goiá, com a corôa mural por cima. Mote: *Villa-Bôa.*

DO ESTADO DE MATO-GROSSO

Em campo azul, um indio Guaicurú a cavallo, brandindo uma lança que tem na mão direita, com a estrella de prata sobreposta. Mote: *Occidenti defensor adsum.*

Da cidade de Cuiabá

Em campo azul, um morro de ouro, com uma arvore coberta de folhetas de ouro; tendo sobreposta a corôa mural com uma fenix por timbre. Mote: *Serus tamen resurgam.*

Sobre as armas das cidades de Cuiabá e Mato-Grosso ha variantes: as d'aquella são assim descriptas por Th. Pompêo de Souza Brazil á pag. 640 do seu *Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brazil*, 5° edição, Rio de Janeiro, Typographia Universal de Laemmert, 1869, in-8°—:

« No 1° de Janeiro de 1727 celebrou-se o acto da installação da *Villa-real do Bom Jezus de Cuiabá*, dando-lhe por armas um morro com uma arvore coberta de folhetas de ouro e por timbre uma fenix.» Vide tambem: *Revista do Instituto Historico*, pag. 143 no VI de II serie, 1850; a obra do Sr. Dr. João Severiano da Fonseca *Viagem ao redor do Brazil*, 1875—1878: Rio de Janeiro, Typ. de Pinheiro & C., 1880—1881, 2 vols. in 4° ás pags. 86 e 87 do II; e o n. 16,507 do *Catalogo da Exposição da Historia do Brazil.*

Da cidade de Mato-Grosso

A' cerca das armas d'esta cidade diz Th. Pompêo de Souza Brazil, ás pags. 641—642 do citado *Compendio Elementar de Geographia*: « Em 19 de Março de 1752

verificou-se a solemne installação da villa, e da respectiva camara, com privilegios e isenções iguaes aos da cidade de São Paulo. Deu-se-lhe o titulo de *Villa Bella da Santissima Trindade* e ficou sendo desde então capital da capitania. (Tomou-se por armas uma aguia ou pelicano de que continuou a usar ainda depois de haver-se determinado por provisão de 1753, registrada nos livros da camara, que se adoptasse um triangulo como simbolo da Santissima Trindade).» Vide tambem : *Revista do Instituto Historico*, á pag. 16 do VI da II serie (1850) e Dr. João Severiano da Fonseca, *loco citato* da sua *Viagem ao redor do Brazil.*

Adoptei para a cidade de Mato-Grosso as armas seguintes: em campo azul, um triangulo de ouro, emblema da Santissima Trindade, com uma corôa mural sobreposta, tendo por timbre um pelicano. Mote : *Villa Bella.*

Julgo ter consultado todas as fontes sobre esta materia, si porém, alguma cousa omitti, algum erro me escapou, ou algum assumpto foi tratado de modo improprio, peço aos sabedores queiram fazer-me o favor, que muito agradecerei, de supprir as lacunas, corrigir-me os erros e indicar-me as alterações que devem ser feitas n'este trabalho : *Faciant meliora potentes.*

*
* *

Na época de reorganização e reformas, que atravessamos, não será mal cabido dar a cada um dos Estados-Unidos da nova Republica do Brazil um brazão proprio, como em toda a parte se uza ; venho por isso tirar a publico este estudo, que ha muitos annos tenho esboçado, no intuito de preencher esta lacuna ; proponho, a quem de direito toca dispôr como fôr mais conveniente.

Aproveitei os brazões antigos dos Estados e cidades, que já os tinham, e os proponho taes quaes, ou ás vezes com pequenas modificações, accrescentando côres, metaes e motes aos que d'elles careciam ; para os Estados e cidades, que não têm brazões, engenhei os que me pareceram

apropriados aos productos naturaes, ao nome, á circunstancias peculiares dos lugares, etc., dando-lhes um mote adequado.

A estrella de prata, simbolo dos Estados no actual brazão da Republica, é sobreposta aos escudos dos Estados, e a corôa mural aos das cidades e villas, mas a corôa mural da capital federal terá por timbre uma estrella de prata.

HISTORICO

Não consta que a terra da Vera-Cruz ou de Santa Cruz tivesse tido desde o seu descobrimento até 13 de de Maio de 1816 outro brazão que o da metropole ; a carta de lei d'esta data ordenou: «I: Que o reino do Brazil tenha por armas uma esfera armillar de ouro em campo azul, com uma corôa sobreposta, fique sendo de hoje em diante as armas do reino unido de Portugal e do Brazil, e Algarves, e das mais partes integrantes da minha monarchia... El-Rei com guarda, Marquez de Aguiar».

Estas armas foram substituidas por outras pelo decreto de 18 de Setembro de 1822 :

« Hei por bem, e com o parecer do meu conselho de Estado, determinar o seguinte: Será, d'ora em diante, o escudo d'armas d'este reino do Brazil, em campo verde uma esfera armilar de ouro atravessada por uma cruz da ordem de Christo, sendo circulada a mesma esfera de 19 estrellas de prata em uma azul ; e firmada a corôa real diamantina sobre o escudo, cujos lados serão abraçados por dois ramos das plantas de café e tabaco, como emblemas da sua riqueza commercial, representados na sua propria côr e ligados na parte inferior pelo laço da nação. A bandeira nacional será composta de um parallelogrammo verde e n'elle inscrito um quadrilatero rhomboidal côr de ouro, ficando no centro d'este o escudo das armas do Brazil», que foram alteradas pelo seguinte decreto de 1.° de Dezembro de 1822: «Havendo sido proclamada com a maior espontaneidade dos povos á independencia politica do Brazil, e a sua elevação á categoria de imperio pela minha solemne aclamação, sagração

e coroação, como seu Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo: Hei por bem ordenar que a corôa real que se acha sobreposta no escudo das armas, estabelecido pelo meu imperial decreto de 18 de Setembro do corrente anno, seja substituida pela corôa imperial, que lhe compete, afim de corresponder ao grão sublime e gloriozo, em que se acha constituido este rico e vasto continente.»

Esta bandeira tinha uma variante: o brazão das armas do Imperio, em campo verde, sem a lizonja de ouro, que se içava no paço de São-Christovão e alhures, quando o imperador ahi estava.

Outro decreto de 18 de Setembro de 1882 determinou que: «o laço ou tope nacional braziliense será composto das côres emblematicas — verde de primavera e amarello d'ouro — na fórma do modelo annexo a este decreto (*Estrella de ouro inscrita em dois circulos concentricos, de verde e de ouro)*.

A flôr do braço esquerdo, dentro de um angulo d'ouro, ficará sendo a diviza voluntaria dos patriotas do Brazil, que jurarem o desempenho da legenda *Independencia Morte* lavrada no dito angulo.» Em todas as collecções de leis, que consultei, falta a estampa a que se refere este decreto; recordo-me porém de ter sempre visto o laço nacional figurado por uma estrella de ouro incripta em dois circulos concentricos, de verde e de ouro, e é assim que o reprezenta a collecção de desenhos das figuras e detalhes que designão os differentes uniformes para todos os corpos do exercito delineados por Luiz Pedro Lecor, litografados por A. de Pinho e impressos em côres na Litografia Imperial de Eduardo Rensburg, Rio de Janeiro, 1859, 2 vols. in-folio.

Com o advento da Republica mudaram-se o brazão, a bandeira e o sello do Estado; o decreto n. 4 de 10 de Novembro de 1889 assim determina:

« Art. 1.° A bandeira adoptada pela Republica mantém a tradição das antigas côres nacionaes – verde e amarella — do seguinte modo: um lozango amarello em campo verde, tendo no meio a esfera celeste azul, atravessada por uma zona branca em sentido obliquo e descendente da esquerda para a direita, com a legenda — Ordem e

Progresso (*em letras verdes*) e ponteada por vinte e uma estrellas (*de prata*), entre as quaes as da constellação do Cruzeiro,dispostas em sua situação astronomica, quanto á distancia e ao tamanho relativos, representando os vinte Estados da Republica e o municipio neutro; tudo segundo modelo debuxado no annexo n. 1.

«Art. 2.º As armas nacionaes serão as que se figuram na estampa n. 2. (*Em uma esfera, de azul, cinco estrellas de prata, com a fórma da constellação do Cruzeiro: por fóra da esfera um circulo azul, orlado de ouro em ambos os bordos, com vinte estrellas de prata e não vinte e uma, como na bandeira ; por fóra d'este circulo as cinco pontas de uma estrella, partidas em pala, de verde e amarello, orladas de vermelho e ouro, assentes sobre uma corôa emblematica de folhas de café e tabaco reprezentadas com as suas proprias côres, enterlaçada com uma espada dezembainhada, posta em pala, de ponta para cima; tudo cercado de raios de uma aureola de ouro. «Em uma fita azul, por baixo, o dizer os «Estados Unidos do Brazil* 15 *de Novembro de* 1890», *em letras de ouro. «Este emblema parece antes a fórma da venera de uma condecoração do que a de um brazão*).

«Art. 3.º Para os sellos e sinetes da Republica servirá de simbolo a esfera celeste, qual se debuxa no centro da bandeira, tendo em volta as palavras Republica dos Estados Unidos do Brazil.»

A pezar d'este decreto parece, que a nova bandeira não tem sido geralmente bem aceita, até nas regiões officiaes; em Abril d'este anno vi na Bahia e em Pernambuco diversas bandeiras arvoradas em embarcações de guerra e mercantes : a do decreto n. 4 de 19 de Novembro de 1889; a antiga imperial, tendo sobreposta o escudo, em vez da corôa, uma estrella vermelha; esta mesma bandeira, com tarjas, azul, branca e vermelha; e finalmente o escudo imperial, com a estrella vermelha sobreposta, em campo branco (amarello desbotado?).

As capitanias, cidades e villas do norte do Brazil occupadas pelos Olandezes (1630—1654) tiveram tambem

os seus brazões, como se vê nas estampas é no trexo seguinte (*) á pagina 100 da obra *Gasparis Barlœi, rerum per octennium in Brazilia et allibi nuper gestarum, sub prœfectura illustrissimi comitis 1, Mavritii, Nassoviœ, & comitis... historia.* Amstelodami, ex Typographico Ioannis Blave, 1647, in folio –: «Para cada capitania engenhou (1639) o Conde João Mauricio de Nassau o seu brazão, e comprehendendo-os todos em um só escudo, fez um que indicava os limites do Brazil olandez, para uso do conselho supremo. Por cima d'este brazão levantava-se o das provincias unidas da Olanda, e na parte inferior occorria o simbolo da Companhia das Indias Occidentaes. Os mesmos brazões das quatro capitanias, contidos em um escudo similhante, formaram o brazão do conselho politico, tendo por cima a figura da virgem Astréa, segurando com uma das mãos a espada vingadora dos crimes e com a outra a balança reguladora das transacções commerciaes.

«A' camara de Pernambuco deu por brazão uma donzella mirando-se em um espelho, tomada de admiração pela propria belleza, e segurando com uma das mãos uma canna de assucar, para exprimir por este meio a

---

(*) Qui singulis præfecturis suum commentus insigne, ex-omnibus uno scuto comprehensis unum fecit, quod supremo senatui, ad usus esset, & terminorum Reipub. Brasitiensis index. Supra hoc Fœderati Belgii insigne attollebatur, characterque Societatis Occidentalis ima parte defluebat. Politico senatui, insigne fecere eadem quatuor provinciarum insignia, pari scuto contenta supra quod spectare ad Virginem Astræam, manu una gladium, alia lancem gerentem, illam scelerum vindicem, hanc mercantium regulam Pernambucensis Curiœ datum insigne, Virgo, defixis in speculum oculis & velut in formæ suæ admiratione rapta, manu arundinem sacchariferam gestans, quo schemate soli pulchritudo proventusque exprimebatur, adscripto civitatis Olindæ nomine. Fuere & aliis Pernambuci Curiis, nempe Iguarazu, Serinhæmo, Portu Calvo, Alagois, sua quoque propria insignia. Præfectura Tamaricensis botrum pro insigni ostentabat, quia æquè pulchras & succulentes nulla Brasiliœ pars, ac Tamarica insrula, ferebat. Parahiba sacch reorum panum formas pyramidales præferebat, quod optim & laudatissima sacchari nutricula esset, aut quod dedita nostrtibus provincia major illic sacchari & mola rum cœperit esse labor & precium. Provincia Fluminis Grandis cognomine fluvio gaudebat cujus, ripam in imagine premebat strutius, quarum avium maxima hic frequentia».

bondade e uberdade do solo, com o nome da cidade de Olinda, escrito por baixo. As outras camaras de Pernambuco tiveram tambem os seus brazões proprios: Iguarassú, Serinhaen, Porto Calvo, Alagôas. A capitania de Itamaracá ostentava no seu brazão caxos de uvas, em alluzão a não haver em parte alguma do Brazil lugar que, como a ilha de Itamaracá, os désse tão bellos quanto succulentos; a da Parahiba tinha pães de assucar, ou porque produzisse assucar muito bom e afamado ou porque n'esta capitania, depois que nos foi sugeita, a fabricação do assucar começasse a fazer-se em maior escala e o valor dos engenhos augmentasse. A capitania chamada do Rio-Grande tinha por brazão um rio, á cuja margem, via-se uma avestruz, ave que se encontra em grande abundancia n'estas paragens.»

O texto, como se vê, não menciona a pozição das insignias ou divizas, nem as côres e metaes dos brazões; e si a esse respeito as estampas da obra de Barlæus adiantam alguma couza mais, nem por isso deixam de ser deficientes, e até contraditorias em alguns exemplares d'esta obra, com estampas coloridas á mão, que tenho visto, porquanto as côres e metaes são de mera fantazia, e não são reprezentadas de igual modo na mesma estampa dos diversos exemplares; suppri portanto as lacunas do modo que me pareceu mais consentaneo ao assumpto.

As mallogradas tentativas de independencia ou separação: de Minas-Geraes em 1789, de Pernambuco em 1817 e do Rio Grande do Sul em 1835, dita *Republica de Piratinin*, tiveram tambem os seus brazões, bandeiras e sellos.

A respeito da primeira, diz o Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva na *Historia da Conjuração Mineira*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, sem data (1873?)—, a pag. 115—116: «Lembrou-se o Tiradentes que caberia á nova Republica nova bandeira.

«Ponderando que Portugal adoptára por armas as cinco chagas de Jezus Christo, propoz, que se adoptasse por armas da nova Republica um triangulo significando as trez pessoas da Santissima Trindade. Já sobre este

assumpto, que não era alias da menor importancia no ponto de vista em que se achavam as couzas, haviam discutido o coronel Alvarenga e o Dr. Claudio Manoel da Costa. Era o doutor de opinião que se preferissem as armas da bandeira americana, que consistiam no genio da America quebrando as cadeias, e tendo por legendas estas palavras: *Libertas æquo Spiritus.* Impugnou o coronel a pobreza da idéa e o doutor propoz então o seguinte: *Aut libertas aut nihil!* Ou liberdade ou morte!

«Appellou Alvarenga para o versiculo de Virgilio:

Libertas quæ sera tamen!
A liberdade posto que tardia!

«E essa foi a escolhida, mas esqueceram designar as côres da bandeira, que talvez ficasse subentendido que deveria ser toda branca como a portugueza.»

A respeito da bandeira e laço nacional da Republica Pernambucana de 1817, escreve Francisco Muniz Tavares, *Historia da Revolução de Pernambuco*, em 1817. Pernambuco, Typ. Imperial de L. J. R. Roma, 1840, in-8° pag. 151—152: «A pretenção á soberania demandava nova bandeira e novo laço nacional; assim foi decretado. Eram azul e branco as côres tanto do laço, quanto da bandeira: esta dividida horizontalmente em duas partes iguaes pelas duas mencionadas côres, continha no meio da parte branca uma cruz vermelha indicando ser o Brazil consagrado a aquelle preciozo estigma da humana redempção, na outra parte apparecia recamado o sol em todo o seu esplendor, como constantemente mostra-se na região equatorial, e rodeado de trez estrellas, simbolo das provincias já insurgidas.»

O Dr. A. J. de Mello Moraes, á pag. 41 (n. 11) do *Brazil Historico*, II, Rio de Janeiro, 1867, dá uma estampa xilografada reprezentando dois assumptos: bandeira e sello da Republica Pernambucana, sem texto. Os dezenhos d'estes dois assumptos são differentes entre si, e o da bandeira tambem o é da descrita por F. Muniz Tavares; por isso, e por ser este autor pernambucano, coevo dos acontecimentos e testimunha prezencial

d'elles, pois tomou parte na revolução, prefiro a descripção de F. Muniz Tavares ás xilografias do *Brazil Historico*. Quanto ao sello da nova republica, do qual não trata F. Muniz Tavares, o Dr. A. J. de Mello Moraes o reprezenta pouco mais ou menos como a sua bandeira, tendo em redor o dizer : *Salus populi* Pernambuco.

A Republica de Píratinin teve tambem os seus brazões, bandeira e sello, como vem figurados em um lenço de seda, exposto pelo Sr. Amaro da Silveira na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 1881 (n. 17493 do catalogo da Expozição de Historia do Brazil, Rio de Janeiro, 1881), e em uma cópia do mesmo lenço feita á aquarella pelo Sr. Antonio Luiz Pinto de Montenegro (n. 17494 do dito catalogo): escudo em lizonja, partido em faxa, de verde, gole e ouro ; em um parallelogrammo de prata inscrito na parte média (vermelha) do escudo, um boné frigio vermelho sobre um bastão, posto em pala, tendo aos lados dois ramos (de café e tabaco ?) ; na parte superior (verde) do escudo, uma estrella de ouro e na inferior (de ouro) outra estrella de goles; aos lados da lizonja duas columnas de ouro assentes sobre montes verdes ; o todo é inscrito em um oval de prata, orlado de ouro, onde se lê:

« Republica Riograndense 20 de Setembro de 1835».

Em redor d'este brazão vêm-se troféos de armas e bandeiras tricolores partidas em banda: verde, vermelha e de ouro ; e em uma faxa, por baixo, o mote: *Liberdade, Igualdade* e *Humanidade.*

Aos lados d'este grupo vêm-se dois redondos similhantes (sello da Republica?) com o boné frigio de goles e os dois ramos (de café e tabaco ?)

Sobre este assumpto escreve o Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe (*Guerra civil* do *Rio Grande do Sul*, na *Revista do Instituto Historico*, vol. 43, pag. 165, 1880) « O tope nacional era de fórma circular, contendo trez côres, verde, encarnada e amarella. Esta

formava um botão central e aquellas orlavam este botão em dois circulos concentricos.

« Estas trez côres, que os republicanos rio-grandenses apellidavam as trez côres nacionaes, enfeitavam o pendão republicano, com que guiavam suas hostes aos combates, e sob o qual julgavam ter creado uma nacional lidade».

Sobre os brazões, etc., da Republica do Equador, de Pernambuco (1824), e da revolução da Bahia, em 1837, dita a *Sabinada*, não encontrei documentos.

(Do *Jornal do Commercio* de Junho de 1890).

ESBOÇO BIOGRAFICO

DE

JOSÉ BONIFACIO

> Cui desiderio sit pudor aut modu
> Tam cari capitis?..................
> ....
> Ergo Quinctilium perpetuos sopor
> Urget! cui pudor et justitiæ soror
> Incorrupta fides, nudaque veritas,
> Quando ullum invenient parem?
>
> HORAT., *Ode ad Virgilium*.

Morreu o conselheiro Jozé Bonifacio de Andrada Silva, ás 3 horas do dia 6 de Abril de 1838, e deixou aos verdadeiros Brazileiros saudades e remorsos. Para aliviar umas e curar outras, é destinado o breve esboço biographico e necrologico que se apresenta.

O conselheiro Jozé Bonifacio nasceu na villa de Santos, provincia de São-Paulo, aos 13 de Junho de 1763, de uma familia nobre d'aquella provincia, ramo dos antigos Srs. de Bobadella, hoje condes, e dos Srs. d'Entre-Homem e Cávado na provincia do Minho, que tiveram outr'ora o titulo de condes de Amares, e marquezes de Montebello; familia illustrada na republica das letras pelos Drs. Jozé Bonifacio de Andrada, e Tobias Ribeiro de Andrada e o padre João Floriano Ribeiro de Andrada, tios do conselheiro; o primeiro dos quaes se distinguio nas sciencias fizicas e medicas, como se mostra das obras manuscritas que d'elle existem; e o segundo, tezoureiro-mór da sé de São-Paulo, primou como grande canonista jurisconsulto. O terceiro, o padre João Floriano, dotado de imaginação a mais rica, foi um poeta celebre; d'elle ainda existem diversos fragmentos poeticos, entre elles a *Vida de S. João Nepomuceno*,

testimunho de seus cabedaes de literatura, e da força de sua razão.

O amavel menino, pois desde então se distinguiam já suas qualidades futuras, recebeu sua primeira instrução na mesma villa do seu nascimento, sob os olhos de seu pai o coronel Bonifacio Jozé de Andrada, homem assaz instruido para o seu paiz e classe, e de sua mãi D. Maria Barbara da Silva, matrona exemplar por suas virtudes, zelo com que educou seus filhos, e caridade para com os pobres, e que ali mereceu o nome de mãi da pobreza ; cuja memoria nunca se perderá entre os seus patricios, e cujo nome é ainda recordado com saudade e respeito por toda a sua villa.

Finda sua instrução primaria, passou o menino para a cidade de São-Paulo a fazer o seu curso de logica, metafisica e etica, e de rhetorica e lingua franceza nas escolas que, á sua custa, o bispo diocezano D. Fr. Manoel da Resurreição, nome caro ás sciencias, erigira n'aquella capital; e ali o moço Jozé Bonifacio tanto se distinguio, que o bispo, que era ligado com sua familia, e desejava a gloria do estado eccleziastico, fez os maiores esforços para conseguir que elle se dedicasse á igreja ao que porem, nem o joven, nem a sua familia que tinha sobre elle outras vistas, annuirão. Foi em São-Paulo que elle começou a amontoar o cabedal de literatura em que tanto se avantajou depois ; a literatura propriamente dita, a filologia e linguistica captivaram seus momentos ; o uzo da biblioteca escolhida que para o publico franqueára o sabio bispo D. Fr. Manoel da Resurreição, enriqueceu sua memoria, desenvolveu o seu entendimento e razão, e fortificou o seu juizo; ali pela primeira vez sentio a inspiração poetica, de que ha amostras na collecção de fragmentos poeticos, que imprimio em Bordéos, debaixo do nome de—Americo Elizio.

Passou depois o joven José Bonifacio a Portugal a ultimar sua educação literaria na universidade de Coimbra ; e ali, além de estudar a jurisprudencia, se distinguio, no estudo das sciencias naturaes, mórmente da chimica, que tinham reformado Lavoisier e outros sabios da escola franceza, tomou os gráos de bacharel formado em direito

civil e de bacharel em sciencias naturaes, e se fez senhor do empirismo francez, a que desgraçadamente tinham dado voga as obras de Condillac e outros ideologistas, e adquirio novas riquezas em literatura geral e linguistica.

Acabada a sua educação literaria, foi o joven Andrada para Lisboa, onde, aprezentado ao duque de Lafões, foi escolhido por socio da academia real das sciencias, que então se organizava, e depois, por propozição d'ella, despachado para viajar a Europa, como naturalista e mineralogista. Foi então que tomou estado, cazando-se com D. Narciza Emilia Oleary, senhora amavel, de origem irlandeza, e que foi assaz conhecida n'esta côrte pela sua amabilidade e amenidade de caracter, e doçura de costumes. Partido Jozé Bonifacio para Europa, dez annos a correu, desde os verdes campos da Lombardia até a gelada Suecia e Noruega; sequiozo de instrução e conhecimentos tudo observou e notou com a perspicacia e penetração do sabio; do que podem fazer fé os jornaes de suas viagens, que ainda existem manuscritos. Mereceu o conceito da Europa culta; foi agregado a muitas sociedades sábias; e suas memorias, escritas nas linguas portugueza, franceza e alleman, são provas irrefragaveis do seu aproveitamento; as doutrinas mais abstruzas das escolas critica e trascendental, as lucubrações dos Kants, Fichtes, Bouterweks e Schelings se lhe tornaram familiares. A sociedade filomatica, a dos naturalistas em Pariz, a Linneana de Iena, a dos Investigadores da Natureza de Berlim, a academia real das sciencias de Stockholmo, a de Copenhagen, e muitos outros institutos literarios da Italia e Allemanha o chamaram ao seu seio. Os sabios mais distintos do norte e sul da Europa o honraram com a sua amizade.

Rico emfim de conhecimentos adquiridos, tendo desprezado offerecimentos vantajozos e honrozos de estabelecimentos em paizes estrangeiros, como por exemplo o convite pelo principe real da Dinamarca para inspector das minas da Noruega, recolheu-se a Portugal, onde pelo conde de Linhares, ministro amigo das letras, foi mandado a crear a cadeira de mineralogia na universidade de Coimbra, nomeado intendente geral das minas do reino e

dezembargador da relação do Porto, e mais tarde encarregado do encanamento do rio Mondego, lugares que encheu com honra e zelo, e onde fez todo o bem que se podia esperar de suas vastas luzes e probidade; e, creada a sociedade maritima de Lisboa, fez d'ella parte.

Sobreveio a invazão franceza, que forçou a retirada de D. João VI para o Brazil, e o nobre Andrada foi sempre surdo ás palavras assucaradas, com que o governo intruzo buscou allicial-o; e quando por fim o povo, cansado de sofre e inspirado de patriotico entuziasmo, ergueu o pendão da independencia e liberdade, e buscou enxotar do solo portuguez os invazores, foi Jozé Bonifacio um dos primeiros que correu ás armas, e no posto de major, e depois no de tenente-coronel commandante do batalhão academico, prestou á cauza portugueza relevantes serviços, e recebeu honrozos testimunhos nas ordens do dia do tempo. Expulsos os Francezes, o conselheiro Andrada, nomeado intendente da policia do Porto, açaimou o exagerado dezejo de castigo contra os afrancezados, e soube conciliar o que exigia a justiça contra os verdadeiros inimigos de sua patria com a indulgencia que se devia mostrar á simples seducção e aos erros de entendimento, que cumpre tolerar.

Finda a grande luta portugueza, a latente saudade do Brazil, que azafama dos negocios tinha como abafado no coração patriotico do conselheiro Jozé Bonifacio, lançou novas labaredas: vir aínda acabar os seus dias na terra abençoada de Santa Cruz, onde a fortuna o fez nascer; respirar antes de morrer as frescas virações peneiradas por entre os esbeltos coqueiros e copadas mangueiras que aformozeiam o rizonho Brazil, era o pensamento que sempre o occupára, e que então mais do que nunca o occupava. Conseguio pois licença do governo e veio aprezentar-se n'esta côrte ante o monarca. Falava-se então da creação de uma universidade no Brazil; e era natural escolher-se para seu creador e primeiro reitor um sabio abalizado e enciclopedico como o conselheiro Andrada, o unico capaz de erguer este estabelecimento ao par dos mais perfeitos da Europa; mas a amarella inveja, que já o espiava, para roubar-lhe a gloria, fez

mangrar o projecto. Descontente porem, sem despeito, indemnizado apenas com a metade do que perdera na Europa, e com o titulo de conselho, retirou-se para Santos, seu berço natalicio, e ali nas suas terras dos *Outeirinhos*, novo Cincinnato, ocupou-se na cultura de seu terreno, bem como na communicação de alguns amígos, e na conversação dos amigos velhos, os sabios de outr'ora, em que abundava sua escolhida livraria, e esquecido do mundo e seus barulhos, e das ambições e invejas pequenas de uma côrte em tudo o mais pequena, mas grande em corrupção, venalidade e desmoralização; e de uma inepcia e incapacidade além de toda a concepção. Já de então a ingratidão dos reis o ensinava a preparar-se para a da nação, que depois devia sentir.

No remanso da paz corriam iguaes seus dias, quando o brado da liberdade, que em Portugal soára, ecoou até o Brazil, e em São-Paulo se creou um governo provizorio, no qual tiveram assento o conselheiro Andrada e seu irmão Martim Francisco, e aos seus esforços foi devida a honroza escolha dos dignos deputados d'aquella provincia ao congresso de Lisboa, avantajando-se entre elles outro irmão do conselheiro Andrada, Antonio Carlos, que, secundado por seus collegas, á excepção de um, soube conservar a dignidade do Brazil, e traçar o caminho para sua independencia. Uma facção no congresso queria arteiramente, a coberto de palavras sonoras de igualdade e liberdade, refazer no Brazil o antigo regimen colonial; decretou pois a retirada do principe regente, joven esperançozo, bem que deleixadamente educado, e que parecia, couza rara em principes, amar as instituições liberaes. Ao ouvir tamanha traição levantou se o Brazil em massa, e o nobre principe abraça a nossa cauza, e chama para seu lado o conselheiro Andrada, que parte para a côrte, deixando em São-Paulo seu irmão para dirigir o governo da provincia. Chegado á côrte, aniquila as vistas traidoras da tropa luzitana e a força a embarcar; emquanto em São-Paulo seu irmão aprompta forças para debelal-as, e as faz marchar; e outro seu irmão nas côrtes troveja contra as violencias portuguezas, e prediz a independencia do Brazil, si não mudarem de

conducta. Reunido depois com seu irmão Martim Francisco, a quem expulsára uma conspiração no sentido luzitano, na qual tivera grande parte um caracter politico, qualificado depois de eminente Brazileiro! decidiram a declaração da independencia, que promoveu da bôa fé o principe real, depois imperador D. Pedro I. Nome venerando, lá do assento celestial, onde sem duvida estais, escuta a voz de um verdadeiro Brazileiro, austero censor de tuas faltas, porém o maior respeitador de tuas virtudes. O severo buril da historia, a cujo dominio hoje pertences, gravará, com imparcialidade, nos seus fastos tuas innumeras faltas politicas posteriores, tuas fraquezas e falhas; mas este só serviço eminente, escrito em caracteres indeleveis nos livros da memoria, de toda a culpa te absolverá no conceito do bom Brazileiro, e pesará tanto, que no oceano do tempo, quando teus defeitos tiverem cahido ao fundo, elle sempre sobreaguará, para levar teu nome até a mais remota posteridade, rodeado de gloria, e orvalhado das lagrimas de reconhecimento do Brazil inteiro!

Decidida a independencia, seguia-se marcar a fórma do governo; os serviços do principe real, os prestigios de que elle estava rodeado, a vastidão do Brazil, os habitos e costumes monarchicos, de que estavam os Brazileiros embebidos, tudo indicava que a fórma monarchico-reprezentativa era a que nos convinha, e que o tronco da nova dynastia outro não podia ser que D. Pedro. Estas razões poderosas comprehendeu o conselheiro Jozé Bonifacio, a quem demais tinham azedado os disturbios e violencias das republicas limitrofes. Foi pois aclamado e depois coroado imperador do Brazil D. Pedro, e o conselheiro Jozé Bonifacio, seu ministro, curou de conservar intacto o imperio, vigiando com ciosa suspeita tudo o que tendia a abalal-o. Seu zelo o levou talvez a actos discricionarios, que o verdadeiro liberal reprova, mas escuza e respeita pelos motivos que os produziram.

A assembléa constituinte, antes convocada por D. Pedro, juntou-se emfim, n'ella o conselheiro Jozé Bonifacio conservou a maioria preciza para poder dirigir o governo; mas a este tempo uma coalização monstruosa dos

ultraliberaes com os absolutistas e Luzitanos, conseguindo apoderar-se do inexperto reinante, obrigou o ministerio Andrada demitir-se; o conselheiro Jozé Bonifacio insultado de envolta com seus irmãos, sem agredir a nova administração, desaprovava os seus actos; e embora previsse a sua sorte, para evital-a nem um so passo deu, que pudesse comprometer a tranquilidade publica, e a autoridade do imperador. Todavia, tanto respeito ás leis e ao imperador; tanta moderação, não pôde desviar da sua innocente cabeça o raio da vingança, despedido pelas mãos criminozas dos cortezãos, Lusitanos e demagogos. Sua eliminação da assembléa, e a de seus irmãos, é exigida com imperio; e porque a reprezentação nacional se envergonhou de suicidar-se a si mesma, é sua dissolução rezolvida com a mais manifesta uzurpação dos poderes nacionaes, e o conselheiro Andrada e seus irmãos, com mais dois innocentes deputados, Rocha e Montezuma, são presos pela força militar, conduzidos aos carceres da Lage, e dahi deportados para França, ou talvez ainda para peior destino. Dahi data a serie não interrompida de desgraças que assaltaram a monarchia brazileira; o infeliz principe, seu chefe. privado dos verdadeiros amigos do paiz e da liberdade, ludibrio das paixões de partidos o postos, sem força real para opôr-se a nenhum d'elles, não fez mais que escorregar de dezacerto em dezacerto até sua final ruina. Em seu desterro o conselheiro Andrada, cada vez que nos periodicos lia os desvarios que a traição preparava, e a que a inexperiencia arrastava o imperador, seu coração mavioso carpia os males da patria que adorava, e as desgraças previstas do monarca, de quem era ardente amigo, apezar de sua ingratidão.

Pareceu finalmente estar satisfeita a vingança, e voltarem dias de mais justiça: após longos annos de exilio voltou o conselheiro Andrada ao Brazil, e tendo perdido na travessia sua bôa espoza, companheira dos seus trabalhos, avizo que a Providencia lhe mandava dos males que o aguardavam na patria, beijou coberto de luto as praias de Niteroi. Bem recebido pelo monarca arrependido, olvidou com um só sorrizo d'elle longos annos de soffrimento, amou-o como dantes, porque seu coração amante

não podia deixar de amal-o; porém não o servio mais senão com os seus desinteressados conselhos, que foram quasi sempre desprezados. Retirado á ilha de Paquetá, ainda ali o foi desenterrar a calumnia: forja-se plano de republicas ridiculas, e se apregôa como seu chefe o venerando ancião, que não responde sinão com desprezo. E' porém n'este mesmo tempo que uma sociedade sábia, a sociedade imperial de medicina d'esta côrte, como para indemnisal-o, o escolheu seu socio honorario, honrando-o assim, e honrando-se igualmente. Igual tributo lhe pagou a sociedade de instrução elementar.

Eis chegado os ominozos dias de Abril de longa mão preparados; uma eleição imprudente de ministros é o pretexto de que se servem os corifeos da revolução para sublevarem as massas de povo, e o imperador, ou seduzido por fantasticas promessas, ou fatigado da porfiada luta, abdica o trono em seu augusto filho, e deixa o Brazil, encommendando seus tenros filhos ao mesmo ancião que deportára, e reconhece então por seu verdadeiro amigo. A nomeação è annulada por uma assembléa só guiada pela sanha, e sem respeito ás leis e á natureza, nega-se a um pai, couza estupenda!!! o direito de dar tutor a seus filhos; todavia o mesmo tutor que o imperador nomeára é o escolhido pela assembléa, e o nobre velho aceita imprudentemente o perigozo cargo, que, como a boceta de Pandora, vinha para elle prenhe de todos os desgostos. Desde então uma enfiad de surdas perseguições o não deixou socegar; não houve um só movimento popular em que não implicassem o nome do conselheiro Andrada e de sua familia; a nobreza de sua alma, a pureza de sua conduta o não salvou das mais improvaveis arguições. Paciente e corajoso como era seu espirito, a carne fraca resentio-se de tanto abalo; e dois repetidos ataques de paralizia annunciaram a deterioração de seu cerebro, que progredio sempre, até que os aziagos dias do mez de Dezembro de 1833 o reduziram quazi á vida vegetativa. N'esses dias fataes, quebram-lhe as vidraças, cobrem de baldões e injurias seu nome respeitavel, e o governo, sem o menor direito, suspende o eleito da assembléa, e o tutor de D. Pedro II é conduzido á prizão por um capitão!!! Velho

venerando, tão cedo talvez te não chorassem tua familia e amigos, si o amor da tua patria, si a amizade que sempre mostraste ao principe decahido te não persuadissem a cuidares nos tenros pimpolhos confiados ao teu cuidado; privado das vistas dos queridos orfãos, filhos da nação, que amavas como teus, definhaste como tenra flôr a que falta a agua, e que o sol cresta. Cruel lembrança! E houve uma assembléa que ractificasse a violencia! Houve!.... e no Brazil sempre haverá emquanto os partidos dictarem a lei! As paixões fogosas que nos lavram o peito nos impellem sempre a saltar as barreiras da justiça; a inveja, ingrediente principal de que são amassadas nossas almas, faz-nos achar um prazer divinal em abater quanto ha de sublime!

Depois da terrivel catastrofe, os restos de vida sensitiva e intellectual que ainda animavam o digno conselheiro Andrada foram-se esvaecendo pouco a pouco, até que no dia 6 de Abril de 1838, no mesmo dia em que fôra nomeado por D. Pedro I tutor de seus filhos, no mesmo dia em que se amontoou o combustivel em que devia arder a tranquilidade e a paz do Brazil, foi sua alma pura receber o galardão de seus feitos da mão d'aquelle que sonda os corações, e, indulgente ás fraquezas da mizera humanidade, leva-lhe em conta até a menor parcella de virtude.

Tal foi Jozé Bonifacio, viveu e morreu pobre; não recebeu de sua nação distinção alguma; no senado, que a lei creára para o merito e a virtude. não houve nunca um lugar para o credor do imperio!!!... Talvez por isso mais sobresahirá seu nome, como os de Bruto e Cassio mais lembrados erão por não apparecerem as suas estatuas nas pompas funebres das familias, a que pertenciam.

Jozé Bonifacio de Andrada era de estatura menos que ordinaria, de figura regular, branco e loiro na sua mocidade, de olhos pequenos e vivos, que descobriam a delicadeza de suas sensações, e finura de seu espirito. Sua conversação era amena e jovial, e recheada de labaredas de espirito, cheia de alluzões finas eengraçadas. Os seus costumes erão doces, sua bondade quazi angelica estava pintada no seu rosto, sua paciencia era estoica,

sua tolerancia evangelica, sua caridade verdadeiramente christan; elle nunca conservou rancor, nunca esqueceu beneficio, nunca recuzou socorro a quem lh'o pedia. Não procurou inimizades sinão por bem do Brazil; si a difficuldade das circunstancias em que se achou colocado o fez desviar da senda do estricto direito, o seu coração não teve parte no que a cabeça prescrevia. Emfim teve defeitos, porque era homem, porém os seus defeitos eram pontos mui imperceptiveis no mar de suas bôas qualidades.

(*) Não sei porque o autor de um dos catalogos do Gabinete portuguez de leitura d'esta capital, o illustrado Manoel de Mello, me atribuio a autoria d'este *Esboço biografico*.

O esboço apareçeu pouco depois da morte de Jozé Bonifacio o velho, e foi geralmente atribuido a seu irmão Antonio Carlos.

Rio 22 Janeiro 1891.

Joquim Norberto de Souza Silva.

NECROLOGIA

DE

Martim Francisco Ribeiro de Andrada

Aos 23 de Fevereiro do corrente anno faleceu de uma hepatite chronica na cidade de Santos, o Sr. Martim Francisco Ribeiro de Andrade, com a paciencia e resignação de um filosofo christão, e depois de uma agonia lenta e tormentoza, foi sua alma pura receber o premio de virtudes que o mundo não soube apreciar.

Toda a povoação d'aquella cidade prezenciou com a maior magoa a sua perda e chorou a sua morte. E nós para exemplo do Brazil percorreremos sua variada existencia.

Nasceu este eximio cidadão na cidade de Santos, provincia de São Paulo, em Abril de 1775, de uma familia nobre e respeitavel por seus costumes, conduta moral e religioza, e illustração acima do commun de seus patricios. Foram seus pais Bonifacio Jozé de Andrada, coronel de dragões milicianos n'aquella provincia, e D. Maria Barbara da Silva. Este nobre par tinha ganho as afeições da cidade por sua beneficencia com os desgraçados, e mormente a Sra. D. Maria Barbara, que mereceu o nome de *mãi dos pobres*.

Na prezença das virtudes de seus progenitores começou o Sr. Martim Francisco a sua primeira educação; e desde então sua rara intelligencia se dava a conhecer; desabotoavam já as flôres que depois deram tão saborozo

fructo, encantaram com a belleza do seu colorido, e enlevaram com o perfume que exhalavam.

Findos os seus primeiros estudos foi o Sr. Martim Francisco mandado para a Athenas portugueza, a universidade de Coimbra, por sua zeloza mãi, já então viuva, afim de completar pelo ensino universitario o curso de uma educação tão bem encetada. Ali mereceu elle o apreço e amor dos seus mestres, a estima de seus condiscipulos, e o respeito de quantos o conheciam e frequentavam; sua instrução deu passadas assombrozas, seu juizo e razão se fortificaram, e formou-se para mais não mudar esse caracter distinto pela severidade de seus costumes, constancia e inflexibilidade de seus principios, e austeridade de suas maneiras, adoçadas porém pelo interesse marcado que tomava por toda a humanidade.

Tendo obtido na Universidade os gráos de bacharel em filosofia experimental, ou nas sciencias naturaes, e de bacharel formado nas sciencias exactas, ou mathematicas, veio para Lisboa onde se demorou algum tempo contribuindo com seus trabalhos para o estabelecimento do Arco do Cego, que erigira a illustrada administração do conde de Linhares com o fim de estender ao Brazil os conhecimentos industriaes e agricolas, que abundavam em outras partes e de que o Brazil ainda carecia. Foi então que aproveitou a ocazião feliz de fazer uma viagem mineralogica por Portugal em companhia de seu irmão o finado conselheiro Jozé Bonifacio de Andrada, e do tenente-general de Napion. Como porém fôsse despachado inspector das minas de São Paulo, veio ao Brazil a cumprir os deveres de seu emprego, e estabelecido na cidade de São Paulo fez por ordem do governo diversas excursões pela provincia com o fim de reconhecer suas riquezas mineraes; e mandou á secretaria dos negocios ultramarinos memorias sobre estas materias, ricas em novas observações e descobertas, que se devem conservar nos archivos d'aquelle ministerio. Como porém uma companhia de mineiros vindos da Suecia, tomasse a seu cargo a lavra da mina de ferro de Biraçoiaba, restringio-se o circulo das atribuições do Sr. Martim Francisco na qualidade de inspector das minas da provincia de São-Paulo, á só

inspecção das matas, onde prestou grandes serviços, introduzindo e praticando n'esta repartição os principios da sciencia florestal conhecidos nos povos civilizados da Europa.

Precizando vir ao Rio de Janeiro, e obtendo licença aprezentou-se n'esta côrte, onde grangeou a estima dos ministros de então, mormente a do marquez d'Aguiar que fazendo justiça ao seu subido merecimento, e querendo aproveitar os seus talentos, o destinava para crear a capitania geral do Ceará, então governo de segunda ordem: mas quando se ia lavrar o decreto, tudo se frustrou com a aparição da revolução de Pernambuco de 1817 e o Sr. Martim Francisco conservou-se no Rio, vigiado e talvez suspeitado, pelo acazo de se achar involuntaria ou ao menos inopinadamente complicado n'aquella revolução seu irmão o Sr. Antonio Carlos.

Foi então que regressou ao Brazil, sua patria, o Sr. José Bonifacio, que depois devia por-se á frente da nossa independencia, e colher por isso os amargos frutos da ingratidão, em sua companhia retirou-se o Sr. Martim Francisco para São-Paulo, e ahi cazando-se com sua sobrinha a Sra. D. Gabriela Frederica de Andrada, fixou sua rezidencia na cidade de Santos.

Nem por estar auzente esqueceu o seu nome ao Sr. D. João VI, que contando retirar-se para Portugal, e querendo deixar uma regencia no Brazil, que cooperasse com o principe, lembrou o Sr. Martim Francisco como um dos membros d'esta regencia. Não teve porém efeito a dita nomeação em consequencia dos desastrozos acontecimentos da praça do commercio, que principiaram a enlutar a aurora da liberdade no Brazil.

Partio o Sr. D. João VI, e como na Bahia se erguesse um governo provizorio, a provincia de São-Paulo, onde a liberdade parecia alfim ter acordado o torpor e somno da indiferença de seus habitantes; seguio á pista o exemplo da Bahia, creou um governo provizorio, e para elle foi nomeado como um de seus membros o Sr. Martim Francisco, que se achava na cidade de São-Paulo, como eleitor para a escolha dos deputados ás côrtes de Portugal, então reino unido com o Brazil.

Prezidente da junta da fazenda achou o Sr. Martim Francisco os cofres exhauridos, os empregados por pagar por alguns mezes,e emfim na quazi impossibilidade de fazer face ás despezas. E como por magia, apenas com recurso a um pequeno emprestimo, pôz o serviço em dia, e até achou fundos para apromptar uma expedição, que restituisse ao principe regente a autoridade e independencia, que lhe queriam pear as tropas portuguezas ao mando do general Jorge d'Avilez.

Um partido oposto á independencia, aferrado aos interesses de Portugal, insuflado por um caracter politico, que depois alardeou de liberal, e ora de regressista, tramou uma conspiração e obteve a retirada do Sr. Martim Francisco do logar que preenchia no governo provizorio de São-Paulo. Chegado porém o Sr. Martim Francisco á côrte, foi chamado pelo Sr. D. Pedro I, então ainda principe regente no Brazil para o ministerio da fazenda.

Encontrou o thezouro geral na mesma ou maior penuria que o da provincia de São-Paulo, e como por milagre o exemplo do que em São-Paulo fizera, restituio-lheo credito, gerou a confiança, pôz os pagamentos em dia, cerrou a porta das delapidações, e só com ordem, economia, e exacta arrecadação, e vigilancia sobre a conduta dos empregados conseguio pôr-se ao nivel das despezas ordinarias e extraordinarias da independencia, como a pacificação da Bahia e expulsão dos Luzitanos d'essa parte do imperio, e tudo sem necessidade de novos impostos, e sem emprestimos, além de um pequeno contrahido no mesmo paiz, e que deixou quazi intacto na sua retirada do ministerio.

Foi d'elle que manou a magnanima rezolução do Sr. D. Pedro I, de declarar a independencia do Ipiranga na provincia de São-Paulo, teatro então da mór gloria do Brazil, hoje campo devastado, regado do sangue generozo de seus filhos, que piza, pavoneando-se, a intriga, a corrupção, a nullidade, a inepcia e o canibalismo, escudados por procunsules, como os Mont'Alegres, os Joaquim Jozé Luiz, e outros queijandos. A declaração da independencia era para muita gente um crime imperdoavel, mórmente acompanhada de instituições liberaes. Dahi a

celeuma, dahi o afan de roubar-lhe a amizade do imperador, que por fraqueza humana creou inimigos do seu trono os que o tinham levantado, e eram a sua mais solida escora.

Largaram os Andradas o ministerio, e collocados na oposição, como devia ser, segundo o sistema reprezentativo, suas severas, porém justas censuras á um governo anti-nacional foram traduzidas ante o monarca em crime de traição e rebeldia; e os conselheiros do trono não se pejaram de deportar sem processo e sem juizo os trez irmãos Andradas, de envolta com outros trez deputados; os trez Andradas!... que eram os verdadeiros protagonistas do grande drama da independencia. Foi o Sr. Martim Francisco arrancado do leito de dôres, onde grande parte do tempo jazia em consequencia da terrivel molestia, á que por fim sucumbio, e embarcado na xarrua Luconia, com destino aparente para o Havre, mas ao que parece, á vista de um complexo de accidentes, para ser elle e seus dois irmãos entregues ao algoz Portuguez, e figurarem como rebeldes á Portugal os filhos primogenitos da liberdade e independencia brazileira. Mas a Providencia, que véla sobre o homem justo, o não consentio, antes recompensou com o dom da saude ao que embarcára infermo, quazi moribundo ; em maneira, que elle podia bem dizer, como Themistocles nos estados do grande rei cheio dos bens, que d'elle recebera, dizia a seus filhos, *nisi periissem perieramus*, ou agradecer aos seus inimigos a sua deportação para França, onde recuperára a saude, como Milão agradecia a Cicero o tel-o mal defendido, e cauzado assim a sua condemnação, que o obrigára a refugiar-se em Marselha, onde encontrára a felicidade, que em Roma lhe faltava.

Demorou-se o Sr. Martim Francisco em França no departamento de Gironda por quazi cinco annos, alheio á toda a politica, com saudades da patria, porém não querendo vel-a para evitar disturbios e desgostos ; mas sabendo que no Rio de Janeiro pretendiam julgal-o a elle e seu irmão Antonio Carlos sem ouvil-os, em um monstruozo e rediculo processo, que lhes formaram, deixou a França, apezar dos obstaculos, que punham á sua retirada os

agentes do governo brazileiro, e veio com seu irmão, aprezentar-se para ser julgado, e recolhidos á fortaleza da ilha das Cobras, responderam ao irrizorio *pot pourri*, alcunhado processor, e foram unanimemente absolvidos do inacreditavel crime de conspiração e traição contra o trono, que tanto trabalharam porerigir.

Livre de tão ofensiva calumnia m receo o Sr. Martim Francisco os sufragios da provincia de Minas, e como seu reprezentante tomou assento na segunda legislatura do Brazil. Os seus serviços n'este posto de honra não podem ser miudamente referidos em uma necrologia; a historia os registrará: basta saber-se, que foi elle que com energia se opoz ao banimento do Sr. D. Pedro I, pelo qual votaram homens, que hoje ouzam nomear-se monarchistas, e que merecem a confiança do trono, e quem sustentou a dignidade do corpo legislativo contra as ouzadas pretenções da soldadesca armado nos dias de Julho. Na terceira legislatura teve parte o Sr. Martim Francisco como deputado da provincia de São Paulo em lugar do falecido Sr. Correia Pacheco, e continuou a ser inabalavel campeão da realeza constitucional, defendendo tambem com todo o fervor os verdadeiros interesses do Brzail, como fez contribuindo para que não passasse o tratado com Portugal, por ferir vitalmente os nossos bem entendidos interesses mercantis, embora deputados illudidos ou sobornados pelos manejos do enviado portuguez trabalhassem com afinco em fazer adoptar-se esse ruidozo tratado.

Na quarta legislatura como deputado por São-Paulo aprezentou-se ministerialista no começo, mas desenvolvido o pensamento do ministerio de 19 de Setembro, fez opozição constante a teoria e pratica das transações e corrupção, que descaradamente confessava esse immoral ministerio; anatematizou o preconizado *regresso*, atendendo-se constantemente á letra e espirito da constituição; elevou-se com força contra a introdução de estrangeiros para debelar a Brazileiros, como ofensiva da dignidade nacional, e por fim convencido da incapacidade do governo regencial acompanhou a seu irmão o Sr. Antonio Carlos na disputada questão de Maioridade, e foi

um dos deputados, que se retiraram do senado depois do adiamento da camara, e dahi mandaram ao imperador a mensagem, que decidio a contenda. Passando por aclamação das duas camaras esta importante medida, entrou o Sr. Martim Francisco na administração na qualidade de ministro da fazenda, apezar da repugnancia que sentia em servir com um dos companheiros nomeados.

O apello porém ao seu patriotismo, a vontado do joven monarca, e outras razões expostas por seu irmão o dicidiram, pressagiando com tudo desde então o que depois sucedeu, pois dice a seu nobre irmão—*Bem, meu mano, eu aceito, mas eu e tu bem cedo nos arrependeremos; nem um bem faremos á patria, e só ganharemos ingratidão, ultrages e insultos.* Foi seu vaticinio cumprido, a desconfiança se introduzio entre os membros da administração, e um d'elles o Sr. Aureliano assentou de abandonar a seus collegas; o Sr. Marquez de Paranagua, que deve talvez estar arrapendido das tormentas, e desgraças que cauzou, formou o nucleo do monstruozo ministerio de 23 de Março, amalgama incoherente de amigos e inimigos da maioridade, de afectada limpeza de mãos e real corrupção, de brazileirismo fingido e de lusitanismo real embora mascarado.

O Sr. Martim Francisco assás conhecia o estado desgraçado dos nossos recursos, sabia que não podia contar com interesses, que em cumprimento de seus deveres devia ferir; que os especuladores sobre nossos embaraços financeiros, que os contrabandistas empenhados no trafico immoral, anti-christão, e impolitico da compra de homens negros livres, não podiam deixar de ser hostis á administração de que elle formava parte. Não lhe escapava, que nunca lhe perdoaria a elle e seu irmão o grande crime de terem promovido a independencia todos aquelles que debaixo do raro e superficial véo do nome Brazileiro ocultavam o homem velho, que respirava saudozo pelo systema antigo de subjugação do Brazil a Portugal. Com estes sinistros presentimentos entrou elle no ministerio; cofres exhauridos, credito mais que abalado foi o que encontrou, e além d'isso necessidade de emprestimos estrangeiros, e quazi impossibilidade de os efectuar, procurando

o partido corruptor aniquilar sem remorso o nosso credito nas praças estrangeiras. Todas estas dificuldades contava vencer continuando na administração, lançando mão de meios apropriados, que ainda restavam, mas a perda da confiança do monarca illudido forçava a demissão de um ministro conscienciozo, e que se guiava pelas regras do sistema reprezentativo. Deu pois o Sr. Martim Francisco a sua demissão ; e deixou entrar em scena o horrivel ministerio de 23 de Março, recolhendo-se elle á obscuridade sempre saudada com prazer por sua alma pacifica.

Depois do atentado da dissolução prévia da quinta legislatura de que tambem formava parte, retirou-se o Sr. Martim Francisco para sua caza de Santos contristado com a previzão dos males que iam despejar-se sobre sua malfadada patria.

Ahi cresceu a sua magoa com os desgraçados movimentos de São Paulo, tão mal dirigidos e tão fataes em seus rezultados. O seu espirito de liberdade e justiça abraçava a opinião da legitimidade da rezistencia para salvar os direitos do povo e os verdadeiros interesses do trono constitucional atacados violenta e vitalmente ; podia duvidar da conveniencia do tempo e da ocazião, mas censurou amargamente a conduta de tão momentozo acontecimento, cresceo ainda mais sua afflicção á vista dos desvarios atrozes do ministerio depois de sufocada a sedição, postos em execução pelos pro-consules, que governavam a provincia, á excepção do Sr. Jozé Carlos, de quem nada houve a dizer.

Até veio acrescentar o seu desgosto um acontecimento rediculo e sério ao mesmo tempo, a sua exautoração de gentil homem da camara de S. M. I. ; só nas orgias do delirio podia isto lembrar.

Irrizoria era a mesquinha medida si tinha por fim ultrajar ao Sr. Martim Francisco, elle não pedira a honra de que o despiam ; tinha-a recuzado no reinado anterior, ignorou que se lhe destinava similhante honra, pois si o soubesse, certo a recuzaria com acatamento, mas com firmeza, ao menos em quanto durasse o seu ministerio; como pois feril-o ? Si porém por esse lado cauza dó e

move a rizo o pouco tino dos ministros, é com tudo muito sério e de importancia maior o luxo de arbitrio odioso desenvolvido por elles, é um palmo mais ganho na carreira do despotismo; é mais um artigo da constituição despedaçado.

As honras do paço são como as outras honras, não se podem perder sem crime e sentença que o verifique e imponha essa pena; é inadmissivel a confuzão dos criados de honra, dos companheiros do monarca, com os servos meneiaes do homem, é ardimento criminozo rebaixar os gentis homens ao nivel dos varredores.

Tantas dôres moraes amontoadas sobre um velho já gravemente infermo, dôres que a sua imaginação ferida fazia mais avolumar, não podiam deixar de apressar o fim derradeiro do Sr. Martim Francisco. Assim sucedeo, morreo o homem probo, morreo o patriota, e morreo na cruel incerteza de que o Brazil sahisse victoriozo dos combates que lhe armavam a violencia ou a manha arteira de seus inimigos. Exultai monstros, que tendes sorvido com prazer o sangue brazileiro derramado em Minas e São-Paulo; cantai *hozannas* da alegria, corruptores da moral, depreciadores da liberdade e dignidade do homem; não existe mais, graças aos tormentos e amargores que sobre elle entornastes, aquelle que era a censura viva do vosso procedimento.

O Sr. Martim Francisco era alto de estatura, de construção robusta, membros bem fornecidos e feições regulares. Era facil no commercio da vida, de trato civil e polido, sua conversação era amena, elegante e instructiva, e até ás vezes jovial, não se furtando mesmo ao picante horaciano; era capaz de todos os sentimentos nobres, de amor e de amizade; de costumes austeros, severo para si, mas indulgente para com os outros, salvo para com os corruptores do homem, e para com os inimigos da honra, prosperidade e dignidade do Brazil. Era marido amante, pai afectuozo, irmão carinhozo e amigo desvelado. Como homem publico era estadista prudente, habil financeiro, exacto e vigorozo administrador. E como parlamentar, orador elegante e florido, patetico e artificiozo, mais similhante a Cicero que á Demosthenes

entre amigos, mais vizinho a Pitt do que á Fox e Gratton, a Vergniaud do que a Mirabeau entre os modernos. Nunca foi pezado ao Estado, de quem não teve mais que a sua apozentadoria no lugar de inspector das matas, concedida pelo Sr. D. João VI, e de honras a patente de coronel honorario, a simples condecoração de cavalleiro de Christo, dadas pelo mesmo Senhor, e a chave de camarista do actual monarca, a qual depois tão illegalmente lhe arrancaram os ministros de 23 de Março, por não fallarmos de honra inherentes ao cargo que ocupára.

Viveu sempre com os rendimentos dos seus poucos bens e de seus ordenados, sem que a malevolencia pudesse nunca manchar a sua honradez e limpeza de mãos.

Deixa uma viuva e cinco filhos menores, dos quaes já dois se aprompta para servir ao Brazil, um como magistrado e outro como soldado, tendo sentado praça de cadete na artilharia e frequentando a academia militar.

Seus amigos que o conheciam, choram a perda que o Brazil sofre com a sua morte, os seus inimigos que o não conheciam, conhecel-o-ão algum dia na frieza das paixões, e lhe farão justiça.

(*Nacional*, de 6 de Março de 1844)

NOTICIAS

AO

Arcebispado da Bahia

PARA SUPLICAR A SUA MAGESTADE

Em favor do culto divino e salvação das almas.

Senhor! São os prelados vigilantes sentinellas dos seus rebanhos, de cujas ovelhas devem com toda a individuação e particularidade ter noticia para com diligencia lhe procurar as conveniencias e utilidades, que lhe podem servir, e de que carecem para sua salvação (1) de sorte que todo o seu emprego e desvelos seja dirigil-as e encaminhal-as para a gloria, que Christo, senhor nosso lhe grangeou fazendo-se homem e padecendo tão acerbissimos tormentos; aplicando a este fim os meios mais oportunos, e eficazes: defendel-as ou por meio da mizericordia, ou da justiça,administrando-lh'a e encommendal-as a Deos, na certeza de que sem os seos auxilios nenhuma couza obrariam que fôsse bôa. (2) E si em todo o tempo são dignas d'este amparo, muito mais o devemser, quando se acham lutando no mar d'este mundo entre tão

---

(1) Episcopatus ex eo dicitur, quod omnes inspiciet, cunctaque. speculetur. Chrisost. homil. 10 in 1 ad Tim. Clem. Pastoralis de Rejudicata.

(2 Pastorum est vigilare super gregem propter tria necessaria videlicet ad disciplinam ad custodium, ad preces, etc. S. Bernard. in Sententiis.

gravissimas tempestades, com que justamente se póde temer naufrague de maneira que se percam para sempre, fazendo-se pasto das arpias infernaes, podendo ser deliciozo manjar do soberano rei da gloria (1)

Este temor, Senhor, como vigilante sentinella, que sou das ovelhas d'este arcebispado da Bahia,que me estão cometidas e encarregadas me obriga, por achar em consciencia que o devo assim fazer, (2) a recorrer na prezente ocazião a Vossa Real Magestade afim de procurar as utilidades que entendo são necessarias para, augmento da religião christan e salvação das almas d'esta archidioceze, pois segundo o estado em que de prezente está, se acha em extrema necessidade, de que parece é a total cauza o faltarem-lhe muitas igrejas e ministros, que cultivem esta dilatada vinha, e não ser competente o estipendio que aos operarios d'ella se costuma pagar. E considerando-me juntamente pastor e pai de tão grande numero de almas, e ainda são mais urgentes os motivos que me obrigam a este recurso, por que nenhum pai é tão duro de coração, que vendo e ouvindo chorar seus filhos, principalmente estando necessitados, que se lhe não comovam as entranhas e se afiija e lastime. E eu não posso encobrir, nem dissimular os clamores e vozes que dão as minhas ovelhas chorando e sentindo a falta do sustento espiritual que padecem, pois pessoalmente com a vizita que fiz n'este vasto arcebispado,convidando-as com jubileos e pregações a se confessarem e comungarem, experimentei quão justificado é o seu sentimento.

E por que não cessa, antes cada vez crece mais por cauza de se multiplicarem os incomodos, é precizo buscar-lhe remedio, não retardando, ou dilatando mais esta suplica a Vossa Magestade, em o que me parece faço a

---

(1) Ne (inquit Graffiis in Appendice aureo de pervigili cur. Praœl. cap. 4 n. 48) aliquam de sibi ovibus commissis perdat, cp. in scripturis 8. q. 1. 7. q. 1. cp. Suggestum et cap. seq. Item ne lupus rapax eos invadat 2. q. 7. cum pastoris.

(2) Idem Jacob de Graffiis ubi S. n. ibi: et si animarum iectores suam solicitudinem adhibere decint. C. Suos subditos, eo maxime illam eos ad lub. oportet erga ea quœ ad fidem catholicam integre inviolabiliter servandam pertinent.

Vossa Magestade mui grato serviço, pois solicito a sua clemencia e piedade em materia de que sem duvida ha de ter Deos muita gloria, e muitas utilidades as minhas ovelhas. E tão nobilissimos fins, como são o da honra de Deos, e salvação das almas, sempre tiveram bom acolhimento nos principes e monarcas soberanos, de sorte que estranham não procurarem o seo patrocinio : e sirva de exemplo a carta de el-rei Felipe II, escrita em Lisboa a 27 de Maio de 1582 ao arcebispo de Lima, do qual se queixa por lhe não dar conta das vexações e danos que experimentavam os indios. Solorzan. tom. 1° fl. 406 n. 34. ibi :

Ifuera justo que vos y vuestros antecessores como buenos y cuydadozos pastores huvierades mirado per vuestras ovejas, solicitando el cumplimiento de lo que en su favor está proveido, o dandonos avizo de los excessos que huviesse, para que los mandassemos remediar, y se cumpliesse nuestra voluntad... para que mediante su divina gracia, y la predicacion del Santo Evangelio puedan salvar-se.

Assim como a jurisdição temporal das ilhas e conquistas ultramarinas pertencentes a Vossa Real Magestade como rei e senhor d'ellas, assim tambem lhe pertence a jurisdição espiritual das mesmas como governador e perpetuo administrador da ordem de Nosso Senhor Jezus Christo, a qual jurisdição concederam os summos pontifices, e particularmente Julio III, por bulla passada em 4 de Janeiro de 1551 a el-rei D. João III, em que juntamente unio á real corôa de Vossa Magestade o dito mestrado e os de Santiago e Aviz com plena doação de todo o direito, autoridade e poder dos ditos mestrados e ordens assim nas couzas espirituaes, como nas temporaes, com tudo o mais que ás ditas ordens pertencesse, como direitos, jurisdições, castelos, lugares, ilhas, frutos, reditos, emolumentos, dizimos, etc.

Por virtude pois d'essa bulla pertencente a real fazenda de Vossa Real Magestade os dizimos d'este arcebispado da Bahia, que com efeito se cobram por seus ministros na fórma que lhes está ordenado. A aplicação que d'elles se fazem em direito é para as igrejas e ministros d'ellas em

ordem a se edificarem, ornarem aquellas, e se dar n'ellas culto e veneração ao Nosso Supremo Senhor, e a que hajam pessoas certas que administrem e façam administrar aos fieis os sacramentos e celebrar os oficios divinos : e ainda que os summos pontifices concedam a alguns monarcas e reis, por motivos que a isso os move o direito dos ditos dizimos, é com a obrigação de cumprir com os encargos por que se faz a contribuição dos ditos dizimos,(*) cuja obrigação se collige da dita bulla de Julio Terceiro inserta nos estatutos da ordem de Christo, ibi :

«Volumus autem quod magistratus ipsi debitis propterea non fraudentur obsequiis, et animarum cura in eis nullatenus negligatur, sed rex . . omnia, et singula eisdem militiis pro tempore incumbentia onera perferre omnino terreatur.

O que, com mais evidencia, se vê da bulla de Alexandre Sexto, expedida a 16 de Novembro 1501, por que concedeo aos reis catolicos os dizimos das Indias e estados do mar Oceano descobertas no mesmo tempo que o nosso Brazil, ibi :

«Nos igitur qui ejusdem fidei exaltationem, et augmentum nostris potissimé temporibus supremis desideramus effectibus...hujusmodi supplicationibus inclinati vobis et successoribus vestris...ut in insulis prœdictis ab illarum incolis, et habitatoribus etsi amplo tempore existentibus, post quam illæ acquisitæ, et recuperatœ fuerint, assignata prius realiter, et cum effectu justa ordinationem tunc diœcesanorum locorum, quorum conscientiam super hoc oneramus, ecclesiis in dictis erigendis, per vos, et successores vestros de vestris et eorum bonis dote sufficienti, exquibus illi prœsidentes, earumque rectores se commodé sustentare, et onera dictis ecclesiis pro tempore incumbentia perferre ac cultum divinum ad laudem Omnipotentis Dei commode exercere, juraque episcopali persolvere possint, decimam hujusmodi percipere, ac licite

(*) Scilicet ob ipsorum benemerita, et servitia in ecclesiam impensa, cap. A nobis 21 de decimis, ubi plures congessit Barb. Vid. Gonz. Telles in cap. Prohibemus de decimis n. 4.

libere levare valeatis... de specialis dono gratiæ indulgemus. Solorz. de Jur. Ind. tom. 2. fol. 498.

E que a sobredita obrigação movesse aos summos pontifices a dita concessão o testificam os estatutos da ordem de Christo, p. 3 tit. 17, ibi.

« Quando a Santa Sé Apostolica concedeu a nossa ordem os dizimos das ilhas, e conquistas ultramarinos, a primeira e a principal obrigação foi para se haver de prover ao culto divino, edificar igrejas, e reparal-as, quando fôsse necessario. »

E assim, conforme ao que fica dito, manifestamente consta, que a tal concessão e doação não foi simples, mas gravando a ordem de Christo, e conseguintemente a real corôa de Portugal, e impondo-lhe por encargo e obrigação de que primeiro, por conta e á custa da real fazenda se edificarão as igrejas e se dotarão com dote suficiente, para que os prelados e ministros das ditas igrejas tenham com que commodamente se sustentar e possam satisfazer ás obrigações annexas ás igrejas, exercitar commodamente em louvor do Omnipotente Deos o culto divino e cumprir com os direitos episcopaes. E a satisfação e cumprimento do dito encargo é de justiça. Solorzan. in 1°. t. fol. 256 n. 42 ibi.

In nostris autem catholicis regibus, ut idem autor ibidem observant, et P. Suar. disp. 18. Sect. 1. n. 7. non charitatis tantum, sed et justitiœ obligatio concurrit, cogitque ut nihil prœtermittere debent, quod ad Indos Christo lucrandos, fidemque in his vastissimis regionibus promulgandum pertineat, eo quod ab Alexandro VI et aliis pontificibus delatum eis, et commissum specialiter fuerat, ut hoc munus tanquam proprium, et peculiare agnoscerent, et curarent.

E se faz mui preciza a sua observancia em razão de ser dirigida a se estabelecer, conservar e augmentar o culto do verdadeiro Deos e a fé e religião christan, em que consiste a maior segurança e certeza da duração e firmeza dos imperios e reinos, ut docet Novella Theodos. et Valent. tit. 2 citada em Solorzano 6° 2, pag. 497 n. 1. ibi.

«Inter cœteras solicitudines, quas amor publicus pervigili nobis cogitationem indixit prœcipuam curam esse

perspicimus veram religionis indaginem, cujus si cultum teneri possis, iter prosperitatis humanœ aperitur inceptis.

E para que este fim se consiga é muito proprio das magestades e monarcas soberanos anteporem o serviço de Deos, e da igreja á utilidade que lhe pudera rezultar dos dizimos que lhe concedeo a Sé Apostolica. Assim o fazem os reis catolicos, como adverte Solorzano no dito tom. 2, fol. 501, n. 28.

Porro tantum absint quod reges nostri ex his decimis aliquod compendium temporale pretenderint, ut vel ipsi iidem Ferdinandus et Elizabeth, qui dictam bullam impetrarunt ex suis redditibus omnes spirictuales, et ecclesiasticas Indianun functiones, expeditiones, et missiones suppleverint, prout et hodie eorum successores faciunt congrua quingentorum millium marapetinorum Episcopis assignata, et respective aliis prebendariis, et beneficiariis similiter, ubi nullœ vel minus sufficientes decimœ colliguntur. Et ubi sunt sufficientes eas eisdem ecclesiis liberaliter relinquendo, duabus tantun novenis partibus sibi reservatis.

Pelo que Vossa Real Magestade para satisfazer ao dito encargo tem determinado, que do rendimento dos dizimos d'este arcebispado se satisfaçam as congruas, que estão consignadas ao prelado, capitulares, da sé, parocos, e coadjutores, encomendando a seus ministros que as paguem inteiramente sem diminuição, ainda que nas rendas, por que se remata o contrato, a haja.

Porém como as igrejas d'este arcebispado em razão de ser vasto e dilatado são mui poucas para efeito de se apacentarem com o pasto espiritual as minhas ovelhas, e as congruas que actualmente se pagam são limitadas, e com ellas se não podem competentemente sustentar as pessoas a quem estão consignadas, de que rezulta grandes serviços de Deos, por que os fieis não satisfazem ás obrigações de christão como lhes convém para se disporem a salvar, nem os ministros eccleziasticos podem cumprir com as que lhe competem cabalmente, sou obrigado a reprezentar a Vossa Magestade os inconvenientes e necessidades que se experimentam, a que se deve acudir com a brevidade que pedem tão graves e extremas necessidades.

E para assim o fazer não só me move o encargo que na bulla da concessão dos dizimos se põe aos bispos, ibi:

«Juxta ordinationem diocenorum, quorum conscientias super hoc oneramus, e as determinações do sagrado Concilio Tridentino sess. 21, de Reform. cap. 4 et sess. 24 cap. 13 et alibi, onde está determinado, que havendo algumas catedraes, cujos ministros não possam passar decentemente pela tenuidade dos frutos, e havendo algumas igrejas, em que por cauza da distancia, e dificuldade dos caminhos os parochianos não podem sem grave incommodo assistir n'ellas aos oficios divinos, e receber os sacramentos, se procurem acrecentar os rendimentos e instituir novas parochias, mas além de tão ingentes cauzas me move tão bem o grande zelo, e particular cuidado com que Vossa Magestade e os serenissimos reis seus antecessores atenderam sempre a dilatar n'estas conquistas a fé catolica, procurando o maior bem das almas, sendo frequentes as recomendações que por este respeito se digna Vossa Magestade fazer aos prelados, aos quaes agradece o zelo que mostram n'este particular, como consta de uma carta escrita em 18 de Fevereiro de 1695 a meu antecessor, ibi:

«Pareceu-me vos devia agradecer em carta particular o cuidado, zelo, e trabalho com que vos tendes havido na vizita do vosso arcepispado, no augmento das missões, e na diligencia de procurar o maior bem das almas. Fica-me muito na lembrança este serviço, que sendo feito principalmente a Deos, de quem deveis esperar a maior remuneração, eu o tenho, e avalio por muito particular para o interesse, e conservação dos meus dominios.»

O dito meu antecessor o illustrissimo arcebispo bispo de Miranda já deu conta a Vossa Magestade da necessidade que havia de se erigirem de novo algumas parochias, e foi Vossa Magestade servido responder a esta suplica com a carta seguinte, escrita em Lisboa no dia 18 de Fevereiro de 1695.

«Reverendo em Christo Padre Arcebispo da Bahia. Na consideração do que me reprezentais acerca das parochias, que entendeis ser necessario erigir de novo e da que ao mesmo tempo fazeis da falta de meios para se es-

tabelecerem na fórma que convém ao serviço de Deos, nosso Senhor, e meu, me pareceo dizer-vos, que em uma e outra couza se conhece o vosso zelo com todos os acertos da prudencia, que eu sempre confiei de vós ; e pois tendes procurado acudir com os remedios que se vos ofereceram para aquella necessidade, e é razão que eu da minha parte vos ajude com todos aquelles meios que couberem nos termos em que se acha d'essa parte a minha fazenda, ordeno ao meu governador, e capitão general d'esse estado, que com a assistencia dos meus procuradores da corôa e fazenda confira com vosco estes meios, e vos encomendo, que vos ajusteis em os conferir com elles, procurando que se destinem em primeiro lugar para as terras, que necessitarem mais das taes parochias, e que os moradores de algum modo concorram para ellas com algum subsidio, que sendo de utilidade a suas almas faça mais suave o encargo que acresce a minha fazenda, que toda se acha carregada de consignações necessarias para a conservação d'esse estado. E com avizo, que espero me façais do que rezultar d'esta conferencia, mandarei pela parte a que toca passar as ordens necessarias para a sua execução.»

Porém, como ainda permaneça, e haja similhante necessidade, e da dita carta, e de outras muitas se manifesta ser Vossa Magestade servido de que se lhe noticie, e proponham os meios convenientes, com que cresça o serviço de Deos, e bem das almas, expenderei n'este papel os que se consideram mais uteis para o dito fim, que são erigirem-se novas parochias com parocos, e coadjuctores como nas que já estão erectas, e acrescentarem-se aos capitulares da sé, e aos parocos e coadjutores os ordenados.

Dos motivos que ha para no arcebispado da Bahia se crearem novas igrejas parochiaes com parocos e coadjuctores ; e de se porém nas que tiverem grande distrito os coadjutores que mais forem necessarios.

Senhor. Este arcebispado conprehende 40 igrejas, cujos parocos, Vossa Real Magestade como padroeiro

aprezenta, e lhes manda assistir com congrua de sua fazenda, e 4 mais, que são sómente curatos, cuja creação ainda não foi aprovada por Vossa Magestade e aos parocos d'elles dão os freguezes a congrua em que se ajustaram, que ordinariamente é a mesma quantia que tem um dos outros parocos.

N'estas 44 igrejas ha mais de 90,000 almas.

O numero dos freguezes não é igual em cada uma, e o mesmo é a respeito das distancias, porque umas freguezias tem maior termo do que outras.

Para se erigirem, e de novo se instituirem vigararias são necessarios concorrer duas circunstancias, a saber: *distancia do lugar* e *dificuldade dos caminhos*, de que rezulte detrimento, e incommodo aos fieis em ordem a recepção dos sacramentos, e assistencia aos oficios divinos; e intervindo as ditas circunstancias concede o sagrado Concilio Tridentino faculdade aos bispos para as sobreditas ereções.

«In iis vero, in quibus ob locorum distantiam, sive difficultatem parochiani sine magno incomodo ad percipienda sacramenta, et divina officia audienda accedere non possint, novas parochias, etiam invicts rectoribus constituere possint.

Ambas as ditas cauzas se acham bem verificadas em todas as freguezias d'esta archidiocese, excepteando as da cidade. Porque o reconcavo da Bahia pela maior parte é cheio de máos caminhos para se andar, porque são montes, outeiros e ladeiras.

A superficie ou solo principalmente nas terras em que se plantam, e produzem cannas, de que se faz o assucar, é terra de tal qualidade (chamam-lhe massapê) que em chovendo fica um lodo que embaraça muito os viandantes; e continuando as chuvas pelo inverno em que ordinariamente duram mais de trez mezes, rezultam taes lamas que quazi é impossivel andar os caminhos, e os que os andam é com perigo, o qual é maior para os que andam a cavallo, porque atolando estes sucede cahirem e sahirem as pessoas dificultozamente dos atoleiros, onde já tem acontecido morrerem algumas.

Além dos rios navegaveis, que são muitos os que

ha no reconcavo, e não poucos d'elles perigozos, ha por entre a terra outros, que suposto no verão ou estão secos ou com pouca agua, no inverno,ou tambem quando chove, abundam de tanta, que é dificultozo passal-os, sucedendo em algumas ocaziões ser tão veloz e precipitado o curso de suas aguas, que é temeridade intentar vadial-os por ser infallivel o perigo. Isto qnanto a dificuldade.

E quanto a distancia, além de ser notoria, é a mais evidente prova, e signal d'ella contar este arcebispado para cima de 600 leguas, e não haver em todo elle fóra da cidade mais que 38 igrejas parochiaes, entrando n'este numero os 4 curatos, a saber: 20 no reconcavo, 6 na banda do sul, e 12 na banda do norte: de sorte que se as ditas freguezias se reparticem em distritos iguaes teria cada uma quazi 20 leguas de terreno, e com efeito, algumas ha que se estendem a mais de 20 legoas, e certamente todas as de fóra da cidade excedem de 2 leguas.

O detrimento que exprimenta o culto divino e o descomodo que padecem os parochianos em razão da assistencia aos oficios divinos, e administração dos sacramentos, por respeito das sobreditas duas cazas é inexplicavel. Por maior se espenderão os que sucedem distando os freguezes dos seus parocos duas leguas, para que por elles se considerem quaes serão os que rezultam de maiores distancias.

Primeiramente ordenam as Constituições, que todas as crianças que nascerem sejam baptizadas até aos oito dias depois do dia do seu nascimento, e que seu pai, ou mãi as façam baptizar nas pias baptismaes das igrejas parociaes, impondo pena pecuniaria os que assim o não cumprirem, e dando faculdade aos parocos para os evitar dos oficios divinos até com efeito ser baptizada a criança. Porém ordinariamente se falta ao cumprimento d'esta Constituição, dilatando os pais os baptismos de seus filhos muitos mais dias dos que lhes é permitido sem valerem as advertencias dos parocos ; e allegam por desculpa o detrimento que lhes sobrevêm dos longos e máos caminhos para a condução das pessoas, o perigo que póde ter a

criança, o qual é maior si faltar quem lhe dê leite no caminho. E se lhes permite mandar baptizar as crianças nas ermidas, ou capelas, que ha no distrito da freguezia, dispondo o contrario a Constituição. (*)E d'esta permissão, ou tolerancia rezulta ao sacramento do baptismo uma notavel indecencia, por que em nenhuma capela á pia baptismal, lugar proprio para a sua administração, e se faz esta em alguidares e outros vazos que pela maior parte por serem de pessoas particulares servem de uzos profanos.

Passando do sacramento do baptismo ao da penitencia, eucharistia, e extrema unção, si bem se advertir, parece impossivel que um vigario e o seu coadjuctor bastem a administrar estes sacramentos aos doentes em freguezias grandes, e estensos limites, acontecendo haver muitos infermos juntos, e alguns de accidentes repentinos, e totalmente mortaes, como frequentemente se experimenta, e ficarem por razão das ditas distancias privados dos ditos sacramentos com evidente perigo de se perderem as almas, sem talvez ser por cauza e negligencia dos parocos, aos quaes se não póde atribuir o dito de S. Francisco Xavier: *Heu, quam ingens animarum numerus vestro vitio exclusus cœlo de turbatur ad inferos*; porque si faltam na administração dos sacramentos é por assim o permitirem as distancias, em que moram as suas ovelhas. Sendo que o grande trabalho que um vigario experimenta na dita administração de algum modo lhe póde grangear desculpa si por sua negligencia faltar a esta obrigação; porque si o infermo morar distante d'elle á distancia que vamos supondo, a saber duas leguas, para lhe vir recado e ir se gasta meio-dia, si não ha lamas, porque então não basta talvez todo o dia e a mesma distancia faz que os que tem a seu cargo o infermo e maxime sendo pobre, inda que a doença seja larga, não avizam ao paroco a tempo conveniente, e o fazem ordinariamente quando se desconfia de sua vida, e si alguns tem a fortuna de os acharem os parocos vivos, e em termos de lhes conferirem os sacramentos, outros são tão mal afortunados

(*) Vide Const. Portuens, fol. 22.

que quando chegam os confessores ou estão mortos, ou destituidos de sentidos que apenas dão materia para uma absolvição condicional, e estes taes já não estão capazes de receber por viatico o santissimo Sacramento.

Outrosim, si quando chamam o vigario é depois de ter dito missa, havendo o infermo de commungar é no dia seguinte, e em tal cazo ou ha de ter o detrimento de ficar aquelle dia e noite fóra de sua caza, e suceder faltar a outra confissão, ou ha de experimentar o descomodo de desandar aquellas leguas, e tornar no outro dia a andal-as para ir dizer missa em caza do infermo, e sacramental-o; e si o tal dia for domingo, ou dia santo de guarda ficam os freguezes sem missa na matriz, si n'ella não houver coadjutor como não ha em muitas, ou estiver auzente, ou impedido. E sem este sacramento da eucharistia morrem muitos infermos pelas maiores dificuldades e contingencias, que a respeito d'elle ha. E só o da extrema unção se administra mais vezes que os outros dois, porque o paroco na primeira vez que o chamam costuma levar a materia d'este sacramento, e então o confere nos termos em que lhe é permitido, ainda que se não administre algum dos outros.

É costume recebido entre os catolicos, e assim o dispõem todas as Constituições do nosso reino, que a communhão annual a que todos os fieis são obrigados se receba na propria igreja parochial, prohibindo-se estreitamente aos parocos não deem licença a ninguem para commungar fóra da sua parochia, a qual os prelados reservaram para si e a não concedem sinão com mui justificadas cauzas. Mas do que se observa n'este arcebispado, rezulta, que nem a quinta parte dos freguezes communga na propria parochia, e sucede que os que então não vão a ella por cumprir com este preceito, a não chegam a vêr em sua vida.

O que se observa pois, *ob distantiam et difficultatem*, é procurarem os freguezes confessores ou da freguezia, ou de fóra d'ella, os quaes com licença do paroco os vão confessar e dezobrigar na quaresma nas capellas, que lhe ficam mais proximas; e aos taes confessores dão os freguezes por agradecimento alguma pitança de dinheiro

ou couza equivalente; e alguns parocos pelo adjutorio que recebem dos taes confessores, repartem com elles das conhecenças que cobram das pessoas, a quem os taes confessores dezobrigam.

Quanto ao preceito de ouvir missa, sem temeridade se póde afirmar, que nos domingos e dias santos, em que se deve ouvir, a não ouve a decima parte de todos os freguezes, comprehendendo n'este numero não so os que vão ás matrizes mas ainda ás capellas. E sendo obrigados a ir por preceito ás igrejas o não fazem, como as frequentarão em outros dias, e irão assistir aos oficios divinos? Daqui nasce vêr um paroco mui poucas vezes muitas das suas ovelhas, e não saber que vivem muitas em pecados publicos e escandalozos para lhes pôr o remedio conveniente á sua salvação. (*)

Rezulta mais não terem uns freguezes noticias dos outros por viverem distantes entre si, e faltarem em ir ás igrejas nos dias de preceito, aonde pela frequencia de se verem n'aquelles dias podiam ter communicação e amizade, e sucede por este respeito não se descobrirem os impedimentos de alguns contrahentes, quando se lhe fazem as denunciações para cazar e contrahir-se o sacramento do matrimonio nullamente, como ha poucos annos sucedeu na freguezia de Maragogipe do reconcavo d'esta cidade.

Esta freguezia (além de outras) contém 4 lugares não só distantes da matriz, mas tambem uns dos outros a saber: a barra de Pero-guaçú, Taporandé, Capanema e Nagé ou rio da Caxoeira. D'estes lugares ordinariamente não vai pessoa alguma á matriz nos domingos e dias santos ouvir missa, porém si alguma pessoa dos ditos lugares se houver de cazar na matriz, se lhe hão de fazer as denunciações como está disposto nas constituições.

(*) Et si jure divino, ut probavi in cap. 3 de cler. non resid. pastores tenentur cognoscere vultum pecoris sui, suosque greges considerare, quomodo cognoscent quos numquam in sua ecclesia viderunt? Gonz. Telles in cap. In dominicis de parochiis num. 11 ad finem.

E não póde suceder ter o contrahente, v. g., impedimento em Capanema, onde sómente é publico e não se descobrir o tal impedimento, porque nos dias em que as denunciações se fizeram, não estavam na matriz pessoas d'aquelle lugar, e os contrahentes celebrarem matrimonio com impedimento ? Assim aconteceu.

Eram cazados Antonio Ribeiro e Catarina Pereira, freguezes da dita freguezia : muitos annos viveram separados sem trato nem comunicação ; elle morando em Capanema, que dista legua e meia da matriz e ella em outro lugar, mas da mesma freguezia.

Intentou esta pobre mulher cazar, e com efeito estando vivo o primeiro marido o conseguio, precedendo denunciações na dita matriz, cujo paroco os recebeu, e o novo contrahente era tambem seu freguez. E na mesma freguezia viveu a dita mulher alguns annos com o segundo ou imaginado marido, até que descobrindo-se esta culpa foi ella preza no anno 1708 e remetida ao santo oficio e sahiu no auto de fé, que se celebrou em Lisboa no anno seguinte de 1709.

E si em distancia de duas leguas se experimentam os incommodos propostos, assim a respeito dos parocos na administração dos sacramentos, e mais funções parochiaes,como a respeito dos freguezes na recepção d'elles, e obrigação de ouvir em dias de preceito missa e assistir aos oficios divinos, faltando as obrigações dignas de um christão, quaes serão os que rezultarão da distancia de trez, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, vinte, trinta, e mais leguas, pois de todas estas distancias ha freguezias n'este Brazil ?

E distante d'esta cidade cinco legoas principia uma, cujo distrito se estende a mais de vinte cinco, sendo dignos de compaixão, e de se chorar com lagrimas de sangue os efeitos que rezultam dos sobreditos inconvenientes, pois parece, que vivem os homens esquecidos da sua salvação com temor de Deos, enlaçados em vicios e em pecados, omitindo os meios de se salvar, e abraçando os da perdição.

Mas ainda são dignos de maior compaixão e lastima os sobreditos inconvenientes considerados nos escravos,

que é o maior numero de almas, de que consta o meu arcebispado.

Já acima dice, que haveria n'elle mais de 90.000 almas, e d'este numero certamente posso afirmar que muito mais de 50.000 são escravos: e não é encarecimento, porque na cidade o serviço interior e exterior das cazas é feito por escravos, e fóra d'ella no reconcavo e sertão, elles são os que cultivam, e tratam das canas, tabacos, mandiocas, gados, e dos outros frutos que no Brazil se produzem ; os que trabalham nos engenhos, e fazendas; os que fazem quanto serviço ha; porque os que não são escravos (exceptuando os pobres e mizeraveis) só servem de determinar aos escravos o que hão de fazer ou sejam seus senhores ou feitores de seus senhores; de sorte que si uma fazenda de cannas ha mister 20 escravos para se cultivar, não carece mais que um feitor para governar estes, e dispôr o que se ha de fazer. E em confirmação de ser muito grande o numero dos escravos, consta que n'esta cidade da Bahia no anno de 1703 enterrou o esquife dos pretos da caza da Misericordia (em que se não enterram mais que pretos, e geralmente são estes escravos) 544 e a tumba da mesma caza (como era para pessoas livres e escravas) 265.

E no anno de 1711 enterrou aquelle 600 e tantos, e esta 300 e tantas pessoas. E quantos serião os que por não serem baptizados se enterraram no campo?

Acresce, que um anno por outro da costa da Mina, e de Angola entram mais de 2.000 escravos n'esta cidade da Bahia, e nas embarcações que os vão buscar a aquellas partes.

E Vossa Real Magestade, reconhecendo que os escravos eram dignos de maior atenção, fez sempre d'elles particular recommendação aos prelados assim a respeito do seu bem espiritual, como do temporal. O que se vê da carta seguinte escripta em 23 de Fevereiro de 1693.

«Reverendo em Christo Padre Arcebispo da Bahia Amigo.

Ainda que da vossa pessoa fico, que poreis grande cuidado em tudo o que fôr de vossa obrigação como o maior

bem das almas, e o amor dos proximos, me pareceu recommendar-vos, que mui particularmente procureis saber si aos escravos que assistem nos engenhos, e nas mais partes em que seus senhores os costumam mandar trabalhar se lhes assiste com o pasto espiritual, e se lhes fazem aquellas doutrinas, que são necessarias para saberem o que devem saber todos os fieis christãos para a sua salvação : como tambem si os senhores os tratam com crueldade no castigo ou dando-lhes trabalho tão excessivo, que exceda as forças da natureza humana, para que a todo façais dar o remedio que fôr conveniente. e que póde ser da vossa obrigação, e assim tenham os escravos toda aquella doutrina que se lhes deve dar, e se lhes não falte com o pasto espiritual, nem com elles o trabalho, e castigo se exceda o que póde ser licito, sem se peccar contra o amor do proximo.»

Em outra de 18 de Fevereiro de 1695, diz Vossa Magestade:

«Espero, que me avizeis si para os escravos assistirem ás doutrinas lhes determinastes dias certos, por que tendo-os e sendo os senhores obrigados a mandal-os a este santo exercicio, os não perderam com o curso do tempo.»

E pois Vossa Magestade recommenda mui particularmente procura saber, si aos escravos que assistem nos engenhos, e nas mais partes em que seus senhores os costumam mandar trabalhar, se lhes assiste com o pasto espiritual, e se lhes fazem aquellas doutrinas, que são necessarias para as saberem, em observancia d'este real decreto, sou obrigado a dizer a Vossa Magestade o que tenho alcançado e sabido, assim pela vizita que fiz em todo o arcebispado, como pela experiencia que tenho em dez annos que n'elle assisto.

Começando pela doutrina digo,que d'ella são necessitadissimos assim os escravos infieis, que vem da costa da Mina, como os já baptizados. Chegam aquelles a esta cidade em uma embarcação, que traz duzentos, trezentos, quatro centos, e mais : o que fazem as pessoas a quem vem é tratar de os vender logo, e sucede as vezes em menos de oito dias estarem vendidos todos, e outras vezes dilata-se mais a sahida. Os que os compram, ou

seja para se servirem d'elles na cidade, ou em suas fazendas fóra, devendo em primeiro lugar tratar de os instruir nos misterios da fé para serem baptizados com todo a brevidade, ao menos até seis mezes, como Vossa Magestade dispõe na seguinte ordenação lib. 5 tit. 93.

«Mandamos que qualquer pessoa de qualquer estado, e condição que seja, que escravo de Guiné tiver, os faça baptizar, e fazer christãos do dia que a seu poder vierem até seis mezes, sob pena de os perder para quem os demandar.»

O de que principalmente tratam os ditos compradores é de os porem ao trabalho; e descuidam-se tanto de lhes ensinar a doutrina christan, que poucos são os que tem a fortuna de serem baptizados dentro de um anno. Si hoje se quizesse vêr o numero dos escravos que estão por baptizar, achar-se-ia por todas as freguezias grande numero d'elles com dois, trez, quatro e mais annos de existencia entre christãos sem estarem capazes de serem baptizados por falta de suficiente instrução; e a todos é manifesto as muitas crianças, que continuamente se baptizam, filhas de pretas infieis, as quaes geraram muito depois de estarem n'esta terra. Por esta dilação que se tem com os pobres infieis são muitos os que morrem no paganismo e se enterram no campo.

Pois os mizeraveis que quando se lhes acaba a viagem chegam infermos, magros e famintos da dilatada navegação, ou de alguns axaques que lhes sobrevem no mar, como bexigas, sarampo etc., certamente morrem para o inferno, porque são mui poucas as pessoas a quem os escravos vem, havendo-os de vender, que em quanto os têm em seu poder os mandam ensinar, e instruir na fé, inda que a venda se dilate por muitos mezes. Acresce á respeto dos ditos infermos e magros não se achar muitas vezes pessoas que lhe saibam a lingua, para por interpretes serem instruidos; de sorte que por isso, e pelo pouco cuidado que commumente se tem de seu bem espiritual, inda que mizeravel, dê signaes de morrer infallivelmente, nenhuma diligencia se faz porque se baptize. São tambem necessitadissimos os já baptizados da doutrina, porque se lhe não faz a que é necessaria, e que todo o

christão é obrigado a saber para se salvar. E ainda que os prelados tem disposto e determinado dias para os parocos lh'as fazerem, não se cumpre com esta dispozição, e se desculpam os parocos, que a não fazem, porque não vão a ella os escravos. E se impossibilita o proceder-se contra os negligentes com as penas que estão cominadas, em razão que fóra da cidade geralmente todos são negligentes n'esta parte; por ser dificultozo proceder-se contra o povo todo de uma Republica, quando todo elle é cumplice, assim como é facil castigar dois ou trez delinquentes, sendo elles só os culpados. (1)

As igrejas são mui pouco frequentadas dos escravos nos domingos e dias santos, porque ordinariamente não vão a missa. As confissões não as fazem sinão de anno a anno pela obrigação da quaresma, e dilatam tanto a obrigação d'este preceito, que já se permite durar a dezobriga d'elles até a pascoa do Espirito-Santo. Estando infermos ha grande descuido em se lhe administrar os sacramentos, sem os quaes por negligencia dos que devem tratar tanto do seu bem espiritual, como do temporal, morrem sem receber os sacramentos, e alguns tão mizeravelmente que nem outro preto tem a cabeceira que lhes lembre o santissimo nome de Jezus; sendo que n'esta parte o mesmo sucede aos que não são escravos, porque ordinariamente todos morrem sem assistencia de sacerdotes, porque tanto que estes administram os sacramentos vão-se embora, e a distancia e dificuldade dos caminhos lhe dificultam o tornar á caza do doente, ainda que dure muitos mais dias, para o ajudar a bem morrer, salvo si o doente diz, que se quer outra vez confessar.

Toda a cauza dos inconvenientes ponderados ainda a respeito dos escravos rezulta de serem poucas as igrejas parochiaes, poucos os parocos, poucos os coadjutores e confessores que temos n'este arcebispado, em que finalmente ha extrema necessidade de operarios. (2) E sendo a

---

(1) Tx. in cap. Cum non ignores de prebendis et dignit. *Et licet non possit præ multitudine delinquentium emendari.* Gonz. Telles ad dict. cap. not. 3, super verb. *Præ multitudine* que exorna com outros muitos testos e doutrinas.

(2) Messis quidem multa, operarii autem pauci.

seara tão larga e tão dilatada, e que tanto carece de ser cultivada, faltando n'ella os ministros necessarios, « quantum exitium (diz S. Agostinho) sequitur eos, qui de isto sœculo vel non regenerati exeunt, vel ligati?

O meio pois, que ha para obviar tão grave e extrema necessidade e remediar tantos inconvenientes de tão terriveis e prejudiciaes consequencias para as almas é crearem-se novas vigariarias n'aquellas partes e lugares que parecer mais util e conveniente, consideradas todas as circunstancias que em similhantes erecções e desannexações de freguezes se costumam ponderar.

E porque nem em todas as distancias será util instituir vigararias, mas tambem não é razão que os que moram n'ellas deixem de ter a commodidade de se lhe administrarem os sacramentos, ouvirem missa e assistirem aos oficios divinos, nas distancias (além do coadjutor que precizamente ha de ter cada matriz) se devem pôr outros coadjutores, por ser assim conforme ao sagrado Concilio Tridentino.

E a respeito dos escravos que vem da costa da Mina e de Guiné se deve procurar meio com que hajam pessoas que aprendam as linguas dos oriundos d'aquellas partes, para que, ordenando-se, hajam ministros que pela lingua mais facilmente os instruam na santa fé catolica, e se livrem por este meio muitas almas do inferno.

Estes pois, Senhor, são os meis, pelos quaes se póde esperar; que n'este dilatado imperio braziliense cresça o serviço de Nosso Senhor na salvação das almas; porque assim como em todo o mundo, segundo a doutrina de São Gregorio papa, (*) se multiplicarão os fieis, por que Deos, nosso senhor, mandou por todo elle seus apostolos a prégar a lei evangelica, assim n'esta parte d'elle, erigindo Vossa Magestade novas igrejas, e creando novos ministros, se experimentarão similhantes efeitos. Pelo que instantissimamente suplico a Vossa Magestade se digne por sua real grandeza e piedade mandar executar os meios apontados, concedendo a faculdade e beneplacito para as

---

(*) D. Greg. in lect. 8 S. Francis. Xav. 3 Decemb.

sobreditas erecções. E em minha consciencia acho, que não posso deixar de fazer esta suplica, fundado nas determinações do santo concilio, e na bulla pontificia da concessão dos dizimos, tendo reconhecido todas as dificuldades assim pelas experiencias das vizitas e das rezidencias decennaes, como pelas continuas suplicas, rogos e requerimentos que muitos de meus subditos me fizeram e a meus ministros, afim de lhes erigir igrejas; e si omitisse este requerimento, não cumpriria com a obrigação que tenho de vigiar sobre o meu rebanho e procurar desvial-o dos caminhos do inferno, quando vejo, que se podem precipitar n'elle.

E não tenho com efeito erectas as ditas igrejas, por me não ser possivel alterar o estilo praticado n'este arcebispado a respeito das ditas erecções, que era este.

Aquellas pessoas que sentiam grave descommodo no pasto espiritual rezolviam-se a fazer um ordenado repartido entre todas, para congrua de um clerigo, que como paroco ou cura lhes administrasse os sacramentos. Faziam então ao prelado petição, descrevendo a falta que sentiam na dita administração, as desconveniencias dos longes e dificuldades dos caminhos, e o mais que se lhes ofirecia afim de serem desannexados da freguezia de que eram freguezes, e de se erigir em tal parte uma igreja parochial, para a qual o prelado nomeasse cura, a quem se obrigavam a dar cada anno tanto, emquanto V. Magestade não mandava dar de sua fazenda congrua ao dito cura. A' instancia d'este requerimento mandava o prelado fazer summario, e si lhe constava da necessidade, deferia, creando nova parochia, annexando-lhe por freguezes as sobreditas pessoas, tirando-as da jurisdição do paroco, que até ali os seguia, nomeava paroco e dava licença para se edificar igreja que servisse de matriz, si no tal sitio não havia capellas que as mesmas pessoas, precedendo consentimento do administrador, queriam fôsse matriz. O clerigo que se nomeava para cura depois de estar exercendo recorria a Vossa Magestade, reprezentando lhe a ereação que o prelado havia feito, suplicando a Vossa Magestade fizesse aquella igreja da sua aprezentação, e o nomeasse por vigario d'ella,

e Vossa Magestade (precedendo informação do prelado e do provedor da fazenda real da Bahia) deferia na fórma que se lhe pedia, mandando passar carta para o dito cura ser collado.

Por este modo se faziam as ditas novas erecções e de facto n'esta conformidade se erigiram a 6 annos os dois ultimos curatos de S. Miguel do Rio das Contas e S. Sebastião do Maraú, a cujos parocos ainda os freguezes pagam os ordenados, por Vossa Magestade não ter feito as ditas igrejas da sua aprezentação, sobre o que já pendem requerimentos.

Dice não ser possivel alterar o estilo praticado n'este arcebispado, porque a alteração havia consistir em que aos curas não pagassem os freguezes, e não seria facil achar sacerdotes que sem estipendio se queiram encarregar do onerozo cargo de curar almas, porque onde não ha interesse que facilite as difiduldades, não ha valor que alente a vencel-as. E duvidam já os homens pagar ordenados aos novos curas, ainda que recebam evidentissimas utilidades e evitem grandes desconveniencias com a erecção de novas igrejas por varios motivos.

1.º Porque seria pagar outro ordenado além dos dizimos, que pagam á Vossa Magestade, que por direito divino e humano são aplicados para satisfação dos ordenados dos parocos, e como Vossa Magestade cobra os dizimos para a sua real fazenda, lhes deve dar os parocos necessarios.

2.º Porque não só hão de concorrer com o ordenado do cura, mas edificar á sua custa igreja e paramental-a do necessario.

3.º Porque posto que a despeza do que cada um ha de dar ao cura, seja limitada, comtudo como é contribuição annual, póde durar tantos annos, que venha a importar muito, como sucedeu aos freguezes de Santo Amaro de Itaparica (e outros muitos), que erigindo-se ali curato, primeiro que Vossa Magestade o confirmasse e assignasse congrua ao cura, se passaram mais de 50 annos.

E esta dilatada confirmação póde ser a razão porque hoje os moradores da Pirajuhia, pertencentes hoje

á dita freguezia de Santo Amaro, sem embargo de me pedirem instantemente lhes fizessem um curato no dito sitio, o que eu reconhecia ser muito precizo por lhes obstar em meio um grande rio, e ocorrerem outros inconvenientes, mandando eu no anno de 1703, achando-me pessoalmente em vizita no dito lugar, declarassem o ordenado que haviam de dar ao cura, se fez rol das promessas do que cada um prometteu e não excedeu ao todo de 16$000.

E' sem duvida, Senhor, que si a cada paroco se encomendar um proporcionado numero de almas, a que elle e seu coadjutor possam administrar com toda a commodidade os sacramentos e ellas possam sem grave detrimento ir ás suas matrizes e procurar o pasto espiritual, se franqueará o caminho do céo, que no estado prezente tão impedido se considera, por que ha parocos, que têm duas e trez mil almas, os quaes por cauza da distancia e dificuldades de que se originam os incommodos apenas poderiam curar duzentas almas. E encarregar o cuidado de trez mil ovelhas, a quem mal o póde ter de duzentas, é expôl-as ao perigo de se desgarrarem do rebanho, porque o pastor as não póde apascentar a todas. Pelo que o que principalmente se deve atender na divizão e repartição de freguezias é a utilidade e desutilidade dos freguezes, a respeito de que sejam bem providos dos sacramentos e tenham toda a commodidade para não faltarem á missa e assistencia dos oficios divinos e não atender a que as freguezias tenham muitas ovelhas, de que rezulte por essa cauza maior lucro aos parocos. Mui bôa repartição de freguezias ao que parece ha no bispado do Porto (*), pois nas poucas leguas que comprehende tem 341 igrejas parochiaes com 174.974 almas, que si se repartissem em numero igual teria cada uma 513 almas; e a comarca da Feira (uma das quatro em que aquelle bispado se divide) contém 74 freguezias, a saber: 22 de 100 até 200 almas; 20 de 200 até 300 idem; 25 de 300 até e 400 e 500 idem; 5 de 700, 800 e 900, e 2 de 1:000.

(*) Vide Const. Portuens. na relação do Sinodo.

E não obstante dita repartição e divizão de freguezia nas constituições do dito bispado fol. 364 se dispõe, que nas freguezias grandes e espalhadas, em que alguns freguezes em numero consideravel, como será o de trinta, tiverem os impedimentos que ali se declararam, os quaes não possam algumas vezes ir ouvir missa e os oficios divinos, ou haja perigo de se lhe não poderem administrar os sacramentos, se façam de tudo autos em vizita, para que, concorrendo as cauzas necessarias, se mandem fundar novas igrejas parochiaes. E si a utilidade ou desutilidade das almas em um bispado, ao que parece bem ordenado e respeito d'ellas, merece tanta atenção, quanto maior sem comparação se deve pôr n'este vasto arcebispado?

Havendo respeito a esta utilidade e desutilidade das almas, querendo se no concilio provincial de Lima celebrado no anno de 1583 determinar o nùmero de almas, que se podia encommendar a um paroco, rezolveram os illustrissimos prelados congregados n'aquella santissima congregação, que em bôa consciencia não podia cometer um paroco mais que a cura de 400 almas; e que com tudo isso não podiam segurar, que para essas quatrocentas bastasse só um paroco. E que nos lugares que comprehendessem 300 ou 200 parochianos se devia pôr vigario. Anda este concilio no 2° tomo d'elles fol. 749 ibi.

« Mature expendentes Patres in hac ipsa urbe jampridem congregati ad synodum provincialem clara voce pronuntiarunt, testatique sunt judicare se non posse uni rectori plures parochianos Indos quam quadringentos tuto committi. Sed neque ipsis ad huc quadrigentis unum sufficere certe se affirmare; cum prœsertim Indorum tributa, quœ doctrinœ titulo positivo exiguntur tanta sint, ut longe plures ministros non raro alere possint. Itaque censemus in quocumque Indorum populo, qui contineat parochianos 300 aut etiam 200 proprium parochum debere constitui. »

Corroborando ditos illustrissimos prelados a sua rezolução, em que os tributos se cobravam d'aquellas pessoas eram tão copiozos que podiam sustentar muitos mais ministros ecleziasticos.

E ainda que para as sobreditas erecções, que suplico a Vossa Magestade se fazerem não é precizo valer d'este fundamento, porque Vossa Magestade aceitou cobrar dizimos, obringando-se a erigir igrejas com os ministros necessarios, assignando-lhes de sua real fazenda dote suficiente, como fica dito, o que se deve entender, posto que os dizimos tivessem mui diminuto rendimento a respeito da despeza que Vossa Magestade fizesse; com tudo para mais se justificar o prosposto n'esta suplica será precizo allegal-o.

Digo pois, que os dizimos que Vossa Magestade cobra n'este arcebispado têm grandissimo rendimento, pois um anno por outro rendem mais de 150.000 cruzados.(*) Deinde a cauza d'este excessivo valor parece, que se ha de atribuir aos escravos, que são os que cultivam as terras por todo o Brazil para ellas frutificarem; e só á custa do seu continuo trabalho de dia e de noite póde o Brazil mandar para Portugal muitos milhões nos estimaveis generos de que carregam as suas frotas. E já que no que respeita ao temporal geralmente os tratam os senhores com pouca caridade, carregando-os de mais trabalho do que podem, faltando-lhes com o sustento e vestido precizo, e castigando-os com demazia; no que respeita ao espiritual, pois estão debaixo da real providencia de Vossa Magestade, e o seu trabalho é de tanta utilidade á fazenda de Vossa Magestade não só nos dizimos, mas nos mais tributos que no Brazil e em Portugal se cobram dos efeitos, espero, que com a brevidade, que pede materia tão importante, mande Vossa Magestade pôr em execução todos os meios convenientes para a sua salvação e maior honra e gloria de Deos e augmento da fé catolica, pois este é o fim que move aos summos pontifices em similhantes concessões, como parece se collige

---

(*) E ja no anno de 1819 se reconhecia a muita utilidade que d'elles tinha a fazenda de Vosso Magestade. Estat. da Ord. de Christo, parte 3ª/ tit. 17 § 2º b. *Sendo o Estado do Brazil tão grande como é e de tanto proveito, a meza mestral e a nossa ordem os dizimos tão imqortante.* E a todo o mundo é manifesta utilidade. Mendo de Ord. militar disp. 1 que II n. 190 b. Ex qua concessione quid est in amplissimis illis provinciis ultramarinis ecclesiasticum huic ordini fuit applicantum, *cujus reditus et fructus exinde in immensum excrescere cernitur.*

da exortação que S. Gregorio Papa fez aos nobres de Sardenha referida por Solorzan. tom. 2°/, pag. 411, n. 28,, ibi :

« Unde magnifici Filii exortor,ut omni cura, omnique solicitudine animarum vestrarum zelum habere debeatis, et quas rationes Omnipotenti Deo de subjectis vestris reddituri estis aspicite. Ad hoc quippe illi vobis commissi sunt, quatenus ipsi vestrœ utilitati valeant ad terrena deservire et vos per vestram providentiam eorum animabus ea, quœ sunt œterna, prospicere. Si igitur impen dunt illi quod debent, vos eis cur non solvitis quod debetis ? »

Dos motivos que ha para acrescentar os ordenados dos capitulares, e mais ministros da sé e de todos os parocos e coadjutores d'este arcebispado.

Senhor. Mas porque os inconvenientes que se experimentam n'este arcebispado tanto a respeito do culto divino, como pelo que respeita á salvação dos fieis não procedem sómente de haverem poucas igrejas parochiaes, mas juntamente rezultam da tenuidade e limitação dos ordenados que estão consignados a todos os ministros ecleziasticos, pouco importará fazer-se creação de novas igrejas, si não houver renovação de ordenados, meio precizo e necessario para a conservação d'aquellas e para que os operarios de tão dilitada vinha se desvelem em a cultivar com mais particular cuidado ; o que não sucederá, emquanto os ordenados fôrem tão tenues, como actualmnte, porque não são suficientes para os prelados e ministros ecleziasticos se sustentarem commodamente, nem para satisfazerem as obrigações que lhe estão annexas e exercerem commodamente o culto divino, e essa lhe é a cauza dos sobreditos inconvenientes, como se mostrará.

O numero dos capitulares d'esta sé são treze, a saber, a primeira dignidade, que é o deão, com 120$ de ordenado ; quatro dignidades mais a 100$ cada uma ; seis conegos a 80$, e dois meios conegos a 40$. Tem o subchantre 40$, cada um dos capellães 20$, e cada um dos quatro moços do coro 12$. O sacristão 12$, o organista

outro tanto, e o mestre da capellas 50$, e 20$ o porteiro da massa.

A cada paroco se pagam 50$, e a cada coadjutor 25$. Para fabica da sé estão assignados 200$ cada anno, e para as igrejas parochiaes 60$. Para cêra, vinho e hostias da sé 122$, e para as mais igrejas 23$220; o que tudo se paga prontamente do contrato dos dizimos, na fórma que Vossa Magestade tem ordenado. E esta é a despeza, que annualmente se faz com a catedral e mais igrejas, a qual com o ordenado dos prelades importa pouco mais ou menos cada anno vinte mil cruzados.

E' certo, que para os ordenados dos beneficios se reputarem suficientes devem ser taes que bastem para o beneficiado se sustentar commodamente, e servir á igreja, cumprindo inteiramente com as obrigações de seu beneficio, e tratar do culto divino como melhor convem para honra, gloria, e louvor de Deos, nosso senhor e tudo isto deve haver nos beneficios d'este Brazil, por que assim o diz expresamente a bulla da concessão dos dizimos, como acima fica mostrado. Mas tambem é certo, que os ordenados acima ditos não são suficientes para as pessoas a que estão consignados se poderem sustentar, antes mui limitados e tenues, respeitando a decencia e estado das sobreditas pessoas, o costume da terra, o preço e o valor das couzas no tempo prezente, motivos segundo os quaes as congruas se denominam suficientes, ou insuficientes. Mas pouco importaria, que fossem taes si ellas não fossem cauza do abatimento e menos respeito e atenção com que se acha n'estas partes o culto divino, faltando-se em os devidos louvores a Deos nosso senhor, e com a veneração e respeito que convem ás igrejas e templos sagrados, e com o cumprimento das obrigações que por direito, bullas apostolicas, decretos da sagrada congregação, concilio tridentino, rubricas do missal, breviario, ritual e cerimonial romano estão annexas aos benificios eclesiasticos, como melhor se conhecerá pela individuação de alguns cazos que se não podem explicar sem grande sentimento, principalmente os que sucedem na catedral aonde o culto divino se devia celebrar com a maior perfeição.

Conforme o uzo da igreja catolica por diverso modo se deve celebrar o oficio divino nos dias de festa, do que nos dias de ferias. Deinde as festas, que ocorrem no decurso do anno umas de um modo, outras de outro se devem celebrar, por que além de que umas são duplices, outras simiduplices e simplices, ainda entre as mesmas duplices ha diversidade por não serem todas do mesmo gráo e ordem, pois se dividem em festas da primeira e segunda classe, e d'aquellas algumas se denominam festas maiores, as quaes tem proprios e particulares ritos e cerimonias; e a diferença que ha nas festas de primeira classe, que se dividem om trez ordens, é por razão do ornato da igreja e altar, da qualidade dos celebrantes, do numero dos ministros e do aparato, como se collige do cerimonial dos bispos, e similhante diferença tem as festas da segunda classe entre si, porém como n'esta catedral falta totalmente o ornato para se adornar a igreja e altar maior *pro diversitate solemnitatum*, tanto aparato se vê n'elle em o dia mais solemne da primeira classe, como nas festas votivas das irmandades.

O em que convem as festas de primeira e segunda classe é que umas e outras devem ter primeiras e segundas vesperas cantadas solemnemente, e na mesma fórma devem ser as matinas e laudes, ex-cerimoniali episcoporum, lib. 2 cap. 1, 2, 3, 4. 5, 6, et 7 et Castaldo lib. 2 sect. 5 cap. 1 et 2, n. 1, aonde expressamente declara, que nas festas de segunda classe se deve fazer o sobredito, ibi:

«Festæ 2ª. classis habent 1ªˢ. et 2ªˢ. vesperas solemnes. Matutinum quoque solemniter celebrabitur et landes, quœ solemniter celebrabitur accenduntur cerei in altari, ipseque celebrans pluviali indutus cantabit nonam lectionem in medio chori et in fine intonabit hymnum Te Deum Laudamus et ad Benedictus theurificabit altare.»

Tambem nos domingos e dias santos de guarda dispõe e ordena o cerimonial, que se cantem sempre vesperas, lib. 2, cap. 3, depois de dar a fórma como se devem cantar vesperas nos dias de maior solemnidade, ibi:

« Supra dicto ordine semper diebus dominicis et festivis, quo a populo observantur, a canonico hebdomadario

tam in collegiatis, quam in cathedralibus ecclesiis, absente episcopo, vesperarum officia celebrantur.»

Por ser o sobredito ordenado e disposto no ceremonial, parece se devia observar inviolavelmente. Porque o summo pontifice Clemente VIII, por cujo mandado se emendou, e reformou o dito ceremonial, aprovou as rezoluções d'elle e mandou, que se obsérvasse em toda a igreja universal, impondo a esse fim preceito, ibi:

«Id circo ceremoniale episcoporum hujusmodi jussu nostro emendatum, et reformatum motu proprio, et ex certa scientia, ac de apostolicœ potestatis plenitudine perpetuo approbantes, illudque in universali ecclesia ab omnibus, et singulis personis ad quas spectat et in futurum spectabit perpetúo observandum esse prœcipimus, et mandamus.»

E o mesmo determinou o summo pontifice Innocencio X, por quem tambem o dito ceremonial foi reformado in Bulla quœ incipit et si alias 30 Julii 1650.

Porem n'esta metropolitana Bahiense se não observa do sobredito mais do que cantarem-se as 1as. (e não as 2as.) vesperas das festas da 1^{a}. e 2^{a}. classe, sendo igual a solemnidade de umas e outras. E si algumas vezes se excede nas festas mais solemnes, é sómente o excesso em acompanharem quatro conegos ao capitulante, indo só nas outras dois. E assim se não cantam n'esta sé 2as vesperas, nem matinas, nem laudes (excepto nas noites de Natal, e da Resurreição, e ainda n'estas duas noites se cantam matinas modo insolito, por que se cantam os psalmos com intermediação de orgão, e um verso canta o coro, e outro o toma o orgão, repetindo-o um cantor em voz intelligivel, sendo isto totalmente abuzo em repugnar á dispozição do ceremonial, pois só no fim dos Psalmos, e alternamente nos versos dos hymnos, e dos canticos da Magnificat, et Benedictus se ha de tocar) e só se entoam as ditas 2as vesperas, matinas, e laudes do mesmo modo que se reza o oficio de qualquer feria inter annum. Com que no modo de rezar o oficio da Epiania, Ascenção, e Pentecoste, v.g., e o de uma féria qualquer que seja não ha nenhuma diversidade. Não se observa tambem cantarem-se vesperas nos domingos e dias

santos de preceito, salvo si são festas de apostolos, porque são da 2ª. classe.

A's inobservancias do oficio divino segue-se declarar as que sucedem na missa, a que são obrigados assistir os capitulares, pois similhantes congregações foram instituidas para assistirem á celebração do santo sacrificio da missa, e a reza das sete horas canonicas, como notou Barbos. de Canon et Dignit. cap. 34, n. 1, ibi:

«Nam hujusmodi collegia ob h nc rationem instituta sunt, quo simul dum missa acrum cantu celebratur septemque horarum canonicarum preces recitantur,intersint.»

A missa pois, que todos os dias se ha de celebrar nas catedraes nas horas prescritas nas rubricas do missal, (chama-se conventual) deve ser solemne; isto é, celebrada com ministros e com canto.

Castald. lib. 2 sect. cap. 2, n. 2, distinguindo varios generos de missa, falando das conventuaes diz, que posto que para se denominarem taes se não requeiram necessariamente ministros e canto, com tudo as que se celebram nas catedraes são n'esta fórma.

«Conventuales sunt illæ, quœ dicuntur in collegiatis ubi est plurium congregatio sacerdotum in eadem ecclesia celebrantium. Istiusmodi autem missa licet ut plurimum max.*in cathedralibus, et maioribus ecclesiis solemniter cum minitris et cantu* celebrantur, non tamen necessario hoc requiruntur.»

E depois no lib. 2, sec. 9, cap. 1, n. 1, dizendo que a missa solemne é aquella que se celebra com ministros, rezolve, que tal deve ser a que se celebra todos os dias na catedral:

«Missa solemnis illa dicitur, quæ cum ministris celebratur, quoque in ecclesiis cathedratibus, ac maioribus, quotidie, in aliis vero collegiatis saltem diebus festis belebrari debet.»

Das rubricas do missal se infere e collige mandar, que as missas das catedras sejam cantadas; porque na 1ª parte d'ellas, tit. 3 n. 1, ordena, que nas férias da quaresma, das quatro temporas das rogações e das vigilias, ocorrendo em alguns dos ditos dias festa duplices ou simiduplices, ou oitava se cantem nas catedras

collegiadas duas missas, uma da festa post tertiam, outra da feria post nonam.

«In feriis quadragessimœ, quatuor temporum... etiam si duplex, vel simiduplex festum... occurrat, in ecclesiis cathedralibus, et collegiatis cantantur duœ missœ, una de festo post tertiam, alia de feria post nonam.»

Expressando n'esta rubrica o verbo *cantantur*, e assim em sua observancia nos taes dias se devem cantar duas missas. E não bastará dizer ambas ou algumas d'ellas sem canto, porque o summo pontifice Pio V manda em virtude de sua obediencia, que se celebre missa juxta normam, ritum, et modum a se prescriptum in rubricis. Nem obsta, que na rubrica da vigilia d'Ascenção, e em outras particulares de alguns dias falando das ditas duas missas se explique pelo verbo *dicuntur* e não *cantantur*; porque, como notou Gavant. part. 3ª. tit. 11, n. 8, in Rubr. Missalis *verbum Dicuntur explicandum est cantantur ne pugnent invicem duœ rubricœ: altera enim aliam explicat, et posterior á priori pendet.*

Logo, si quando se hão de dizer duas missas ambas devem ser cantadas, não obstante o maior trabalho, em razão do qual parece se podia omitir esta solemnidade, com mui justificado fundamento se deve crêr ser a intenção da igreja obrigar, que em todos os dias nas catedraes sejam as missas cantadas. Confirma-se com a suplica, que o cabido faventino fez á sagrada congregação, pedindo que todas as vezes que houvessem de cantar alguma missa votiva ou de defuntos, ficassem n'esse dia desobrigados de cantar a missa conventual do dia.

De sorte que parece não procuravam, que ficassem izentos de dizer, além da missa votiva, outra conforme o oficio, (*) mas o que pretendiam era não ter obrigação de a cantar, e não deferio a sagrada congregação a suplica. Assim se infere do que diz Barbos. de Canon. et Dignit. cap. 34, ibi :

« Unde fit ut capitulo, et canonicis Civitatis Faven-

(*) Pois ja para o contrario havia prohibição de direito. Tx. in cap. Cum creatura de celebrat. missar.

tinœ petentibus eximi ab obligatione *canendi missam conventualem de die*, quotiescumque, ad die aliam missam cantassent votivam vel defunctorum, Sacr. Rit. Congreg. responderit non posse prœtermitti conventualem de mense Martii 1631. E Gavanto, in Manual. verb. Missa conventualis n. 7 diz, que por dispozição da sagrada congregação não póde prevalecer os costumes de não cantar missa conventual. Ibi: *Neque consuetudo contraria induci potest non cantandi missam conventualem de die. Eadem (scilicet congreg.) 16 Jan. 1627.*

Não obstante pois haver tão justificados motivos para nas catedraes se cantar todos os dias missas (e assim dispôz para o seu arcebispado S. Carlos Borromeo: *In cathedralibus, et collegiatis etiam in ferialibus fit missa cum diacono et subdiacono, si numerus sufficiat, Gavant. ubi Sª. n. 3 ex Prov. 4.)* e se fundam os ditos motivos nas rubricas do missal e rezoluções apostolicas, ordenadas todas á maior honra e louvor de Deos, e augmento da religião christan, n'esta sé metropolitana se falta a esta obrigação. E o uzo, que n'ella ha é, que nos domingos e dias santos, e festas duplices se cante missa, a qual nos mais dias é uzada. Mas nem este uzo se pratica ordinariamente, porque em muitos domingos e dias santos se deixa de cantar missa, e em muitos dias duplices; nos dias santos por não estarem na sé capelães bastantes para irem ao altar com o hebdomadario, e oficiarem na estante; e nos dias duplices, ainda estando prezentes os beneficiados necessarios, deixa o prezidente de mandar cantar missa, havendo respeito a queixa commun e frequente de todos os beneficiados de que não tem congrua competente para tanto trabalho.

Nas férias da quaresma, temporas, rogações e vigilias não só se falta n'esta sé á obrigação de cantar duas missas ocorrendo juntamente alguma festa, mas nem rezadas se dizem ambas. De sorte que féria segunda ante Ascensionem, verbi gratia, ocorrendo algum santo duplex ou simiduples reza-se d'elle o oficio, et post. Não sae da sé a procissão das ladainhas a alguma igreja da cidade, e depois de invocar na tal igreja o santo patrono d'ella, volta a procissão para a sé, onde se dizem as preces,

e acabadas ellas, entra o hebdomadario a dizer missa rezada (que vale o mesmo que privada (*) como nota Gravanto in rubr. miss. part. 1ª. tit. 15), e na dita missa, que é das rogações, se faz commemoração da festa ocorrente por se não ter post tertiam celebrado missa d'ella; e assim se conclue o oficio d'aquella manhan, sem tambem então, nem nos dois dias seguintes na sé, ou na igreja aonde vai a procissão haver pregação, como louvavelmente se estila nas catedraes do reino em similhantes dias de ladainhas. E por este modo se prevertem tão repetidas rubricas, que sobre esta materia estão expressas no missal nas geraes, part. 1ª. tit. 3° et tit. 7°. n. 2, e em muitas particulares que advertio o Gavanto serem oito, sendo que tem declarado a sagrada congregação repetidas vezes, que nenhuma das ditas duas missas se devia deixar de cantar, nem ainda por ser precizo fazer cabido, ou determinar alguma couza necessaria para os negocios e cabido. Gavant. part. 3ª. tit. 11 n. etiam 11, ibi:

« Sacra Rit. Romana Congregatio, die 16 Maii 1622, decrevit non posse omittí altarem ex his duabus missis cantandis ob celebrationem capituli canonicorum. Et iterum hoc idem die 26 Januarii 1627 asseruit, ne duœ missœ etiam ex necessaria negotiorum causa, et capituli omittantur. »

A estes defeitos em materias tão principaes acompanham necessariamente outros. Primeiramente, como as capelanias da sé não têm mais congruas que 20$, se despreza o servil-as, pois chegaram algumas a estar tanto tempo vagas que os prelados, por não haver clerigos idoneos que as procurassem, se necessitaram a provel-as em pessoas meio ideneas; e ha pouco tempo faleceu o padre Francisco Cazado, que, vindo degradado do reino, e suspenso de ordens, foi trez ou quatro annos capelão da sé, no qual cargo se tem provido muitas vezes clerigos de ordens menores, requerendo a ocupação precizamente pessoas de ordens sacras; porque como não são mais que seis, e estes frequentemente dizem as Epistolas e Evan-

(*) Hoc loco notandum est quod missa parochialis sine cantu est privata, non conventualis, de qua his rubricis.

gelhos das missas cantadas, havendo alguns sem ordens sacras, cresce aos outros o trabalho. Mas ainda estando o numero completo de capelães idoneos, sucede repetidas vezes que os taes capelães vão a outras igrejas cantar Epistolas e Evangelhos e lucrar outros benesses, de que tem maior interesse, faltando á assistencia do côro, e obrigação de cantar as Epistolas e Evangelhos sem se lhes dar serem multados na sé, porque a multa de um dia a um capelão é 36$000. E ha pouco annos que em trez ou quatro semanas santas sucessivas, pelos capelães da sé não serem idoneos, se chamaram clerigos de fóra para as cantorias das ditas semanas santas, com notavel desdouro de uma catedral.

Os muzicos, que o mestre da capela traz á sé a cantar regularmente, não só são poucos em numero, mas os menos destros, e que ordinraiamente não são chamados a outras festas.

E a razão é porque não tem mais que 50$000 de congrua, e é obrigado a oficiar as missas cantadas aos domingos e dias santos de guarda, as vesperas das festas em que se cantam as completas de todos os sabados da quaresma e todos os oficios da semana santa, de domingo de ramos até a de pascoa, levando os muzicos á sua custa, os quaes se sugeitam a este trabalho da sé, é para que o mestre d'ella os chame para as festas que vai fazer, em que tem maior utilidade e conveniencia, pois se paga pela muzica de uma festa com vesperas e missa cantada, de 12$000 para cima, e pela de uma semana santa, mais de 70$000. O organista tambem se não satisfaz com o seu ordenado de 30$000, faltando por esta cauza muitas vezes a sua obrigação com grave detrimento da sé.

Estes, Senhor, são por maior os defeitos, que se experimentam em uma igreja metropolitana, aonde os oficios divinos se deviam celebrar com toda a perfeição e decencia, e as rubricas do missal e breviario, e o ceremonial se deviam observar pontual e inteiramente para exemplo das mais igrejas.

Mas si n'aquella se padecem tantos desconcertos e se vêem tantas indecencias, n'estas é sem duvida, que serão muito maiores.

Prouvera a Deos, que m enão tivera mostrado assim a experiencia sem o poder remediar, e algumas vezes tem sido precizo dissimular a emenda e reforma de algumas faltas. como mandar fazer novos ornamentos e consumir os velhos, porque na catedral se permitem similhantes faltas

As obrigações de um paroco, a quem está encommendado o curar almas, diz o sagrado Concilio Tridentino ses. 23 cap. 1 de reformat. que foram impostas por preceito divino e consistem em que rezida para conhecer as suas ovelhas, ofereça por ellas sacrificios e as apascente com a pregação evangelica e exemplo de boas obras, e tenha particular cuidado dos pobres e mais pessoas mizeraveis, e exercite o que mais pertence ao oficio de pastor.

E ha no Brazil paroco que cumpra isto? Quis est hic, et laudabinus eum ? Mas que muito é faltem da sua parte, si lhes falta o devido estipendio merecendo-o, pois «quis pascitem gregem, et de lacte ejus non manducat? Et Dominus ordinavit iis, qui Evangelium annuntiant, de Evangelio vivere, e por isso diz o apostolo S. Paulo, «qui in sacrario operantur, quæ de sacrario sunt edunt, et qui altare deserviunt cum altari participant.

Tem um paroco de ordenado 50$000, como fica dito: quando entra de novo na vigararia começa fazendo uma consideravel despeza, porque ha de comprar caza para morar, (pois nehuma matriz tem cazas proprias nem passagens para os parocos que sucedem) ou alugal-a, comprar o adorno para ella, negros para o seu serviço, cavalo para poder ir administrar os sacramentos, sendo a freguezia de fóra e alguns além do cavalo carecem de canoas com seus remeiros, por que tem freguezes que para ir a suas cazas é necessario passar rios, como sucede nas freguezias de Cairú, Boipeba, Maragogipe, Madre de Deos, Matuim e outras muitas. Depois de feita esta primeira despeza, em vestido e em comer cada anno lhe não bastam trez vezes 50$000.

Logo, si a despeza que faz um paroco excede em tanto a sua congrua, não deve cauzar grande admiração o não cumprirem com as suas obrigações. E por isso elles

em consideração do limitado ordenado, entendem, que ainda que não façam doutrina, como de facto não fazem, nem se reconheça n'elles um grande zelo da salvação das almas que lhe estão encommendadas, bastantemente satisfazem as suas obrigações sómente com dizerem missas nas matrizes, nos domingos e dias santos de preceito, a horas competentes para a ouvirem os freguezes. e com que quando os chamam para alguns infermos, lhes vão prontamente administrar os sacramentos.

Para os parocos terem quem os ajude nos seos ministerios tem Vossa Real Magestade determinado, que em cada matriz haja coadjutor, e além d'este coadjutor manda Vossa Magestade, que nas matrizes de fóra em distancia de duas leguas se ponham tambem coadjutores, assignando para cada um 25$. Porém quanto a esta 2ª parte de haver coadjutores em distancia de duas leguas das matrizes, sendo a provizão por que Vossa Magestade ordena o sobredito passada a mais de cem, não consta que até agora houvesse clerigo que tivesse esta ocupação, e sómente nos lugares onde rezide cada paroco ha um coadjutor, mas não exerce esta ocupação por razão dos 25$, mas por outro interesses a que se lhe obriga o paroco, não por interesses das ovelhas, mas por amor de si para ter quem o confesse. E ainda que os prelados permitam serem coadjutores pessoas menos aptas, nem assim acham quem o queira ser, pois se acham actualmento sem elles, e já de muito tempo, nove ou dez matrizes.

Com o que fica dito (por que seria nunca acabar si, quizesse recontar tudo quanto na materia sucede), clara e manifestamente se vê, que a republica ecleziastica de facto está em grande abatimento, pois se falta n'ella com devidos louvores a Deus, nosso senhor, e nos ministros ecleziasticos se não reconhece um verdadeiro zelo do serviço de Deos e da salvação das missas, dependendo tanto d'estes motivos o augmento da religião e propagação da fé, que professamos.

D'este abatimento é grande cauza a limitada congrua, que se consignou as pessoas ecleziasticas, pois si esta se costuma regular, como já fica dito, atendendo á

decencia das pessoas, ao costume da terra, e preço das couzas, é certo, que de prezente é excessivo o valor assim das couzas de comer e beber, como dos alugueis das cazas, escravos de servir para uzo das cazas, e das serpentinas, medicinas, etc. De sorte que a uma pessoa, que segundo o seo estado é bem que tenha serpentina para andar, e além dos escravos, que para ella se requerem, carece de mais dois ou trez para serviço de sua caza, lhe não bastam 1$000 por dia.

Os ordenados que actualmente se pagam foram taxados a 104 annos, e é de crer, que então se fez esta taxa e se esteve por ella por ser a bastante para congrua sustentação, segunda o estado ea terra, das pessoas e beneficiados (*) e a quantia da dita taxa se reduziria o que era então necessario para um clerigo se sustentar modestamente e a sua familia, e morar em cazas competentes á sua pessoa, que é o que se requer, como se collige da doutrina de Moneta tract. de comut. ultim. volunt. n. 269, ibi:

«Quod ut beneficium dicatur sufficiens alicui clerico, quamvis simplici et sano, requiritur ut valeat beneficium ad minus tantum, quantum est necessarium ad alendum mediocriter, sive modeste se, et unum ministrum, et unum coquum, et ad conducendam habitationem sibi necessarium. Et ibi, á n. 255, assigna varias regras para os beneficios se taxarem.

Mas hoje não basta o ordenado de um capitular para pagar o aluguel das cazas em que morar, e fazer um vestido. E si os ministros de Vossa Magestade, que assistem n'esta relação, tendo 350$ de ordenado e 270$ de propinas

---

(*) E ainda que nos estatutos da ordem de Christo feitos no anno de 1619 p. 3 tit. 15 se vê aprovada a taxa dos ditos ordenados, que se tinham determinado no anno de 1608. *Definimos, e mandamos que na quantia que tem não ha que alterar*, e se não tratou então de acrescentamento. Seria por que no espaço d'aquelles 11 annos não constaria haver excesso no preço das cauzas; sendo que todas as vezes que este se dá ha fundamento para a alteração das taxas; e d'esta opinião é Mendo de Ordinib. Militar. disp. 10 que 5ª n. 36. Etenim licet in definitionibus sit præfixum stipendium, quod commendatariis in singulos annos præstare debent, cum jam diu stipendii taxa fuerit assignata, et rerum omnia pretia sint aucta nam exiguum eis jus favet, ut stipendii incrementum deposcant, ubi ex ecclesiæ ingressu congrua decens non coalescit.

certas em cada anno, além de outros emolumentos, acham que lhes não chega esta quantia á despeza que fazem na Bahia, a um conego a quem por razão do seu beneficio não convém menos decencia que a um ministro secular, não lucrando além dos 80$ do ordenado, mais que 100$ um anno por outro, incluindo n'esta quantia as esmolas das missas, que diz, como poderá bastar tão tenue ordenado? E faz muito a este propozito o que diz Nunes de Cepeda na empreza, Dilexi decorem donus tuœ post. num. 108. (*)

Senhor! Em consideração do que fica dito e proposto, julgo e entendo, que esta igreja metropolitana carece de uma universal reforma, a qual eu e os dignissimos prelados meus antecessores temos intentado pelos meios que nos foram possiveis, lembrando-nos muito da conta que se nos ha de pedir *de commisso nobis grege* e da vigilancia a que nos exhorta S. Paulo, 2 Tim. 4, persuadindo-nos a trabalhar e a dar inteiro cumprimento ao nosso ministerio, porém toda a diligencia foi baldada e ficou infrutuoza, porque permanecem os mesmos inconvenientes e defeitos que tiram o adorno e decencia d'esta igreja, os quaes são já tão antigos n'ella, pois trazem o seu principio das dilatadas guerras do Brazil e de estar por tantos annos viuva e destituida de pastor a mesma igreja.

E assim o unico meio que ha para que se consiga a dita reforma, é augmentar e acrescentar os ordenados, pondo-os em quantia competente ao estado e beneficio de cada um, porque então podem os prelados eficazmente dispôr e ordenar a dita roforma, mandando observar as determinações e decretos apostolicos, as rubricas do missal, breviario e as dispozições do ceremonial e pontifical romano, e tudo o mais que virem é necessario, afim

---

(*) Verdad és que los tiempos eram entonses mas abundantes de frutos y mas varatos. Oy en Espana estan por la mayor parte alterados de modo los precios de vituallas y mercancias, que no se balla a comprar por tres, lo que costava antes uno. Por que a este respeto no crecerá la tassacion de la congrua, estando tan de su parte la razon, y el sentir del concilio? No jungaré yo que en los reynos de Castilla y Andaluzia tiene competente renda para alimentar-se, con la honestidad que piede el concilio, el sacerdote seglar, que por lo menos no goze de sus redditos de 400 a 500 ducados em cada um ano.

de que a disciplina ecleziastica tenha perfeição e decencia que lhe convém, cominando penas contra os negligentes que não cumprirem suas obrigações, e si acazo o forem, podem os pelados proceder contra elles com justificada razão e fundamento, qual é o de ter premio competente pelos ministerios que exercitam, o qual faz vencer todas as dificuldades e embaraços, e pelo contrario, querer obrigar a estas sem premio, é dar cauza a uma desesperação e desobediencia. (*)

Anima-me a proprôr á Vossa Magestade este meio, porque além de que por si mesmo se reprezenta o mais eficaz, está disposto e determinado no sagrado concilio Tridentino, onde se teve particular cuidado de dar remedio para que as pessoas ecleziasticas tivessem sempre a decencia devida e não faltassem ás suas obrigações.

E o remedio é mandar augmentar as rendas assim das dignidades maiores como das inferiores, carecendo ellas do dito augmento.

Assim o expressam os seguintes testos:

O 1°. na sess. 24 cap. 13 de reformat., em que se dispõe o que se ha de fazer sendo as rendas dos bispos tão poucas e limitadas, que não correspondam a dignidade episcopal, nem bastem a socorrer as necessidades da igreja.

«Quoniam plerœque cathedrales ecclesiæ tam tenuis redditus sunt et angastœ, ut episcopali dignitati nullo modo respondeant, neque ecclesiarum necessitati sufficient, examinet concilium provinciale.»

O 2°. na mesma sessão 24 cap. 15, acerca das prebendas das catedraes e collegiadas insignes, que sendo tenues, quer se augmentem ou unindo lhes alguns beneficios simplices ou saprimindo algumas das ditas prebendas.

(*) Ex illo D. Ambros. de Abraham Patriar. lib. 1 c. 2: *sed sicut conservando fuerunt prœcepta ne quid lateret ita etiam proponenda premia ne forte desperaret.*

«In ecclesiis catedralibus et collegiatis insignibus, ubi frequentes, adeoque tenues sunt prebendo cum distributionibus quotidiannis, ut sustinendo decenti cannonicorum gradui pro loci et personarum qualitate non sufficiant, liceat episcopís &»

O 3°. in ead sess. cap. 13 vers. In parochialibus, aonde expressamente se trata dos beneficios, que tem annexo cura de almas, e se conclue, que sendo os seus frutos limitados se augmentem em tanta quantidade que bastem, conforme a necessidade do paroco e da parochia.

« In parochialibus etiam ecclesiis, quarum fructus æque adeo exigui sunt,ut debitis oneribus nequeant satisfacere, curabit episcopus, (si per beneficiorum unionem non tamen regularium id fieri non possit) ut primitiarum, vel dicimarum assignatione, aut per parochianorum simbula, aut collectas ; aut qua commodiori ei videbitur ratione, tantum redigatur, quod pro rectoris, ac parochiæ necessitate decenter sufficiat. »

Si pois Vossa Real Magestade como senhor do Brazil e vigario do summo pontifice e seu delegado, por virtude das bullas da concessão d'estas conquistas, dos dizimos e do padroado real, Solorzano, 2 tom. pag. 512 n. 37 et seg. ubi multos hanc doctrinam docentes refert, mandar observar o sagrado Concilio Tridentino acerca do acrescentamento das rendas, de que tanto carecem os beneficios, poderão estes ser servidos com decencia e perfeição, de que agora totalmente carecem, e não terão os ministros d'esta igreja motivos com que se desculpar em cumprir os seus ministerios.

Entendo tambem, que esta igreja catedral, pois está sita n'esta cidade da Bahia, cabeça dos estados do Brazil, e é metropolitana, d'elle tem pouco numero de beneficiados, porque os conegos e dignidades não exedem de 13, e os capelães são sómente 6.

Todas as catedraes do reino tem mais ministros do que esta, e a catedral de S. Thomé, sufraganea a esta da Bahia, tem dezoito capitulares. Pelo que será muito grande serviço de Deos, que a dita sé se augmente de mais ministros ; e em todo o cazo em observancia do Sagrado Concilio Tridentino sess. 5 de Reformat. et sess.

de 24 de Reform. cap· 8, é bem que novamente n'ella se criem conegos, penitenciario e magistral, ou doutoral.

Senhor ! Tudo quanto n'esta suplica reprezento a Vossa Magestade pertence ao estado da minha igreja, á disciplina ecleziastica, e ao maior bem da salvação das almas, e segundo o sagrado Concilio Tridentino. sec. 21, cap. 8. *Quœcumque in diocesi ad Dei cultum spectant, ab ordinario diligenter curari, atque iis ubi oportnerit provideri œquum est.* E assim me toca dar de tudo conta a Vossa Magestade, por que no juramento da minha sagração prometi fazel-o a Sua Santidade, e como Vossa Magestade é seu commissario, e delegado (*), a quem Sua Santidade transferio o direito espiritual d'estas conquistas, com justissima razão ofereço aos reaes pés de Vossa Magestade esta suplica, em a qual digo muito menos do que na verdade é, porque a diminuição e deterioridade, em que se acha o culto divino e o zelo da salvação das almas, é inexplicavel. Provera a Deos, nosso senhor, que pudera Vossa Real Magestade vêr de mais perto esta igreja, porque seriam mais continuos e frequentes nos olhos e ouvidos de Vossa Magestade as vozes, gemidos, e lagrimas dos christãos, os defeitos nos oficios divinos, indecencia dos templos e altares, e as mais necessidades ecleziasticas, e se commoveria a real piedade e grandeza de Vossa Magestade a mandar remediar plenissimamente todos os inconvenientes. Mas o estar Vossa Magestade tão longe é a cauza do abatimento a que chegou o estado ecleziastico, e foi sempre para esta igreja maior adversidade.

E assim não só pelo que fica dito, mas tambem em consideração de que ainda antes que o summo pontifice fizesse a Vossa Real Magestade livre e plena doação dos dizimos d'estas conquistas na bulla, porque doou a Vossa Magestade. As mesmas conquistas impoem preceito de mandar a ella varões doutos para instruir aos moradores

---

(*) Præfati reges, et aliis habentes similia indulta sunt delegati, imo potius undi ministri Papæ, quia quoties Papa transfert jura spiritualia in laicum etc. Solorzan. 2 tom. fl. 513, n. 41.

na fé, e bons costumes, (*) encomendando n'este particular toda a diligencia Solorzano, 2 tom. pag. 512, n. 36, e com esta condição foi feita a dita doação. Barbos, de offic. et potest. Episcop. p. 1, tit. 3, cap. 2, n. 41, ibi:

« Ex quibus optime colligitur optimo jure potuisse S. Pontificem Alexandrum VI, inter reges Castellœ, (regnantibus in ea regibus catholicis Ferdinando et Elizabetha) et Reges Portugallis (regnante Janne II), devidere terras infidelium, easque eisdem donare sub e a conditione, ut in conversionem prœdictorum infidelium tenerentur mittere personas idoneas, quæ fidem Christi eisdem prædicarent, et suaderent.»

O que Vossa Magestade mui bem reconhece, pois mandando no anno de 1568 determinar a obrigação, que tinha a christandade da India no tribunal da meza da consciencia, n'elle se rezolveo *a'guns exemplos da carestia que a primeira e a principal obrigação era ao negocio da conversão, e competente provimento das couzas ecleziasticas conforme ao direito divino, natural, e pozitivo, e a condição pelas bullas apostolicas se concedeo o commercio das ditas partes aos reis de Portugal,* (*) como consta do mesma rezolução, que vai adiante, a qual foi tomada sómente em consideração do commercio, e não em consideração dos dizimos, porque a respeito d'estes ainda teria mais força o argumento, espero sejam bem atendidos os meios que por

(*) Et in super mandamus vobis in virtute sanctœ obedientiœ, ut sicut etiam pollicemini, (et non dubitamus pro vestra maxima devotione, et regia magnanimate vos esse facturos), ad terras firmas, et insulas prodictas viros probos, et Deum timentes, doctos, peritos, et expertos ad instruendum incolas, et habitatores præfactos in fide catholica, et bonis moribus inbuendum, destinare valeatis, omnem debitam diligentiam in præmissis adhibentes.

Exemplo de carestia:

1.° A provizão d'el-rei Felipe de 8 de Junho de 1590.

Ibi: *Faço saber que havendo respeito a informação que tive do crescimento em que estão o preço e valia das couzas do estado do Brazil, e a D. Antonio Barreiros, bispo do dito estado, não ter mantimento competente para comodamente se poder sustentar, hei por bem fazer-lhe mêrce etc.*

2.° A provizão da creação da Relação ecleziastica da Bahia a 30 de Março de 1678, Ibi: *Com os ordenados competentes para seu sustento, em razão da carestia da terra, e a respeito do que levam os da Rvma secular d'aquelle estado.*

obrigação de meu pastoral oficio, e por virtude do preceito inserto na bulla da concessão dos dizimos proponho a Vossa Magestade na 1.ª e 2.ª parte d'esta suplica, e que com efeito com o real beneplacito e faculdade de Vossa Magestade se criem de novo as vigararias, que parecem convenientes, a fim de que com mais facilidade sejam os habitantes d'este Brazil providos dos sacramentos, e possam ir commodamente ouvir missa ás igrejas, e assistir n'ellas aos oficios divinos, e nas partes mais distantes das matrizes se ponham alguns coadjutores, como parecer mais util. Que se acrescentem os ordenados de todos os beneficiados d'este arcebispado assim os que são da catedral, como os mais todos, atendendo as dignidades, estado, e decencia das pessoas, e a carestia do preço das couzas (pois só por este motivo do preço e da carestia ha muitos exemplos de mercês que Vossa Magestade tem feito). Que se acrescente o numero dos capitulares, e capelães da sé, e se criem conegos, penitenciario, e teologo na fórma do sagrado concilio. Que se prova a sé e as mais igrejas dos ornamentos, de que carecem para sua maior grandeza, e ornato. E finalmente que com efeito ordene Vossa Magestade, que todos os requerimentos, que por parte d'esta igreja metropolitana se fizerem, se lhe difira em seus tribunaes com brevidade, havendo muito particular respeito e atenção nos despaxos que se derem á maior honra e gloria de Deos, e salvação das almas, com que se póde esperar, que mediante a real grandeza e piedade de Vossa Magestade se veja esta igreja mui glorioza, santa, e immaculada.

3.º Uma provizão de 1699, por que por causa da carestia mandou S. Magestade que no Brazil os officiaes da Justiça tivessem o salario em dobro do que está taxado na Ord.

4.º A mercê feita em 1711 ao Corregedor da Bahia em lhe mandar dar attendendo a carestia e decencia de sua pessoa umas propinas, que nunca seus antecessores tiveram.

5.º O acrescentamento dos ordenados dos mestres de campo da Bahia, aos quaes S. Magestade fez proximamente mercê de acrescentar a cada um trezentos mil réis.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO TOMO LIV

PARTE PRIMEIRA

A CIDADE DE MATTO-GROSSO

(antiga Villa-Bella)

o rio Guaporé e a sua mais illustre victima

ESTUDO HISTORICO

PELO

Visconde de Taunay

I

O genial Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez de Pombal e conde de Oeiras, na grandiosidade dos pensamentos com que buscava dar ao pequeno Portugal amplitude de extenso e respeitavel reino, fazendo por meio da ordem e da energia na administração surgir glorias passadas e perdidas, olhou com particular desvelo para o Brazil e nelle vio congregados todos os factores precisos á bem da realisação dos seus mais vastos e patrioticos intuitos.

Cogitou no futuro immediatamente possivel daquelle esplendido imperio-colonia, cujas dimensões de gigante contrastavão com as acanhadas proporções da metropole, á maneira de um filho que nascêra grande de mais; e no correr das acabrunhadoras preoccupações a que o levava a lucta encarniçada de todos os dias contra velhos mas possantes e arraigados elementos de resistencia,

cuidou de assentar as bases de nova e poderosa monarchia na parte do continente sul-americano, em que fluctuavão as quinas portuguezas, para infundir-lhes immenso e inopinado prestigio.

Já era então capital do Vice-reinado a cidade do Rio de Janeiro, (1), que acabára por desthronar de modo definitivo a Bahia de S. Salvador de Todos os Santos, ponto entretanto muito melhor escolhido afim de se vigiar a extensa costa brazileira, tendo as magnificencias da natureza fluminense concorrido para conferir a primazia áquelle centro de população entre todos os outros creados na orla maritima.

A habitos tomados, porém, e a convenções não se prendia o altivo engenho do marquez de Pombal, acostumado a quebrar obstaculos e a derrubar opposições, por mais valentes que fossem.

Voltára, por isso, as vistas imperiosas para Belem, quasi á embocadura do soberbo Amazonas, achando-a, sem duvida, capaz de plenamente satisfazer as ambições do estadista mais exigente e arrojado em seus designios e planos.

Filhas do influxo de uma idéa dominante, as construcções que sem mais demora forão alli emprehendidas, parecem provar, que não era ella intenção vaga e sujeita a hesitações mas, ao revez, depois de solicitamente afagada, germinára inteira no cerebro do omnipotente assessor de D. José I, carecendo só de tempo para se tornar brilhante realidade e dar vida acabada a projecto muito mais difficil, largo e maravilhoso, do que o celebrado commettimento de Pedro Grande da Russia, ao transferir a séde do seu dilatado imperio de Moscow para as margens do Neva.

Tinha por força a colossal iniciativa de se ramificar, e uma das grandes Capitanias do Brazil, que mais de perto experimentárão o influxo do que se estava, não mais delineando, porém sim levando por diante no Grão-Pará com

(1) O primeiro Vice-Rey e capitão general de mar e terra do Estado do Brazil foi o conde D. Antonio Alvares da Cunha, por patente de 27 de Junho de 1763. Chegou ao Rio de Janeiro a 15 de Outubro e no dia seguinte tomou posse do governo.

desacostumado afan, foi a de Matto-Grosso, cujo systema hydrographico septentrional se liga com o da região amazonica e o completa e cuja immensa linha de contacto com as possessões hespanholas continuos motivos dava de inquietação, pendencias,ameaças e até conflictos armados, muito apezar dos desertos e distancias que difficultavão a acção de qualquer das duas potencias rivaes naquellas invias paragens.

A edificação da monumental fortaleza de Macapá em 1764 teve, senão por complemento, pelo menos por contrabalanço a erecção do sobranceiro forte do Principe da Beira, á margem direita do caudaloso Guaporé em 1776, e a impressão de pasmo e admiração do viajante, ao defrontar de repente com essas solemnes e alterosas molles, inseridas em meio da solidão e a desafiarem a incuria dos homens e a destruição dos annos, é ainda hoje, e por muito tempo será, homenagem ao marquez de Pombal, o grande ministro, o Richelieu portuguez.

Ao passo que se tratava de incutir mais força moral mesmo, do que aperceber de defesa effectiva a extensissima divisa, recebia a cidade de Villa-Bella, depois Matto-Grosso, fundada expressamente para capital de toda aquella afastada e larga zona, incremento material expresso em obras, cujas ruinas causão intensa melancolia aos raros que a visitão hoje e, scientes das cousas do passado, ainda encontrão, naquelles outr'ora florescentes páramos, vestigios eloquentes de extinctas grandezas, que jamais nunca voltaráõ.

E, á medida que os tempos vão se desdobrando, perdem esses mesmos vestigios a sua eloquencia e qualquer significação até, chegando afinal dia—talvez bem proximo— em que fiquem de todo mudos e fechados á meditação daquelles que, levados por doloroso estimulo, tentem no estudo e na contemplação de destroços e escombros reconstituir épocas idas e fazer reviver largos e promissores trechos de historia, que findárão em desastres, abandonos e irremediaveis tristezas.

Tudo quanto, aliás, se prende a antigos centros de vida e de actividade, em que as agitações publicas e intimas— e que mundo só nisso!— em que os interesses

moraes e materiaes, as luctas de todos os dias, tão entrelaçadas no seu apparente antagonismo, para sempre, para todo o sempre se transmudárão no silencio e no coma de lenta agonia; tudo quanto nos falla de velhas e desmoronadas cidades, de povoações condemnadas, principalmente nesta parte do globo denominada Novo-Mundo, em que nada parece deixar de respirar louçania, de ser risonho e feliz, de nos fallar de esperanças e de porvir, tudo isso tem para os espiritos retrahidos, ou por indole ou por disposição de momento e effeito de dôr aguda e insistente, uma influencia por tal fórma penetrante e tão suave na sua agrura, que achei especial encanto e indizivel emoção em coordenar umas notas relativas á Villa-Bella, enviadas, a 16 de janeiro de 1876, pelo meu amigo tenente-coronel João de Oliveira Mello e mettidas no meio de papeis que ha pouco revolvi e puz em ordem, classificando uns, apartando outros para ulterior revisão e destruindo muitos.

Quatorze annos já lá se fôrão.... Que modificações poderão ter-se dado? Facil é a resposta.

Casas que desabárão; matto que ainda mais alteou nas ruas; inundações do Guaporé que levárão os restos do cáes de outr'ora e cavárão fundo nas barrancas; esboroados e largos pannos de muralha que tombárão; gente que diminuio (e já era tão pouca!) uns mortos, outros que emigrárão, tangidos pelo desespero e pela falta de recursos; arvores que crescêrão invasoras e á solta, gigantes da floresta em plena povoação, dominando no seu magestoso vigor e na sempre renascente alegria os destroços da obra dos homens, exuberantes e altivos, sobretudo gamelleiras, terriveis estas no rapido engrossar, a se agarrarem ás pedras, a insinuarem por toda a parte raizes, a principio humildes, tenues, delicadas, depois possantes, violentas, derrubando as mais fortes paredes e desaggregando as construcções mais rijas, das quaes retêm, como que por escarneo, no liame de intrincada trama, enormes fragmentos, rochas inteiras suspensas n'uma rêde de finas e pennugentas malhas...

II

Razões de ordem mui particular pessoalmente me prendião, e ainda hoje me prendem, a essa desolada parte de Matto-Grosso e ao moribundo povoado de Villa-Bella, antes, muito antes, até de fazer parte da celebre e infeliz expedição que foi ter áquella provincia e na sua faixa meridional, bem distante, portanto, da larga zona do norte, se moveo e tanto soffrimento curtio, como martyr de mal pensados calculos de guerra.

Datão estas razões da minha infancia, quando meu pai, Felix Emilio Taunay, barão de Taunay, constantemente me fallava desses tristes lugares, testemunhas de um desastre, cuja recordação não mais se lhe apagára do espirito e nem se quer conseguira do tempo a esperada attenuação.

« *Felizes os que morrem moços*, diz Pindaro, *porque sempre serão lembrados.* »

Na verdade, cincoenta annos, cheios das maiores peripecias, já erão passados, e, entretanto, meu pai contava ainda, com lagrimas nos olhos e tremôr na voz, o sinistro que, a 5 de janeiro de 1828, occorrêra nas aguas revoltas do rio Guaporé, á vista de Villa-Bella, arrebatando á existencia seu irmão mais moço Amado Adriano Taunay, em pleno desabrochar do mais precoce e admiravel talento, de que soubéra dar as provas mais brilhantes e promettedoras.

E, incidentemente, levado pela mysteriosa seducção dos lugares muito e muito apartados, no centro de terras longiquas e nas brumas de distancias immensas, me fallava elle nessa Villa-Bella, no palacio em ruinas dos antigos e omnipotentes capitães-generaes, nos frescos que o adornavão, nos paineis que encerrava, reproduzindo trechos inteiros de cartas do audacioso e tão chorado viajante.

No tomo XXXVIII da *Revista do Instituto Historico* narrei já, de que modo fôra Adriano Taunay ter a Matto-Grosso e, como, na exploração que fazia com o botanico

Riedel, cujo nome imperecivelmente se liga ao grande monumento da *Flora Brazileira*, encontrára, por jactancia contra elementos em furia, sinistra morte nas turvas ondas do Guaporé, por um dia de violento temporal.

Julgo, porém, de interesse reproduzir, abreviando e trazendo novas informações, alguns apontamentos daquella vida, que deu motivo a tanto pranto e tão alongadas saudades, tornando-se só por isto credora da sympathia daquelles que conhecem a irresistivel e aplacadora acção dos annos accumulados. Sim, quem mereceu ser chorado tão diuturnamente, tinha por certo em si algo superior ao commum dos mortaes, como que elementos de segura immortalidade, que não puderão chegar á devida e radiosa expansão.

Nasceu Amado Adriano Taunay em Montmorency ou em Paris—não tenho bem certeza—no anno de 1803. Por pouco poderia ter dito com o grande poeta:

> « *Ce siècle avait deux ans: Rome remplaçait Sparte,*
> *Déjà Napoléon perçait sous Bonaparte...* »

Depois dos desastres de Napoleão em 1814 e 1815, meu avô e seu pai, barão de Taunay, Nicoláo Antonio, membro do Instituto de França, possuido de invencivel melancolia pela sorte da querida patria e não querendo assistir a um desmembramento que suppunha infallivel, aceitou, conjunctamente com outros artistas de nomeada, os offerecimentos do marquez de Marialva, em nome do rei D. João VI, para vir fundar uma academia de Bellas Artes no Rio de Janeiro.

Embarcou, com toda a familia no brigue *Calphe* e a 26 de fevereiro de 1816 (1) aportou á capital do Brazil, tendo, na liquidação precipitada dos seus haveres em França perdido grandes sommas de dinheiro e aberto mão de propriedades, que logo depois constituirão elevado cabedal, já pela importancia historica, já pelo valor

---

(1) Esta data é das *Ephemerides brazileiras* do Dr. Teixeira de Mello. Dussieux, no seu livro *Artistas francezes no estrangeiro*, dá 12 de março de 1816; José Silvestre Ribeiro, 6 de abril.

intrinseco. Ao regressar á patria em 1824, de tudo isso teve dolorosa prova, sendo obrigado, para satisfazer impulsos do coração, a alugar por preço exagerado a casa de João Jacques Rousseau, em Montmorency, que lhe pertencêra e, nas vesperas da sua partida, vendêra por uma ninharia.

Não podia ser mais illustre a colonia artistica, que acudira ao chamado do conde da Barca. Tinha por decáno e principal vulto Nicoláo Antonio Taunay, pintor de batalhas, cujos quadros ha muito figuravão, como ainda figurão, nas galerias de Versailles e do Louvre, autor de centenas e centenas de admiradas télas, discipulo de Brenet e de Casanova, *o Nicoláo Poussin da miniatura*, como o chama Charles Le Blanc, na sua *Historia Geral da Pintura* (1); Joaquim Le Breton, secretario perpetuo do Instituto de França, secção das Bellas Artes, primeiro director da Academia do Rio de Janeiro, fallecido em 1819; Augusto Maria Taunay, meu tio-avô, discipulo de Moitte, grande premio de Roma em esculptura no anno de 1792, autor das figuras monumentaes que ornão o arco do Carrousel em Paris e dos baixos relevos e da espiral da columna Vendôme, além de muitos bustos, citados com applauso, dos quaes ainda resta um no Brazil, o de Camões (2); João Baptista Debret, pintor de historia, discipulo de David e que expuzéra no salão de 1808 um quadro notado — *Honneur au courage malheureux*; Henrique Victorio Grandjean de Montigny, discipulo de Percier, architecto de grande nomeada pelos trabalhos feitos em Cassel por ordem do rei de Westphalia; Carlos Simão Pradier, discipulo de Desnoyer, gravador e irmão do celebre esculptor; Neucomm, musico da maior esphera e

---

(1) Possuo, dada por meu pae, uma miniatura, que representa o famigerado e orgulhoso pintor bolonhez Francesco Francia, desmaiando a peso do desanimo e do despeito ante o quadro de Rafael *Santa Cecilia*. É legitima obra prima nas menores particularidades, distinguindo-se perfeitamente o movimento das paixões que dominão uns personagensinhos de 10 centimetros de altura.

(2) Pertence hoje, por donativo de S. M. o Sr. D. Pedro 2.°, ao Instituto Historico e infelizmente está muito maltratado, senão de todo perdido. Não sei quem teve a desastrada idéa de pintal-o de preto, a fiuza de imitar bronze! Ultimamente até fizerão-no cahir da peanha e ficou com a cabeça separada do tronco! Uma lastima!..

discipulo favorito do immortal Haydn; Francisco Bonrepos, discipulo e auxiliar de Augusto Taunay; Francisco Ovide, machinista; João Baptista Level, director de trabalhos de ferraria, Nicoláo Magliori Enout, chefe de obras de serralheiro; Pilite e Fabre curtidores de pelles; Luiz José Roy e seu filho Hippolyto, carpinteiros habeis e outros. Os mais illustres desses artistas vinhão ganhando a annuidade de 800$000 e Lebreton a de 1.600$000, determinada por decreto régio de 12 de agosto de 1816, que fundou a Academia das Bellas Artes. (1)

Em outra parte e mais tarde, contarei as peripecias dessa pleiade de artistas, referindo-me mais particularmente aos membros da minha familia, a qual, logo depois de chegada, comprou, por instigação um tanto imperiosa de meu tio Carlos, o sitio da Cascatinha na Tijuca e lá se foi estabelecer, a principio em um rancho de palha e depois na casinha que ainda existe, formando-se alli uma colonia franceza da mais alta gerarchia — acima da quéda do rio Maracanã, a baroneza Rouan; logo em baixa a gente Taunay, pai, mãi e cinco filhos; adiante, á sahido da garganta, o principe de Monbéliard e conde de Scey, o conde de Gestas, Mme. de Roquefeuil e outros, que começárão com algum exito a plantar café, a colhel-o, e a mandal-o ao mercado, muito embora as continuas chuvas, que a todos os emigrados como que propositalmente amofinavão.

« Et dire, exclamava de continuo meu avô, que c'est le pays du soleil! »

Naquella apertada habitação da Cascatinha da Tijuca

---

(1) Vide José Silvestre Ribeiro. Volume 4°. pag 237 *Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal.* Pelo theor do decreto e pela organisação da colonia de artistas e operarios se vê, que a intenção de D. João VI era implantar no Brazil o gosto das bellas artes e fomentar o desenvolvimento das industrias. Este rei, cujas aptidões especiaes não forão ajudadas pela educação e cujas qualidades magestaticas e de estadista ficárão obumbradas até por simples anecdotas de duvidosa autenticidade, tinha elevadissima intuição artistica e muzical. E' sabido quanto apreciava o grande compositor sacro José Mauricio Nunes Garcia. Ao entrar na esplendida sala, hoje da Alfandega, construida por Grandjean de Montigny, sentio-se tão impressionado, que tirou de si o habito de Christo e o prendeo á casaca do illustre architecto, espontanea recompensa que tem alta significação.

morreu, em 1824,tão repentina quão suavemente meu tio-avô Augusto Taunay (1), e o irmão por tal modo se sentio abalado, que deixou todos os seus interesses já radicados no Brazil e fez-se de volta á patria, levando a mulher e os filhos Carlos e Hippolyto, sem pedir renovação da licença, que o Instituto de França ainda lhe podia dar.

Na Tijuca ficárão Felix Emilio, Theodoro e Adriano.

E embora mais moço de todos, firmára este legitima influencia na familia, já pela vocação e genio na pintura e assumptos bellestriticos, já pela indole intrepida, que o levára a acompanhar com menos de dezeseis annos, em 1818 e na qualidade de desenhista, a expedição, que, sob as ordens do sabio marinheiro Freycinet, devia na fragata *Urania* fazer uma viagem de circumnavegação ao mundo.

Com enthusiasmo irresistivel e que desfez todas as objecções e terrores dos seus, apavorados ante semelhante e tão precoce resolução, abraçou o ardido mancebo aquella occasião unica de ir contemplar a natureza de todo o globo e penetrar-se das suas bellezas e partio a affrontar os perigos e privações, que, de certo, não lhe faltárão.

Tudo experimentou, desde as delicias da vida facil nas ilhas da Oceania, tão pitorescas e rodeadas das lendas mais poeticas – aprendendo a nadar como um peixe com os aborigenes das Carolinas e das Marquezas, donde lhe proveio n'agua enorme segurança, causa final da sua morte—tudo vio e analysou, até os horrores de um naufragio, quando a *Urania*, a 14 de fevereiro de 1820, se despedaçou em um baixio proximo das ilhas Malvinas ou Falkland.

A tripolação, invernando nesses páramos nús e inhospitos, em que o frio tornava ainda mais dolorosa a falta quasi absoluta de alimentos, alli passou quatro mezes de immenso supplicio, á espera dos soccorros pedidos ao primeiro porto a que pudesse tocar a lancha, que havia sido despachada ao Deus dará.

Escasso, como é, o pescado naquelles tempestuosos

---

(1) Depois de lêr por um pouco, encostou a cabeça sobre os braços e pareceo adormecer. Quando o chamárão para almoçar, estava morto!

mares, sustentavão-se os naufragos de gaivotas e outras aves marinhas, phocas e quanto lhes cahia ao alcance da mão. Nem pequena tortura era verem ao longe numerosos magotes de cavallos bravios, tão ariscos, porém, e rapidos em seus movimentos, que só um unico póde ser morto á bala por um cabo de infantaria, depois de um dia inteiro de alcateia atraz de uma rocha.

Quantas vezes eu tambem, eu e o meu bom amigo Lago, na nossa viagem de exploração da base da serra de Maracajú em 1866, não experimentámos essa ironica e cruel decepção, acompanhando com olhos compridos de fome manadas inteiras de gordo e appetitoso gado, que de continuo escapava dos nossos tiros!

Nos sertões do Tieté, annos depois daquelle naufragio e em circumstancias de quasi identica escassez, comparava Adriano Taunay a carne do cavallo montez com a da anta e as achava de sabor muito approximado.

Chegára, entretanto, a lancha a Montevidéo, alugára uma galera americana que recebeu o appellido de *La Physicienne*, e a expedição Freycinet póde estar de volta ao Rio de Janeiro em Junho de 1820.

Durante a viagem de circumnavegação e desconsoladora parada, trabalhára o nosso herói com ardor juvenil e enthusiasmo proprio do seu caracter; mas, como não raro succede, *tulit alter honores*. Na collecção artistica do Sr. de Freycinet, outro nome que não o delle (1) assigna uma multidão de lindissimos e admirados desenhos, evidentemente da sua lavra, ao passo que raros figurão como sahidos daquella adextrada e ductil mão.

Soube disso; em tempo conheceu donde a usurpação partia, mas desprezou qualquer reclamação. Riquissimo de idéas, de posse já de uma experiencia que qualquer

---

(1) Entretanto o parecer da Academia Franceza sobre o valor da obra de Freycinet e se devia ser impressa, parecer assignado por Humboldt, Cuvier, Desfontaines, Gay-Lussac, Biot, de Rossel, Thénard, sendo relator Arago, isto é, os mais altos representantantes da intelligencia humana, indica, ao elogiar as collecções de desenho, com particularidade o nome de Adriano Taunay nos seguintes termos: «.... Surtout Mr. Taunay, fils du peintre célèbre, que l'Institut a l'avantage de compter parmi ses membres.... »

homem invejaria na idade madura além da pratica da vida, sentindo em si borbulhar a seiva da inspiração, conscio da sua força que lhe fizera vencer tantos perigos e do seu talento, pouco se lhe dava com desapropriações que redundavão em homenagem a incontestaveis meritos.

Durante cinco annos conservou-se socegado e feliz, encerrado na casa da Cascatinha e entregue á mais doce e grata convivencia fraternal, empregando o tempo, com seus irmãos Theodoro e Felix Emilio, no estudo dos classicos, em leituras communs de Walter Scott e Fenimore Cooper, no aprofundar das linguas, aperfeiçoando-se em portuguez, dedicando-se á musica e á guitarra em que se tornou insigne, cultivando a voz que tinha bellissima e cobrindo de grandes frescos, inspirados na mais elevada intuição artistica, a sala de visitas do seo placido retiro.

Renovando os maravilhosos caprichos de Raphael nas *loggie* do Vaticano e fazendo da linha curva motivo dos mais estupendos e elegantes arabescos e combinações, pintou o triumpho de Baccho, enchendo de alto a baixo paredes e recantos com o entrelaçamento de todos os attributos daquelle deus, de envolta com dançados de mulheres, que parecem obra do mais correcto pincel da antiguidade. São as minucias adoraveis de gosto e variedade, n'uma symetria admiravel de fórmas no conjuncto, mas diversificando todas nas menores particularidades. Muitas e muitas vezes se repetem as graciosas volutas da lyra grega, que parecem á primeira vista todas iguaes, ao passo que mais attento exame mostra quanto se differenção umas das outras. Ah! de certo, era um grande artista quem, por simples distracção e para occupar o espirito, compoz e realisou tudo aquillo, cuja simples execução material representa colossal commettimento!

Foi, porém, o acaso sempre fertil em aventuras, compellir Adriano Taunay, na sua thebaida artistica, a arrostar novos perigos, de que era tão avida a sua indole; e será a narração desse trecho derradeiro daquella vida razão de mais um capitulo, embora tenhamos pressa de resumir e voltar ao assumpto principal deste opusculo.

III

Em começos do anno de 1825,o consul geral da Russia no Brazil,barão Jorge Henrique de Langsdorff (1),recebeo ordem do Imperador Alexandre I de organisar uma commissão scientifica que fosse, a expensas do seu bolso particular, visitar o interior do Brazil, dirigindo-se a Matto Grosso e regressando pelo Amazonas ao Pará.

Em outro logar (2) já dissemos os titulos que recommendavão especialmente aquelle sabio para empreza de tal ordem. Embora, segundo parece, começasse a soffrer das faculdades mentaes por abusos pouco proprios da sua posição e idade, teve o talento de congregar em torno de si pessoal da mais elevada competencia, convidando Luiz Riedel para a parte botanica, Rubzoff para a astronomica, Christiano Hasse para a zoologica e Mauricio Rugendas, pintor de merito, para a reproducção na téla e no papel de tudo quanto pudesse interessar as artes e sciencias naquella dilatada exploração.

Desconheço o motivo que levou Rugendas a desligar-se, á ultima hora, da commissão ; antes porém apontou como substituto mais que digno Adriano Taunay, que, apezar da quasi impossibilidade de communicações naquelle tempo, se vio logo procurado na propria Tijuca pelo barão de Langsdorff,afim de conseguir a sua acquiescencia.

Vencendo fatidica reluctancia, era de novo meu tio atirado a grandes azares!

No dia 3 de setembro de 1825, partio aquelle grupo de illustres viajantes da cidade do Rio de Janeiro, com destino ao porto de Santos (3), n'uma sumaca chamada *Aurora*, levando mais um companheiro Hercules Florence, encarregado, a principio, da modesta incumbencia de

---

(1) Houve, no Rio de Janeiro, outro barão Langsdorff, mas este ministro de França. Nesse caracter foi que fez o pedido official da mão da princeza D. Francisca para o principe de Joinville, filho do rei Luiz Felippe, a 19 de Abril de 1843.

(2) Tomo XXXVIII do *Instituto Historico*, pag. 340.

(3) Vide tomo XXXVIII do *Instituto Historico*, pag. 355

cuidar das cargas e bagagem, mas depois, já pelas aptidões, já pelo genio brando e affavel, transferido á categoria de segundo desenhista. Fundou este distincto cidadão numerosa e respeitavel familia em Campinas e falleceu ha poucos annos, em 1884 ou 85, ultimo sobrevivente daquella malaventurada tentativa scientifica.

Não foi senão quasi um anno depois da sahida do Rio de Janeiro, a 22 de junho de 1826, que a commissão poude deixar a cidade de Porto-Feliz, em S. Paulo, pois Langsdorff voltára á capital do Imperio e lá ficára muitos mezes, nunca se soube bem porque.

E, no momento da partida para os sertões, ahi se metteu um incidente amoroso, que desfalcou novamente a expedição de mais um membro valioso e teve afinal o mais sinistro desfecho. Violentamente se apaixonára o zoologo Hasse da filha unica do cirurgião-mór Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, (1) morador naquella cidade de Porto-Feliz e já então politico influente na provincia de S. Paulo, e alli se deixou ficar afim de pleitear a sua acceitação. Bem recebido pela familia, que se mostrou favoravel ao enlace, encontrou tenaz resistencia por parte da moça, que a todos os argumentos de convicção invariavelmente respondia : « Só me caso com o Sr. Florencio. » Mezes depois, o pobre Hasse, completamente desanimado, se suicidou, dando em si trinta e tantas facadas, e, em 1829, o Sr. Florencio (Hercules Florence) voltou a Porto-Feliz para desposar aquella que se lhe mostrára tão fiel e foi, com effeito, durante largos decennios a mais dedicada esposa.

Outro episodio — e esse de feição escandalosa — assignalou a sahida da commissão.

Nelle figurou como principal personagem nada menos que o chefe Langsdorff, o qual, acompanhado até ao porto pela melhor gente da localidade e esperado á margem do

---

(1) Esse notavel brazileiro nasceo em S. Paulo a 21 de Dezembro de 1791 e descendia, por parte de pae, de um avoengo do celebre João Baptista Say, o qual viera da Europa como conde de Sarzedas, e do lado materno de Amador Bueno da Ribeira. Casou com D. Candida Maria de Barros e teve uma filha unica. Figurou muito na politica e no parlamento e falleceo a 4 de Julho de 1846. As suas palavras derradeiras forão conservadas: « *Eis o ultimo momento da miseria humana!* »

Tieté pelo vigario, que abençoou, todo paramentado, a expedição embarcada em 32 batelões e canôas, teimou em levar comsigo ostensivamente uma moça allemã, de costumes mais que levianos, fazendo-a embarcar antes de todos n'um escaler em que fluctuava á pôpa a bandeira imperial da Russia.

Geral foi a reprovação, e Adriano Taunay, com os seus impetos altivos e arrebatados, tornou-se vehemente interprete do desgosto e das reclamações dos seus companheiros, manifestando, desde ahi, a intenção de fazer rancho á parte e de seguir sósinho e sobre si, o que afinal realisou no rio Paraguay, atravessando, com o fiel Riedel e correndo mil perigos, as tribus dos guaycurús e enimas em guerra então com os brazileiros. Chegou adiante de todos em Cuyabá e, depois de novas desavenças com o chefe, destacou-se para o norte da provincia até a cidade de Matto Grosso, onde encontrou a morte.

Curiossimo é acharmos na primeira viagem de Augusto de Saint Hilaire (1) as manifestações symptomaticas do desarranjo mental do barão de Langsdorff, muito embóra o consciencioso e ingenuo escriptor francez nem de leve, ao descrever a sua indole e os incidentes em que de continuo se envolvia, de leve suspeitasse qualquer inicio de perturbação. Partindo juntos do Rio de Janeiro a 7 de dezembro de 1816, delle dá o seguinte e carasteristico retrato : « Na companhia do Sr. Langsdorff, o homem mais activo e infatigavel que jámais encontrei na minha vida, aprendi a viajar etc. Era sempre a partida o momento critico. O meu companheiro ia, vinha, agitava-se, chamava a este, ralhava com aquelle, comia, escrevia o seu jornal, classificava as suas borboletas e corria de um lado para outro sem parar um só instante. Punha em movimento toda a sua pessoa, levando para a frente a cabeça e os braços, como que a accusarem de lentidão o resto do corpo ; em borbotões sahião-lhe as palavras dos labios, offegante e de respiração oppressa á maneira de quem terminára extensa carreira. Da minha parte, eu-

(1) Viagem nas provincias do Rio de Janeiro e Minas-Geraes—Paris —Grimbert e Donez, livreiros—Rua de Savoie n. 14—1830.

me apressava quanto podia, todo medroso de fazel-o esperar; tambem ao sahir do pouso, já me sentia mais cansado do que no fim de toda a jornada. »

Isto em 1816; infira-se o que não seria em 1827, onze annos depois! De Cuyabá em diante, o estado mental do barão Langsdorff gradualmente se foi aggravando, o que deu lugar a muitos episodios penosos, um delles de irresistivel comico, quando a expedição atravessava a zona dos indios *Apiacás*, no rio Arinos. Tendo apparecido, numa extensa praia, grande numero desses silvicolas e no meio delles um com certos distinctivos vistosos de *capitão*, julgou o bom do consul russo, que devia tambem envergar o seu grande uniforme e lá foi para terra mettido em farda de gala, espadim ao lado, chapéo armado á cabeça e condecorações ao peito. Imagine-se a figura no meio daquelles indigenas nús em pello, que mostravão fundo pasmo e bestial alegria ao contemplarem tamanha ostentação e esbugalhavão os olhos ante tantos bordados a ouro e brilhantes teteias. Afinal, uma india perguntou por gestos se aquillo era vestimenta ou a propria pelle de tão alto personagem e, melhor informada, pediu para que elle lh'a cedesse por um pouco. Langsdorff, que não resistia aos caprichos do bello sexo, civilizado ou não, immediatamente despiu a farda (1) e a passou á rapariga que de golpe nella se enfiou, passeando muito ufana com o seu singular adorno, emquanto o consul ficava em mangas de camisa, mas com calças de galão, espadim e chapéo armado. Nem parou ahi a aventura. De repente, a india disparou para o matto seguida de todos os mais, e o expoliado pôz-se a correr como um desesperado atraz da sua veste de gala, na maior e mais grotesca furia. E a commissão perdeu dous dias á espera de uma restituição que naturalmente não se deu.

De então por diante quasi totalmente se apagou a intelligencia do infeliz. Tendo perdido a consciencia de si,

---

(1) Leia-se na citada obra de Saint Hilaire á pag. 86, tomo I o caso que refere de Langsdorff. No registro do Parahybuna, despio elle o fraque, para mostrar a uns alfaiates como era bem feito. Entretanto « *c'était* diz o viajante, *la redingote la plus mal faite peutêtre que j'ai vue de ma vie.* »

praticava actos desatinados que confrangiam dolorosamente o coração dos seus subordinados. Chegando a commissão a Santarem em principios de 1829, foi Langsdorff transportado para a Europa onde viveu, ou melhor vegetou, no seu canto natal Laisk, na Suabia, até 1852, vindo a fallecer com 78 annos, pois nascêra em 1776. Até aos ultimos dias de vida, o Imperador Nicoláo I lhe pagou generosamente a pensão de 10,000 rublos, apezar do máo exito da sua expedição.

De Cuyabá forão, entretanto, remettidos para o Rio de Janeiro, por intermedio do negociante Angelini e d'ahi pelo vice-consul da Russia Kielchen extensos relatorios, herbarios e mais de 150 grandes desenhos além de muitos pequenos (1), que devem estar em S. Petersburgo.

E agora consintão os leitores que eu aveque a mim, por obrigatoria e reverente herança, a dôr dos meus e continue a fallar do mallogrado mancebo, com a certeza de que encontrarãõ interesse no que vão lêr e que aliás nos reporta á longiqua localidade, motivo desta despretenciosa memoria e termo daquella existencia tão agitada e promissora.

Antes das formosas poesias, que a elle se referem, transcreverei em original as cartas, de que já dei noticia (2), mas que presentemente completo. A ultima de Adriano tem a data de 20 de dezembro de 1827 e é endereçada collectivamente a seus irmãos Felix e Theodoro, pois já seu pai naquella época, como ficou dito, se havia retirado para a França com a mulher e os filhos mais velhos, Carlos e Hippolyto.

« Chers amis, dizia elle ; c'est d'une des salles du palais désert des anciens capitaines généraux de Matto Grosso, que je vous écris, de ces salles immenses qui ont été témoins des fêtes d'une cour si assidue auprès des dépositaires de l'autorité royale, et qui maintenant

---

(1) Por vezes procurei saber que destino tiverão em S. Petersburgo esses trabalhos Uma occasião, pedi officialmente ao Sr. marquez de Paranaguá, então ministro de estrangeiros, officiasse ao nosso ministro a esse respeito ; depois escrevi aos Srs. A. Ionine e P. Bogdanoff, ministros da Russia aqui. Nada consegui até agora.

(2) *Revista Trimensal*, tomo XXXVIII pags. 350 e seguintes.

silencieuses ne répètent que le sourd murmure de l'insecte qui en ronge les bois, que le bruit des pas du curieux qui parcourt leur enceinte. Tout est resté dans le même état, depuis que le siége (1) du gouvernement a été transporté à Cuyabá; l'ameublement, les peintures, les armoires, les bureaux; tout est resté. Les cours sont remplis d'herbes: on voit partout les marques destructives de l'abandon et le combat des choses existantes contre le temps. Tout reproduit l'image de la mort.

« Je vous ai déjá marqué, que l'expédition Langsdorff s'est séparée en deux parties, jusqu'à sa nouvelle jonction au Para. Nous sommes logés, Riedel et moi, en attendant qu'une maison qui nous est destinée se trouve vide, dans des salles, qui font partie de l'enceinte du palais. Une des portes ouvre sur la cour et c'est par là que je suis entré dans l'intérieur.

« Rien n'était ouvert; il existait une odeur de renfermé, qui jointe à l'obscurité produisait une sensation tout à fait singulière et poétique, celle de l'héritier qui vient prendre possession de la demeure de ses aïeux. Chaque pas émouvait un écho, qui le répétait. J'ouvris tout et parcourus toutes les salles.

« Les bureaux sont garnis de leurs armoires et de leurs tables. La grande salle, ornée de peintures représentant des colonnes est encore fraîche et n'est point sans goût. Une des salles est fermée à clef. C'est sans doute celle ou sont les portraits des capitaines généraux. Dans la secrétairie sont deux tableaux; l'un représente, je crois, le roi D. João VI et l'autre la reine. Ils ne sont pas mauvais, et la couleur est très bien conservée... Nous parlerons de tout çà, quand je vous reverrai. Que des choses j'ai à vous dire!... Le consul Langsdorff doit être maintenant sur son départ. Cependant il serait possible, qu'il ne put pas descendre cette année. Dans ce cas, nous autres aussi reviendrions au Cuyaba. Je ne sais ce que arriverait alors; si le consul attendrait encore un

(1) *Siége* vai com o accento agudo, conforme de uso tanto tempo na lingua franceza. Só em 1877 foi que a Academia franceza decidio que, de acordo com a pronuncia, se escrevesse *siège, piège collège, Liège* etc. etc. com accento grave.

an ou si nous descendrions par l'Araguaya au Grand-Para. L'expédition est si embrouillée, qu'on ne peut faire aucunes conjectures sur l'avenir. J'écris à mes parents pour l'an 1828. Vous autres ayez la félicité, que mon cœur vous désire et n'oubliez pas, que je suis malheureux. Mon caractère est mélancolique, bien que je montre au dehors une apparence de gaîté.—*Aimé Adrien Taunay.* »

Eis a carta em que o bom do Riedel communicava a fatal nova :

« Matto-Grosso, le 10 janvier 1828. Messieurs, J'ai perdu un ami, qui m'était bien cher et vous, Messieurs, vous avez perdu un frère. Il n'est plus de ce monde. Le 5 janvier, à midi, il a plu à Dieu d'appeler son âme à Lui. La funeste rivière Guaporé a été sa tombe. Il n'a paru que le 7, au matin. Le même jour, il a été inhumé dans l'église de Santo Antonio, près du port, agréablement située au milieu d'une plantation d'orangers. Le corps a été accompagné des magistrats et autres personnes distinguées. Le lendemain, le 8 janvier, on a fait ses funérailles avec la pompe due à sa famille et à sa personne. Adieu, jusqu'au courrier prochain; mes idées seront moins troublées.—*Louis Riedel*».

Entretanto, só tres mezes depois é que poude cumprir a palavra e do seguinte modo :

« Matto Grosso, 10 mars 1828. — Messieurs, Des maladies et d'autres obstacles m'ont empêché de réaliser plutôt ma promesse. Acceptez donc ce triste récit qui rouvre mes plaies non encore fermées et qui me cause autant de peine à le tracer, que vous en éprouverez à le lire... Nous arrivâmes en parfaite santé le 18 décembre à Matto-Grosso, où nous devions nous embarquer pour le Para. Notre séjour dans cette ville devait être de trois à quatre mois. Voulant en profiter autant que possible, nous resolûmes de faire premièrement le voyage à Casal-Vasco à la frontière de la république de Bolivie, qui est à 14 lieues (1) de Matto-Grosso. Nous partimes le

(1) Ha engano de apreciação. Todos os autores são concordes em dar de 7 a 8 legoas entre Villa Bella e Casalvasco. Só se Riedel calcula a distancia em legoas francezas de 4,444 metros e não de 6.600 metros, que corresponde á brazileira de 3.000 braças.

30 décembre et y arrivâmes le même jour. Nous commençâmes la nouvelle année en visitant Saint Louis et Salinas, qui sont les postes les plus avancés du grand Empire du Brésil. De retour à Casal-Vasco, le 3 et 4 janvier, nous nous occupâmes à prendre les relations les plus intéressantes sur les indiens Chiquitos, qui s'y trouvent en grand nombre, sur leur langue, mœurs, sur les progrès de leur civilisation. Nous quittâmes Casal-Vasco le 5 au matin pour retourner à Matto-Grosso. Votre frère, mon ami, qui ne pouvait s'accoutumer à accompagner notre petite caravane, prit les devants et bientôt je le perdis de vue. Les empreintes de son cheval me montrèrent jusqu'à 3 lieues qu'il était dans le chemin de Matto-Grosso. Alors je les perdis dans une tempête et sous une forte pluie qui à l'instant inonda tous ces vastes *campos*. J'arrive au passage du rio Guaporé, sans y trouver notre cher Adrien. Je le croyais abrité dans quelque maisonnette hors du chemin. Dans un petit canot je passe avec danger la rivière déjà grossie par la pluie et bientôt après j'arrive à Matto-Grosso à 4 heures après midi, où j'apprends le funeste événement. J'en doutais, comme tout homme toujours enclin à douter des coups par trop cruels du sort. Bientôt on m'amène son cheval, triste présage de la vérité ! Je cours au port; j'y trouve plusieurs personnes occupées à le chercher; mais la rivière troublée et violente gardait sa proie et rendit ce jour là tous nos efforts inutiles.

« Votre frère, égaré quelques lieues avant d'arriver à la ville, après avoir passé le rio Alègre une seconde fois, entre dans une plantation de cannes à sucre, où une négresse lui indique un sentier à travers des bois et des marais qui le mène au bord de la rivière du Guaporé, vis à vis de la ville, à 300 pas plus haut que le port. Arrivé là, il ne trouve qu'une blanchisseuse au bord opposé. Il la prie d'avertir le *passador*. Elle y court et revient aussitôt lui dire, que le batelier ne tardera pas à venir. L'orage grondait et la pluie tombait à grosses gouttes. Notre Adrien impatient attache la bride de son cheval et le pousse à l'eau, en le recommendant à la femme. Celle-ci l'avertit du danger, lui montre le *passador* qui déjà venait

pour s'embarquer. Rien ne pouvait le détourner de sa fatale résolution. Il se jette à la nage; parvient jusqu'au milieu de la rivière, perd la force, s'enfonce, reparaît avec un cri horrible, montre encore une main... et notre aimé Taunay est victime de sa trop grande témérité. Il disparaît à l'instant même où le canot arrivait; malheureusement le batelier ne savait pas plonger. On avertit les magistrats qui firent toutes les diligences possibles, mais trop tard. Le lendemain 6 Janvier, plus de 15 personnes furent occupées à le chercher en vain. L' émotion que me causait la mort si inattendue de celui auquel j'étais attaché comme à un frère et que j'avais eu le bonheur de sauver dans plusieurs circonstances, la pluie froide qui la veille m'avait percé, m'avaient rendu malade. Cependant le 8, à la pointe du jour, on m'annonce que le corps a paru. J'y cours, j'arrive... je le vois étendu sur la plage, mutilé par les poissons! Je me jette sur lui...épargnez-moi ce détail... Le 9, on a célébré les cérémonies religieuses, selon la coutume du pays. Le capitão-mór João Paes, que j'avais prié de pourvoir à tout, s'en est acquitté en homme d'honneur... Souvenez-vous d'un abandonné, qui vous aime, car vous êtes les frères d'un ami que je regretterai toute ma vie. *Louis Riedel*.»

E, com effeito, muitas dezenas de annos depois, meu pai e Riedel no Passeio Publico, naquellas umbrosas aléas do jardim de Luiz de Vasconcellos, de que o illustre botanico allemão era director, juntos pranteavam ainda o passamento daquelle ente, que havia recebido na pia baptismal o profetico e bem significativo nome de Amado.

IV

Violenta, inexcedivel, já dissemos, foi a dôr dos irmãos ao receberem no Rio de Janeiro a fatal nova, e grande e filial empenho puzerão em transmittil-a só após as maiores cautelas aos pais em França, trocando-se então uma serie de cartas que achei todas emmassadas e a custo deixo de transcrever, pois as considero verdadeiros primores no genero epistolar.

Permittir-me-ha, porém, o leitor, que aqui insira os soberbos versos, absolutamente ineditos e talvez nunca destinados á publicidade, de meu tio Theodoro e de meu pai Felix Emilio, homenagem altamente tocante á mais illustre victima do Guaporé e ao eterno hospede de Villa-Bella, e além disto prova cabal do estro poetico commum a toda a minha familia pelo lado paterno (1).

Estes primeiros, da lavra de Theodoro Taunay, forão dedicados á marqueza de Gabriac, esposa do diplomata que, em 1829, representava aqui o rei de França, Carlos X :

Ainsi donc du Brésil vous désertez l' Empire !
Après zéphir et vous le *Lybio* (2) soupire.
Son intrépide chef, à vos désirs soumis,
Va vous guider Madame, au sein de vos amis...
Et déjà vous voyez vos parents vous sourire,
Vous pressant dans leurs bras chéris.

*

«La voici, diront'ils, toujours brillante et belle.
«Ce soleil destructeur, si redouté pour elle,
«N'a fait qu' harmoniser ses charmes éclatants.
«Des lieux que l'Equateur brûle de feux constants,
«Elle revient, semblable en sa fraîcheur nouvelle
«A' la déesse du Printems !

*

«Quel plaisir de la voir, après deux ans d'absence,
«Plus gracieuse encor, qu'au moment où la France
«La vit fuir sur les flots dans le brouillard lointain
«Comme une étoile au soir, par un couchant serein !
«Sa blonde chevelure entre dans l'onde immense...
«Elle reparaît au matin !

*

---

(1) Meu tio Carlos Augusto trasladou as comedias de Terencio em bons versos francezes e é autor de varias obras poeticas; Hippolyto igualmente traduzio todo o poema de Tasso—*Jerusalem libertada* ; Theodoro compôz os esplendidos versos latinos dos *Idyllios brazileiros* e o poemeto Callirhoe ; meu pai traduzio Pindaro do grego e Persio do latim, escreveo *L'astronomie du jeune âge* e, já muito avançado em annos, trabalhava ainda no seu poema *La bataille de Poitiers* em que cantava o valor de um dos seus primeiros antepassados, o cavalleiro Thalnay, distinguido por Carlos Martel naquella sangrenta e terrivel peleja (7.2) e, segundo diz o poeta :

«Au moment immortel où par cent mille mains
Charle sous son marteau broyait les sarrazins.»

(2) Nome do navio em que M[me]. de Gabriac devia embarcar.

«Enfin nous la voyons après ce long voyage !...
«Sur l'aile de la brise elle avait de la plage
«Pris l'essor et d'un vol quitté notre horizon...
«La voici qui retourne, ainsi que l'alcyon,
«Qui fait son nid sur l'onde et ramène au rivage
«Son tendre et charmant nourrisson.»

*

Qu' il est doux de revoir des voyageurs qu' on aime !...
Hélas, d'un coup fatal l'implacable anathème
Revient frapper ici mon cœur épouvanté.
Un fantôme à mes yeux soudain représenté
Fait fuir dans un brouillard, aussi vain que lui même,
Ces images de la beauté !

*

Mon frère ! Ah, malheureux, dans l'ouragan qui gronde,
Au fond d'un bois obscur, il lutte contre l'onde...
Il plonge...il disparaît... Hélas, c'est pour toujours!..
Sa vie et son génie ont terminé leur cours !
Tu devais, Dieu cruel, le conserver au monde
Et tu pouvais prendre mes jours !

*

Dieu, Tu l'avais formé dans ta munificence !
Entre mille ton doigt l'avait marqué d'avance ;
Son front étincelait de ton sceau favori ;
Du miel de tes faveurs les cieux l'avaient nourri;
Et le feu du génie embrasait la substance
Dont tes anges l'avaient pètri !... (1)

*

Pour peu que l'avenir nous eût tenu promesse,
Le sceptre des beaux arts attendait sa jeunesse !
Pour peu qu'il eût vécu, cet esprit immortel
Eût bientôt égalé Flaxman (2) et Raphaël!...
Hélas! et plût à Dieu que ce regret qu'il laisse
Fût un mensonge fraternel !

*

---

(1) Que bellissima estrophe ! Não se diria de Victor Hugo ? As que se seguem não são menos notaveis.

(2) Adriano Taunay copiou todos os bellissimos desenhos desse artista, inspirado pela *Divina comedia* de Dante. John Flaxman nasceo em 1755 em York (Inglaterra,e morreo em 1829.— Distinguio-se tambem na esculptura. A sua obra prima é a reproducção do broquel de Achilles, segundo a descripção de Homero.

Hélas ! pour lui les arts n'étaient point la torture
Du pontife au trépied combattant la nature
Dans les enfantements d'un rebelle cerveau !
Son âme était le type et la source du beau...
Sans travail de sa veine intarissable et pure
Coulait le céleste ruisseau.

*

Un chef d'œuvre pour lui n'était plus qu'un caprice...
Dieu ! quel plaisir de voir, sous sa main créatrice
D'un coup se ranimer par des ressorts nouveaux
Les femmes, les guerriers, les antiques héros,
Des grâces, des amours la troupe séductrice
Et les dieux des bois et des eaux !

*

Madame, en contemplant votre aimable présence,
Vos blonds cheveux parés des fleurs de l'élégance
Et les divins contours de vos brillants attraits,
Souvent je me suis dit : « Sous de semblables traits
Sa main, qu'un goût sublime inspira dès l'enfance,
Peignit les nymphes des bosquets. »

*

Il meurt dans un torrent ! O justice divine !
O regret éternel, qui lentement me mine !...
Insensé que je suis ! Pour me soumettre au sort
Je fais contre mon cœur un inutile effort !
Insensé, qui m'en vais battant de ma poitrine
Les portes de fer de la mort !

*

Du moins qu'aux cheveux blancs de mon malheureux père
L'indiscrète amitié, la sympathie amère,
Ne révèlent d'un coup cet arrêt du destin !
Laissons-le par pitié suivre en paix son déclin !
Et ma mère ?... O Jacob, j'entends ta voix sévère :
Qu'avez vous fait de Benjamin ?

*

Je voudrais me cacher à la nature entière...
Dieu clément d'Abraham, écoute ma prière :
Dans un bois à jamais, seul, oublié des cieux,
Je consens à finir mes jours silencieux,
Pour voir cet astre éteint reprendre sa carrière,
Le voir et le suivre des yeux !

*

Que n'ai-je accompagné sa course vagabonde ?
Vainqueur sur l'océan d'un voyage du monde
Il en avait en lui rapporté les trésors.
Mais, hélas ! sa jeunesse a manqué de Mentors !
J'aurais veillé sur lui dans la forêt profonde...
Ah ! mes regrets sont des remords.

*

Fleuves de Babylone, où sont vos tristes rives?
Est-ce là qu'il repose ? Et les harpes captives,
Les sanglots des bannis sur vos gazons pleurants,
Les soupirs de vos flots, vos saules murmurants
Poussent-ils dans les airs des paroles plaintives
Dignes de ses mânes errants ?

*

Dans le funèbre champ d'une bourgade obscure
Un bosquet d'orangers (1) couvre sa sépulture.
Sur un côteau fleuri, près du vert bananier
L'infortuné sommeille; et sans le réveiller
Le vent américain tristement y murmure
Le bruit lointain du cocotier.

*

Il était notre amour, notre chère espérance ;
Nos cœurs de son essor enorgueillis d'avance
Promettaient à nos yeux ses sublimes lueurs.
Sur nous de sa couronne il eût jeté des fleurs.
Notre gloire, avec lui fauchée à sa naissance,
Cache sa tête dans ses pleurs.

*

Sa gloire ! Ah ! seulement, mon Dieu, rends-moi mon frère !
Non : dût le sort moqueur, se jouant sur la terre,
De gloire et de renom m'accabler un matin,
Me jeter par caprice un sceptre dans la main,
Et me dire : Tu peux sur l'humaine misère
Verser des aumônes sans fin...

*

Je sentirais toujours me manquer quelque chose...
Quand votre voix charmante évoque Cimarose,
Madame, ou de Mozart les sublimes accents,
Ou prête à Rossini ses tons vifs et touchants,
Si du clavier sonore, où votre main de rose
Court et vole au gré de vos chants,

*

---

(1) A igreja em que foi sepultado é que se achava encravada no formoso laranjal plantado por ordem do capitão general João de Albuquerque e mantido pelos governadores geraes, seus successores.

Une corde se rompt sous la touche muette ;
Votre âme harmonieuse en même temps s'arrête...
De mille sons mêlés le bruit séditieux
De vos lèvres suspend l'accord mélodieux...
Chacun écoute encor... mais en vain ; et regrette
La fin d'un rêve dans les cieux.

*

Pour moi d'un nom chéri la note s'est éteinte.
Corde mélodieuse, elle pousse une plainte,
E'clate et pour jamais cesse de retentir :
E'ternel désaccord de tout mon avenir,
Où toujours ma gaîté passagère et contrainte
Meurt bientôt dans un souvenir !

*

Sous les feux d'un ciel pur, dans la sombre tempête,
Sur les ronces du deuil, sur les fleurs de la fête,
Je marcherai partout de son ombre escorté ;
Et lors du dernier jour qui me sera compté,
En nommant Adrien (1) je poserai ma tête
Dans le sein de l'èternité.

*

O vous, que la jeunesse embellit de sa flamme,
Dont, seuls, l'or et la rose ont apprêté la trame,
Puisse un bonheur constant vous suivre en tous climats !
Et que l'ange gardien, qui veille sur vos pas,
Vous épargne à jamais ces blessures de l'âme,
Ces coups qui ne guérissent pas !

De modo não menos bello, sincero e commovente se expandio a dôr de meu pai nesta longa ode, que não descora ao lado da explendida poesia de Theodoro :

---

(1) Bem cumprio o poeta a promessa. Theodoro Maria Taunay falleceu a 22 de março de 1880, isto é, 52 annos depois do tão pranteado irmão e poucas horas antes de morrer fallou no Adriano—*mon cher Adrien* dizia elle. « *Oh! que la mort est lente à venir*—fòrão as suas ultimas palavras. E' digna de estudo a vida desse homem, tão popular e estimado no Rio de Janeiro, onde foi consul de França mais de quarenta annos, repleta como é de actos de humanidade e de anecdotas muito interessantes, pois dellas resalta sempre a sua entranhada philanthropia, que o tornou verdadeiro apostolo do bem.

Tenho muitos apontamentos para um livro *Os Escragnolle e os Taunay em França e no Brazil,* no qual tratarei extensamente desse meu illustre tio.

A' L'OMBRE D'ADRIEN

O toi, qui dans Paris, séjour de l'élégance,
Quand le monde s'ouvrit à tes premiers regards,
Vis, parmi les jouets de ta première enfance,
Les chefs-d'œuvre des arts;

*

Qui depuis voyageur et citoyen de l'onde,
Poursuivant l'horizon vers le soleil naissant,
Accomplissais déjà le t ur entier du monde
A' peine adolescent;

*

Toi qui revins, des fruits d'une âme riche et pure,
Orner de Tijuca l'asile fraternel;
(Et de cet heureux temps la cascade murmure
Le regret éternel!)

*

Sous un bois d'orangers maintenant tu reposes...
On dit, qu'au sein désert des bois américains
Le sommeil du tombeau tient tes paupières closes...
La mort glace tes mains.

*

Le croirai-je ? Ces mains, ministres du génie,
Qui, du feu créateur usurpant un rayon,
Attachaient à leur gré l'image de la vie
Dans un trait de crayon!..

*

Soit qu'un sujet comique eût animé ta verve
A' figurer Midas qui décerne son prix...
Le roi, le dieu des arts, le maître de Minerve
Est muet de mépris...

*

Soit que, plus sérieux, au corps de Mélicerte
Tu formasses dans l'onde un cortège brillant...
Prophétique tableau, gage de son talent,
Symbole de sa perte!...

*

Hélas, je l'ai perdu, quand à ce doux appui
J'attachais de mon sort la flottante lisière,
Quand je me préparais pour oser avec lui
Courir dans la carrière!

*

Qui le sait? Nos noms auraient peut-être atteint
Des fameux Bolonais (1) la gloire fraternelle!...
Barbare Guaporé, cet espoir s'est éteint
Dans ton eau criminelle!

*

Oh ! si cet élément le devait dévorer,
C'était au sein des mers, dans un vaste naufrage ;
C'était dans un péril capable d'honorer
Sa mort et son courage.

*

C'eût été dans la Seine, aux yeux de tout Paris
Pour dérober aux flots une faible victime !
Magnanime hasard, que son cœur magnanime
Eût gaîment entrepris.

*

Hélas ! quels vains pensers la douleur me suggère !
Ce fantôme d'honneur, que les hommes se font
Rendrait-il un moment ma douleur plus légère,
Ton sommeil moins profond ?

*

Quel vide irréparable ! E'levés que nous sommes
A mettre nos espoirs, notre vie en commun !
La famille est frappée ; et ce composé d'hommes
Tombe et manque un par un.

*

C'est moins toi que je plains. Tu meurs à ton aurore:
Au delà du tombeau les ans sont toujours pleins.
C'est Charles, Hippolyte, ô ciel ! c'est Théodore,
Et c'est moi que je plains (2).

*

Et nos parents, Grand Dieu ! qui dans la solitude,
Dans la même retraite où nous fûmes nourris (3)
N'ont plus d'autre pensée et d'autre inquiétude
Que le sort de leurs fils !

*

(1) Os Carraci.

(2) Meu pai falleceu a 10 de abril de 1881. Viveu, pois, mais 53 annos.

(3) Em Montmorency, perto de Paris, na casa habitada antes pelo celebre Jean Jacques Rousseau e onde este escreveu *A nova Heloisa*. Na minha viagem á Europa fui visitar essa casa. Em placas commemorativas estão indicados os nomes daquelles que a possuirão e lhe derão renome — o philosopho de Genebra e Nicoláo Antonio Taunay. Foi lá que meu avô passou com a familia os tremendos dias do Terror. Ahi nasceu meu pai a 1 de março de 1795 ; ignoro se os irmãos tambem.

Adrien, le dernier, le plus chéri peut-être,
Celui dont le jeune âge est encor si voisin,
Celui qu'à tous moments, ils comptaient voir paraître...
Ils apprendront sa fin !

*

Pourquoi de si bonne heure ont-ils pris l'habitude
Des pensers naturels aux vieillards généreux,
S'il leur faut de la mort recommencer l'étude
Pour d'autres que pour eux ?

*

Et qu' inutilement leur prudente jeunesse
Ménagea le printemps pour l'arrière saison,
S'ils trouvent par ta mort les fruits de leur sagesse
Convertis en poison ?!

*

Si leurs cœurs jusque là conservés si paisibles,
Si leur santé robuste en ce cruel retour,
Si tous leurs sens parfaits les livrent plus sensibles
Aux serres du vautour ?!

*

Ta mort, pauvre Adrien, rend la mienne facile.
Des biens sans doute chers qu'il me faudra laisser
Mon cœur soumettra mieux le regret indocile,
Si près de t'embrasser (1).

*

Je sais bien que le temps qui frappe et qui console,
Qui rhabille sans fin la vie et ses projets,
Tourne des vœux humains l'inconstante boussole
Vers de nouveaux objets.

*

Mais à l'attrait du beau, qui partout se révèle
Au goût de la justice, au sentiment du bien,
Tant que je sentirai mon cœur battre fidèle,
Oublierai-je Adrien ?

*

Lui qu'un trait généreux frappait de sympathie,
Qui des célestes lois sentait tous les accords :
Brillante intelligence, âme bien assortie
Aux formes d' un beau corps !

*

---

(1) Meu pai allude á grave molestia que teve de teimosas sezões nesse anno de 18.9. Só recuperou a saude com uma viagem á Bahia.

Tout nourrit mes regrets : si la muse étrangère
Du Scott américain (1) m' offre un heureux essai,
Comment puis-je écarter l'image de mon frère
Admirant Waverley ! (2)

*

L'art divin, dont Mozart porte le diadème,
De ses plus doux accents me déchire le cœur.
Tel Adrien chantait — je l' entends — c'est lui même!..
Le réveil fait horreur !

*

Ah ! c'est qu'il est partout : dans la nue empourprée
Où le soleil éteint son disque de safran ;
Et sous les verts reflets de la vague azurée
Qui croise l'Océan.

*

O nature ! à ses yeux vivifiant spectacle !
Il a donc éprouvé ton pouvoir destructeur !
Toi qui devais plutôt sauver par un miracle
Un tel admirateur !

*

Si ses jours menacés par la malice humaine,
Eussent au sein des flots réclamé ton secours,
Tu leur devais prêter ton mobile domaine,
Soigneuse de leur cours !

*

Mais il n' a pas senti l'angoisse inexprimable
(J' ai pu craindre pour lui cette rigueur du sort)
L' horreur de voir la main, le cœur de son semblable
Employés dans sa mort.

*

Au contraire ; un seul être est présent sur la rive,
Et son cœur bienveillant s'émeut pour l'étranger ;
Et du geste et du ton d'une voix expressive
L'avertit du danger :

*

« Attendez ; rarement le batelier s'absente ;
« L'onde vous paraît calme... impétueux torrent,
« La rame accoutumée est souvent impuissante
«A' vaincre le courant.»

*

---

(1) Fenimore Cooper.
(2) Refere-se ás leituras feitas em commum no retiro da Tijuca.

L'infortuné s'arrête... Il attendait... La pluie
Vient battre en longs ruisseaux son front impatient...
Il se modère encor... mais ses yeux qu'il essuie
Vont chercher l'orient.

O' souvenir rapide! O' France! à cette image
L'ennui de tout retard a frappé son esprit:
Et ce transport fatal est un dernier hommage
Aux êtres qu'il chérit.

Ainsi l'heure est venue... Il ne veut plus attendre...
Pousse à l'eau son coursier... lui même... ah! malheureux,
Ah! prends pitié des pleurs que tu feras répandre!
Sois-nous moins rigoureux!

Il a tout hasardé... Tout est perdu... sa vie
Impérissable essence, au vaste sein des airs
Emporte ses parents, ses frères, sa patrie
Dans un autre univers.

Son corps, triste jouet de l'onde forcenée,
Fut dérobé deux fois au retour du soleil.
Déjà le ciel ouvrait la troisième journée
A' l'horizon vermeil;

Il a paru... Le bruit en court avec l'aurore...
Riedel, le survivant d'un couple d'exilés,
Sur son cœur défaillant presse longtemps encore
Les restes mutilés...

V

Terião sido as circumstancias de extrema juventude e as vivissimas affeições de familia, que tamanho realce davão a esse mancebo audacioso e irrequieto, cujos dias terminárão de modo tão terrivel e inesperado? Talentos especiaes e vasta esphera intellectual lhe promettião, com effeito, carreira excepcionalmente brilhante na vida? Sua attracção, seu prestigio, seus dotes erão tantos assim, tão poderosos e irresistiveis? Havia motivo para tamanha explosão de dôr, para tanta perseverança no luto, para tão

grandes objurgações á crueldade do destino, além do natural soffrimento e das angustias inspiradas pelo desapparecimento de um ente ligado pelos apertados laços do mais proximo parentesco?

Só largos annos depois é que tive resposta a esta duvida, e a tive de modo singularissimo e acima de toda a excepção.

Em Matto-Grosso e novamente, eu por meu turno, em condições bem extraordinarias, fui achar a mais completa confirmação, de que Adriano Taunay possuia qualidades extraordinarias, que de prompto o collocavão em plana distincta, impressionando de modo vivissimo e indelevel quantos delle se achegassem e lhe sentissem o valor real e a innata superioridade, em todas as espheras da iniciativa humana.

N'um livro que, desde 1878, corre impresso—*Narrativas Militares*, livro, entre parenthesis, recebido como outras obras minhas com a habitual indifferença do publico, embora merecessem, estou bem convencido, mais alguma attenção, descrevi a penosa travessia dos pantanaes entre o Coxim e o rio Aquidanana que, em começos do anno de 1866, me vi forçado a fazer com o meu amigo Pereira do Lago, travessia, que teria terminado em catastrophe, se não tivessemos, quasi ao acaso, chegado aos Morros, no planalto da serra de Maracajú, onde os habitantes da villa de Miranda, expulsos pela invasão paraguaya de dezembro de 1864, havião buscado refugio seguro, sobretudo depois que os indios terenas, nas fraldas da montanha, conseguirão, em duas emboscadas, matar alguns inimigos mais ousados.

Entre os fugitivos, havia um homem de côr, um preto, velho, muito velho, de mais de 80 annos e de nome Cardoso Guaporé, antigo collector da villa de Miranda e que alli gozára de certa importancia, pois cumulava ás suas funcções de exactor da fazenda publica o exercicio de advogado provisionado, ou antes de rabula.

Filho da cidade de Matto-Grosso, ao ouvir pela primeira vez pronunciar o meu nome, mostrou-se sobremaneira admirado e sem vacillar, mas com visivel sofreguidão, logo me perguntou:

— Será por ventura o senhor parente de um Adriano que se afogou no rio Guaporé e foi enterrado na igreja de Santo Antonio, isto pelos annos de 1827 ou 1828?

— Sou seu sobrinho, respondi-lhe em extremo sorpreso de encontrar naquelles invios reconcavos um conhecido da familia, que se remontava á occurrencia já tão antiga. Era irmão de meu pai.

— Ah! que homem aquelle! exclamou o velho.

E, sem mais se occupar com o momento presente, que lhe trazia comtudo tantas sorpresas na sua vida de refugiado e de occulto nas mattas, começou o mais ardente e exaltado panegyrico do illustre mancebo, das suas qualidades proeminentes, sua coragem indomavel, sua alegria incessante, sua actividade estupenda, sua generosidade illimitada, suas aptidões inexcediveis de musico, desenhista e poeta, sua habilidade em nadar, caçar e jogar armas, sem esquecer a notavel e impressiva belleza, attrahente e mascula, que lhe fazia correr mil aventuras de amor e lhe valia tantas e tão espontaneas dedicações, até daquelles que poderião pretender rivalidade.

— Onde chegava, disse-me elle, erão festas e dansados, que não acabavão mais; partia e só deixava tristezas e saudades, que nem o tempo podia mitigar. Uma feita, duas mulheres de boa sociedade acutilárão se de ciumes com facas de mesa e, ao apartal-as com uma força de gigante, ferio-se nos dedos, dirigindo toda a noite o baile com a mão amarrada em um lenço. Sua morte tomou vulto de verdadeira desgraça publica. Assisti ao enterro, que levou a cidade inteira atraz de si. Parecia algum capitão general, como aconteceu com o funeral do Cáceres (1), de que me lembro ainda hoje, pois já era *molecóte*.

---

(1) João de Albuquerque Mello Pereira e Càceres falleceu em Villa Bella a 28 de fevereiro de 1793. Pela referencia se vê que Cardoso Guaporé, confessando-se *molecote*, tinha pelo menos 10 annos naquella data, havendo pois attingido 80, em 1866, idade que nunca me quiz confessar, ladeando qualquer pergunta a esse respeito. Talvez um dia estude eu mais particularmente essa figura do velho matto-grossense, contando então engraçados episodios.

Tambem morreo em Villa Bella outro governador geral, Manoel Carlos de Abreu e Menezes, fallecido a 8 de novembro de 1805, setimo na ordem chronologica dos capitães generaes de Matto-Grosso.

Quantas vezes não discreteei com Cardoso Guaporé a respeito desse tio? Então, rememorando as conversas e descripções de meu pai, tambem o levava a recordar as grandezas de Villa Bella. E ahi o velho preto, na dorida expansão do seu bairrismo e a endireitar tremulo de commoção os grandes oculos de prata que lhe escorregavão das orelhas e do nariz, tornava-se quasi eloquente.

— Cuyabá, dizia-me elle todo abespinhado e exagerando naturalmente, tem e póde ter muita cousa boa; mas nunca, nunca lá vi palacios tão ricos e casas tão bem acabadas com *lavores* (pinturas) pelas paredes e *quadrarias* (paineis) nas salas, como na minha cidade natal. Era cousa de pôr pasmos até os que vinhão das *Europas*. E a igreja de Santo Antonio, toda cheia de riquissimas alfaias e de imagens cobertas de ouro e prata? Dizem que S. Antonio, o orago, levantou o braço, quando se fallou na mudança da capital, excommungando quem disso se lembrára!...Nem se calcula o valor das riquezas que contém ainda, embora já lhe tenhão sonegado não poucas preciosidades para enriquecer Cuyabá, que tudo nos tirou! E a casa da Camara, com grandes retratos de El-Rey D. João VI e da senhora D. Carlota? E o sobrado, que mettia inveja ao mesmo palacio? E o cáes? Parece que era a obra de mais vulto, feita por portuguezes no Brazil; cousa muito bem planejada e que costeava o rio todo, dando um passeio como ainda não se fez igual, todo sombreado de frondosas gamelleiras e indo acabar em um laranjal immenso, plantado por ordem dos senhores governadores geraes, em que estava mettida a capella de S. Antonio, laranjal limpo todas as semanas pelos galés e em que se reunião nuvens de *graúnas* e todos os passaros possiveis. De manhã e á tarde cantavão tanto, que ainda tenho na cabeça o barulho que fazião!

—E os passeios em torno da cidade? Que lugares lindos e que arraiaes magnificos, pontos de *fonçonatas* (1) e *consoadas* (2), em que se davão desafios de poetas e

(1) Funcções, festas.

(2) Festas e refeições, depois de jejuns. Legitima palavra portugueza. Em Matto-Grosso ha muitas locuções de excellente cunho vernaculo.

cururús (1), a que acudião as pessoas de mais consideração da terra. Casalvasco, com o seu rio Barbados, era uma delicia, com umas ruas muito direitinhas e seu palacio e igreja de bôa cantaria, com um lampadario, como não ha outro em toda a provincia e talvez em todo o Brazil. E o Passo do rio Alegre? Que ponto de bons *regabofes* e que sitio tão formoso! Ah! havia em Villa Bella muita alegria. Cuyabá tudo levou, tudo tomou! Nunca se fiem em cuyabanos! São todos *imbicioneiros* (2) e *trabucadores* (3). Fallão muito na sua serra de Guimarães (4), onde cahe geada e ha uma pedreira que parece encantada; mas ella não se compara com a serra da Villa que se avista da cidade, com o seu *Chapéo de sol* (5). Accusavão aquelles lugares todos de muito doentios, sezonaticos e empestados. De certo, quando o Guaporé enchia de mais, havia suas maleitas; mas muitos e muitos annos se passavão sem febre alguma e não faltavão velhos e velhas que contavão historias dos primeiros governadores, de Rolim de Moura, depois conde de Azambuja, Pedro da Camara e dos dous Cáceres, tanto tempo já havião vivido. Se ha por ahi povoação calumniada, é a minha pobre cidade natal, que matárão de uma vez e matárão por simples inveja. Quanta exageração! Quando fallavão então no forte do Principe da Beira, parece que era lugar excommungado. Meu filho entretanto lá está, ha muito tempo! (6).

No meio de todos esses queixumes e encarecimentos, em que transparecia a rivalidade ainda hoje persistente

---

(1) Ferreira Moutinho, citado por Beaurepaire Rohan, no seu *Diccionario de Vocabulos Brazileiros* define *cururù*: «Especie de batuque usado pela gente da plebe, no qual homens e ás vezes mulheres formão roda volteando burlescamente e cantando á porfia, ao som de insipida musica, versos improvisados, tudo animado pela cachaça». Pode ser tambem isto, mas ha outros *cururús* muito mais decentes, em que os improvisadores se revezão ao som das violas e cantão modinhas e até bem interessantes e melodiosos duettos.

(2) Ambiciosos.

(3) Trabalhadores, activos, mas com má fé.

(4) Veja-se a bella descripção que de Guimarães dá Hercules Florence na *Revista do Instituto Historico* (tomo XXXVIII parte I pags. 450 e seguintes).

(5) Nome de um pico daquelle serrote.

(6) Com effeito lá estava; mas não se lembrava o pai da côr, que segundo voz geral na provincia, é o unico preservativo contra as terriveis endemias!

entre as cidades de Matto-Grosso e Cuyabá, rivalidade repassada de compaixão por parte desta na sua victoria para sempre indiscutivel, e por parte daquella de entranhado desespero e quasi odio, via eu, na confirmação de muitos sentimentos de meu pai em relação ao irmão Adriano, reapparecer aquellas pinturas a fresco e manifestações artisticas, que no fundo dos sertões havião merecido lisongeiro reparo critico de quem percorrêra o mundo inteiro á pesquiza e na contemplação do bello.

—

Deviamos agora voltar ás indicações do tenente-coronel João de Oliveira Mello, ministradas em janeiro de 1876, pois a nossa digressão ha sido de certo longa no estudo de materias que se intercalárão e necessitavão explanação ; mas, apezar disso, ainda não proseguiremos directamente sem saber um tanto de perto quem seja esse nosso informante.

Vale a pena com elle fazer mais amplo conhecimento, porquanto esse amigo, que nunca avistei, mas com quem, ha annos, me correspondi animadamente, por sympathia e apreço aos seus serviços, tem uma historia, ou antes, um trecho de vida digno de ser commemorado e reproduzido ante a memoria da geração presente, muito disposta, como aliás todas as outras no evolucionar da humanidade, a esquecer e a ser ingrata.

VI

Como é sabido, foi em fins do anno de 1864 (1), que o presidente dictador da republica do Paraguay Francisco Solano Lopez iniciou a celebre e diuturna guerra dos cinco annos, em que empenhou tão desastrosamente a fortuna propria e a sorte daquelle infeliz paiz, obra prima dos jesuitas e do systema theocratico, mas nem por isso organisação credora senão da maior lastima e até execração.

(1) O aprisionamento do vapor *Marquez de Olinda* em que ia o infeliz presidente da provincia do Matto Grosso, coronel Frederico Carneiro de Campos, deu-se a 12 de novembro de 1864.

No dia 14 de dezembro, fez elle embarcar em Assumpção as tropas destinadas á invasão fluvial da provincia de Matto-Grosso em numero de 3.200 homens, sob as ordens do general Barrios, seu cunhado, ao passo que outra columna de 5.000 praças, commandada pelo coronel Resquin, marchava da cidade de Conception com destino á fronteira do rio Apa e ao districto de Miranda.

Doze dias levou a esquadrilha de vapores e chatas a subir o rio Paraguay, e a 26 de dezembro, pela tarde, avistou o forte de Coimbra, cuja guarnição de 155 soldados tinha por commandante o tenente-coronel da arma de artilharia Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero, nascido a 13 de abril de 1818, praça de 28 de janeiro de 1836 e promovido áquelle posto desde 2 de dezembro de 1857.

Gloriosas tradições contava aquella fortificação, muito embora as pessimas condições em que fôra, no anno de 1775, construida por ordem de Luiz de Albuquerque, tendo sabido denodada e victoriosamente resistir, de 16 a 24 de setembro de 1801, ás tentativas e ao assalto de 600 hespanhoes dirigidos pelo general D. Lazaro de Ribera, graças ao sangue frio e á coragem do tenente-coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, á frente de tão sómente 42 soldados portuguezes.

Citado por varios autores é esse, com effeito, o numero de homens pertencentes á tropa regular; mas a guarnição total de Coimbra ascendia a 100 defensores, conforme se vê das proprias palavras de Ricardo Franco em seu officio de 1 de outubro de 1801 ao capitão general Caetano Pinto de Miranda Montenegro, interessantissimo documento, como aliás quantos se referem ás aggressões hespanholas naquella occasião. (1) « Emfim, Ex. Sr., diz nelle o illustre militar, Coimbra está salva deste primeiro repellão dado na mais critica conjunctura, sem mantimento algum, o qual suppri com algumas vaccas e porcos particulares que se matárão, com a mais diminuta guarnição que podia ter, que apenas chegava a 100

(1) Revista do *Instituto Historico*, tomo XXVIII, parte primeira, de pag. 89 a 117.

pessoas, sendo a maior parte uns negros velhos e auxiliares, uns crianças, outros molestos e muito cheios de terror panico. »

Bem se conhecem a arrogante intimação de D. Lazaro de Ribera e a réplica nobre e altiva de Ricardo Franco (1). Um dizia, fazendo valer a desproporção numerica : « Portanto yo requero a V. S. se rienda prontamente a las armas d'El Rei my amo, pues de lo contrario el canon y la espada decidiran la suerte de Coimbra, sufriendo su desgraciada guarnicion todas las estremidades de la guerra », ao que o outro respondia : « A desigualdade de forças sempre foi um estimulo que animou os portuguezes por isso mesmo a não desampararem (2) os seus postos e defendel-os até as duas extremidades, ou de repellir o inimigo ou a sepultarem-se debaixo das ruinas dos fortes que se lhes confiarão. »

« No dia 16, diz a parte official de Ricardo Franco, pelas 4 horas da tarde appareceo em frente deste presidio o governador de Assumpção, D. Lazaro da Ribera, em 3 grandes sumacas, cada uma com duas peças de artilharia por banda e outra menor, batendo a este forte até depois das avemarias, cujo fogo repetio de dia e de noute até 21 e hontem e hoje 23 o tem parado por causa de um grande vento norte e tempestade que houve e vendo que a nossa pequena artilharia o não offende no seu curto alcançe nos tem dado grandes apupadas etc.» « Depois do violento bombardeio a 24, refere ainda o commandante do forte, tocou (o inimigo) a retreta com sua musica de oboé e zabumba, a que correspondemos com dous tambores, rabeca e frauta, e neste intervallo vimos principiava a descer para baixo, como fez até quando alcançava a vista; em 25 e 26 ainda vimos as velas, navegando vagarosamente, deixando-nos duvidosos do seu destino etc. »

Disposta a não desmentir tão honrosos antecedentes, recebeu a guarnição brazileira a 27 de dezembro de 1864 o ataque dos inimigos com muita galhardia, repetindo-se,

---

(1) Os Srs. Ferreira Moutinho e Dr. João Severiano as trazem na integra, infelizmente com variantes, embora ligeiras. Vide *Revista do Instituto*, tomo XIII pags. 47 e 48—Chronica de Joaquim da Costa Siqueira.

(2) João Severiano traz *desamparar*.

desde os primeiros albores da manhã de 28, vivissimo combate, com perda desproporcional dos paraguayos, os quaes, chegando até á base da muralha, cruelmente soffrérão do nutrido e mortifero fogo de mosquetaria dos nossos. Sem resultado, pois, sensivel, viu-se Barrios coagido a mandar tocar retirada ás 7 horas da tarde daquelle dia, deixando o campo alastrado de mortos e feridos.

Minimos, ou melhor, nullos havião sidos os prejuizos dos valentes defensores de Coimbra, pois nem sequer contavão um só homem fóra das fileiras (1), ferido sequer; mas, em contraposição, enorme era o estado de fadiga e prostração de todos, a braços com reforços sempre novos e frescos e obrigados a continua vigilancia dia e noite, sem possibilidade de se revezarem. Demais, escassez cada vez mais dolorosa de munições de boca e sobretudo de guerra, falta quasi completa de cartuxame de artilharia e infantaria, e a desconsoladora certeza de que, afinal, não tardarião os paraguayos a se aproveitar da pessima collocação do forte, pondo-se a cavalleiro delle pela occupação de um dos cabeços do outeiro que o domina; o que logo deverião ter feito.

Nessa angustiosa tarde de 28, o tenente-coronel Porto Carrero, aproveitando o prolongado crepusculo, incumbio de melindrosa commissão um dos seus officiaes que particularmente se havião distinguido pela bravura, calma e promptidão de vistas na parte mais effectiva da defesa — a fuzilaria — o 2° tenente João de Oliveira Mello.

Pertencia este ao 2° corpo de artilharia de Matto-Grosso.

Nascido em 1836, sentára praça a 13 de fevereiro de 1851 e cursára a Escola Militar, onde tirou o curso de infantaria pelo regulamento de 1858, sendo

---

(1) O Sr. Dr. João Severiano, na sua valiosa obra *Viagem ao redor do Brazil*, diz á pagina 255, tomo I, que o chefe dos cadiuéos Lixagates morrêra na defesa do forte, á frente de dez dos seus commandados. Tal informação dada por esses indios, que tambem m'a derão em 1866, masahi referindo-se ao assalto do forte Olympo era falsa. Depois vi esse capitão Lixagates ou Lapagates, como tambem o chamavão, vivo e bem vivo. Accusavam-no até de haver assassinado toda a familia brazileira Barbosa Bronzique, perto de Nioac.

promovido a 2° tenente por decreto de 2 de dezembro de 1860. Contava, pois, 28 annos e poucas esperanças podia alimentar de brilhante carreira militar por lhe faltarem os estudos proprios da sua arma, caso o não salientassem feitos excepcionaes de guerra, de que se sentia, aliás, capaz, como depois demonstrou sem contestação possivel.

Mas tão vária é a sorte, que nem assim conseguio João de Oliveira Mello o sorriso definitivo da fortuna. Depois de vêr o seu nome por alguns instantes acclamado e coberto de bençãos, depois de ter gozado das honras do favor popular, recahio na obscuridade e acaba de ser reformado no posto de coronel, após larguissimos annos de vegetativa residencia na cidade de Matto-Grosso.

A commissão que tocou ao brioso militar, naquella tarde de 28 de dezembro, foi sahir de Coimbra afim de examinar os aproxes da praça investida, recolher os feridos que por ventura encontrasse no caso de ainda servirem para interrogatorio e avaliar as perdas dos contrarios, o que tudo executou com a maior serenidade e o mais completo exito, contando para cima de 100 mortos e trazendo comsigo 15 prisioneiros e 85 espingardas.

Imagine-se a anciedade com que fôrão acolhidos aquelles paraguayos e perguntados e acareados, pois, erão os unicos que podião ministrar algumas noticias do resto do mundo aos infelizes encurralados por forças trinta vezes superiores, em um cantinho da immensa e abandonada provincia de Matto-Grosso, sem esperanças mais de soccorro e salvação !

Aterradoras as informações...

Tambem, após breve conselho de officiaes, ficou decidida a immediata evacuação do forte de Coimbra, passando-se em virtude dessa deliberação, ás 11 horas da noite, toda a guarnição e 70 mulheres no maior silencio e na melhor ordem para bordo do vaporsinho *Anhambahy* do commando do capitão-tenente Balduino de Aguiar, que acordára na urgencia do abandono, depois de haver com toda a bravura concorrido para o honroso protesto feito pelas armas brazileiras á invasão do territorio patrio.

Embarcados todos, depois de arriada a bandeira, que foi levada a Cuyabá pelo proprio tenente-coronel Porto Carrero, seguio logo o vapor aguas acima o rio Paraguay muito a gosto, facto de que se admira com razão Schneider, pois os inimigos dispunhão não de oito navios, dos quaes 5 erão vapores de bôa marcha, como diz este (1), porém, sim, conforme rectifica Silva Paranhos (2), de oito vapores, duas escunas, um patacho e dous lanchões.

Na manhã de 29, tiverão os paraguayos a grata sorpresa de vêr Coimbra deserta e silenciosa, e bem grata, em vista das perdas soffridas e officialmente confessadas, 207 homens fóra de combate.

Continuando, porém, o *Anhambahy* a sua viagem, encontrou umas 13 leguas a montante os vapores *Jaurú* e *Corumbá*, que vinhão descendo e, contramarchando estes, puzerão-se todos tres a subir o rio, dando o alarma aos moradores das margens, que debalde bradavão por protecção e meios de escapar ao inimigo, de quem se contavão e se esperavão, com razão, horrores.

Seguirão-se então as scenas mais contristadoras na povoação, tão florescente até essa época fatal, de Albuquerque, onde, com verdadeira crueldade teve de ser por ordem superior descarregada parte da gente que trazia o *Anhambahy* e na de Corumbá, cujo abandono precipitadissimo e injustificavel foi determinado a 2 de janeiro de 1865 pelo commandante das armas, coronel Carlos Augusto de Oliveira, quando, entretanto, os invasores mostravão em seus movimentos extraordinaria molleza e exagerada prudencia, pouco senhores da navegação do rio e sobremaneira receiosos das emboscadas de indios, os *Mbayás*, como genericamente chamavão todas as tribus.

Todos, naquelles momentos de indescriptivel confusão, davão ordens e buscavão, sobretudo, pôr-se a salvamento, ficando inertes, apathicos e acabrunhados quantos poderião pela sua patente elevada e para

---

(1) SCHNEIDER. A guerra da triplice alliança, tomo I pag. 113.

(2) Meu bom amigo José Maria da Silva Paranhos, hoje barão do Rio Branco, consul geral do Brazil em Liverpool, filho do immortal Visconde do Rio Branco e zelosissimo annotador da obra de Schneider. E' verdadeiramente uma obra completa e nova encravada em outra.

vantagem geral, ter assumido a responsabilidade de um direcção inspirada no pundonor e no sentimento do dever; e para isso encontrariam bons elementos de resistencia no povo, que se mostrava disposto a reagir e pedia a distribuição do muito armamento e cartuxame, que existia amontoado nos depositos e afinal cahio quasi intacto nas mãos dos paraguayos.

Houve episodios, cuja lembrança, ainda annos depois, suscitava mil commentarios e despertava gostosas gargalhadas. Um individuo, entre outros, que se apavorára demais, imaginou disfarçar-se em mulher e nesse intuito metteo-se em saias e corpete, ao passo que esplendida e negrejante barba lhe cahia sobre enormes seios feitos de embrulho. Outro agarrou nervosamente n'um grande ananaz, andou com elle o dia inteiro sem saber o que levava e só á noite é que pôde com esforço — contava elle proprio — abrir os dedos convulsos e todos feridos.

Naquella tremenda conturbação, o sentimento popular e sobretudo da tropa, que ainda conservava algum espirito de disciplina, mostrou-se bem inspirado, reclamando todos, paisanos e soldados, o mando unico de João de Oliveira Mello. « Queremos o tenente » bradavão á uma; e, no meio dos muitos tenentes que lá se achavão, além de capitães, majores e coroneis, era esse segundo tenente excepcional o heróe de Coimbra, que ainda tinha de salvar grande numero de vidas.

Em tudo isso, acabrunhadoras forão para o commandante das armas as participações officiaes.

No seu officio de 24 de abril de 1865, o general Albino de Carvalho, ainda presidente da provincia á espera, e debalde, do successor já nomeado e anciosamente desejado o infeliz coronel Carneiro de Campos, então nas garras de Francisco Solano Lopez desde o traiçoeiro aprisionamento do vapor *Marquez de Olinda*, diz o seguinte: « O commandante das armas Carlos Augusto de Oliveira, ou não esperava os paraguayos na fronteira do Baixo-Paraguay, ou não tinha nenhuma intenção de repellil-os, pois não deo providencia alguma efficaz para isso e nem soube utilizar-se dos recursos de que podia dispôr para uma defesa heroica. E' muito de notar-se

que estando ás suas ordens os depositos de Cuyabá, Miranda (1), Dourados e Corumbá, nos quaes se amontoava grande copia de munições de guerra, fosse o forte de Coimbra evacuado por falta de cartuxos de fuzilaria, tendo aquelle coronel chegado a Corumbá em outubro e sendo o forte atacado nos ultimos dias de dezembro.»

Depois de patentear tambem, quanto deleixo presidira á indispensavel e facil defesa de Corumbá, que, embora mal apercebida como estava, podia ter sido abandonada com menos sofreguidão e mais algum plano, tendo-se em vista cobrir a capital da provincia, debalde procura o general Albino de Carvalho attenuar as graves e quasi incomprehensiveis faltas do commandante das armas, cuja pouca idoneidade moral e physica para tal cargo em semelhante e critica emergencia era manifestada pela posição que tinha de coronel do Estado-maior de 2ª classe, corpo anomalo e, na sua maior parte, composto dos incapazes das tres armas do exercito.

« Expressando-me com franqueza, diz aquelle general, não tenho em vista aggravar a sorte adversa de um camarada, nem insinuar que elle muito poderia ter feito por dispôr de recursos consideraveis : não; sou o primeiro a declarar, que a provincia não possuia os precisos elementos de defesa e na minha exposição o que razoavelmente se deve concluir, é que o coronel Carlos Augusto de Oliveira poderia ter feito alguma cousa em honra e gloria das armas imperiaes.»

Na evacuação de Corumbá, cresceu de importancia o papel do tenente João de Oliveira Mello. Pondo-se ostensivamente á testa dos inferiores e soldados, que a fraqueza e irresolução dos chefes deixavão á mercê da sorte, fez elle embarcar essa gente, com suas mulheres e filhos e muitas familias de paisanos, em uma escuna e navegou á espia como pôde, até vêr que ia ser victima dos vapores

---

(1) Os de Miranda, conforme noticia que lá achei, em 1866, estavão repletos e forão saqueados, antes da chegada dos paraguayos, pelos indios que tomárão muita cousa, deixando ainda tanto armamento, que, ao vêl-o, o coronel Resquin exclamou : O governo brazileiro queria defender as suas fronteiras com cabides de armas.»

paraguayos, cuja fumaça, nas voltas do rio, denunciava a approximação.

Abicando então á terra, procedeu ao desembarque no Bananal, antes do Sará e, desenvolvendo qualidades excepcionaes de energia e espirito de ordem, que de prompto lhe asseguráráão as regalias de completa força moral sobre aquella columna de fugitivos, preparou-se para seguir pausadamente e com toda a cautela pelos pantanaes de S. Lourenço em direcção á capital Cuyabá.

O que foi aquella terrivel marcha durante quatro mezes, por paúes quasi invadeaveis, em sólo sempre encharcado, cortado de fundas corixas (1) na estação mais rigorosa do anno, debaixo de continuos aguaceiros, por logares nunca transitados, sem guia, vencendo enormes distancias e rios caudalosos, que todos devião transpor, desde os mais fortes e impacientes até os mais debeis e retardatarios, passa os limites da descripção.

Só mesmo alma de heroe, empenhada em sacrosanta missão. Sabia que nada menos de 400 vidas, homens, mulheres, crianças e velhos, dependião só e unicamente da sua serenidade e coragem e dessa convicção tirava recursos para encarar sem desfallecimento as mais crueis e desesperadoras conjuncturas. Tambem severissima e meticulosa disciplina reinava naquella misera columna, a que se havião juntado não poucos indios *terenos*, *laianos*, *quiniquináos* e *guanás* ; e os castigos não erão poupados ao mais leve delicto—caso de salvação publica.

Começada em principios de janeiro essa curiosa retirada, cujas peripecias darião para livro bem emocional,

---

(1) Beaurepaire Rohan, no seu *Diccionario de Vocabulos brazileiros*, diz *curixa*, cuja etymologia não traz. A definição é exacta : « Nome em Matto-Grosso, dos sangradouros por onde correm, a se despejarem nos rios, as aguas accumuladas nos campos ou provenientes de lagôas demasiado cheias. Corresponde ao portuguez *desaguadeiro sangradouro, valla para enxugar campos*, etc, com a differença, porém, que estes termos envolvem a idéa de um expediente artificial, entretanto que *curixa* é obra da natureza.»

João Severiano da Fonseca escreve *corixa* e lhe dà feição de inundação de campos de caracter mais permanente, distinguindo-a de *escoantes*, que servem de passagem ás aguas. *Viagem ao redor do Brazil*, pag. 195, tomo I.

foi só a 30 de abril que terminou, quando o 2º tenente João de Oliveira Mello triumphalmente entrou em Cuyabá.

Em peso veio a cidade encontra-lo no Coxipó e, levado em braços no meio das acclamações delirantes do povo, foi até á Matriz, onde o bispo o recebeu á porta, cantando em seguida solemne *Te-Deum.*

Durante muitas semanas esteve em festas a capital, pasmos todos da milagrosa salvação de tantos entes, graças á dedicação e valentia de um unico homem, que tambem salvou alguma cousa de seu, de bem seu, o nome, na triste historia da invasão de Matto-Grosso pelos paraguayos. Com effeito, no meio de muitos successos deprimentes, póde a posteridade descansar os olhos nos dous episodios em que figurárão João de Oliveira Mello e o imperterrito tenente Antonio João (1), este commandante da estacada de Dourados e que morreu no seu posto com bravura espartana, renovando, simplesmente com dez camaradas, o glorioso sacrificio de Leonidas e seus immortaes companheiros.

Por serviços relevantes e actos de bravura foi Oliveira Mello promovido, a 22 de janeiro de 1866, 1º tenente e condecorado com o habito do Cruzeiro. Capitão a 1 de julho de 1867, graduado em major a 14 de julho de 1871, teve, nesse caracter, nomeação de commandante do districto militar de Matto-Grosso e da fronteira do norte, cargo que largo tempo exerceu (2), tendo sido transferido para o corpo do Estado-maior de 2ª classe, no qual foi promovido a tenente-coronel em 17 de julho de 1884, e, afinal, nestes ultimos dias, reformado no posto de coronel.

E', pois, uma carreira acabada, uma existencia finda,

---

(1) E' uma figura epica essa de Antonio João Ribeiro. Nas minhas *Narrativas militares* contei o assalto de Dourados a 29 de Dezembro de 1864 e a gloriosa morte daquelle brazileiro.

(2) Em carta datada de 14 de outubro de 1890 dizia-me elle. « Commandei o districto militar de 6 de junho de 1873 a 14 de maio de 1877 com algumas interrupções. » Adiante : « N'um dos pontos da carta de V. Ex. leio estas palavras : Quem sabe se o não verei general ? Os seus começos na carreira militar mostraram bem que já naquelle tempo era digno de o ser. Agradecendo tão valioso, quão lisongeiro conceito, cabe-me dizer a V. Ex. que não me verá em tão elevado posto, pois ha pouco pedi ao governo a minha reforma. » Presentemente, o Sr. Oliveira Mello reside em Cuyabá.

um simples encostado do exercito reduzido á inactividade, *bananeira que já deu cacho* na melancolica synthese popular, que o homem, chegado ao periodo de descanso e retrahimento, tristemente applica a si mesmo ; mas a fé de officio desse illustre militar, na concisa e como que indifferente enumeração de feitos dignos da admiração dos pósteros, mostra que alli se encerrão glorias já mudas e gelidas, que só precisavão de campo mais vasto para bem merecerem da patria e até de toda a humanidade.

Agrada-me, comtudo, e dahi lhe vem ainda prestigio, a altaneira solidão que rodeia aquelle soldado, de cujas reminiscencias resaltão chispás de gloria, a acabar os dias nas ruinas de uma cidade condemnada, perdida e sem mais esperanças possiveis de resurreição, depois de largos periodos de grandeza, lustre e felicidade !

VII

Voltemos agora a Villa Bella.

No dia 12 de janeiro de 1751, D. Antonio Rolim de Moura Tavares, capitão de infantaria e posteriormente conde de Azambuja, local de que era morgado, chegou a Cuyabá e, tomando posse da administração a 17 do mesmo mez (1) como primeiro governador da recem-creada

---

(1) Esta é a data que dá a minuciosa *Descripção geographica da Capitania de Matto-Grosso*, impressa na *Revista Trimensal*, tomo XX, pag. 280. Alguns autores e notadamente Luiz d'Alincourt (*Annaes da Bibliotheca Nacional* tomo, III pag. 91) trazem 12 de Janeiro de 1751. Aliás não póde haver duvida possivel para os que conhecem a interessantissima relação que fez o proprio Rolim de Moura, da sua viagem até Cuyabá (*Revista do Instituto*, tomo VII, pags. 469 e seguintes) e que termina com estas palavras: « e no domingo seguinte 17 do mez, tomei posse.» Aquella relação tem passagens mui dignas de nota pela feição descriptiva, e servirá de prova o seguinte trecho : « No mesmo dia fiquei arranchado em um reducto, cujo matto erão palmitos, e como estes têm um ramo grosso do qual partem outros em roda e todos arqueados, estando estes palmitos bem copados, de qualquer parte que se olhasse se via uma rua como que de quinta, coberta com aquella especie de abobada. Não somente foi agradavel á vista esse rancho, mas tambem ao gosto, porque os palmitos erão de excellente qualidade, e foi a primeira vez que os comi crús, em que lhes achei sabor não inferior ao das castanhas. Descontou-se-nos isto com uma quantidade de carrapatinhos, que se nos pegárão e de que nos enchemos, que nos deu que fazer muitos dias. » (*Revista do Instituto*, tomo VII, pag. 492)

capitania do Cuyabá e Matto-Grosso, tratou de obedecer ás ordens da metropole e de seguir para o norte, a buscar nas immediações do rio Guaporé e em posição adequada a se vigiar com efficacia a extracção do ouro e mais particularmente as fronteiras hespanholas, um ponto apropriado para centro e capital de toda aquella dilatadissima região, separada como fôra, a 9 de maio de 1748, dos territorios de S. Paulo (1).

Após uma parada de mezes, sahio de Cuyabá em fins de junho daquelle anno de 1751, não encontrando até dezembro, apezar de continuas marchas e seguidos exames e de haver navegado aguas abaixo o Guaporé que depois subio, nada que o satisfizesse. Apontavão-lhe os entendidos a Chapada como excellente localidade, livre das enchentes, abundante em precioso metal e já povoada; mas Rolim de Moura, acampando afinal em um sitio chamado Pouso-Alegre, affeiçoado aos exploradores dessa deserta zona, delle tanto se embellezou, que, contra a opinião de muitos do seu sequito, decidio alli seria a capital de todo o Matto-Grosso por lhe parecer preencher as instrucções de Lisbôa — facilidade de communicações pelos rios Guaporé, Mamoré e Madeira com o Amazonas e Pará e vizinhança da divisa hespanhola (2).

—« Ahi, dizia-me Cardoso Guaporé, é que se verificou em regra o *manda quem póde*. Um sertanista chamado Cyriaco (o homem pronunciava Cyriáco) fez o possivel para que se escolhesse lugar mais enxuto; mas Rolim de Moura embirrou, bateo o pé, não quiz ouvir a ninguem e chegou a ameaçar, que seria logo preso e remettido em ferros para Cuyabá quem se mostrasse desgostoso com o Pouso-Alegre e delle fallasse mal.»

Por esse expedito processo de convicção cahirão todas as objecções por terra, e definitivamente ficou

(1) A carta régia de D. João V a Gomes Freire de Andrade, governador e capitão general do Rio de Janeiro, creando os dous novos governos de Goyaz e Matto-Grosso, teve o *cumpra se* de Gomes Freire a 27 de agosto de 1748, em Villa Rica.

(2) Rolim de Moura acampou no Pouso Alegre a 14 de dezembro de 1751; foi depois á Chapada e outros pontos e voltou nos principios de janeiro áquelle acampamento, onde por fim creou Villa-Bella.

fundada a povoação, erigida nos começos de 1752 (1) em villa com a denominação de Bella e sob a invocação da santissima Trindade. Cumpre, porém, reconhecer, que o seu creador com todo o afan e sinceridade se empenhou em lhe dar o possivel incremento e prestigio, cuidando, em quasi quatorze annos de assiduo governo (2) de tudo quanto lhe fôsse util e até glorioso, já observando de perto os hespanhóes, tomando-lhes o passo e repellindo as suas pretenções, já abrindo estradas e tratando dos melhores meios de communicação com o littoral atlantico, já fundando povoados e centros de actividade agricola e pastoril, já buscando agremiar grande massa de indios em aldêas e junto a destacamentos militares—tudo isto, bem se sabe, de mistura com muita prepotencia e illimitado arbitrio, disposição moral que se fez mais sensivel, quando vice-Rey do Estado do Brazil, como todo poderoso conde de Azambuja.

Tres annos depois de constituida, não tinha, entretanto, Villa-Bella senão quinhentos e poucos habitantes; mas, se lhe escasseava ainda população, sobravão-lhe esperanças do mais risonho porvir com a attenção que merecia do governo portuguez e do omnipotente marquez de Pombal. Apezar de tudo, difficil e penoso foi o seu crescimento, pois em 1815 só contava 2,115 almas, sendo o total maximo, na época de maior florescimento, de 2,354. No anno de 1819, recebeo então golpe mortal de que nunca mais se levantou, quando o nono e ultimo governador Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho propoz e, em 1820, conseguio a trasladação da capital para Cuyabá, muito embora a tivessem, com aquella rival, elevado á categoria de cidade desde 17 de setembro de 1818.

D'ahi por diante só pôde enxergar alegria e brilho no seu passado, sem mais renovação possivel, quando via aportar ao cáes do Guaporé, de que tanto se ufanava,

---

(1) A 19 de março de 1752; dia em que, segundo a *Descripção geographica da Capitania de Matto-Grosso, anno de 1797, Revista do Instituto*, tomo XX, pag. 28), tambem se levantou o pelourinho e orão nomeados capitão-mór e vereadores. O Dr. João Severiano, diz, que a erecção do pelourinho foi a 13 de maio, colhendo esta informação de um manuscripto da Bibliotheca Nacional; mas o auto da fundação de Villa Bella contraría e desfaz tal asseveração.

(2) Treze annos, onze mezes e quinze dias, de 17 de Janeiro de 1751 a 2 de Dezembro de 1764.

as *monções* vindas do Pará, ou enviava a Lisboa arrobas e arrobas de ouro, ou então acolhia em seu seio, no meio de interminaveis festejos e pomposas galas, os capitães generaes João Pedro da Camara, que substituio a Rolim de Moura, Luiz Pinto de Souza Coutinho, depois visconde de Balsemão, ministro de Portugal em Inglaterra, secretario do Estado e tenente general e o celebre e bemquisto Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, cuja benefica administração de 13 de dezembro de 1772 a 20 de novembro de 1789 é ainda hoje lembrada, e que entregou o mando a seu irmão João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, o constructor da tão fallada obra sobre o rio (1). Era dos funeraes desse João, fallecido a 28 de fevereiro de 1796 de febre perniciosa complicada com *macúlo* (2) após 5 annos e alguns mezes de governo, que me fallava, nos Morros, o velho Cardoso Guaporé.

---

(1) Tinha aquelle caes diz, o Dr. João Severiano, 800 metros de comprido e 8 de alto, flanqueado de baterias ligadas por uma cortina. Servia, ao mesmo tempo, de defeza á cidade, dique ás enchentes do rio e embarcadouro e constituia o mais aprazivel passeio da capital.

Em data de 12 de janeiro do corrente anno o Sr. João de Oliveira Mello me communica a seguinte informação: « Do parapeito, e não cáes, mantem-se o Guaporé affastado oito mezes durante o anno uns 150 metros ; mas quando o inverno é rigoroso, o rio transborda e invade as ruas da cidade, principalmente as do *Fogo, Santo Antonio* e *Tocos,* indo *igarités* (pequenas embarcações) encostar aos degráos das casas invadidas pela inundação na distancia até de 500 metros de margem. D'ahi se conclue, que o tal cáes a nada obsta, tendo sido construido para conter o aterro necessario aos aprestos de marinha no flanco direito e á olaria com telheiros e competente forno no flanco esquerdo, ficando a meio desse rectangulo a capella de Santo Antonio.»

Em 1784, uma inundação do Guaporé derrubou uma terça parte das casas, elevando-se as aguas dous palmos acima dos alicerces. A differença do nivel das aguas é ordinariamente de quatorze a quinze palmos (Leverger).

(2) *Maculo* ou *corrupção* é, segundo Weddel, uma febre ataxo-adynamica, cujo periodo de incubação dura de 8 a 15 dias, fazendo depois terrivel explosão com intoleraveis dores occipitaes, febre continua e lethargia, durante a qual o sphincter anal por tal fórma se relaxa, que a mão inteira póde entrar no intestino do enfermo. O tratamento é todo applicado ao recto e consiste em introduzir substancias antisepticas e violentas, polvora, limão, herva de bicho e aguardente. (Castelnau, tomo III pags. 68 e 69). Ferreira Moutinho (*Noticia sobre a Provincia de Matto-Grosso* pag. 168), ahi como em muitos trechos, traduz Castelnau, sem indicar a fonte. Contou-me Guaporé que esse governador prohibira aos seus enfermeiros as applicações usadas no tratamento do macúlo, ás vezes molho de pimenta atirado ás cuias, e tal era o respeito e medo que inspirava, que lhe obedecêrão, embora em estado comatoso e inconsciente de tudo.

Findo um interregno de mezes, chegou Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que tomou as redeas do governo em Villa-Bella a 6 de novembro de 1796 e n'elle esteve até 15 de agosto de 1803, depois capitão general de Pernambuco e marquez de Villa Real da Praia-Grande, homem diligente e de bastante esphera, embora altivo e violento, possuindo lettras e instrucção pouco vulgares n'aquella época (1). Por vezes, fez Caetano Pinto justiça

---

(1) Esse fidalgo escreveo memorias ainda hoje ineditas, e por sem duvida dignas de serem dadas a lume. Existem em poder do Sr. marechal reformado João de Souza da Fonseca Costa, visconde da Penha, casado com uma neta ou bisneta de Caetano Pinto. Fallando-me dellas, elogiou aquelle marechal com muitos encomios o methodo chronologico e a belleza da lettra. Na preciosissima e nunca assás consultada *Revista Trimensal do Instituto Historico,* ha curiosissimo documento do valor litterario de Caetano Pinto. E' a *Resposta* ao parecer do illustre Ricardo Franco de Almeida Serra sobre indios uaicurús e guanás (Tomo VII pags. 213 e seguintes) e não resistimos ao prazer de transcrever alguns trechos. « Este papel, diz o governador geral, é com effeito muito bem escripto e com esta razão fica bem compensada a demora de dous annos e oito mezes ; demora a que Vm. foi obrigado em consequencia da difficuldade do objecto, das suas molestias e embaraços de guerra e dos embaraços ainda maiores dos mesmos indios, que pelos poucos que vêm a esta villa e á capital, avalio bem quanto lhe serão importunos, sem reflectirem no incommodo que dão e em que são mui diversas as nossas e as suas occupações. Eu estou mandando tirar uma copia do dito papel, tendo emendado, ao mesmo tempo que o lia, os principaes erros e inadvertencias, que Vmc. não teve tempo de corrigir, e, logo que esteja concluida, a remetto para a côrte etc. A consequencia que Vmc. tira da organisação e systema politico dos uaicurús e da sua religião, usos e costumes é que só um *quero* daquelle Ente Omnipotente, que disse *faça-se a luz e a luz foi feita*, ou segundo a maior energia do texto hebraico que disse . *faça se a luz e houve luz*, seria poderoso para aldear estes indios de sorte que viessem a ser cidadãos uteis. Eu, ou porque não tenho tempo de fazer reflexões mais profundas, ou porque não os vejo e observo de perto, como Vmc. tem feito ha cinco annos e meio, não me conformo inteiramente com o seu parecer, parecendo me antes vêr espalhadas já entre elles algumas sementes de civilisação as quaes, bem cultivadas, não deixarão de produzir algum fructo, ou tarde ou cedo. Conheço bem, quanto custa arrancar os homens da barbaridade para a vida civil ; quanto custa accender a luz da razão em espiritos quasi apagados ; formar novas vontades e ligal-as com alguns vinculos moraes; domar o impulso de uma natureza depravada, substituindo umas a outras paixões e creando alguma de novo» etc. Depois de justissimas ponderações acerca dos dous obstaculos que enxerga na civilisação dos indios, um, a segregação em que vivem, outro «a falta de Orphêos e Amphiões que saibão mover estas pedras e tigres brazileiros» acrescenta : «A soberba desses indios *uaicurús* em parte procede do modo com que presentemente são tratados e de outra parte da posse e uso dos seus cavallos. Um homem montado em um animal soberbo

ao genio docil e polido e á indole hospitaleira dos habitantes de Matto Grosso, «gente que falla portuguez mais castiço que em todos os outros lugares da capitania» sendo, no periodo de sua governação Villa-Bella um centro de festas e divertimentos, cujos écos enchião os mais fundos sertões, repercutidos até nos longiquos sitios do Coxim e varadouro de Camapuan.

A Caetano Pinto succedeo, decorrido quasi um anno de intervallo, Manoel Carlos de Abreo e Menezes, que morreo de febres a 8 de novembro de 1805 e foi substituido por uma junta administrativa até á chegada, a 18 de novembro de 1807, do Dr. João Carlos Augusto de Œynhausen Gravenberg (2), depois marquez de Aracaty, o qual deixou excellente nome, o que não aconteceo com o fatal Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, cuja lembrança ainda hoje é ominosa a todo o Matto-Grosso e principalmente á cidade desse nome.

VIII

Em 1876, informou-me o tenente-coronel João de Oliveira Mello, orçava a população de Villa Bella em pouco mais de 800 almas, toda ella de côr preta e côr tão dominante, que as pessoas que o não erão merecião contagem á parte, formando o diminuto total de quartoze, e destas só duas reconhecidamente brancas.

Não mostravão as ruas da cidade o menor vestigio de calçamento, se é que algum dia o tiverão, e, como não

---

julga-se superior ao que anda a pé, e esta superioridade ainda se augmenta mais com o que o mesmo animal lhe dá sobre outros homens nas suas guerras, incursões, etc».

Contou-me pessoa bem informada que, ha pouco tempo, os manuscriptos de Caetano Pinto de Miranda Montenegro forão a leilão. Parece incrivel!

(2) Deve ser Gravenberg e não Gravenburg como dá a *Descripção Geographica* (Tomo XX da *Revista do Instituto*, pag. 286) ou Gravensberg, segundo o Dr. João Severiano. O nome Œynhausen é constantemente citado errado, pondo-se o y antes do e, o que impossibilita o diphtongo allemão *œy* o melhor öy. Deve escrever-se Oynhausen, com o grande tremado. Gravenberg é uma povoação perto de Krems, na Austria.

poucas ficão abaixo do nivel do Guaporé, distante umas duzentas braças, continuas erão as inundações, vendo-se por toda a parte os residuos das vasantes em charcos e poças, de prompto cobertos de vegetação. De todos os lados, compactos matagaes de fedegoso e vassourinha occultão cobras e commumente tambem não poucos jacarés vindos do rio, embora pequenos. Como compensação, nos largos e descampados cresce viçosa e folhuda grama á maneira de vistoso tapete.

Raro é o edificio publico ou particular que não esteja fóra da vertical ou não tenha desabado em parte ou quasi todo; as igrejas muito abaladas, contendo alfaias de prata, tão sujas que parecem de qualquer outro metal, ferro enferrujado ou cousa semelhante, e frequentadas quasi exclusivamente por nuvens de morcegos, que nellas pousão á noite; do tão fallado cáes, nem mais vestigios, senão lages destacadas, algumas das quaes fôrão levadas da margem do rio para uma especie de trilha calçada e, no meio de toda essa desolação, um povo abastardado, presa de molestias periodicas e vivendo em dura miseria, que nem parece mais sentir. Entretanto, diz J. Severiano, as telhas não envelhecem nem crião musgo com o tempo e ficão cada vez mais vermelhas, como se fôssem novas, tão boa é a qualidade do barro de que fôrão feitas; o que tambem se observa nas povoações abandonadas que cercão ainda a cidade. Gramados e côr das telhas, eis a unica nota risonha desses logares todos; os de Casalvasco então são esplendidos. O. Mello contesta essa fixidez de colorido.

O palacio, além de ter ficado a meio construido e já estragado, patenteia ainda a solidez da edificação, todo cheio de gotteiras, com as portas presas por gonzos paralysados pela ferrugem. O quartel, igualmente maltratado, é vasto, vastissimo até para a reduzida guarnição que o occupa, pois a força de 100 homens destinada para todo o districto militar de Matto-Grosso é obrigada a dar contingentes de 15 a 20 praças para o forte do Principe da Beira e outros pontos até o registro do Jaurú, a mais de 230 kilometros. Só aquelle forte chegou a ter dentro de si e nas immediações para cima de 500 homens.

« O termo da cidade de Matto-Grosso, diz o Sr. Oliveira Mello, consiste actualmente em pequeno numero de casas, no geral prestes a desabar; em um diminuto agrupamento de palhoças á margem esquerda do rio Guaporé, habitadas por gente que vive escassamente de minguada lavoura; na quasi extincta povoação de Casalvasco, séde da fazenda nacional de gado vaccum; no moribundo arraial de S. Vicente, cujos habitantes se occupão em faiscar ouro; e em destacamentos distantes, do qual o mais afastado é o do rio Jaurú. Os arraiaes Chapada, Pilar, Santo Amaro e Lavrinhas fôrão successivamente abandonados, annos depois da mudança do governo para Cuyabá, sendo certo que em favor daquelle primeiro ponto, muito instado fôra Rolim de Moura para que alli erigisse a capital e não onde afinal construio elle Villa-Bella, logar essencialmente pantanoso e sezonatico.

« Toda a estrada que deste ponto conduz a Villa-Maria, hoje S. Luiz de Cáceres, foi, em épocas passadas e de grandes esperanças, povoada de lavradores, fazendeiros e senhores de engenho. Lavrinhas, um dos locaes em que por mais tempo persistio alguma população, ficou em 1873 completamente deserto, de maneira que toda essa zona, centro outr'ora de grande actividade agricola, que ajudava a pesquiza e a industria mineira do ouro, constitue presentemente extensa solidão, cortada de indios, que de vez em quando exercem tropelias, fazendo victimas na pouca gente que podem encontrar e roubando o que achão, sobretudo rezes.

« Dessa estrada não restaráõ em breve senão vestigios, pois os madeiros derrubados pelas ventanias, as chuvas grossas do verão e o vigor da vegetação a obstruem quasi completamente. Entretanto, as terras são por toda a parte riquissimas, quer exploradas pela industria, quer pela agricultura. Ha muitas minas de ouro, já trabalhadas no seculo passado ou ainda intactas, abundancia enorme de ipecacuana (poaia) principalmente ás margens do rio Galera e nas do Guaporé grande quantidade de seringaes, sobretudo da fóz do Verde para baixo. A producção da lavoura é simplesmente estupenda;

cincoenta litros de milho produzem ordinariamente vinte mil litros e, na mesma proporção outros cereaes.

« De Lavrinhas, Chapada, Pilar, Ouro-fino, rio Sararé, Rosario, Burity, Conceição, S. Vicente e Santa Anna, foi que os portuguezes tirárão mais ouro, cuja qualidade sempre mereceu mais apreço que o de Cuyabá e do districto do sul.

« Na inercia e no radical abandono, em que jazem esta cidade de Matto-Grosso, conclue o meu informante, e todo o districto militar, não admira o nenhum caso que os bolivianos fazem das nossas fronteiras, vindo extrahir borracha nas margens esquerdas do Rio Verde e Guaporé, tendo até nellas assignalado a sua presença e permanencia com grandes roçados.»

IX

De todas essas indicações de Oliveira Mello desapparecêra aquelle toque de impressões vivas, muitas de feição artistica, transmittidas por meu tio Adriano e corroboradas pelas minhas conversas com Cardozo Guaporé. Onde os symbolos da grandeza imposta pela successão de notaveis governadores, representantes da autoridade suprema dos reis de Portugal ? Onde aquelles palacios e signaes do passado poderio ? Onde os frescos e as pinturas das muralhas, os paineis ? Onde o cáes ? Onde o éco das festas de outr'ora ? Onde as igrejas com riquezas que ainda devião existir e as muitas alfaias citadas, como eu ouvira, nos confins de Matto Grosso ? Porventura tudo se havia aluido, arrazado e reduzido a pó informe, sem mais possibilidade de reconstrucção; tudo se desmoronára, deixando que as lendas e a imaginação do povo se incumbissem de guardar tradições, que por certo hão de ser engrandecidas e exageradas, ao passarem de geração em geração ?

Verdade é que fallava um militar com seus habitos de concisão e seccura, e militar tão modesto, que jámais fizera valer os seus muitos serviços e o alto valor pessoal que o distinguia. Contára laconicamente aquillo que lhe

parecêra dever dizer como mais prompta resposta á minha indagação e não procurára perguntar ás ruinas que o cercavão a historia do passado, estudando nellas cousas que naturalmente pouco importão ao mundo, entregue todo a interesses de momento, no torvelinho das paixões pessoaes e egoisticas que o havião pungentemente combalido, atirando-o, a elle, verdadeiro heroe de uma epopéa de humanitaria abnegação, em um recanto de cidade a esboroar-se e a viver vida de mortos!...

Demais, nada para abater o estimulo, para extinguir o desejo de trabalho e a vivacidade de indole, para anniquilar a curiosidade e suffocar qualquer scentelha, como a solidão, o degredo, a falta de convivencia e do attrito social. O sabio, o proprio sabio, dedicado de corpo e alma á sciencia, possue-se, longe dos homens e no retiro do isolamento, de singular egoismo—estuda, de certo, e lê incessantemente, analysa, compulsa, conjectura, esmerilha, mas tudo para si, para um contentamento todo intimo e subjectivo de indagar a verdade e conseguir affirma-la na esphera de investigações em que se agita o seu espirito; dalli, porém, não passa; e, quando poderia encher livros e livros com as mais extraordinarias revelações, demoradas pesquizas e preciosas descobertas de indiscutivel caracter, ao morrer, nada mais deixa do que informes rascunhos e destacadas notas, reminiscencias de um espirito occupado só de si, esquecido dos outros e alheio ao resto da humanidade, que delle esperava muita luz, muita certeza! Que fez Bonpland após tantos annos de absoluta reclusão no Paraguay, a principio forçada, mas depois filha da sua vontade exclusiva, que punha todo o empenho em viver longe da Europa? Que fez Lund, depois de tantos decennios na Lagôa Santa, quando o mundo scientifico anceava pela continuação dos seus primeiros e admirados trabalhos paleontogenicos e geologicos? E quantos mais?

Fôrão absorvidos pelo encanto da solidão, como que embalados por mysteriosa rede que, em doce e entorpecedor moimento, só lhes consentia meditação para si. Identificárão-se cada vez mais com a natureza, sempre vacillantes entre dous impulsos igualmente instantes e poderosos,

a aspiração de penetrar e desvendar muitos dos seus segredos e processos, mas ao mesmo tempo o zelo de occulta-los aos mais, nessa admiração immensa pela creação inteira, repassada já de compaixão por quantos ou não a comprehendem ou a comprehendem a meio, já de desprezo por aquelles que fazem da sciencia apparatoso espectaculo ou então degráos de escada a ambições terrenas.

X

Desanimou-me um tanto a escassez de subsidios fornecidos á minha consulta, e, durante muitos annos, deixei de aproveitar as notas enviadas por Oliveira Mello; mas nem por isto dei de mão ao estudo, que hoje levo por diante, consultando com singular interesse, quanto livro me fallasse da cidade de Matto-Grosso e do rio Guaporé.

Quem me satisfez um pouco mais, depois das concisas indicações de Ricardo Franco de Almeida Serra (1) e Luiz de Alincourt (2), foi Francis de Castelnau na sua *Historia da expedição ás regiões centraes da America do Sul*, do Rio de Janeiro a Lima e de Lima ao Pará, executada por ordem do governo francez durante os annos de 1843 a 1847 (3).

Liga-se a Castelnau a merecida fama de leviano e pouco escrupuloso nas suas informações, algumas das quaes, sobretudo na glottica dos aborigenes, não merecem a menor confiança. Em datas, então, os erros são continuos e flagrantes, e naturalmente acontecerá o mesmo com as historias e aventuras (4) que conta e que deverão encontrar no leitor credito sujeito a muitas duvidas.

---

(1) *Revista do Instituto*, tomo XX pag. 427.
(2) *Annaes da Bibliotheca Nacional*, tomo III pag. 47.
(3) Tomo III pags. 64 e 65
(4) Em geral exagerado, é de um humorismo improprio de viajante scientifico. Assim diz que « o animal que montava podia passar sem comer, sem beber tempo illimitado» e, ao descrever Santa Cruz de la Sierra na Bolivia, assevera que a proporção dos homens para as mulheres é de 1 para 30.

Entretanto o que delle li sobre Villa Bella me impressionou, e por isso traduzo o trecho inteiro:

« Foi fundada a cidade em 1754 (1) pelo conde de Azambuja, primeiro governador da provincia, á margem direita do Guaporé e a pequena distancia do rio, junto a cuja borda se erguerão algumas casas. São as ruas muito melhor alinhadas que as de Cuyabá, mas nenhuma é calçada nem illuminada. Entre os mais notaveis edificios se apontão: o palacio dos antigos governadores, occupado hoje (Castelnau lá esteve em 1845, chegando a Villa Bella a 10 de junho) pelo tenente-coronel commandante superior da fronteira, extensa casa terrea bem construida e mostrando no interior vestigios do seu passado esplendor; na praça do palacio, o quartel e a camara municipal ligada á cadêa; a matriz da Santissima Trindade, cujos planos erão vastos, mas que ficou inacabada; a igrejinha do Carmo, a mais antiga da cidade e sita em quarteirão quasi de todo abandonado; a antiga casa da Fundição, onde se reduzia a barras o ouro das minas; emfim o paiol de polvora, á margem do Guaporé e perto da bonita capella de Santo Antonio, de cujo terraço se goza magnifica vista de toda a região que cerca Matto-Grosso. Defronte, e do outro lado do rio, alteião-se os morros do Grão Pará (2).

« As casas são todas ao rez do chão; uma unica tem um andar, mas é uma casinhola. Contão, que, no tempo colonial, um morador rico chamado Manoel Alves, querendo edificar um sobrado na praça do palacio, teve ordem de parar com as obras, afim que um particular não morasse em habitação mais alta que o paço, e este edificio ainda está por terminar... Nos tempos de prosperidade havia na cidade 1,200 escravos e mais de 800 homens de tropa; hoje a população total é inferior a 1,000 almas... Sempre me havião fallado dos archivos dessa antiga capital como deposito de documentos geographicos de

---

(1) Como já se vio, foi em 1752, dous annos antes.

(2) A serra toda tinha os nomes de Grão-Pará, da Villa, do Verde ou das Torres. O Sr. João Severiano propoz o de Ricardo Franco, em honra áquelle celebre engenheiro militar.

grande interesse : contava eu alli achar os roteiros dos intrepidos aventureiros de S. Paulo, que penetrárão primeiro que ninguem nessas regiões, affrontando incriveis perigos, e sabia que Ricardo, Lacerda e outros sabios portuguezes da commissão demarcadora das fronteiras, lá havião deixado copia dos seus bellos trabalhos. Não foi sem difficuldade que obtive autorisação de estudar esses archivos... e quando lá penetrei, verifiquei que os ratos e o cupim tinhão destruido todos os papeis, cahindo os documentos em pó, mal se bulia nelles...»

Fez Castelnau a viagem de Villa Maria a Matto-Grosso pela estrada de que falla o Sr Oliveira Mello e, referindo os incidentes da sua jornada, mostra-nos a importancia que tivéra aquella linha de communicação ; logo no começo, a fazenda realenga de Cahissava, que chegou a possuir 12,000 cabeças de gado, depois a do Páo-Secco, o destacamento do Registro, sujeito aos ataques dos indios cabaçaes, conhecidos tambem por outro nome demasiado pornographico (1), e as magnificas florestas, que concorrerão para dar a toda a capitania a expressiva denominação de Matto-Grosso.

Atravessava o caminho o povoado de Lavrinhas, muito rico outr'ora pela grande porção de ouro que déra, tendo chegado a possuir população de quasi 700 almas, reduzida, no anno em que o visitára Castelnau, a 120 pessoas. Depois desse ponto recomeção densas mattarias, animadas por innumera quantidade de animaes e aves, até á ponte no Guaporé, obra d'arte que pela sua importancia, sobretudo em tão distantes páramos, excitava a admiração de todos e impunha até respeito aos mesmos selvagens, que, se a destruirão queimando-a, foi só em parte. Tinha, ou antes, ainda tem 40 metros de comprido sobre 3 de largo, e do local dá Castelnau bella descripção.

« Chegado, diz elle, ao meio da ponte, desci de cavallo e apoiei-me ao parapeito a contemplar aquella

---

(1) Vide a nota, que, á pag. 45, tomo 3.º da sua viagem, Castelnau, de accordo com o conhecido verso de Boileau :— *Le latin dans les mots brave l'honnêteté*— pôz em latim.

corrente, que (1) deslisava tranquillamente ante mim, levando as aguas a regiões desconhecidas até attingirem o Amazonas, o rio-gigante, nessa época o objectivo mais desejado dos meus sonhos. No quadro que me ficava em derredor reinava a mais completa calma; era o calor abafado, e nenhum sopro agitava os ramos das negrejantes mattas que, de lado a lado, formavam altas muralhas de sombria verdura. De repente, o disco da lua venceo o cume das mais altas arvores e illuminou com a sua luz serena aquella scena toda, cujo aspecto num momento se transmudou. Das moutas da ribanceira erguêrão-se logo as vozes e o coaxar tão varios de rãs e sapos, e do fundo dos bosques surgirão os urros e miados de onças e grandes gatos sylvestres. Os crocodilos, dando prolongados roncos, puzerão-se a perseguir no rio cardumes de peixe; accenderão os pyrilampos os seus lumes; e as aguas, que pouco antes só se destacavão da escura payzagem pela alvura, subitamente se dourarão com os reflexos quebrados de brandos clarões. Ao mesmo tempo, aves nocturnas encetárão o seu concerto de gritos e pios, ao passo que enormes morcegos, voejando em torno de nós, nos tocavão com a ponta das azas. O mundo animado, que por instantes se calára ao cahir do sol, recomeçava a dar signal de si; e essa repentina mudança tinha algo capaz de sacudir o mais indifferente viajante. Estavamos sós no meio dessa região selvatica, e os sons que nos ferião os ouvidos tomavão feição tão singular, que os nossos animaes de montaria relinchavão e se mostravão inquietos; o menino, meu guia, poz-se a chorar e todo medroso se encostou a mim. Uma hora depois, fizerão-se ouvir os gritos dos camaradas, e em tudo quanto tão vivamente me impressionára, nada mais vi do que uma scena commum á vida das florestas. »

---

(1) Adiante diz Castelnau: « Esse Guaporé tornou-se fatal a um viajante francez, cuja prematura morte foi das mais lamentaveis: refiro me ao Sr. Taunay, irmão do nosso excellente consul no Rio de Janeiro, que acompanhava o Sr. barão de Langsdorff na sua viagem ao interior do Brazil.»

XI

Na *Noticia da situação de Matto-Grosso e Cuyabá*, por José Gonçalves da Fonseca, impressa na *Revista do Instituto*, tomo XXIX, parte I, pags. 352 e seguintes, infelizmente falha de data, encontrão-se informações minuciosas e bem coordenadas (1). No anno em que escreveo, dá aquelle chronista para a população de Villa-Bella, entre brancos e mulatos, 80 pessoas e 1.100 negros de Guiné e crioulos, constando sahir das minas em derredor, um anno por outro, 50.000 oitavas de ouro. Ao mesmo tempo, indica a escassez dos generos alimenticios e o preço exagerado a que subião, chegando a custar o alqueire de sal 30$940 (2), sendo o preço mais acommodado de 25 a 30 oitavas de ouro. O alqueire de feijão ou farinha alcançava duas oitavas; cada porco, em sua perfeita criação, diz o autor, 25; a arroba de vacca 2 oitavas; gallinhas 3/4 de oitava e patos 1/2 oitava.

« A igreja matriz de Matto-Grosso, refere Gonçalves da Fonseca, está edificada de pedra e barro, de uma só nave e occupa sufficiente área á proporção do povo, na baixa da lombada, onde desce a construcção do arraial: está paramentada com asseio, tanto a capella-mór como os dous collateraes que tem no vão do arco que divide a mesma capella do corpo da igreja, de decentes ornamentos para a celebração das missas solemnes e ordinarias. Não tem ainda sacrario para deposito do Augustissimo Sacramento do Altar; razão por que se não leva por viatico aos enfermos e sómente se lhes ministra a extrema-uncção na fórma permittida pela igreja. »

Idéa mais impressionista do que seja actualmente e ha muitos decennios tem sido a infeliz cidade de Matto-Grosso nos incute a leitura do livro um tanto informe e

---

(1) Esse autor dá ao rio Guaporé o nome de Aporé, talvez mais conforme com o appellido da tribu indigena que habitava as margens, *aporés* ou *uaporés*. Tambem de *uanás*, *uaicurús*, *uatós*, etc., fizerão os portuguezes *guanás*, *guaycurús*, *guatós*, etc.

(2) O alqueire de sal já chegou a custar em Villa-Bella, em tempos de penuria, 150$000. Actualmente fôra barato o preço de 30$000, que dá Gonçalves da Fonseca. Nos Morros, paguei por uma simples colhér de sôpa 8$, e assim mesmo era sal impurissimo.

massudo do Sr. Joaquim Ferreira Moutinho, *Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso* (1), o qual encerra indicações bem curiosas e aproveitaveis. e de permeio muitos trechos de duvidoso acerto, ou exagerados ou copiados sem discrição de outrem e até de simples jornaesinhos.

Viajou o autor aquelles lugares todos, tendo percorrido o districto do norte em 1854, e muitissimo mais valioso e util é ao contar singelamente o que vio e observou, do que a se espraiar em considerações philosophicas, a alardear erudição e a reproduzir e citar pretendidas autoridades.

Onde leu elle, em 1869, descripções feitas por Langsdorff, quando a respeito da viagem desse naturalista a Matto-Grosso a cousa unica impressa é o rascunho do *Diario* de Hercules Florence, por mim traduzido e publicado no anno de 1875 (2)?

Chega a encarecer com grandes elogios os *Bandeirantes*, de Mendes Leal, pasmo da exacção com que o escriptor portuguez descreve no seu desastrado livro (3) a natureza dos apartados sitios do Pilar, S. Vicente e Jaurú; e, entretanto, aquelle romancista, querendo infundir muita côr local ao assumpto, claudica nas menores indicações. Dá, por exemplo, á *araponga* o trillo monotono das notas melodiosas, ao *bemtevi*, corpo alourado e topete branco, quando a avesinha tem corpo esbranquiçado e topete amarello vivo (4), diz que as *bromelias cingem, com pernadas, estreitão, cobrem e suffocão as arvores a que se abração* e outras inexactidões, algumas até do maior ridiculo.

---

(1) Traz a data de 1869 e tem 343 paginas in-8º grande e mais 83 paginas de um roteiro de Cuyabá a S. Paulo; tudo mal impresso e em máo papel.

(2) Revista do Instituto, tomo XXXVIII etc.

(3) *Noticia*, etc., pag. 229.

(4) Ha quatro especies de bemtevis (tyrannus): *forticatus, pitanga, audax e sulphuratus*, este mais commum de todos, com o peito amarello de enxofre, azas e corpo côr de tijolo, pennas pretas nos frontaes. Todos quatro tem topete amarello vivo (Descourtilz.— Ornithologia Brazileira, pag. 20, mappa 22).

Nos vocabularios dos indios copia de modo escandaloso Martius e Castelnau, de modo que em muitas palavras apparece o *v* com o som de *f* e o *w* com o de *v*, além dos diphthongos *ai* francez por *ê* e *ou* por *u*; e o mais curioso é que, *pour inspirer de la confiance*, censura severamente esses processos summarios de apropriação, «julgando, nos casos de divergencia com outros autores, não dever afastar-se em nada, do que praticamente aprendêra com os proprio indios.»

Aliás, até contando o que vio é por vezes hyperbolico, empolado e fica sujeito á censura. Assim falla muito no cáes de João de Albuquerque e o dá como ainda existente no anno em que esteve em Matto-Grosso, sujeito porém ao estrago dos commandantes da fronteira (1), ao passo que de tal caes mal havia vestigios, segundo autores mui anteriores e o que delle foi parcamente aproveitado não tem importancia, conforme bem pondera o Sr. Dr. João Severiano. (2)

Depois, a cada passo se notão demasiadas coincidencias: assim Weddell, na sua viagem, pinta o estado de miseria dos indios cabaçaes-bororós do Jaurú, assolados pela fome e pelos bernes; e tambem nesse mesmo estado exactamente os vio, dez ou mais annos depois, Ferreira Moutinho. Ainda em relação aos quintaes e ás hortas de Villa Bella, encontrou as arvores fructiferas, o pomar e as hortaliças, que menciona Ricardo Franco de Almeida Serra, no seu relatorio de 20 de agosto de 1790!

Do palacio diz elle: «A sala do docel era, além de espaçosa. perfeitamente decorada. Restão hoje dos seus ricos ornatos as molduras douradas e alguns quadros dos

---

(1) « O unico lenitivo, conta elle, que encontravamos á monotonia do ermo era passear á margem do Guaporé no lindo caes de S. Antonio, contemplando dessa obra, uma das melhores de Matto Grosso, o continuo correr das aguas tributarias do Amazonas. » E, depois de evocar a sombra de João de Albuquerque para castigar os que lhe destruião a obra monumental, accrescenta: « Arrancar o parapeito de um caes immenso e bem feito, ao seguir uma linda alameda que sombreava a igreja de Sánto Antonio, edificada no centro, destruir esse marco da cidade que hoje custaria centenares de contos de reis, é de revoltar o homem mais cynico » (*Noticia* etc. pags. 154 e 155.)

(2) *Viagem ao redor do Brazil*, tomo 2°, pag. 82.

reis de Portugal, que, por desconhecidos dos modernos, não têm encontrado um amigo que lhes dê guarida em sua casa.

« As bellas cadeiras de espaldar, forradas de excellente damasco da India (1), contrastão com o resto da mobilia das habitações em que se achão, parecendo protestar contra tal rebaixamento. O rico archivo estragarão-no as traças. E' tal a decadencia de Matto-Grosso, que os seus habitantes, morando em casas muito espaçosas, vão fechando as salas á medida que nellas apparecem gotteiras, até que não tendo mais quartos, se mudão para outra casa, pois custa alli muito menos uma grande propriedade, do que pequenos concertos. Vendeu-se, quando lá estivemos, um valioso sitio á margem do rio, tendo excellente e vasta morada, explendida capella interior com obras de aprimorado gosto, grande e bem feito engenho, paióes, senzalas, tudo coberto de telha e em bom estado, com immenso e variado pomar bem fechado, ricos pateos ladrilhados, laranjal e muito terreno de plantação com boas mattas, pela quantia de 200$000. Uma casa nobre dentro da cidade em esquina, toda envidraçada, com quatro salas de frente, rico e abundante poço d'agua, grande pateo cercado de quartos, estrebaria e largo quintal murado com muitos arvoredos de fructa e 14 a 16 pés de côco da Bahia, por 180$. Em Cuyabá, valeria pelo menos de 30:000$ a 40:000$ qualquer das duas propriedades.

---

(1) A' Princeza Imperial Sra. D. Izabel condessa d'Eu offertou a Exma. esposa do Sr. General Mello Rego, de volta de Matto-Grosso em 1888, uma bellissima e toda ornamentada cadeira que pertencêra ao primeiro ouvidor geral da capitania do Cuyabá e Matto-Grosso, o Dr. Manoel Fangueiro Fracesto. Essa cadeira, cujo trabalho de talha é muito notavel, está hoje na Europa.

Fangueiro viéra de Cuyabá substituir o Dr. Fernando Caminha de Castro uma das primeiras victimas notaveis do clima da Villa Bella: ahi chegado em 1755, logo falleceo. O primeiro ouvidor nomeado de Lisboa foi o Dr. Manoel José Soares que entrou em villa Bella em agosto de 1761 (Felippe José Nogueira Coelho, manuscripto do Instituto Historico, pag. 61): «nomeado por Carta Regia em que se ordena que o governador da Capitania lhe dê posse por não haver tempo para se lhe passar a costumada pelo Desembargo do Paço, como se deixa ver do 3.º regulamento da Ouvidoria f. 125. A tenacidade do ouvidor que foi João Antonio Vaz Morilhas em não querer sahir da Villa do Cuayabá, sendo já suspenso por ordem real lhe produzio a prisão por ordem, fazendo-se lhe sequestro em mais de 12 mil oitavas pela achada de bastantes, ainda que pequenos, diamantes, o que bem consta dos autos da provedoria n.º 484. Forão 12.991 oitavas. »

« Prova isto o descambar da cidade para completa ruina. Daqui a poucos annos, a continuar no mesmo decrescer, ha de o viajante penetrar de machado em punho para poder abrir um trilho e certificar-se de que foi ahi a grande cidade de Matto-Grosso, pelaspedras que encontrar com preciosos lavores.»

Da matriz da Santissima Trindade, que Ferreira Moutinho chama cathedral, porque Castelnau assim tambem a denomina, cita elle a parte acabada, cheia de magestosas obras d'arte e diz que lá encontrou «ajoelhado sobre a campa das sepulturas de homens distinctos e altos funccionarios enviados pela côrte de Lisboa o nome de Ricardo Franco de Almeida Serra (1)», quando esse denodado militar e eminente engenheiro foi enterrado na capella de Santo Antonio como adiante veremos, e não naquella igreja ; e isto não soffre contestação.

Do aspecto geral refere Moutinho o seguinte :

« A cidade perfeitamente edificada, com ruas muito iguaes e bem alinhadas, riquissimas igrejas, excellente palacio, quartel, uma bôa cadêa, paço da camara, casas de muito gosto e maiores que as de Cuyabá, é hoje invadida pelo matto, que vai abrangendo tudo, crescendo nas ruas a uma altura incrivel, por onde se anda numa vereda estreita, que dentro em pouco desapparecerá talvez. Quando lá estivemos, contavão-se apenas 5 pessoas brancas habitando o lugar. O povo é extremamente humilde e obsequioso, bastante sincero, imperando ainda por lá muitos costumes portuguezes. O modo de fallar é mais limado do que no resto da provincia. »

XII

Veio a obra do Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, *Viagem ao redor do Brazil* (2), satisfazer em todos os

---

(1) Absolutamente como Castelnau. Vide tomo 3, pag. 68.

(2) Essa obra, dedicada ao Instituto Archeologico e Geographico de Alagôas, refere-se aos annos de 1875—1878. Impressa em dous volumes na typographia de Pinheiro & C. rua Sete de Setembro n. 157, traz o primeiro dos tomos a data de 1880, o segundo a de 1881. Tem este 403 paginas e aquelle 399. in 4° grande, ambos ornados de não poucas vinhetas, plantas e mappas.

pontos a minha curiosidade, confirmando e avivando tudo quanto me deixára entrever a correspondencia de meo tio Adriano e nos Morros me contára Cardoso Guaporé. Tudo alli achei descripto com a maior minudencia e fidelidade, vibrante de emoção e com o expressivo cunho da melancolia, que um espirito cultivado não póde deixar de sentir ao remexer em cousas de outros tempos.

Arrependi-me até — francamente me arrependi — haver encetado a presente monographia, encontrando tão bem concatenadas todas as informações desejaveis e por quem, visitando demoradamente esses lugares, a elles levara não só agudo habito de observação, como tambem o culto do passado e o olhar synthetico do viajante que busca reconstituir periodos da historia, vendo preciosos rastos nas menores indicações, já uma pedra lavrada, já truncada inscripção, já um desenho ou simples arabesco, senão até rudimentares rabiscos mais ou menos artisticos nas suas combinações e entrelaçamentos.

Dos frescos do palacio dos antigos capitães-generaes falla extensamente, descrevendo-os em linguagem animada e pitoresca e de alguns fazendo até menção bastante longa. « Seus salões, diz elle – tratando do palacio e, não ha remedio senão reproduzir por extenso todo este trecho— salões primitivamente pintados a oleo mostrão ainda sobre as portadas, nos fôrros e lambrequins, frescos no estylo de Watteau e Lancret, mais ou menos originaes, ora allusivos ao paiz, ora aos governadores. Aqui, é uma cachoeira que obstrúe a navegação — os indios varão as canôas por terra, alando sobre rôlos e empuxando á força de braços as grandes, e as pequenas levando-as aos hombros—recordação dos saltos do Madeira. Alli, num theatro campesino graciosamente decorado de ramada e flôres, representa o scenario não um *auto*, apezar de dirigido e contraregrado por missionarios, em cujos nedios semblantes se lê a satisfação de autores—mas choréas mythologicas, onde as nymphas são formosas caboclas semi-vestidas e cujas fórmas, por exuberantes, parecem estudadas com alguma hyperbole. Noutros frescos, o artista ou copiou paisagens estranhas ou se entreteve em reproduzir simples recordações do passado : são campos

nevados, os gelos da Russia ou da Scandinavia com seus pinheiros e álamos, trenós, rhenas e louras friorentas embuçadas em arminhos e pellucias. Aqui, são castellos impossiveis sobre alcantís impraticaveis ou de difficilimo accesso; alli, granjas do Minho ou do Alemtejo, representadas com alguma naturalidade, dando-se o devido desconto á inventiva do artista, aos seus conhecimentos da arte, mórmente em perspectiva e á pobreza das tintas, onde o vermelho predomina.

« No fôrro do salão de jantar ha uma Hebe não mal desenhada, contornos suaves, posição feliz. Numa portada da ante-camara, uma dama, trajada de amplo vestido escarlate, em gestos de quem vehementemente impreca um gordo e roliço capitão-general, que, de fardão igualmente vermelho e á pôpa de um galeão onde fluctuão as quinas—lá está, cercado de seus officiaes de sala, no tamanho e compostura mais semelhantes a meninos do côro—e com o senho compungido e a mão direita nos bofes da camisa, como que a comprimir o coração, finge o hypocrita que a alma se lhe despedaça e elle, martyr do dever e da patria, parte saudoso e triste. »

E não é, perguntaremos, intercalando um parenthesis a estas curiosas citações, não é devéras invejavel a situação moral do viajante que de repente se acha, no fundo dos sertões da America, diante de semelhante quadro, a reproduzir com todas as suas ingenuidades o classico episodio de Enéas e Dido? Quem seria esse capitão general? Rolim de Moura? Pedro da Camara? Luiz de Cáceres, tão bom, tão sympathico e popular, Caetano Pinto ou Œynhausen? (1) De certo, não se refere aos infelizes João de Albuquerque ou Abreu e Menezes, ficados para sempre em Villa Bella, victimas das febres

(1) Como já fizemos notar, muitos escrevem erradamente Œynhausen. Vide a tal respeito as minuciosas notas de Augusto de Saint Hilaire—*Voyage dans les provinces de Saint Paul et Sainte Catherine*, pags. 278 e 279, tomo I, em que dá tão interessantes noticias dos dous ultimos governadores capitães-generaes da capitania de Matto-Grosso e Cuyabá, por tel-os conhecido pessoalmente: « Œynhausen, de feição germanica, pois era filho de um conde allemão e de uma senhora portugueza de alta gerarchia, tinha educação aprimorada, fallava bem francez e mostrava-se homem de sociedade (*de bonne*

e até do *macúlo*. Que dama fôra aquella, merecedora em sua infeliz paixão de semelhante consagração? Simples allegoria, como pretende o Sr. João Severiano, ou reproducção de trecho quasi historico? Os taes senhores governadores, cada qual na sua esphera e pondo em applicação as theorias commodistas e desmoralisadoras de Luiz XIV, que tanto fascinárão os reis e potentados do seu tempo e do seculo seguinte, não se incommodavão nada na revelação de incidentes mais ou menos intimos, que lhes afagava o amor proprio. E não é que das suas pretendidas condescendencias emanava orgulho e honra para muitas familias? Quantos em Goyaz não se ufanão de descender por bastardia do marquez da Palma? (1)

E essa despreoccupação no alarde de bem faceis triumphos se manifesta em outra pintura, de que nos dá noticia o cuidadoso viajante:

« Sobre a entrada da camara de dormir, um distico francez, paraphrase de dous versos da *Henriade*:

> « *C'est ici, qu'en cherchant les douceurs du repos,*
> *Les folâtres plaisirs désarment les héros.* ».

---

compagnie) embora um tanto deleixado no trajar. Fez excellente administração em Matto-Grosso. Todo o contrario fôra o marechal de campo Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, valido do Conde de Linhares, especie de gigante com uma cabeça redonda em pescoço muito curto, brutal, de máos costumes e casado com uma mulher, com quem vivêra muito tempo amancebado. Foi tomar conta da sua capitania acompanhado de uma chusma de verdadeiros salteadores, estado maior que no caminho praticou um sem numero de tropelias, tornando-se tambem notavel a mulher pelo espirito de baixa ganancia a mandar vender em Goyaz fazendas. Afinal foi ignominiosamente expulso de Cuyabá, quando se proclamou a Independencia. »

(1) Lembra-me esta referencia uma anecdota historica. Alguem que fôra á casa de um desses fidalgos da mão torta, aborrecido de espera-lo em vão e vendo á parede um quadro daquelle marquez, ornado de rica moldura, escreveo a lapis, antes de se retirar despeitado, a seguinte quadrinha, que deixou presa por um alfinete:

> « Do seu pai por ser marquez
> Tem o retrato na sala;
> Mas da *dama* que o pario
> Não tem retrato nem falla. »

(Em vez de dama havia palavra muito mais energica).

claramente explica o fresco, que representa um governador do typo de Henrique IV, olhos maganos e barba pontuda n'um rosto perfeitamente oval, sentado no leito e attrahindo a si a Dulcinéa; e bem mais claramente explica a facilidade de costumes desses modernos satrapas.

« E' tambem de admirar-se o acabado de certos objectos de ornamentação que ainda ahi existem; entre outros destacão-se as fechaduras e algumas ferragens das portas pelo fino e delicado do trabalho. »

Os dous quadros, citados com tanto enthusiasmo por Cardoso Guaporé, alli estão no salão principal « retrato de D. João VI e da rainha D. Carlota, sem assignatura, mas de um pincel educado. »

XIII

Aliás tudo quanto me narrára o velho preto vi, com verdadeira emoção, confirmado de modo bem expressivo e singular no livro do Sr. João Severiano: o lampadario de Casalvasco lá está mencionado; até o *passo* do Alegre, tão poetico e procurado para os *pic-nicks* d'aquelles tempos, os *convescotes*, conforme o neologismo proposto; tudo, sem esquecer as queixas dos matto-grossenses contra os cuyabanos, suas tentativas de resistencia e nem mais nem menos de separação, e o rancor desde então consagrado á cidade, que despojou de todas as regalias a antiga capital daquelles fundos sertões.

Deposto, com effeito, em Cuyabá o capitão general Francisco de Paula Magessi, organisou-se em 1822 naquella cidade uma junta governativa, á qual contrapuzerão os matto-grossenses outra, que chegou a ser reconhecida unica legal pelo governo imperial, tanto assim que foi o presidente desta que deferio, em 1825, (embora em Cuyabá) juramento ao primeiro presidente da provincia Dr. José Saturnino da Costa Pereira. A esta autoridade ordenavão as instrucções do Rio de Janeiro visitasse com a possivel frequencia Matto-Grosso e o districto do norte; mas essa obrigação jamais teve cumprimento, nem por parte delle, nem de nenhum dos seus

successores na administração; e em 1835, por simples lei provincial, declarou-se Cuyabá capital da provincia.

Estava afinal vencido o pleito encetado desde 1751, mal acabára de chegar Rolim de Moura!

« Por muito tempo, diz o autor da *Viagem ao redor do Brazil*, que lá esteve em Setembro de 1876 e Julho de 1877, guardou Matto-Grosso esperança e desejos de rehaver a sua preeminencia e si, quando abandonados e a pouco e pouco destruidos os arraiaes do seu districto e que lhe constituião as forças, se reconheceu impotente para essa aspiração e perdeu qualquer illusão, guardou todavia inolvidavel lembrança dos seus tempos de grandeza, alliada a uma especie de inveja e antipathia, que desde os primeiros tempos mutuamente se devotavão os dous povoados, e agora exacerbados. »

E tem de viver dos magros e a custo obtidos favores de Cuyabá (1), pois Villa Bella que mandou tanto ouro, tanto, ás terras de além mar, mal conta com o rendimento mensal de 500$ (2) provavelmente cerceado e fornecido pela thesouraria provincial.

---

(1) Dará idéa, diz o Sr. Leverger, do triste estado do districto do norte a comparação da população em 1816 e o recenseamento geral em 1872-1873.

EM 1816

	Livres.	*Escravos.*	*Total.*
Homens........	1546	1783	3329
Mulheres.......	1801	692	2493
Somma.....	3347	2475	5822

EM 1872

Homens........	581	99	680
Mulheres.......	668	87	755
Somma.....	1249	186	1435

(2) Esta informação é do Sr. João Severiano, e assim mesmo supponho que Matto-Grosso se daria por feliz se tivesse ainda semelhante renda mensal. A pobre Villa Bella com 6:000$ por anno?!

É curioso reproduzir alguns dados das tabellas que traz a *Revista do Instituto* tomo XX. Referem-se a 1818. O governador e capitão-general ganhava por anno 4:800$, o prelado 1:000$, o ouvidor geral 1:200$, o juiz de fóra 980$, um coronel 1:128$ o cirurgião-mór da capitania 600$, o vigario collado 248$, o professor de philosophia 460$, de primeiras lettras 200$. Nesse anno, Villa-Bella tinha 8 lojas de fazendas,

A cidade de Matto-Grosso ainda possue seis ruas perpendiculares ao curso do Guaporé, denominadas *Palacio*, *Mercado*, *Fogo*, *Santo Antonio*, *S. Luiz e Porto* e cinco travessas, mais na direcção de S. a N. do que na de SSO. a NNE. com que corre aquelle rio, *Estrada*, *Palacio*, *Mercadores*, *Fogo* e *Tócos*, ruas largas e de casas mais ou menos juntas, em numero superior a 300.

Das igrejas nos dá o intelligente viajor informações dignas todas de integral reproducção, por partirem de quem apreciou *de visu* tamanhos primores e preciosidades.

Fallando da matriz conta: « Foi mui rica e guarda ainda os restos da prisca opulencia, taes como velhos mas valiosos paramentos, imagens adornadas de custosas joias de ouro, prata e pedrarias, umas com immensos resplendores de ouro, outras com corôas imperiaes de tamanho natural, duas riquissimas e bem cinzeladas custodias tão pesadas que a custo as ergui com uma só mão; calyces, patenas, navetas de ouro ou prata dourada, thurybulos, immensas alampadas, tocheiros, varas de pallio, que mais parecem *bambús* que varas, candelabros, etc., e tudo de prata, mas tão sujos que á primeira vista eu os suppuz de ferro. »

Da capella de Santo Antonio, aquelle poetico templo rodeado de tão fallado laranjal, conforme nos referira Riedel e cantado pelos dous poetas fraternos, nos dá o Sr. João Severiano valiosa noticia. Não deixa de ter elegancia e ainda contém grandes riquezas, muito embora as espoliações de que tem sido victima. « Uma das suas custodias, diz elle, é ainda mais rica e primorosa que as da matriz e de subído valor: as corôas das imagens são de tamanho ás vezes exagerado, algumas ornadas de gemmas. » Uma imagem de Sant'Anna, celebre em toda a provincia, está alli recolhida.

---

12 vendas, 6 sapatarias, 8 alfaiates, 8 carpinteiros, 6 pedreiros, 5 ferreiros, 4 ourives, latoeiros, etc., 6 engenhos de assucar e população de 2,354 almas. A força total da capitania era de 3,212, sendo a legião de Matto-Grosso de 736, a de Cuyabá de 2,522, além de 286 caçadores reaes do Paraguay. A população total da capitania era de 27,917 habitantes, dos quaes 7,435 no districto do Norte (Matto-Grosso) e 19,830 no do sul (Cuyabá) além da guarnição de tropa paga.

« Ainda o cercão magestosos e já seculares tamarineiros e gamelleiras e mui poucas das larangeiras do formoso pomar com que o circumdarão os dous Albuquerques. »

E agora mais se augmenta a minha emoção — e assim consiga eu passal-a ao leitor—pois o illustre viajante vai referir-se ao ente, que inspirou tudo quanto tenho até agora escripto, como que na obsessão de um compromisso triste e grave que eu tinha de desempenhar.

No chão dessa capella, calçada de tumbas rasas, estão, de um lado e do outro da capella-mór, duas sepulturas, e uma d'ellas é de meu tio, o tão chorado Amado Adriano Taunay « joven e mallogrado artista (1), diz o Sr. Dr. João Severiano, que em vez de colher os louros e as glorias de seu pai, das quaes era legitimo herdeiro, veio, aos 24 annos de idade, morrer desastradamente no porto do Guaporé. »

E aqui me detenho por um pouco, agradecendo de coração ao distincto escriptor a honrosa referencia que faz á minha familia, como homenagem áquelle mancebo finado em paragem tão longe do centro de civilisação, em que vira primeiro a luz do dia.

XIV

Do lado direito da capella de Santo Antonio dos Militares, diz-nos o Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, se vê outra sepultura, em cujo tampo de madeira está inscripto o seguinte epitaphio:

R F A S
Cel do R C de E
Que gloriosamente defendeu Coimbra
Em 1801
& no mesmo lugar falleceu
Em 21 de Janeiro de 1809
Aqui jaz sepultado.

---

(1) Elle o chama Amadeu Adriano Taunay; mas a culpa é toda minha, que dera a esse tio o nome de Amadeu em vez de Amado, na memoria sobre a *Expedição do consul Langsdorff, Revista do Instituto*, tomo XXXVIII, pags. 337 e seguintes.

E a sepultura de Ricardo Franco de Almeida Serra, coronel do Real corpo de Engenheiros.

E essa tumba deve despertar-nos o maior interesse, pois suscita mil recordações de um homem bom, honesto quanto possivel, valente, verdadeiro sabio, amante da natureza, leal servidor da sua patria, philanthropo esclarecido, consciencioso sempre no exercicio de quantos deveres lhe forão impostos durante 40 annos de estada no Brazil, passados quasi todos na capitania de Matto-Grosso e Cuyabá e nas regiões mais insalubres dessa longinqua zona, sem que até hoje tivesse, apezar de tantos titulos de recommendação, achado ainda quem désse, de vida tão bem preenchida, senão brevissimas e lacunosas notas biographicas, sempre intercurrentes em assumpto diverso.

E não só por isto, que de certo não é pouco, mas por outra circumstancia mais, é tal tumba credora de attenta investigação e zeloso estudo, pois da inscripção que a exorna resalta logo uma duvida e duvida bem curial, sendo pois de sentir-se, que o Dr. João Severiano, tão minucioso sempre e investigador a não tivesse revolvido logo em regra, quando estava em melhores condições que ninguem para elucidal-a, a visitar aquelles locaes e a vêr de perto as cousas.

Como é que, morrendo Ricardo Franco em Coimbra, foi ter sepultura em Villa Bella?

Teria sido o seo corpo embalsamado e transportado para tão longe, quasi 300 leguas? Porventura haveria naquella época e em Matto-Grosso meios para esse embalsamamento, e quando houvesse, teria o valente engenheiro militar merecido semelhante honraria, em tempo do despotismo portuguez, caracterisado por excellencia pela ingratidão aos bons servidores do Estado e de El-Rei? Mas, qual a tradição, qual a chronica ou memoria que trata desse facto tão significativo e de natureza a gravar-se no espirito de todos? Ter-se-ia dado simples trasladação dos ossos? Ainda assim, porém, onde se encontra menção de tão grande prova de apreço? A tal respeito o silencio é absoluto, completo, e nada nos esclarece o Dr. João Severiano, quando diz o seguinte em trecho que transcreveremos todo inteiro:

« A Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres mais do que a nenhum governador deve a capitania beneficios e germens de muitos engrandecimentos, sendo talvez o maior o ter trazido em sua companhia o engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra, então capitão de infantaria, a quem desde o começo da viagem fôrão commettidos trabalhos da maior importancia, começando por um mappa do itinerario que seguirão do Rio de Janeiro á Villa Bella, e que, identificando-se com a capitania, fez della uma nova patria, estudando-a e fazenda-a conhecida no mundo e *ahi sepultando-se* após quasi quarenta annos de nobres e famosos trabalhos. »

Não ha comtudo, duvida, de que naquella cidade de Villa Bella se inhumára o illustre Ricardo Franco e para prova é que Francis de Castelnau, diz que vira sua sepultura e o seu nome esculpido, não no chão da capella de Santo Antonio, mas no da Matriz da Santissima Trindade o que tambem repete e affirma o Sr. Ferreira Moutinho, mas com palavras tão approximadas ás do outro escriptor, que bem se evídencia ter elle lido o que conta e não visto com os proprios olhos.

De outra parte, a mesma inscripção nos declara, que Ricardo Franco fallecêra a 21 de janeiro de 1809 em Coimbra, local da sua maior gloria pelo bem que ali defendêra a honra da bandeira portugueza, e neste particular não ha divergencia em qualquer fonte de indagações que se procure. Todos á uma asseverão, que em Coimbra, foi que morreu Ricardo Franco; e o accordo se estende á data do dia, do mez e anno em que fechou as palpebras á luz terrena. Sabe-se, ainda mais, que esse illustre engenheiro, depois de fazer parte da *Junta governativa*, que tomou conta da direcção da capitania de Matto Grosso e Cuyabá a 28 de fevereiro de 1796, por occasião da morte de João de Albuquerque e a governou até 6 de Novembro daquelle anno, em que Caetano Pinto de Miranda Montenegro della tomou posse, seguira para a parte meridional da capitania, assignalando a sua longa permanencia pela inolvidavel resistencia do forte de Coimbra, ante a qual recuou D. Lazaro de Ribera e pela viagem ao districto de Miranda, donde remetteu o

relatorio sobre indios *uaicurús* e *uanás*, que já citámos neste nosso trabalho, e muitas informações geographicas e astronomicas, todas de indiscutivel valia.

Tambem é certo, que voltára a Villa Bella, pois a 12 de dezembro de 1806 entrou novamente, como substituto então do coronel Cunha Fontes, na Junta governativa, que se formára após a morte do governador e capitão general Manoel Carlos de Abreu Menezes, a 8 de novembro de 1805, e deo posse, a 18 de novembro de 1807, a João Carlos Augusto de Œynhausen Gravenberg, portanto um anno e dous mezes antes da morte delle, Ricardo Franco.

Fica, porém, fóra de duvida que, logo depois de entregar a parte de governo interino que lhe competia como official de mais alta patente na capitania, desceo sem detença para o sul e morreo em Coimbra. Como, porém, finando-se nesse forte, pôde ter sepultura tão longe d'alli? Como conciliar as palavras da inscripção — *no mesmo logar* (Coimbra) *falleceo* e as outras *Aqui* (Villa Bella) *jaz sepultado*?

Para confirmar que Coimbra fôra logar do fallecimento de Ricardo Franco (1), referio-me meu primo visconde de Beaurepaire Rohan, muito versado em cousas das provincias que vizitou, sobretudo nas de Matto-Grosso a que dedica particular interesse, que, ao saber-se em Cuyabá da enfermidade daquelle illustre servidor e militar, fôra incontinente despachada uma igarité, levando medicamentos, que, apezar da estupenda rapidez

---

(1) Leverger (tomo XXIX da *Revista do Instituto Historico*) igualmente o affirma, e tudo quanto se encontra nos muitos escriptos desse illustre cidadão relativo a Matto-Grosso é credor de toda a confiança.

Augusto João Manoel Leverger, uma das figuras mais salientes de toda a historia de Matto-Grosso, nasceo em S. Malò (França) a 30 de janeiro de 1802. Veio para o Brazil em 1819 e, após varias peripecias, entrou na marinha brazileira, com a idade de 22 annos, a 11 de novembro de 1824. Chegou a Cuyabá em fins de novembro de 1830 e desde então consagrou-se exclusivamente a Matto-Grosso, fallecendo, depois de lhe ter prestado os mais relevantes e assignalados serviços, naquella capital a 14 de janeiro de 1880, com a idade de 78 annos. Tenho em mão elementos seguros de informação, que me darão o grato ensejo de publicar dentro em breve a biographia desse eminente servidor do estado.

da viagem, chegárão infelizmente tarde,ou pelo estado de adiantamento da molestia, ou por ser o enfermo já morto.

A consulta das *Ephemerides* do Dr. Teixeira de Mello nada adianta. Na data 21 de janeiro de 1809 traz o seguinte : « Fallece no forte de Coimbra Ricardo Franco de Almeida Serra. Seos restos mortaes repouzão na capella de Santo Antonio dos Militares, junto á capella-mór. »

Quanto á inscripção tumular, vem ella indicada nestes termos :

R F A S
C^el^ do R C de Eng^os^
Que gloriosamente defendeo Coimbra
Em 1801
E nella falleceu
Aqui Jaz

Poder-se-ia dizer que o Sr. Dr. Teixeira de Mello colhêra esta importante informação no livro do Sr. Dr. João Severiano, mas exactamente a 2ª parte da *Viagem ao redor do Brazil* appareceo em meiados de 1881, quando já fôra publicada aquella secção das *Ephemerides*. Donde tirou, pois, esse autor tão curiosa noticia? Donde provêm as differenças entre uma e outra inscripção ? Tudo, nesta ordem de analyse, tem significação e valor. Porque em ambas falta a ponctuação, que indica abreviaturas? A suppressão das datas do fallecimento facilmente se explica pela dispozição chronologica adoptada no seguimento dos factos; mas porque, em uma das epigraphes, está com um & romano *no mesmo logar falleceo* e na outra — *e nella falleceo ? Nella* que? Coimbra? fortaleza? praça? O nome official era prezidio de *Nova Coimbra*.

Demais, nas *Ephemerides* simplesmente se diz *Aqui jaz* em typo maior, e na *Viagem ao redor do Brazil* apparece em typo igual *Aqui jaz sepultado*. Parece bem provado, que diversas fôrão as fontes de informação.

Perguntado por mim a respeito de tudo isso, debalde procurou o Dr. Teixeira de Mello elucidar estes pontos, consultando as obras que manuseára e appellando para o que lhe ministrasse a memoria.

Expressivamente exclamou: « Dá vontade de se ir de proposito a Villa Bella, só para esclarecer estas duvidas !»;

e de taes palavras bem resumbra o amor que esse laborioso cultor da historia patria dedica ás pesquizas difficeis e conscienciosas (1).

---

(1) Estava já impresso tudo quanto acima se lê, quando, depois de muita consulta, achei solução á duvida por mim proposta e que me deo, a mim mesmo, enorme trabalho. Encontrei afinal resposta completa; e quem m'a ministrou foi o summario da importante obra inedita de João Augusto Caldas, de que adiante fallarei. No capitulo XV relativo aos annos de 1807 a 1818 aponta, sem indicar a data exacta, a trasladação dos ossos de Ricardo Franco de Coimbra para Villa Bella.

Parece provavel, que essa trasladação se désse no anno de 1818, pois o minucioso chronista de Cuyabá Joaquim da Costa Siqueira, cujos apontamentos vão desde o principio do anno de 1778 até ao fim do de 1817, não diz palavra a respeito daquella especialissima prova de apreço, bem rara nos fastos dos tempos coloniaes. Houve, tambem, o mesmo cuidado com os ossos do missionario José de Anchieta, transferidos com grande pompa do Espirito Santo para a Bahia, no anno de 1611.

Em relação a Ricardo Franco, o trabalho foi muito maior, havendo que vencer 200 leguas de navegação fluvial de Coimbra a Cuyabá e dahi a Villa Bella 100 de caminho terrestre, para lhe darem guarida eterna n'uma das igrejas da capital. Escreveo-me o Sr. coronel João de Oliveira Mello, que o tenente coronel Cesario Correia da Costa, genro do sempre lembrado Augusto Leverger, barão de Melgaço, lhe contára que para a travessia fluvial fôra mandada de Cuyabá uma embarcação toda ornada de apparatosos symbolos funerarios, o que tudo indica a alta e merecida conta em que era tido o coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, cujos serviços ao Matto Grosso colonial forão tantos, tão numerosos e variados como os de Augusto Leverger nos tempos do Matto Grosso provincia.

Teve Ricardo Franco de uma india uma filha, mãi de um varão, que adoptou o nome do avô Ricardo Franco de Almeido Serra e foi muito tempo empregado na pharmacia do Dr. Murtinho, em Cuyabá.

A' ultima hora forneceu-me um importante inedito do visconde de Beaurepaire Rohan, *Annaes da Provincia de Matto Grosso*, que elle me deo para consulta, a seguinte informação ; « 1809.—A 21 de Janeiro de 1809 morreo em Nova Coimbra o coronel de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, que tão nobremente defendêra aquella fortaleza em 1801. Quando se soube em Cuyabá que havia enfermado, enviárão-lhe alguns remedios, e bem que a canôa que os levava, fizesse em 5 dias a longa viagem de 200 leguas, não foi isto bastante para salvar essa existencia tão preciosa. O general João Carlos querendo honrar a memoria desse sabio e illustre official, mandou que se trasladassem seos ossos para Villa Bella, onde chegárao com effeito, a 28 de julho de 1810. Em 21 de agosto seguinte, mandou-lhe fazer um officio funebre, a que assistio numeroso concurso, composto das autoridades civis e militares e do povo. » Eis valiosissima noticia ; mas como conciliar aquella data com o silencio absoluto do chronista de Cuyabá Joaquim da Costa Siqueira ? Os ossos de Ricardo Franco só terião ficado em terra pouco mais de um anno ? Verdade é que, em julho e agosto de 1810, o capitão general João Carlos Augusto de Œynhausen se achava em Villa Bella, tendo partido de Cuyabá a 17 de setembro de 1809 e voltado áquella cidade a 18 de outubro de 1810, conforme se vê no citado chronista (*Revista do Instituto*, tomo XIII pags. 76 e 79).

E, já que indico um trecho da copiosa e importante obra do Dr. João Severiano que me deixou a desejar. apontarei outro, em que ha vizivel confusão. E' quando, á pag. 307 e seguintes, compara os idiomas *layano* e *quiniquinão*, ao passo que as palavras que relaciona evidentemente pertencem ás tribus *chané* e *guaycurú*; e a confusão é digna de nota e reparo, pois, conforme muito bem diz o mesmo autor, os *chanés* se subdividem em quatro grupos *tchouoronós* ou *guanás*, *layanos*, *quiniquináos* (koinukunós) e *terenas*, cujo modo de fallar é muito approximado, quasi o mesmo com pequenas variantes, doce, sibillante e com predominio dos agudos, emquanto o do *guaycurú* é aspero, cheio de arrogancia e com muitos graves e esdruxulos. Assim, diz o *chané*, (*guaná*, *layano*, *quiniquinão* e *terena*) com voz suave: *Acó unatí* (não estou bom) e o *guayacurú* accentúa com muitas aspirações e emphase sempre: *A'ica dibiniêne!*

Não estou, porém, fazendo a critica da *Viagem ao redor do Brazil*, nem alguns senões tirão valor a obra tão extensa e que tantos e tantos dados forneceo a esta memoria, ministrando resposta á minha curiosidade. que, em pontos miudos, parecia pelo menos dever ficar suspensa.

Com todo o gosto regresso, pois, a Villa Bella, sendo na verdade agradavel poder deste modo visitar lugares tão desconsolados e perdidos.

XV

Na Camara municipal, ainda se vêm pelas paredes os retratos em tamanho natural do rei D. João VI e dos cinco primeiros governadores, preciosidades dos nossos tempos coloniaes,que debalde tenho tentado salvar, pois ficárão sem solução as propostas por mim feitas, em duas occasiões no Instituto Historico, afim que o governo as mandasse remover para Cuyabá, ou, melhor ainda, para o Rio de Janeiro. A moldura do de Caetano Pinto, vazia

do quadro, que dalli desappareceu, mostra já que está incompleta aquella interessantissima collecção (1).

Nessa Camara, frequentada muitissimo mais pelos morcegos do que por vereadores, se acha ainda grande parte dos archivos da Capitania do Cuyabá e Matto-Grosso, mas tudo perdido, estragado, roido pelo dente do tempo, dos cupins e dos ratos. Os manuscriptos, já nos disséra Castelnau, cahem em pó, mal se toca nas pastas que os guardam, colladas pela humidade e cobertas de bolor que viceja com força de cogumelo em plena exuberancia (2).

Teve comtudo essa municipalidade seus dias de energia. Protestou valentemente contra a proposta de Magessi; provou com bem calorosos argumentos, que o clima era propositalmente calumniado e que as causas das endemias, em geral benignas, podiam ser facilmente contrariadas e removidas; luctou quanto pôde e buscou até,

---

(1) A nota á pag. 122 do 2º volume da *Viagem ao redor do Brazil* explica essa falta. «Um dos descendentes de Caetano Pinto, diz ella, o Sr. marechal barão da Penha, (hoje visconde) explicou-me o facto. Sabendo que existia esse retrato e desejando sua familia uma copia, obteve-o para esse fim. Realisado este, cumpriram immediatamente o dever que se impuzeram de mandar repôr o original no seu logar de honra; mas o portador descuidou-se da commissão, deixando o retrato em Cuyabá, para onde o conduzira.» Fôra curioso ter pormenores da viagem de vinda e ida desse retrato, como obteve a familia autorisação para tiral-o de Villa Bella, quem fez a copia e em que anno.

Existe hoje no palacio da presidencia em Cuyabá, e delle me fallou com elogio o Sr. general Mello Rego, especialisando a expressão da physionomia e a bella côr geral. Caetano Pinto de Miranda Montenegro, sexto capitão general de Matto-Grosso, esteve n'aquella capitania seis annos, nove mezes e nove dias, de 6 de novembro de 1796 a 15 de agosto de 1803. Governador de Pernambuco por occasião da revolução de 1817, foi, ao chegar ao Rio de Janeiro, recolhido preso á fortaleza da ilha das Cobras, mas defendeu-se das accusações que lhe fazião e viu-se reintegrado no seu alto posto. No tempo de D. Pedro I, teve o titulo de visconde de Villa Real da Praia Grande, foi feito senador em 1826 por Matto-Grosso e falleceu a 11 de janeiro de 1827, marquez e desembargador da Relacão do Rio de Janeiro. A respeito do retrato, soube eu, que a remessa ao Rio de Janeiro se déra na presidencia do Sr. coronel Francisco José Cardozo Junior, que administrou a provincia de 20 de julho de 1871 a 25 de outubro de 1872.

(2) Castelnau, tomo III pags. 66 e 67: «Je fus longtemps avant de découvrir qui était chargé de leur garde; puis on me dit que les clefs étaient perdues; on m'assura ensuite que, depuis plusieurs années, personne n'y était entré. Enfin, lorsque nous y pénétrâmes, quel ne fut pas mon chagrin de voir, que les rats et les termites avaient entièrement détruit tous les papiers !... »

por occasião da Independencia do Brazil, levantar o pendão da revolta contra a Junta de Cuyabá, conservando-se autonoma até 1824, quando afinal se sugeitou, embora a contragosto e parcialmente, ao primeiro presidente José Saturnino da Costa Pereira.

Uma vez resignada á sua sorte de cidade supplantada, não cessou a vereança de Matto Grosso de exarar mil queixas do seu abandono, da inexecução dos compromissos que tomára Cuyabá e da injustiça com que fora tratada, tudo sem resultado porem, chegando até a vér ameaçados os seus fóros e a sua categoria de cidade, pois a Assembléa legislativa provincial de 1879, renovando uma tentativa feita em 1874 e frustrada pela intervenção do bispo Reis, a rebaixou á qualidade de villa, projecto de lei a que o presidente Pedrosa negou sancção, mais por sentimento de respeito a honradas tradições, do que pela exacta e, neste caso, severa consideração das cousas.

«—Está cada vez mais *bibóca* (1), dizia-me em 1866 Cardoso Guaporé nos Morros, e sangra-me o coração ao pensar, alta noite, na degradação e miseria dessa capital dos primeiros capitães generaes, gente toda da mais alta linhagem de Lisboa, centro de um *despotismo* (2) de ouro e da qualidade mais fina que o Brazil enviava todos os annos á Corôa portugueza para lhe dar opulencia e brilho! Agora nem se póde lá viver.»

Com effeito, o Dr. João Severiano já não encontrou alli uma só loja, a não ser esfalfada forja no fim da travessa de Palacio; nem um sapateiro, alfaiate ou charuteirio, nada de açouge e padaria, desta apenas noticia de que existira no tempo dos governadores. Cousa extraordinaria, é localidade, aliás bem rara em todo o Brazil, em que não se vê um só portuguez e portanto uma venda em regra

---

(1) Lugar de buracos e socavões por incuria e pela acção das intemperies e, por extensão, casa ou até cidade abandonada. Diz o Visconde de Beaurepaire Rohan no seu *Diccionario dos Vocabulos brazileiros* que vem do tupy *Ybyboca*, de *yby* terra e *boca* abertura ou fenda. No guarany *ybybog* (Montoya).

(2) Enorme quantidade. Beaurepaire Rohan não dá essa palavra, muito empregada em todo o Matto-Grosso; nem outra igualmente expressiva e no mesmo sentido, *immundicie*. Immundicie de povo, immundicie de filhos, etc., por grande quantidade.

de seccos e molhados, sendo, comtudo, todas as casas providas de algumas fazendas, fogos de artificio e medicamentos mais usuaes e de um balcão indicativo de negocio, que naturalmente não se faz senão com toda a morosidade. O Sr. Ferreira Moutinho assim mesmo pôde achar uma patricia ou quasi patricia, viuva de um tal major Vasconcellos Pinto.

O representante isolado da raça caucasica, pelo menos de indiscutivel origem, era, quando por lá passou aquelle primeiro viajante, um padre italiano, que mais que provavelmente, ha muito, deu-se pressa de procurar outra freguezia que parochiar. Aliás, a esses padres de arribação consagram os matto-grossenses justa desconfiança pelo trabalho que têm tido em defender as riquezas das suas igrejas. E muito os aborreceo em certa occasião um clerigo boliviano, o qual tentou apoderar-se das mais ricas custodias, pretextando querer *sacarles una copia en Santa Cruz de la Sierra*, conforme o pedido feito á respectiva Irmandade, segundo refere o Dr. João Severiano.

XVI

A ausencia de portuguezes é bastante notavel em todos os povoados de Matto-Grosso, que foi, comtudo, uma das capitanias mais estudadas, mais bem guarnecidas e mais zeladas pela corôa lusitana. A essa falta, ainda hoje bem sensivel, se ligão penosas recordações de uma especie de *Saint Barthélemy* tramada com todo o sigillo apezar de enormes distancias e executada simultaneamente e com o mais diabolico calculo em quasi todas as localidades daquella provincia.

Com effeito, em Cuyabá nas trevas da noute e á primeira badalada das doze horas (1) dada pelos sinos ao

(1) Ha muita divergencia acerca da hora em que começou a carnificina. Derão-me uns essa de meia noute; outros dez horas da noute, e outros afinal meio dia. A maior copia de informações pende para doze horas da noute, tendo começado o movimento de tropa e sobresalto da população duas horas antes.

findar o dia 30 de maio de 1834, levantou-se possessa de inexplicavel furia parte da população e, aos brados de *mata bicudo*, começou a trucidar sem dó nem piedade infelizes e imbelles portuguezes, excitada pelos boatos de que por elles fôra chamado D. Pedro I e de que em todos os pontos do Imperio se procedia a igual morticinio !

Foi chefe desse hediondo movimento um certo Manso, a quem depois e mui justificadamente derão o alcunha de *Tigre do Cuyabá*. Com razão diz o Sr. Ferreira Moutinho, que hoje todo o filho de Matto-Grosso falla nessa carnificina com vexame e esquivança, tendo se dado sumisso quasi total aos documentos e inqueritos que a ella se referem, o que é de sentir, pois ainda não foi estudada, nem poderá mais sel-o devidamente, tão singular e sangrenta conspiração contra inermes e confiantes cohabitantes dessa longinqua região.

O prefaciador da *Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso* (1) descortina alguns dos horrores que se praticárão e quaes as estultissimas razões com que os agitadores perturbarão o bom senso e a natural cordura do povo. «Temia-se, diz elle, que o nobre e immortal fundador do Imperio viesse atacar o Brazil por Matto-Grosso! Os partidos estavão assanhados, e os portuguezes, com razão ou sem ella, erão tidos em conta de amigos e de apaniguados de D. Pedro I, de restauradores emfim...»

« Felizmente o tempo já tem varrido da memoria todos os actos de feroz loucura, todas as façanhas de cruel perfidia, todos os accessos do mais impudente canibalismo, em que se requintou a plebe para exterminar os pacificos e laboriosos filhos de Portugal.

---

(1) Indalecio Randolpho Figueira de Aguiar escreveu a introducção ao livro do Sr. Ferreira Moutinho em S. Paulo e a datou aos 9 de abril de 1869. Conforme nos diz, esteve 6 annos em Cuyabá, cidade a que tece grandes elogios, exaltando a sua hospitalidade e doçura de costumes. « Quem ha, exclama, que tendo ahi residido, não ame aquella terra, não se alegre, não se reanime ao fallar em cousas della ! »

Essa introducção prima por louvavel franqueza. Critica os defeitos do estylo, a banalidade de muitas informações, o pouco criterio de outras e os erros de linguagem «que, por feliz desforra, observa, tambem serão notados nesta carta. »

Era Indalecio de Aguiar bacharel em sciencias juridicas, exerceo em Matto Grosso o cargo de inspector da thesouraria geral e falleceo em S. Paulo a 23 de abril deste anno corrente de 1891.

« Debalde, em Cuyabá, o venerando bispo (1), com o crucifixo nas mãos, percorrendo as ruas da cidade, obsecrava os insanos e intercedia pela vida dos infelizes; debalde com doces persuasões e palavras santas porfiava em lhes apagar a sanha! debalde! que cegos e allucinados como os judeos e quasi que lhes repetindo os mesmos brados *legem habemus, crucifige eum*, clamavão: « Temos ordem da Regencia, é preciso exterminar » e

« Se encarniçavão fervidos e irosos
No futuro castigo (2) não cuidosos.»

Desses attentados diz o Sr. Ferreira Moutinho:

« A pagina em que se escrever a historia de tal exterminio, será uma nodoa de sangue nos annaes da provincia, e jámais o tempo poderá apaga-la. Não tentaremos descreve-la: apezar de portugez, queimámos muitos documentos relativos aos negocios de 1834.»

Grandes atrocidades, com effeito, se consummárão naquellas breves horas, em que a soldadesca desenfreada e debaixo da acção do alcool matava a torto e a direito e saqueava, unida, dizem uns, á mais vil relé de Cuyabá, ligada, asseverão outros, ao que havia de melhor na cidade!

Contou-me o visconde de Beaurepaire Rohan, chegado a Cuyabá dez annos depois, em 1844, que, apezar de todas as precauções do mysterio, ainda bem presente estavão á lembrança de todos o horror e a vergonha de semelhante carniceria, ruidosamente festejada na noute de 31 de maio com fogos de artificio e luminarias geraes.

---

(1) Era D. José Antonio dos Reis. Nasceu em S. Paulo a 10 de junho de 1798, formou-se em 1832 e fez a sua entrada em Cuyabá em novembro de 1833. Muito respeitado de todos e tido até por santo pelo povo, falleceo com 78 annos de idade a 11 de outubro de 1875.

Diz aquelle autor que os seus sermões publicados lhe tornarião o nome immortal. Creio que ha exagero nesta asseveração. Governou o episcopado mais de 43 annos.

(2) Pretendem Ferreira Moutinho e Indalecio de Aguiar que o castigo da Providencia, embora moroso foi terrivel, tendo sido Matto Grosso assolado, trinta e quatro annos depois, pelos paraguayos e pela epidemia de bexigas. Dessa terrivel peste em 1867 falleceu mais de metade da população de Cuyabá. « Esão já expiados os crimes e peccados, exclama Indalecio; pelos criminosos e peccadores pagárão os filhos e innocentes! »

Uma desgraçada senhora, casada com portuguez vio-se obrigada pelas vociferações da populaça em delirio, que ameaçava a vida dos filhinhos, a illuminar a casa, quando o cadaver do marido ainda estava estirado em cima de uma mesa!

Consegui saber o nome dessa pessoa, D. Ignez Ferreira da Silva, mulher do capitão do real trem José Antonio de Azevedo e avó paterna do actual e conhecido Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo. Dando provas da maior coragem, procurou quanto pôde defender o esposo, occultando-o a principio dos assassinos e buscando depois, a luctar com elles e no meio dos gritos de terror e de soccorro dos filhos pequenos, amparal-o dos golpes homicidas.

Passados os primeiros dias de estupôr e acabrunhamento, resolveu D. Ignez vir ao Rio de Janeiro reclamar justiça e vingança. Liquidou os poucos bens que salvou do saque e partio com os seus quatro filhos, uma menina e tres meninos, dos quaes o menor tinha 7 annos e foi pai do Dr. Miranda Azevedo, Antonio Augusto Cesar de Azevedo. Pela linha fluvial de S. Paulo chegou a Piracicaba e afinal após penosissima viagem alcançou a capital do Imperio.

Adiante e em breve tornaremos a encontrar essa heroina.

Relatando em carta ominosos pormenores daquelles dias, um alfaiate de nome Leque (1), que se distinguira pela estupida ferocidade, fazia alarde da morte de um brazileiro, trucidado por equivoco: « Houve, escrevia elle, engano, mas *engano* acertado, pois o tal era *caramurú* e merecia como qualquer *bicudo* a morte, que lhe foi dada e bem dada. »

Quando estive, em 1866, na villa de Miranda, procurei colher informações seguras a respeito desses factos e com difficuldade soube, que todos os doze portuguezes que lá havia fôrão, naquelle nefasto 30 de maio, barbaramente assassinados, alli ao primeiro toque do meio dia. A morte de um delles, que se occultára por baixo de um grande monte

(1) Foi esse o nome do homem, segundo alguns informantes; outros, porém, delle descarregão a penosa responsabilidade.

de sapé cortado para cobrir um galpão, tornou-se tragica, já pelas rogativas que a principio fez, já pela resistencia que por fim oppôz aos assassinos, dirigidos por um Silva Albuquerque, o qual, por occasião da devassa aberta de ordem do governo geral, teve de se homiziar para os lados de Camapuan e Corredor e lá ficou 30 annos.

XVII

Facto bem singular e que mostra a que extremos levão os desvairamentos de perversa politica, o tal Manso, Antonio Luiz Patricio da Silva Manso, estabelecido em Cuyabá como medico e gozando ahi de grande influencia, era quasi um homem de sciencia. Com bons estudos medicos, dedicára-se á botanica, sendo differentes trabalhos seus e varias classificações phytologicas elogiados pelo illustre Martius, que aceitou alguns dos generos por elle propostos, por exemplo, a Cayaponia (1).

Chegou até a representar a provincia de Matto-Grosso na 3ª legislatura de Assembléa geral de 1834 a 1837; e naturalmente o sentimento das immunidades de que gozava como deputado geral concorreo para que elle assumisse posição ostensiva no dia 30 de maio de 1834, dando pasto a sanguinolentos instinctos.

Parece incrivel! Folheei os Annaes da Camara desse anno e dos outros subsequentes e não achei a menor referencia áquelle medonho successo, tal o silencio de que o rodeárão!

A' pag. 167 dos *Annaes* de 1834, tive prova de que a 29 de julho ainda não chegára Silva Manso ao Rio de Janeiro, pois o seu nome deixa de figurar na relação dos membros da maioria ou minoria; mas á pag. 297 encontrei, no expediente da sessão de 30 de setembro, ultima

---

(1) O matto-grossense José Joaquim de Carvalho, que morreo no posto de general, asseverou por vezes a Beaurepaire Rohan, quando collega deste na Escola Militar, que esses trabalhos scientificos não erão da lavra de Patricio Manso, mas havião sido furtados a um naturalista estrangeiro, fallecido em Cuyabá.

desse anno de 1834, o seguinte: « Foi lido e approvado um parecer da commissão de constituição e poderes sobre o diploma do Sr. deputado pela provincia de Matto-Grosso, Luiz Antonio Patricio da Silva Manso que julga que o mesmo senhor deve tomar assento na Camara. E como o referido Sr. deputado se achasse na sala immediata foi introduzido na Camara debaixo da formalidade do estylo, e depois de prestar o devido juramento, tomou assento. »

Causou-me aliás, especie lêr logo em seguida o seguinte: « O Sr. presidente, pelas 11 horas declarou a Camara em sessão secreta; a qual durou até meia hora depois do meio dia. » De que se tratou nessa sessão secreta? Não teria ella relação com a presença de Patricio Manso? Conviria esclarecer esta duvida, pois ahi se intercala episodio altamente commovedor e dramatico, testemunhado pelo publico que assistia ás sessões da Camara dos deputados. (1) Logo que o deputado Manso prestou juramento, ergueu-se um grito vibrante e sinistro: « Assassino! Assassino! » E todos virão na galeria uma mulher de pé, empunhando n'uma das mãos roupas ensanguentadas e com a outra apontando para o representante de Matto Grosso.

Era D. Ignez Ferreira da Silva!

Imagine-se o alvoroço... Patricio Manso sahio logo todo conturbado do recinto, mas foi perseguido pela vingadora senhora (2) cercada de muito povo e durante

(1) Escreveu-me o Dr. Miranda Azevedo, primeiro e intelligente propagandista das idéas de Darwin no Brazil: « Tal episodio foi presenciado por gente daquelle tempo e mais de uma vez o ouvi narrado pelo conselheiro Antonio José da Veiga e D. Francisca da Costa Pereira, viuva de Saturnino da Costa Pereira, padrinhos de meu pai, Dr. Antonio Augusto Cesar de Azevedo. » Esse filho ultimo de D. Ignez estudou no collegio de D. Pedro II, sendo a pensão generosamente paga pelo bolsinho de Sua Magestade o Imperador, que assim quiz, na sua indefectivel e sempre vigilante magnanimidade, ajudar a triste viuva do assassinado. Foi um dos bachareis de 1845.

(2) D. Ignez falleceu no Rio de Janeiro em 1855, tendo conseguido, a poder de muito trabalho e muita energia, completar a educação dos seus filhos e reunir alguns bens de fortuna. « Era, diz o seu neto Dr. Miranda Azevedo, um typo muito conhecido e estimado dos bons fluminenses, que de 1849 a 1855 morarão no bairro das Larangeiras. Vião todos os dias D. Ignez trajada sempre de preto, mantilha e armada de grande guarda-chuva, tomar o omnibus das 3 horas no largo de S. Francisco, para voltar á casa e repousar das fadigas do dia. »

bastante tempo não pôde sahir á rua, repetindo no Rio de Janeiro o homizio a que fôra obrigado, largos mezes antes, na cidade de Goyaz (1).

Contou-me o meu particular e distincto amigo Sr. conselheiro Jorge João Dodsworth (barão de Javary), largos annos zelosissimo director da Secretaria da Camara dos deputados, que encontrára no archivo um projecto manuscripto desse Patricio Manso sobre serviço domestico, datado de 29 de agosto de 1835, tão importante que o mandára imprimir em 1883. Referio-me tambem que era tradição naquella secretaria dizerem que a matança de Cuyabá fôra dirigida pelo *Manso Tigre*.

Com effeito, foi esse semi-sabio, que vivia na doce e calma convivencia da natureza, foi esse politico, quem planejou semelhante conluio e o levou á odiosa conclusão. Accusárão, tambem, senão claramente, pelo menos á boca pequena, o presidente de então Antonio Corrêa da Costa de cumplicidade e de não ter em tempo tomado providencias no sentido de impedir aquelles horrores, quando de tudo fôra avizado; mas parece que por fraqueza foi que passou, quatro dias antes da carnificina, a 26 de maio, a administração ao coronel João Popinio (2) Caldas. Escapou assim de immediata responsabilidade e por isso ainda tres vezes occupou, como vice-presidente, a cadeira presidencial, sendo a ultima de 9 de dezembro de 1842 a 11 de maio de 1843.

Quem tomou papel bem singular naquelle feissimo negocio foi esse coronel João Popinio, pois, apezar dos habitos de extrema violencia que o havião collocado á testa do partido dos exaltados ou patriotas, repentinamente, ou por arrependimento ou por temor das consequencias, mudou de rumo no sanguinolento dia e, sem obstar a matança por meio de medidas energicas e compressivas,

---

(1) Patricio Manso falleceu em Campinas (S. Paulo), segundo me disse Beaurepaire Rohan, faltando-lhe a memoria sobre uma duvida, se de morte natural ou violenta.

(2) O Dr. João Severiano escreve Paupino na relação dos presidentes e vice-presidentes, e desse modo ainda é elle conhecido e chamado em todo o Matto-Grosso; mas o nome exacto é Popinio, do latim Popinius.

mas, pelo contrario, deixando que ella fôsse por diante, principalmente fóra de Cuyabá e nos arredores, voltou-se contra os companheiros de conspiração e por todos os modos os perseguio, dando, nessa nova disposição de animo, expansão ao seu genio arrebatado, altivo e aliás valente, e movendo-lhes guerra sem tregoas daquella data em diante.

Dahi odios violentissimos, que afinal fizerão explosão. Quando elle, passados dous annos, se preparava para sahir de Cuyabá, obedecendo, dizem uns, a ordens positivas do presidente José Antonio Pimenta Bueno, depois marquez de S. Vicente (1) que assim queria livral-o de morte certa, ou, contão outros, não achando protecção nessa autoridade, que logo de chegada se entregára á influencia dos seus inimigos, em plena rua e num dia de festividade foi derrubado, a 29 de agosto de 1836 (2) por certeiro tiro de arma de fogo. Um dos mandantes desse crime, bem conhecido de todos e que a ninguem encobria a odiosa resolução tomada em conciliabulo, José Alves Ribeiro fugio para Miranda (3) e alli se conservou até fallecer, protegido e desculpado por muita gente bôa dessa localidade e de Cuyabá.

Narrou-me um sobrinho, que a morte se déra ao sahir a victima da casa de sua mãi, sita no largo do Ypiranga. Quem á queima-roupa e pelas costas lhe desfechou um tiro de pistola carregada com bala de prata, ainda hoje em poder da familia, foi um tal Manoel (Manéco) Amazonas, que pôde fugir, andou errante e foragido e afinal, depois de viver bastante tempo no salto Augusto, rio Arinos, alli morreu.

Effectuou se o attentado na esquina do becco da Camara e da rua actualmente denominada Treze de junho, vindo João Popinio, nas visitas de despedida que estava fazendo, de chapéo do chile e botas, aliás armado, como

---

(1) Administrou a provincia, como quarto presidente, de 25 de agosto de 1836 a 28 de maio de 1838.

(2) O Sr. Ferreira Moutinho dá erradamente 1835. Tambem não tenho bem certeza da data que aponto quanto ao dia e mez.

(3) Miranda e não Poconé, como diz o Sr. Moutinho.

sempre andava (1). Sendo o dia de festividade religiosa, segundo uns do Espirito Santo, o estrondear de foguetes e repique de sinos impedirão que se ouvisse o tiro homicida, dando ensanchas ao assassino de se retirar incolume, depois da negra façanha. Ainda pôde a victima saccar do bolso uma pistola ; mas cahio logo de bruços morto na calçada.

Houve antes um episodio curioso.

Na vespera do assassinato, entrára em casa de João Popinio um individuo, taverneiro, incumbido de o matar. Pedio-lhe, como pretexto de rixa e consequente crime 10 oitavas de ouro (2) para sortir a sua vendola. O coronel, com a generosidade que lhe era peculiar além da grande amabilidade quando se sentia calmo, respondeo que tal quantia não lhe podia ser util, e, apontando para um sacco a um canto da sala, lhe disse : « Leve aquillo ; alli estão 50 oitavas em cobre ». Obedeceo o taverneiro e foi ter com os mandantes. « Então cumprio o trato ? O *cujo* está arranjado ? » perguntárão sofregos. « Qual, senhores, um homem daquelles não se mata ! Procurem outro de menos consciencia que eu. »

E, com effeito, dizem os contemporaneos, no seu trato particular era perfeito cavalheiro, sempre prompto para espalhar dinheiro, obsequioso quanto possivel, affavel e seductor nas maneiras e nas relações de sociedade.

Muito accusado de pouco escrupuloso em questões commerciaes, sobremaneira irascivel e capaz até de crimes para saciar instinctos de baixa luxuria, gozava, entretanto, de grande popularidade e sabia agitar as massas, não olhando, quando assim julgava preciso, a grandes esbanjamentos. Ficarão celebres os *refrescos* (copos de agua) que deu á guarda nacional nos dias de agitação, antes e depois do terrivel 30 de maio.

---

(1) Esse trage mostrava que João Popinio estava de immediata partida, com os animaes promptos afim de seguir nesse dia para Goyaz. O seu modo habitual de vestir era sempre ceremonioso : casaca preta e chapéo alto. Ninguem o via de outro modo nas ruas de Cuyabá.

(2) Cada oitava corresponde a 1$200.

Era homem alto, todo musculos e nervos, de feição expressiva, olhos negros muito vivos em rosto trigueiro, faces um tanto encovadas e bastante barbado no queixo.

XVIII

A respeito do movimento sanguinario de 30 de maio e dos factos que o prepararão, ainda hoje é difficil formar juizo seguro e dar a cada qual a odienta parte que imparcialmente lhe deve pertencer perante a historia.

Compulsei o que pude encontrar em documentos ineditos, interroguei varias pessoas de Matto-Grosso e aparentadas com algumas das figuras mais salientes daquelle estupendo drama e cheguei á conclusão que ainda agora ha duas correntes de opinião, ambas, aliás, possuidas de retrahimentos e intenso vexame; uma, tendendo a descarregar da memoria de João Popinio a mais pesada carga de immediata responsabilidade, que a outra procura por todos os modos aggravar.

Entre os primeiros se avantaja um laborioso e distincto matto-grossense João Augusto Caldas (1), filho

---

(1) A proposito desse Caldas, escreveo-me o distincto Sr· general Mello Rego : « João Augusto Caldas, filho de Matto-Grosso, era agrimensor e, já pela sua profissão que o levou a percorer quasi todos os lugares habitados, tanto de sesmarias antigas, como de concessões modernas, já pelo seu espirito investigador, gosto ao trabalho e amor de colleccionar documentos e ainda mais pela convivencia em que se achou por muitos annos com o illustre barão de Melgaço (Augusto Leverger) adquirio largo conhecimento da sua terra natal e das cousas que lhe são referentes.

«Escreveo sobre varios assumptos interessantes trabalhos, conhecidos de certo numero de amigos e os destinava á publicidade. Infelizmente, tendo-os confiado, poucos dias antes do seu repentino fallecimento em 1887, a uma pessoa que se achava em Cuyabá e em commissão official e os pedira para lêr, não fôrão restituidos. E' o que me affirma um filho do mallogrado escriptor, o Sr. cadete José Augusto Caldas, actualmente na guarnição desta capital, Rio de Janeiro. Debalde tem elle reclamado os manuscriptos do pãe « fructo de dez annos de incessante labôr » reza o prefacio, cuja minuta o mesmo filho conserva. Grande parte, em borrão, das notas, apontamentos e copias, todos do maior interesse fôrão por esse cadete postos graciosamente á minha disposição e é ahi que tenho colhido as informações que sobre diversos assumptos a V. hei podido ministrar ».

natural daquelle coronel João Popinio e que deixou quatro grossos volumes em lettra miuda de valioso livro sobre Matto-Grosso, obra inedita e, ainda mais, infelizmente extraviada ou retida em mãos pouco zelosas, quando a sua publicação fôra de tanta vantagem aos annaes patrios.

Dessa obra existem em muitos cadernos numerosos apontamentos, figurando entre elles um importante *Indice Chronologico*, que pude compulsar, graças á solicitude e bondade do meu amigo o Sr. general Mello Rego.

Eis o que extrahi desse indice em relação áquelles graves factos, lamentando não poder vêr desenvolvidos todos os interessantes pontos que nelle são indicados:

1831—1833

«A tropa de linha amotinada acclama o coronel Popinio commandante das armas. A mesma tropa exige a deposição de todos os empregados publicos adoptivos (1). O presidente (2) em conselho decide em favor da tropa. Organisação da guarda nacional. A guarnição de Albuquerque exige com motim a deposição do alferes Manoel Moreira da Silva, por ser adoptivo. O governo faz marchar tropa de linha para o Baixo-Paraguay. Estabelecimento no Salto Augusto (margem do Arinos).

---

(1) Brazileiros pelo § 4 do Artigo 6 da Constituição do Imperio.

(2) Antonio Corrêa da Costa era filho da provincia e tomára conta da administração em julho de 1831, ficando na presidencia até 26 de março de 1834. Dessa data em diante passou por tres vezes o governo ao vice-presidente, na terceira a João Popinio Caldas a 26 de maio de 1834, isto é, quatro dias antes da matança. João Popinio conservou-se na presidencia até 22 de setembro de 1834, quando a entregou ao terceiro presidente nomeado pelo governo geral Antonio Pedro de Alencastro, o qual deo toda a força á politica iniciada por João Popinio e continuou nas perseguições por este encetadas. Alencastro, a 31 de janeiro de 1836, chamou a occupar a cadeira da presidencia o então primeiro vice presidente, aquelle mesmo Antonio Correa da Costa, que nella só se conservou semanas, passando-a a Antonio José da Silva. Este após seis mezes de administração, a 25 de agosto de 1836, deo posse ao quarto presidente Dr. José Antonio Pimenta Bueno. Causou grande estranheza em todo o Matto Grosso o indifferentismo que esta autoridade mostrou por occasião do assassinato do coronel João Popinio. No relatorio á Assemblea provincial nem sequer alludio a tão terrivel successo.

Os brazileiros adoptivos são reintegrados nos seus postos. A guarnição de Albuquerque, com as armas na mão, exige pagamento do seu soldo, etapa e fardamento vencidos; resolve marchar para Coimbra para alli esperar a decisão. E' suffocada essa rebellião, e os cabeças punidos.

1833—1834

« O vice-presidente capitão-mór André Gaudie Ley assume a presidencia (1) em consequencia de molestia do vice-presidente. Eleição de deputados á Assembléa geral legislativa. O presidente Corrêa da Costa (2) novamente em exercicio. Abandono da povoação do salto Augusto. Chega a Cuyabá o Sr. bispo D. José (3). Desavença entra guardas nacionaes e municipaes. O vice-presidente José de Mello Vasconcellos assume a administração.

1834

« Assume a presidencia o coronel João Paupino (4) Caldas. Revolução de 30 de maio. Seus pormenores. Disturbios na villa de Diamantina. O governo restabelece a ordem. Movimento anarchico em Miranda.

---

(1) A 19 de abril. A familia Gaudie Ley, das mais distinctas de Matto Grosso, alli estabelecida desde os tempos coloniaes, vinda de Goyaz, descende de irlandezes. Este André, citado por Costa Siqueira como fiel caixa em varias commissões festivas de Cuyabá, foi perseguido por occasião do morticinio de 30 de maio como *caramurú* e teve que fugir para Goyaz. Era pai do Dr. Luiz Gaudie Ley e cunhado de João Popinió. Administrou a provincia até 4 de dezembro de 1833.

(2) De 6 de dezembro de 1833 até 24 de maio de 1834.

(3) Em novembro de 1833.

(4) Conservo o nome como está escripto no original, Paupino, chamando a attenção do leitor para a nota que a tal respeito já ficou posta. A assignatura de que elle usava era Poupino, conforme se vê no documento citado pelo chronista de Cuyabá, Costa Siqueira, e datado aos 13 de novembro de 1816, no qual os vereadores, e entre elles João Popinio Caldas, annunciavão ao marquez de Aguiar as solemnes exequias feitas por occasião do fallecimento da Senhora Rainha Mãe e pedião a Real approvação de D. João VI.

1834—1835

« Toma conta do governo o 3° vice-presidente Antonio Pedro de Alencastro (1). Prisão dos fautores dos crimes de 30 de maio. Suppressão dos guardas nacionaes; os municipaes tomão conta do quartel. Eleição dos membros da Assembléa provincial. O presidente pede suspensão de garantias, e a Assembléa lh'a concede. »

Em rascunhos do trabalho do João Augusto Caldas se lê o seguinte: « O relatorio de 1835 não refere a catastrophe de 30 de maio de 1834; manifesta, porém, o receio que houve, de que se renovassem os crimes então commettidos, receio que levou o governo da provincia a ordenar a deportação de cinco pessoas tumultuariamente presas como instigadoras de taes crimes. Eis o que disse o presidente Alencastro: « E'-me forçoso agora trazer-vos á lembrança (apezar de me ser sobremodo doloroso) que, depois do fatal 30 de maio, de que fostes testemunhas oculares, os cabeças de tão horrorosos crimes tentárão pela segunda vez levar avante os seus negregados designios, tramando de mão occulta acabar com o nosso systema actual de governo, mas a ponto de pôrem em practica estas damnadas intenções, eis que se descobre a perfidia, são estigmatisados e presos pelos cautos e pacificos cidadãos, que indignados instão e reclamão o seu destino para fóra da provincia, e sem duvida

---

(1) Chegou a Cuyabá precedido de muitas prevenções e a este respeito transcrevo o seguinte de um pamphleto infenso á sua administração: «Por este tempo se annuncia a chegada do novo presidente, o Sr. Antonio Pedro de Alencastro de nefanda memoria e tão *vasta erudição* que escreve capim com *s*. E se bem que cartas particulares remettidas de Goyaz annunciavão o máo exito da sua administração pelas exuberantes provas que já tinha dado em 1822 quando alli servio de secretario do governo, por haver-se declarado inimigo figadal, ainda que fraco, das instituições livres, que ião principiando o seo noviciado, comtudo julgava-se que tivesse mudado de sentimentos, porque a experiencia de longos annos e a sua estada na Còrte a mendigar empregos, que podessem encobrir-lhe a nullidade, lhe terião servido de lição e dado mais algum juizo para poder conduzir-se com acerto e até porque algumas pessoas asseverão que elle informado do que havia succedido, pretendia fazer (como lá dizem) do ladrão fiel para depois dar outras providencias. Infelizmente assim não aconteceo, por que logo foi (por João Popinio) atado de pés e mãos, sem poder e sem saber jámais desvencilhar-se. »

que a um tal clamor e resolução não cabia outra cousa ao governo, que por pouco que afrôxasse as redeas áquelles facciosos, a tranquillidade, a justiça e a sinceridade, tudo num momento desappareceria desta capital.»

Em nenhum documento impresso encontrei o nome daquelles presos e deportados, pretendidos fautores unicos e responsaveis de tantos crimes, cuja autoria devia, entretanto, caber a muitos outros. Ferreira Moutinho, á pagina 175 do seu livro, diz que «os omitte por conveniencia»; mas pude saber quaes erão : 1°, José Alves Ribeiro, conhecido por Juca Costa, pois a principio se assignára José Alves da Costa Ribeiro ; 2°, José Jacintho de Carvalho ; 3°, Braz Pereira Mendes; 4°, Bento Francisco de Camargo, e 5° o Dr. Paschoal Domingues de Miranda, nada menos juiz de direito da capital e suspenso pelo seguinte e singular officio, datado aos 31 de outubro de 1834 e assignado pelo presidente Antonio Pedro de Alencastro: « Constando ao presidente, que V. S. fôra hoje preso pelo povo á ordem deste governo e em nome da Regencia e tendo de deliberar em conselho sobre o seu destino, o suspendo do exercicio; o que communico a V.S. para sua intelligencia.»

Asseverão os inimigos de João Popinio Caldas, que essas prisões havião sido feitas por méra instigação sua, tendo para isto exaltado o espirito do povo, certo como estava do absoluto dominio que exercia sobre a vontade do presidente. O primeiro, José da Costa, pretendião elles, accusára um primo de Popinio em conselho do governo de haver attrahido á sua casa tres adoptivos a pretexto de lhes dar guarida, assassinando-os afinal para roubal-os, depois de dois mezes de hospedagem, o que parece de todo o ponto absurdo. O segundo, José Jacintho de Carvalho, porque era promotor publico e convinha a todo o transe affastar do jury. O terceiro, por ter tomado das escoltas enviadas aos arredores de Cuyabá portarias de João Popinio, então vice-presidente, ordenando a matança dos adoptivos. O quarto, Bento Francisco de Camargo, por confirmar o que o terceiro asseverava e ter sido testemunha ocular da venda de animaes pertencentes a varios dos assassinados. O quinto, afinal, afim de não presidir o jury.

Accusados todos cinco de pertencerem á maçonaria, onde, segundo se assoalhava, fôra tramada, senão a matança dos portuguezes, pelo menos a sua expulsão para fóra da provincia, fôrão aquelles presos mettidos em pesados ferros e enviados ao Rio de Janeiro pela via fluvial do Paraguay, Taquary e S. Paulo.

Muito maltratados durante a viagem, ao chegarem a Porto Feliz, tiverão ordem de regressar a Cuyabá, para responderem ao jury, sendo nelle afinal todos absolvidos.

Derão-me tambem como preso Sebastião Rodrigues da Costa e particularmente sujeito á perseguição de João Popinio. De Porto-Feliz seguio aquelle Sebastião(1) para o Rio de Janeiro, d'onde voltou para Cuyabá, levando instantes recommendações do deputado Antonio Luiz Patricio da Silva Manso, membro da maioria governamental e portanto em condições de poder efficazmente proteger os seus cumplices. Respondeo a jury e ficou tambem livre de culpa e pena.

Cahio a acção da justiça, embora sempre frôxa e parcial, com alguma severidade mais sobre a gente do povo, simples sequazes e broncos soldados, sendo não poucos destes condemnados a carrinho perpetuo nos presidios militares de Miranda e Coimbra e varios paisanos degradados para o districto do norte e enviados á cadêa da cidade de Matto Grosso que afinal arrombárão, matando o carcereiro e fugindo para Casalvasco e dahi para a Bolivia.

Eis, a este respeito, a interessante noticia que me communicou o Sr. general Mello Rego e transcrevo integralmente: « Entre os condemnados militares se achava um corneta chamado Pamplona, natural da Bahia, de onde com outros havia sido deportado para Matto-Grosso por se terem envolvido em um movimento sedicioso, denominado dos *periquitos*, pelo que tinhão elles tambem esse alcunha. Erão seus companheiros e como elle forão igualmente condemnados a galés perpetuas, pela parte saliente que tomárão no morticinio, os soldados Geraldo de tal,

---

(1) Morreo annos depois no Rio de Janeiro, em casa do Dr. Gaudie Ley.

Antonio Ferreira da Silva, João Manoel, praça da companhia de artifices e outros, sendo mandados cumprir a ferros sentença no forte de Coimbra, onde ainda alguns vivião em 1864, quando os paraguayos atacárão esse forte. Acompanhando as nossas forças em sua retirada sob o commando do tenente-coronel, hoje general Porto-Carrero, forão, em Cuyabá, indultados pelo presidente Couto de Magalhães, em 1867.

« Ahi vi Pamplona em 1888 já octogenario, alquebrado, arrastando existencia miseravel, vivendo dos soccorros prestados por pessoas caridosas, especialmente o bispo Sr. D. Carlos Amour, unico, talvez, que nutria sentimentos de real compaixão para com esse miseravel, filho proscripto da terra em que o virtuoso prelado fizéra os seus estudos e tomára ordens sacras, que lhe abrirão o caminho para a alta dignidade ecclesiastica, que o levára a Matto Grosso.

« Dizia-se que Pamplona ainda conservava o bocal da corneta, com que tocára rebate para a carnificina e o mostrava com orgulho. E' morto, ha cousa de um anno. »

Entre os condemnados civis que mais se salientárão na matança, notavão-se um preto conhecido por Chicão e outro de nome Euzebio. O Dr. João Severiano, á pag. 123, tomo 2° da sua obra allude á fuga destes, chamando de *rusga* a *Saint Barthélemy* de 30 de maio, cuja data cita errada, 31, e diz que aquella evasão se effectuou á noite. Vejamos a rectificação que me enviou o coronel João de Oliveira Mello: « A sublevação dos presos deu-se em pleno dia pela manhã, no acto do carcereiro, um tal Ignacio de Mattos, abrir a porta da cadêa, sendo então prostrado morto por um tiro. Dos presos, só o assassino havia sido previamente armado. Os outros invadirão o quartel, por sua vez se munirão de armas, passando todos para a margem esquerda do Guaporé, donde atirárão sobre a escolta que tentava transpôr o rio para perseguir os fugitivos, o que não conseguio. Essa evasão foi protegida por pessoas altamente collocadas de Cuyabá e que tinhão interesse no desapparecimento dos verdadeiros cumplices ; o que tudo me foi contado pelo major João Manso Pereira. »

XIX

Estudadas as duas versões sobre o 30 de maio, parece que a verdade é esta:

Desde os primeiros tempos da Independencia, os portuguezes, bastante numerosos em Matto Grosso e sobretudo concentrados na cidade de Cuyabá, se havião tornado alvo de inveja e malquerença, já pela indisputavel preponderancia commercial, já por vexatoria influencia politica, confirmada e ampliada pela Constituição de 25 de março de 1824, que lhes déra a feição de brazileiros adoptivos com todas as regalias de cidadãos natos.

A prosperidade de alguns dentre elles, como o tenente coronel José Joaquim Ramos, José Teixeira de Carvalho, Francisco Manoel Vieira, Bernardino José Vieira, José Coelho Lopes, Manoel José Moreira, José Teixeira de Carvalho, major Joaquim Duarte Ribeiro e outros, particularmente excitava a cobiça e o rancor de não poucos filhos do paiz tambem negociantes, sendo o sentimento de odiosidade augmentado pela imprudencia e altaneria dos adoptivos, habituados ao mando dos tempos coloniaes, duro e aspero, sobretudo nas capitanias mais distantes.

Desse fermento já houvéra manifestações bem claras naquelle anno de 1824, accentuando-se mais a 7 de dezembro de 1831.

Congregados os elementos, foi então que Patricio Manso, de origem bahiana e contando com as sympathias que grangeára, como medico militar, em um batalhão alcunhado dos *periquitos* (1) e chegado da Bahia, onde, aliás como em todas as provincias do Imperio, se agitava a mesma questão de rivalidade, foi então que elle resolveo, com outros companheiros tramar no seio da maçonaria uma conspiração com o fim, não sem duvida de matar e trucidar a sangue frio desarmados portuguezes, porem

(1) Tinha tambem outra denominação essa bem pornograhica.

sim de prender os mais influentes e expulsal-os á viva força de Cuyabá, esperando que o terror completasse a obra e a generalisasse por todo o Matto Grosso.

Esse é que foi o plano, desvirtuado porem desde principio e excedido de modo fatal e ignominioso na vertigem da execução.

Parece positivo, que os exaltados, como elles proprios se chamavão, contavão positivamente com João Popinio Caldas, fôsse elle *maçon* ou não, e tinhão promessa formal da sua coadjuvação e apoio, pois era certa a vacancia da cadeira presidencial, já pelo estado de molestia do presidente Antonio Corrêa da Costa, já pela sua conhecida tibieza de caracter.

Quem sabe se todas as manobras de Patricio Manso não tendião só e unicamente a ganhar elle a cadeira de deputado geral, que com effeito logrou na eleição de 1834, promettendo ás influencias politicas todo o seu auxilio. por illimitado que fosse, junto ao governo central? Tudo é possivel, todos os meios são bons ao ambicioso vulgar, que a todo o transe quer subir ás eminencias sociaes.

Começárão os disturbios quatro mezes antes de 30 de maio na villa do Alto-Paraguay Diamantino, sendo muitos adoptivos obrigados a se occultarem nas mattas e fugindo outros para Cuyabá, taes como os importantes negociantes José Ramos e Costa e Domingos José Pereira. João Popinio enviado propositalmente alli para aplacar os animos, pelo contrario mais accendeo a desordem. De volta a Cuyabá, collocou-se ostensivamente á frente da resistencia contra diversos actos da Regencia e especialmente contra aquelle que, segundo corria, nomeára procurador fiscal da thesouraria José Joaquim Vaz Guimarães, nomeação esperada com grande impaciencia e certeza pelos adoptivos, de encontro aos desejos e protestos dos cidadãos natos.

Subio de ponto a exasperação destes e a imprudente alegria daquelles, ao chegar a Cuyabá em fins de abril a confirmação da noticia, vacillando então o presidente Corrêa da Costa se devia ou não dar posse a quem fôra provido no cargo.

Com a habitual tergiversação, reunio o conselho do governo, ao qual propôz a duvida que sentia; e ahi João Popinio tudo empenhou para arrastal-o á desobediencia, coadjuvado na calorosa discussão que se travou por José de Mello Vasconcellos, ambos a allegarem ter bastado a demissão daquelle Guimarães, para que, a 7 de dezembro de 1831, se aquietassem os animos. Vião agora questão de salvação publica, o que outros conselheiros energicamente contestavão, em primeiro lugar Gaudie Ley que, na vice-presidencia, propuzera aquella nomeação e era um dos chefes do partido *caramurú*.

Consultados os votos, houve empate, e afinal o presidente decidio em favor do nomeado.

Imagine-se o furor dos *nativistas* e o desabrimento de João Popinio, que abertamente começou a prégar as medidas mais violentas. Excitando por todos os meios a *Sociedade dos Zelosos da Independencia do Brazil*, presidiu elle uma reunião de mais de 200 exaltados a 2 de maio, reunidos para protestarem contra aquella nomeação e fez correr pela cidade o boato que os adoptivos contavão com os guardas municipaes contra a guarda nacional, cujos officiaes achavão na sua vivenda um centro de festas e violentas palestras politicas.

Com o intento de dissipar o alarma produzido e tentar conciliação cada vez mais difficil, reunio o presidente Corrêa da Costa no largo do Palacio corpos municipaes e de guardas nacionaes e mandou lêr uma proclamação, em que a todos pedia e aconselhava ordem e paz. Dissolvida a parada, João Popinio chamou os guardas nacionaes á sua casa e ahi lhes *deo um refresco*, diz o documento que consulto, como aliás costumava fazer, passando com mais de cem pessoas essa noite inteira em divertimentos e ruidosa folgança.

A 22 de maio, traz o mesmo documento, e não a 26, como de outros consta, Corrêa da Costa convocou um conselho administrativo e, mostrando a necessidade que tinha de medicar-se em sua fazenda longe da cidade, fez entrega da admiministração a João Popinio Caldas, e de tudo se lavrou a competente acta.

Exultavão os conspiradores, cujos planos já trazião

em sobresalto não só os adoptivos como toda a população ordeira. Geral era a anciedade, e as familias vivião na oppressão de terriveis prezagios e irremediaveis desgraças.

XX

Chegou afinal o dia aprazado e correo relativamente calmo.

Antes, porém, das 11 horas da noite, duas columnas de soldados, commandadas pelo tenente Sebastião Rodrigues da Costa e o ajudante Eusebio Luiz de Brito, dirigirão-se ao quartel dos municipaes permanentes e, obtendo sem resistencia a chave do deposito de cartuxame, distribuirão-no aos muitos desordeiros que as tinhão vindo acompanhando, a pedirem em altos brados polvora e balas.

Ficárão tres peças de artilharia assestadas defronte do quartel.

Então no silencio já interrompido da noite pelo vozear cada vez mais crescente e estrepito de gente a pé e a cavallo, soou a terrivel primeira badalada das 12 horas.

Rompeo logo o clangor das cornetas e o rufar dos tambores dando signal de fogo, a que se juntou o angustioso som dos sinos a tocar rebate, e em todos os quarteirões da cidade começaram a matança e o saque! Sinistra hora, momento horrivel, em que, de repente e no fundo do seu palacio presidencial como que se illuminou a consciencia de João Popinio!..

No meio da medonha confusão que ia pelas ruas, correo elle fardado a varios pontos, onde o tiroteio se mostrava mais intenso, seguido de varias autoridades e clamando que não matassem. Encontrou o corneta mór Pamplona (1)

---

(1) Esse corneta-mór, muitos decennios depois em Coimbra, onde sempre esteve até á invasão paraguaya, deo a um official superior, que tivera quando cadete grande parte no morticinio de 1834, resposta bem pungente. N'um dos anniversarios vinha elle da caça com grilheta aos pés, trazendo um veado ás costas: «Então, disse-lhe o tal official que chegou á brilhante posição, você foi festejar o 30 de maio no matto?» «Se Vs., respondeo elle, não me visse tão desgraçado, sem duvida não havia de se lembrar desse dia, em que fez mais do que eu por merecer estes ferros!»

a dar voz de fogo e o prendeo; andou de um lado para outro, exclamando «meu Deus! meu Deus!» e afinal, como salvadora inspiração e recurso ultimo buscou a residencia do bispo D. José Antonio dos Reis a imploral-o que interviesse em pessoa naquella horrorosa conjunctura. E, de facto, logo sahio o venerando prelado, com um grande crucifixo na mão, rodeado de padres de tochas em punho, a impetrarem todos compaixão e misericordia para as desgraçadas victimas e a darem vivas á Lei, á Religião e ao Senhor D. Pedro II!...

Que scena dramatica! Que terriveis instantes!

Era tarde!... pois dentro em pouco se consummára a nefanda obra, ficando mortos, segundo uns, 400 portuguezes, senão mais, segundo outros de 200 a 300, em todo o caso acima de 100 (1), entre os quaes se contavão como mais illustres Joaquim Duarte Ribeiro, Bartholomeo Ramos e José de Azevedo, varado por uma espada de official!

Que tremendo alvorecer, o de 31 de maio!

Pavoroso era o aspecto da cidade, espalhadas por todas as ruas as mais tremendas provas da sanha dos assassinos e da ferocidade dos saqueadores.

Quantos cadaveres mutilados, quanto sangue, quanta casa sem mais janellas nem portas, com as paredes crivadas de balas!

Quanta riqueza, quantos symbolos do trabalho e da

---

(1) Cada um desses algarismos provém de varias fontes de consulta de pessoas bem informadas das cousas de Matto Grosso, cujos nomes eu poderia citar. Augusto Leverger, na summaria e esquiva noticia que, a respeito desses factos, trazem os seus *Apontamentos para o Diccionario Chorographico da provincia do Matto-Grosso*, impressos no tomo XLVII da *Revista do Instituto*, exagera para menos. « A 30 de maio de 1831, diz elle, um bando de anarchistas apoderou-se do quartel e exigio a deportação dos brasileiros nascidos em Portugal e desde logo começaram por matar alguns e saquear suas propriedades. Continuárão a exercer pressão sobre o governo até 1 de setembro em que fôrão presos alguns dos principaes, homiziarão-se outros e restabeleceu-se a ordem. » Em nota accrescenta elle: « Não chegava a 100 o numero dos oriundos de Portugal, que existião na provincia. Fôrão trinta e tantas as victimas. » Ao ministrar esta noticia, Augusto Leverger, identificado com o sentimento de todos os filhos de Matto Grosso, mostra a sua anciedade por se vêr livre de semelhante assumpto. Pelo que elle refere, porém muitas inexactidões resaltão; e a maior de todas é o longo e continuo accôrdo entre João Popinio Caldas e os outros implicados naquelles successos.

economia atirados pelas calçadas, destroçados, picados a machado, a rolarem pelo pó e pelo lôdo, a excitarem a cobiça do povilhéo e de mulheres e crianças, que ás pressas e em ignobil faina e lucta buscavão reunir e apanhar mil objectos, e trastes e fazendas, com a mais nojenta rapacidade !

Na manhã seguinte, apresentava João Popinio feição diversa da habitual arrogancia e sobranceria, depois da terrivel noute passada em claro e a tomar conselhos de uns e de outros, que chamava junto a si. Estava abatido, desfigurado; parecia, comtudo, pactuar ainda com os criminosos, porquanto, entre as providencias que julgou dever dar, nomeou aquelle tenente Sebastião Rodrigues da Costa commandante da guarnição revoltada e Eusebio Luiz de Brito seu ajudante de ordens e consentio nas indignas luminarias, que na noute desse dia, 31, illuminarão com lugubres clarões a cidade de Cuyabá, ao passo que de todos os lados ecoavam os gritos de Viva o 30 de maio !

E nas passeiatas figurava uma bandeira (1) que depois foi levada a varias localidades, algumas distantes, toda vermelha e com a seguinte quadrinha em lettras brancas :

« Embarca, bicudo, embarca,
Embarca, canalha vil,
Que os brazileiros não querem
Bicudos no seu Brazil! »

E' esta quadrinha mais uma prova, de que o pensamento primordial da conspiração não fôra de certo aquillo que depois tão funestamente se realisou.

Apezar porém da attitude da primeira autoridade da provincia, já não contavão mais, nesse mesmo dia, os culposos com a sua inteira cumplicidade, e disso ha indicios bem claros. Na noute de 31, o cadete (2) Antonio Rodrigues Paes, que se celebrisára na matança e que depois

---

(1) Esta interessante informação foi me dada pelo Sr. Dr. Aquilino do Amaral, com quem tive bem proveitosa conferencia.

(2) Em Matto Grosso, que conserva muitas tradições da fidalguia militar, é posição invejavel e titulo de alto apreço ser ou ter sido cadete.

O chronista de Villa-Bella, Felippe José Nogueira Coelho, conservou a data em que foi reconhecido em Matto-Grosso o primeiro cadete— 2 de outubro de 1776, governando Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres.

continuou a praticar nos arredores do Cuyabá as mais abominaveis tropelias e crueldades, ousadamente lhe dirigio estas palavras: « Parece que V. Ex. quer outra vez atraiçoar-nos, como fez a 7 de dezembro de 1831 », ao que o outro respondeo com lamentavel fraqueza: « Juro pela minha commenda (1), que tal não farei. Nenhum mal hade succeder aos meus amigos. » E o cadete replicou ameaçador, em nome dos conspiradores: « Faça o contrario, e com uma bala lhe hade ser arrancada a commenda do peito. »

Assignada, pelo vice-presidente, appareceo, no dia 1 de junho, uma proclamação ao povo, declarando que a ordem e a tranquillidade publica se achavão por toda a parte restabelecidas e que os habitantes que tivessem adoptivos occultos em casa (o que para honra de Cuyabá se deo em larga escala) os mandassem embora, certos de que nenhum mal lhes succederia.

E começou então nas vivendas ardente busca feita pelo juiz de paz José de Mello Vasconcellos á frente de uma escolta de 16 praças commandadas pelo tenente Sebastião Rodrigues da Costa, sendo até varejado o palacio episcopal, que D. José Antonio dos Reis franqueou para mostrar, que lá não se abrigára o cirurgião Antonio Teixeira de Abreu. Deploravel desfallecimento do illustre prelado!

Nessa devassa é que foi prostrado por uma bala o brazileiro nato Manoel Pinheiro de Almeida, tenente de ligeiros, a que se referia o trecho da carta que citámos e denunciado á escolta por um tal Manoel Corrêa do Couto, que o vira fugir por um quintal afóra.

Deo esta morte lugar, a que a Camara municipal, a instancias de João Fleury de Camargo, publicasse tambem uma proclamação, pedindo que pelo menos se poupassem os brazileiros natos e assegurando, que os adoptivos havião evacuado o paiz; e tal terror espalhou ella que á noute muitos *caramurús* abandonarão a capital e fugirão para os lados de Goyaz, refugiando-se nos sitios e

(1) Por este breve dialogo, parece que João Popinio trazia na farda de coronel da Guarda Nacional alguma venera, sem duvida a da Rosa.

fazendólas dos cidadãos mais caridosos e humanitarios. Assim fizerão André Guadie Ley e outras pessoas influentes, acolhidos por Joaquim da Silva Prado, morador a 30 legoas de Cuyabá na entrada do sertão e que nessa occasião deo os mais bellos exemplos de coragem e amor ao proximo, sem olhar a quem soccoria.

Seja por tão nobre proceder honrada a sua memoria!

Chegou a occultar portuguezes por baixo de enorme tulha de feijão descascado, subtrahindo-os assim á ferocidade de desalmados sicarios.

Innumeros forão episodios semelhantes a estes, assignalados todos com o mais accentuado cunho de cruenta tragedia; tenho porém pressa de acabar com esse sangrento episodio, a cujo estudo fui arrastado com repugnancia e para assim dizer máo grado meu, impulsionado pelo desejo de conhecer e esmerilhar a verdade, por mais dolorosa que fosse e de assentar para outrem base de mais profunda investigação.

XXI

Apezar do estado de visivel vacillação em que ficára desde 31 de maio o vice-presidente, deixou elle que, no dia 2 de junho sahissem de Cuyabá varias escoltas a perseguirem os adoptivos com o protexto de que se estavam reunindo e buscavão fazer levante de escravos. Uma dellas de 30 homens ia sob as ordens de um tal Itunamas, que levava, segundo asseverão os inimigos de João Popinio, dinheiro do bolsinho deste e, o que mais terrivel é, uma portaria em que ordenava aos juizes de paz e mais autoridades prestassem todo o auxilio e completa obediencia áquelle commandante.

Nessas diligencias, rio a montante, rio abaixo e serra acima, forão barbaramente trucidados, entre muitos, o capitão de 1ª linha João Cardoso de Carvalho, o negociante Domingos José Pereira, denunciado por um seu escravo que foi mostrar o lugar em que o pobre se occultára, Antonio José Soares, com mais de 70 annos e velho sogro

de um tal Coelho Pereira, dizem que a pedido daquelle seu genro e o sexagenario sargento mór Serra que procurára refugio no engenho do proprio presidente Antonio Corrêa da Costa, verdade é que dalli ausente. « Não me matem, bradou o misero aos assassinos; leiam este papel! » E apresentou conjuntamente com um crucifixo um salvo-conducto que lhe fôra enviado de Cuyabá. A resposta foi uma descarga que o prostrou morto, fixando-lhe no peito certeira bala a mão o crucifixo e o papel que suppuzera salvador.

E assim foram passando os dias; toda a população no maior alarma, muitos portuguezes e *caramurús* ou occultos ou a fugirem para o norte e para Goyaz, e os culpados a se olharem com desconfiança e medo, ora ostensivamente desavindos, ora procurando uma reconciliação impossivel, cada qual tentando atirar sobre os cumplices a responsabilidade inteira dos crimes commettidos.

O ponto em discussão, o motivo de todas as recriminações e embates era um unico: ambos os grupos pretendiam ter unicamente desejado e combinado a expulsão dos adoptivos e estrangeiros e nunca o cruel e vergonhoso exterminio que se déra.

Accusavam sobretudo João Popinio como primeira autoridade, de não ter propositalmente contido a tropa de posse do armamento e naturalmente prompta para toda a sorte de violencias, ao passo que este citava nomes de muita gente bôa que havia iniciado o saque para se locupletar e violentamente em todos os circulos os estigmatisava.

Chegando porém, de muitas partes noticias aterradoras de novos assassinatos e roubos, principalmente na villa do Alto Paraguay Diamantino, tentaram os dous lados um accôrdo, e, na noute de 30 de agosto, o vice-presidente foi ter á casa de José Alves Ribeiro, já então seu inimigo, para assentar em medidas que impedissem a reproducção daquellas terriveis scenas em Cuyabá.

E, na verdade, algumas providencias acertadas se tomaram, sendo os soldados tidos por mais turbulentos e capazes de novos attentados remettidos para fóra da cidade.

Parece, porém, que da reunião de 30 de agosto sahira João Popinio mais acirrado contra os antigos

companheiros ; o que fez com que Manoel Alves Ribeiro partisse a toda a pressa de Cuyabá com destino ao Rio de Janeiro, a se entender com Patricio Manso, cuja demora na cidade de Goyaz era para os compromettidos, senão inexplicavel, pelo menos sobremaneira impacientante.

Começaram então as prisões por ordem do vice-presidente, e as cadêas ficaram atulhadas de gente de classe inferior, fugindo por essa occasião não poucos de categoria melhor, que se suppunhão no caso de tambem merecer castigo.

Parece que ahi visava João Popinio mais aos saqueadores da noute de 30 de maio, do que aos assassinos, pois no tumulto popular de 3 de setembro, visivelmente excitado por elle, o grito que a cada instante se ouvia era : « Viva a Lei ; morrão os ladrões ! »

Pedião os tumultuarios nada menos que incontinente se fuzilassem os presos, sendo até assestada contra a cadêa uma peça de artilharia ; mas não foi levado por diante o cruel intento e o ajuntamento se dissolveo, conservando-se a cidade de Cuyabá no mais terrivel alvoroto dias inteiros, em que se cruzavam mil boatos e se esperava a repetição das scenas de sangue.

Foi quando chegou, a 22 de setembro de 1834 o presidente nomeado Antonio Pedro de Alencastro, espirito fraco e sujeito á influencia de quem sobre elle mais actuasse ; e mui naturalmente logo se subordinou á acção geitosa e seductora de João Popinio, cujas qualidades maneirosas erão, como já dissemos, bem notaveis e de todo o Cuyabá conhecidas.

D'ahi medidas que deram a bitola do que se ia fazer, a prisão dos cincos chefes da facção contraria attribuida á indignação popular e outros factos, em que se mostrava o impulso, ora vingativo, ora justiceiro do vice-presidente, considerado valido do presidente. Força, porem, é confessar; se muitos desses actos eram arbitrarios e dispensavam na lei, não se reproduzio mais nenhum assasinio nem roubo ; e por isso devemos concordar que a acção de João Popinio foi nesse caso benefica e salvadora até 31 de janeiro de 1836, em que governou Alencastro.

No Rio de Janeiro, porém, Patricio Manso e Manoel

Alves Ribeiro faziam os maiores esforços para obterem do governo central o poder e soffriam todos as anciedades da vacillação em que se achavam os ministros e a Regencia, a luctarem com graves difficuldades pela manutenção da ordem publica em quasi todas as provincias do Imperio.

Afinal, depois de innumeras solicitações e duvidas e vendo Sebastião Rodrigues da Costa de chegada ao Rio de Janeiro preso na fortaleza da Barra em Santos, onde ficou dous annos, tiveram, afinal satisfação dos seus instantes pedidos, voltando Manoel Alves Ribeiro com a noticia da demissão do presidente a Cuyabá, onde os seos amigos lhe fizeram entrada positivamente triumphal.

Não foi, entretanto, senão em agosto de 1836, que chegou novo presidente, nada menos o Dr. José Antonio Pimenta Bueno, depois tão illustre como marquez de S. Vicente.

Ahi é que se mette um episodio narrado diversamente por varias pessoas d'aquella época.

Contam-nos — e assim deve parecer a quem conheceo o caracter nobre, moderado e conciliador daquelle estadista brazileiro — contam-nos, que logo de chegada, o Dr. Pimenta Bueno mandara chamar a palacio o coronel João Popinio. Abrindo este rapidamente um reposteiro, acharam-se os dous de repente um defronte do outro: « V. S. me conhece? » perguntou o presidente. « Conheço. » « Está resolvido a obedecer á primeira autoridade da provincia, ou a rebellar-se? » « Cumprirei todas as ordens da legalidade. » « Pois então dou-lhe só 24 horas para sahir desta cidade e retirar-se para Goyaz e dahi ao Rio de Janeiro. E' questão de ordem publica. » « Obedecerei já e já » asseverou o outro e retirou-se a desempenhar a palavra dada.

Referem outros, que a iniciativa da ida a palacio fôra de João Popinio a pedir garantias para sua vida, respondendo-lhe, o que se nos afigura de todo o ponto impossivel, o presidente, que era tarde e taes garantias não lhe podião ser mais dadas. O outro resolvêra sahir de Cuyabá, o que não fez á noute por causa da sua valentia e altivez. No dia seguinte era morto.

D'ahi por diante se firmou a influencia de Manoel Alves Ribeiro(1)depois nomeado 1° vice-presidente,e a tal respeito é curioso ler o que em 1848 escreveo o presidente Dr. Joaquim José de Oliveira ao governo geral :

« O partido anarchisador que aqui, como na maior parte das provincias do Brazil, se formou na época da Independencia, que teve grande incremento em 1831 e, no anno de 1834, abysmou esta bella provincia nos horrores da mais feroz anarchia, continuou a existir com differentes nomes politicos, mas guerreando sempre desabridamente a todas as administrações regulares.

« Os sectarios desta facção, que ha muito tempo tem por chefe o famoso Manoel Alves Ribeiro e que foram sobremaneira protegidos pelas administrações anteriores á minha, achando-se entre elles a do mesmo Manoel Alves Ribeiro, na qualidade de 1° vice-presidente, ostentaram á minha chegada tanto poderio, tanta audacia, que a provincia não podia ser mais do que uma conquista de que elles dispunham.

« Os funccionarios publicos, desde o vice-presidente até os continuos das repartições, desde os deputados até os votantes qualificados pertencem á mesma grey.

« Os dinheiros dos cofres publicos, os bens das fazendas nacionaes, os direitos dos pacificos habitantes, tudo estava á mercê dos conquistadores. »

Adiante :

« Conhecendo Manoel Alves Ribeiro o proposito em que eu me achava de seguir uma politica de reparação e de justiça, partio para o Rio de Janeiro de onde logo escreveo, assegurando a minha demissão antes das eleições, o que de facto se verificou, etc. »

XXII

No meio de todas as desgraças de 1834, que papel representou a cidade de Matto-Grosso, em que deviam

(1) Falleceo afinal de febre amarella no Rio de Janeiro por occasião da epidemia de 1850.

persistir bem vivazes, mais do que em qualquer outro ponto, as recordações do tempo colonial com todos os seus arbitrios e prepotencias?

Grato me é salientar a posição que assumio, nobre, humanitaria e credora do applauso da historia.

Sem vacillação repellio qualquer participação no conluio que lhe fôra proposto por agentes enviados de Cuyabá e desde logo fez constar que portuguezes e adoptivos lá encontrariam amparo e abrigo, garantidos por todos os meios, até pelas armas.

« A este tempo, diz o documento que tenho em mão e que é todo em odio a João Popinio, emquanto pelos districtos de Cuyabá á risca se cumpriam as ordens do vice-presidente, as autoridades de Matto-Grosso se decidiram a fazer-lhe a mais forte opposição, para que o mal não contaminasse aquella habitação, e de facto assim aconteceo, e muitos adoptivos alli se foram apoiar. »

E para tornar effectiva a resistencia, caso della houvesse necessidade, o commandante das armas, Joaquim José de Almeida, que fizera, acompanhado de alguns officiaes, uma viagem *intempestiva*, declara a chronica (1), ao districto do norte, apenas chegado á cidade de Matto-Grosso e vendo as bellas diposições que dominavam todos os espiritos, despachou um tenente á Villa Maria, afim de tirar do deposito geral 30 arrobas de polvora, o que não conseguio, por exigir o almoxarife ordem expressa da primeira autoridade da provincia.

Mezes, depois, os portuguezes e adoptivos, que se haviam acolhido á generosa protecção de Villa-Bella, de

---

(1) « E' de notar-se, diz a fonte documentaria a que me reporto que o commandante das armas, estando ainda em distancia que bem podia voltar (Villa Maria) para coadjuvar o restabelecimento da ordem não o quizesse fazer, para ir pôr-se em um ponto, onde não se fazia precisa a sua assistencia. O conselho, resolvendo a sua suspensão, que lhe foi intimada, encarregou interinamente do commando das armas o tenente-coronel dos Nacionaes. Aquelle ex-commandante se vio na necessidade de participar ao Governo central, por intermedio do ministerio da guerra em officio de 6 de agosto de 1831, que nenhuma duvida tinha em dizer, que o vice-presidente era o chefe principal das occurrencias de 30 de maio. »

lá sahiram á formiga e se dispersaram pelas provincias lateraes, vindo não poucos estabelecer-se definitivamente em S. Paulo e no Rio de Janeiro.

—

Com toda a isenção de animo, só propria de quem estuda os factos sem possibilidade de prevenções nem de odios, contei os horrores que se derão em Matto-Grosso nessa terrivel época, de todo o ponto alheio á influencia das tradições e buscando no desenrolar dos acontecimentos e nas suas mais extraordinarias e inopinadas direcções comprehender e apanhar o movel que os produzio e o caracter e a indole dos que nelles figuraram.

Se, de um lado, pesa ainda gravosa responsabilidade de tão inutil e cruel matança sobre aquella grande região brazileira, de outro, a honra o profundo sentimento de vexame e angustia que ainda hoje dolorosamente a punge, ao ter que recordar-se da sinistra hecatombe, sentimento a que por vezes já me referi, mas que de novo e com insistencia assignalo como lutuosa homenagem a tristes victimas, que pagárão com a vida e com os haveres duro tributo á explosão das mais injustificaveis e violentas paixões.

—

E', porém, mais que tempo de voltarmos ao Matto-Grosso colonial.

SERMÃO

DO

Padre Jozé d'Anchieta

JEZUS

In die convertionis S. Pauli. 1568.
Vas electionis est mihi iste. Act. 9

Nos desafios de pessoas grandes, como de principes e senhores que entram em desafio sobre alguma grande empreza, como sobre um reino, condado, soe haver grande concurso de gente de parte a parte, dezejando cada uma d'ellas que seu principe saia com a victoria ; e comummente os homens guerreiros e valentes folgam e gostam muito de vêr e axar-se prezentes em similhantes espetaculos.

Ora somos xamados todos a um negocio similhante ; temos diante dos olhos um notavel desafio e batalha, que se faz entre duas pessoas mui notaveis, que são Jezus e S. Paulo : ha mui grande concurso de gente de parte a parte ; de parte de Jezus estão todos os córos angelicos e os santos, de parte do santo estão todos os exercitos infernaes dos diabos e dos farizêos, dezejando uns e outros ter a victoria de sua parte.

Si somos guerreiros, como devemos ser, pois *militia est vita Domini super terram* ; si somos esforçados, como devemos ser, pois somos christãos, e christão não quer dizer outra couza sinão homem de Christo, nosso verdadeiro e valentissimo capitão, o qual, ungido com o oleo da

graça *prœ consortibus suis*, nos ungio tambem a nós, para sermos valentes e esforçados lutadores e guerreiros contra o Diabo e a Carne, devemos de gostar muito de vêr este tão grande desafio para n'elle aprendermos a vencer e ser vencedor, porque uma couza e outra nos é necessaria : vencer o Diabo, Mundo e Carne, que continuamente contra nós pelejam e trabalham por nos vencer; e deixarmos-nos vencer de Jezus, contra o qual trazemos continua guerra, dando-lhe continuos combates com os nossos pecados, porque o sermos vencidos d'elle eis a mais glorioza victoria, que podemos alcançar.

E para que entendamos alguma couza d'esta batalha de Christo com Paulo, e a maneira de pelejar de um e d'outro, ponho diante dos olhos um lobo cruelissimo e mui faminto, dezejozo de se fartar de sangue, e de outra parte um cordeiro mansissimo, que não faz mais do que defender-se, com padecer e sofrer os bocados e dentadas que lhe dá o lobo, Paulo lobo cruel, Jezus manso cordeiro. Ouvi a S. Lucas o que vos conta d'esta batalha : *Saulus autem devastabat ecclesiam, intrans per domos et trahens viros ac mulieres, tradebat in custodiam.*

Paulo, como lobo faminto e dezejozo de se fartar de carne e sangue dos christãos, depois de se ter cevado no sangue do gloriozo martir Santo Estevão, guardando as vestiduras dos que o apedrejavam, não sómente consentindo em sua morte, mas tambem apedrejando-o com as mãos de todos elles, pois todas as pedradas que elles lhe deram com as mãos, lhes deu elle com o coração, folgando e gostando de o vêr assim apedrejar. Não contente com isto entrava pelas cazas e tirava d'ellas a rasto os homens e mulheres, com grande crueldade, e fazia-os encarcerar e açoutar, e em cada um dos christãos, que assim perseguia, encarcerava e açoutava o mesmo Christo. Era Jezus Christo pacientissimo ; com incrivel paciencia e mansidão estava sofrendo todos aquelles golpes, e ainda que lhe davam muito trabalho e dôr, *laborabat sustinens*, trabalhava e sofria e vencia a ira de sua divina justiça, *recordatus misericordiœ suœ*, lembrando-se d'aquella grandissima mizericordia, que o constrangeu a tomar fórma de cordeiro, e como tal ser esfolado e morto na cruz. E não contente com

isto e em ter já dito á seu Padre Eterno: *Pater, agnoces illis, quia nesciunt quod faciunt*, está incitando a seu martir S. Estevão, que faça o mesmo e rogue pelo lobo, que o está despedaçando, dizendo: *Domine, ne statuas illis hoc peccatum, quia nesciunt quid faciunt, ac si disseret*, peço-vos, senhor Jezus, cordeiro mansissimo, que por todos morrestes na cruz, que não acoimeis este pecado a S. Paulo, que me apedreja, porque não sabe o que faz; venceis, Senhor, com vossa paciencia sua ira, vencei com vossa mansidão sua fereza, vencei com vossa mizericordia sua crueldade, *quia nescit quid facit, quia ignorans feci in incredulitate mea*, como elle confessou depois de convertido.

Vêdes aqui travada a peleja de parte a parte, e tanto mais maravilhoza da parte de Christo quanto menos uzada no mundo; agora cuidam os homens, que não poderão vencer seus inimigos, sinão dando e matando; cuidam, que si não vingam uma injuria que logo ficam afrontados e deshonrados; tem-se persuadido, ensinados de Satanaz, mestre infernal, que si uma palavrinha, que se soltou a seu proximo, se lhes passa sem responderem vinte, e sem fazerem grandes autos e papeladas sobre ella, que perdem todo o seu credito, e lhes cuspiram os outros no rosto. E não olhando a seu capitão Jezus Christo, que peleja sofrendo e vence padecendo, seguiam a Paulo, lobo cruel, querendo, como elle, vencer e sopear seus irmãos a poder de dentadas; os ricos roendo aos pobres e os grandes aos pequenos, e os que se tem por sabios aos simples e ignorantes. O' irmão, que não sabes pelejar, e onde cuidas que vences, ficas vencido, porque no ponto que desprezas a teu proximo, te despreza Deos; no ponto que sopeias a teu irmão, te sopeia a ti o Diabo; no ponto que cuidas que o venceste e te tens vingado d'elle, ficas vencido de tua ira e do pecado, que é o mais baixo e vil senhor a que te podias sugeitar, como fazia Paulo. Mas tornemos á batalha de Paulo com Jezus.

Andava Paulo como lobo já encarniçado no sangue dos christãos, mansos cordeiros, ou para melhor dizer, no sangue do mesmo Jezus Christo, cordeiro pacientissimo, o qual com sua grandissima paciencia o ia amolentando e

vencendo pouco a pouco, porque, si ella não fôra tanta e tão grande (como diz S. Cipriano), não tivera oje a igreja a S. Paulo, que andava de caza em caza, com grande quadrilha de gente, arrastando os homens,e dando com elles nas cadeias.

E tudo isto era pouco para fartar a grande fome e sêde d'este lobo tragador, de quem tinha já profetizado aquelle grande patriarca Jacob : *Benjamin, lupus rapax, mane comedet prædam et vespere dividet spolia, vel justa aliam translationem, vespere dividet escas*, o qual *ad literam* declara S. Agostinho de S. Paulo, que diz de si mesmo, que era da tribu de Benjamin: *Circumcisus octavo die ex genere Israel, de tribu Benjamin, Hebræus ex Hebræis.*

Pois este Saulo, da tribu de Benjamin, *lupus rapax*, lobo voraz e tragador, não farto com o sangue dos christãos que fazia prender em Jerusalém, ouvindo que em a cidade de Damasco havia homens, que criam em Jezus e confessavam seu santo nome, determina de se ir lá fartar, e assim diz o testo : *Saulus adhuc spirans minarum et cædis in discipulis Domini*, Saulo ainda com a boca aberta, xeia de ameaças contra os discipulos do Senhor e dezejozo de se encarniçar em sua matança, vai-se ao principe dos sacerdotes e pede-lhe cartas para a cidade de Damasco, que quer dizer *potus sanguinis*, onde determinava de se fartar de seu sangue,fazendo-os prender e maltratar, e fazendo que o nome de Jezus nem em Jeruzalém, nem em alguma outra parte fosse nomeado.

Christo Jezus, que até aquelle tempo como homem verdadeiro e cordeiro mansuetissimo, filho da virgem sacratissima, ovelha sem macula, e crucificado pelos homens, esteve esperando a Saulo com grandissima paciencia e mizericordia, emquanto andava pela cidade de Jeruzalem perseguindo aos christãos, vendo que já sahia do campo como homem,que sae ao desafio, e se ia a outras cidades ao perseguir, determina deixar por um pouco a paciencia e fraqueza de cordeiro e uzar da fortaleza de leão, mostrando o poder de sua divindade, e sair com elle ao campo do desafio para o acabar de vencer : *Catulus leonis Juda ad prædam ascendisti, filii mei, quasi leo.*

Sae aquelle grande leão da tribu de Judá, Christo Jezus, da geração de Judá e de David, *catulus leonis*, filho de outro leão, que é o Padre Eterno, sae com o poder de sua divindade *ad prædam*, sae ao encontro de Saulo, que era sua preza e embiara, que elle andava para arrebatar ; encontram-se no caminho Saulo, lobo rapace, da tribu de Benjamin, e Christo Jezus, leão da tribu de Judá, e porque muito maior vantagem, sem nenhuma comparação, levava Christo a Saulo, do que leva um grande leão real a um lobo, não houve mister andar aos golpes n'aquelle desafio, mas em regalando os olhos o leão contra o lobo, em mostrando Christo a Saulo uma faisca dos olhos de sua divindade, que fazia aquelle resplendor, *quo subito circumfulsit eum lux de cœlo, cessit in terram*, cae o lobo no xão vencido, *et vicit leo de tribu Juda, radix David*, cae Saulo no xão vencido e fica Christo vencedor. E ainda que vença como leão com o poder de sua divindade, todavia faz pelos merecimentos de sua paixão, que padeceu como verdadeiro homem e da geração de David, porque a sua incrivel paciencia e mansidão de cordeiro, com que sofreu a Saulo, aplacou a ira da divina justiça e fez que não sómente lhe perdoasse, mas tambem o convencesse com um tão novo e tão estranho genero de conversão.

E notae, que é proprio do leão real e generozo contentar-se com o vencer, sem querer despedaçar nem tragar como lobo. Assim Christo, nosso senhor, fortissimo leão e rei eterno, não quer tragar a Saulo, e entregal-o aos lobos infernaes, como mereciam suas obras, mas contenta-se com o ter vencido ; não quer mais do que despedaçar-lhe o coração, e abril-o para se lhe meter dentro, e para este efeito lhe começa a dizer: *Saule, Saule, quid me persequeris ?* Que males viste em mim, que más obras te tenho feito, Saulo, para que me persigas como a inimigo mortal ?

Quem cuidas que sou ? Não me conheces, Saulo ? Maior bem te quero eu a ti do que tu queres mal a mim : *Quid me persequeris ? Et Saulus : Qui es, Domine ?*

Sabes quem sou ? *Ego sum Jesus, quem tu persequeris.* Eu sou Jezus, teu salvador, que para te salvar

desci do céo á terra, e tu andas me perseguindo; eu sou Jezus verdadeiro homem e filho da mulher, que andei trinta e trez annos no mundo, buscando-te a ti, que andavas perdido, para te dar gloria, e tu andas me buscando para me deshonrar.

Eu sou Jezus, que como manso cordeiro *coram me tondente non aperui os meum* para me queixar, ainda que sempre a tive aberta para por ti a meu padre rogar, e tu andas como lobo com a boca aberta para me engolir e fazer para que não seja o meu nome conhecido no mundo. Eu sou aquelle Jezus, que viste com tanta deshonra n'um páo entre dois ladrões, como homem fraco, que não tinha poder para se defender, e como tal me persegues agora, cuidando que não sou mais do que homem. E porém *durum est tibi contra stimulum calcitrare*, rija couza é, mui trabalhoza para ti, dares couces contra o aguilhão de minha divindade; sabe, que sou mais do que homem, sou Deos verdadeiro, que tenho poder para pôr debaixo de meus pés a todos os meus inimigos. Como homem passei pelo aguilhão da morte, e porém como verdadeiro e poderozo Deos tenho o aguilhão da justiça divina em minha mão para aguilhoar e castigar os pecadores, que como bois e brutos animaes não sabem mais do que seguir os appetites de seus sentidos e ofender-me.

Durum est tibi contra stimulum calcitrare, trabalhoza couza te é dares couces contra o aguilhão de minha morte e paixão; por demais é quereres tu com tua perseguição, que me fazes, vencer a grande paciencia e mizericordia, que mostrei á minha paixão; porque quando me lembro, que aquelles duros aguilhões dos pregos traspassaram minhas mãos e pés, que ainda agora estão abertos; quando vejo este lado e coração aberto com o duro aguilhão da lança cruel; quando olho, que minha sagrada cabeça foi tão aguilhoada com agudos aguilhões dos espinhos por amor dos pecadores, não me posso deixar vencer de teus pecados, ainda que por elles justamente merecias o inferno, antes com o mesmo aguilhão da minha morte te quero aguilhoar e vencer, uzando comtigo de mizericordia, e fazer-te *vas electionis*, vazo escolhido, em que eu infunda minha graça, e fazer-te meo pregador, *os portet nomen*

meum coram gentibus et regibus et filiis Israel, para que por tua pregação se convertam os pecadores, e picados com o aguilhão da minha morte alcancem o fruto de minha paixão, que é a salvação de suas almas, castigando seus corpos com o aguilhão da penitencia, e assim escapem do aguilhão de minha divina justiça: *Durum est tibi.*

Saulo, com taes couzas, que vos parece, que faria? Vendo-se derrubado no xão tão subitamente, que cuidaria? Que responderia a taes palavras, que lhe penetravam o coração? Elle só sabe o que sente, ainda que o não póde declarar, porque *ibi Benjamin adolescentulus in mentis excessu*, ali aquelle mancebinho doudo e soberbo, da tribu de Benjamin, todo transportado e arrebatado em Deos, todo aguilhoado em suas entranhas com as palavras de Christo, que o tinha derrubado a seus pés, já não como mancebinho doudo e sem sizo, sinão como velho xeio da sabedoria divina, não como lobo soberbo e roubador, sinão como humilde e manso cordeiro, *stupens ac tremens* responde a Jezus: *Domine, quid me vis facere*? Senhor, que me mandaes, que faça? Não tenho necessidade, que me digaes quem sois, porque já vos conheço. Já sei, que sois Deos e Homem verdadeiro; venceste a dureza de meu coração com a brandura de vossa mizericordia, vencido sou de vosso amor, aguilhoado estou com o aguilhão do vosso poder divino, traspassada está minha alma com o duro aguilhão de vossa paixão. *Quid me vis facere?* Mandae, Senhor, que eu farei; mandae-me padecer, que eu padecerei; mandae-me morrer, que eu morrerei; porque daqui por diante *adsit mihi gloriari, nisi in cruce domini mei Jesu Christi, omnia ut stercora arbitrabor, ut Christum lucrifaciam: mihi vivere Christus erit et mori lucrum.*

Não descançarei até pôr minha vida por vós, pois com tanta mizericordia me xamaes depois de terdes posto vossa vida por mim.

Eis aqui concluido o desafio de Saulo com Jezus. Este é o fim d'esta batalha; vencedor fica Jezus, e Saulo vencido; tal vencimento viesse ora por nós, com que nos axaremos derrubados aos pés de Jezus, dizendo: *Domine, quid me vis facere*? E porque vos dice ao principio, que o Diabo

traz guerra comnosco, e nós com Christo, e que é necessario,que vençamos a um, e nos deixemos vencer do outro, quero vos dizer isto mais de raiz, para que vos deixeis vencer de Christo, porque com isto vencereis o Diabo.

Sabeis, que couza é a vida de um pecador? E' um continuo desafio, que traz com Christo,nosso senhor, com que sempre o anda desafiando e provocando que tome a espada da sua ira, e se meta em campo com elle. Que vos parece, que faz um pecador, quando tão sem temor de Deos está fazendo um e dois e vinte pecados mortaes? Está desafiando a Christo, está dizendo com más obras que não é poderozo Christo para vingar suas injurias, pois fazendo-lhe tantas em suas barbas, não sae por ellas: *Invitat adversarius nomen tuum in finem.*

Cada pecado mortal, que commete,é um cartel de desafio, com que o está incitando a ira, e motejando de homem para pouco, pois tal sofre e dissimula, e tanto mais cresce este desavergonhamento de um pecador, quanto menos atenta Christo por suas injurias, *et dissimulat peccata hominum propter pœnitentiam. Tentaverunt me principes vestri, probaverunt et viderunt opera mea.*

Christo, nosso senhor, para não se tomar com uma pulga e menos que pulga, e com um cão morto, que é o pecador, que ainda que ladre e rôa, morto é e abominavel diante de Deos, e a ninguem faz mal sinão a si mesmo, matando sua alma e empeçonhentando com o máo xeiro de sua vida a seus proximos e vizinhos: *Ne persequat pulicem unam et canem mortum,*dissimula com o pecador e faz que não atente para as suas injurias, e em lugar de lançar mão da espada da sua justiça e dar com elle no inferno, lança mão da sua mizericordia e aceita o desafio, não para o matar, sim para o converter e fazer seu amigo.

E para mais clareza entendei, que Jezus, nosso senhor, converte os pecadores de duas maneiras: uma é violenta e forçoza, porque ainda que creasse a vontade do homem livre para poder d'ella fazer o que quizer, e escolher o bem e o mal, todavia fica-lhe a Deos poder, como todos os teologos concluem, para arrebatar-lhe a vontade e fazel-a querer o que elle quer, de maneira que póde Deos fazer por força a um homem, que aborreça o pecado e ame

a virtude, e que de nenhuma maneira possa querer pecar. D'esta maneira converteu oje a Saulo, que foi grandissimo e especialissimo privilegio arrebatando-lhe a vontade e mudando-lhe o mal em bem sem elle poder a isto rezistir, e da mesma maneira uzou com S. Mateos, segundo S. Jeronimo, o qual diz, que, em xamando-o Christo, vio n'elle alguma couza grande e mostra de sua virtude divina ; com o que não pôde fazer outra couza sinão seguil-o.

Por esta maneira, irmão, não esperes tu, que não ha mais que um S. Paulo e S. Mateos.

Outra maneira de converter é ordinaria e comun a todos os pecadores, da qual, diz o sabio, *reliquit Deus hominem in manu concilii sui, adjecit mandata, apposuit ignem et aquam, ad quod voluerit manum suam extendat.*

O pecador desventurado, deixando de lançar mão dos mandamentos de Deos e guardal-os, deixando de quentar-se ao fogo do amor divino, mete-se na agua das deleitações do mundo e da carne, e assim se anda ofendendo a Deos e desafiando com os seos pecados.

Christo, nosso senhor, para o converter, dà-lhe tanta graça quanta lhe basta para elle mudar sua vontade do pecado em que está á virtude, e mete-se com elle aos golpes para derrubar e vencer, si o pecador deixasse de lhe rezistir. Ora, lhe dá um golpe com a lembrança da morte, lembrando-lhe que pouco ha de viver n'esta vida, ah ! triste de mim, em que ando, que amanhan morrerei, e cá me hão de ficar todas minhas vaidades e torpezas, em que ando metido, que hei de deixar tudo quanto agora ando amontoando, com tanto perigo de minha alma e carrego de consciencia.

Outras vezes lhe dá um revéz de fortuna, dando-lhe perda da fazenda, dando-lhe doenças, trabalhos e morte de filhos. Outras vezes o fere com o temor do juizo e inferno, a que hei de estar a juizo diante de Deos, onde todos os meus pecados, que agora trago encobertos, hão de ser manifestos diante de Deos e de seus anjos e de todo o mundo, onde hei de ser envergonhado e deshonrado, e sobre tudo lançado no inferno com perpetua deshonra e tormentos infinitos. Outras vezes lhe dá uma estocada

com a espada do amor divino, trazendo-lhe á memoria quanto deve a Deos, que tanto o ama. Oh! desventurado de mim, como ofendi a Deos, que é meu pai verdadeiro, que me creou á sua imagem e similhança! Como me não lembro, que se fez homem por amor de mim, e viveu trinta e trez annos com tanto trabalho, e por derradeiro foi morto em uma cruz por amor de mim!

Finalmente quantas pregações ouve um pecador, quantos exemplos vê de virtuozos, quantos bons conselhos lhe dá seu amigo, quantos momentos de tempo lhe dilata Deos a vida e o espera a penitencia, tantos golpes lhe dá n'este desafio, para o vencer e converter e fazer seu amigo.

Pois que esperas pecador? Porque te arredas de Deos?

Porque lhe pões diante este coração mais duro que a pedra e mais rijo que o escudo de aço, em que recebes todos estes golpes sem sentir nenhum?

Deixa-te ferir de Christo, que não fere sinão para sarar; deixa-te derrubar d'elle, que não derruba sinão para alevantar; deixa-te vencer d'elle, que não vence sinão para coroar e fazer-te vencedor de teus inimigos.

Não esperes, que tome a espada de sua ira, *et acuat diram iram in lanceam* contra ti; não esperes, que lance mão do seu rigorozo e justo poder *et arcum conterat et confringat arma et scuta comburat igni*; não esperes, que esmiuce esse arco de tua obstinação e pertinacia, que tens sempre armado contra elle; não esperes, que faça pedaços todos os sentidos e membros do teu corpo, que *sunt arma iniquitatis*, com que pelejas contra Deos, e ofendes sem cessar, e te dê uma morte subitanea, quando estiveres mais descuidado, e que por derradeiro *scutum comburat igni*, queime com este fogo infernal este teu coração mais rijo que escudo de aço, que não se molenta sinão a poder do fogo e marteladas dos diabos, ferreiros infernaes.

E si por ventura me dizes, irmão, que tu não persegues a Christo como Saulo, como suspeito, que estás dizendo em teu coração, este é ainda maior mal, e é sinal, que estás já no cabo; érpes tens nas feridas, pois estando tão xagado não o sentes.

Porventura Saulo perseguia a Christo em sua pessoa? Não, que já estava no céo gloriozo, e Christo está lhe dizendo: *Saule, Saule, quid me persequeris?* Porque perseguis aos christãos, que são seus membros e elle tem dito no Evangelho: *Quod uni ex minoribus fratribus meis fecistis, mihi fecistis, sive in bonum sive in malum.*

Dou-te um desengano, irmão, sabes, que todas as vezes que pecas, persegues a Christo e pizas o seu preciozo sangue, que por ti derramou; todas as vezes que injurias e queres mal a teu proximo, injurias e queres mal a Deos, que é seu irmão; todas as vezes que o avexas e persegues com o poder de tua vara e teus cargos, a Christo persegues; todas as vezes que andas subtilizando maneiras, com que lhe leves o seu ou lhe tires o ganho que podia haver christãmente, a Christo persegues e roubas todo o tempo; todas as vezes que tens a fazenda do pobre orfão e não lh'a queres pagar, podendo, a Christo persegues, e lhe bebes o sangue, como lobo faminto; todas as vezes que olhas para a mulher do teu proximo e a queres deshonrar, persegues a Christo, seu verdadeiro espozo e marido muito mais ciozo de sua honra do que seu marido; todas as vezes que moves a pobre negra a pecar ou por força ou por vontade, ou consentes em seu pecado, quando ella te busca, a Christo persegues, que é o seu verdadeiro senhor e pai, que para a salvar e tirar do pecado quiz tomar fórma de pecador n'este mundo e ser condemnado á morte de cruz; finalmente qualquer pecado, que commetes contra tua alma, perseguição é que levantas contra Christo, mais verdadeiro senhor d'ella do que tu mesmo.

Ouve, surdo pecador, ouve a voz de Christo, que está bradando: Pecador, pecador, porque me persegues? *Ego sum Jesus, quem tu persequeris,* eu sou Jezus, a quem persegues, quando persegues a teu irmão; eu sou Jezus, a quem persegues, quando pecas; eu sou Jezus, a quem outra vez crucificas em teu coração, quando commetes um peccado mortal; eu sou Jezus, teu salvador, a quem ainda persegues e injurias, e ainda estou aparelhado para te salvar, si tu deixares de pecar.

Abre, irmão, as orelhas d'alma, e ouve estas tão piedozas palavras do teu pai; abre o coração e deixa-o ferir

com a espada do amor e mizericordia de Christo, deixa-te derrubar a seus pés, dize-lhe: *Domine, quid me vis facere? Et sua serva mandata*, si queres entrar na vida eterna; e para o melhor fazeres, derruba-te aos pés do confessor muitas vezes, dizendo-lhe: *Domine, quid me vis facere?* Senhor, e confessor, e pai, que estás em lugar de meu senhor e meu Deos, que quereis, que faça para tornar em graça com elle? Vêde-me aqui a vossos pés, mandai, que eu farei, cortai por mim e tirai-me as érpes, de que já quazi estava comido sem sentir meu mal; aparelhado estou para fazer o que mandardes para salvação de minha alma. D'esta maneira te converterá Deos e te fará seu amigo, como fez oje a Saulo, o qual, derrubado no xão do cavalo de sua soberba, de Saulo soberbo que era se tornou S. Paulo, que quer dizer pequeno, humilde e obediente, e como tal perguntou logo: *Domine, quid me vis facere?*

Responde-lhe Christo, nosso senhor: *Procedere civitatem et dicebo tibi te oporteat facere*, onde notas, que a ninguem ensina Christo o caminho de sua salvação, nem se póde salvar, si primeiro não entra na cidade da santa Igreja, sugeitando-se á santa fé catolica e aos prelados d'ella, como é o papa, bispos, vigarios e seus superiores com muita obediencia, e assim aos superiores seculares, como são capitães, ouvidores e juizes, quando mandam o que é justo; porque n'esta santa Igreja, que é cidade de Deos, tudo se rege e governa por obediencia, *et sicut non est aliud nomen sub cœlo nisi Jesus, ita nec alia ecclesia nisi Romana, sposa Jesu, in qua oporteat nos salvos fieri.*

Levanta-se S. Paulo do xão cégo na vista do corpo, mas dentro d'alma todo xeio de sabedoria celestial, e alumiado com o resplendor da fé, entra na cidade de Damasco, já não a beber sangue dos christãos como lobo cruel, mas a banhar-se todo no sangue de Jezus Christo como manso cordeiro, e lavar com agua do santo baptismo o muito sangue, que tinha derramado, com que sua alma estava ensanguentada; está orando trez dias *in mentis excessu*, onde ouvio *arcana verba, quœ non licet homini loqui*, e aprendeu o Evangelho *per revelationem Jesu Christi.*

Vae Ananias, por mandado do Senhor, a baptizal-o, com o que sua alma, que estava rubra *sicut vermiculus* pelo muito sangue dos christãos, que tinha feito derramar, ficou *alba sicut nix*, lavada no mar cristalino do santo baptismo.

Dali a poucos dias *ingressus synagogas confundebat Judeos et predicabat Jesum, quoniam hic est Christus filius Dei*, e o mesmo fez por todo o mundo, pregando e advertindo os gentios, e assim o bom de S. Paulo, de roubador que antes era, se faz guardador, de lobo pastor, de perseguidor pregador e doutor das gentes: e acabou-se de cumprir a profecia. Benjamin, *lupus rapax, mane comedit prœdam et vespere dividet escas vel espolia*. S. Paulo, da tribu de Benjamin, pela manhan, que foi em sua mocidade e no principio de sua vida como lobo tragador, andava comendo a preza, perseguindo os christãos e fartando-se em suas carnes, *et vespere dividet escas*, e logo á tarde, que foi depois da sua conversão, anda a repartir manjares, apascentando as ovelhas de Christo como pastor da palavra divina e ensinando e repartindo os misterios da fé com os gentios, que são verdadeiros manjares d'alma, como elle diz de si mesmo: *Sic nos existimet homo sicut ministros Christi et dispensatores mysteriorum Dei. Vespere dividet spolia*, á tarde reparte os despojos, convertendo muitos á fé e despojando o Diabo, que os tinha cativos na mão e pondo-os na mão de Christo e debaixo de sua obediencia, entregando-lhes como despojos tomados na guerra com a espada da palavra divina, que elle pregava, *qui penetrabilior omni gladio ancipiti*, dos quaes despojos lhe cantaria a santa Igreja: *Deus, qui multitudinem gentium beati Pauli apostoli predicatione docuisti*.

Este é, irmãos, nosso mancebinho Benjamin figurado no outro Benjamin, filho do patriarca Jacob e muito mais excelente que elle. Dos filhos de Jacob (como sabeis) o mais pequeno foi Benjamin, gerado já na velhice do pai e nascido no caminho, vindo para Belém. Dos filhos do nosso verdadeiro Jacob, Christo, que são os apostolos, Paulo foi o derradeiro convertido depois de Christo subir ao céo e nascido na cidade Damasco.

E ainda que na verdade não era o mais pequeno dos apostolos sinão porque se converteu por derradeiro de todos, porém nos trabalhos e perseguições por amor de Christo elle era dos primeiros, pois *abundantius omnibus laboravit*, e assim como Jacob amava mui ternamente a Benjamin, tanto que diz d'elle a Escritura, que a vida e a alma do pai velho dependia da alma do moço Benjamin, assim Christo, nosso senhor, amava mui ternamente a S. Paulo, comunicando-lhe grandissima abundancia de graça, da qual elle diz: *Gratia Dei sum id quod sum et gratia ejus in me vacua non fuit*, tanto que *omnia possum in eo qui me confortat*.

E ainda que tudo isto é verdade, com tudo era tão grande sua humildade que se tinha por o mais pequeno dos apostolos e indigno de ser xamado apostolo : *Ego sum minimus apostolorum, qui non sum dignus vocari apostolus, quia persecutus sum ecclesiam Dei*.

E como quer que elle trazia diante dos olhos d'alma a estremada humildada de Christo, seu pai e senhor, de quem dizia *libenter gloriabor in infermitatibus meis, ut inhabitet in me virtus Christi*, o qual se tinha feito e xamado *vermis et non homo, opprobrium hominis et abjectio plebis*, e porque o proprio dos bixinhos é andar nos monturos, fazia-se S. Paulo monturo e esterco do mundo, não sómente tendo-se por um monturo de pecados, xamando-se a si mesmo *persecutor et blasphemus*, mas tambem sendo tido do mundo por tal, e gloriando-se que o tivessem e tratassem todos como a tal: *facti sumus tamquam purgamenta hujus mundi, omnium peripsema usque ad huc*, e n'isto me glorio, porque more em mim a humildade de nosso senhor Jezus-Christo, que se féz bixinho por amor de mim.

Benjamin nasceu com grande dôr e trabalho da sua mãe Rachel e quazi abortivo e movido, e ella em nascendo lhe xamou Bennomin, que quer dizer *filius doloris mei*.

São Paulo nasceu com grandissimo trabalho e dôr de sua mãe a santa Igreja, e elle se xama á si mesmo abortivo e quazi movido: *Novissime omnium tamquam abortivo, cujus est mihi*. E sua mãe lhe xama Bennomin *filius*

doloris mei, filho de minha dôr, que tantas dôres me cauzaste com tuas perseguições, que tanto trabalho me custaste primeiro que te parisse, fazendo prender e maltratar a tantos de meus filhos.

Benjamin em certa maneira foi matador da sua mãe Rachel, porque de seu parto morreu ella; S. Paulo foi matador e destruidor de sua mãe a sinagoga, porque nenhum dos apostolos tanto trabalhou por desarraigar as cerimonias da lei velha como elle para edificar a nossa e a fé de Christo, nosso senhor, sofrendo muitos trabalhos e perseguições, atè ser muitas vezes açoutado e derramar seu sangue para desfazer a sinagoga e suas cerimonias, que já não aproveitavam para a salvação, como se vê em muitos lugares de suas epistolas, e imprimir nos corações dos homens a liberdade dos filhos de Deos e a graça da lei evangelica.

E com razão lhe xama ella *Benjamin*, pois tão grande dôr e raiva lhe cauzava, vendo que por suas pregações se desfaziam suas cerimonias e se aumentava a fé de Jezus Christo, cujo nome ella dezejava totalmente tirar do mundo.

E ainda que Rachel xama seu filho *Bennomin*, porém seu pai Jacob lhe xama Benjamin, *filius dextræ*, ainda que a sinagoga e a igreja xamam a S. Paulo filho da minha dôr, todavia seu pai Christo lhe xama *filius dextræ*, porque a mão direita e favor e graça de Christo, nosso senhor, o trazia sempre debaixo de seu amparo, como se vê em todo o decurso de sua vida: *filius dextræ*, porque com o poder da mão direita de Christo vencia a reis e tiranos, pregando diante d'elles a fé sem nenhum temor, e fazia muitos milagres, virtudes que *non quaslibet faciebat Dominus per manus Pauli; filius dextræ*, porque elle andou pregando por todo o mundo o poder da mão de Christo, nosso senhor, e da sua divindade, fazendo que tanta multidão de gente se sugeitasse e pozesse debaixo de sua mão; finalmente *filius dextræ*, porque no dia do juizo ha de estar á sua mão direita, não como qualquer dos escolhidos, sinão com mui especial privilegio sentado n'uma cadeira como juiz, *judicando duodecim tribus Israel.*

Este é o nome, que põe Christo a este seu filho, que oje lhe nasceu, que é o que oje lhe xamei, dizendo: *Vas electionis est mihi iste*, vazo escolhido, vazo d'ouro lavrado com muitas pedras preciozas de virtudes, vazo tão puro e limpo, em que Christo, nosso senhor, infundia tanta abundancia do suavissimo licôr de sua graça, vazo sagrado, que tantos milhares d'almas recebeu em si e pôz na meza de Christo.

E porque vos não pareça novo este nome de vazo escolhido, que Christo, nosso senhor, põe a S. Paulo, ouvi e entendereis.

Haveis de imaginar, como é verdade, que Deos é uma fonte viva e perenal de mizericordia e justiça, que é impossivel esgotar-se; e todas quantas almas creou e ha de crear são vazos, em que elle ha de infundir este licôr. E como diz o mesmo S. Paulo, assim como *in magna domo non solum sunt vasa aurea et argentea, sed et lignea et futilia, et aliud quidem in honorem, aliud sunt in contumeliam*; assim, n'esta grande caza de Deos, rei eterno ha vazos de ouro e prata, que S. Paulo com os outros apostolos, martires e santos, *qui tanquam aurum in fornace probati et examinati sunt sicut argentum*, dignos de ser postos na meza de Christo para n'elles elle comer e beber grande multidão de almas, que se converteram, que é seu verdadeiro manjar, *quia sicut cibus meus ut faciam voluntatem patris mei, qui in cœlis est*, assim o meu verdadeiro manjar são os que fazem a vontade de meu padre. Ha tambem outros vazos de páo e de cobre e outros metaes, que são os que trabalham por guardar os mandamentos de Deos e a poder de maxadadas e marteladas da penitencia e confissões e boas obras se lavram para receberem em si o licôr da mizericordia e graça divina. E todos estes vazos são vazos *in honorem et gloriam eternam* escolhidos.

E dos pecadores que diremos? Lastima é grande e magua dizel-o, mas dil-o Jeremias, com grandes suspiros e dor de seu coração: *Deputati sunt in vasa testea, opus manuum figuli*. São vazos de barro, obra das mãos do oleiro infernal; emquanto são homens, verdade é, que são obra de Christo, nosso senhor, soberano mestre e creador, que

omnes homines vult salvos fieri, e porém elles, por seus pecados fizeram-se obra das mãos do oleiro infernal, que é o Diabo, feitos na roda do pecado, da qual diz Daniel: *In circuitu impii ambulant*. Os máos e pecadores andam sempre na roda como vazos de barro postos na mão do oleiro, sempre andam na roda do pecado, acabando donde começaram, e começando donde acabaram, tão máos no principio da vida como no cabo d'ella, tão máos na velhice como na mocidade, sem nunca acabarem de dar voltas n'esta roda e irem caminho direito da gloria. Verdadeiramente *sunt vasa testea*, pois podendo com a graça divina, que nunca falta, fazer boa obra, e ser vazos escolhidos *in honorem*, elles por seus pecados se fazem vazos *in contumeliam*, que não hão de servir sinão de recolher em si toda a sugidade do mundo e com ella serem lançados á perpetua deshonra do inferno.

Este é o prégão, que Jeremias dá ao pecador. Quereis ainda ouvir outro? Dir-vol-ei. Não sómente é vazo de barro, mas tambem esburacado e fendido, que lança fóra de si quanto lhe lançam dentro; tantos buracos e fendas tem a quantos vicios e pecados é sugeito.

Dezeja Deos, nosso senhor, fonte divina, que nunca se esgota, infundir no pecador o suave licor e oleo de sua mizericordia pelos canos de seus mandamentos e salval-o; e o peccador derrama-o pelos buracos de seus vicios e condemna-se; quer Deos derramar no pecador o oleo de sua mizericordia, dizendo-lhe: *Non assumes nomen Dei tui in vanum*, e o pecador lança fóra de si pelo buraco de sua boca infernal, jurando e perjurando, mentindo e blasfemando o nome de Deos e de seus santos.

Quer Deos lançar no pecador o licor de sua mizericordia pelo cano do amor do proximo, dizendo-lhe: *Non occides, non furtum facies, non falsum testimonium dices.* E o pecador derrama pelos buracos da sua ira a avareza, a inveja, tendo-lhe odio, e perseguindo-o, furtando-lhe a fazenda e roubando-o, pezando-lhe com seu bem e folgando com seu mal, infamando-o e mexericando-o, e fazendo que os outros tambem o roam. *Vasa iniquitatis belantia in concilium eorum non ineret anima mea, quia in furore suo occiderunt virum, maledictus furor eorum, quia pertinax,*

dividam eos in Jacob et dispergam in Israel. Vazos de maldade e injustiça, que nunca andam sinão buscando guerras e discordias com seus proximos, e por fartar o apetite de sua ira matam com a lingua e com o coração a seus irmãos; não entre minha alma no ajuntamento d'estes. Livre-me Deos de tão má companhia. Maldito é e será de Deos seu furor e ira, pois com pertinacia e sem razão perseguem a seu proximo: e o castigo d'estes sabeis qual será? *Dividam eos in Jacob.*

Apartal-os-á Deos da companhia dos vazos escolhidos de Christo, verdadeiro Jacob, e não terão quinhão na gloria com os filhos de Israel, mas serão espalhados no caminho do inferno: *Quia qui non diliget, manet in morte.*

Quer Deos infundir no pecador o oleo de sua mizericordia, pelo cano da castidade dizendo: *Non fornicaberis*, e elle lança-o fóra pelos buracos de sua luxuria. *Meretrix ut stercus conculcabitur in via transeuntibus*; a mulher, deshonesta e desavergonhada, não ha duvida, que é sinão um vazo de sugidade posto no caminho para ser sujado e enxovalhado de todos os que passam, e a alma de um luxuriozo e sem vergonha é outra tal, vazo é de esterco posto no caminho d'este mundo, onde os porcos infernaes se revolvem, deleitam-se e fazem sua morada.

Quer Deos infundir no pecador o licor de sua mizericordia, dizendo-lhe: *Sabbata santifices*, e elle derrama fóra pelos buracos de sua cobiça, estando quinze, vinte dias e um mez e mais na sua roça, e queira Deos, que não seja trabalhando os dias santos, por principio do trabalho, que ha de ter no inferno, si se não emendar, e do pouco cuidado, que tem de sua alma, vem não ter conta com sua gente; não lhe dá nada, que seu escravo não se converta á doutrina ou missa, antes elle mesmo os não deixa vir; não lhe dá nada, que sua negra christan esteja amancebada com o indio infiel; não tem devêr de que seu escravo não conheça a Deos e as couzas da fé para se salvar, e que morra sem confissão; não ha de gostar das pregações e missas e confissões, nas quaes infunde Deos o oleo de sua graça e mizericordia; si em alguma ora se tapam estes buracos com a

confissão e com um jubilêo como este, logo se tornam a destapar com os pecados, não cumprindo o que ficam com os confessores.

Por estes buracos se tem coado e derramado todo o licor da antiga devoção d'este povo. *P. P.* (*) *quis te fascinavit*? Muita devoção e virtude havia em ti; que olhos de bruxas infernaes te enfeitiçaram e te lançaram a perder! *Bene currebas*, vila de São-Paulo, para caminho dos mandamentos de Deos para seres vazo escolhido como elle. Quem te esburacou e fendeu e fez entornar o licor da graça, que tinhas? O pecador desventurado, morador do Brazil, vazo de barro esburacado e fendido com mil vicios e pecados, que não pódes guardar em ti o oleo da mizericordia divina, de que Deos quer uzar comtigo, que esperas sinão seres feito vazo de ira xeio de borra? E porque assim como por um vazo fendido ainda que se côe o licor subtil e delgado, todavia lhe fica dentro a borra, que é grossa, assim tu, que és vazo fendido, lanças fóra o licor subtil da mizericordia e graça de Deos e ficas xeio da borra de teus pecados, com a qual se mistura a borra da ira de Deos, a qual não se póde coar, *quia fex ejus non est exinanita*, diz David; a borra da ira de Deos não se póde adelgaçar nem coar; e sabes por que? Porque não se côa a de teus pecados; entezouras borra de pecados, tambem *thesaurisas tibi iram*, fartas-te da borra dos pecados, tambem te has de fartar da borra da ira de Deos, ainda que te peze, *quia bibere omnes peccatores terræ*: e sabes que borra é? *Ignis et sulphur et spiritus procellarum pars calicis eorum*. D'esta te has de fartar, si te não emendas; e sabes quando? Quando Christo, nosso senhor, com a vara de ferro da sua justiça, *tamquam vas figuli confringet te*, dando comtigo no inferno para sempre.

Mas porque a paciencia e mizericordia de Christo, nosso senhor, é tão grande que inspirou a Paulo, tão grande perseguidor, e o converteu e fez vazo escolhido, tambem pódes confiar, que te inspirará a ti, si tomares o remedio, que a elle lhe deram, que foi *ingredere civitatem*.

(*) Populus, populus—é o que devem significar estas letras iniciaes.

Já que n'esta cidade da santa Igreja tens entrado por fé, pois és christão e baptizado, entra tambem n'ella por caridade *et serva mandata* como bom christão, que sem isto por demais esperas. E para que isto melhor possa-se fazer, dar-te-ei outro remedio mui singular, e é *ingredere civitatem*, entra na cidade da gloria, para a qual foste creado, cuidando n'ella muitas vezes.

Queres, irmão, não embaraçar-te nos deleites e tratos d'este mundo? *Ingredere civitatem*, entra com tua consideração na cidade do céo, lembrando-te que *non habes hic permanentem civitatem, sed futuram inquiris*, lembrando-te que és óspede e degradado n'este mundo, e que no céo está tua propria natureza, e a cidade em que has de morar para sempre.

Queres, irmão, não sentir o trabalho dos mandamentos de Deos e da penitencia ? *Ingredere civitatem*, entra na cidade da gloria, cuidando que ainda tu só poderás sofrer os trabalhos d'esta vida juntos muitos mil annos com um só momento, que te déssem entrada n'aquella glorioza cidade, te pagarão muito mais do que merecias, *quia non sunt condignæ passiones hujus temporis.*

Queres, irmão, ser vazo escolhido de Deos ? *Ingredere civitatem*, entra na cidade da gloria, lembrando-te que a poder de marteladas e pancadas se lavram os vazos, que lá entram, e com isto te parecerá suave o pezo da obediencia, pobreza, castidade, fome, sêde e trabalhos que padeces.

Queres finalmente não pecar? *Ingredere civitatem*, entra na cidade da gloria, lembrando-te que diz S. João, que lá *nihil coinquinatum introibit*, não entra lá a soberba, nem a inveja, não entra lá a luxuria e gula, não entra lá ira nem inveja, nem outro pecado, não entram lá olhos deshonestos nem orelhas aparelhadas a ouvir mexericos, nem lingua maldizente, nem mãos que obram maldade. *Ingredere civitatem*, irmão, dezejando de ver já a formozura da gloria, e dize com David: *Gloriosa die dicent de te, civitas Dei, et concupiscit anima mea in atria Domini.*

E si queres ainda remedio para entrar n'esta cidade, dou-te o mesmo: *Ingredere civitatem*, entra na sacratissima

humanidade de Christo, que é cidade da divindade, cuidando nas estremadas virtudes, de que é edificada, e lembrando-te que trinta e trez annos padeceu o desterro n'este mundo para ensinar o caminho d'esta cidade da gloria, e abriu suas mãos e pés e o coração para te abrir a porta do céo.

Desceu o filho de Deos ao mundo a tomar nossas infermidades sobre si para as curar, *vere languores nostros ipse tullit*, fez-se pobre, faminto hidropico, leprozo e paralitico. Estavamos degradados do paraizo pelo pecado; era necessario para remedio de nosso degredo, que tomasse tambem esta pena sobre si.

Desterra-se o filho de Deos d'aquella sua santa cidade da gloria trinta e trez annos, tão desconhecido como um estrangeiro peregrino: *Extraneus factus in tribus meis et peregrinus*, tão degradado e desconhecido que posto no ôrto com o suor de sangue, desconsolado e desamparado como estrangeiro, te está cavando o pão, com que te sustenta no caminho d'esta cidade. Tão degradado e desconhecido que, posto na cruz, está bradando com Barrabraz *ad dextram et videbam et non erat qui cognoceret me*, porque ainda que á sua mão direita estava a Virgem Santissima, sua mãi, que mui bem o conhecia, todavia estava posto em tão grande estremo de mizeria e deshonra e tão desfigurado que mui bem podéra desconhecel-o; pois via o rei da gloria posto entre dois ladrões, e aquelle que *est speciosus forma pro filiis hominum in quem desiderant angeli prospicere*, tão afeiado que *non est ei aspectus neque decor*, e parecia um leprozo *et percussus a Deo*; e aquelle a quem *decies centena millia angelorum aspectant in cælo* era desamparado na terra de seus discipulos e cercado de inimigos.

Pouco é o que digo para o muito que o nosso bom Jezus padece por nosso amor. Está tão desconhecido e desterrado n'aquella cruz, que nem seu pae celestial o conhece e nem lhe acóde, pois bradando elle: *Deus meus, Deus meus, ut quid derelinquisti me?* dissimula com elle, e faz que o não ouve, como quem diz: Pois si se faz tão amigo dos degradados que se quiz fazer degradado como elles, que morra como degradado e desamparado na cruz.

E morre o filho de Deos e despojára-se aquella cidade de sua humanidade, apartando-se a alma do corpo para romper os muros da cidade celestial, por onde tu entres.

Rompe tu tambem, irmão, este teu duro coração, para que entre Christo n'elle; deixa de pecar, pois vês, que na cidade do céo não entra pecado. Deixa-te vencer de Christo, sugeitando-te a seus mandamentos, que poderozo é elle com sua graça para de vazo de barro que és fazer-te vazo de ouro e de prata escolhido, e posto á sua meza celestial: *Ad quam.*

NOTA. Este sermão foi escrito pelo padre Jozé d'Anchieta e recitado no dia da conversão de S. Paulo no anno de 1568, em Piratininga.

No archivo do Instituto Historico e Geografico Brazileiro está a reprodução fotografica do original, quese guarda no colegio de *Notre Dame* em Antuerpia.

Como foi obtida esta reprodução por obzequioza oferta do nosso illustre consocio Barão do Rio-Branco, ver-se-á da acta da sessão do mesmo Instituto de 17 de Abril de 1891.

Que o original é de letra do autor, ve-se da seguinte nota escrita no alto da primeira pagina do dito original: «*Concio hæc scripta est manu B. F. Josephi Anchieta, Apti Brasilia, dono me missa ex ipsa Bahia de Todos os Santos et recepta mensis April.* 25. Laur. Wens».

Difficil foi a leitura do testo d'este sermão em consequencia da sua imperfeição caligrafica, e das muitas abreviaturas, cuja decifração foi precizo fazer; todavia o discurso vae aqui reproduzido com exactidão.

Rio, 29 Outubro de 1891.

T. Alencar Araripe.

O Regente Padre Diogo Antonio Feijo' (*)

Aos 23 graus e 33 minutos do latitude em 49 graus do longitude, distante 3 kilometros ao Sul do Rio Tietê, 12 leguas ao Norte da antiga Villa de São Vicente, hoje Cidade de Santos, 285 leguas pouco mais ou menos da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, entre o ribeiro Inhangabau e o Tramanduatehy, 753 metros acima do nivel do mar, ergueu-se formoza e faceira, n'esses amenos campos de Piratininga a Villa de S. Paulo, assim denominada em honra e louvor de seo excelso Padroeiro o famozo Apostólo das Gentes, e que por sua importancia foi elevada á categoria de Cidade por C. Régia de 24 de Julho de 1711, e 29 annos depois el Rey D. João 5.° creou o Bispado, que S. S. o Santissimo Padre Benedito 14, confirmou por bula de 1745. A Cidade de S. Paulo primeira da Capitania, e depois capital da Provincia e hoje Estado do mesmo nome, apelidada por Gomes Freire de Andrade o illustre Conde de Bobadella a Bella Sem Dote, registra em seos annaes feitos historicos da mais notoria celebridade. Os filhos de Sto. Ignacio de Loyola com a Cruz e o Breviario descerrarão os espeços bosques da antiga Capitania de S. Vicente, iluminando-a com os clarões do Evangelho, e as sementes da religião Santa de Jesus Christo levadas nas azas dos ventos desabroxarão por todos os recantos desse fertil e abençoado torrão onde o veneravel José d'Anchieta e seus denodados companheiros obrarão maravilhozos prodigios na obra estupenda de cathequese e civilisação dos Indigenas.

(*) Esta biographia foi lida na sessão do Instituto e faz parte da Memoria sobre o Senado Vitalicio de que é author o socio effectivo commendador Jozé Luiz Alves.

Foi n'essa cidade heroica que o denodado Paulista Amador Bueno da Ribeira no anno de 1640 regeitando a a Corôa que lhe era oferecida pela populaça em delírio, provou á face do mundo com sua rara abnegação e desinteresse o quanto era leal ao Rey e á Patria.

Foi ahi, debaixo d'esse céo sereno e bello e nas amenas e graciosas margens do Ypiranga, que o Principe D. Pedro d'Alcantra, ao receber os officios que lhe erão dirigidos pelas Côrtes Constituintes da Nação Portugueza, quebrando os lacres que os prendião e vendo em seo conteúdo a linguagem virulenta e desrespeitoza á sua dignidade, rubro de colera calca-os aos pés e cheio de entusiasmo solta de seos labios o grito de Independencia ou Morte no dia 7 de Setembro de 1822 tranformando o vasto mundo de Cabral de Colonia Luzitana no grande Imperio do Brazil e sobe ao Solio Imperial como 1.° Imperador e immortal fundador.

Nesse fertil e ameno clima e debaixo dos esplendores desse Céo onde surgio a aurora brilhante da liberdade brazileira e berço de filhos ilustres em todos os ramos do saber humano, cujos nomes brilhão nas paginas da historia e no templo da imortalidade.

Corria o anno de 1784 quando aos 9 de Agosto em humilde albergue sorria aos encantos do Mundo, um pobre menino que a Providencia não quiz que elle tivesse a ventura de poder dizer este é meo pai esta é minha mãi e de poder contar illustres avoengos em sua arvore genealogica, mas o genio que lhe recusava os carinhos paternaes e as caricias maternas destinara-o a ser um vulto respeitado na historia de seu paiz.

Nesse mesmo dia em que respirava esse menino recen-nascido as auras da vida, na Cidade do Rio de Janeiro, abria os olhos a luz do mundo um outro que tambem seria uma gloria immorredoura de sua nacionalidade tendo mais a dita á quelle recusada de ter em seus legitimos progenitores um guia dedicado e estremoso para guia-lo nos primeiros passos da vida. Esses meninos que virão a luz do mundo no mesmo dia e talvez na mesma hora, separados os berços por tantas leguas crescêrão e tiverão ambos a mesma vocação de dedicarem-se ao serviço de Deus, seguindo

ambos o estudo eclesiastico. Na mesma hora, e ainda no mesmo dia 16 Agosto, recebião ambos a graça Christan; áquelle na Sé de S. Paulo e este na Matriz do S. S. da antiga Sé e com as aguas do baptismo foi-lhes dado o nome á quelle de Diogo Antonio Feijó, e a este o de Francisco José de Carvalho.

Ambos forão estudantes talentosos e aplicados este arrastado por vocação pura esincera deixa a casa paterna para bater ás portas do convento de S. Francisco onde é recebido e aceito, depois das provas do noviciado troca o nome de Seculo pelo de Frei Francisco de Mont'Alverne, sobe as altas dignidades de sua ordem, torna-se um luzeiro na Cadeira do Magisterio e conquista na Tribuna Sagrada aplausos estupendos e n'ella realça as glorias da religião e da patria. Aquelle cujo berço foi embalado pelas brisas paulistanas recebeo a educação propria dos tempos coloniaes em que a instrucção da mocidade acompanhava o espirito da época. Dotado de talento natural faz rapidos progressos nos estudos primarios, aplicando-se com ardor nos estudos da lingua immortal de Cicero e de Virgilio. Desejando seguir a carreira eclesiastica, matriculou-se no Seminario Episcopal e depois de ter feito o curso completo das sciencias eclesiasticas aos pés de D. Frei Matheus de Abreu Pereira, Bispo de S. Paulo, recebeo a prima tansura, ordens menores a de sub diacono e de Presbitero no anno de 1807.

Antes de receber á investidura sacerdotal e de inscrever o seu nome entre os remeiros da barca do famoso Pescador dos mares de Galilea dedicou-se ao ensino da mocidade, foi Mestre de latinidade nas Villas hoje Cidades de Parnahyba, Itú e Campinas, e como conhecesse a fundo a lingua immortal do Cysne de Mantua, para mais facil tornar a seos discipulos a comprehensão e encantos d'essa lingua, compoz para esse fim uma Gramatica.

Depois de ter seo nome inscripto como Presbytero do habito de S. Pedro voltou a Campinas onde já possuia uma Fazenda de café e ao mesmo tempo que se dedicava aos trabalhos agricolas continuava a ensinar com esmero á mocidade a lingua latina, e n'aquella Cidade abrio um

Curso de Retorica e Philosophia compondo um compendio d'essas sciencias, obra notavel e elogiada pelos profissionaes, e por elle transmite á vasta pleiade de juvenes, talentosos e aplicados os conhecimentos que possuia d'essas sciencias que aprendeu com seos illustrados mestres P. M. Frei Ignacio Sta. Justina e Frei Antonio de S. Ursula Rodovalho, depois Bispo d'Angola.

No ensino de philosophia racional e moral familiarisou as doutrinas Kantiannas extrahindo de habilitados authores trechos com os quaes fez um compendio, e assim conseguio fazer ali conhecidas n'aquelle lugar essas doutrinas até então ignoradas.

Em 1818 deixou a villa de Campinas encarregando a um amigo da administração de sua fazenda ; dirigio-se á cidade de Itú para viver na companhia dos Padres chamados de Patrocinio que apezar do esplendor de suas virtudes sofrião gravissimas censuras pelo espirito de intolerancia que d'elles se tinha apoderado. Essas sensuras desaparecerão como por encanto logo que ahi foi habitar o Padre Feijó tal era o prestigio e influencia que sobre elles tinha. Com seos conselhos demonstrou-lhes as doçuras da linguagem evangelica e em pouco tempo os Veneraveis Padres do Patrocinio readquirirão o prestigio que tinhão começado a perder causando-lhes isso a mais agradavel impressão e profundo reconhecimento. Quando Feijó se dedicava a restaurar o prestigio dos Padres do Patrocinio eis que de repente repercute em todos os angulos do vasto mundo de Cabral a grata nova da glorioza revolução de que, a 24 de Agosto de 1820, se tornàra theatro a heroica cidade do Porto.

Na eleição a que se procedeu em S. Paulo para a escolha de seus representantes nas Côrtes Constituintes da Nação Portugueza, e como fossem n'aquelles bellos tempos o titulo mais recommendavel para terem ingresso no recinto dos legisladores da patria o talento a illustração e a probidade e possuindo-os em alto grau o Padre Diogo Antonio Feijó sahio seo nome victoriozo das urnas. Investido do mandato partio em Fevereiro de 1822 a tomar assento em sua cadeira nas Côrtes de Portugal. No congresso defendeu com o brilho de seos talentos e com a

rara energia de que era dotado os direitos do Brazil contra a prepotencia da nação portugueza. A altitude hostil com que forão recebidas as justas reclamações dos deputados brazileiros, pela maioria d'aquelle congresso, forçou Feijó e muitos de seus companheiros a deixarem as cadeiras, embarcando para Falmouth em Outubro 1822 por não quererem jurar a constituição portugueza, por ella offender gravemente os direitos do Brazil que já marchava a passos acceleradosna vanguarda dacivilisação e do progresso e impossivel era retroceder ao antigo jugo colonial.

De Inglaterra dirigio á sua provincia um manifesto no qual cathegoricamente demonstrou a circumstancia de offender os direitos do Brazil,posto que visse tambem que a causa liberal muito ganhava com os principios sancionados pela letra d'aquella constituição.

Regressando á patria onde já havia raiado o sol da liberdade, apenas chegou ao Rio de Janeiro dirigio-se ao Ministro e Secretario de Estado de Negocios do Imperio, o Conselheiro José Bonifacio d'Andrada e Silva, e com a linguagem da mais rude franqueza, propria do seo caracter, patenteou-lhe os males que o nascente Imperio devia esperar de sua politica ; recusa aceitar do Governo Imperial as promessas as mais vantajosas e seductoras para permanecer na Côrte ; preferindo os commodos da vida privada, segue para S. Paulo e dahi para Itú onde fixou sua residencia tendo recebido no dia 12 de Junho de 1823 em que chegou a S. Paulo a mais esplendida recepção da parte de seos comprovincianos, amigos e admiradores, o que muito o lisongeou.

Longe da capital do Imperio, quando se julgava tranquillo e seguro no remanço da vida domestica é sorprendido com a noticia de haver o capitão-mór de Itú, recebido uma portaria datada de 11 a Junho na qual o ministro do Imperio, em nome de S. M. o Imperador D. Pedro I, lhe ordenava que por meios occultos tivesse a mais activa vigilancia sobre o padre Diogo Antonio Feijó, ex-Deputado as Cortes de Lisboa porque o mesmo Augusto Senhor receiava que a influencia e prestigio desse

illustrado sacerdote abalacem a tranquillidade publica, promovendo a desunião dos povos persuadido, que elle occultava sentimentos anarchicos e sediciosos na mais refinada dessimulação. Convencido Feijó da existencia dessa Portaria em que era atrozmente vilipendiado, o seu caracter franco, leal e verdadeiro, e não obstante já ter cahido do poder o ministerio dos Andradas, lança mão da penna e em desagravo de sua dignidade menos presada dirige a S. M. o Imperador a seguinte carta:

« Senhor.—As minhas opiniões se fizerão publicas pelo pouco que disse nas Cortes de Portugal, e ellas em summa, foram expostas no manifesto que apresentei a V. M. Imperial, nas mãos d'aquelle Ex-Ministro, e que, por infelicidade minha, V. M. não leu, mais soube de seu contesto pela unica informação do mesmo Ex-Ministro.

« Este não se atreveu a censurar as ditas opiniões, apesar de apostas as suas; porque seria um despotismo, o mais cruel, querer obrigar a todos a pensarem como um só; mais foi bastante para ser eu julgado democrata, carbonario, etc.; por que esta infelicidade acompanha a todo áquelle que não quer, o que áquelle ministro quer. Se V. M. lesse aquelle Manifesto, veria dizer eu, que todas as expressões de V. M. na época da nossa revolução foram humanas, justas e desinteressadas, mas que escaparão ao Ministro algumas palavras, que davão lugar aos inimigos da causa, e aos mesmos amigos da liberdade, a funestas reflexões. Isto necessariamente não podia agradar ao Ex-Ministro; mais eu não fui fingido, disse o que entendia e sobre o que ouvia a muitos queixarem-se, e porque importava que V. M. tambem o soubesse.

« Eu analysando a constituição de Portugal declarava francamente o que n'esta me parecia bom e mau.

« Eu declarei o meu sentimento contra o veto absoluto; n'isto parecia contrario a V. M.; mas como « não julguei indispensavel para o ornamento do Throno, e sendo a Constituição para os povos nunca me persuadi que o Imperante tivesse poucas attribuições tendo as necessarias para bem governar.

« Estarei errado; mais ou menos muitos sabios tem

errado commigo ; nem julguei ser crime ; manifestar com franqueza os meus sentimentos, quando os mais tambem dizem o contrario francamente ; e julguei do meu dever dar a entender a V. M. o voto geral, ao menos da maior parte do Brasil, visto que, parece de proposito se tem querido ocultal-o a V. M. para se estabelecer uma constituição segundo o intender dos nossos sabios, mas de certo que pouco acomodada á opinião dos povos.

«Eu descobri naquelle manifesto o meu parecer sobre o governo das Provincias, e assim espuz em geral os meos sentimentos com sinceridade e franqueza que caracteriza o mesmo manifesto, sem me importar com a contradição, em que se achavão com os planos, e projectos d'aquelle Ex. Ministro.

«Senhor. Se eu sou criminoso por minhas opiniões, ellas são as que acabo de expôr; à que me animei pela liberdade de pensar, e de escrever que tem cada um direito que V. M. tantas vezes nos tem prometido garantir.» Continua com a linguagem de seu genio leal e franco a rememorar os factos que mais escandelizarão o Brazil, as violencias do Governo, as deportações de homens iminentes que tanto havião contribuido para a Independencia do Brazil e para a aclamação de S. M. o Imperador; fala sobre a violação das cartas das devassas geraes, por simples suspeita elevando á categoria de crimes, tolhendo a segurança e liberdade do cidadão pacifico e conclue : « V. M. confiava em extremo n'aquelle Ex Ministro, para que qualquer se aventura-se a fallar a verdade toda inteira; não obstante eu de Pernambuco escrevi a V. M. e não sendo entregue o meu oficio, pessoalmente apresentei-o á V. M.: n'elle depois de confirmar como a ultima convicção, de que o Brazil devia a existencia politica a V. M. Imperial, eu assegurava que devia ainda a sua prosperidade e gloria ao desinteresse, a liberalidade e a justiça de V. M.

«Tenho o prazer de vêr realizada em parte a minha asserção: V. M. acaba de salvar o Brazil da opressão em que se achava, e ainda espero só de V. M. o complemento de nossa felicidade. Eu terminava aquelle oficio com as seguintes palavras. Praza a Deus que V. M., sempre obediente á voz de seu magnanimo, justo e liberal coração,

não dando jámais ouvidos a opiniões particulares, marche de accôrdo com a vontade geral dos povos; nem se deixe arrastar pelos actrativos da lizonja, que sabe o segredo de torcer a seus fins, os genios mais bem favorecidos da natureza; nem duvido expol-os a terriveis e vergonhosos sacrificios, quanto esperava tornal-os em seu proveito. Eu quasi dice tudo com estas palavras; e na verdade disse muito, hoje V. M., talvez, penetre o sentido d'ellas; algum dia, talvez, melhores circumstancias me ponhão em estado de dezenvolvel-as completamente. Como pois, Senhor, um cidadão que falla deste modo é suspeito ao governo, e é fingido, e tem idéas dezorganisadoras? E' verdade, Senhor, eu n'unca aplaudi a Constituição que o Ministro e seus aderentes quizerão dar ao Brazil, mais nunca me opuz á que os povos á aceitacem.»

Tanto amo o governo monarchico representativo, como abomino a democracia pura, e a aristocracia em um paiz que tem a felicidade de a não possuir... como eu não duvido estar enganado, cedo á vontade geral, e protesto acommodar-me com a Constituição que se nos der; parece que este meu proceder nada tem de anarchico, nem subversivo da ordem.

Rogo portanto, e espero na bondade e justiça de V. M. Imperial, ou declarar-me que é de seu Imperial desagrado este meu comportamento, para eu reduzir-me ao mais inviolavel silencio, ou que tomando em consideração o meu justo sentimento por vêr o meu credito arruinado, unico bem que possuo e tanto aprecio, e isto em nome do mesmo que é nosso perpetuo defensor, se digne fazer restaural-o, por aquelle meio que melhor parecer á generosidade e prudencia de V. M. Imperial a quem peço toda a indulgencia pela minha ousadia, e por qualquer indiscripção, que sem pensar me haja escapado n'esta minha representação.—De V. M. Imperial subdito respeitoso e obediente—*Diogo Antonio Feijó.*

Dissolvida em 1823 a Assembléa Constituinte Brazileira da qual o Padre Feijó não fez parte offereceu o Imperador D. Pedro 1.º ao paiz a constituição politica que devia reger os destinos da Nação Brazileira organisada

pelo antigo Conselho d'Estado e da qual foram redactores os mais abalisados estadistas do 1.º reinado. Chamadas as municipalidades a darem como representantes do povo o voto supremo, quasi todas a acceitarão. Da villa de Itú, na provincia de S. Paulo bradou uma voz forte e prestigiosa que em nome do povo Ituano levou aos pés do throno as emendas e reflexões á Constituição projectada. Essa voz que pugnava com vehemencia pelos direitos e regalias do povo era a do Padre Diogo Antonio Feijó e as emendas offerecidas em nome da Municipalidade de Itù erão : Eleição por circulos, votação directa, abolição das condecorações, restringir a liberdade de imprensa quando com insultos ataca-se a autoridade e provoca-se á rebellião os cidadãos, menospresa-se a religião do Estado e offende-se a moral publica com obscenidades.

Na 1.ª legislatura tomou assento na Camara dos Deputados como supplente do V. de S. Leopoldo deputado eleito por S. Paulo, escolhido Senador em 1826. Na 2.ª legislatura foi eleito Deputado Geral por S. Paulo, tomou activa parte em todos os projectos, pugnando pela reforma das municipalidades, na sessão de 1828, e na de 1827 deu douto parecer sobre o projecto abolindo o celibato clerical, apresentado á camara pelo Conselho Geral de S. Paulo, mostrando o quanto em seu pensar faria o fundo da moralidade publica, essa disciplina da Igreja.

Na arena do debate defendeu o projecto com os Padres Drs. Antonio Maria de Moura que de pois foi bispo eleito do Rio de Janeiro e lente da cadeira de pratica do curso juridico de S. Paulo, e o Padre Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel,tambem lente e depois conselheiro e director da Faculdade Juridica de S. Paulo, sustentou o parecer favoravel ao projecto, ostentando vasta erudição e profundo conhecimento do direito canonico e das sciencias ecclesiasticas.Feijó e seus illustrados collegas,arrebatados pelo enthusiasmo combatendo o celibato clerical, esqueceram-se naquelle momento de que erão Ministros da Religião Santa de Jesus Christo e que por isso não podião ir de encontro á disciplina da Igreja que se firmava nos decretos do Concilio Tridentino de que erão defensores.

O sacerdote fiel cumpridor de seus deveres,abraçando

o estado ecclesiastico por vocação pura e sincera deve lembrar-se que o Celibato e no dizer de uma das mais fulgurantes estrellas do pulpito da Cathedral de Pariz o Padre Lacordare a mais brilhante aureola do Sacerdote Christão, e áquelles que sabem respeitar esse sagrado preceito mostrando-se fortes na luta da humana fragilidade forçarão em todos os tempos á admiração e a respeito. Sua esposa é a Igreja, seus filhos são os fieis a quem devem com seu saber instruir e com seu exemplo moralisar.

O Christianismo vive na luta desde os seus primitivos tempos, seus ministros não podem, portanto viver fóra della, e aquelles que se não sentirem com força sufficiente para cumprir á risca esse preceito não devem abrigar-se debaixo de seus estandartes, não faltão por certo na Sociedade Civil empregos onde podem sem offensa á religião entregar-se livremente ao delirio das paixões uma vez que sejão castos e prudentes sem offender a moralidade publica, mais áquelles que souberem reprimir as paixões seguindo fielmente os dictames da lei instituida pela Igreja Santa de Jesus Christo, abraçando, a Cruz do Redemptor mostrando ao seculo o quanto póde a força de vontade para conseguir o esplendor da virtude. Feijó e seus illustrados companheiros defendendo daquelles projectos lidos como erão nas doutrinas dos Teologos e Cannonistas, e revestidos da samarra do Principe dos Apostolos ricos de saber e de moralidade devião com vehemencia combater ao lado de D. Romualdo e do conego Luiz G. dos Santos e outros, e nunca sustentar esse projecto que tinha por fim ir de encontro aos dictames da igreja.

Se o Celibato Clerical não é considerado um dogma da Igreja, é todavia uma diciplina altamente recommendada pelos Sagrados Concilios, não era de certo uma imposição nova e sim uma lei coberta com a poeira dos seculos, e tanto elle como o seu illustre collega o padre Dr. Moura mais tarde convencidos desse erro conciliarão-se com o chefe Augusto da Igreja Catholica.

Na camara dos deputados o padre Diogo Antonio Feijó honrou o mandato combatendo com o vigor os erros

dos ministros do primeiro Reinado erros que germinarão geral descontentamento e que só se extinguirão no dia em que o primeiro imperador abdicou a Corôa do Brasil em seu augusto filho.

Quebrara o elo que o prendia a cadêa do seculo o do anno de 1831. Nuvens negras prenhes de borrasca toldaram os horizontes da patria. Ao despontar da aurora do dia 7 de Abril rebentou a revolução na Capital do Imperio abalando profundamente o paiz e ameaçando tragar as instituições juradas. O imperio americano que tão ufano pompeava no vasto mundo de Cabral, desde o dia de sua Independencia de metropole Lusitana, parecia prestes a desmoronar-se. O solio Augusto da Magestade estremecia em seus alicerces. As cousas tomarão aterrador aspecto e os politicos estremecião já divisando nodoas de sangue nas paginas da historia. Cada vez mais negros se mostravão os horizontes e de hora para hora, crescia de fórma assustadora a exaltação dos animos na facção desorganizadora que tentara rasgar o seio da patria tragando a monarchia nascente. O espirito publico no auge da mais extrema agonia só via o desmonoramento do Imperio de Santa Cruz. Já soprava com furia o tufão aniquilador eis que de repente surge o Santelmo de bonança que qual Arcanjo da Paz portador do ramo de Oliveira levanta-se da onda popular encarnado na pessoa do Padre Diogo Antonio Feijó para ser o depositario da Arca da Salvação Publica.

O illustrado representante de S. Paulo achava-se na capital d'aquella provincia, onde acabava de exercer o cargo de Membro do Conselho Geral no qual prestou valiosos e bons serviços em prol do engrandecimento material, e devido a sua rara energia não foi aquella capital theatro de desoladoras scenas nas noites de 22 e 23 de Novembro do anno de 1830 quando a mocidade academica com a maior injustiça imputava ao Ouvidor da comarca o assassinato do Dr. Badaró redactor de um jornal politico nas columnas do qual excessivamente abusara da liberdade de imprensa. Quando grossas massas enchião a praça publica aguardando com impaciencia a resposta do governo a representação dirigida em termos violentos contra

o Ouvidor, este chegava á cidade de Santos seguindo caminho da Côrte salvo da ira popular graças as acertadas medidas lembradas por Feijó.

A regencia permanente eleita a 17 de Junho de 1831 composta pelo general Francisco de Lima e Silva do deputado José da Costa Carvalho depois M. de Mont'Alegre e do Deputado pelo Maranhão João Braulio Muniz recebe o poder da Regencia Provisoria eleita em 7 de Abril d'aquelle anno. No primeiro gabinete organizado pela Regencia Permanente foi o Padre Diogo Antonio Feijó nomeado Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça por Decr. de 5 de Julho em substituição do Conselheiro Manoel Jozé de Souza França que pedio e obteve a sua exoneração.

Logo que entrou no exercicio do alto cargo de Ministro da Justiça o Padre Diogo Antonio Feijó cheio de patriotismo e desinteresse resoluto e energico firmou o throno do nascente Imperio e salvou a monarchia da terra de Santa Cruz. Dissolveu os corpos indisciplinados e assim salvou dos horrores do saque a que estava sujeita a capital do Imperio; anniquilou o movimento revolucionario de que foi theatro a Ilha das Cobras no dia 7 de Outubro de 1831 creou o corpo de Municipaes Permanentes da Côrte em dias desse mesmo mez e anno; abafou os motins de 3 e 17 de Abril de 1832 promovidos aquelle entre os partidos exaltados e o restaurador e por este o segundo.

Agora calemonos para ouvirmos o que a esse respeito disse o illustrado fluminense Evaristo Ferreira da Veiga o patriota redactor da *Aurora Fluminense* nas columnas de seu jornal. «No Brazil um patriota conhecido pela firmeza de caracter e a rectidão de seu espirito, de tal merito que aos mesmos anarchistas foi impossivel recusal-o não duvidando sacrificar-se pela patria em perigo, tomou em circumstancias, delicadissimas a pasta da Justiça e tem ahi feito apparecer uma força d'alma, uma constancia que antes d'elle não fora conhecida entre nós.

« Não se fizerão mais vergonhosas capitulações com o crime ufano de suas victorias.

« Os olhos da população animada se voltarão para este homem forte e integro, era d'elle que aguardavão as

providencias com que a sociedade se mantinha sem o risco de ser invadida por hordas de barbaros e a confiança veio finalmente coroar os esforços do digno membro da administração publica.

« Não lhe queimamos podre incenso, esta linguagem tem sido a de todos os jornaes da capital... e se acaso se inquerir a maioria dos cidadãos interessados na ordem, elles dirão que é no Sr. Feijó e na sua coragem civica que tem posto a ancora de sua esperança.

« Sem se amedrontar dos perigos dotado de coragem, perspicacia e talento facilmente comprehendeu a grave responsabilidade, que pesava sobre seus hombros — soube corresponder á expectativa, desenvolvendo rara energia, já dissolvendo os corpos endiciplinados sufocando promptamente a insurreição que em 7 de Outubro de 1831 se manifestou na Ilha das Cobras, prendendo seu motor e creando a 10 de Outubro de 1831, o corpo Municipal de Permanentes, para substituir os corpos dissolvidos.

« Serenou com sua altitude energica os animos exaltados que com as armas em punho dictarão a lei ao Governo, que a vista de seu olhar seguro e desasombrado depuzeram as armas.

« Agora vejamos como o energico e patriotico Ministro da Justiça, vai perante a Representação Nacional desenhar com as côres mais tristes e carregadas a situação do Paiz. Vamos com profundo silencio ouvir a linguagem mais patriotica dictada pelo mais esclarecido bom senso e no mais correcto estylo a fiel e circumstanciada exposição do triste estado do Paiz, no passado e no futuro.

« Tudo quanto tenho de expor é triste ; e mais melancolico é ainda o futuro, que se me antolha, se a Providencia Divina, não presedir os trabalhos da presente sessão.

« Talvez que a minha imaginação assombrada, com tantos acontecimentos desastrosos que rapidamente tem se succedido uns aos outros em todo o Imperio que minhas forças estanciadas na luta com tantas difficuldades, e que minha razão pouco fecunda em recursos, sejam a causa de prever males, tão proximos, e que por ventura se acham a tão grande distancia ; mas sou brazileiro interesso-me

pela minha patria e antigos e novos exemplos me fazem extremecer á vista da marcha progressiva do espirito revolucionario no Brasil..........................

....

....

«Tal é Senhores o Governo do Brasil taes são as tristes consequencias em que nos achamos.

«Um abismo horroroso está a um só passo diante de nós.

«Remedios fortes e promptissimos podem ainda salvar a patria. Um só momento de demora talvez faça a desgraça inevitavel. Ou lançar mão delle com presteza ou decedir-vos já pela negativa. O governo está firmemente resolvido a ajudar vossos esforços ou salvar o Brazil quando queirão marchar de accordo com elle ou de abandonar já o logar para ser substituido por quem se julgar com valor de arrostar tantas dificuldades............

«O governo tendo por guia a vontade nacional e por norma a lei jámais capitulará com partido de qualquer natureza que seja, e debaixo de qualquer prospecto que se apresente e constante preservará na constante resolução de o salvar o Brasil da anarchia que promovem servos ambiciosos e illudidos exaltados ou sepultar-se debaixo das ruinas da patria.»

Tão transcendentes serviços prestados em crise tão melindrosa pelo energico Ministro da Justiça, bem merecerão a gratidão nacional.

A Sociedade Defensora da Liberdade e da Independencia tomou a iniciativa de dirigir pelo orgão de seu illustrado orador, o Dr. Francisco de Salles Torres Homem, depois Conselheiro de Estado, Senador do Imperio e Visconde de Inhomerim o seguinte voto de graças, em o qual com aquella linguagem cheia de encantos e primores e aquelle estilo grandioso e imponente com que sempre adornou seus discursos, fez sentir o quanto era grato e lisongeiro a Sociedade Defensora da Independencia Nacional testemunhar os serviços que o distinto estadista acabava de prestar á patria atribulada, serenando o espirito agitado dos bandos desordeiros que punhão em

iminente perigo a honra e a vida de milhares abalando os alicerces do throno onde repousava a estabilidade fuctura do Brazil opondo invencivel barreira com suas acertadas medidas ao dilirio popular.

Em um repto de eloquencia exclama o orador: «O que seria do Brazil, Senhor, si tomando as redeas da governança não puzesses honroso atalho a tão horroroso estado de cousas? Oprazer que cala n'alma do lavrador quando vê dissipar-se a tempestade que lhe vinha alagar os campos e destruir as searas não hombria com o jubilo que se embebeo nos animos de todas as classes da sociedade quando os primeiros actos do vosso glorioso Ministerio puzerão o crime com consternação e ferirão de estupor a face da anarchia.

.....O Brazil vio com admiração a pujança d'alma e o sublime denodo, os prodigios de energia com que rodeado pelos defensores da lei e da ordem publica defendestes os planos das facções que procuravão dilacerar as entranhas da patria.

«Nunca Senhor vos mostrastes tão grande como quando sufocastes as ameaças da liberdade da facção restauradora que em sua temeridade medita destruir a obra da nossa regeneração. No conceito dos brazileiros honrados na sempre doce e inabalavel satisfação quando se cumprem arduos deveres encontrareis o galardão dos imminentes serviços feitos em prol da patria.

«A esta representação respondeu o padre Diogo Antonio Feijó em frases expressivas e repassadas de lealdade que muito lisongearão a Sociedade Defensora quando seo illustrado orador ás transmitio. Tendo Feijó assegurado ás camaras, quando com a franqueza do seo caracter pintou com as córes mais negras a triste situação do paiz, que se retiraria da scena politica, se lhe fossem negadas as medidas fortes e salvadoras que d'ellas solicitava fazendo vêr aos representantes da nação, no final do seo discurso de 21 de Maio, dizendo:

«Um abismo horroroso está a um só passo de nós; remedios fortes e promptissimos podem ainda salvar a patria um só momento de demora talvez faça a desgraça inevitavel. Ou lançai mão d'elle compresteza ou decidi-vos

pela negativa. O governo está firmemente resolvido a ajudar vossos esforços quando quizerdes marchar de acordo com elle ou abandonar já o lugar para ser occupado por quem se julgar com valor para arrostar tantas difficuldades». Entre as medidas pedidas ao corpo legislativo por Feijó para salvar a causa publica era a principal a remoção do tutor do joven soberano, que foi derrotado no senado pela maioria de um voto.

O padre Feijó que sabia fielmente cumprir o que prometia, não faltou á sua palavra, demitio-se com todos os seus companheiros de ministerio dirigindo á regencia o seguinte officio.

«Senhor: Si alguem se persuade que com grande energia por parte do governo e sem a cooperação sincera e mui actìva dos empregados publicos póde manter-se ainda por algum tempo a tranquilidade publica da capital, ninguem dirá que com os meios á disposição do governo podem as facções ser suplantadas e o Brazil prosperar. Ha mais tempo teria eu comprido a palavra se a honra me não obriga-se a esperar pelas accusações que dentro e fóra da Camara se dizião preparadas; mas está quasi a findar-se o terceiro mez e nenhuma tem apparecido; estou portanto demitido do ministerio que V. M. Imperial confiou a meu cuidado. Sinto não haver feito quanto desejava a bem da patria, mas ao menos fiz o que pude, e muito agradeço a V. M. I. a sincera aprovação que deu sempre a meos actos.

Como cidadão em qualquer parte do Imperio, onde me achar prestarei os serviços que forem compativeis com as minhas circumstancias para ajudar ao governo de V. M. I. á sustentar a dignidade Nacional a liberdade e independencia de meos compatriotas.

Rio 26 de Julho de 1832. De V. M. I. sudito reverente *Diogo Antonio Feijó.*

Aceita pela regencia permanente a sua demissão entrega as pastas do Imperio que interinamente dirigira, quando o Conselheiro José Lino Coutinho, foi exonerado a 3 de Janeiro de 1832, ao Conselheiro Antonio Francisco de Paula Holl. Cavalcanti de Albuquerque, depois Conselheiro de Estado e Visconde de Albuquerque e a da Justiça

ao deputado Pedro de Araujo Lima, depois Marquez de Olinda, seguindo precipitadamente para S. Paulo, sem annunciar o dia de sua partida só para fugir as ovações populares, e para melhor conseguir seu intento, deixou a casa de sua residencia e foi para a de seu devotado amigo o conego Geraldo Leite Bastos na rua das Violas, hoje rua Theophilo Ottoni n. 99, donde partio para S. Paulo no dia 5 de Agosto d'quelle anno, mas apezar das cautelas que tomou para illudir o povo e aos amigos, não poude evitar de ser acompanhado por um sequito que ao chegar a Venda Grande, era superior a 250 pessoas que assim tributavão ao eminente patriota o affecto e gratidão com o que muito o lisongearão.

Pouco depois de sua retirada do poder e sete dias depois de sua partida para S. Paulo falleceu o Conselheiro do Estado José Egydio Alvares de Almeida Marquez de Santo Amaro, Senador do Imperio pela Provincia do Rio de Janeiro.

Em Outubro desse anno reuniu-se o collegio eleitoral, para elegerem o successor, a cadeira vaga e como ainda perdurassem na memoria de todos os grandes serviços do Ex-Ministro da Justiça seu nome sahio victorioso do pleito eleitoral, onde obteve 239 votos e o 1° lugar na lista triplice. A Regencia Provisoria por carta Imperial de 5 de Fevereiro de 1833 escolheu Senador do Imperio, pela Provincia do Rio de Janeiro, o Conselheiro Padre Diogo Antonio Feijó. Annullada pelo Senado e pela vez primeira, sua eleição em 13 de Abril de 1833, pela maioria de um voto foi de novo convocado o collegio eleitoral em Junho de 1833. A Provincia do Rio de Janeiro, de novo offerece seu nome no 1° lugar da lista triplice com 309 votos a Regencia por carta Imperial de 1 de Julho escolhe-o de novo Senador por aquella Provincia. A 15 do mesmo mez e anno compareceo no Paço do Senado, prestando o juramento toma assento e posse em sua cadeira.

Em virtude do art. 26 do acto addicional foi designado o dia 7 de Abril de 1835, para proceder-se em todo o Imperio á eleição do Regente. Entre os candidatos sufragados pela Nação para occuparem aquelle elevado cargo

obteve a palma da victoria o Conselheiro Padre Diogo Antonio Feijó que por seus talentos dedicação e serviços e por seo estremecido amor as Instituições juradas, era respeitado não só no paiz como em toda a Europa onde os mais altos personagens tecião encomios ás virtudes civicas que adornavão seo caracter franco leal e sincero.

O processo eleitoral correo pacificamente em todo o Imperio, dando assim o povo brasileiro, a mais viva prova de brandura, prudencia e docilidade de seu caracter.

O Senado nas sessões de 5 a 9 de Outubro verificou as actas da eleição e reconhecendo sua legalidade proclamou Regente do Imperio ao Padre Diogo Antonio Feijó, que tinha obtido a maioria de votos.

No dia 12 de Outubro de 1835 memoravel na historia por ser o anniversario daquelle dia em que Christovão Colombo descubrio o novo Mundo no anno de 1492, e daquelle em que no Paço Real de Queluz em Lisboa nasceo o immortal fundador do Imperio no anno de 1798 e o 3.° anniversario de sua aclamação como 1.° Imperador do Brazil, cubrio-se de galas o Paço do Senado. As 11 horas chegou o Regente do Imperio que foi recebido pelas deputações de ambas as casas do parlamento compostas de 7 Senadores e 14 Deputados. Nas mãos do Presidente do Senado que então era a Conselheiro Bento Barroso Pereira repetio o Regente Feijó com voz forte e firme o juramento segundo a formula aprovada na Sessão anterior.

Findo este acto o Presidente do Senado leu em voz alta a proclamação da Assembléa Geral aos Brazileiros e terminou, proclamando Regente do Imperio na fórma da Constituição e das leis o Conselheiro Padre Diogo Antonio Feijó. Ao sahir do Paço do Senado foi freneticamente saudado pelo povo em massa e no rosto de todos se divisava a alegria que irrompia dos corações.

Ao passo que no coração do povo radiava a alegria e o jubilo, no rosto do Regente parecia divisar-se a amargura que torturava naquelle momento seo coração por que elle sabia quão espinhosa era a missão de que se achava revestido, e que para fielmente bem cumprir os deveres de tão elevado posto, dependia não tanto da sua como de alheias vontades.

O Padre Diogo Antonio Feijó fugia das houras vans do mundo, nunca as procurou e nem solicitou, mas ellas buscavam-no atrahidos pelos seos raros merecimentos. Na vespera do dia em que prestou juramento no Senado como Regente do Imperio, o Conselheiro Pedro de Araujo Lima, Ministro da Justiça da Regencia Permanente, n'esse dia tambem expirava seo mandato levou ao conhecimento de Feijó ter a Regencia Trina, em nome de S. M. o Imperador, nomeado Bispo da Diocese de Marianna vaga pelo obito de D. Frei José da Santissima Trindade.

A communicação do Ministro Secretario de Estado dos Negocios da Justiça dirigida ao Bispo eleito de Marianna era concebida nos termos mais honrosos e lisongeiros. Feijó com a delicadeza que lhe era peculiar respondeo com respeitosas frazes agradecendo a nomeação. Empossado do cargo de Regente e tendo nomeado o seo 1.º Ministerio a 14 de Outubro de 1835, determinou ao Ministro da Justiça Antonio Paulino Limpo d'Abréo depois Conselheiro de Estado e Visconde de Abaetè, que o Decreto de sua nomeação para Bispo de Marianna ficasse archivado na Secretaria e que sobre elle se não fizesse as participações do estylo.

O seo primeiro Ministerio foi composto dos mais notaveis talentos d'aquella época. Asteou o estandarte da conciliação confiando á experiencia, probidade e talento as prezidencias dos provincias. Estancou o sangue que tingia os sólos do Pará e do Rio Grande do Sul, fazendo fugir espavorido o genio da guerra e asteando o estandarte da paz nos campos da luta.

Os annaes da patria registrão em pomposos termos os serviços que na cadeira da Regencia prestou o Conselheiro Padre Diogo Antonio Feijó desde o dia em que tomou as redeas do governo até 19 de Setembro de 1837, em que entregou o poder ao novo Regente do Imperio.

As razões que motivarão a sua retirada da Regencia forão a luta travada entre elle e a Camara temporaria que de dia para dia mais se aggravava, e como elle não fosse talhado para a politica de comtemporisação julgou prestar relevante serviço ao paiz descendo da alta magistratura do Imperio, entregando o poder ao Conselheiro

Pedro de Araujo Lima depois Marquez de Olinda a quem cumpria assumir provisoriamente essas funcções como Ministro do Imperio em face das disposições constitucionaes, o que tudo consta do Jornal do Commercio daquelle dia no manifesto que publicou.

Apezar de ter combatido energicamente o celibato clerical por estar convicto que assim salvava o principio de moralidade mereceu ser altamente considerado por SS. o Papa Gregorio XVI, pela solução prompta e rapida, como sempre deo aos Negocios da Santa Sé quando á frente da dos Negocios da Justiça como nenhum outro Ministro antes delle d'era, segundo informações dadas ao Augusto Successor de S.Pedro pelo Internuncio Arcebispo de Traço representante de S. S. n'esta Capital que assim fazia justiça aos seos elevados sentimentos religiosos, e convencido Sua Santidade d'essa verdade encarregou ao novo Internuncio Monsenhor Fabrini de conjunctamente com os Ministros d'Austria e da França tratarem em conferencia particular com o Regente Pedro de Araujo Lima, sobre o melhor meio de se por termo a magna questão da confirmação do Padre Dr. Antonio Maria de Moura, bispo eleito do Rio de Janeiro, que ao lado de Feijó e do Conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel sustentarão na Camara dos Deputados e na imprensa o projecto do casamento dos Padres. O resultado d'essa conferençia foi a proposta da permuta do Padre Dr. Moura para Bispo de Marianna e do Padre Diogo Antonio Feijó para Bispo do Rio de Janeiro o que o regente recusou.

Pouco depois de deixar o poder seguio para S. Paulo para ahi descançar das fadigas da luta politica; recebeu do Governo Imperial um officio para dar andamento ás bulas de sua confirmação no Bispado de Marianna ao qual de prompto respondeu dizendo não ter n'unca aceitado semelhante nomeação. Dias depois o *Observador Paulistano* publicava em suas colunas a seguinte declaração : « Tendo eu escripto alguma couza sobre diferentes pontos da disciplina ecleziastica, havendo tambem pronunciado alguns discursos na Camara dos Srs. Deputados sobre o mesmo objecto; ainda que tudo isto fizesse, persuadido que zelava da mesma Igreja

Catholica de que sou filho, e Ministro, e que atestão á bem da salvação dos fieis ; comtudo constando-me que algumas pessoas não só estranhavão as minhas opiniões, como algumas expressões pouco decorosas á mesma Igreja e ao seo chefe ; não querendo em nada separar-me da Igreja Catholica, e ainda menos escandalisar pessoa alguma ; por esta declaração revogo e me desdigo de tudo quanto pudesse directa ou indirectamente ofender a disciplina ecleziastica, que a mesma Igreja julgou ser censurada, ou a pessoa alguma.

«Esta minha declaração é expontanea, filha unicamente do receio de haver errado, apezar das minhas bôas intenções ; e é tanto mais desinteressada, que ha pouco acabei de declarar ao governo de S. M. Imperial, de que eu nunca aceitei a nomeação de Bispo de Marianna, nem a carta de apresentação, que então se me quiz entregar. Deus queira, se algum escandalo hei dado por causa de taes discursos e escriptos, cessem elles com esta minha ingenua declaração.—S. Paulo 10 de Julho 1838. *Diogo Antonio Feijó*.»

Ainda mais uma vez provou o Padre Feijó com essa publicação não só o seu desinteresse pelas honras vãs do mundo como o elevado sentimento de religião e de profundo respeito que tributava ao Chefe Supremo da Igreja Catholica.

Aquelle coração vazio de ambições só palpitava pelo engrandecimento moral e material do seu paiz nada almejava para si, alem da paz de espirito e domestica.

Na sessão de 1838 não compareceu no Senado por incommodos graves de saude. Na do anno de 1839 foi eleito presidente do Senado, justa homenagem a seus talentos e serviços.

Occupando essa elevada posição, muitas vezes deixou a cadeira para tomar activa parte nas discussões, discutindo com proficiencia os negocios do Oyapock e mostrando os erros do governo na Passificação da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Na sessão de 22 de Agosto proferio um notavel discurso, justificando um Decreto que firmou como Regente a 18 de Março de 1836 reprimindo os abusos da imprensa.

Encerradas as camaras retirou-se para S. Paulo; apenas chegou foi acommettido de um ataque de paralysia roubando-lhe os movimentos do lado esquerdo.

Impossibilitado por essa enfermidade deixou de vir ao Senado na sessão de 1840 soffrendo em silencio as contrariedades physicas e moraes que o apoquentavão sem que jámais demonstrasse em seu rosto signaes das dôres que torturavão sua alma mostrando-se resignado com a vontade de Deus.

Aos domingos e dias sanctificados celebrava o santo sacrificio da missa no altar da sua capella na cidade de Campinas, fazendo ao povo tocantes praticas demonstrando-lhe as sublimes verdades do Christianismo e o povo em massa corria a ouvir a palavra inspirada e rica de uncção do sacerdote christão.

S. M. Imperial o Sr. D. Pedro II logo que subio ao excelso throno de seu augusto pai sabendo das provações que soffria o Ex-Regente do Imperio concedeu-lhe por Decreto de 15 de Julho de 1841 a pensão vitalicia de quatro contos de réis. Na festa solemnissima de sua sagração abrindo o cofre das graças conferio-lhe por Decreto a 18 de Julho de 1841 a Gran Cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Ao receber o padre Feijó a noticia desses rasgos de magnanimidade praticados pelo Augusto chefe do Estado, elle que prestava reverente culto á virtude da gratidão quiz apezar de gravemente enfermo vir aos pés do excelso throno de S. M. o Imperador beijar aquella augusta dextra que tão bem premeava seus serviços, e com os olhos marejados de lagrimas em eloquentes frases repassadas de gratidão agradeceu ao Imperador o muito que o elevava e distinguia com tão preciosas graças.

Compareceu no Senado na Sessão de 1841 tendo, porém, agravado-se seos incommodos recolheu-se a sua Fazenda em Campinas onde se dedicou aos exercicios espirituaes.

Em 1842 por occasião da publicação das Leis de 23 de Novembro e 3 de Dezembro de 1841 achando-se reunida a Assembléa Provincial de S. Paulo onde tinhão assento os mais brilhantes talentos da Provincia nomeou

uma deputação de seu Seio para vir á Côrte ponderar ao Governo as tristes consequencias que o Paiz devia esperar da execução de taes Leis. Chegando á Corte a deputação portadora da representação da Assembléa Paulistana e não tendo sido acolhida favoravelmente, agitão-se os animos, e o grito estrepitoso da revolta que soou em Sorocaba a 17 de Maio repercutio em todos os recantos da terra de Amador Bueno da Ribeira.

O Ex-regente Feijó, que sempre professou os principios de moderação e de ordem apezar de privado dos movimentos, ouvindo soar o grito de guerra e vendo nella compromettidos seus mais caros e dedicados amigos esquece-se de seus soffrimentos physicos une-se a elles, e soffre por ser considerado chefe da Rebelião. A 22 de Junho foi preso por ordem do então Barão e depois Duque de Caxias commandante em chefe das forças legaes e recolhido á prisão em Sorocaba de onde seguio para Santos por ordem do Governo, sendo deportado para a provincia do Espirito Santo, por ter prestado poderoso auxilio aos chefes da revolta encarregando-se da redacção do *Paulista*, orgão do Governo creado pela revolução, a cuja frente se achava o brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, nomeado presidente da provincia pela Camara Municipal de Sorocaba.

Por prestar verdadeiro culto a amizade, soffreu a deportação, supportou a agonia de um longo e moroso processo em que a favor e contra tomarão parte as sumidades do Senado. 60 dias durou a discussão sem ser elle decidido. Encerrados os trabalhos pela sessão imperial nunca mais se tratou d'essa materia. Todas essas contrariedades e incommodos moraes agravaraõ rapidamente a enfermidade que a tanto tempo o affligia.

Depois de se ter defendido no Senado, do processo que lhe foi instaurado como cabeça da revolução seguio para S. Paulo. Apenas chegou áquella cidade que fora berço de seu nascimento recolheu-se ao leito em sua habitação da rua da Feira N. 11.

Se ao nascer, só velou junto de seo berço o anjo da caridade e da dedicação no leito da dôr vio-se rodeado das afeições de seos dedicados amigos e afeiçoados, sem

distincção de côr politica, procurando todos suavisar o mais que fosse possivel as amarguras que transbordavão d'aquelle coroção patriotico. Recebia a todos com extrema benignidade e na calma do espirito recomendava a todos a fiel observancia da doutrina do augusto fundador do Christianismo repetindo de instante a instante trechos escolhidos das Sagradas Escripturas.

As aguias da Sciencia tudo fizerão para arrancar a victima das garras tyranas da morte. A agonia foi longa e dolorosa; conformado com a vontade do Creador, preparou-se com os Sacramentos da Igreja, esperou com angelica resignação que no relogio augusto da eternidade soa-se o derradeiro instante de sua vida.

A pendula do tempo acabava de soar 9 horas e 20 minutos da noite do dia 10 de Novembro de 1843 quando a foice da morte cortou-lhe o laço da vida e sua alma livre dos liames que a retinhão ao envolucro de barro voou aos pés do Criador.

Embalsamado seo cadaver pelo processo antigo e revestido das vestes sacerdotaes, foi conduzido a Igreja da Ordem 3° de N. Sra. do Carmo que se achava coberta de negro crepe, e depositado na Eça erguida na 1.ª nave.

No dia 15 teve lugar a missa de corpo presente finda a qual surgio na tribuna sagrada o padre Pedro Lopes de Camargo que recitou a oração funebre escrita pelo conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel lente e depois Director do Curso Juridico de S. Paulo, amigo dedicado d'aquelle illustre finado que em linguagem eloquente e repassada de saudade pois em alto relevo as virtudes e serviços do Estadista que tanto se elevou na historia do seo paiz.

Findo o officio Divino foi o cadaver depositado em uma das catacumbas da Ordem ao lado d'aquella em que fora dormir o eterno somno o Padre Dr. Antonio Maria de Moura, Bispo, eleito do Rio de Janeiro e que com elle advogára a acusa do casamento dos padres.

O Conselheiro Padre Diogo Antonio Feijó habitou o mundo 59 annos e 1 dia e representou na Cadeira do Senado a provincia do Rio de Janeiro, 10 annos, 3 mezes e 26

dias tendo n'ella por seo digno successor o Conselheiro de Estado V. de Itabarahy

Foi o sexto na ordem dos presidentes do Senado succedendo ao Conselheiro de Estado Marquez de Baependi e tendo por seu successor o Conselheiro de Estado 1.° Marquez de Paranaguá.

Honrou a Samarra de S. Pedro, na Tribuna Sagrada, orou nas exiquias do Fundador do Recolhimento de Itú.

Na tribuna das Cortes de Portugal na Assembléa Geral e no Senado revelou dotes oratorios discutindo com vantagem as mais palpitantes necessidades do paiz. Nas lutas da imprensa arcou como athletas do pulso de D. Romualdo Marquez de Santa Cruz e arcebispo da Bahia e com o Conego Luiz Gonçalves dos Santos e outros, ostentando profundo conhecimento de sciencias ecclesiasticas. Escreveo e publicou a Gramatica latina e o compendio de Philosophia e Retorica e a oração funebre do padre Ignacio fundador do Convento do Patrocinio em Itú. A Guarda Nacional, do Imperio e o corpo municipal de Permanentes que tantos e tão relevantes servicos prestarão ao paiz e á segurança individual são mais que suficientes para relembrar seo nome á gratidão dos posteros.

Numerosas exequias se fizeram em diversas capitaes, cidades e villas das provincias do Imperio sendo a mais notavel a que se celebrou na Imperial cidade de Ouro, Preto a 19 de Janeiro de 1844 na igreja da ordem de S. Francisco de Assis fazendo a oração funebre o conego depois Monsenhor, José Antonio Marinho.

O caixão de chumbo que encerra o cadaver do Padre Diogo Antonio Feijó repousa em jazigo perpetuo da Ordem de S. Francisco de Assis em S. Paulo para ahi trasladado dos Terceiros do Carmo por seo particular amigo o Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar quando servia o cargo de ministro d'aquella veneravel ordem.

Formulas de juramento

Ao primeiro dia do mez de Dezembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de 1822, primeiro do imperio do Brazil, n'esta muito nobre e leal cidade e côrte do Rio de Janeiro, na capella imperial de Nossa Senhora do Monte do Carmo, o muito alto, muito poderozo e muito excellente imperador o Senhor Dom Pedro Primeiro, Imperador Constitucional e Perpetuo Defensor do Imperio do Brazil, no solemne acto da sua sagração e coroação, prestou o juramento abaixo escripto. E para constar, eu, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, do conselho de estado, ministro e secretario de estado dos negocios da justiça, por ordem do mesmo Augusto Senhor, fiz este auto.

I. Fórmula do juramento que o muito augusto imperador Pedro Primeiro, imperador e perpetuo defensor do Brazil, aprezentou nas mãos do bispo capellão mór, celebrante no acto da sua sagração e coroação.

Ego Petrus Primus, Deo annuente, unanimique Populi voluntate, factus Brasiliæ Imperator, ac etiam ejusdem Defensor Perpetuus, profiteor, ac promitto religionem catholicam apostolicam romanam observare, et

sustinere. Promitto Imperii leges observare, eas que sustinere juxta ordinem constitutionalem. Promitto Imperii integritatem, totis viribus, defendere ac conservare. Sic me Deus adjuvet, et hæc sancta Dei Evangelia. IMPERADOR. *Caetano Pinto de Miranda Montenegro.*

Traducção. Eu Pedro Primeiro, pela graça de Deos e unanime vontade do povo feito Imperador do Brazil e seu Defensor Perpetuo, juro observar e manter a religião catholica apostolica romana; juro observar e fazer observar constitucionalmente as leis do imperio; juro defender e conservar, com todas as minhas forças, a sua integridade. Assim Deos me ajude, e por estes santos Evangelhos.

II. JURAMENTO DE SUA MAGESTADE O IMPERADOR Á CONSTITUIÇÃO DO IMPERIO

Juro manter a religião catholica apostolica romana; a integridade e indivisibilidade do Imperio; observar e fazer observar, como Constituição Politica da Nação Brazileira, o prezente projecto de Constituição, que offereci e a mesma Nação aceitou e pediu que fosse desde logo jurado como Constituição do Imperio; juro guardar e fazer guardar todas as leis do Imperio e prover ao bem geral do Brazil, quanto em mim couber.

Rio de Janeiro 25 de Março de 1824. *Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil.*

III. JURAMENTO DE SUA MAGESTADE A IMPERATRIZ Á CONSTITUIÇÃO DO IMPERIO

Juro aos santos Evangelhos obedecer e ser fiel á Constituição Politica da Nação Brazileira, a todas as suas leis e ao Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil, Pedro Primeiro.

Rio de Janeiro 25 de Março de 1824. *Maria Leopoldina,* Imperatriz.

IV. Fórma do juramento de El-Rei Nosso Senhor

Juro, e prometto com a graça de Deos vos reger, e governar bem e direitamente, e vos administrar direitamente justiça quanto a humana fraqueza permitte; e de vos guardar vossos bons costumes, privilegios, graças, mercês, liberdades e franquezas, que pelos reis meus predecessores vos foram dados, outorgados e confirmados.

V. Fórma do juramento dos grandes, clero e nobreza

Esta é a fórma do juramento que os grandes, titulos seculares, eccleziasticos, e nobreza d'estes reinos, que aqui estão prezentes, hão de fazer a el-rei Nosso Senhor, que é o mesmo juramento costumado, que em taes actos se faz aos reis d'estes reinos, e seus antecessores.

Juro aos santos Evangelhos tocados corporalmente com a minha mão, que eu recebo por nosso Rei e Senhor verdadeiro e natural o muito alto, e muito poderozo, o Fidelissimo Rei D. João VI, Nosso Senhor, e lhe faço preito e homenagem segundo o fôro d'estes reinos.

Depois de jurarem o principe real, senhores infantes e os duques, se observe para os mais juramentos a seguinte ordem de Sua Magestade.

Sua Magestade manda, que n'este acto venham jurar e beijar a mão os grandes, titulos seculares, eccleziasticos, e mais pessoas da nobreza, assim como se acharem, sem precedencias, nem prejuizo do direito de alguem.

VI. Fórma da aceitação dos juramentos

El-rei Nosso Senhor aceita os juramentos, preitos, e homenagens, que os grandes, titulos seculares, eccleziasticos, e mais pessoas da nobreza, que estaes prezentes, agora lhe fizestes.

VII. Fórma da real acclamação e levantamento dos pendões

Real, Real, Real, pelo Muito Alto, Muito Poderozo, o Fidelissimo Senhor D. João VI, Nosso Senhor.

Reconhecimento da independencia do imperio do Brazil pelos reis d'Africa

Manoel Alves de Lima, cavalleiro da ordem de Nosso Senhor Jezus Christo e de Santiago da Espada, coronel da corporação da ilha de Sam-Nicoláo, tudo por Sua Magestade el-rei o Senhor Dom João Sexto, que Deos guarde, embaixador de Sua Magestade Imperial de Beni dos Reis de Africa, etc. Certifico e faço certo, que, achando-me encarregado da Embaixada do mencionado imperador de Beni para cumprimentar e oficiar a Sua Magestade Imperial o Senhor Dom Pedro Primeiro, Constitucional e Defensor Perpetuo no Brazil, pela parte do imperador de Beni e reĩ Ajan e os mais reis de Africa, aos quaes reconheceu a independencia d'este imperio do Brazil n'esta côrte do Rio de Janeiro, nomeando eu para secretario da dita embaixada o Senhor Tenente Jozé Vicente de Santa Anna, por o considerar capaz para dezempenhar este emprego e por recorrerem em o dito Senhor requizitos necessarios, com efeito em todo o tempo que elle exerceu este emprego dezempenhou os seus deveres com todo o zelo, actividade, verdade e fidelidade, em tudo quanto era tendente a referida embaixada; pelo que o afirmo e juro debaixo de fé de meu cargo, e por esta me ser pedida, para constar aonde lhe convenha a mandei fazer que sómente assignei n'esta côrte do imperio do Brazil, 4 de Dezembro de 1824. *Manoel Alves de Lima*, Embaixador de Sua Magestade Imperial de Beni dos Reis de Africa.

Reconhecimento. Reconheço a firma supra, posta ao pé da atestação retro, ser do mesmo conteúdo n'ella, e feita perante mim. Rio de Janeiro 4 de Dezembro de 1824. Em testimunho de verdade. « Estava o signal publico. *Antonio Teixeira de Carvalho.*» E nada mais continha o documento do qual fiz passar a prezente publica-fórma, que conferi, subscrevi e assignei em publico e razo, n'esta côrte e muito leal e heroica cidade do Rio de Janeiro, capital do imperio do Brazil, aos 4 dias do mez de Dezembro de 1824. E eu, Jozé Pina Gouveia, tabellião, que o subscrevi e assignei em publico e razo. Em testimunho da verdade, estava o signal publico. *Jozé Pina Gouveia.*

ENCOMENDAS DO REI AJAN

Encommendas que eu Rei Ajan fiz a Sua Magestade Imperial o Senhor Dom Pedro Primeiro.

Uma caixa de tampa curvada, guarnição rica o mais possivel que traga dentro seis peças de damasco encarnado com ramos d'ouro, e o que faltar para enxer esta caixa, venha xeio de coraes, o mais grande possivel. Tamanho da caixa deve de ser comprimento tres palmos, largura dois palmos e altura dois palmos.

Uma carruagem grande em bom uzo, dois parques de artilharia, calibre tres com todos seus pertencentes, quatro chapéos de copa redonda, aba larga, o mais rico possivel, dois d'estes chapéos pretos e dois brancos.

Uma bomba de fogo o maior que puder ser.

O Rei Ajan.

Nada mais constava o documento a que me reporto, á vista do qual o seu teor fiz passar em publica-fórma, que conferi, subscrevi e assignei em publico e razo.

Rio de Janeiro 31 de Julho de 1824. E eu, Joaquim Jozé de Castro, subscrevi e assignei em publico e razo. Em testimunho da verdade, com o signal publico. *Joaquim Jozé de Castro.*

NOTA. Todos estes documentos estão no Archivo publico do Brazil.

ACTAS DAS SESSÕES EM 1891

1.ª SESSÃO ORDINARIA EM 6 DE MARÇO DE 1891

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, achando-se prezentes os socios commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro, visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. J. A. Teixeira de Mello, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, visconde de Taunay, Barão de Alencar, Dr. Joaquim Pires Machado Portella, commendador Jozé Luiz Alves, Barão de Miranda Reis, Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt, Dr. Sacramento Blakee Henrique Raffard, o Sr. prezidente declara aberta a sessão com a allocução seguinte :

« Paraphrazeando o dito do imperador, quando em Uruguaiana apertava a mão do Dr. Pinheiro Guimarães, posso dizer, que aqui se encontram os que amam a gloria da patria e se votam ao estudo de sua historia e geographia. Bateu a hora de começarmos os nossos trabalhos. Saúdo-vos cheio de contentamento e espero, que se realizem todas as inscripções para a leitura e que o estimulo nosso seja a emulação. Apezar dos esforços que empreguei para effectuar os melhoramentos necessarios, mal pude conseguir fazer alguma couza de tudo quanto dezejava. O auxilio votado pela commissão de orçamento para melhorar alguns objectos e conserval-os, encontrou difficuldades na falta de operarios que se tem dado entre nós. Com o acrescimo que tem tido a bibliotheca, o archivo, a cartatheca, o muzeu e o depozito das revistas,

sem lugar para trazer tudo em ordem, inventariado, catalogado, é impossivel dar ao Instituto a ordem conveniente a um estabelecimento do seu genero, que preciza de um lugar para cada couza, bem como ornamental-o convenientemente juntando o util ao agradavel de modo a poder ser visto por nacionaes e estrangeiros. O que contentava aos nosos antepassados já não nos contenta. Convém pois melhorar tudo e, na phrase do Sr. conselheiro Manoel F. Correia conservar o que nos deixou a incuria. O auxiliar do secretario Joaquim Borges Carneiro, apezar de suas quazi quotidianas promessas, não compareceu até agora para se empossar no logar e dar começo ao catalogo. Ajudado pelo escripturario Adolfo Garcia, comecei a estudar o que havia a esse respeito para aproveitar o trabalho feito pelo bibliothecario Francisco Antonio Martins, mas creio que o que existe se resume a um pequeno numero de livros, sendo o methodo seguido o peior possivel. E' facil achar moços, que se contentem com uma pequena gratificação para dar-se começo ao inventario das obras existentes em cada estante, baze do futuro catalogo e por isso peço, que autorizeis esta despeza e em menos de trez ou quando muito seis mezes estarão todos os livros inventariados e saber-se-á o que contém cada estante.

Não basta o dinheiro e a bôa vontade, é necessario o que nos falta além d'esses auxiliares, e é o espaço. A *Revista Trimensal* cresce todos os annos com as suas sobras. A edição é de 1.000 exemplares e a distribuição não chega á metade. Cerca de 100 exemplares são remettidos a associações nacionaes e estrangeiras e a repartições. Os socios nacionaes que a recebem não chegam a 100 e os estrangeiros não a têm; conviria pois limitar a edição por ser mais facil a reimpressão no cazo de necessidade do que occupar espaço sugeito ao cupim e a humidade provenientes do clima e de um edificio velho e mal ventilado, composto de escuras cellas. E seja dito de passagem, que apenas as edições dos primeiros tomos foram esgotadas, sendo as dos mais desfalcadas.

Obtido o espaço que nos leva á extremidade d'este pavimento, podemos obter uma galeria ampla e bem illuminada e ainda melhor ventilada, sobre uma forte abobada

para os pezados livros in-folio e folio grande, e fazermos de trez cellas e um largo e escuro corredor magnifico salão para uma nova bibliotheca e onde se possa installar a secretaria, hoje sem lugar e sem ordem.

N'estes melhoramentos convém não esquecer a escada e a illuminação da caza e si o governo os não auxiliar, não deve o Instituto cuidar em adial-os.

Venham elles e trataremos depois do nosso patrimonio e em mais prosperos annos levantaremos então um novo edificio condigno dos altos destinos de nossa associação.

E com o maior desgosto que vos digo que foi ultimamente vendida em Pariz a bibliotheca de Ferdinand Denis comprehendendo excellentes e raros livros sobre o Brazil e não poucos manuscriptos. Não fomos prevenidos a esse respeito, sinão teriamos dado as providencias necessarias para que viessem opulentar nossas estantes as preciozidades literarias que quazi pelo espaço de cem annos ajuntára o erudito francez, nosso illustre consocio.

Espero obter para o Instituto Historico o mesmo prestimo que de um agente Mr. Porquet colhe a bibliotheca nacional, mediante razoavel commissão, mas para isso muito convém a impressão do nosso catalogo, falta que tem obstado a nos apercebermos de muitos livros bons, si bem que a duplicação em livros raros jámais poderá ser util e proveitoza.

Senhores. E' bastante contristado que vos digo, que as nossas ferias não deixaram de ser enlutadas pela mão da morte, que jámais se esquece de nós. Logo ao encerrarem-se os nossos trabalhos desceu á sepultura um dos nossos mais prestantes consocios, que aqui vinha por vezes fazer ouvir as suas valiozas lucubrações e que foi nosso 2°. e 1°., secretario durante alguns annos.

Refiro-me ao coronel Augusto Fausto de Souza, socio do Instituto desde 28 de Maio de 1880. Veio depois o mez de Janeiro d'este corrente anno, e era o Dr. Abilio Cezar Borges, Barão de Macahubas, quem tambem succumbia á fatal infermidade que nos arrebatára o coronel Fausto de Souza. A nobre missão a que se votou nos privou, que continuasse a frequentar as nossas sessões como fizera

logo depois da sua admissão, que foi em 9 de Dezembro de 1847.

Veio depois o mez de Fevereiro proximo findo e era o estudiozo commendador Antonio Jozé Victorino de Barros quem por sua vez franqueava os umbraes da eternidade.

Admittido em 7 de Dezembro de 1883, não pôde comparecer ás nossas sessões. Uma infermidade, que se prolongára cheia de dôres, o reteve por muito tempo no leito até que d'elle passou para a sepultura.

Por occazião do nosso jubileu aprezentou as desculpas pela falta de seu comparecimento repassadas dos maiores pezares que lhe iam n'alma, que tão sincera se ostentava.

Paz ás suas almas! E que o Instituto guardando-lhes a memoria deixe commemorada a sua saudade na acta de hoje».

Aprezentando-se n'esta occazião o Sr. Dr. Jozé Hygino Duarte Pereira, ultimamente proclamado socio correspondente d'este Instituto, o Sr. prezidente convidou aos Srs. Dr. Machado Portella e Dr. Sacramento Blake para o receberem e levarem ao lugar onde tomou assento.

Então o Sr. Presidente enunciou-se como segue:

« Srs: Acha-se prezente o Sr. Dr. Jozé Hygino Duarte Pereira que vós conheceis como nosso consocio e que no Instituto archeologico pernambucano tão importantes serviços prestou á historia brazileira, durante o dominio hollandez, já com suas traducções do Holandez, já com as suas excavações nos archivos da Holanda. Sr. Dr. Jozé Hygino, dignai-vos de receber os nossos cumprimentos e prestar vossos uteis serviços ao Instituto Historico como prestastes ao Instituto archeologico de Pernambuco. Sêde pois bem vindo. »

Obtendo a palavra o Dr. Jozé Hygino, responde nos seguintes termos:

Tomando assento pela primeira vez, no seio d'esta illustre corporação, que tem prestado os mais relevantes serviços á historia da nossa patria e que occupa logar tão assignalado, tão conspicuo ante as demais sociedades da mesma natureza, agradece cordialmente a honra que lhe foi conferida, muito acima do seu fraco merecimento

bem como as benevolas expressões que lhe acabam de ser dirigidas pelo nobre Sr. Prezidente e procurará corresponder a essas immerecidas distincções, honrando tanto quanto depender de seus esforços o titulo de socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Em seguida o orador do Instituto Sr. Visconde de Taunay dirige palavras de felicitação ao recipiendario.

Obtendo a palavra o 2°. secretario Henrique Raffard, declara não ter chegado ás suas mãos a acta de posse e o Sr. 1° secretario Dr. Teixeira de Mello passa a dar conta do seguinte:

EXPEDIENTE

Officios:

Do director geral da secretaria de estado da instrucção, telegraphos e correios, remettendo um pacote contendo obras offerecidas pela *Royal Society of Canadá*. Da legação da Republica Argentina enviando diversas obras officiaes sobre differentes ramos da administração da dita Republica. Do director da bibliotheca publica do Estado da Parahiba, pedindo uma collecção da *Revista Trimensal* para a dita bibliotheca inaugurada a 5 de Agosto do anno proximo passado. Da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, agradecendo a remessa do tomo 53 parte 1ª—1° e 2° trimestre da *Revista do Instituto*. Do Presidente do Estado do Pará, enviando a folha n. 4367, anno XVI *A Provincia do Pará* de 8 de Janeiro de 1891, que traz a *Exploração do Rio Trombetas*, pelo engenheiro Antonio Manoel Gonçalves Tocantins. Da bibliotheca publica e municipal do Porto, agradecendo o tomo 53 da *Revista* e pedindo numeros que lhe faltam. Do socio Constantino Bannen, saudando o Instituto pela entrada do corrente anno. Da Sra. D. Claudina Gama, agradecendo o exemplar vasado em bronze da medalha commemorativa da aurea lei de 13 de Maio de 1888, que extinguiu a escravidão no Brasil. Do Sr. Rufino Echavarria, solicitando em nome do socio Dr. Estanislau S. Zeballos os tomos da *Revista* de 1881 a 1890 que faltam em sua collecção. Do 1°. secretario do Partido Operario de Baturité, participando ter-se fundado n'aquella cidade uma escola nocturna e uma bibliotheca; pede a collecção da *Revista*

para enriquecer as estantes da mesma. Do conselho da instrucção municipal da cidade de Pomba, estado de Minas Geraes, pedindo uma assignatura gratuita e perpetua da *Revista do Instituto* para o gabinete de leitura municipal da dita cidade. Do presidente da Academia Real de Sciencias, Letras e Bellas artes da Belgica, participando o fallecimento do secretario perpetuo da mesma academia o general Jean Baptiste Joseph Liagre, em 13 de Janeiro d'este anno. Do Dr. João Baptista de Sá Oliveira, remettendo um trabalho seu, e pedindo parecer sobre elle. Do Sr. Bazilio Carvalho Daemon acompanhando diversos documentos manuscriptos, uma relação descriptiva dos mesmos com um rezumo de seu valor historico. Dos socios Marquez de Paranaguá e Dr. Cezar Augusto Marques, justificando sua falta de comparecimento na presente sessão. Do Sr. Luiz Antonio Navarro de Andrade iniciador do *Brinde Nacional* para ser offertado aos medicos que salvaram a vida do Imperador offerecendo ao Instituto as medalhas de ouro, cunhadas para serem entregues aos Srs. Dr. Jean Martin Charcot, Marianno Semmola, Achilles de Giovanni e Conde de Mota Maia.

OFFERTAS

Pela Legação da Republica Argentina Curso Escolar Nacional, correspondente a fins de 1883 e principios de 1884, tomos 1º., 2º. e 3º. *Estadistica del comercio y de la navegacion de la Republica Argentina*, correspondente al año de 83, 84, 86, 87 e 89.

Dicisiones Constitucionales de los Tribunales Federales de Estados Unidos desde 1889, por Nicolas Antonio Carlos, tomo 1.º e 2.º; *Boletin Mensal* año 7º, Janeiro a Novembro de 1890; *Memoria de Relaciones Exteriores* apresentado al Congresso Nacional en 1887 e 1888; *Derecho y Abitraje Internacional su Legislacion y Jurisprudencia Argentina; Importance Économique et Financière de la République Argentine* por Francisco Suber; *Primer censo general de la provincia de Santa Fé* por Gabriel Carrasco, *Censo de las Escuelas; Primer Censo General de la Provincia de Santa Fé*, por Gabriel Carrasco, libro 1º, *Censo de la Poblacion.*

Pela Royal Society of Canadá *Procedings and Transactions*, vols. 1 a 7. Pelo Sr. Rodolpho Theophilo o seu trabalho a *Fome*, scenas da seca do Ceará. Pela Directoria geral dos correios, *Relatorio dos serviços dos correios e da navegação subvencionada* relativo ao anno de 1889; *Instrucções para o serviço de distribuição por expressos*. Pelo autor o Sr. Antonio Bezerra de Menezes *Notas de Viagem* (parte do norte) Provincia do Ceará. Pela Academia Pontificia de Nuovi Lincei em Roma, *Atti*, anno XLII, 25 de Fevereiro de 1870. Pela Real Academia de Lincei *Atti* 1890, fasc. 6°, 8°, e 10 a 12. Pela redação *Monitor de la Educacion* de *Comun*, revista quinzenal dos mezes de Setembro a Dezembro de 1890 e Janeiro de 1891. Pela Sociedade Cientifica Argentina *Anales* dos mezes de Dezembro de 1890 e Janeiro e Fevereiro de 1891. Pelo Sr. Jean Revel *Chez nos Ancêtres*. Pelo Sr. Angel Anguiano *Anuario del Observatorio Astronomico Nacional de Tacubaya*, para o anno de 1891. Pelo observatorio astronomico *Revista* ns. 11 e 12 de 1890 e 1 de 1891. Pela direcção d'associação rural del Uruguay *Revista quinzenal* de Dezembro de 1890 e Janeiro de 1891. Pelo Sr. Dr. J. B. de Sá Oliveira o seu trabalho *Estudos de Ethecologia*. Pelo Sr. Ad. de Carlenar *Types d'Indiens du Nouveau Monde* Pela redacção *Il Brazile* revista mensal, Dezembro de 1890. Pelo Sr. Fernando Augusto da Silva, prezidente do Gremio Literario Portuguez *Relatorio* a assembléa geral de 1 de Janeiro a 30 de Junho de 1890. Pela directoria do Instituto do Ceará *Revista Trimensal*, 4° trimestre de 1890, tomo IV. Pela Bibliotheca de Marinha *Revista Maritima Brazileira*, Novembro de 1890. Pela Associação Perseverança e Porvir, *Acta* da sessão magna que celebrou em 20 de Maio de 1888 pela extincção da escravidão no Brazil. Pelas Sociedades de Geographia de Tours e de Pariz, *Revistas*. Pelo Sr. E. Zerolo *Europa y America*, revista quinzenal illustrada, anno X, n. 239, 1 de Dezembro de 1890. Pela directoria *Revue Sud-Américaine*. Pelo Departamento Nacional de Estatistica *Datos trimensales del comercio exterior*. Pelo Ministro de Industria e Obras

Publicas de Santiago do Chile. *Boletim* dos mezes de Agosto a Outubro de 1890. Pelas sociedades de geographia de Berlin, Bruxellas e Australia; Hamburgo; Saint-Gallen, Anvers, Bordeaux, Madrid, New-York, Italiana, Leipzig e de Pariz: *Boletins.*— Pela Sociedade Imperial dos Naturalistas de Moscow; *Boletim.* Pela Sociedade Africana de Italia. Real Academia de Historia de Madrid, Club Naval, Bibliotheca Nacional Victor Emanuel de Napoli, Archiologica Druztva e Directoria Geral dos Correios da Capital Federal: *Boletins.* Pela bibliotheca publica municipal do Porto, sociedade de geogrophia de Lisbôa *Catalogo das obras impressas.* Pelo Sr. E. A. Allen *Catalogo das Moedas Visigodas* pertencentes a Luiz Jozé Ferreira. Pelo Sr. Andris de Saurando, *Navigation Intérieure en Espagne.* Pelas respectivas redacções *Diario da Bahia, Jornal do Recife, Diario Popular, Jornal de Minas, Estado do Espirito-Santo, Gazeta de Mogimirim, Publicador Goiano, Caxoeirano, Banco Provincial de São-Paulo, Immigração, Quinzena Medica, Apostolo, Geographie, Etoile du Sud, Brésil* e *Nouveau Monde.* Pelo Sr. ministro do Perú, *Discursos pronunciados en la Velada Literario-Musical* organizada por la juventud de Lima. — El Ateneo de Lima, publicação quinzenal de Setembro 15 a Dezembro 30 de 1889. Pelo Sr. Arturo de Léon, 1°. secretario da legação argentina *Producion de Café Industria assucarera en el Brazil.* Pelo Sr. Guilherme A. Seoane, *Tribunales de Arbitrage.* Pelo Sr. Luiz Antonio Navarro de Andrade quatro medalhas de ouro mandadas cunhar com o produto de uma subscripção popular e as quaes são destinadas aos Drs. Charcot, Semmola, De Giovanni e Mota Maia, medicos que com todo o desvelo trataram o imperador D. Pedro II durante a sua infermidade na Europa.

ORDEM DO DIA

O Sr. prezidente faz saber que, a palavra será concedida a respeito das medalhas offerecidas pelo Sr. Navarro de Andrade, a quem a pedir.

Obtendo-a o Sr. Henrique Raffard pondera não lhe parecer haver motivo para que as medalhas não tenham o destino que motivaram a sua cunhagem, pois que os acontecimentos politicos felizmente não impedem, que se acate a lembrança e os nomes de personagens que outr'ora fizeram jús á gratidão dos Brazileiros; pensando por isso que se poderia procurar obter do offertante autorização para remettel-as aos seus legitimos donos.

Depois de discutida a questão pelos Srs. socios: Visconde de Taunay, conselheiro Tristão Alencar Araripe, Dr. Sacramento Blake, commendador Jozé Luiz Alves e Henrique Raffard, foi approvada a proposta, ficando o socio commendador Jozé Luiz Alves, que foi encarregado da entrega do officio de remessa e das medalhas, incumbido de levar a carta do Instituto para o Sr. Luiz Antonio Navarro de Andrade, agradecendo a sua bôa intenção e pedindo o seu consentimento para dar ás medalhas o seu competente destino. E quando, o que não é de esperar, com a benevola intervenção do commendador José Luiz Alves, o referido cavalheiro recuze o seu assentimento, o Instituto conservará no seu museu esses quatro testimunhos de gratidão popular, mandando reproduzil-as na sua revista.

Obtendo a palavra o Sr. thezoureiro conselheiro Tristão de Alencar Araripe, aprezenta o balanço impresso e fechado em 31 de Dezembro passado e indicando um excedente de receita de 36:587$408 réis, acrescentando que posteriormente recebeu do Sr. conselheiro Francisco de Paula Mayrink o donativo de 2:000$, achando-se depositada no Banco de Credito Movel a quantia de 36:000$ de acôrdo com o que fôra antes rezolvido em sessão.

Em seguida tomou a palavra o Dr. Pinheiro de Bittencourt, e referindo-se á carta ethnographica geral do Brazil, mostrou a conveniencia de organizar-se uma commissão especial para tratar d'esse assumpto, devendo d'ella fazer parte o consocio Dr. Barboza Rodrigues, que além de sua reconhecida competencia já possue importantes dados colligidos para o trabalho de que o encarregou o governo do Estado do Amazonas.

O Sr. prezidente responde, que tomará em consideração as justissimas ponderações do distincto socio, fazendo-o com excessivo prazer, pois que já o tinha assim assentado no seu espirito.

O Sr. prezidente participa, que vai mandar correr o escrutinio para a admissão de trez socios, cujas propostas ficaram sobre a meza e successivamente assim procedeu-se com relação aos Srs. Barão de Quartin, coronel Albino da Costa Lima Braga e commendador Luiz Augusto da Silva Canedo, que foram devidamente proclamados socios benemeritos.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe como membro da commissão de redacção, communica que até o fim do corrente mez ficará prompta a 2.ª parte da Revista do anno findo, bem como ter dado andamento á reimpressão de varios volumes esgotados, segundo fôra resolvido em consequencia da ordem dada pelo ex-ministro da fazenda á imprensa nacional para fazer graciozamente a reimpressão.

O commendador Jozé Luiz Alves dá noticia de ter assistido com o consocio conselheiro Pereira de Barros a missa do 7.° dia por alma do finado socio coronel Augusto Fausto de Souza e que assim cumpriu a missão de que fôra encarregado pelo Sr. prezidente.

O Sr. 1° Secretario procede á leitura das seguintes propostas:

Propomos na fórma dos estatutos para socio honorario o Sr. Sadi Carnot, Prezidente da Republica franceza, como justa homenagem ás suas virtudes e lettras. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 6 de Março de 1890. *Joaquim Norberto de Souza Silva. O. H. d'Aquino e Castro. Visconde de Beaurepaire Rohan. T. de Alencar Araripe. Dr. J. A. Teixeira de Mello. Visconde de Taunay. Barão de Alencar. Dr. Augusto Victorino A. Sacramento Blake. Jozé Luiz Alves. Barão de Miranda Reis. Henrique Raffard. Joaquim Pires Machado Portella. Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt. Jozé Hygino Duarte Pereira.*

Propomos para socios benemeritos do Instituto os Srs. Barão de Mendes Tota, Visconde de Assis Martins e Manoel Vicente Lisbôa. Sala das sessões do Instituto

Historico 6 de Março de 1891. *Joaquim Norberto de Souza Silva. T. de Alencar Araripe. O. H. d'Aquino e Castro. Visconde de Beaurepaire Rohan. Henrique Raffard. Barão de Miranda Reis. Jozé Luiz Alves. Dr. Augusto Victorino A. Sacramento Blake.* Dr. *J. A. Teixeira de Mello.* A' commissão de admissão de socios.

Lê depois o parecer do teor seguinte:

« A commissão de admissão de socios, concordando com o parecer da commissão de trabalhos historicos, sobre os manuscriptos aprezentados pelo Sr. Jozé Domingues Codeceira e verificando que no candidato concorrem todas as qualidades precizas para pertencer ao Instituto Historico, julga-o no cazo de ser proclamado socio correspondente. Sala das sessões, 6 de Março de 1891. *Visconde de Taunay. O. H. d'Aquino e Castro*».

O commendador Jozé Luiz Alves pede a palavra afim de ser inscripto para a leitura na proxima sessão, na qual lerá as biographias dos conselheiros de Estado e senadores Jozé Clemente Pereira e Euzebio de Queiroz Coutinho Matozo Camara.

Achando-se a hora adiantada e não havendo mais nada a tratar, o Sr. prezidente levanta a sessão.

Henrique Raffard.
2º secretario.

2.ª SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE MARÇO DE 1891

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. d'Aquino e Castro.

A's 7 horas da noite, prezentes os socios Srs. conselheiro O. H. d'Aquino e Castro, Alencar Araripe, Henrique Raffard, Drs. Alfredo Piragibe, CezarMarques, conselheiro Manoel F. Correia, Barão de Miranda Reis, Dr. Sacramento Blake e Jozé Luiz Alves, abre-se a sessão, Comparece depois de aberta a sessão o Dr. Pinheiro de Bitencourt. E' lida e approvada, com rectificações, a acta da sessão antecedente.

O Sr. Henrique Raffard fazendo as vezes de 1.º secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Da Academia Real das sciencias, letras e bellas-artes da Belgica, convidando o Instituto a associar-se á manifestação que ella fará ao academico João Servais Stas em 5 de Maio do corrente anno, 50°. anniversario da sua admissão. Inteirado. Da direcção da typographia da camara dos deputados de Roma, acompanhando o prospecto para assignatura da collecção dos respectivos trabalhos parlamentares. Inteirado.

OFFERTAS

Pelo socio Henrique Raffard: «Origen, organizacion y tendencias de la Union Civica. Pelo socio Dr. Cezar Marques: Estrada de Ferro de Carolina á Barra do Corda, Estado do Maranhão.» «Noticia biographica: da Condessa de Barral e da Pedra Branca». Pelo Barão do Loreto, uma medalha de cobre com a efficie de Pio IX. Pela bibliotheca de marinha «Revista Maritima Brazileira» Dezembro de 1890. Pela directoria geral dos correios: «Boletim Postal». Pela associação rural: «Revista quinzenal». Pela academia pontificia dei Nuovi Lincei: Atti anno XLIII sessões 4ª e 5ª de 1890. Pela Academy of sciences and arts: «Transactions» vol. VIII, part. 1ª. Pela Cornell University christian association: «Register» 1890 a 1891. Pelas sociedades de geographia de Paris, de Bordeaux, de Berlim, de Roma e de Saint-Gall «boletins». Pela sociedade «Victorio Emanuele» de Roma «boletim» Vol. VI n. 1, Janeiro de 1891.

Pela real academia de historia de Madrid «boletim» tom. XVIII, caderno 2.° 1891. Pelo Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel a sua obra «Subsidios para o estudo da hygiene do Rio de Janeiro». Por Frank Vincent a sua obra: «In and out of Central America» acompanhada de carta solicitando o lugar de membro correspondente. Pelas respectivas redacções: *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Jornal de Minas*, *Gazeta de Mogimirim*,

Correio Literario, Immigração, Estado do Espirito Santo, Géographie, Nouveau Monde, Brésil, Etoile du Sud, Publicador Goiano.

As offertas são recebidas com agrado.

Os socios Joaquim Norberto e Drs. Machado Portella, Costa Honorato e Alfredo Nascimento enviam communicação de que, por incommodos de saude os trez primeiros e por occupações extraordinarias o ultimo, deixam de comparecer á sessão.

O socio Alencar Araripe na qualidade de thezoureiro aprezenta o balanço do Instituto no anno de 1890, acompanhado dos competentes documentos comprobatorios. A' commissão de fundos e orçamento, sendo relator o socio Rodrigues de Oliveira

ORDEM DO DIA

São aprezentadas as seguintes propostas:

1.ª Propomos para socio benemerito, de conformidade com o art. 12 dos estatutos, o socio effectivo Conde de Figueiredo, que fez o donativo de 5:000$. Sala das sessões 20 de Março de 1891. *O. H. d'Aquino e Castro. Henrique Raffard. T. Alencar Araripe. F. Pinheiro de Bitencourt.* Fica sobre a meza para ser votada na sessão seguinte.

2.ª Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, preparador da cadeira de hygiene da faculdade de medecina d'esta capital e encarregado dos trabalhos micrographicos do observatorio do Rio de Janeiro, autor do importante trabalho sobre a topographia medica da cidade do Rio de Janeiro, hoje offerecido ao Instituto. Sala das sessões 20 de Março de 1891. *Alfredo Piragibe. Jozé Luiz Alvès. Augusto Victorino A. Sacramento Blake. Barão de Miranda Reis.* A'commissão de geographia.

São approvados unanimemente os pareceres da commissão de admissão de socios sobre a admissão dos Srs. Francisco de Paula Mayrink na classe dos socios

benemeritos e Jozé Domingues Codeceira na dos correspondentes.

Fica sobre a meza para ser votado na sessão seguinte o parecer da mesma commissão relativamente á admissão dos cidadãos Visconde de Assis Martins, Barão de Mendes Tota, Visconde de Moraes e commendador Manuel Vicente Lisboa na classe dos socios benemeritos.

O Dr. Sacramento Blake, offerecendo novo exemplar do livro *Maravilhas da Penha ou lendas e historia da santa e do virtuozo Fr. Pedro de Palacios,* visto ter-se extraviado o exemplar que o seu autor offerecêra em 1888, lê o parecer, que, como membro da commissão de historia aprezentara em sessão de 10 de Agosto d'este anno e pede que, achando-se prezentes dois membros da commissão de admissão de socios, dêm, sobre a do autor em questão, o seu parecer.

E' nomeado para servir de relator o Sr. conselheiro Manuel F. Correia.

O Dr. Cezar Marques diz, que, na sessão de 9 de Novembro de 1888, leu um parecer sobre o manuscripto «America abreviada, suas noticias e de seus naturaes, e em particular do Maranhão, titulos, contendas e instrucções á sua conservação e augmento muito uteis», pelo padre João de Souza Ferreira, Lisboa, 1693. Com o fim de evitar trabalhos e enganos a quem consultar esse livro, requer, que se copie esse parecer n'uma folha de papel almasso e se colle no frontespicio da obra. Como existem outros manuscriptos a respeito do Maranhão requer licença para levar um por um para a sua caza afim de lêl-os e fazer igual trabalho, que não deixa de ser penozo, porém util. Desconfia, que todos esses livros contêm grandes erros e é de admirar que fossem elles mandados copiar pelo distincto Dr. Antonio Gonçalves Dias, quando em commissão do governo para rever manuscriptos na Torre do Tombo. Ao 1.º secretario para examinar e informar.

Continuando com a palavra, requer, que seja nomeada uma commissão para manifestar á veneranda viuva do general Hermes da Fonseca o pezar do Instituto pelo fallecimento d'este illustre cidadão, bem como que este voto seja lançado na acta. A meza informa já ter-se

cumprido esse dever para com a familia do illustre finado, por intermedio do socio general Dr. João Severiano.

O socio commendador Jozé Luiz Alves continúa a leitura do seu trabalho sobre o «Senado brazileiro» occupando-se com as biographias dos conselheiros d'estado Jozé Clemente Pereira e Euzebio de Queiroz Coutinho Matozo da Camara.

Levanta-se a sessão ás 9 horas da noite, continuando com a palavra o socio Jozé Luiz Alves para lêr as biographias dos senadores Marquez de Paranaguá (Francisco Villela Barboza) e Marquez de Maricá (Mariano Jozé Pereira da Fonseca).

Dr. Alfredo Piragibe
servindo de 2º secretario.

3.ª SESSÃO ORDINARIA EM 3 DE ABRIL DE 1891

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, achando-se prezentes os Srs: commendador Joaquim Norberto, conselheiros Olegario H. d'Aquino Castro e Manoel F. Correia, Barão de Capanema e Barão de Miranda Reis, commendador Jozé Luiz Alves e Drs. Cezar Marques, Sacramento Blake, Barboza Rodrigues, senador Jozé Hygino, Barão de Alencar, Marquez de Paranaguá, major Jozé Domingues Codeceira, Dr. Teixeira de Mello, Dr. Alfredo Nascimento e Dr. Pinheiro de Bitencourt, abre-se a sessão. O Dr. Pinheiro de Bitencourt occupa o logar de 2.º secretario.

É lida e sem debate approvada a acta da sessão anterior.

O Sr. 1.º secretario dá conta do seguinte expediente :

Officios : Da commissão central da Exposição Preparatoria da Universal de Paris em 1889, convidando para a solemnidade da distribuição dos premios aos expositores no dia 21 de Março ás 7 horas da noite, no Liceu de artes e officios. Do socio Dr. Maximiano

Marques de Carvalho, declarando já ter restituido ao Instituto as obras que havia levado para consultar, e lembrando a necessidade de nomear-se já uma commissão de 3 membros para escreverem a *Historia contemporanea do Brazil Republicano*.

Do socio commendador Luiz Rodrigues d'Oliveira enviando as contas da thezouraria acompanhadas do respectivo parecer.

OFFERTAS

Pela Real Academia dei Lincei em Roma *Atti*, vol. 7°, 1° e 4° fasciculos. Pela sociedade literaria e philosophica de Manchester *Memorias*; pelo Sr. professor Ferdinando Borsari prezidente da sociedade americana d'Italia *Etnologia Italica*; *Bibliotheca Etiopica, Programma e estatutos da referida sociedade*; pelo instituto do Canadá em Toronto, *Transactions*; pela commissão de estatistica da cidade de Praga, *Verwaltungsbericht der Königlichen Prag und der Vorarte Harolinenthal*, *Smichow Weinberg und Ziz kowfurdie Jahre* 1885 *and* 1886; Das *Ausland Wochens chrift fur Erd-Und Wolkarkunde Heransgegemen von Harl von der Speinen*, 1891 n. 8 Inhalt; pela academia de medicina do Rio de Janeiro «Annaes;» pela sociedade scientifica argentina «Annaes;» pelo observatorio astronomico, associação rural e direcção da revista pedagogica, «revistas;» pelo Sr. Dr. Barboza Rodrigues, um exemplar do seu ultimo importante trabalho intitulado *Muyrakitã*; pelo correio geral, *Boletim Postal*; pelas sociedades de geographia de Bordeaux, Antuerpia e Paris, *boletins*; pelas respectivas redacções os seguintes jornaes: *Diario Popular*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Jornal do Recife*, *Jornal de Minas*, *Caxoeirano*, *Estado do Espirito Santo*, *Publicador Goiano*, *Etoile du Sud*, *Brésil*, *Géographie*, *Nouveau Monde*.

Antes da leitura do expediente são introduzidos no salão das sessões os socios recentemente eleitos: major Jozé Domingues Codeceira, e Dr. Alfredo do Nascimento Silva e saudados pelos oradores *ad hoc* Dr. Cezar Mar-

ques e conselheiro Manoel Francisco Correia, que respondem aos recemvindos.

O Sr. prezidente communica ao Instituto, em sentidas frazes, o infausto passamento do gloriozo arcebispo D. Antonio de Macedo Costa, e o do conselheiro Jozé Silvestre Ribeiro, ambos socios prestigiozos do Instituto.

O Sr. commendador Jozé Luiz Alves lê o parecer da commissão de orçamento, cuja approvação, depois de algumas considerações dos Srs. conselheiro Manoel F. Correia e thezoureiro, fica adiada para a proxima sessão.

O mesmo Sr. conselheiro aprezenta a seguinte proposta : « Fica o Sr. thezoureiro autorizado para converter em apolices da divida publica o saldo ou parte d'elle, constante do balanço aprezentado. Em 3 de Abril de 1891.» O Sr. conselheiro Alencar Araripe accrescentou : «podendo converter em apolices de juro em ouro as que actualmente possue o Instituto Historico e Geographico Brazileiro. » Foram unanimemente approvadas a proposta e a emenda.

Foram tambem unanimemente approvadas as propostas relativas aos Srs. Conde de Figueiredo, Barão de Mendes Tota, Visconde de Assis Martins, Visconde de Moraes e commendador Manoel Vicente Lisboa para serem admittidos como socios benemeritos do Instituto.

Ficou sobre a meza, para ser votado na proxima sessão, o parecer da commissão de admissão de socios relativo ao major Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto.

Ficou tambem sobre a meza, para ser votado na sessão seguinte, o parecer assignado pelos Srs. commendador Luiz Rodrigues d'Oliveira e Jozé Luiz Alves relativo ás contas aprezentadas pelo Sr. thezoureiro.

O Sr. commendador Jozé Luiz Alves continuou a leitura do seu interessante trabalho relativo ao antigo Senado Brazileiro, occupando-se do finado senador Marquez de Maricá, Mariano Jozé Pereira da Fonseca.

Terminada a leitura, levantou-se a sessão ás 8 1/2 horas.

Dr. *F. Pinheiro de Bitencourt*,
servindo de 2º secretario.

4.ª SESSÃO ORDINARIA EM 17 DE ABRIL DE 1891

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs. socios commendador Joaquim Norberto, conselheiro Olegario H. d'Aquino Castro, Dr. Teixeira de Mello, Visconde de Beaurepaire Rohan, Henrique Raffard, conselheiro Alencar Araripe, capitão de fragata Garcez Palha, Dr. Pinheiro de Bitencourt, conselheiro Manoel F. Correia, commendador Jozé Luiz Alves, Barão de Capanema, Dr. Cezar Marques, Dr. Sacramento Blake, Barão de Alencar, major Jozé Domingues Codeceira e conselheiro João Alfredo, o Sr. prezidente declara aberta a sessão.

O Sr. 2.º secretario Henrique Raffard procede á leitura da acta da sessão antecedente, a qual é approvada sem modificação. Em seguida o Sr. 1.º secretario Dr. Teixeira de Mello dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Do socio Sr. Bazilio Carvalho Daemon enviando diversos manuscriptos acompanhados da respectiva relação. Do Sr. Rodolfo Bernardelli, declarando em resposta á uma carta que lhe foi dirigida pelo Sr. prezidente d'este Instituto, que possue o busto do Sr. Visconde de Araguaia e que offerecerá ao mesmo Instituto logo que tiver feito um pequeno concerto, que preciza e bem assim a mascara do finado Dr. Benjamin Constant. Do socio Dr. Ladislau Neto agradecendo as condolencias que fôram feitas pelo prezidente do Instituto e annunciando a offerta de varios objectos de valor para o muzeu. Do chefe d'escriptorio da estatistica da villa capital de Praga, pedindo o tomo LI da *Revista* d'este Instituto, em diante, para completar sua collecção. Do socio Visconde de Taunay, participando não poder comparecer á

sessão e achar-se adiantado o trabalho que está escrevendo sobre *Villa Bella*, hoje cidade de Mato-Grosso e enviando por parte do Dr. Christiani Frederici Seybold *Breve Noticia da lingua guarani.*

OFFERTAS

A secção de permutas da Bibliotheca Nacional remette procedente da Smithsoniam Institution um pacote contendo as seguintes obras: *Memoirs and Proceedings of the Manchester Literary and Philosophical Society*, vol 3°. *Occasional papers of the California Academy of sciences.* 1° e 2°, *Sitzungsberichte der phylosophish-philologischen und historischen Classe der k. b. Academie der Wissenschaften zu München*, 1889 *Bd. II, Heft I, II*, 1890 *Heft I, II, Gedächtnissrede auf J. von Dollinger gehalten in der Oeffentlichen Sitzung der k. b. Academie der Wissenschaften zu München am* 28. *März* 1890, *von C. A Cornelius, Mitglied der historischen Klasse; Die Anfänge einer politischen Litteratur bei den Grechen; Sitzungsberichte der Mathematisch-physikalischen Classe* 1889, *Heft, III* 1890 *Heft III*; *Almanack der Königlich-Bairischen Academie der Wissenschaften für das jahr* 1890; *Neue Annalen der K. Sternwarte in Bogenhausen bei München, Band I, United States Geological Survey J. W. Powel Director, Ninth Annual Report* 1887-88.

Pelo socio Sr. Dr. Alfredo Piragibe o seu trabalho lido na academia nacional de medicina *Elogio Historico do Barão do Rio Doce.* Pelo Sr. Vivien de Saint-Martin *Nouveau Dictionaire de Geographie Universelle.* Pela real academia dei Lincei em Roma e associação rural de Uruguay *revistas.* Pelas sociedades de geographia de Paris, Berlin, Madrid e Bordeaux «boletins». Pela commissão geographica e geologica do estado de São-Paulo, boletins n.6 e 7 de 1889. Pelas redacções: *Diario da Bahia Diario Popular, Jornal do Recife, Jornal de Minas, Gazeta de Mogi-mirim, Estado do Espirito-Santo, Cachoeirano, Brésil, Geographie, Nouveau Monde.*

ORDEM DO DIA

O Sr. prezidente dá a palavra ao Sr. 1.° secretario, que passa a lêr a seguinte proposta:

« Propomos para prezidente honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, em homenagem ás suas virtudes e letras, o Sr. Sadi Carnot, muito digno prezidente da Republica Franceza. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 17 de Abril de 1891. *Joaquim Norberto de Souza Silva. Jozé Luiz Alves.* Dr. *Cesar Augusto Marques.* Dr. *J. A. Teixeira de Mello.* Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake. Jozé Domingues Codeceira. Jozé Egidio Garcez Palha. Visconde de Beaurepaire Rohan. Henrique Raffard. Barão de Alencar.* Dr. *F. Pinheiro de Bitencourt. T. de Alencar Araripe. Barão de Capanema. Manoel Francisco Correia. Olegario H. d'Aquino e Castro.* A proposta aprezentada foi declarada approvada.

Obtendo a palavra o capitão de fragata Garcez Palha, fez chegar á meza um trabalho narrando o episodio da revolução de Abril de 1831, dizendo que lhe foi enviado pelo chefe de secção apozentado do thesouro nacional Sr. Carlos Augusto de Sá, trabalho que era destinado a ser publicado em extracto nas ephemerides navaes com assentimento do autor, o qual porém offerece ao Instituto, para que a commissão de redacção da *Revista* julgue, si, como pensa, merece ser inserido na mesma *Revista.* Vai á commissão de redacção.

O Sr. prezidente, sendo informado que se acha na sala de espera o Sr. conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, nomeia aos Srs. Manoel F. Correia e Barão de Alencar para recebel-o e acompanhal-o até tomar assento na meza ; após o que, proferio as palavras seguintes:

Sr. conselheiro. O Instituto Historico, de que sois socio ha perto de tres annos, folga finalmente de vos vêr aqui prezente. Conquistastes este lugar de honra pelos vossos serviços prestados á patria devidos á vossa illustração, mas o acto que vos abrio as nossas portas é o

mais glorioso da vossa vida, pois que vos enramou a fronte com os virentes louros da victoria da emancipação do elemento servil. Srs. socios do Instituto, saudae no Sr. conselheiro João Alfredo um dos nossos mais eminentes consocios, cuja reserva a respeito da nossa politica talvez seja proveitoza ao Instituto.

Obtendo a palavra o Sr. conselheiro João Alfredo, agradece de todo o coração a distincção, que lhe fez o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, onde tardou muito a vir tomar posse, e comparecendo hoje não póde dar mais que o testimunho do seu respeito e da dedicação, com a qual procurará acompanhar os trabalhos d'esta instituição, que collige tantos dados de nossa historia patria, acrescentando que muita satisfação sente pela honra de ter sido aclamado socio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Tendo a palavra para responder, o Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia diz, que o Instituto tem vivo prazer vendo tomar assento o illustre socio honorario, que se tem sabido recommendar na vida publica pelos mais assignalados serviços.

As suas palavras foram ouvidas com a maior attenção e a promessa que fez de dispensar parte do seu preciozo tempo aos misteres do Instituto é garantia de novos e importantes serviços, que hão de dar maior realce a instituição que, como diz o distincto estadista, tem, e assim é, as mais gloriozas tradições. Orgão do Instituto, em seu nome sauda o prestante socio honorario.

O Sr. 1° secretario passa a ler as propostas abaixo :

1.ª Propomos para prezidente honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, em homenagem ás suas virtudes e serviços á patria. Sala das sessões 17 de Abril de 1891. *Joaquim Norberto de Souza Silva. Olegario H. d'Aquino e Castro. Tristão de Alencar Araripe.* Dr. *Cezar Augusto Marques. Manoel Francisco Correia. Barão de Alencar Barão de Capanema. Garcez Palha. Jozé Domingues Codeceira.* Dr. *Augusto Victorino A. Sacramento Blake. Jozé*

Luiz Alves. Dr. *Pinheiro de Bitencourt*. *Henrique Raffard*. Dr. *J. A. Teixeira de Mello*. *Visconde de Beaurepaire Rohan*. A proposta foi declarada approvada.

2.ª Propomos para socio benemerito o Barão de Ibiapaba, natural do estado do Ceará, ora rezidente n'esta capital federal, cidadão distincto por seu caracter e serviços ao paiz. Rio 17 de Abril de 1891. *Joaquim Norberto de Souza Silva*. *Tristão de Alencar Araripe*. *Dr. J. A. Teixeira de Mello*. *Olegario H. d'Aquino e Castro*. *Henrique Raffard*. *Pinheiro de Bitencourt*. *Visconde de Beaurepaire Rohan*. *Jozé Egidio Garcez Palha*. Vai á commissão de admissão de socios, servindo de relator o socio conselheiro Manoel Francisco Correia.

3.ª Proponho para socio honorario do Instituto Historico o illustre principe Rolando Bonaparte, autor de muitas obras americanistas feitas em edicções especiaes, sendo n'ellas contemplado o nosso Instituto sob n. 66. Em 17 de Abril de 1891. *Joaquim Norberto de Souza Silva*. *Dr. Cezar Augusto Marques*. *Dr Augusto Victorino A. do Sacramento Blake*. Vai á commissão de admissão de socios.

4.ª Proponho para socio honorario do Instituto Historico o Sr. Guilherme A. Seoane, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Peruana no Brazil, não só pela sua pozição social, como pelas obras com que tem enriquecido a literatura do seu paiz. Em 17 de Abril de 1891. *Joaquim Norberto de Souza Silva*. *Dr. Cezar Augusto Marques*. *Visconde de Beaurepaire Rohan*. *Olegario H. d'Aquino e Castro*. *Tristão de Alencar Araripe*. *Dr. Augusto Victorino A. Sacramento Blake*. *Dr. J. A. Teixeira de Mello*. *Henrique Raffard*. Vai á commissão de admissão de socios.

5.ª Propomos para socio correspondente do Instituto o Sr. Argemiro Antonio da Silveira, bacharel em direito pela faculdade de São-Paulo e natural d'esse estado, onde foi um dos redactores da *Reacção*, orgão do Centro dos estudantes catholicos, servindo para titulo á sua admissão: 1.º *Memoria Historica* sobre a fundação da cidade de São-Roque, provincia de São-Paulo, impressa

em São-Paulo, 1889; 2.º *Alguns apontamentos biographicos* de Libero Badaró e chronica de seu assassinato perpetrado em São-Paulo a 20 de Novembro de 1830, obra publicada na *Revista do Instituto*, tomo 53, parte 2ª, pags. 309 á 384 e tambem em volume especial. Rio de Janeiro 17 de Abril de 1891. *Dr. Cezar Augusto Marques. Dr. J. A. Teixeira de Mello. Jozé Egidio Garcez Palha. Jozé Luiz Alves.* Fica adiada a proposta.

Posto a votos o parecer da commissão de fundos e orçamento sobre as contas aprezentadas pelo thezoureiro, é elle unanimemente approvado.

Obtendo a palavra o Sr. conselheiro Alencar Araripe, diz, que em cumprimento da autorização dada pelo Instituto Historico e Geographico Brazileiro, comprou, conforme se deliberou em sessão de 3 do corrente mez, 30 apolices da divida publica, cada uma do valor de um conto de réis, e juros de 5 °/₀, tendo comprado estas apolices de 5 °/₀ por estarem no mercado com preço inferior ás de juros de 4 °/₀ em ouro. Si convier no futuro, uzará da autorização de convertel-as com as demais apolices possuidas pelo Instituto. Estas apolices foram compradas a 12 do corrente mez ao preço de 972$, importando a transacção incluzive sello e corretagem na quantia de 29:226$000.

Continuando com a palavra, aprezenta ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro as seguintes reproducções photographicas: 1º. Sermão em portuguez escripto por Jozé d'Anchieta, recitado no dia da conversão de S. Paulo no anno de 1565 em Piratininga ; 2º. Manuscripto em latim do mesmo Jozé d'Anchieta ; 3º. Carta do mesmo Jozé d'Anchieta dirigida á Gaspar Schetz, datada da Bahia de Todos os Santos em 7 de Junho de 1578.

Estas tres peças são reproduções photographicas das originaes existentes no collegio de Notre Dame de Antuerpia e foram enviadas pelo muito digno e prestimozo consocio Barão do Rio-Branco, a quem havia escripto pedindo cópia d'esses originaes. Em nome d'elle os offerece ao Instituto para que em seu archivo se conserve esta precioza memoria do apostolico

varão, que tão valiozos serviços prestou ao Brazil no inicio de seu povoamento e da catecheze dos indigenas.

Propõe mais, que o sermão seja impresso na *Revista Trimensal* e que da acta conste o que fica exposto, transcrevendo-se a carta que dirigio ao sobredito consocio, sempre tão solicito em brindar o Instituto com primorozas offertas.

A carta dirigida ao Sr. Barão do Rio-Branco é do teor seguinte. Rio 14 de Outubro 1890. Illm. Amigo e Sr. Barão do Rio-Branco. Em 1884 li em uma gazeta d'esta capital a noticia de axarem-se cuidadozamente conservados e guardados no collegio de Nossa Senhora de Anvers na Belgica trez autografos, sendo um sermão em portuguez do padre Jozé d'Anchieta, uma folha solta contendo notas escritas pelo missionario e uma carta dirigida em espanhol a Gaspar Schetz, manuscritos estes da propria letra d'esse venerando sacerdote ; em consequencia d'isso lembrei ao Instituto Historico e Geografico Brazileiro a conveniencia de obter taes manuscritos. O Instituto por intermedio do seu primeiro secretario dirigio-se ao nosso ministro na Belgica, o Sr. Conde de Villeneuve, o qual em 1885 respondeu, que nada tinha podido conseguir por achar-se então auzente do collegio o respectivo prior. Até agora nenhuma outra solução foi dada ao pedido do Instituto, por isso vou pedir ao meu amigo o favor de verificar, sendo-lhe isso facil, si é possivel obter cópia de taes manuscritos, para ser satisfeito o dezejo do nosso Instituto. Com toda a estima sou seu patricio, consocio e amigo. *T. de Alencar Araripe.*

Tendo a palavra o Sr. Henrique Raffard, pede permissão para chamar a attenção dos illustrados consocios sobre o livro, que tem o prazer de offerecer á bibliotheca do Instituto, não porque seja de grande valor pelo lado scientifico ou literario, visto como obras mais modernas trazem os mesmos dados e mais outros, porém pela raridade do especimen impresso em 1824 na Allemanha e que obteve por uma verdadeira felicidade.-Infelizmente o dito livro contém sómente a primeira parte do trabalho do seu autor, o naturalista W. Freyreis, um dos companheiros de viagem do Principe Maximiano de Neuvied, o explo-

rador do sertão do sul da Bahia no anno de 1817; a segunda parte referindo-se, como é sabido, á fundação da colonia Leopoldina, onde foi um dos primeiros estabelecidos o sabio escriptor, seria sem duvida de muito interesse historico, porém jámais foi impresso e nem se sabe onde para o original. Em seguida faz entrega do referido livro intitulado *«Beiträge zur näheren Kenntniss des Kaiserthums Brasilien, etc. von Georg Wilhellm Freyreis Frankfurt a/Main.»*

O commendador Jozé Luiz Alves, obtendo a palavra diz, que o Sr. Luiz Antonio Navarro de Andrade communicou ter recebido os retratos dos distinctos facultativos aos quaes a gratidão publica destinou umas medalhas commemorando seus cuidados para com a precioza saude do venerando protector do Instituto e acrescentou, que offerecia esses retratos ao Instituto, porém que fará remessa directa das medalhas cunhadas com o producto da subscripcão.

O Sr. Dr. Cezar Augusto Marques pondera, que, tendo de dar parecer sobre um trabalho do Sr. João Baptista Perdigão de Oliveira, preciza, que se lhe faculte a consulta do respectivo trabalho que pede.

O Sr. Barão de Alencar participa, que parte brevemente para a Espanha, onde vai exercer o cargo de enviado extraordinario do Brazil e pede as ordens dos collegas, na certeza de que as cumprirá com a maior satisfação.

O Sr. prezidente, agradecendo as benevolas palavras do illustrado consocio, externa os sentimentos de pezar pela auzencia de tão distincto companheiro, por cuja feliz viagem e constante prosperidade faz ardentes votos.

Continuando com a palavra o Sr. prezidente, dá conta ao Instituto das reformas, que se têm feito e julga necessario fazer no local do Instituto, e pede a respectiva autorização, depois de ouvida a commissão de fundos e orçamento.

Tendo ficado sobre a meza para ser votada n'esta sessão, de conformidade com o parecer favoravel da commissão de admissão de socios, a proposta relativa ao

major Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto, o Sr. prezidente mandou correr o escrutinio e verificada unanime approvação, foi aquelle Sr. acclamado socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

LEITURA

A convite do Sr. prezidente o commendador Jozé Luiz Alves leu a biographia do senador brazileiro conego Jozé Caetano Ferreira de Aguiar.

Achando-se a hora adiantada, e não havendo mais nada a tratar, o Sr. prezidente encerra a sessão.

Henrique Raffard,
2º secretario

5ª SESSÃO ORDINARIA EM 1 DE MAIO DE 1891

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, prezentes os socios commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, Dr. Teixeira de Mello, conselheiro Alencar Araripe, Dr. Pinheiro de Bitencourt, capitão de fragata Garcez Palha, conselheiro Manoel F. Correia, Barão de Capanema, commendador Jozé Luiz Alves, major Jozé Domingues Codeceira Dr. Sacramento Blake, Dr. Cezar Marques, Dr. Alfredo Nascimento Silva e Henrique Raffard, o Sr. prezidente declara aberta a sessão.

O Sr. 2.º secretario Henrique Raffard lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada com ligeira modificação.

Achando-se na sala contigua o Sr. major Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto, que vem tomar posse, o Sr. prezidente suspende o expediente e convida os socios capitão de fragata Garcez Palha e Dr. Pinheiro de Bitencourt para acompanhar o novo consocio até o seu lugar, onde toma assento.

O Sr. prezidente profere então as seguintes palavras:

« Aos illustres consocios tenho a honra de aprezentar o Sr. major Joaquim José Gomes da Silva Neto, novo companheiro que vem tomar parte em nossas sessões e acompanhar-nos em nossas lucubrações.

« O novo consocio tem escripto muito e as suas obras versam quazi todas sobre a provincia do Espirito Santo.

« E' de esperar que o mesmo consocio, admittido ao seio do Instituto Historico, continue a ocupar-se da importante provincia, onde viveu por muito tempo, contribuindo assim para o maior realce da nossa instituição. »

Obtendo a palavra o Sr. major Gomes Neto, profere a seguinte allocução:

« Srs. prezidente e condignos socios do Instituto. E' para mim honrozo, mas pezado preceito encerrado no acto da palavra prezidencial para a producção do meu agradecimento pela admissão n'este gremio; o vexame natural de elevar a voz perante esta assembléa de sabios nacionaes e estrangeiros, homens de letras e privilegiados cultores da Historia e da Geographia, impede que eu acerte com palavras bastante eloquentes e significativas, que traduzam o sentimento moral intimo da gratidão, que n'este momento agita o meu coração. Todavia cumpre-me obedecer á ordem do respeitabilissimo Sr. prezidente. Portanto aos embargos da minha fraca intelligencia, do habito do silencio para dissimular a minha inepcia, e do pejo de fallar em publico devo oppor o dever e a obediencia. Tentarei pois vencer as difficuldades, que conspiram contra o meu dezejo de bem accentuar o meu triplice reconhecimento.

Sim, Srs., eu não poderei alongar-me pelas razõer expendidas: n'este cazo não terei remedio sinão socorres-me do preceito do grande mestre: *Esto brevis et placebis.*

Senhores, eu disse— triplice reconhecimento e na verdade não me é licito render graças á collectividade deixando de parte duas quantidades, que principalmente concorrerão para o começo da acção, que teve a sua concluzão na sessão transacta, e que tanto me honra: esta omissão seria uma ingratidão e descortezia.

Começo pois por agradecer aos illustres socios que tiveram a bondade de abrir o caminho propondo a minha insignificante individualidade, depois aos illustres membros da commissão de historia, os quaes com demasiada benevolencia no julgamento do meu despretencioso livro, as *Maravilhas da Penha*, fraco producto do trabalho, das investigações e das lucubrações de um pobre velho, entenderam ser isto sufficiente passaporte para a minha viagem até este mundo de litteratos; e finalmente aos honrados e distinctissimos membros do Instituto, que approvaram unanimemente este parecer ; e assim por sua generozidade dignaram-se de descerrar as portas deste templo da sabedoria para deixar passar a humilde leigo, que hoje toma uma cadeira no recinto, em que tem assento os mais notaveis representantes das sciencias humanas, politicas, sociaes e pozitivas de dentro e de fóra do paiz.

Senhores, minha alma se extazia repleta de contentamento e com razão orgulho-me de pertencer de hoje por diante a uma corporação tanto mais ennobrecida, quanto mais illustrada e patriotica ; e caprixarei em cumprir as minhas obrigações na proporção de minhas limitadas forças, como o menos apto dos associados.

Assim concluo esta ligeira allocução dando os parabens a mim mesmo pela honra recebida, e os devidos agradecimentos á todos vós, que contribuistes ou por vossa proposta, ou por vosso esplendido parecer, ou finalmente por vosso voto para a minha recepção, sem esquecer os illustres cavalheiros que se esforçaram particularmente em apressar o meu ingresso.

D'este modo me parece ter-me desembaraçado, ainda que mal, da primeira das obrigações dos estatutos ; e peço-vos desculpa da insufficiencia da prova exterior da minha gratidão. Tenho concluido.

Nomeado pelo Sr. prezidente para responder a essa allocução, o socio Dr. Sacramento Blake pronunciou as seguintes palavras :

Sr. Major Gomes Neto. As palavras que acabastes de pronunciar n'essa allocução ouvida pelo Instituto,

demonstram, com notavel exuberancia, quanto vosso coração acha-se possuido de um sentimento nobre — a gratidão, e outro sentimento, igualmente nobre e que ao mesmo tempo faz realçar os dotes intellectuaes, que possuis, revelam ainda vossas palavras—a modestia.

O Instituto porém não procedeu a um acto de mera benevolencia, chamando-vos ao seu gremio. Em assas longa phase de vossa vida vos tornastes conhecido, já no exercicio de varios cargos do funccionalismo publico, já no magisterio e emfim na banca de advogado no estado do Espirito-Santo.

Sim, vós não só consagrastes vossa actividade e sollicitude no serviço de nossa bella patria, como tambem preparastes, guiastes no caminho da vida jovens intelligencias, que são hoje cidadãos prestantes d'essa mesma patria, e, ainda mais, livrastes muitas vezes da oppressão a innocencia, ou com os arrazoados mostrastes muitas vezes aos nossos tribunaes onde parava a justiça, e qual a verêda a seguir.

O Instituto, repito, não procedeu por mera benevolencia offerecendo essa cadeira, que occupaes; mas a um acto de reconhecimento de vosso merito.

. Antes de lhe offerecerdes o livro as *Maravilhas da Penha*, trabalho que abrange épocas e factos notaveis da provincia hoje estado do Espirito Santo, desde o descobrimento do Brazil, e que serviu de titulo para vossa admissão, já havieis publicado outros trabalhos de menos folego, verdade é, porém que attestam vossos estudos de nossa historia, como a *Chronica dos Jezuitas no Espirito-Santo.*

O Instituto pois não fez mais do que remunerar, quanto em si cabia, vossas locubrações, vossos serviços prestados á historia patria e espera de vossa actividade, e bons dezejos, que sereis mais um auxiliar seu na glorioza campanha em que milita.

O Sr. 1° secretario Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello dá conta do seguinte :

EXPEDIENTE

Offertas: Pela officina meteorologica argentina, *Anales* La Mortalidad habida en 18 ciudades argentinas durante el año de 1889. Pelo Departamento Nacional de Hygiene em Buenos Aires *Anales* Janeiro e Fevereiro de 1891. Pela Sociedade Cientifica Argentina *Anales* Abril de 1891 entrega 4ª tomo 31. Pela Real Academia dei Lincei em Roma *Atti* serie 4ª 1891. Pelo Archivo dos Açores *Historia Açoriana* XI vol. n. LXI. Pelo Observatorio Astronomico Nacional da Tacubaia no Mexico: Boletim annual *Report of the Curator.* vol. 1 n. 1. Pela Sociedade Nacional de Geographia de Washington *South America Annual address by the President Gardiner G. Hubbard.* Pela directoria do correio geral *Indicador dos districtos postaes da capital federal e seus suburbios, Boletim Postal.* Pela Real Academia de Historia de Madrid, *Boletim.* Pela associação Rural del Uruguay, *Revista,* 15 de Abril de 1891. Pela Sociedade Imperial dos Naturalistas de Moscow *boletim* anno de 1890 n. 3. Pelas sociedades de geographia de Pari s; Italiana-Americana de New York,. *boletins.* Pelas redacções: *Jornal do Recife, Diario Popular, Jornal de Minas, Diario Official do Espirito-Santo, Apostolo, Caxoeirano, Gazeta de Mogi-mirim, Publicador Goiano, Noureau-Monde, Brésil, Geographie, Etoile du Sud, Estado do Espirito Santo.* Pelo congresso internacional de Americanistas *Reunion del año de* 1892 *en el convento de Santa Maria de la Batida* (provincia de Huelva).

O Sr. 1.º secretario procede á leitura do seguinte parecer.

« Foram prezentes á commissão de admissão de socios as propostas para serem admittidos como socios honorarios o principe Rolando Bonaparte e Guilherme A. Seoane, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Peruana no Brazil; e como socio benemerito o Sr. Barão de Ibiapaba. A commissão é de parecer, que, pelos fundamentos constantes das

propostas, sejam ellas approvadas, cumprida como se acha, quanto ao socio benemerito, a condição dos estatutos. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 1.° de Maio de 1891. *Manoel Francisco Correia. Jozé Luiz Alves.*

Ficam sobre a meza para serem votadas na sessão seguinte.

Obtendo a palavra o capitão de fragata Garcez Palha pondera que pouco occupa a attenção dos consocios e só o faz por necessidade, desejando saber se existe renuncia do cargo de orador, e respondida negativamente pelo Sr. prezidente, a pedido do socio Garcez Palha, consigna-se na acta a alludida resposta.

Tambem pede a palavra para accrescentar algumas poderações o Dr. Pinheiro de Bitencourt, visto como não sabe se é praxe no Instituto exonerar-se pelos jornaes sem mandar a menor justificação, o que lhe parece inqualificavel menoscabo.

Em seguida propõe o capitão de fragata Garcez Palha : que se consulte si o Instituto Historico deve tomar em consideração o artigo publicado no *Jornal do Commercio* de 23 de Abril, em que o Visconde de Taunay declara não fazer mais parte d'este Instituto ou si esperar a communicação, que por este consocio devia ser feita á secretaria a simillhante respeito. Posto a votos foi rezolvido aguardar, que o Visconde de Taunay participe sua decizão.

ORDEM DO DIA

O Sr. 1° secretario faz leitura da seguinte proposta:

« Proponho que os socios benemeritos sejam constituidos em commissão para o fim de reunir donativos, com os quaes se possa construir ou adquirir um edificio em que funccione o Instituto. Instituto Historico e Geographico Brazileiro 1° de Maio de 1891. *Manoel Francisco Correia.* Unanimemente approvada.

O Sr. capitão de fragata Garcez Palha obtendo a palavra, communica que o Sr. contra-almirante director da escola naval, que está reorganizando a bibliotheca

d'esta instituição, o incumbio de solicitar uma collecção da Revista do Instituto.

O Sr. prezidente responde, que o Instituto terá especial prazer em satisfazer o pedido do illustre contra-almirante.

LEITURA

A convite do Sr. prezidente o Sr. commendador Jozé Luiz Alves lê a biographia do primeiro Marquez de Paranaguá.

Não havendo mais nada a tratar o Sr. prezidente encerra a sessão.

Henrique Raffard,
2º secretario.

6.ª SESSÃO ORDINARIA EM 22 DE MAIO DE 1891

Prezidencia do Sr. conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro

A's 7 horas da noite, reunidos os Srs. socios conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro, Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello, capitão de fragata Jozé Egidio Garcez Palha, Dr. Francisco Pinheiro de Bitencourt, conselheiros Tristão de Alencar Araripe, Manoel Francisco Correia, Barão de Capanema, majores Jozé Domingues Codeceira e Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto, commendador Jozé Luiz Alves, Dr. Jozé Hygino Duarte Pereira, Luiz Cruls e Henrique Raffard, o Sr. 1.º vice-prezidente, conselheiro Olegario H. d'Aquino Castro, declara abertá a sessão.

É lida pelo 2.º secretario Henrique Raffard a acta da sessão anterior que é approvada sem observação.

Em seguida o Sr. prezidente profere a seguinte allocução:

Bem triste e dolorozo dever tenho a cumprir n'este momento, communicando-vos que falleceu no dia 14 do corrente, na cidade de Nictheroy, onde rezidia, o nosso

prezado e muito respeitavel consocio, Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

Ha quazi meio seculo, com geral e sincero applauzo, d'esta associação literaria, foi aqui recebido o já então distincto escriptor e illustrado consocio, que com a sua prezença, com as suas luzes e prudente direcção, durante tão longos annos, tomou parte activa e proveitoza em nossas incessantes lucubrações ; e hoje, em hora aziaga para as letras, para a sociedade e para a familia, que na pessoa do pranteado consocio admirava o exemplo vivo do mais puro e energico caracter, realçado pelos inestimaveis dotes do mais generozo coração, temos a lamentar o deploravel acontecimento, que a todos nós veio profundamente contristar.

Nos annaes do Instituto ficarão com brilho registrados os numerozos e interessantissimos trabalhos, que tornarão recommendavel o nome do preclaro varão que acaba de descer ao tumulo ; e a historia sempre calma e imparcial, serena e consciencioza, apreciará devidamente tão preciozo legado de doutrina e erudição, honrando a memoria de um dos mais dedicados e laboriozos cultores da literatura patria.

Todas as distincções e primazias, de que dispunha o Instituto, foram-lhe com justiça conferidas, como testimunho do muito apreço em que era tido o laureado escriptor, que entre nós occupou, com zelo inexcedivel, os lugares de socio honorario, vice-prezidente, e por ultimo, prezidente do Instituto Historico.

A' sua ultima morada foi acompanhado por diversos membros da associação, que tão dignamente prezidiu.

Foi adiada a sessão ordinaria, que se achava marcada para o dia da inhumação e encerrados por tres dias os trabalhos do Instituto.

Agora, de accordo com o geral sentimento dos socios que me ouvem, e com a dispozição dos nossos estatutos, resta-me o dever de fazer inserir na acta a manifestação do profundo pezar, de que nos achamos possuidos por tão grande e lamentavel perda.

E, como ultima homenagem, por nós devida a quem

tanto mereceu-nos, será feito em tempo o elogio historico do nosso sempre saudozo consocio.

Obtendo a palavra o Sr. 1.° secretario Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello dá conta do seguinte expediente:

OFFICIOS

Do socio Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo enviando para a nossa bibliotheca os trabalhos: *Reflexões sobre as couzas do Brazil*; *Rezumo da Historia do Brazil* por D. Herculana Firmina Vieira de Souza; do bibliothecario da sociedade União Republicana pedindo a collecção da Revista do Instituto para sua bibiotheca; do gabinete portuguez de leitura agradecendo a remessa do tomo 53 parte 2ª da *Revista Trimensal*; do Sr. A. Mentruostf de Buenos Aires pedindo informações sobre a publicação da *Revista do Instituto*; da meza do congresso internacional de sciences geographiques remettendo o respectivo programma e pedindo o nome do prezidente do Instituto historico e geographico brazileiro, nomeado membro da commissão de honra; da Royal Society of Canadá referindo-se a sua sessão de 27 de Maio ultimo; do Sr. Dr. D. Daniel Granado pedindo o exemplar da *Revista Trimensal*, em que se menciona o recebimento de sua obra sobre a glotica *Vocabulario rio-platense* offerecida ao Instituto no anno proximo findo. Foi concedido.

OFFERTAS

Pela bibliotheca nacional procedente da Smithsonian Institution *Annual report* de junho e julho de 1888; Pensilvania Magazine *of the history and biography*, n. 3 e 4 do vol. 14; pela academia real de sciencias de Lisboa *Historia do infante D. Duarte, irmão de el-rei D. João IV*, por Jozé Ramos Coelho, tom. 2.°; pelo editor *Itms of Interest*; pela sociedade de geographia do Rio de Janeiro *Catalogo da expozição de geographia sul-americana*; pela sociedade literaria e philozophica de Manchester, *Memorias*; pelo departamento de hygiene de Buenos

Aires *Annaes*, Março de 1891; pela universidade central del educador *Annaes* n. 34 serie 4.ª; pelo autor o Sr. Dr. Guilherme Studart *Historia Patria*, Azevedo Montaury e seu governo no Ceará; pelo departamento de publicidade e promoção *Expozição Internacional Columbiana*; pelo observatorio astronomico *Revista*, anno 6°; pela bibliotheca da marinha *Revista Maritima Brazileira*, n. 7 e 8, anno X.; pelo conselho nacional de Buenos-Aires *Monitor de la educacion comun*, tom. X., ns. 194 e 195; pela direcção da associação rural del Uruguay *Revista* n. 8 tom. X.; pelo Instituto do Ceará *Revista*, tom. V. 1° trim. de 1891; pelas sociedades de geographia: commercial de Bordeaux, de Lisboa, de Madrid e de Paris *boletins*; pela real academia de historia de Madrid; observatorio methereologico del colegio pio de Villa Colon e sociedade archeologica Druztva *boletins*; pela real academia dei Lincei em Roma *Atti*; do socio Dr. Luiz Cruls exemplares do *Esboço de climatologia do Brazil* pelo Sr. H. Morize, para serem distribuidos pelos socios prezentes. Pelas redacções: *Diario do Brazil*; *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Jornal de Minas*, *Caxocirano*, *Publicador Goiano*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Estado do Espirito Santo*, *Apostolo*, *Nouveau-Monde*, *Brésil*, *Géographie* e *Etoile du Sud*.

Terminado o expediente, pede a palavra o Sr. thezoureiro conselheiro Tristão de Alencar Araripe para communicar, que recebeu do socio Dr. Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe o donativo de 2:000$, com os quaes fez acquizição de mais duas apolices de um conto de réis cada uma a juros de 5 % annuaes.

O Sr. 1° secretario informa ter dado cumprimento á decizão, afim de se convidar os socios benemeritos a angariar donativos para o edificio, que o Instituto se propõe a edificar.

O Sr. prezidente nomêa o consocio Sr. commendador Jozé Luiz Alves para continuar a preencher até a sessão das eleições geraes as vagas deixadas pelo Sr. Visconde de Taunay, visto que interinamente já tem exercido os respectivos cargos de orador e membro da commissão de admissão de socios.

ORDEM DO DIA

O Sr. prezidente communica, que vai fazer correr o escrutinio relativamente a tres propostas para admissão de socios, as quaes ficaram sobre a meza para serem votadas n'esta sessão, o que se effectuou successivamente para cada uma d'ellas, sendo unanimemente approvadas, e o Sr. prezidente acclama socio benemerito do Instituto Historico e Geographico Brazileiro ao Sr. Barão de Ibiapaba e socios honorarios os Srs. principe Rolland Bonaparte e o ministro peruano Guilherme A. Seoane.

O Sr. 1º secretario procede á leitura da seguinte proposta:

Propomos para socios benemeritos o Sr. commendador Urbano de Faria e Dr. Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe. Sala das sessões do Instituto Historico 22 de Maio de 1891. *O. H. d'Aquino e Castro. Henrique Raffard. Dr. Teixeira de Mello. T. de Alencar Araripe. Jozé Luiz Alves.* Remette-se á commissão de admissão de socios.

Obtendo a palavra o Sr. conselheiro Manoel F. Correia pergunta si houve andamento dado á determinação tomada de se cunhar medalhas para socios benemeritos. O Sr. thezoureiro responde, que breve aprezentará o modelo das medalhas em questão.

O Sr. Dr. Pinheiro de Bitencourt indaga si jámais o Instituto teve distinctivo para os seus membros, como acontece com a maior parte das associações congeneres.

Informa o Sr. prezidente, que os membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro foram autorizados por acto official a uzar de uma farda, de que poucos uzaram e acrescenta ser este o unico distinctivo estabelecido até hoje.

Então o Dr. Pinheiro de Bitencourt lembra a conveniencia de adoptar-se um distinctivo para os membros do Instituto, reformando-se os estatutos, si tanto fôr mister.

O Sr. conselheiro Olegario H. d'Aquino e Castro, convida o Sr. consocio a aprezentar por escripto uma

indicação no sentido proposto, afim de ser tomada em consideração ; e pondera, que a referencia feita a uma modificação nos estatutos lhe suggere a idéa de chamar a attenção dos consocios para outra providencia talvez necessaria, visto como os estatutos não previram a hypothese de falta de qualquer membro da meza por motivo de fallecimento, como agora se verifica em relação ao Sr. commendador Joaquim Norberto, e lhe parece justo, que se resolva sobre a conveniencia de se proceder desde já a eleição de um prezidente effectivo.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe observa, que tendo elaborado o projecto dos estatutos com o precedente orador conhecem ambos o respectivo pensamento de só haver annualmente uma eleição geral, motivo pelo qual determinou-se a existencia de tres vice-prezidentes, se substituindo uns aos outros, de modo á jámais faltar quem possa legalmente prezidir aos destinos sociaes, e por isso julga não haver cazo possivel de eleição de prezidente antes do fim do anno.

O Sr. conselheiro Manoel F. Correia, louva o escrupulo do Sr. 1.° vice-prezidente, que mostra não querer impor-se na cadeira prezidencial ; entende, que foi bom levantar a questão, porém de pleno accordo com o que acabava de expôr o Sr. thezoureiro, é de parecer, que se mantenha a substituição nos termos estipulados nos estatutos e pede ao Sr. 1.° vice-prezidente para não insistir mais sobre o assumpto, pois que o Instituto benevolamente approva as instancias ora feitas para que o mesmo senhor se conserve na prezidencia.

Finda a discussão, foi deliberado, que continuasse na prezidencia interina do Instituto o Sr. conselheiro Olegario H. d'Aquino e Castro até nova eleição, na conformidade dos estatutos.

LEITURA

A convite do Sr. prezidente continuou o Sr. Jozé Luiz Alves a leitura das biographias dos senadores do imperio.

E não havendo nada mais a tratar, levantou-se a sessão ás 9 horas da noite.

Henrique Raffard,
2º secretario.

7.ª SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE JUNHO DE 1891

Prezidencia do Sr. conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro

A's 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs. conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro, general Dr. João Severiano da Fonseca, Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello, capitão de fragata Jozé Egidio Garcez Palha, conselheiro Manoel Francisco Correia, Dr. Cezar Augusto Marques, commendador Jozé Luiz Alves, major Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto, Barão de Capanema, Antonio Jozé Dias de Castro, major Jozé Domingues Codeceira e Henrique Raffard, o Sr. prezidente declara aberta a sessão e o 2.º secretario lê a acta da sessão anterior.

Pede a palavra o Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, ponderando que não tendo assistido a sessão passada, dezeja, que na acta da sessão de hoje seja inserido o voto de pezar, que lhe cauzou o fallecimento do prezidente commendador Joaquim Norberto de Souza Silva. Após o que a acta é approvada.

O Sr. Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello, 1º secretario, dá conta do seguinte expediente.

OFFICIOS

Do socio major João Brigido dos Santos communicando ter recebido a parte 2ª da *Revista do Instituto* do anno findo, e pedindo a 1ª parte que lhe falta. Foi attendido.

Do socio thezoureiro conselheiro Tristão de Alencar Araripe communicando que por occupações de serviço publico não póde comparecer á sessão de hoje.

OFFERTAS

Pelo socio Dr. Ricardo Gumbleton Daunt *Bibliotheca Boliviana, Catalogo seccion e Catalogo del Archivo de Mojos e Chiquitos ; Matanzas de Yanez*. Pelo socio João Barboza Rodrigues, o *Muyrakytã*. Pelo autor o Sr. Leopoldo Arnaud *Una Expedicion por las regiones mineras del norte de la Republica ; Del Timbó a Tartagal*. Pelo governo do Estado da Bahia suas leis e rezoluções votadas em 1889. Pelo socio Dr. Rozendo Muniz Barreto, suas poesias *Tributos e Crenças*. Pelo socio Dr. Cezar Augusto Marques *Programma para o estudo de saneamento da cidade de São-Luiz do Maranhão*, pelo Dr. Almir Nina, *Relatorio sobre serviço postal do estado do Maranhão no anno de* 1890, pelo Sr. Augusto Cezar de Macedo Brito ; *Boletins da mortalidade da cidade de São-Luiz do Maranhão em* 1888 e 1889. Pelo socio conselheiro Manoel Francisco Correia, em nome do autor, o opusculo *Collegio Schmidt*. Discurso por Alfredo de Paiva. Juiz de Fóra 1891.

Pelo socio conselheiro Tristão de Alencar Araripe, em nome do Sr. Francisco Vieira Monteiro, 1.º secretario da legação do Brazil em Paris, uma reproducção a oleo do retrato de Luiz do Rego Barreto, ultimo governador de Pernambuco. Pelo socio 3.º vice-prezidente general Dr. João Severiano da Fonseca: Cópia da correspondencia official do capitão general de Mato Grosso João Carlos Augusto de Oyenhausen, 1797—1803 (3 vol. enc.) e varios documentos originaes relativos á commissão de limites com a republica do Uruguay em 1857, as quaes são : Cartas confidenciaes de Jozé Maria do Amaral para o marechal do exercito Francisco Jozé de Souza Soares de Andréa, 15 de Janeiro e 8 de Maio de 1854; Cartas confidenciaes de P. M. Reys ao mesmo Soares de Andréa de 20 Março de 1854, 14 de Agosto de 1857, 17 de Outubro de 1857, 2 e 29 de Março e 12 de Agosto de 1858;

Cartas confidenciaes de Joaquim Thomaz do Amaral ao Barão de Caçapava de 25 de Outubro e 24 de Novembro de 1857; Carta rezervada de Pedro de Alcantara Bellegarde a Francisco Jozé de Souza Soares de Andréa, 11 de Janeiro de 1855 ; Cartas confidenciaes de Jozé Maria da Silva Paranhos ao Barão de Caçapava, 19 de Março, 6 de Junho, 20 de Agosto, 8 de Novembro, 6 de Dezembro de 1855 e 15 de Novembro de 1856 ; Cartas do Barão de Caçapava ao coronel Reys, 11 de Janeiro, 11 de Abril de 1858 e uma sem data e assignatura.

Pelas redacções : *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Jornal de Minas*, *Gazeta de Mogymirim*, *Immigração*, *Nouveau Monde*, *Etoile du Sud*.

O Sr. prezidente observa, que achando-se dous membros da commissão de geographia, por justos motivos, constantemente impedidos de co-participarem dos respectivos trabalhos, nomeia para substituil-os interinamente os Srs. capitão de fragata Garcez Palha e Barão de Capenema e acrescenta, que, segundo uma nota deixada pelo finado prezidente, forão ha tempos nomeados para servirem interinamente na commissão de geographia : o Dr. Sacramento Blake ; na de Historia, Henrique Raffard ; na de admissão de socios, Visconde de Beaurepaire Rohan e conselheiro Alencar Araripe.

ORDEM DO DIA ·

O Sr. 1.º secretario procede a leitura dos seguintes pareceres :

1º A commissão de historia, obedecendo a ordem contida em avizo de 21 de Maio do corrente anno, leu com todo o cuidado os escriptos historicos do cidadão João Baptista Perdigão d'Oliveira, e vem hoje dar-vos conta dos seus estudos. Em todos os seus escriptos occupa-se da historia antiga do Ceará, com muita imparcialidade e pertinacia no estudo, demonstrando genio investigador, notavel propensão e gosto para esta ordem de trabalhos intellectuaes. E' 2.º secretario do Instituto do Ceará, isto é, occupa o lugar de um dos poucos sacerdotes, que n'um longinquo estado alimentam o fogo sagrado no

templo augusto da historia e da geographia, procuram e guardam as preciozidades historicas d'essa briosa patria de heroes e de martires, que muitos o foram ao soltar o grito de Independencia, que nos desligou da metropole e nos constituio nação livre e independente. Como todos estes predicados parece-nos, que devemos ser gratos aos consocios, que na sessão de 28 de Novembro de 1890 se lembraram d'este cidadão para vir coadjuvar-nos em nossas lidas. Seja elle bem vindo, tal é o nosso voto, que sujeitamos á uma esclarecida apreciação. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro na noite de 5 de Junho de 1891. Dr. *Cezar Augusto Marques. Henrique Raffard.* A' commissão de admissão de socios.

2.° A commissão de geographia, tendo examinado o trabalho *Almanak das Provincias,* aprezentado para servir de titulo de admissão do Sr. engenheiro civil Arthur Sauer ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro vem ponderar, que na referida obra encontrou uma discripção de algumas das ex-provincias brazileiras com informações uteis sobre a epoca de sua publicação relatimente á divizão geographica, a administração e a estatistica das localidades, a respeito das quaes se occupa o autor, que brevemente entregará ao prélo um novo trabalho identico sob o titulo de *Almanak dos Estados* segundo já foi annunciado. Attendendo pois ao real valor da mencionada obra e á illustração do distincto candidato a commissão julga, que o Instituto Historico e Geographico terá um excellente auxiliar na pessoa do Sr. engenheiro Arthur Sauer. Sala das sessões em 5 de Junho de 1891. *Luiz Cruls. Barão de Capanema. Jozé Egidio Garcez Palha.* A' commissão de admissão de socios.

3.° A commissão de admissão de socios, tendo prezente a proposta da meza para que se conceda diploma de socio benemerito ao Dr. Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe, é de parecer, attentas as qualidades que recommendam o indicado cidadão, que aquella proposta seja approvada, cumprida como se acha a condição exigida pelos estatutos. Sala das sessões do Instituto Historico 5 de Junho de 1891. *Manoel Francisco Correia. Jozé Luiz*

Alves. Sobre a meza para ser votada na seguinte sessão.

4.° A commissão de admissão de socios, tendo em consideração o parecer da commissão de historia sobre o trabalho do Sr. Dr. Clovis Lamarre e em attenção tambem aos signatarios da respectiva proposta para sua admissão em nosso gremio, é de parecer, que ao mesmo Sr. Dr. Clovis Lamarre seja conferido o titulo de socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Sala das sessões 5 de Junho de 1891. *Manoel Francisco Correia. Jozé Luiz Alves*. Sobre a meza para a sessão seguinte.

5°. A commissão de admissão de socios, tendo presente o parecer da commissão de historia relativo aos escriptos historicos do cidadão João Baptista Perdigão de Oliveira, pelos quaes entende poder ser admittido socio correspondente, julga a mesma commissão pelos fundamentos expostos n'aquelle parecer, que a respectiva proposta está no cazo de ser approvada. Sala das sessões 5 de Junho de 1891. *Manoel Francisco Correia. Jozé Luiz Alves*. Fica sobre a meza para ser votada na sessão seguinte.

6.° A commissão de admissão de socios, concordando com o parecer da commissão de trabalhos geographicos relativo aos trabalhos aprezentados pelo Sr. engenheiro Arthur Sauer, e verificando que no candidato concorrem todas as qualidades precizas para pertencer ao Instituto Historico, julga-o no cazo de ser proclamado socio effectivo. Sala das sessões 5 de Junho de 1891. *Jozé Luiz Alves. Manoel Francisco Correia*. Sobre a meza para ser votada na sessão seguinte.

O Sr. 1° secretario procede ainda á leitura da proposta do Barão de Capanema n'estes termos: Tendo-se procurado os fasciculos da Flora Brazileira de Martius, que faltam na collecção do Instituto e não tendo sido encontrados, convém que sejam reclamados da Bibliotheca Publica Nacional e encadernados os volumes que forem completados. Remetta-se ao Sr. 1.° secretario para providenciar.

Obtendo a palavra o Sr. Dr. Cezar Marques pondera, que conhece no Maranhão um distincto colleccionador

para quem pede uma das medalhas de bronze mandadas cunhar pelo Instituto em commemoração da Lei de 13 Maio de 1888; o que é concedido, cazo ainda exista alguma disponivel. Em seguida o Sr. prezidente lembra a conveniencia de serem remettidos para a commissão de redacção da *Revista Trimensal* os importantes documentos offerecidos pelo Sr. 3.º vice-prezidente do Instituto, general Dr. João Severiano da Fonseca; o que é approvado.

LEITURA

A convite do Sr. prezidente o orador interino commendador Jozé Luiz Alves faz a leitura das biographias dos senadores do imperio padre Lourenço Rodrigues de Andrade, coronel Jozé Carlos Mayrink da Silva Ferrão, conselheiro Jozé Joaquim Fernandes Torres e Francisco de Paula Pessoa.

Não havendo mais nada a tratar-se, o Sr. prezidente encerra a sessão.

Henrique Raffard,
2.º secretario.

8.ª SESSÃO ORDINARIA EM 19 DE JUNHO DE 1891

Prezidencia do Sr. conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro

A's 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs. conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro, Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello, capitão de fragata Jozé Egidio Garcez Palha, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, commendador Jozé Luiz Alves, Dr. Cezar Augusto Marques, majores Jozé Domingues Codeceira e Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto, Barão de Capanema, conselheiro Manoel Francisco Correia, Dr. Luiz Cruls, Marquez de Paranaguá e Henrique Raffard, o Sr. prezidente declara aberta a sessão. O 2º secretario Henrique Raffard lê a acta da sessão anterior, que é approvada.

O Sr. 1º secretario Dr. Teixeira de Mello dá conta do seguinte expediente:

OFFICIOS

Do reitor do externato do Gymnasio Nacional, pedindo numeros da *Revista Trimensal*, que faltam na collecção que possue o referido externato e a continuação dos que se publicarem. Do 1.º secretario do Centro Commercial do Porto, enviando um exemplar do *relatorio* da direcção do mesmo centro relativo á gerencia de 1890.

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. J. Remedios Monteiro: Inauguração da bibliotheca publica da Feira de Sant'Anna; Acta da installação da intendencia municipal da cidade da Feira de Sant'Anna e o relatorio do prezidente da camara municipal, dissolvida.

Pelo socio Dr. Cezar Marques, uma medalha para o muzeu. Da bibliotheca nacional *Paranduba Amazoniense ou Zochyma-uara paranduba*, por João Barboza Rodrigues 1872—1887. Pelo Sr. Vivien de Saint-Martin *Nouveau Dictionnaire de Geographie Universelle*. Pelas sociedades de geographia de Pariz, Anvers e Bordeaux *boletins*. Pelo conselho nacional de educação de Buenos-Aires *Monitor de la educacion comun*. Pela real academia de Historia de Madrid e bibliotheca nacional central Victor Emanuel di Roma *boletins*. Pela real academia de Lincei e associação rural del Uruguay *revistas*. Pela direcção *Il Brasile*, revista mensal. Pelo escripturario d'este Instituto as photographias dos Srs. Jozé Bonifacio, Candido Baptista, D. Manoel arcebispo da Bahia, padre Diogo Feijó, Saturnino de Souza Oliveira Coutinho, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, e Visconde de Sepetiba. Pelas redacções: *Diario da Bahia*, *Diario Popular*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Jornal do Recife*, *Jornal de Minas*, *Indicador Popular*, *Publicador Goiano*, *Brésil*, *Geographie* e *Etoile du Sud*.

O Sr. prezidente communica, que encontrando

diversas propostas e pareceres sem solução, remetteu-os para as respectivas commissões.

Obtendo a palavra o Sr. 1.° secretario, pergunta si foi encontrada a proposta relativa ao Sr. Aristides Marre, a qual foi aprezentada em sessão de 12 de Setembro de 1890, e o Sr. prezidente declara, que não, porém que á vista do interesse manifestado, nomeia relator da commissão para dar o precizo parecer ao Sr. Dr. Sacramento Blake, sendo a proposta reproduzida.

Em seguida o Sr. 1° secretario communica, que em solução ao pedido do Instituto dos fasciculos que lhe faltam da Flora Brazileira de Martius feito á bibliotheca nacional, ficou o Sr. Barão de Capanema de ir á mesma bibliotheca escolher pessoalmente aquelles fasciculos.

O Sr. 1.° secretario procede á leitura do seguinte:

1.° A commissão de geographia foi convidada a dar seu parecer sobre a proposta relativa á admissão do Sr. Arturo de Leon, na qualidade de socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, servindo-lhe de titulo de admissão o trabalho ultimamente publicado pelo mesmo senhor a respeito da industria mineira no Brazil. Este trabalho é uma memoria bem escripta e que muito se recommenda pelos dados de subido valor, que contém sobre a mineração no Brazil, extrahidas de documentos officiaes, informações de inspectores fiscaes de estabelecimentos de mineração e dos ultimos relatorios do ministerio d'agricultura.

A exploração das minas de ouro, até hoje, é feita por companhias européas. O autor da memoria aponta as seis de maior importancia no estado de Minas Geraes, indicando o recursos de que dispoem, os capitaes, operarios, empregados, a riqueza e producção de cada uma, n'um periodo determinado. Cinco d'essas empreza têm a respectiva séde em Londres, e uma em Paris. São avaliadas em 24 milhões de francos os capitaes empregados na mineração só no estado de Minas Geraes. As mais ricas jazidas auriferas do Brazil, observa o illustrado Sr. Arturo de Leon, apoiado na autoridade do sabio Eschewege, acham-se agrupadas em torno das tres grandes cadeias de montanhas meridionaes, a saber, a serra da

Mantiqueira, donde se destaca a da Espinhaço, que atravessa o estado de Minas-Geraes de sul a norte, penetrando no da Bahia e Pernambuco, a cadeia central das montanhas entre Minas Geraes e Goiaz e a do Araguaia e do Paraguay, onde são, de preferencia, explorados os terrenos de alluvião, até por menores emprezas particulares de mineração.

Trata igualmente o autor da memoria das minas de diamantes, que se encontram em varios estados, sendo sempre o de Minas-Geraes o que occupa o primeiro logar. Durante longos annos este estado abasteceu o mercado do Rio de Janeiro de grande quantidade de diamantes, até que, em 1870, diminuio a producção em consequencia do descoberto e exploração das minas do cabo da Bôa Esperança. As principaes jazidas se encontram no leito e nas margens dos rios, que cortam os estados de Minas-Geraes, Bahia, Paraná, Goiaz, Mato-Grosso e São Paulo.

Mostra a producção em certo periodo ; e recorda, que os diamantes mais notaveis, até hoje descobertos no Brazil, são a Estrella do Sul, de 254 quilates, e o de Mr. Dresden de 117 quilates de pezo.

Falla das minas de ferro, cuja riqueza na verdade é incomparavel, offerecendo dados, que fôra longo enumerar n'um parecer succinto como deve ser este, em que opinamos pela admissão do Sr. Arturo de Leon, approvada a respectiva proposta.

Sala das commissões do Instituto Historico 19 de Junho de 1891. *Marquez de Paranaguá. Luiz Cruls.*

2.° Propomos para socio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Leopoldo Arnaud, doutor em sciencias naturaes, membro de Instituto de França, cavalleiro da Legião de Honra, explorador americano, autor de varias obras, algumas das quaes offertadas á bibliotheca do Instituto servem de titulo para a admissão do Sr. Leopoldo Arnaud. Sala das sessões 5 de Junho de 1891. *Dr. Cezar Augusto Marques. Luiz Cruls. Henrique Raffard. Garcez Palha.* A' commissão subsidiaria de historia.

3.° Proponho para socio effectivo o Sr. Antonio Francisco Bandeira Junior, servindo de titulo para a sua

admissão o seu folheto publicado em 1890 sob o titulo *Repertorio Brazileiro*, e repleto de noticias historicas, relativas a diversos ramos da administração publica, taes como dos ministerios de D. Pedro I, das regencias, da menoridade do Sr. D. Pedro II e do segundo imperador, das dissoluções das camaras, das moedas do Brazil, da divida interna fundada. da divida fluctuante, da divida activa, da receita e despeza do Brazil, da taxa de cambio desde 1853 até 1889, das rendas de todas as alfandegas etc. etc.

Além disso o Sr. Bandeira Junior já publicou a *Crise financeira e o Elemento servil*, a *Historia das dissoluções da camara dos deputados*, a *Guia e formulario do eleitor* e das *Mezas eleitoraes*, e as *Noções de direito para todos*, e está no prélo o seu *Pantheon Brazileiro*. Por esta simples indicação conhece-se, que o Sr. Bandeira Junior dispõe de intelligencia, de actividade, e de amor ao trabalho, e com taes dotes, parece-me ser digno de ter um logar nas officinas das nossas fadigas em prol da Patria, que todos amamos. Sala das sessões do Instituto Historico na noite de 19 de Junho de 1891. *Dr. Cezar A. Marques*. A' commissão de historia.

4.° A commissão de admissão de socios, concordando com o parecer da illustrada commissão de geographia, é de opinião, pelos fundamentos e razões constantes d'aquelle parecer, que seja admittido como socio correspondente o Sr. Arturo de Leon. Sala das sessões do Instituto Historico 19 de Junho de 1891. *Manoel Francisco Correia. Jozé Luiz Alves. Barão de Capanema*. Sobre a meza para ser votada na sessão seguinte.

Corrido o escrutinio, são successivamente approvados como socio benemerito o socio correspondente Dr. Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe, socios correspondentes o Dr. Clovis Delamarre e João Baptista Perdigão de Oliveira, socio effectivo o engenheiro Arthur Sauer, e como taes são proclamados pelo Sr. prezidente.

Pede a palavra o Sr. Cezar Marques e procede á leitura de uma expozição, na qual faz vêr o quanto sente ter por algum tempo e por incommodos de saude de deixar de frequentar as sessões do Instituto, que tanto preza e

aprecia, promettendo fazer em seu favor tudo quanto lhe fôr possivel, mesmo auzente.

LEITURA

A convite do Sr. prezidente o Sr. commendador Jozé Luiz Alves lê as biographias dos finados senadores Jozé Thomaz Nabuco de Araujo, Manoel dos Santos Martins Velasques, Antonio Coelhode Sá Albuquerque e Jozé Manoel da Fonseca.

Não havendo mais nada a tratar, ás 9 horas o Sr. prezidente levanta a sessão.

Henrique Raffard,
2.° secretario.

9.ª SESSÃO ORDINARIA EM 3 DE JULHO DE 1891.

Prezidencia do Sr. conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro

A's 7 horas da noite, achando-se prezentes os Srs. socios Olegario Herculano d'Aquino e Castro, general Dr. João Severiano da Fonseca, Henrique Raffard, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, commendador Jozé Luiz Alves, Barão de Capanema, Jozé Verissimo de Matos e major Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto, o Sr. prezidente convida o Sr. major Silva Neto a servir de 2.° secretario, occupando o socio Henrique Raffard o lugar de 1.°, na falta do Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello; após o que foi declarada aberta a sessão.

Lida a acta da sessão anterior, é approvada sem alteração. Em seguida o Sr. 1.° secretario procede á leitura do seguinte:

EXPEDIENTE

Officios:

Do socio Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, pedindo exoneração do cargo de membro da com-

missão de trabalhos historicos, visto achar-se sobrecarregado no exercicio do que occupa na inspectoria geral de hygiene.

OFFERTAS

Pela imprensa nacional *Constituição da Republica* acompanhada das leis organicas publicadas desde 15 de Novembro de 1889; pela associação rural del Uruguay *revista*, junho 1891; pela sociedade de geographia de Tours *revista*, Janeiro, Fevereiro e Março, 1891; pela redacção *Il Brazile*, revista mensal; pelas sociedades de geographia de Paris, Berlin, Bordeaux e de Roma *boletins*; pela sociedade d'études indo-chinoises de Saigon *boletim*; pela bibliotheca nacionale generale Victorio Emanuele de Roma *boletim*; pela sociedade scientifica argentina *Añales*. Pelas redacções: *Diario da Bahia*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Jornal d Minas*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Estado do Espirito-Santo*, *Nouveau Monde*, *Geographie* e *Etoile du Sud*.

Obtendo a palavra o Sr. general Dr. João Severiano, communica ter recebidodo socio Frederico Jozé de Sant'Anna Nery, datada de Turin, 10 de Maio ultimo uma carta recommendando aos membros do Instituto o Dr. Vicenzo Grossi, lente da universidade de Genova e autor de obras apreciadas em toda a Europa, o qual vem ao Brazil em missão official do governo Italiano para estudar os assumptos relativos á immigração e meios de desenvolver as relações commerciaes dos dois paizes.

O Sr. prezidente responde, que o Instituto acolherá, como o merece, o illustre viajante professor de ethnographia americana. Obtendo novamente a palavra o general Dr. João Severiano diz, que, lendo hontem o estudo historico do Sr.Taunay a *Cidade de Mato-Grosso,etc.* vio algumas citações relativas á sua *Viagem ao redor do Brazil*, que não só por si como em homenagem ao distincto escriptor, acha de seu dever elucidar. Assim, entre outras, nota:

1.° Que na resposta do coronel Ricardo Franco ao commandante hespanhol, empregue o infinito *dezamparar*, no singular;

2.° Que dê a erecção do pelourinho da villa em 13 de Maio, quando o proprio auto da fundação da villa contraría essa asseveração ;

3.° Que escreva Oyenhausen Gravensberg por Œyenhausen Gravenberg ;

4.° Que estando em melhores condições do que ninguem para rezolver a questão de saber-se como Ricardo Franco, tendo morrido em Coimbra, acha-se sepultado em Mato-Grosso, é sensivel, que não o fizesse;

5.° Fica em duvida, do mesmo modo que ficou o nosso illustrado 1.° secretario, o Sr. Dr. Teixeira de Mello sobre a verdadeira inscripção tumular de Ricardo Franco;

6.° Ter eu confundido nações de indios ;

7.° Ter escripto Paupino por Poupino ;

8.° Attribuir-me a denominação da serra de Ricardo Franco dada em substituição da do Grão-Pará.

Ora, para que aquella minha obra pudesse ter algum merito e merecer attenção, busquei o mais possivel expurgal-a de erros e tambem de tudo o que pudesse trazer duvidas ao espirito do leitor. De um lado busquei ser o mais correcto possivel, nada transcrevendo de terceiro que não fosse cópia fiel ; de outro dezejei, que o que era meu sahisse tambem escorreito e puro, o que foi impossivel, mas seja isso desculpa n'uma obra volumoza, escripta e impressa logo, por quem nada pratíca em impressões.

Ainda evitei, o que cauzou sorpreza, adubar minhas narrativas com anecdotas e narrativas de perigos, alguns bem serios, por saber quão pouco credito se dá a taes contos dos viajantes quazi sempre tomados como hyperbolicos ou fabulagens.

A inscripção tumular de Ricardo Franco foi por mim copiada *ipsis litteris*, como o foram outros que encontrei, entre ellas as dos sinos de Casalvasco e a do forte do Principe da Beira.

Para bem tomar esta, já em parte duvidoza para quem a via de baixo, e ella n'uma altura de 10 metros, soccorri-me de escadas de mão, pessimas, quazi inserviveis que fiz emendar e por ellas fui copiar de perto a inscripção. Assim propendo mais a acreditar, que o

desamparar seja copiado do primeiro escripto que li, do que mesmo a erro de impressão ; Oyenhausen vi sempre escripto e agora mesmo póde-se verificar em todas as assignaturas d'esse governador, nos tres livros de officios e relatorios seus que ultimamente offereci ao Instituto. Sobre o de Ricardo Franco, em Villa-Bella, quiz saber do modo porque se fizéra a trasladação e em que anno, nada pude saber, nem mesmo do velho major Manso, n'essa occazião fóra da cidade.

Sobre a troca de nações de indios, todos errarião como eu. Pertencia á fazenda *Piraputanga*, do Barão de Villa-Maria, onde nos achavamos pelo S. João de 1875, e foi elle que nos trouxe para tomar-lhes vocabulos, e assim m'os apresentou. Ora, o Barão era conhecedor de toda a provincia, nascido e creado ali, conhecedor de varios dialectos, e os indios eram empregados na sua fazenda.

Como explicar tal engano?

Escrevi e escrevo Paupino por Popino, por que assim se assignava elle, seus descendentes e os seus contemporaneos ; sem se importarem do Popinius romano. E por que o Sr. Taunay não se assigna Thainay?

Finalmente já no livro do Quinquagenario do Instituto, appenso ao vol. 51 da *Revista Trimensal*, corrigi aquelle engano do pelourinho, do mesmo modo que os brazões das villas de Cuiabá e Mato-Grosso, publicando na integra, pela primeira vez, os autos de fundação d'essas villas.

O Sr. prezidente profere a seguinte allocução. Senhores. Sinto ter de communicar-vos, que ainda uma perda bem sensivel acaba de soffrer o Instituto no numero dos seus mais prestimosos consocios.

No dia 16 de Maio ultimo, na cidade de Uruguayana, falleceu o Revm. Sr. conego João Pedro Gay, francez de nascimento e brazileiro por naturalização, vantajosamente conhecido e apreciado, entre os cultores da literatura patria, pelos seus interessantes escriptos sobre historia, geographia e ethnographia do Brazil.

Na nossa *Revista Trimensal* se acha inserto um curiozo itinerario de viagem por 150 leguas do rio Uruguay

desde a foz do Passo-Fundo até São-Borja, escripto em 1858 e offerecido pelo autor a este Instituto.

Mais tarde a sua importante *Historia da Republica Jezuitica do Paraguay*, merecendo favoravel acolhimento da parte do Instituto em vista do judiciozo parecer do finado consocio conego Fernandes Pinheiro, servio-lhe de justo titulo de admissão ao nosso gremio.

Muitos outros trabalhos de reconhecido valor publicados na imprensa, denotando meditado estudo e pacientes investigações, tornaram recommendavel o nome do laboriozo escriptor, que acaba de descer ao tumulo, tendo feito parte d'esta associação literaria desde 1862.

De conformidade com os estatutos, faço aqui menção de tão lamentavel acontecimento, exprimindo em nome do Instituto um voto de pezar, que será lançado na acta, como homenagem devida á memoria de tão digno e illustrado consocio.

Em consequencia da escuza do socio Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake o Sr. prezidente indica o Sr. major Silva Neto para servir interinamente na commissão de historia.

ORDEM DO DIA

O Sr. 1.º secretario fez a leitura do seguinte parecer:

Foi proposto para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr.Dr.Arthur Vianna de Lima, Brazileiro, rezidente em Paris, servindo de titulo de admissão varias obras importantes por elle publicadas, sobre as quaes se pronunciou do modo mais favoravel a commissão de ethnographia e archeologia, em parecer firmado pelos dignos socios Dr. Ladisláu Neto e Barão de Capanema. A commissão de admissão de socios, concordando com a concluzão daquelle parecer julga, que a proposta está no cazo de ser approvada. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 3 de Julho de 1891. *Manoel Francisco Correia. Jozé Luiz Alves.* Fica sobre a meza para ser votada na sessão seguinte.

Tendo ficado sobre a meza o parecer da commissão de admissão de socios, relativo á admissão no Instituto do Sr. Arturo de Leon, o Sr. prezidente manda correr o

escrutinio, sendo então unanimemente approvado o proposto e acclamado socio correspondente o Sr. Arturo de Leon.

O Sr. commendador Jozé Luiz Alves participa, que breve seguirá para a Europa o Sr. Francisco Vieira Monteiro, do nosso corpo diplomatíco, pessoa que poderia ser incumbida da entrega das medalhas mandadas cunhar por iniciativa do Sr. Navarro de Andrade em signal de gratidão do povo brazileiro pelos serviços prestados a S. M. o Imperador D. Pedro II pelos seus distinctos facultativos; é approvada a indicação.

O Sr. prezidente depois de uma curta expozição sobre o estado em que se acha a bibliotheca do Instituto, que merece maiores cuidados, lembra a conveniencia de ser contratada pessoa habilitada para reorganizar a bibliotheca, fazendo o respectivo catalogo e acrescenta, que a meza tem encarregado o Sr. thezoureiro de se entender n'esse sentido com o Dr. Antonio de Castro Lopes.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe responde ter fallado com o Dr. Castro Lopes, que aceita a dita missão, pelo que será precizo augmentar um pouco as despezas ordinarias do Instituto; porém que julga conveniente fazel-o para a boa ordem e guarda de muitas obras e documentos valiozos.

Observa o Sr. Henrique Raffard, que sem duvida todos confiam plenamente na dedicação dos Srs. conselheiros Aquino e Castro e Alencar Araripe e mais acertadamente procederiam deixando-lhes carta branca para contratar quem lhes aprouver, fixando os respectivos honorarios e cortando ou deixando de cortar quaesquer outras verbas de despeza; o que foi approvado.

LEITURA

A convite do Sr. prezidente o Sr. commendador Jozé Luiz Alves leu as biographias dos finados senadores Jozé Rodrigues Jardim e Saturnino de Souza Oliveira Coutinho.

O Sr. prezidente deu por terminada a sessão ás 9 horas da noite.

Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto.
Servindo de 2º secretario

10ª SESSÃO ORDINARIA EM 17 DE JULHO DE 1891

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 7 horas da noite, prezentes os Srs. conselheiro Olegario H. d'Aquino e Castro, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, conselheiro Manoel Francisco Correia, Henrique Raffard, Jozé Luiz Alves, Jozé Domingos Codeceira, Dr. Alfredo do Nascimento e capitão de fragata Garcez Palha, o Sr. prezidente abriu a sessão, servindo de 1° secretario o Sr. Henrique Raffard e de 2° Sr. Garcez Palha. Procedeu-se á leitura da acta da sessão anterior, e sendo approvada, o Sr. 1° secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios : Do secretario militar do generalissimo prezidente da Republica, accusando, em nome do mesmo generalissimo o diploma de prezidente honorario do Instituto e agradecendo, penhorado, a consideração tributada a sua pessoa ; do secretario da Sociedade Geographica de Lima, enviando o primeiro numero do *Boletim* ; do Sr. Edmond Marchal, communicando ter sido eleito secretario perpetuo da Academie Royale des Sciences des Lettres et des Beaux-Arts, em substituição do fallecido Sr. J. B. J. Liage ; do chefe da directoria Central da Secretaria d'Estado dos Negocios da Agricultura, commercio e obras publicas, remettendo dois exemplares impressos de cada uma das seguintes obras : Relação dos contractos celebrados para introducção e localisação de immigrantes ; relatorio apresentado ao chefe do Governo Provisorio pelo general Francisco Glicerio (1890) ; relatorio apresentado ao Prezidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil pelo Barão de Lucena ; do director da Bibliotheca Nacional, accusando o recebimento da *Revista* do Instituto ; do governador do Estado da Parahiba, enviando a mensagem que leu em 25 de Junho proximo passado ao Congresso Constituinte do mesmo

Estado; do consocio major Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto, participando achar-se infermo e por isso não poder comparecer á sessão.

Foram aprezentados as seguintes

OFFERTAS

Os Srs. Alves da Veiga e Jozé Pereira Sampaio, Manifesto dos emigrados da Revolução Republicana Portugueza de 31 de Janeiro de 1891; do Sr. Dr. C. E. Welch Veneland, de New Jersey, *The african*, 1891, Junho n. 1; da bibliotheca de *Université Royale Noruège* em Christiania, as seguintes obras: *Bugge Etrushisch und Armenisch e Briefe Ab handhungen*, n. 8; por intermedio da Bibliotheca Nacional remettida pela *Smithsonian Institution*, *Transaction the canadian Institute*, n. 2, 1° vol. parte, 2ª march 1891 e Fourth Annual Report of the Canadian Instituto; do Observatorio Astronomico suas revistas; da Universidade Central *El Educador* seus annaes, serie 4ª n. 36; do Correio geral da Republica dos E. U. do Brazil, boletim postal n. 4; das Sociedades de Geographia de Bruxellas, de Paris e de Greefsward, seus *boletins*; das respectivas redacções: *Diario da Bahia*, *Diario Popular*, *Jornal de Minas*, *Jornal do Recife*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Cachoeirano*, *Noveau-Monde*, *Brésil*, *Etoile du Sud*; pelo socio benemerito Antonio Jozé Dias de Castro, um volume, contendo as seguintes obras *Inviolabilidade da Independencia do Brasil*; *Historia da Revolução do Brazil*; finalmente o Sr. prezidente, em nome do Sr. Lafayette de Toledo, da cidade de Caza Branca, em São Paulo, offerece um exemplar do drama historico *Tiradentes* ou a Inconfidencia em Minas-Geraes, escripto por Candido Jozé da Mota e publicado em Santos, em 1853; considera o offertante esse volume como uma raridade bibliographica, por se achar esgotada a unica edição que se fez do drama, e ter pertencido o exemplar offerecido ao notavel pintor e escriptor Miguel Archanjo Benicio Dutra, assignado no mesmo exemplar.

Declara ainda o offertante ter enviado ao Instituto por intermedio do nosso consocio Visconde de Beaurepaire Rohan, os volumes de sua obra *Monographia da Caza Branca*; resolveu-se que se accussasse o recebimento e se agradecesse.

O Sr. thezoureiro apresenta o balancete de receita a despeza do Instituto, durante o primeiro semestre do corrente anno, e pede que se officie ao governo solicitando o pagamento da consignação do segundo semestre do corrente anno.

O Sr. commendador Jozé Luiz Alves faz sciente, que as medalhas de ouro que, por subscripção popular foram cunhadas para serem offertadas aos medicos que trataram do Sr. D. Pedro II, em sua infermidade, foram entregues ao Sr. Barão de S. Joaquim, que para a Europa seguiu no dia 14 e que se comprometteu a entregal-as, com o officio do Instituto ao Sr. Conde de Mota Maia.

Resolveu-se dar uma collecção da Revista do Instituto á intendencia municipal de Santos, que a pedio, remettendo-a ao nosso consocio Candido Gaffré.

Por proposta do Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia resolveu-se reunir os socios benemeritos, afim de decidir-se sobre o melhor meio de adquirir a quantia sufficiente para a compra ou edificação de um predio, onde funccione o Instituto.

O mesmo Sr. conselheiro propõe, que se celebre uma sessão solemne no dia 12 de Outubro de 1892, em homenagem á descoberta da America, e que n'esse dia se publique uma edicção especial do poema *Colombo*. Approvada unanimemente esta proposta, o Sr. prezidente declara, que opportunamente se tratará do meio pratico de leval-a a effeito.

O Sr. thezoureiro communica, que contractou com o Dr. Antonio de Castro Lopes o serviço de catalogação da bribliotheca do Instituto, obrigando-se a dar-lhe o vencimento de 200$000 mensaes ; lembra a necessidade de adquirirem-se novas estantes do modelo adoptado na Bibliotheca da Marinha e de serem as encadernações feitas na caza de correcção. Foi approvado o contracto.

O Sr. prezidente, em seguida, declara, que o finado presidente commendador Joaquim Norberto de Souza Silva estava desde muito trabalhando na confecção de um indice ou catalogo remissivo, que lhe consta achar-se esse trabalho bastante adiantado, e que conviria por tanto solicitar-se da familia d'aquelle prestimozo consocio a remessa ao Instituto. Foi incumbido o Sr. Dr. Alfredo do Nascimento de entender-se a respeito com o filho do mesmo commendador.

ORDEM DO DIA

O Sr. prezidente profere a seguinte allocução:

Senhores. No espaço de bem pouco tempo tem passado o Instituto pelo desgosto de registrar a perda de diversos consocios, recommendaveis á nossa estima pelos seus serviços, talentos e illustração. Hoje infelizmente ainda nos cabe deplorar a perda de mais dous presados consocios o Sr. Barão de Souza Queiroz, ex-senador do Imperio, e Dr. Francisco Ignacio Ferreira, chefe de secção aposentado da secretaria d'agricultura, fallecidos o 1° em S. Paulo a 4 do corrente; e o 2° nesta capital em data de ante-hontem.

Em sua longa e laboriosa existencia deu o velho e honrado paulista Sr. Barão de Souza Queiroz, significativas provas de seus puros e elevados sentimentos, servindo seu paiz com dedicação e lealdade, occupando na sociedade civil com nobreza e dignidade a eminente posição que soube conquistar por seus merecimentos e espargindo com mãos francas e dadivosas os beneficios de sua inexgotavel caridade, em favor da pobreza e da orphandade, privadas fatalmente agora do arrimo de tão generoso protector. Pertencia o illustre finado a nossa associação desde 1845, na qualidade de socio correspondente.

O Sr. Dr. Francisco Ignacio Ferreira era nosso companheiro desde 1885; moço ainda, trabalhador e devotado ás letras e ao serviço do Estado, a que por muitos annos prestára o concurso de sua actividade e variada illustração, muito nos poderia ainda coadjuvar na missão de que somos incumbidos, si tão cedo não tivessemos o infortunio

de perdel-o. Seus importantes trabalhos intitulados—*Diccionario Geographico das Minas do Brazil* e *Repertorio juridico dos Mineiros,* além de outros sobre assumptos de subido interesse publico, bem demonstram suas habilitações literarias e são por nós justamente apreciados, tendo servido ao autor de titulo de admissão ao nosso gremio.

De conformidade com os Estatutos cumpre o Instituto o seu dever, fazendo, na acta, menção do sentimento de pezar de que se acha possuido pelo fallecimento de tão dignos e estimaveis consocios.

São lidos os pareceres da commissão de admissão de socios relativos aos Srs. Dr. Julio Banadas Espinosa e Evaristo Affonso do Castro. Ambos estes pareceres ficam sobre a meza, afim de serem votados na proxima sessão.

Corre o escrutinio secreto para admissão do Sr. Arthur Vianna de Lima, que é unanimemente acceito e proclamado socio correspondente do Instituto.

Finalmente o Sr. commendador Jozé Luiz Alves lê a biographia dos falecidos senadores Joaquim Vieira da Silva Souza e Frederico de Almeida Albuquerque.

A's 9 horas da noite o Sr. prezidente levantou a sessão.

Garcez Palha
Servindo de 2º secretario.

11ª SESSÃO ORDINARIA EM 31 DE JULHO de 1891

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 7 horas da noite achando-se prezentes os Srs. conselheiro Olegario H. d'Aquino e Castro, Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, conselheiro Manoel Francisco Correia, major Jozé Domingues Codeceira, commendador Jozé Luiz Alves, major Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto e Henrique Raffard, o Sr. prezidente declara aberta a sessão.

O 2.° secretario Henrique Raffard participa ter recebido communicação de se achar doente, de cama, o distincto consocio capitão de fragata Garcez Palha, que não pôde preparar a acta da ultima sessão como lhe competia, tendo servido de 2.° secretario. O 1.° secretario Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: Do Sr. Barão de Alencar remettendo cópia da circular que a Sociedade de Geographia de Madrid, organisadora do Congresso Geographico Hispano-Americano, dirigio á legação dos E. U. do Brazil, convidando-a para tomar parte nos trabalhos respectivos, bem como ás sociedades ou pessoas que possam concorrer ao congresso directa ou indirectamente. Do Sr. Venancio Neiva, communicando que em data de 25 de Junho foi eleito governador do Estado da Parahiba e no dia immediato assumiu o cargo. Do secretario da Real Academia de Historia de Madrid, agradecendo pela remessa do tomo 53 da *Revista* da Instituto. Do secretario da Sociedade de Geographia Americana de New York, enviando a lista dos numeros da *Revista* do Instituto, que possue sua bibliotheca e pedindo os que faltam para completar a collecção. Do encarregado do Departamento Geologico dos Estados Unidos, em Washington, enviando a lista dos numeros da Revista do Instituto, que possue e pedindo os que não tem, afim de completar a collecção. Do secretario da « Naturforschenden Gesellschaft des Orterlandes», em Altenburgo, pedindo os numeros da Revista do Instituto, que precisa para completar a collecção. Do secretario da Smithsonian Institution agradecendo pela remessa do volume 53, parte 2.ª de 1890 da Revista do Instituto. Do bibliothecario da Instituição P. Teyler van der Kulst agradecendo pela remessa do tomo 53 e pedindo os tomos de 48 a 52, que não recebeu.

OFFERTAS

Pelo socio Henrique Raffard, em nome do socio capitão de fragata Garcez Palha: 1.° Uma photographia do almirante Mariath, que restaurou a Laguna em 15 de

Novembro de 1839 e que já se tinha tornado notavel como valente e denodado não só no Pará, como, principalmente na campanha da Cisplatina (1825-1828) nos combates da colonia de Sacramento (Fevereiro e Março 1826) na defeza da corveta *Maceió* (Janeiro de 1827) e na guerra civil do Rio Grande do Sul; photographia esta reproduzida de uma (a unica que existe) pertencente a uma filha d'aquelle almirante. 2.º Ephemerides Navaes, fasciculo 3.º de 1890. Pela imprensa nacional o *fac-simile* da Constituição dos E. U. do Brazil promulgada em 24 de Fevereiro de 1891 pelo Congresso Constituinte. Pelo Sr. Dr. Emile Coni « *Progrès de l'hygiene publique dans la République Argntine*.» Pela secretaria de guerra o relatorio aprezentado ao prezidente da Republica dos E. U. do Brazil, pelo general de divizão Antonio Nicolau Falcão da Frota, ministro d'estado dos negocios da guerra em Junho de 1891. Pelos empregados da alfandega do Estado do Ceará, Reclamação dirigida ao Congresso Nacional, 1891. Pelo Observatorio Astronomico a sua *Revista*, anno 6º, n. 6. Pela Associação Rural do Uruguay, *Revista*, tomo 20, n. 13. Pelas Sociedades de Geographia de New-York, da Australazia, do Mexico e d'Anvers seus *boletins* Pela Real Academia de Historia de Madrid o seu *boletim* caderno 6 de 1891. Pelas redacções: *Diario Popular*, *Gazeta de Mogimirim*, *Jornal do Recife*, *Jornal de Minas*, *Caxoeirano*, *Brésil*, *Nouveau-Monde*, *Etoile du Sud*.

Sobre proposta do Sr. prezidente foi resolvido attender-se aos pedidos de *Revistas* acima mencionados.

Achando-se na sala immediata o Sr. commendador Antonio Jozé Gomes Brandão foram nomeados os Srs. Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello e Henrique Raffard para em commissão recebel-o e acompanhal-o á sua cadeira. Cumprida essa formalidade o Sr. prezidente em breves palavras saúda o novo associado, que obtendo a palavra agradece a distincção, que recebeu da parte do Instituto Historico e Geographico Brazileiro e promette esforçar-se em prol do seu engrandecimento. Responde o orador commendador Jozé Luiz Alves, congratulando-se com o Instituto pela felicissima admissão do Sr. commendador

Antonio Jozé Gomes Brandão, cujo valiozo auxilio é mais uma garantia para o seu porvir.

O socio conselheiro Manoel Francisco Correia declara não poder deixar de tomar a palavra para occupar-se tambem da pessoa do recipiendario, lembra os innumeros serviços prestados pelo commendador Gomes Brandão á corporação commercial, ao Lyceu de artes e officios, a diversas instituições de caridade e outras e, conhecendo quanto póde o distincto consocio, d'elle espera muito, contando desde já com a sua efficaz cooperação para que o Instituto Historico possa em breve ter um edificio proprio e digno de seus fins, como tem tantas outras associações d'esta capital.

O Sr. prezidente communica ter recebido, ha dias, do Sr. conselheiro Jozé da Silva Costa, advogado e procurador do Sr. D. Pedro de Alcantara, o officio que passa a lêr:

«Illm. Exm. Sr. conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro. Em nome de Sua Magestade o Imperador, e conforme suas ordens, peço a V. Ex., que, de accôrdo com os Exms. Srs. Visconde de Taunay, Visconde de Beaurepaire Rohan e Dr. João Severiano da Fonseca, se sirva separar dentre os livros do mesmo Augusto Senhor, aquelles que possam interessar ao Instituto Historico, afim de fazerem parte da respectiva bibliotheca, devendo esses livros ser collocados em lugar especial com a denominação de D. Thereza Christina Maria ; sendo os outros livros destinados á Bibliotheca Nacional, que os collocará em lugar especial tambem e com igual denominação. Sua Magestade dôa, além disso, ao mesmo Instituto o seu muzeu, no que tenha relação com a ethnographia e a historia do Brazil ;destinando ao Muzeu do Rio de Janeiro a parte relativa a sciencias naturaes, a mineralogia, bem como os herbarios, o que tudo deve ser collocado em lugar especial sob a denominação de Princeza Leopoldina. Na esperança de que V. Ex. acceitará esta incumbencia, antecipo os devidos agradecimentos e subscrevo-me com a segurança de minha distincta consideração. De V. Ex. attento venerador, criado e

obrigado. *Dr. Jozé da Silva Costa.* Rio de Janeiro, 6 de Julho de 1891.»

O Sr. prezidente accrescenta, que em officio posterior datado de 8 do mesmo mez, foi feita a seguinte rectificação :—A denominação que deve ser dada á collecção de ethnographia e historia e parte da bibliotheca é de Imperatriz Leopoldina e não Princeza D. Leopoldina.

Em desempenho d'esta honroza commissão, diz o Sr. prezidente, que os acima nomeados estão tratando de levar a effeito a separação ordenada, afim de terem em tempo tão preciozos objectos o devido destino ; corre-nos agora o dever de agradecer ao nosso augusto e sempre generozo protector, mais esta prova de interesse, de favor e de consideração com que se digna de honrar o Instituto Historico, que se préza de ser grato e reconhecido a quem por tantos titulos é credor de toda a nossa estima, respeito e profunda veneração.

O Sr. prezidente observa, que a offerta está feita, o beneficio recebido e apenas falta fazer-se a arrecadação, que depende do Instituto, e assim desde já deve elle manifestar o seu agradecimento por tão preciozo e raro donativo e n'este intuito propõe, que se dirija a S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara o officio cuja leitura faz, sendo approvada a redacção para ser assignada pela meza e pelos demais socios, que o queiram fazer.

O Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia propõe ainda, que na acta de hoje se lavre um voto do mais profundo reconhecimento do Instituto Historico e Geographico Brazileiro a seu excelso protector por essa dadiva tão grande como excepcional e por isso sem exemplo até hoje, o que é approvado.

Em seguida o Sr. prezidente deu interessantes informações sobre a raridade e riqueza dos objectos offertados, que vem opulentar a nossa bibliotheca e museu, concorrendo para que com estes bons auxilios possa o Instituto bem desempenhar as funcções a que se destina. Os livros e objectos serão colleccionados e collocados nos novos salões, que acabam de ser cedidos ao Instituto.

O Sr. 1° secretario procede a leitura do seguinte:

1°. Propomos para socios benemeritos os Srs. commendadores Manoel José da Fonseca e Joaquim Caetano Pinto Junior. Sala das sessões do Instituto Historico, 31 de Julho de 1891. *O. H. d'Aquino e Castro. J. A. Teixeira de Mello. Henrique Raffard. T. Alencar Araripe. José Luiz Alves.* Remettida com urgencia á commissão de admissão de socios.

2°. A commissão dos trabalhos historicos incumbida de emittir parecer a respeito da proposta para admissão do Sr. Aristides Marre como socio correspondente d'este Instituto sobre a apreciação dos multiplos e differentes fructos dos estudos mathematicos, historicos e linguisticos do illustre proposto, referidos na noticia impressa das suas lucubrações scientificas e literarias pela maior parte publicadas em Roma e em Pariz, de que alguns originaes e traducções consta serem possuidos pela Bibliotheca Nacional, revelando a vocação do autor para o sacerdocio das letras e das sciencias positivas, não hesita em opinar pela acceitação. Comquanto a mesma commissão não tenha a vista senão a memoria biographica sobre o poeta portuguez contemporaneo Francisco Gomes de Amorim, a qual acompanhou a referida noticia, todavia entende não dever exigir-se mais do que o Instituto Real das Indias Neerlandezas, a Sociedade das Artes e Sciencias de Batavia, as Academias Reaes das Sciencias de Turim, de Lisboa, Peloritana de Messina, de Acireato e de outras corporações scientificas e literarias se anteciparam em admittil-o como socio correspondente. Além d'isto em sua carta de 27 de Julho do anno proximo passado, que dirigiu ao nosso honrado e illustrado consocio, digno 1° secretario Sr. Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, manifesta este sabio estrangeiro o ardente dezejo que o anima de prestar a nossa patria e ao Instituto todos os serviços que estiverem ao seu alcance, o que augura-nos um correspondente dedicado e util. Em 30 de Julho de 1891. *Joaquim José Gomes da Silva Neto. Henrique Raffard.* Remettido depois de approvado á commissão de admissão de socios, servindo de relator o Sr. commendador José Luiz Alves.

3°. A commissão de admissão de socios, a qual foi enviada a proposta da meza para que se confiram diplomas de socios benemeritos aos commendadores Manoel Jozé da Fonseca e Joaquim Caetano Pinto Junior, attendendo ás qualidades que recommendam os indicados cidadãos, é de parecer, que a proposta seja approvada, uma vez satisfeita a condição dos estatutos. Sala das commissões do Instituto Historico em 31 de Julho de 1891. *Manoel Francisco Correia. Jozé Luiz Alves.* Fica sobre a meza para ser votado em tempo.

O Sr. thezoureiro do Instituto communica, que recebeu do commendador Urbano de Faria o donativo de 2:000$000; e correndo o escrutinio é o mesmo commendador approvado por unanimidade de votos como socio benemerito.

LEITURA

A convite do Sr. prezidente o orador commendador Jozé Luiz Alves lê as biographias dos finados senadores do imperio Jozé Joaquim Nabuco de Araujo (1° barão de Itapoan), Manoel do Nascimento Castro Silva, Manoel Antonio Galvão e Angelo Carlos Muniz.

A's 9 horas da noite foi levantada a sessão.

Henrique Raffard
2° secretario

12ª SESSÃO ORDINARIA EM 14 AGOSTO DE 1891

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 7 horas do noite, estando prezentes os socios conselheiro Olegario H. d'Aquino e Castro, Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello, o capitão de fragata Jozé Egidio Garcez Palha, commendador Jozé Luiz Alves, conselheiro Manoel Francisco Correia, Barão de Capanema, major Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto, commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, major Jozé Domingos Codeceira e Henrique Raffard, o Sr. prezidente declara aberta a sessão.

Obtendo a palavra o capitão de fragata Garcez Palha, que occupou o lugar de 2° secretario na sessão de 17 de Julho, faz a leitura da respectiva acta, que por incommodo de saude não pôde enviar na sessão do dia 31, acta que é approvada sem debate e em seguida o 2° secretario Henrique Raffard procede á leitura da acta da ultima sessão, que é igualmente approvada.

O Sr. 1° secretario Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios : Do Sr. Guilherme A. Seoane, ministro da republica Peruana, accusando a recepção do seu diploma de socio honorario do Instituto e annunciando a sua presença n'esta sessão. Do Sr. director da Bibliotheca Nacional, pedindo uma collecção da *Revista* do Instituto para a Academia das Sciencias Naturaes de Philadelphia, que a requizitou. Do archivista da bibliotheca do Estado do Espirito-Santo, Sr. Bazilio Carvalho Daemon, pedindo os numeros da *Revista* do Instituto desde 1885, bem como os supplementos e avulsos que tiverem sido publicados. Do official de gabinete do governador do Espirito-Santo, acompanhando um exemplar da constituição do mesmo Estado, promulgado pelo Congresso Constituinte em 20 de Julho ultimo.

OFFERTAS

Pela imprensa nacional «Decretos do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil» 1890. Pelo Departamento nacional de hygiene de Buenos Aires, *Annales* 1891. Pelo Sr. Vivien de Saint-Martin, *Nouveau Dictionnaire de Geographie Universelle*. Pela Sociedade physica economica de Koenisgberg o seu relatorio. Pelo Observatorio Astronomico *revista*. Pela Bibliotheca de Marinha *Revista*. Pela associação rural del Uruguay *revista*. Pela societé de géographie de Tours *revista*. Pelas sociedades geographicas de Pariz, Bordeaux, Cairo, Roma, Saint Gallen e Lima *boletins*. Pelas sociedades archeologica Drüztre, Africana da Italia, Bibliotheca Nacional

central Victor Emmanuel de Roma, directoria do correio geral da capital federal os respectivos *boletins*. Pela real academia dei Lincei de Roma *Atti*. Pelas respectivas redacções : *Diario da Bahia*, *Jornal do Recife*, *Diario Popular*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Jaboticabal*, *Club Curitibano*, *Caxoeirano*, *Nouveau-Monde*, *Brésil*, *Etoile du Sud*.

O Sr. prezidente pondera, que lhe parece conveniente attender aos pedidos de nossas *Revistas* feitos pelas mencionadas associações literarias ; o que é approvado.

Em seguida profere a seguinte allocução:

«Senhores! Sinto ter de communicar-vos, que no dia 7 do corrente falleceu o nosso distincto e illustrado consocio Dr. Manoel da Costa Honorato, monsenhor protonotario Apostolico, prelado domestico de Sua Santidade, conego honorario da cathedral de Rio de Janeiro, ex-professor de rhetorica e poetica e ultimamente vigario da freguezia da Gloria nesta capital. Foi uma perda muito sensivel para o Instituto, que sabia prezar devidamente as qualidades moraes e intellectuaes do finado consocio, tão recommendavel pelo seu caracter e posição social, como pela sua illustração, revelada em diversos trabalhos de importancia literaria, como o *Diccionario topographico, estatistico e historico de Pernambuco*, *Synopse da eloquencia e poesia nacional*, *Descripção topographica da ilha do Bom Jesus*. Fazia parte da nossa associação desde 1871, sendo pelo seu merecimento elevado de socio effectivo á categoria de honorario em 1889.

« De conformidade com os nossos Estatutos, far-se-ha menção na acta de hoje de tão lamentavel acontecimento, e do profundo pezar de que se acha possuido o Instituto pela perda de tão digno e estimavel consocio.»

ORDEM DO DIA

Sendo informado da prezença do Sr. Arthur Sauer, recentemente admittido ao gremio deste Instituto, o Sr. prezidente nomeou os Srs. 1° e 2° secretarios para irem em commissão recebêl-o e acompanhal-o a sua cadeira, e cumprida essa formalidade o mesmo Sr. prezidente

congratula-se com o Instituto pela admissão de tão illustre socio, que além dos titulos de saber que tanto o recommendam, acaba de dar uma alta e significativa prova de sua generosidade offertando aos cofres do Instituto, por intermedio do socio Henrique Raffard, a quantia de um conto de reis, em um cheque sobre o Banco do Commercio.

Dada a palavra ao Sr. engenheiro Arthur Sauer, pronunciou elle delicadas phrases de agradecimento pela subida honra de que foi alvo, com a inclusão de seu nome entre os dos associados do Instituto e prometteu esforçar-se tanto quanto possivel fôr para bem corresponder a essa distincção que muito aprecia.

O orador interino do Instituto, commendador José Luiz Alves, dirige então ao recipiendario o discurso seguinte :

« Sr. Dr. Arthur Sauer :

« E' sempre com o mais véro jubilo que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro vê transpor suas portas novos associados que, por seus honrosos precedentes, dão as mais vivas garantias de dedicação ao seu engrandecimento, e disso dão alta e viva prova as delicadas phrases com que o illustre recipiendario patenteia o seu vivo reconhecimento por fazer parte desta illustrada associação. O Instituto, assim procedendo, nada mais fez do que justiça aos muitos serviços que exornam a pessoa do Sr. Dr. Sauer. Nascido na cidade de Trier, na Prussia Rhenana, a 28 de Abril de 1840, tendo por seu illustre progenitor o Sr. Dr. Pedro Sauer, habilissimo jurisconsulto e distincto advogado no fôro daquella cidade, na Allemanha fez o curso de humanidades, e, em premio de seus estudos, recebeu o diploma de engenheiro architecto. Mereceu-lhe predilecção a carreira das armas, no batalhão de artilharia, no reino da Prussia; conquistou por actos de distincção e bravura a banda de official, e assim tomou activa parte na campanha franco-allemã, provando nos campos de batalha rara coragem, denodo e sangue frio, vendo sibilar as balas e rebentar as metralhas que por toda parte semeavam estragos e mortes.

« Ao voltar da guerra dedicou-se com afan á vida industrial tomando sobre si a direcção da importante

fabrica de Ladrilhos e Mosaicos de Willeroy & Boch, em Melker, nos Estados da Allemanha, onde provou até a evidencia uma rara actividade. Enviado a capital da republica franceza para ahi fazer a propaganda dos productos dessa fabrica abrio uma casa commercial que habilmente dirigio por espaço de seis annos. No anno de 1872 partio para o Rio de Janeiro, onde estabeleceu nova casa por sua conta propria e de accôrdo com a importante fabrica de Melker.

«Consorciando-se com uma das filhas do finado Sr. Henrique Laemmert, irmão do nosso finado e pranteado consocio, Eduardo Laemmert, entrou em 1879 como socio do mais que antigo e acreditado estabelecimento typographico de Laemmert & C., e nelle tem permanecido até hoje como socio solidario daquella respeitavel firma, tomando sobre si a direcção especial das officinas e a redacção da importante obra, que ha 48 annos, sem interrupção tem sido publicada e procurada com avidez o «Almanak de Laemmert». Por sua intervenção na redacção desta obra soffreu ella notavel e completa reforma, addicionando-lhe o «Almanak das Provincias» onde fez uma descripção geographica mais que notavel pelas difficuldades que teve de arcar para conseguir tão explendidos resultados.

« Foi este o titulo pelo qual seu nome foi proposto e aceito pelo Instituto Historico Geographico Brazileiro, que já era mais que sufficiente para realçar seu merecimento, se outros titulos o não recommendassem a gratidão do paiz. A' classe operaria menos afortunada dedicou toda a sua energia e actividade. Fundou uma empreza para edificar habitações hygienicas e economicas, que encontrou nos altos poderes do Estado a mais decidida protecção quer no tempo do Imperio, quer depois do advento da Republica.

« Ahi estão prosperando e attestando sua perseverança e esforços os edificios construidos pela Companhia Saneamento do Rio de Janeiro, como sejam as villas: Ruy-Barbosa, Senador Soares, Arthur Sauer, Maxwell e Sampaio, que são de certo mais que sufficientes para pôr em relevo seu nome. Como se ainda fôra pouco, quiz ainda no

dia de hoje em que pela primeira vez comparece para tomar posse de sua cadeira dar alta e significativa prova de generosidade offertando aos cofres do Instituto o importante donativo de 1:000$000.

« Como orgão do Instituto Historico saúdo o novo recipiendario agradecendo-lhe as expressões delicadas com que externou seu reconhecimento, e bem assim a generosa offerta que fez aos cofres desta instituição, esperando do novo socio effectivo «seu constante comparecimento ás sessões para tomar activa parte nas investigações da historia. »

A's 8 horas é annunciada a chegada do Exm. Sr. D. Guilherme A. Seoane, ministro plenipotenciario do Perú, o qual se acha na sala de espera para onde se dirigem, á convite do Sr. prezidente, os Srs. Dr. Teixeira de Mello e Henrique Raffard, 1.° e 2.° secretarios, afim de conduzir o novo consocio á sua cadeira na sala das sessões.

Cumprida esta formalidade com a solemnidade do estilo, toma assento D. Guilherme A. Seoane e o Sr. prezidente em lisongeiras phrases dirige ao novo socio honorario as devidas felicitações pelo seu ingresso n'este Instituto, que muito espera do luminoso talento do illustre cidadão, cujo nome é vantajozamente conhecido nos dominios da historia e da literatura e justamente considerado nas altas regiões sociaes e politicas em que se tem distinguido.

O Sr. D. Guilherme A. Seoane responde nos seguintes termos a esta saudação:

« Aceito com summo prazer a palavra que se digna conceder-me o Sr. prezidente, pois dezejo agradecer não só os benevolos conceitos que lhe inspirou a minha admissão, como a mui apreciada distincção que meus novos collegas me fizeram concedendo-me o diploma de socio honorario deste prestigiozo Instituto.

« Comquanto me houvesse dedicado durante muitos annos aos estudos literarios na universidade de Lima, os meus modestos trabalhos não me dão seguramente direito a tomar assento ao lado de homens conspicuos do Brazil que, pela notoriedade dos seus talentos, mereceram lhes abrisse suas portas este fóco de illustração.

« E devo attribuir tambem a especial distincção de que sou alvo á reciprocidade de estima para com a minha patria, que jámais perdeu ensejo de manifestar o interesse que lhe inspiram o progresso e a cultura sempre crescentes d'este prospero paiz.

« Ha mais de um quarto de seculo que dei, no Rio de Janeiro, o primeiro passo na vida publica quando entregue a meu pai a reprezentação ora a meu cargo. Desde então excitou em meu espirito o mais profundo respeito o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, cujas obras dão a conhecer ao Perú, como ás demais nações, sua extraordinaria importancia.

« Minha admissão é, conseguintemente, titulo de honra que reuno com viva satisfação ás muitas manifestações com que esta sociedade ha captivado a minha gratidão.

« E peço me seja dado participar dos trabalhos do Instituto, afim de corresponder praticamente, na medida de minhas escassas forças, a uma prova tão significativa de sympathia, que constituirá uma das mais lisongeiras recordações de minha permanencia nesta capital, curta infelizmente.»

Ao concluir pede a palavra o orador interino do Instituto Sr. commendador Jozé Luiz Alves, que pronuncia o seguinte discurso:

« Exm. Sr. Ministro. O Instituto Historico e Geographico Brazileiro ouvio com a mais profunda attenção as palavras eloquentes, que acabam de ser proferidas pelo muito illustre Sr. Dr. D. Guilherme A. Seoane, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da republica do Perú junto a Republica Federal dos Estados-Unidos do Brazil, e que hoje, pela primeira vez, comparece a tomar assento e posse da cadeira de socio honorario deste Instituto, que muito se rejubila de ver em seu seio tão illustre personagem que, por seus meritos, virtudes e serviços, tem sabido honrar as mais eminentes pozições conquistando-as pelos esplendores de seu profundo talento, não só em sua terra natal como nos paizes

estrangeiros, onde com transcendente brilho tem representado em differentes gráos da carreira de diplomacia, a democratica republica peruana.

« O illustre diplomata que hoje honra com sua graciosa presença a sessão do Instituto, e que com tanta gentileza se mostra penhorado por pertencer a esta illustre associação é mais que digno dessa homenagem pelo muito que já tem feito á republica das letras.

« O Instituto Historico e Geographico Brazileiro inscrevendo seu nome illustre na classe de seus socios honorarios nada mais fez do que provar a alta consideração que lhe merece o talento e saber do distincto representante da republica do Perú.

« Sua perigrinação no mundo é apenas de 43 annos, contados do dia 25 de Junho do anno de 1848 em que despontou a aurora brilhante de seu nascimento na formosa cidade de Lima, capital do Perú.

« Aquecido aos raios d'aquelle sol que na cidade do Hanuco illumina as ruinas do templo consagrado em sua memoria e as do famozo palacio dos Incas e respirando as auras que descem das serranias dos Andes, bem cedo madrugou-lhe o talento. Na capital da França fez com transcendente brilho o curso de humanidades, o que valeu ser aos 18 annos nomeado adjunto da legação peruana no imperio do Brazil, na qual seu pai, o illustre Sr. Dr. D. Boaventura Seoane, distincto literato e eminente homem publico, occupava o elevado cargo de ministro residente.

« Pouco depois é elevado a secretario de legação nos Estados-Unidos da America do Norte.

« Na patria de Washington fez com notavel aproveitamento o curso de engenharia e, ao voltar ás terras da patria, ávido de saber, correu pressuroso a matricular-se na universidade maior de S. Marcos, de Lima, e tão applicado foi aos estudos que, no anno de 1872, recebeu em premio das lutas academicas o gráo de bacharel licenciado e o de doutor nas faculdades de jurisprudencia, philosophia e bellas letras.

« Os creditos de talentozo estudante foram confirmados nos auditorios do fôro peruano, onde se notabilizou o

joven advogado nas brilhantes defezas, que fez na tribuna judiciaria.

« Por effeito de esplendorozo concurso obteve a cadeira de lente cathedratico de literatura antiga e moderna, que por muitos annos reg·u com inexcedivel brilho, dando á publicidade um volume de suas sabias lições, o que lhe valeu a eleição de secretario da universidade de S. Marcos.

« Na cadeira do magisterio provou exuberantemente o quanto era insigne nas materias que lecionou e ao mesmo tempo não perdia ensejo de aprofundar-se nos estudos literarios.

« Ao soar o grito de guerra, que se travou entre as republicas do Perú e do Chile, sentindo pulsar em seu coração o santo amor da patria, fecha o livro e depõe a penna e corre pressuroso a alistar-se nas fileiras de seus defensores.

« Declarada a guerra inscreve-se entre os membros da Cruz Roxa e ahi presta os mais valiozos serviços ao seu torrão natal. O governo, precizando do concurso de uma experiencia e saber, nomeou-o secretario da legação na republica da Bolivia e pouco depois passou a encarregado de negocios, e tão grandes e importantes foram os serviços, que com intelligencia, tino, sagacidade e tactica diplomatica prestou a seu paiz n'esse elevado posto no anno de 1883, que, mereceu ser designado, pelo governo do contra-almirante Montero, seu delegado junto ao inimigo que occupava a capital.

« Aceitou esse honrozo encargo desempenhando com a nobreza e altura de seu caracter a missão de parlamentario junto dos reprezentantes da republica chilena. Quando em 1884 na cidade de Santiago, capital da republica do Chile, creou-se o tribunal arbitral e internacional, prezidido pelo conselheiro Felippe Lopes Neto, hoje barão do mesmo nome, e depois pelo conselheiro de Estado o Sr. Lafayette Rodrigues Pereira, delegados de S. M. o Imperador do Brazil o Sr. D. Pedro II, para attender e resolver sobre as reclamações dos damnificados durante a guerra, o Exm. Sr. Dr. Seoane, na qualidade de advogado dos reclamantes francezes, com o alto criterio e

recursos de seu luminozo talento, combateu as theorias do governo chileno, e, no livro que publicou, intitulado « *Contra-memorandum* » fez valer os direitos de seus constituintes provando com esse notavel trabalho o quanto é versado no conhecimento do direito internacional. Regressando do Perú entrega-se de novo ao exercicio da advocacia e do magisterio, e no periodico o *Commercio*, do qual em tempos idos fôra um de seus mais illustrados redactores, publicou em suas columnas excellentes artigos de sua adestrada penna.

« Na prezidencia do general Cáceres foi chamado a exercer o alto cargo de ministro e secretario de estado dos negocios da justiça, instrucção e beneficencia, e ahi teve mais uma vez ensejo de provar seu alto tino administrativo, e, entre os serviços que então prestou, destacam-se os seus trabalhos estatisticos.

« Nomeado para, na qualidade de enviado e extraordinario e ministro plenipotenciario da republica do Perú, saudar a nascente republica dos Estados Unidos do Brazil assumio sua elevada posição, e graças ao seu saber, tino e illustração e á gentileza e amenidade de seu trato tem sabido conquistar as mais sinceras amizades e profundas sympathias, triumpho este que em todos os tempos conseguio nas posições que dignamente tem prehenchido, taes como: prezidente da municipalidade de Lima, senador pela capital peruana, membro do conselho superior de instrucção publica no professorado titular da universidade de S. Marcos, chefe nas missões estrangeiras, ministro de estado, redactor do *Commercio*, décano da imprensa peruana, membro do atheneu de Lima, prezidente da associação de literatura e bellas artes, autor de importantes escriptos sobre legislação, instrucção, literatura e systema patrio, e por tantos e tão honrozos titulos que exaltam seus merecimentos e que o tornam mais que digno da distincção que lhe conferio este atheneu das letras é que espera-se do illustre recipiendario, não só o seu comparecimento ás sessões durante sua estada nesta capital, como tambem a fineza de honrar as paginas da *Revista* com alguns escriptos de sua delicada e adestrada penna.

«Como orgão do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, agradeço ao illustrado Sr. ministro do Perú a saudação que nos dirigio em phrases delicadas e eloquentes.»

O Sr. 1.° secretario procede á leitura dos dous seguintes pareceres:

1.° A commissão de admissão de socios á qual foi enviada a proposta da meza para que se confiram diplomas de socios benemeritos aos commendadores Manoel Jozé da Fonseca e Joaquim Caetano Pinto Junior, attendendo as qualidades que recommendam os indicados cidadãos é de parecer, que a proposta seja approvada, uma vez satisfeita a obrigação dos estatutos. Sala das Commissões do Instituto Historico 31 de Julho do 1891. *Manoel Francisco Correia. Jozé Luiz Alves.* Fica sobre a meza para ser votado em tempo opportuno.

2.° A commissão de historia tomou na devida consideração a proposta aprezentada para se conferir o diploma de socio correspondente ao Sr. Argemiro Antonio da Silveira, bacharel em direito pela Faculdade de São Paulo e natural d'esse Estado, autor de varios trabalhos entre os quaes foram destacados para titulos de admissão em nosso gremio: 1° *Memoria Historica sobre a fundação da cidade de São. Roque* e 2° *Alguns apontamentos biographicos de Libero Badarò e Chronica de seu assassinato perpetrado em São Paulo a 20 de Novembro de* 1830.

Compenetrada da illustração literaria, espirito forte e fecundo do joven candidato, a commissão julgou desnecessario analisar detidamente as duas referidas obras, assás conhecidas da mór parte dos nossos consocios, mórmente a que se refere ao martir Libero Badaró, pois que foi inserida na *Revista* d'este Instituto (tomo II, parte II) e não menos dispensavel o minucioso exame de outros escriptos do Sr. Argemiro Antonio da Silveira, que não lhe são extranhos a saber: *Methodo da Lingua Portugueza, Juizo Critico sobre o Diccionario Biographico do Dr. João Mendes de Almeida* (um dos nossos operozos consocios), Estudo sobre a immigração em São Paulo, iniciado quando foi addido á inspectoria especial de terras

e colonização dessa região brazileira, feliz apanhado de informações encontradas nos interessantes documentos archivados na secretaria do respectivo governo e o qual sem grande sacrificio dos cofres publicos poderia ser completado e destribuido com real proveito geral, como já ponderou em 17 de Abril do anno passado no jornal *Estado de São Paulo* um dos abaixo assignados.

A commissão de historia é pois de parecer, que o Sr. bacharel Argemiro Antonio de Silveira possue todos os requizitos para ser recebido no Instituto Historico e Geographico Brazileiro na qualidade de seu socio correspondente.

Sala das commissões 1 de Agosto de 1891. *Henrique Raffard. Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto*. Approvado, vai remettido a commissão de admissão de socios.

O Sr. prezidente lembra, que ficaram sobre a meza para serem votados em sessão seguinte os pareceres favoraveis da commissão de admissão de socios, relativos aos candidatos D. Julio Banados Espinosa e Evaristo Affonso de Castro, e faz correr o escrutinio separadamente para cada um d'esses candidatos, que são unanimemente approvados e proclamados socios correspondentes do Instituto.

Toma assento o socio Jozé Verissimo de Matos, que obtendo a palavra offerece em nome do Sr. Luiz Rodolfo Cavalcanti de Albuquerque, inspector da alfandega do Pará, uma memoria sobre o commercio e navegação da Amazonia e paizes limitrophes, bem como em nome do Sr. Vicenzo Grossi, diversos folhetos que são recebidos com agrado.

O Sr. 1° secretario faz leitura do seguinte :

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Dr. Vicenzo Grossi, professor de ethnographia em Genova, e autor de varias obras, algumas concernentes ao Brazil e que em seu nome temos a honra de offerecer ao Instituto. Rio de Janeiro, 14 de Agosto de 1891. *Jozé Verissimo. Jozé Domingos Codeceira.* Remetteu-se ás commissões de geographia e de historia, sendo relator o commendador Luiz Cruls.

O Sr. prezidente traz ao conhecimento do Instituto, que o officio de agradecimento dirigido a S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara se acha assignado por diversos socios, e é do teor seguinte:

« Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Rio de Janeiro 31 de Julho de 1891. A' S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara. O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, acaba de ter conhecimento, por intermedio de seu prezidente, da importantissima doação de numerosos e apreciados livros e raros objectos de valor historico que digna-se de fazer-lhe o seu immediato e sempre generoso protector. Tão significativa prova de interesse e obzequioza benevolencia foi pelo Instituto recebida com a mais viva satisfação e justo apreço ; e, por si só penhoraria de todo a gratidão do Instituto, se, por outros titulos de inestimavel valia, já não fosse elle devedor do mais profundo reconhecimento a quem de longa data lhe tem prodigalisado os inesgotaveis thesouros da mais extremosa bondade.

Não tem o Instituto meios de condignamente corresponder a tanta delicadeza e grandiosa munificencia, e ante o novo favor agora recebido nada mais faz do que reiterar os protestos de seu sincero acatamento ao excelso e illustrado bemfeitor, que no fastigio da gloria, como nas agruras do exilio, jamais tem deixado de manifestar o nobre empenho de honrar as letras, promover a instrucção e concorrer por todos os modos para o desenvolvimento e progresso desta patria, que agora, como sempre lhe é tão cara.

Hão de ser cuidadozamente recolhidos e classificados os livros e mais objectos que vão enriquecer a Bibliotheca e o Museu do Instituto, de conformidade com as recommendações recebidas, e os augustos nomes da saudosa mãe dos Brazileiros, a pranteada Imperatriz D. Thereza Christina Maria e da virtuoza e veneranda Imperatriz Leopoldina hão de ornar as preciosas collecções, que em todo o tempo exaltarão a memoria das inclytas senhoras que vivas se acham sempre no pensamento e no coração de todos os Brazileiros.

« O Instituto Historico, que se orgulha de continuar a merecer a benevola e particular attenção do seu desvelado chefe, e que por longos annos foi guiado pelo seu exemplo, instruido pelas suas lições e engrandecido pelos seus beneficios, ha de procurar, quanto em si couber, desempenhar a honrosa missão a que se destina e para a qual vem concorrer efficazmente a opulenta dadiva que ora lhe é feita; e na effusão dos sentimentos que o animam, é com o maior prazer que ainda uma vez cumpre o dever de tributar ao seu magnanimo protector as puras homenagens da mais respeitosa estima e profunda veneração.— *Olegario Herculano d' Aquino e Castro. Visconde de Beaurepaire Rohan. Dr. João Severiano da Fonseca. Tristão de Alencar Araripe. Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello. Henrique Raffard. Jozé Egidio Garcez Palha. Luiz Rodrigues de Oliveira. Jozé Domingues Codeceira. Barão de Capanema. Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto. Manoel Francisco Correia. Jozé Luiz Alves. Arthur Sauer. Guilherme A. Seoane. João Manoel Pereira da Silva. Jozé Verissimo. Dr. Augusto Victorino A. Sacramento Blake. Francisco Calheiros da Graça. Barão de Miranda Reis. Dr. Alfredo do Nascimento Silva. Marquez de Paranaguá. Joaquim Pires Machado Portella. Antonio Joaquim de Macedo Soares. Barão do Ladario. João Alfredo Correia de Oliveira.*»

Obtendo á palavra o orador do Instituto, Sr. commendador Jozé Luiz Alves, annuncia que o socio benemerito, Sr. Visconde de Leopoldina, se digna generozamente auxiliar o Instituto, tomando a si as despezas da festa magna que o Instituto tem deliberado fazer no dia 12 de Outubro de 1892, em que se completam quatro seculos, que Christovão Colombo descobriu a America, despeza que é orçada em 4:000$000. Esta communicação é recebida pelo Instituto com especial agrado e deliberou-se agradecer ao nobre visconde tão espontaneo rasgo de sua generozidade.

O mesmo orador communica, que o socio honorario, Sr. conselheiro Dr. João Manoel Pereira da Silva, dezeja offerecer ao Instituto o autographo das conferencias que fez na tribuna da escola *Senador Correia*, sobre

Christovão Colombo e o descobrimento do Novo Mundo, conferencias que foram sempre ouvidas, apreciadas e applaudidas por numeroso e illustrado auditorio, afim de que o Instituto mande fazer a impressão em 8° e distribua em livro no dia da festa magna que tem de ser celebrada em honra de tão grande acontecimento a 12 de Outubro do anno proximo vindouro, e mande exemplares desse livro ás sociedades scientificas da Europa, e das duas Americas. O Instituto aceitou com vivo contentamento a delicada offerta de seu illustre décano, cujo nome é já vantajozamente conhecido nos dominios da historia e da literatura em ambos os hemispherios, pelas importantes obras que tem dado á publicidade.

O conselheiro Manoel Francisco Correia propõe, que se trate de fazer effectiva entrega das medalhas de socios benemeritos, e com relação ao Sr. Visconde de Leopoldina, pensa, que a medalha que lhe é destinada, poderia accompanhar o officio que lhe vai ser dirigido, em agradecimento de sua valiosa offerta ; o que é approvado.

Sendo a hora adiantada fica adiada a leitura das biographias dos finados senadores do imperio, e o Sr. prezidente encerra a sessão.

Henrique Raffard,
2° secretario

13ª SESSÃO ORDINARIA EM 28 DE AGOSTO DE 1891

Presidencia do Sr. conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 7 horas da noite, achando-se prezentes os Srs. conselheiro Olegario H. d'Aquino e Castro, Henrique Raffard, conselheiros Alencar Araripe, Manoel Francisco Correia, commendador Jozé Luiz Alves, Barão de Capanema, general Dr. João Severiano da Fonseca, Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, Dr. Alfredo do Nascimento Silva, Jozé Verissimo, Antonio Jozé Dias de Castro, Jozé Domingues Codeceira, Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto e capitão de fragata Garcez

Palha, o Sr. prezidente abrio a sessão, occupando os lugares de 1° e 2° secretarios os Srs. Henrique Raffard e Garcez Palha. Leu-se a acta da sessão anterior, que é approvada unanimemente e em seguida o Sr. 1° secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios do Sr. Rafael de Toledo, enviando dous pacotes que contém manuscriptos e impressos; do secretario da Real Academia de Siencias Moraes e Politicas de Madrid acompanhando um exemplar de cada uma das seguintes publicações: *Memorias* do Sr. Eduardo de Henojosa, *Discurso de recepção* do Sr. Menendez y Pelayo, *Necrologias* do Srs. Madroso e Alonzo Martinez, *Annuario de* 1891 e programmas do concurso Toreno y ordinario de 1892; do prezidente da commissão do congresso geographico Hispano-portuguez-americano, enviando as bases do regulamento do mesmo congresso; do departamento da agricultura Weather Bureau communicando que, por deliberação do congresso, lhe foram transferidas as obrigações e deveres do departamento da agriculura, pede a continuação da remessa da *Revista* e agradece o tomo 53 parte 1ª; da Directoria Geral dos Telegraphos, enviando um exemplar do *Relatorio*, apresentado ao respectivo ministro; do Sr. João Brigido dos Santos declarando-se eliminado do numero dos socios deste Instituto; do que ficou-se inteirado.

OFFERTAS

Pelo ministerio da instrucção publica, correios e telegraphos, o *Relatorio* apresentado ao generalissimo prezidente da republica em Maio de 1891; pelo archivo dos Açores, *Historia Açoriana*, vol. 11 n. 43; pelo prezidente do Estado de São Paulo a respectiva constituição politica; pelo director geral da Exposição Universal Colombiana em Chicago, os regulamentos geraes para os expositores estrangeiros; pelo departamento nacional de estatistica de Buenos-Aires, *Datas trimestrales del comercio exterior*; pela sociedade de sciencias e artes de New-York,

Annual Report; pela Sociedade Geral de Geographia, *Expedição ao Monte de Santo Elias*; pelo observatorio astronomico nacional de Tucubaya o *Boletim* respectivo; pela Sociedade Cientifica Argentina, seus *Annaes*; da Sociedade de Geographia de Madrid o *Boletim*; pelo ministerio da interior, o *Diario Official* dos annos de 1883, 84, 89 e 90 em dezeseis volumes encadernados; O *Diario do Parlamento* de Maio a Junho de 1889 e o *Diario do Congresso Nacional* de Novembro e Dezembro de 1890, dous volumes encadernados e finalmente pelas respectivas redacções: *Diario da Bahia*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Gazeta de Mogimirim*, *Jaboticabal*, *Caxoeirano*, *Club Curitibano*, *Etoile du Sud*, *Geographie* e *Nouveau-Monde*.

ORDEM DO DIA

1ª *parte*

O Sr. prezidente communica ter nomeado o Sr. general Dr. Severiano da Fonseca para servir interinamente na commissão subsidiaria de geographia que se acha incompleta.

Lê-se o seguinte parecer da commissão de admissão de socios relativo ao Sr. Aristides Marre:

«A commissão de admissão de socios, á vista do luminozo parecer da commissão de trabalhos historicos, favoravel á proposta para admissão do Sr. Aristides Marre ao gremio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, como socio correspondente, autor de varias obras sobre historia e literatura, julga o illustre candidato no caso de ser admittido por seu provado merecimento. *Jozé Luiz Alves*. *Barão de Capanema*. *Manoel Francisco Correia*. Este parecer fica sobre a meza afim de ser votado na proxima sessão.

São lidas e remettidas ás commissões de admissão de socios e de trabalhos historicos as tres seguintes propostas:

1ª Propomos para socio benemerito o Sr. commendador Jozé Joaquim da França Junior. *O. H. d'Aquino e Castro. Henrique Raffard. Garcez Palha. Jozé Luiz Alves. T. de Alencar Araripe.*

2ª Propomos para socio correspondente do Instituto Historico o Sr. Luiz Rodolfo Cavalcanti de Albuquerque, rezidente no Pará, servindo como titulo de admissão as duas memorias de que é autor «Finanças da Provincia do Amazonas», Manáos 1888 e «Commercio e Navegação da Amazonia e paizes limitrophes» Pará 1891. *Jozé Verissimo. Garcez Palha.*

3ª Propomos para socio correspondente d'este Instituto o Sr. D. João Esberard, bispo de Olinda, servindo como titulo de admissão o seu trabalho historico sobre a *Rosa de Ouro. Alfredo do Nascimento. Dias de Castro. Jozé Domingues Codeceira. Garcez Palha. João Severiano da Fonseca.*

O Sr. major Jozé Domingues Codeceira participa ao Instituto, que pretende partir para o Estado de Pernambuco no dia 7 de Setembro futuro, e offerece os seus prestimos não só ao Instituto em geral, como a cada um dos seus consocios em particular; o Instituto agradece.

O Sr. thezoureiro declara, que recebeu do commendador Manoel Jozé da Fonseca a quantia de 2:000$000 como donativo ao Instituto e que pelo thezoureiro interino commendador Jozé Luiz Alves lhe foram entregues tambem 4:500$000, que havia recebido da subvenção correspondente ao 2º semestre do corrente anno.

O commendador Jozé Luiz Alves lê a dedicatoria, que deve preceder ás conferencias feitas pelo Sr. conselheiro Pereira da Silva sobre a vida e feitos de Christovão Colombo, e declara, que o autor dezeja revêr as provas de impressão. Resolve o Instituto officiar ao sobredito conselheiro autorizando-o a mandar fazer a impressão de mil exemplares, no formato da *Revista,* sendo quinhentos em papel de Hollanda e quinhentos em papel commum, e a remetter a respectiva conta para ser paga na thezouraria do Instituto.

O Sr. Dr. Alfredo Nascimento communica, que em obediencia á determinação do Instituto tinha procurado o

Sr. Oscar Guanabarino e lhe pedira a remessa do indice remissivo da *Revista*, trabalho que estava confeccionando o pranteado prezidente commendador Joaquim Norberto, e que aquelle senhor lhe informára não se achar completo ainda esse indice; que se offerecera para terminal-o promettendo envial-o depois a esta associação.

Por proposta do orador interino resolve-se officiar á familia do falecido consocio Pedro Gay, solicitando a remessa dos trabalhos que terminados ou principiados, deixou aquelle illustre e laboriozo sacerdote.

O Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia propõe e o Instituto approva, que o poema Colombo, que se pretende reimprimir em edição especial, seja precedido por uma biographia do autor. Indicado pelo mesmo conselheiro o Sr. Jozé Verissimo para encarregar-se de escrever aquella biographia, assim se resolve.

Ainda por proposta do mesmo conselheiro decide o Instituto annexar ao referido poema o retrato do finado consocio Barão de Santo-Angelo.

E' approvado unanimemente, em escrutinio secreto, o perecer relativo ao socio benemerito commendador Manoel Jozé da Fonseca.

2ª *parte*

O Sr. Dr. Sacramento Blake lê um trabalho biographico sobre o socio conego Manoel da Costa Honorato.

Estando a hora bastante adiantada o Sr. prezidente levanta a sessão.

Garcez Palha
Servindo de 2º secretario.

14ª SESSÃO ORDINARIA EM 12 DE SETEMBRO DE 1891

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs. conselheiro Olegario H. d'Aquino e Castro, Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, capitão de fragata Jozé Egidio Garcez

Palha, commendador Jozé Luiz Alves, Dr. Cezar Augusto Marques, conselheiro Manoel Francisco Correia, Dr. Alfredo Nascimento Silva, major Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto, Arthur Sauer, Dr. Guilherme Seoane e Henrique Raffard, o Sr. prezidente declarou aberta a sessão.

O Sr. 2° secretario Henrique Raffard lê a acta da sessão anterior que é approvada.

O Sr. 1° secretario Dr. Teixeira de Mello dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios : Do Sr. director geral da secretaria de estado dos negocios do interior acompanhando uma pasta contendo o programma historico da *Batalha do Passo do Rozario*, bem como quarenta e oito cópias, uma carta, um pequeno mappa, uma noticia sobre a referida batalha e uma memoria sobre o Mexico, documentos encontrados entre os papeis do Sr. D. Pedro de Alcantara e remettidos por ordem do Sr. ministro do interior. Respondeo-se agradecendo. Do prezidente do Estado da Parahiba enviando dous exemplares da constituição do dito Estado e promulgada a 5 de Agosto ultimo. Do Sr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca, prezidente do Instituto do Ceará juntando alguns numeros da *Revista* d'esta instituição e agradecendo a remessa pontual que lhe tem sido feita da *Revista* do Instituto Historico. Da meza do Gabinete Literario Milapour communicando a fundação d'esta associação.

OFFERTAS

Do socio Henrique Raffard, uma planta do Estado de São Paulo e um cartão de vizita de S. A. o Sr. D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo Gota com algumas linhas autographas. Do socio Sr. Dr. Sacramento Blake, *ensino e exercicio da medicina, especialmente medicina legal em alguns paizes da Europa* pelo Dr. Virgilio C. Damazio, Bahia 1866 ; *Aguas de Pedras Salgadas na compozição da acção physiologica e therapeutica*, Porto, 1886, por

A. Teixeira de Souza; *Physiologie du massage, son application en medicine et en chirurgie*, par Marcel Lafont, Rio de Janeiro 1889 ; *Des diverses methodes d'antisepsie dans le traitement de la tuberculose pulmonaire*, pelo Dr. Ernest Mouton, Pariz 1889 ; *De la cure des affections respiratoires et dermatoses*, pelo Dr. E. Totin, Pariz 1889 ; *Thermas de Caldellas*, por Julio Cardoso, Porto 1891 ; *Compendio facil de escripturação mercantil* por Evaristo José Vieira, 2ª edição, Rio de Janeiro; Estatutos do Banco Commercial do Rio de Janeiro fundado em 1886 pelo Sr. conde de Figueiredo, Rio de Janeiro, 1887 ; *Estatutos do Banco Nacional do Brazil* fundado em 1889 ; *Elementos de Mathematicas*, pelo commendador Antonio Ferrão Moniz de Aragão, Bahia 1858 ; *Synopse da Historia do Brazil*, pelo Dr. Romualdo Seixas Filho, Bahia 1875; *Elementos de Grammatica* compilados de bons autores, pelo Dr. Guilherme Studart, Ceará 1888 ; *Compendio grammatical* reduzido a dialogos para uzo dos principiantes no exercicio das primeiras letras, por A. Gentil Ibirapitanga, Bahia 1865 ; *Compendio de grammatica da lingua portugueza*, por B. A. Marsagão 9ª edição, Bahia 1866 ; Palavras proferidas na festa do Centenario de Camões, pelo Dr. Guilherme Studart, Fortaleza 1880 ; *Peccadora*, drama em sete quadros, original de Horacio Nunes, Desterro 1880 ; *Annuario de Estatistica demographo sanitaria da cidade do Rio de Janeiro*, pelo Dr. Aureliano Pimentel, anno 1º 1890, Rio 1891 ; *Alagôas* Versos Cyridião Durval, Pernambuco 1891 ; *Prospecto da Equitativa dos Estados-Unidos* (da America do Norte) New-York 1890. Assembléa Provincial da Bahia. Discursos nas sessões de 25 de Abril e 14 de Maio de 1888, pelo Dr. Joaquim Ignacio Costa, Bahia 1888. Do socio capitão de fragata Francisco Calheiros da Graça, *Planta hydrographica do porto do Pará*. Do Sr. Alfredo Carneiro, *Historia da Epidemia em Campinas*, 1889—1890. Pela Smithsonian Institution, *The total eclypse of the sun January, 1st*, 1889 ; *Litzungsberichte und Abhandlungen der Naturwissenscherflichen Gesellschaft in Dresden* 1890; *Annual Report Ruly* 1890; *The Pensylvania Magazine of History and Biography* 1889 ; *Litzungberichte philos*

histor Classe Band 117, 118, 119, 120, 121; *Deuk schriften phyilos-histor Classe Band* 37; *Deukschriften math nature* 75; *Litzungsberichte math naturn* 1858 (4 fasciculos) 1889 (22) 1890 (4); *Miltheilungen der Kais-Kænigl Geographischen Gesellschaften* in Wien 1890. Pela Real Academia dei Lincei *Atti*. Pela bibliotheca de Marinha, *Monitor de la educacion commune, Il Brasile* e por la Associacion Rural *Revistas*. Pela Sociedad Cientifica Antonio Abrate no Mexico *Memorias e Revistas*. Pela Universidade Central del Ecuador em Quito, pelo Departamento Nacional de Hygiene em Buenos-Ayres, *Annales*. Pelas Sociedades de Pariz, Bordeaux e Berlin, pela Sociedade Imperial dos Naturalistas de Moscow, pela Bibliotheca Nacional Central, Victor Emanuel di Roma, pelo Observatorio Astronomico Nacional de Tambaya e pela Directoria do Correio Geral *Boletins*. Pelas respectivas redacções, *Jornal do Recife, Diario Popular, Estado da Bahia, Gazeta de Mogi-merim, Caxoeirano, Geographie, Nouveau-Monde, Brésil, Etoile du Sud*.

Findo o expediente o Sr. 1° secretario communica que deixou de comparecer as duas passadas sessões por incommodos de saude e que tem continuado no paço da Boa-Vista nos trabalhos de discriminação dos livros doados pelo Imperador a este Instituto e a Bibliotheca Nacional, dos quaes já a bibliotheca arrecadou mais de 4 mil volumes, entre relatorios e collecções de leis, que se achavam na sala chamada do Despacho.

Em seguida o Sr. prezidente profere a seguinte allocução:

« Senhores. Segundo as noticias publicadas na imprensa desta capital falleceu em Lisboa no dia 29 do mez passado o muito distincto e apreciado literato portuguez Sr. José Maria Latino Coelho, nosso digno consocio desde 1877.

« O que foi na imprensa literaria e politica do seu paiz o abalisado escriptor que acaba de descer ao tumulo, perfeitamente o sabeis, sem que seja preciso enumerar-vos hoje os importantes e variadissimos trabalhos que firmarão o honrozo e bem merecido conceito de que sempre

gozou o festejado academico entre as summidades da litteratura portugueza.

« Ser-nos-ha, porém, grato aqui recordar que o titulo de admissão de Latino Coelho ao gremio d'este Instituto foi justamente um interessante estudo biographico do patriarcha da nossa independencia, trabalho de primor, em que refulgem as galas do cultivado engenho do escriptor de par com os elevados sentimentos que caracterizam o illustre biographado.

« O Elogio Historico de Jozè Bonifacio, como já tivemos occasião de dizer-vos, não é simplesmente a biographia de um grande homem ; é a pagina brilhante da historia de duas nações irmãs, em uma quadra difficil e melindrosa, escripta com a proficiencia e imparcialidade de um historiador consciencioso, inspirado pelo dever, tendo por norma a justiça e por empenho a verdade, em toda a sua pureza e correcção.

« Outros e mais valiozos titulos tem por certo o erudito secretario geral de Academia de Sciencias de Lisboa á consideração e respeito que consagrão-lhe os admiradores do seu grande talento e superior illustração ; nenhum, porém, mais o recommenda a nossa particular attenção, n'este momento, do que aquelle que tão de perto se liga a um luminoso episodio da nossa historia patria.

« Cumprimos um dever de justiça e de reconhecimento fazendo inserir na acta dos nossos tr balhos a sincera manifestação do profundo pezar de que se acha possuido o Instituto Historico e Geographico Brazileiro pela perda de um dos seus mais eminentes consocios. »

O Sr. 1º secretario passa a ler o seguinte parecer :

« Foi prezente á commissão de admissão de socios o parecer da illustrada commissão de historia, favoravel ao recebimento como socio correspondente do Instituto Historico do Dr. Argemiro Antonio da Silveira.

« A' vista das procedentes razões allegadas n'aquelle parecer, opina a commissão de admissão de socios no sentido de ser chamado ao gremio do Instituto o referido Dr. Argemiro Antonio da Silveira na qualidade indicada.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 12 de Setembro de 1891. *Manoel Francisco Correia*. *Jozé Luiz Alves*.

Fica sobre a meza para ser votado na seguinte sessão.

O Sr. Dr. Cezar Marques pede a palavra com urgencia, antes da hora opportuna, por ter de retirar-se, achando-se incommodado, e declara ter regressado de sua viagem ao norte, sinão bom, pelo menos muito melhor e ancioso por tomar parte nos trabalhos do Instituto, a quem dedicou os melhores annos de sua vida, consagrando-lhe ainda hoje os seus ultimos dias.

Diz que vizitou o Instituto Archeologico de Pernambuco, onde vio algumas obras raras, muito methodo no arranjo e muito aceio, admirando-se de ver o museu pequeno, porém importante, contendo os retratos de Catharina Paraguassú, de Henrique Dias, de J. Fernandes Vieira, de Camarão, d'alguns governadores e de muitas pessoas regias desde D. João para cá, merecendo especial menção a galeria de retratos da augusta e altissima familia Imperial, e collecção das cadeirinhas ou palanquins antigos, entre elles um, em que os Revs. vigarios levavam aos doentes o viatico, etc., etc.

Do Maranhão trouxe tudo que precizava de lá para a concluzão do *Diccionario Historico e Geographico* d'aquelle Estado, cuja 3ª edição espera, que appareça no anno vindouro, si Deus o permittir.

Estando na thezouraria geral da fazenda soube, que ainda lá existiam os inventarios dos bens dos jezuitas, e tres devassas a que ahi se procedeu sobre a administração de tres capitães-generaes, outros regulos, como erão quazi todos, salvas rarissimas excepções. Preparava-se a sala para o *Archivo* e o Sr. inspector ficou compromettido a mandar-lhe tudo isto, que entregará ao Instituto.

Julga-se feliz declarando aqui, que o actual governador do Maranhão o Dr. Lourenço d'Albuquerque é homem serio, moderado, reflectido e estudiozo, e sobre tudo honrado.

N'elle achou o maior apoio e dedicação em tudo quanto dezejou a bem de seu Diccionario. Pensa por tanto que bem inspirado andou o Congresso, quando escolheu-o para governador.

Talvez quem o conhece, sempre bairrista, admire-se d'este seu modo de pensar. E' certo; é bairrista para tudo quanto é historia, geographia e beneficio de seu Estado. Ora o actual governador propugna a bem do Maranhão, logo acha-se a seu lado, declarando que antes de ser maranhense era brazileiro, e portanto faz plena justiça ao referido governador.

Finaliza a sua exposição o Sr. Dr. Cezar Marques declarando, para evitar qualquer juizo formado pela maledicencia, que nenhuma fineza, favor ou obsequio particular deve ao referido Dr. Lourenço d'Albuquerque, e portanto fala por convicção, com plena consciencia, e fazendo justiça a quem a merece, como é de seu costume.

O Dr. Cezar Marques accrescenta, que não se achava aqui quando Deus chamou a si o consocio monsenhor Dr. Manoel da Costa Honorato; lembra, que o Brazil perdeu um filho que o honrava, o clero um irmão que o illustrava, o Instituto um dos seus membros mais distinctos e elle um amigo sincero e verdadeiro, a quem muito devia em gratidão, e por isso requer que na acta se lance esta sua declaração feita com lagrimas nos olhos, o coração cheio de dôr e a alma repleta de saudades.

O Sr. thezoureiro conselheiro Alencar Araripe toma a palavra para dar parte das incumbencias de que se acha encarregado. Indagou do preço da impressão do poema Colombo e póde informar que a antiga caza Laemmert & C^a^, hoje transformada em Companhia Typographica do Brazil, pede a quantia de 4:200$000, e que no estabelecimento da nossa Imprensa Nacional o referido trabalho póde ser feito não passando o seu custo de 4:000$000.

O Sr. Arthur Sauer pede a palavra e observa, que a differença de preço entre os dous proponentes explica-se pelo facto de não pagar o segundo direitos da alfandega; que embora não faça parte da administração da dita companhia, sendo com ella relacionado, e a mencionada differença assás pequena, elle conseguirá o dezejado trabalho

pelo preço da Imprensa Nacional, o que é acceito, ficando o Sr. Arthur Sauer incumbido de mandar fazer o trabalho, que deve ficar prompto até 1° de Setembro, no formato da nossa *Revista Trimensal*. Quanto aos retratos, que tem de ser incluidos no livro, serão elles posteriormente fornecidos, bem como as biographias dos retratados, segundo as instrucções do Sr. prezidente.

O Sr. prezidente declara tomar a si a revizão das provas do poema Colombo, e incumbe ao Sr. commendador Jozé Luiz Alves de fazer entrega ao consocio conselheiro João Manoel Pereira da Silva do officio de agradecimento que o Instituto lhe dirigiu pela gracioza offerta que lhe fez das conferencias sobre Colombo, ficando o mesmo conselheiro encarregado de mandar fazer a impressão e tomar a si a revizão das provas, sendo tirada uma edição de 1:000 exemplares, dos quaes 500 em edição de luxo e 500 em edição commum, correndo as despezas por conta do Instituto, que pagará a conta logo que lhe fôr aprezentada.

O Sr conselheiro Manoel Francisco Correia pondera, que, tratando-se da festa de Colombo, será conveniente autorizar a meza a formular o programma da solemnidade que o Instituto tem de celebrar no dia 12 de Outubro de 1892, em homenagem ao 4° centenario do descobrimento do Novo Mundo, afim de ser discutido e approvado em tempo. Assim se resolve.

O Sr. 1° secretario faz leitura do seguinte parecer da commissão de geographia :

«E' o trabalho do Sr. conselheiro Trigo de Loureiro uma leitura amena com imagens poeticas nas suas descripções. E' minucioso na enumeração de serras, cursos de agua, lagos, enumera riqueza mineral e vegetal, sendo aquella um tanto vaga, convindo o autor detalhar mais as especies e sobretudo suas jazidas ; a parte geologica carece ser reformada, a zoologica é mais completa. A parte mais importante e completa é a hydrographica ; n'esta reproduz-se um erro já trazido de longe, é o rio Alberuky dos antigos que por erro de copista passou a ser Albery, e actual Guaribu. Equivocos d'estes encontram-se por vezes. Importante seria ampliar mais a climatologia

addicionando dados de observações meteorologicas. O trabalho póde ser acceito para admissão do Sr. conselheiro Trigo do Loureiro, que terá sem duvida elementos para completal-o. Sala das sessões 28 de Agosto de 1891. *Barão de Capanema. Severiano da Fonseca.* Approvado, remette-se á commissão de admissão de socios.

Obtendo a palavra o Sr. Dr. Alfredo do Nascimento Silva lê o seguinte parecer:

«A commissão subsidiaria de historia, cumprindo o seu dever de dar parecer sobre o trabalho historico do Exm. Sr. D. João Esberard, Bispo de Olinda, proposto socio correspondente deste Instituto, vem manifestar-se jubilosa por ver nesse vulto eminente que ora se aprezenta ás portas d'esta associação, um dos mais brilhantes talentos, perante o qual se curva respeitosa, e por julgar as suas obras o mais seguro passaporte para sua peregrinação no mundo das letras e sciencias, a mais valiosa senha para dar-lhe honroso ingresso n'este gremio. Brazileiro illustre, nascido a 10 de outubro de 1843, o Rev. Sr. D. João Esberard reprezenta sem contestação um dos mais luminozos luzeiros do clero moderno, destacando-se como astro de primeira grandeza dentre scintillantes constellações dos seus mais preclaros reprezentantes. Talento robusto, illustração ampla e variada, caracter diamantino e sem jaça, constituem os principaes attributos que o tornam apreciado como homem, ao lado das apreciaveis virtudes que o ornam como sacerdote, enchendo-o de toda a magestade christã e revestindo-o de toda a respeitabilidade que deve ter um ministro da igreja. E' este conjuncto raro de qualidades, que o tem sempre distinguido fazendo-o gradativamente subir a escala ecclesiastica, sendo a 28 de Setembro do anno passado sagrado Bispo da Gerra pelo Revm. Sr. D. Pedro de Lacerda e transferido agora á dioceze de Olinda, para onde em breve partirá, deixando enorme vacuo, difficil de preencher, no convento de Santa Thereza, onde durante longos annos com o maior desvelo desempenhou o cargo de capellão, como verdadeiro patriarca do povo que o circumdava.

«O livro do Revm. Sr. bispo, exposto á nossa critica, como todos os demais trabalhos seus, revela essas

qualidades que ahi expomos documentando a nossa asserção. E' um estudo historico lithurgico da Rosa de Ouro publicado na occasião em que o papa Leão XIII com ella mimoseou S. A. a Princeza Regente ao promulgar-se a lei de 13 de Maio. Nas 160 paginas desse livro cuja leitura, uma vez iniciada, não póde ser suspensa, visto a amenidade do estylo e a curiosa cópia de noções que ahi se encontram, o autor mostra em que consiste a Rosa de Ouro, qual a sua significação, qual a origem desse presente especial do principe da Igreja e como se fazia a sua benção solemne; explica o seu symbolismo mystico e termina o seu trabalho com letras apostolicas documentarias, uma lista de todos aquelles a quem tem sido offertada essa Rosa desde 1096 até os nossos dias e fecha o seu curioso estudo com a integra da epistola do papa aos bispos do Brazil referente á emancipação.

«Si o trabalho do Revm. Sr. bispo não é propriamente um estudo de historia patria, comquanto tenha por objectivo a dadiva do papa á regente do Brazil por occazião de um dos mais grandiozos acontecimentos nacionaes, è uma pagina de historia da igreja catholica, que tem por patria o universo.

« O livro aprezentado é, portanto, no nosso parecer, mais que sufficiente titulo, para a admissão do seu autor no seio do Instituto Historico, que deve abrir-lhe as suas portas, pois que muito se honrará todas as vezes que honrar as intelligencias como a do Revm. Sr. Bispo de Olinda, D. João Esberard. Rio de Janeiro 12 de Setembro de 1891. *Dr. Alfredo do Nascimento Silva. Henrique Raffard.* »

Approvado, vai a commissão de admissão de socios para dar parecer.

O Sr. prezidente manda correr o escrutinio sobre o parecer da commissão de admissão de socios favoravel ao Sr. Aristides Marre, rezidente na Europa, que é approvado por unanimidade sendo este senhor proclamado socio correspondente deste Instituto.

O Sr. thezoureiro conselheiro Alencar Araripe aprezenta o dezenho que mandou fazer na Caza da Moeda

para modelo das medalhas destinadas aos socios benemeritos, o qual é approvado e fica resolvido, que estas medalhas deverão ser menores que as mandadas cunhar em commemoração da lei de 13 de Maio de 1888.

Accrescenta o Sr. conselheiro Alencar Araripe, que assistindo no Lyceu de artes e officios a ceremonia da distribuição solemne dos premios conferidos pelo jury da Exposição universal de Pariz, foram-lhe entregues os diplomas e medalhas destinados ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, os quaes aprezenta como recebeu. O Sr. prezidente agradece a remessa de taes objectos, que são devidamente apreciados.

Obtendo a palavra o Sr. commendador Jozé Luiz Alves, lê o parecer seguinte :

« A commissão de admissão de socios, a quem foi prezente o douto parecer da commissão de trabalhos historicos, em relação á proposta para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Exm. Revm. Sr. D. João Esberard, bispo de Olinda, camareiro de Sua Santidade Santissimo Padre Leão XIII, é de parecer, que seja o mesmo Sr. bispo de Olinda, admittido ao gremio do Instituto, por que é mais que digno dessa distincção, por ser vantajozamente seu nome conhecido na republica das letras pelos trabalhos que tem dado á luz devidos á sua delicada e adestrada penna, tanto mais que já seu nome figura entre os socios da Arcadia Romana, associação das mais distinctas da Italia.

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, admittindo em seu gremio tão illustre candidato, muito lisongeará ao distincto prelado da dioceze de Olinda. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 12 de Setembro de 1891. *Jozé Luiz Alves. Manoel Francisco Correia.* Fica sobre a meza para ser votado na primeira sessão.

O socio D. Guilherme Seoane pede, que se lhe informe como póde ser adquirida a *Revista* do Instituto, que dezeja remetter para o Atheneu Literario de Lima.

Responde o Sr. prezidente que, não só em attenção ao distincto consocio, como tambem ao illustrado Atheneu Literario de Lima, o Instituto Historico e Geographico

Brazileiro terá muita satisfação em obsequial-o com a collecção da *Revista Trimensal* e mais alguns trabalhos que tem mandado imprimir.

LEITURA

A convite do Sr. prezidente o Sr. commendador Jozé Luiz Alves leu as biographias dos fallecidos senadores do Imperio, Lucio Soares Teixeira de Gouveia, Francisco de Lima e Silva e monsenhor João José Vieira Ramalho.

Levanta-se a sessão ás 9 horas da noite.

Henrique Raffard.
2º secretario

15ª SESSÃO ORDINARIA EM 25 DE SETEMBRO DE 1891

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs. conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro, conselheiro Alencar Araripe, Dr. Sacramento Blake, commendador Jozé Luiz Alves, Dr. Cezar A. Marques, major Silva Neto, Dr. Teixeira de Mello e Henrique Raffard, o Sr. prezidente declara aberta a sessão.

O Sr. 2º secretario lê a acta de sessão anterior que é approvada.

O Sr. 1º secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: Do Sr. Joaquim Francisco Borges participando ter fallecido no dia 15 do corrente o Sr. tenente coronel Francisco Jozé Borges, seu pai, socio do Instituto; dos socios conselheiro Pereira da Silva, agradecendo a honra que lhe faz o Instituto, relativamente a impressão de suas conferencias sobre Colombo, e capitão de fragata Garcez Palha, communicando não poder comparecer á sessão por molestia grave de um irmão seu.

OFFERTAS

Pelo socio conselheiro Manoel F. Correia um exemplar das *Questões Politicas*, em nome do autor Sr. Alfredo de Paiva; pelo socio Garcez Palha, novo numero das suas *Ephemerides Navaes* e pelo socio Visconde de Ourem: *Constitution des Estats-Unis du Brèsil*, 24 février 1891, *Notice sur le Session Parlementaire de* 1888 *et sur la Proclamation de la République Fédèrale*. Pela Imprensa Nacional, decretos do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil. Pela Real Academia dei Lincei em Roma, *Atti* da mesma academia, vol. 7, fasciculo III.—1891. Pela directoria d'*El Monitor de la Educacion Commum* a sua *Revista Mensal*, tomo X, Agosto 1891, n. 200. Pelas Sociedades de Geographia Italiana e de Lima, seus *boletins*. Pela Sociedade Scientifica Argentina *Annales* n. 3, tomo XXXII. Pelas respectivas redacções: *Diario da Bahia*, *Diario Popular*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Jornal do Recife*, *Club Curitibano*, *Etoile de Sud*, *Geographie*, *Nouveau Monde e Brésil*. Pelo socio Dr. Cezar Marques, *Constituição Politica* do Estado do Maranhão.

O Sr. prezidente profere a seguinte allocução:

« Senhores. Mais dous illustres consocios do Instituto Historico acabam de descer ao tumulo.

Já sobe a 15 o numero das perdas que infelizmente têm soffrido esta associação no correr do prezente anno e praza a Deus que nos mezes que ainda restam não mais tenhamos de registrar acontecimentos para nós tão lamentaveis, como são aquelles que n'este momento tenho de annunciar-vos.

« No dia 15 deste mez falleceu na ilha de Paquetá o tenente coronel Francisco Jozé Borges, nosso companheiro desde 1847.

« Assiduo cultor das letras e dedicado ao serviço do Instituto, muito concorreu com o esforço da sua intelligencia e do seu zêlo para o bom desempenho dos nossos trabalhos.

«Segundo as noticias publicadas na imprensa d'esta capital, falleceu ainda a 23 deste mez em Buenos-Aires, D. André Lamas, admittido em nosso gremio em 1848, quando exercia no Brazil as altas funcções de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Oriental do Uruguay.

« Acha-se o nome deste distincto cidadão intimamente ligado a historia politica e literaria de seu paiz e não cabe nos estreitos limites desta simples noticia o condigno elogio de quem tanto se recommenda a consideração que merecidamente lhe é devida.

« O Instituto Historico e Geographico Brazileiro com sinceridade lamenta a perda d'estes estimaveis consocios e cumpre um penozo dever fazendo inserir na acta da prezente sessão um voto de profundo pezar por tão triste e dolorozo motivo. »

Obtendo a palavra o Sr. Dr. Cezar Marques pede para ler na proxima vindoura sessão o seu trabalho intitulado *Pelourinho em Maranhão, sua historia e sua destruição pela mais crassa ignorancia unida ao mais selvagem despotismo*. E' satisfeito.

O commendador Jozé Luiz Alves participa, que o Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia não póde assistir á sessão por ser dia de eleições na Sociedade Amante da Instrucção.

O Sr. Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello informa ter fallado com o socio Sr. Capistrano de Abreo, que aceita a incumbencia de escrever a biographia de Colombo para ser publicada em homenagem ao 4° centenario dos grandes feitos d'este illustre navegante. Fica o Sr. 1° secretario encarregado de officiar ao mesmo consocio, pedindo a sua collaboração nos termos já indicados.

Obtendo a palavra novamente o Sr. Dr. Teixeira de Mello pede dispensa do cargo de 1° secretario não só por accumulo de trabalhos que de prezente sobre elle recaem, como por incommodo de saude, acrescentando ser esta sua resolução inabalavel e não poder por isso annuir a qualquer pedido em contrario.

Então o Sr. prezidente declara, que o Instituto, attendendo ás razões aprezentadas, aceita a exoneração do Sr. Dr. Teixeira de Mello, a quem substituirá o 2° secretario Henrique Raffard, devendo o 1° supplente capitão de fragata Garcez Palha assumir as funcções de 2° secretario.

ORDEM DO DIA

O Sr. prezidente declara, que ficaram sobre a meza para serem votados n'esta sessão os pareceres da commissão de admissão de socios relativos ás propostas dos Srs. bispo de Olinda e bacharel Argemiro Antonio da Silveira para socios correspondentes do Instituto e fazendo correr por duas vezes o escrutinio entre os socios prezentes foram os referidos candidatos admittidos ao gremio do mesmo Instituto.

LEITURA

A convite do Sr. prezidente o Sr. commendador Jozé Luiz Alves lê as biographias dos finados senadores do imperio Paulo Jozé de Mello de Azevedo Brito, Barão de Pindaré e Visconde de Uberaba.

A's 9 é levantada a sessão.

Henrique Raffard
2° secretario

16ª SESSÃO ORDINARIA EM 9 DE OUTUBRO DE 1891

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. d'Aquino e Castro.

A's 7 horas da noite, achando-se reunidos os Srs. conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro, Henrique Raffard, conselheiro Alencar Araripe, commendador Jozé Luiz Alves, Dr. Cezar Marques, Dr.

Sacramento Blake, major Silva Neto, Arthur Sauer, commendador Antonio Jozé Gomes Brandão, Jozé Verissimo e Dr. Alfredo Nascimento, o Sr. prezidente declara aberta a sessão, e sendo informado pelo Sr. 1° secretario de que o Sr. 2° secretario capitão de fragata Garcez Palha communicara estar impossibilitado de comparecer em consequencia de molestia grave de pessoa de sua familia, é convidado o Dr. Alfredo Nascimento para servir na qualidade de 2° secretario ínterino.

Lida e approvada sem observações a acta da sessão anterior, o Sr. Henrique Raffard, 1° secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: 1.° Do socio Dr. Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe, declarando ter recebido o diploma de socio benemerito, e o officio que o acompanhou.

2.° Do Sr. Lafayette de Toledo, communicando que, por intermedio do Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan, envia os tomos manuscriptos do seu trabalho intitulado: *Monographia da Caza Branca.*

3.° Do Sr. Dr. Augusto Cezar de Miranda Azevedo, prezidente da camara dos deputados de São Paulo, pedindo para a respectiva bibliotheca uma collecção da *Revista*. E' concedida.

4.° Do Sr. Olympio da Paixão, secretario da camara dos deputados de São-Paulo, enviando por ordem do Sr. prezidente, 2 exemplares da *constituição* d'aquelle Estado, 1 do regulamento interno da camara, 1 de cada projecto aprezentado á discussão, uma lista nominal dos Srs. deputados e 6 folhetos em italiano.

Foram enviados:

Pelo ministerio da agricultura, o *Relatorio dos trabalhos da estação agronomica de Campinas*, aprezentado ao referido ministerio pelo engenheiro director Adolfo Barbalho Uchôa Cavalcanti. Pela sociedade literaria e philosophica *The Manchester «Memorias»* 4° vol. ns. 4 e 5. Pela Real Academia dei Lincei, *Atti*. Pela redacção da *Revue de l'Afrique*, 1° anno n. 1. Pela associação rural do Uruguay, *revista*. Pela redacção *Il*

Brazile, anno V, Setembro de 1891. Pelo Departamento Nacional de Hygiene de Buenos-Aires, *Annales*. Pela directoria do correio geral, *Boletim*. Pela Bibliotheca Nacional Central Victor Emanuel de Roma, *Boletim*. Pela Sociedade de Geographia Commercial de Bordeaux, *Boletim*. Pelas respectivas redacções, *Diario da Bahia*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Géographie*, *Etoile du Sud*, *Brésil* e *Nouveau Monde*. Pelo Sr. Conde de Mota Maia, por intermedio do Sr. Dr. Teixeira Mello e da parte do Sr. D. Pedro de Alcantara, um exemplar do trabalho traduzido por Sua Magestade, por occazião das festas do centenario da annexação do condado Venaissino á França e intitulado: *Poesies Hebraico Provençales du Rituel Israelite Comtadin*, traduites et transcriptes par S. M. Dom Pedro 2° d'Alcantara — Avignon — 1891.— Recebido com muito especial agrado, mandou-se, que fosse o volume em brochura ricamente encadernado.

Tendo-se tomado conhecimento de todas essas remessas, o Sr. prezidente diz, que julga dever communicar ao Instituto o que ha occorrido ultimamente sobre a separação dos livros e mais objectos destinados ao mesmo Instituto por S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara. Tem a commissão tratado de dar cumprimento á incumbencia de que foi encarregada, e brevemente poderá ser recolhida a parte que tem de pertencer ao Instituto. Na ultima reunião da commissão, a que esteve prezente, foi resolvido, pela maioria dos membros que a compôem, que, quanto aos livros, viriam para o Instituto sómente as obras relativas a historia e geographia da America. Pela sua parte oppôz-se a tal deliberação, entendendo que devião vir igualmente para o Instituto, cuja bibliotheca não é excluzivamente americana, as demais obras de historia e geographia universal; e assim opinou, não só porque mandára o generozo doador que o Instituto, em primeiro logar, separasse para si as obras que lhe pudessem interessar, sem fazer a restricção pretendida pela maioria da commissão, como porque se acham sem duvida, comprehendidas na condição de interesse para o Instituto as obras de historia e geographia universal; bastando

attender-se á que, com a historia politica de muitas nações estrangeiras, além da America, se acha intimamente ligada a do nosso paiz; e só por isso seria da maior conveniencia que nos archivos do Instituto se conservasse tudo quanto pudesse ter relação, no presente e no passado, com tão importante assumpto. E' sabido que n'esta especialidade a bibliotheca de Sua Magestade contém verdadeiras preciozidades que constituem talvez a parte mais valioza da mesma bibliotheca. Entretanto, comprehendeo Instituto que não sendo explicita a manifestação da vontade de Sua Magestade no ponto controvertido, e, não restando ao membro divergente da commissão, meio de fazer valer o seu voto, motivado no grande apreço que o Instituto liga á doação que lhe foi feita, força era sujeitar-se á deliberação da maioria, abstendo-se de proseguir na separação encetada; assim terá o Instituto de receber o que a maioria da commissão julgar que deve pertencer-lhe, sendo certo, que, ainda com a restricção feita, será de grande valor a parte que houver de ser cedida ao Instituto, attenta a subida importancia da Bibliotheca de Sua Magestade.

Taes são as informações que no momento tem por conveniente trazer ao conhecimento do Instituto.

Obtendo a palavra o Sr. 1.° secretario declara concordar com as razões, que firmam a opinião do Sr. prezidente, lhe parecendo além d'isso que o fim do acto de Sua Magestade foi fazer doação principal ao Instituto, o que claramente se revela a quem faz attenta consideração, já ás constantes attenções e preferencias que o monarcha sempre deu a esta instituição, já ao facto de lhe deixar a livre escolha d'aquelles livros, como se deduz da leitura das cartas do seu procurador, o Sr. conselheiro Silva Costa já finalmente, á circumstancia de designar para executor da sua vontade quatro illustres cavalheiros, dos quaes tres são membros do Instituto e um ha pouco tempo deixou de o ser. Mesmo prevalecendo a decizão da maioria da commissão, observa que muitos volumes contendo subsidio importante para a historia patria, como trabalhos historicos de varias colonias, relatorios de diversos ramos da nossa administração

publica, colecções de leis geraes e provinciaes, que já foram levados para a Bibliotheca Nacional, devem ser removidos para o Instituto, que não póde por certo receber apenas as duplicatas alli desprezadas. Declara, que da parte do Sr. director da bibliotheca não ha que receiar duvida alguma, pois que S. S. díssera ficar alheio á separação dos livros, limitando-se a agradecer o que lhe fôr entregue e do que dará recibo. Accrescenta, que diversos livros e objectos já se acham na bibliotheca do Jardim Botanico, que outros, em grande numero, estão apartados para a Academia de bellas artes, estabelecimentos que não foram contemplados por Sua Magestade e que portanto julga sem direito a um quinhão qualquer. Acredita, que o Sr. D. Pedro d'Alcantara muito se desgostará com a noticia de serem disputados os livros que generosamente resolveu doar ao Instituto e á Bibliotheca Nacional, e que portanto entende dever o Instituto protestar contra a falsa interpretação dada á sua vontade.

Segue-se com a palavra o Sr. commendador Jozé Luiz Alves que propõe lançar se na acta um protesto contra essa decizão da maioria da commissão.

A pedido do Sr. Dr. Cezar Marques o Sr. prezidente faz proceder á leitura das cartas do Sr. conselheiro Silva Costa, já transcriptas na acta de 31 de Julho passado.

Continuando com a palavra o Dr. Cezar Marques pondera ser de estranhar que os termos claros em que se acha feita a doação, tenham sido obscuros para a maioria da commissão, e lembra ao Sr. prezidente escrever a Sua Magestade, afim de obter do augusto doador a ratificação das suas verdadeiras intenções. O Instituto não só tem direito pela doação á melhor parte da bibliotheca particular de Sua Magestade como ainda preferencia na escolha dos livros, e pouco importa averiguar a maior ou menor conveniencia da sua remoção para qualquer outra instituição não contemplada pelo Sr. D. Pedro de Alcantara.

O Sr. Dr. Sacramento Blake desiste da palavra, que pedira, porque o que disse o Dr. Cezar Marques é proximamente o que pretendia dizer, e apenas observa, que,

dando o devido apreço á dadiva do ex-imperador, o Instituto não se póde mostrar indifferente ao modo de se interpretarem as suas palavras.

O Sr. prezidente propõe, que se escreva ao nosso consocio Sr. Conde de Mota Maia para consultar a vontade de Sua Magestade em relação a duvida que occorre, ao que annue o Sr. conselheiro Alencar Araripe, lembrando que se officie primeiramente á commissão, no sentido das reclamações aprezentadas, protestando contra a interpretação dada aos topicos das cartas referentes á doação do ex-monarcha.

Esta proposta foi approvada, resolvendo-se que todos os membros da meza assignarão o protesto.

Em seguida, o 1° secretario Sr. Henrique Raffard faz considerações relativas á remoção dos livros para o Instituto, trabalho que não poderá ser terminado este anno, sem o auxilio de mais um empregado para coadjuvar aos da Bibliotheca Nacional e do Instituto, e depois de fallarem o Dr. Cezar Marques, Dr. Sacramento Blake, conselheiro Alencar Araripe e o Sr. prezidente, é autorizado o Sr. 1° secretario a proceder como entender conveniente contratando esse auxiliar e fazendo as necessarias despezas.

Tomadas estas deliberações, é dada a palavra ao Sr. thezoureiro conselheiro Alencar Araripe, que communica, que o Sr. commendador Jozé Joaquim de França Junior fez ao Instituto o donativo de 2:000$, que ficaram recolhidos ao Banco de credito movel conforme a autorisação existente.

O Sr. 1° secretario lê as seguintes

PROPOSTAS

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o Sr. Julius Meilé, cidadão suisso, com 51 annos de idade, socio das cazas commerciaes Cramer Frey, de Zurich, Pernambuco e Rio de Janeiro, laureado por varias sociedades numismaticas da Europa pelo seu valiozo trabalho sobre as moedas e medalhas do Brazil, desde os tempos coloniaes,

publicação que serve de titulo para a admissão do illustrado autor no nosso gremio. Sala das sessões 9 de Outubro de 1891. *Henrique Raffard. Dr. Teixeira de Mello. T. de Alencar Araripe. Dr. Cezar Augusto Marques.*» Vai á commissão de ethnographia, sendo relator o Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt.

«Proponho para socio correspondente o Sr. Ireneo Ceciliano Pereira Joffily, servindo de titulo para a sua admissão os seus escriptos historicos e geographicos sobre o estado da Parahiba, publicados no *Jornal do Commercio* e no *Brazil*, e d'este ultimo entrego alguns numeros. O Sr. Ireneo Joffily é bacharel formado em sciencias sociaes e juridicas pela Faculdade do Recife, é natural da Parahiba e tem 47 annos de idade. Por estes trabalhos se reconhece ter intelligencia, genio investigador, amor ao trabalho, gosto e honradez em suas investigações. Julgo-o, portanto com as habilitações necessarias a tomar parte em nossas officinas de trabalho, e sinto muita satisfação apresentando hoje esta proposta. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 9 de Outubro de 1891. *Dr. Cezar Augusto Marques.*» Vai á commissão subsidiaria de historia, sendo relator o Dr. Alfredo Nascimento.

O Dr. Cezar Marques obtendo a palavra procede á leitura das tres notas seguintes que envia á meza:

1ª. No notavel opusculo intitulado: *Cidade de Mato Grosso (antiga Villa-Bella), o rio Guaporé e a sua mais illustre victima*». Estudo historico pelo Visconde de Taunay, lê-se á pag. 15, que o tio-avô do illustrado escriptor era autor do busto de Camões, que «pertence hoje, por donativo de S. M. o Sr. D. Pedro II, ao Instituto Historico, e infelizmente está muito maltratado, se não de todo perdido. Não sei quem teve a desastrada ideia de pintal-o de preto afim de imitar bronze! Ultimamente até fizeram-no cahir da peanha e ficou com a cabeça separada do tronco! Uma lastima! »

Dezejo saber se a queda foi cazual ou devida á negligencia de algum empregado, quem mandou pinta-lo

de preto; si está de todo perdido esse busto, ou si foi concertado e onde se acha actualmente.

Sala das sessões do Instituto Historico, 9 de Outubro de 1891. *Dr. Cezar Augusto Marques.*

2°. *Historia do Maranhão.* Correcções ao Roteiro de Manoel Jozé de Oliveira Bastos.

No tomo 1° da 2ª serie da nossa *Revista Trimensal* pertencente ao anno de 1846 foi impresso o *Roteiro das capitanias do Pará e Maranhão, Piauhy, Pernambuco e Bahia pelos seus caminhos e vias centraes*, por Manoel Jozé de Oliveira Bastos. Na pag. 530 lê-se na 2ª parte o seguinte:

« Da capitania do Maranhão continuando pelo rio Turiassú encontra-se a *fortaleza* denominada *Boas-Vistas* que tem um destacamento commandado por um subalterno, o qual faz registrar todas as embarcações que passam,

Nunca existio essa *fortaleza* e sim ahi houve um pequeno destacamento para vizitar e registrar as embarcações que subiam ou desciam o rio.

De um pequeno destacamento, aboletado talvez em uma palhoça, á uma *fortaleza* vai grande differença.

Não convém deixar passar tão grande exageração, que póde ser prejudicial ao estudo da historia patria.

Continuando, escreve Oliveira Bastos: « A pouca distancia, e completas nove leguas de navegação, encontra-se Genipapo. Segue-se de Genipapo por terra passando-se pelas *fortalezas* seguintes: a primeira, a duas leguas de caminho, é a de Jozé Manoel de Lima; a segunda, a do fallecido capitão Antonio Jozé Pires de Lima e dista da primeira duas leguas; a terceira, a do commendador Jozé S. da Silva, dista da segunda tres leguas; a quarta, do capitão Coelho, dista da terceira tres leguas ».

Quanta inexactidão! Quantas fortalezas! Todas immaginarias; nunca em tempo algum existiram.

O que elle chama *fortalezas* foram apenas fazendas, roças, ou estabelecimentos ruraes e campestres, como tive occazião de ver, quando por ahi passei estudando o

Maranhão em suas diversas localidades e direcções para preparar a 2ª edição do meu diccionario historico, geographico e estatistico, publicado em 1870.

Póde ser que não seja illuzão de Oliveira Bastos e sim engano de leitura ou erro de cópia. Seja como fôr, convem restabelecer a verdade, e é o que eu faço pura e símplesmente para que outros não adquiram conhecimentos falsos, o que é sempre máo, e muito principalmente no estudo do que já pertence aos tempos passados, e que facilmente póde ser envolvido no véo da obscuridade, e dar motivo a perder-se, como me aconteceu, muitas horas de trabalho e de fadigas que bem podiam ser melhor aproveitadas.

Sala das sessões do Instituto Historico 9 de Outubro de 1891. *Dr. Cezar Marques.*

3.º O nosso sabio consocio, sempre aqui lembrado com o respeito que devemos aos seus labores, na sua monumental historia geral do Brazil, pag. 267, 1º vol. disse «ser já tempo de abandonarmos nossa apathia pelo passado, e que o melhor modo de fazermos com que o povo não seja indifferente é despertal-o e avivar por meio de monumentos d'arte os factos mais notaveis. Os monumentos são as pégadas da civilização em qualquer territorio: são as barreiras que devem extremar os tempos historicos d'esses de barbaridade de cujas rixas canibaes se não levantavam, ainda bem, nem sequer provisorios trophéos.» Profundamente convencido d'essa verdade, noto com bem pezar que desde a proclamação da Republica no Brazil, o falso patriotismo, a adulação e a má coordenação de ideias fazem consistir árrhas de suas adhesões á nova fórma de governo de nossa terra, destruindo ora a bandeira brazileira que guiou os nossos valentes exercitos a tantas lutas heroicas, a tantos combates sanguinolentos, de cujo campo sempre se retiraram cheios de glorias carregados de palmas da victoria, cobertos de applausos dos conterraneos e de elogios do mundo inteiro, ora destruindo monumentos de pedra, taes como, entre outros, o *polourinho*, que no largo do Carmo da cidade de São-Luiz, no Estado do Maranhão, suscitava admiração dos entendidos, e por

ultimo lançando intenções sinistras aqui contra a antiquisima fonte da Carioca e no Recife contra os arcos historicos de Santo Antonio e de N. S. da Conceição, e por isso receiando que esta febre destruidora se transforme em epidemia, e se derrame por todo o Brazil, destruindo tantos monumentos que constituem quazi sempre uma das mais solidas bazes da nossa historia, requeiro que o Instituto Historico e Geographico do Brazil se dirija ao Sr. Prezidente da Republica fazendo ver os inconvenientes do dominio do martello e da picareta, na phrase do nosso consocio o Sr. Visconde de Castilho, e pedindo muito respeitozamente as competentes providencias para que não se destruam esses monumentos, já pela falta que fazem ao estudo a que nos dedicamos, e já porque são elles bens dos Estados, que todos devem zelar e não destruir a torto e a direito, sem vantagem alguma para o serviço de Deus, da humanidade ou da patria. Sala das sessões do Instituto Historico em 9 de Outubro de 1891. *Dr. Cezar A. Marques.*

Tendo a palavra o Sr. 1° secretario informa, que o busto de Camões, a que se referio o Sr. Dr. Cezar A. Marques, se acha na sala, em que actualmente estamos, perfeitamente restaurado, em fingimento de bronze, que a quéda consta ter sido cazual e quanto á côr anterior ignora quem a fez dar.

Passando-se á

ORDEM DO DIA

Corre o escrutinio e é unanimemente approvado o parecer relativo ao Sr. commendador Jozé Joaquim da França Junior, e o Sr. prezidente proclama-o socio benemerito do Instituto. Achando-se adiantada a hora, fica adiada a leitura do trabalho do Dr. Cezar Marques, e o Sr. prezidente levanta a sessão.

Dr. Alfredo Nascimento,
servindo de 2° Secretario

17ª SESSÃO ORDINARIA EM 23 DE OUTUBRO DE 1891

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 7 horas da noite, prezentes os Srs. conselheiros Olegario Herculano d'Aquino e Castro, Manoel Francisco Correia, Henrique Raffard, commendador Jozé Luiz Alves, Barão de Capanema, Drs. Cezar Marques e Sacramento Blake, major Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto, e capitão de fragata Garcez Palha, abre-se a sessão.

Leu-se a acta da sessão anterior, que foi approvada pelos socios acima e mais os Srs. commendador Antonio Jozé Gomes Brandão, Dr. Guilherme Seoane, Arthur Sauer, Dr. Pinheiro de Bitencourt e Dr. Nascimento Silva, que compareceram durante a leitura.

EXPEDIENTE

Constou dos seguintes

Officios: Do Secretario geral da Academia Real de Sciencias de Lisboa agradecendo a remessa do vol. 53. parte 2ª da *Revista do Instituto* e do Sr. Guilherme Seoane accusando o recebimento da collecção da *Revista*.

OFFERTAS

Da Academia de Medicina do Rio de Janeiro — *Annaes,* tomo 56—1890 a 1891; pela Sociedade Italiana de Geographia—4° fasciculo do vol. 8° do *Boletim* respectivo; da Real Academia de Historia de Madrid, cadernos de 1.° a 3.° do tomo 19 do *Boletim*; do Observatorio Astronomico, Calendario e dados astronomicos extrahidos do annuario publicado pelo mesmo observatorio para o anno de 1892, e o fasciculo da *Revista* correspondente ao mez de Setembro de 1891; da Faculdade de Direito de Recife o fasciculo 1.° do vol. 1.° da respectiva *Revista*; da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro o 1° fasciculo do tomo 7.° da sua *Revista*; da Associação Rural do

Uruguay o fasciculo quinzenal de sua *Revista*, publicado em 30 de Setembro; pelas respectivas redacções: *El Monitor de Educacion*, Setembro de 1891; *Diario Popular*, *Club Curitibano*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Jornal de Minas*, *Jornal do Recife*, *Nouveau Monde*, *Brésil*, *Geographie e Etoile du Sud*; do commendador Cezar Marques: Relação dos commerciantes matriculados na junta commercial do Estado do Maranhão; desde o extincto tribunal do commercio, e dos matriculados em outros Estados que ali registraram suas cartas; do conselheiro Correia: *Relatorio dos trabalhos da Estação Agronomica de Campinas*, *Estatutos da Sociedade Protectora do Infancia Desamparada*, e *Memoria sobre a Associação mantenedora do Muzeo Escolar Nacional*.

ORDEM DO DIA

O Sr. prezidente declara, que havendo o Instituto resolvido em sua ultima sessão que a meza officiasse á commissão encarregada da distribuição dos livros doados pelo Augusto protector d'este Instituto, cumprio a meza essa deliberação enviando o seguinte officio:

« Instituto Historico Geographico Brazileiro, 9 de Outubro de 1891.

Exms. Srs. Visconde de Taunay, Visconde de Beaurepaire Rohan e general Dr. Severiano da Fonseca. O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, sendo informado de que a commissão encarregada da separação dos livros e mais objectos doados por S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara resolveu, pelo parecer em maioria dos membros que a compoem, entregar ao mesmo Instituto sómente os livros relativos á historia e geographia da America, tem por conveniente pedir a attenção da mesma commissão para os termos expressos na carta dirigida pelo conselheiro Silva Costa, communicando a intenção que tinha o generoso doador de beneficiar o Instituto, sem a limitação agora imposta pela mesma commissão.

Sua Magestade mandou em primeiro lugar separar dentre os livros de sua bibliotheca, aquelles que pudessem

interessar ao Instituto Historico, afim de fazerem parte da respectiva bibliotheca; ora, não sendo feita, por quem só podia fazel-a, a restricção lembrada pela maioria da commissão, parece, que deve ser deixada ao Instituto a liberdade de escolher os livros que, de qualquer modo, possam interessar-lhe.

A bibliotheca do Instituto não é exclusivamente americana; não se compõe sómente de livros de historia e geographia, e muito menos de historia e geographia da America; as obras que possue abrangem diversos ramos de conhecimentos humanos e entre essas avultam as que tratam de historia e geographia universal.

Ainda tomando-se por fundamento da restricção a condição de interesse para o Instituto, parece inquestionavel que as obras de historia e geographia universal são do maior interesse literario para o mesmo Instituto: basta vêr que com a historia politica de muitas nações estrangeiras, além da America, se acha intimamente ligada a do nosso paiz, e só por essa razão seria da maior conveniencia que nos archivos do Instituto se conservasse tudo quanto pudesse ter relação, no presente ou no passado, com tão importante assumpto.

Assim que, estando o Instituto convencido de que a intenção de Sua Magestade foi directamente favorecer a instituição literaria que em todo o tempo mereceo a sua especial e immediata protecção, e ainda como prova do grande apreço que liga á valiosa doação que lhe foi feita, julga de seu dever reclamar, perante a commissão, contra a deliberação tomada, afim de que sejam-lhe entregues as obras que possam, no seu entender, interessar-lhe, e em cujo numero se acham principalmente as de historia e geographia universal.

O Instituto acredita que a commissão não tem outro empenho que não seja executar fielmente a honrosa commissão de que foi encarregada, e assim espera ser attendida em sua reclamação; salvo sempre a ulterior deliberação de Sua Magestade que será solicitada, para ser exactamente cumprida, quando se pronuncie no sentido da limitação feita pela maioria da commissão. *Olegario Herculano de Aquino e Castro*, vice-prezidente. *Henrique*

Raffard, 1° secretario. *Jozé Egidio Garcez Palha*, 2° secretario. *Tristão de Alencar Araripe*, thezoureiro. *Jozé Luiz Alves*, orador. *Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt*, 1° secretario supplente. *Dr. Alfredo do Nascimento*, 2° secretario supplente.

O capitão de fragata Garcez Palha, pedindo a palavra lembra ao Instituto a necessidade de officiar-se de novo á referida commissão, pedindo-lhe que se detenha até ulterior deliberação de Sua Magestade na distribuição dos livros e n'este sentido dirige a meza uma proposta, que é unaninemente approvada.

Achando-se na sala immediata a das sessões o socio Sr. Dr. Argemiro da Silveira, é introduzido com as formalidades do estilo e saudado pelo Sr. prezidente que o apresenta ao Instituto.

Obtendo a palavra o novo consocio lê o seguinte discurso.

« Senhores membros do Instituto. Desde que tive noticia de me haverdes, com summa benevolencia e generozidade, eleito para membro desta illustrada corporação academica, senti-me prezo para convosco de um dever de gratidão, cujo cumprimento não me era licito protelar.

« Assim é que, roubando tempo a urgentes affazeres que me chamaram a esta cidade, conclui dever aprezentar-me hoje ao Instituto e solicitar por alguns momentos a vossa precioza attenção. Venho apenas testimunhar-vos o meu agradecimento e começarei dizendo, que considero a minha eleição não como o resultado da apreciação de merecimentos que acazo me possam ser attribuidos, mas unicamente como um estimulo para trabalhos futuros.

« Não sei explicar por outro modo a vossa escolha, si recordo a pequenhez de minha intelligencia bem como a insignificancia de meus conhecimentos, que me obrigam a repetir com convicção o que por modestia disse um grande philosopho: *unum scio, nihil scire*. A' magnitude de vosso espirito e á generozidade de vosso caracter devo eu tão subida quão immerita distinção.

« Quanto mais alto se acham collocados na esphera social os homens, e suas instituições, tanto mais sublime

transparece n'elles aquella nobilissima virtude que os corações acanhados não podem experimentar, a generosidade.

« E nem vai n'isso uma simples convenção da humanidade, porém mais ainda uma licção aprendida no grande livro da mestra da vida, a natureza.

Como agrada vêr em nossas vetustas florestas as frondozas arvores deitando ramos e franças para todos os lados, cobrirem se de milhares de florinhas á cuja vida dão seiva para com seu concurso fructificarem-se e reproduzirem-se! Como atrahe contemplar as nossas grandes arterias fluviaes, receberem o tributo de um sem numero de pequenos ribeiros que por si não poderiam alcançar os mares, para, com o concurso de todos elles, deslizarem-se magestozas nos vales das planicies ou rebentarem-se precipitadas nas penedias de elevadas catadupas, até abraçarem-se com o Oceano! Como encanta observar-se os grandes astros luminozos estendendo sua luz protectora aos mais insignificantes corpos da esphera!

« Por isso é que agrada, atrae, encanta, Senhores membros do Instituto, vêr na generozidade d'esta associação o reflexo do caracter nobre, que vos adorna.

« Agradeço-vos portanto a honra, que me conferistes e hypotheco ao Instituto os meus diminutos serviços de compilador, amante das couzas da nossa historia e geographia patria.

Concluindo direi ao Instituto como o poeta de Mantua: *Haud equidem tali me dignor honore*. Disse.»

O orador do Instituto responde a este discurso, salientando os meritos literarios do novo consocio, e o Dr. Sacramento Blake lê o seguinte discurso:

«O Instituto Historico e Geographico Brazileiro não é uma associação de culto catholico, mas applaude o mancebo que, no começo de seu curso de direito, redigindo um importante orgão do catholicismo, sustentava as crenças, que seus pais lhe implantaram n'alma desde o desabroxar da existencia.

«O Instituto não é uma associação, que se occupe da instrucção elementar; mas comprazia-se vendo que esse

mancebo punha de parte as distracções que seduzem os de sua idade, para dedicar-se ao magisterio livre em suas horas de lazer, n'uma das capitaes mais illustradas e florescentes do Brazil e para isso escrevia trabalhos, que eram cobertos de encomios por toda a imprensa do dia.

«O Instituto Historico que ha mais de meio seculo cultiva com desvelo extreme a historia de nossa cara patria, sympathisou com esse mancebo, vendo-o encetar a senda de seus estudos pela historia do torrão em que nasceu, a cidade de São-Roque, e isto desde a primitiva povoação fundada pelo capitão Pedro Vaz de Barros, que no lugar estabeleceu uma fazenda de creação e uma capella sob a invocação do Santo Martir até sua elevação a cidade pela lei provincial de 22 de Abril de 1864.

«E quem era esse estudante sabiam os mestres, que n'elle viram uma das bellas esperanças do paiz; sabia o governo geral, que o incumbio de escrever a historia da emigração de São-Paulo, desde o anno de 1827, trabalho de alto folego, ha muito entregue e sorprehendendo o governo, não tanto porque seu autor justificasse o conceito que merecera, como porque foi além do que se exigira. Tratou elle da emigração e colonização desde a chegada da familia real ao Brazil. Só os mappas d'este trabalho acham-se impressos.

«E esse mancebo, esse estudante de direito a quem me refiro, sois vós, Sr. Dr. Argemiro da Silveira. O Instituto Historico já vos conhecia portanto, quando lhe offereceste vossos apontamentos de Libero Badaró e chronica de seu assassinato perpetrado em São-Paulo em 20 de Novembro de 1830, memoria que foi logo estampada em nossa *Revista*, foi distribuida em volumes especiaes, e em folhas paulistas tem sido reproduzida, sendo em duas vertida para o italiano.

« E nem podia o Instituto deixar de acolher vossa offerta, quando com toda verdade e circumspecção rehabilitais a memoria do estrangeiro que ao Brazil deu, não sómente o amor do verdadeiro Brazileiro, mas com esse amor o seu quinhão de livre arbitrio, sua intelligencia, sua penna, sua vida em summa; quando demonstrastes ao velho mundo, que não morre no Brazil aquelle que, embora

nascido no estrangeiro, soube exaltar-se por suas virtudes civicas e por seu acrizolado amor a liberdade; quando finalmente vos tornastes interprete da gratidão da patria áquelle que da gratidão da patria foi tão credor.

«O Instituto acolhendo vossa offerta devia, como fez, offerecer-vos a cadeira que vós occupais. A solemne promessa que acabais de dirigir-lhe, o Instituto guarda no coração como um penhor sagrado do que espera de vós, moço como sois, rico de actividade, de intelligencia, de illustração e de patriotismo.»

O Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia obtendo a palavra pondera, que o Instituto recebeu até agora a consignação annual de nove contos de reis, mas que como todos os estabelecimentos de instrucção subsidiados pelo Estado se acha ameaçado de vêr aquella quantia consideravelmente diminuida. Que a proposta enviada pelo Presidente da Republica ao Congresso, orçando a despeza do ministerio de instrucção publica, correios e telegraphos, consignou para o Instituto Historico os mesmos nove contos, mas a commissão da camara dos deputados reduzio a despeza de cento e tantos contos pedida pelo poder executivo para estabelecimentos de instrucção a cincoenta e nove contos, sob a rubrica Instituições subsidiadas; e que por conseguinte todas as parcellas serão diminuidas. Que a Sociedade Amante da Instrucção, o Azilo de meninos desvalidos e o da Infancia desamparada já officiaram áquella camara solicitando fosse mantida a subvenção que recebiam. Que o Instituto Historico não se poderia manter si aquella quantia fosse diminuida e assim propunha que a meza ou o Sr. prezidente em nome d'ella se dirigisse tambem a meza da camara de deputados, ponderando as circumstancias em que se acha esta associação, que antes de qualquer outra mereceu ser contemplada no orçamento geral e que tantos serviços tem prestado á historia patria.

Depois de longa discussão em que tomam parte os Srs. commendador Gomes Brandão, Jozé Luiz Alves e conselheiro Manoel Francisco Correia, é a proposta approvada.

Vem a meza as seguintes propostas:

1ª Propomos para socio effectivo o Sr. Dr. Liberato de Castro Carreira, servindo de titulo de admissão a historia

financeira do Brazil. Instituto Historico 23 de Outubro de 1891. *Olegario H. d'Aquino Castro. Dr. Cezar Augusto Marques. Jozé Luiz Alves. Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake. Henrique Raffard. Garcez Palha. Manoel Francisco Correia.*

2ª Propomos para socio benemerito o Sr. commendador Henrique das Chagas Andrade. Instituto Historico 23 de Outubro de 1891. *Olegario H. d'Aquino Castro. Henrique Raffard. Jozé Luiz Alves. Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt.*

Na fórma dos Estatutos são remettidas, a primeira á commissão de historia, sendo relator o Dr. Sacramento Blake e a segunda a de admissão de socios, relator o Sr. Barão de Capanema.

Por proposta do thezoureiro interino, commendador Jozé Luiz Alves, resolve o Instituto que a commissão de redacção da *Revista* proceda a uma revisão na lista dos socios, eliminando aquelles que houverem falecido e incluindo os que tem sido de novo admittidos.

O Sr. Dr. Pinheiro de Bitencourt lê o seguinte parecer da commissão de trabalhos historicos relativos á admissão do proposto Sr. Julio Meili.

Foi prezente á commissão o trabalho do cidadão suisso, Sr. Julio Meili, sobre numismatica, comprehendendo uma collecção de moedas portuguezas e outra de moedas e medalhas brazileiras, desde os tempos coloniaes até 1889.

A commissão de ethnographia d'este Instituto teve a honra de emittir o seu parecer a respeito d'esse trabalho, aprezentado para titulo de admissão do Sr. Julio Meili ao nosso gremio.

Cumpre-lhe pois informar ao Instituto, que as collecções numismaticas do illustre investigador suisso são preciozas e dignas da maior consideração por parte dos competentes na materia.

As moedas e medalhas colleccionadas e aprezentadas no trabalho que tivemos em mão distinguem-se pela importancia dos factos historicos que commemoram, e tambem pela exactidão e perfeição com que foram reproduzidas.

E' sobremodo notavel a reprezentação graphica de moedas portuguezas, algumas rarissimas e de grande antiguidade. Seria longo si fosse mister descrever-vos minuciozamente todas as particularidades das monographias aprezentadas pelo Sr. Julio Meili ; nem isso seria necessario, pois já as haveis examinado com a devida attenção.

Apenas, concluindo, deve a commissão dizer-vos, que considera o trabalho do Sr. Meili como muito interessante, e perfeitamente no cazo de servir-lhe de titulo de admissão a este Instituto. Rio 23 de Outubro de 1891. *Dr. Feliciano Pinheiro Bitencourt. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake. Garcez Palha.*

A' commissão de admissão de socios servindo de relator o Sr. commendador Jozé Luiz Alves.

Posto em discussão este parecer o Sr. Dr. Cezar Marques pede, que seja inserido na acta que discorda da commissão em dois pontos. Não encontrou nunca referencia alguma sobre caza de moeda no Maranhão e põe em duvida a existencia da moeda que figura como tendo sido cunhada em Moçambique e Maranhão; mostra, que o mesmo autor não tem certeza d'isso, pois faz preceder o que escreve de um ponto de interrogação.

Posto a votação o parecer é approvado e remettido á commissão de admissão de socios.

Na segunda parte da ordem do dia o Sr. Dr. Cezar Marques lê o seu trabalho intitulado : Historia do Pelourinho de Maranhão, sobre o qual fazem algumas considerações os Srs. Dr. Sacramento Blake e Garcez Palha.

Levantou-se a sessão ás 8 1/2 horas da noite.

Garcez Palha

2º secretario interino

18ª SESSÃO ORDINARIA EM 6 DE NOVEMBRO DE 1891

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 7 horas da noite, achando-se prezentes os Srs. conselheiros Olegario Herculano d'Aquino e Castro e Tristão de Alencar Araripe, Henrique Raffard, commendadores Jozé Luiz Alves e Antonio Jozé Gomes Brandão, Drs. Sacramento Blake, Alfredo Nascimento e Cezar Marques, Barão de Capanema, Arthur Sauer, major Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto e capitão de fragata Garcez Palha, o Sr. prezidente abrio a sessão.

Leu-se a acta da sessão anterior, que foi approvada sem discussão e em seguida o Sr. 1° secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio:—Do Sr. João Capistrano de Abreu communicando acceitar a commissão de que o incumbio o Instituto a respeito do elogio historico de Christovão Colombo.

OFFERTAS

Pelo Sr. Vivien de S. Martin, *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle*. Pela Sociedade de Geographia Economica de Minas Geraes, *Relatorio do Prezidente do Conselho Director,* Ouro Preto, 1891. Pelos editores Gundlack & Cª, *Annuario do Estado do Rio Grande do Sul* para o anno de 1892. Pelo Departamento nacional de hygiene de Buenos Aires, *Annales*, Setembro 1891. Pela Real Academia dei Lincei, em Roma, *Atti* vol. 7°, fasciculo 5°, 2° semestre. Pelo Sr. Dr. Guilherme Studart, *Seiscentas datas para a chronica do Ceará*, na segunda metade do seculo XVIII, Fortaleza 1891. Pela Universidade Central del Educador *Anales*, Série 5ª, n° 38, 1891. Pela direcção da *Gazeta Medicale de Milano* um fasciculo. Pelo Instituto do Ceará, Faculdade de Direito do

Recife, e Associação Rural do Uruguay, *Revistas*. Pelas Sociedades de Geographia de Pariz, d'Anvers, de Lima, e de Bordeaux, *Boletins*. Pelas respectivas redacções: *Diario Popular*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Jornal do Recife*, *Club Curitibano*, *Nouveau Monde*, *Brésil*, *Géographie*, e *Etoile du Sud*. Pela directoria geral dos correios, *Boletim Postal*. Pela Sociedade de Historia Literaria de Quebec, *Transactions*, 1889-1891. Pelo socio Sr. Dr. Sacramento Blake, *Colleccion de documentos ineditos relativos al descobrimiento, conquista y colonisacion de las possesiones españolas en America y Oceania*, sacados en su major parte del Real Archivo Indio, 10 volumes. Pelo engenheiro Henrique Gerber, *Noções geographicas e administrativas da provincia de Minas Geraes*, 1 vol., e finalmente um volume de mappas *mundi* para o ensino de geographia.

Não havendo expediente o Sr. prezidente manda lêr os officios que dirigio á 23 de Outubro passado ao Congresso Nacional, solicitando fosse mantida no orçamento a consignação que percebe o Instituto, e que enviou á commissão encarregada da classificação e distribuição dos livros da bibliotheca imperial.

O primeiro é concebido nos seguintes termos:

« O Instituto Historico e Geographico Brazileiro pede ao Congresso Nacional, que continue a ser concedida a subvenção até agora fixada na lei do orçamento, para que possa subsistir essa tão antiga quanto util e acreditada associação literaria.

Fundado em 1838, no empenho de colligir, methodisar, publicar ou archivar os documentos concernentes á historia e geographia do Brazil e á archeologia, ethnographia, e linguas de seus indigenas, tem o Instituto até hoje desempenhado condignamente a sua missão, publicando com regularidade uma *Revista* periodica, que já conta 54 volumes, repositorio abundante de preciozos elementos para o fim a que se destina o mesmo Instituto e, de mais, publicando outros muitos trabalhos literarios e avulsos de reconhecido merecimento e devidamente apreciados tanto no paiz como no estrangeiro.

Não tem recursos proprios, sufficientes para que possa se sustentar sem o auxilio que até agora lhe ha sido concedido pelas leis do orçamento.

Está bem certo de que o Congresso, no louvavel empenho de poupar despezas e realizar economias em bem dos cofres publicos, terá em attenção que nenhuma despeza é mais productiva e acertadamente applicada do que aquella que tem por fim desenvolver e animar a instrucção, fonte unica da verdadeira grandeza nacional.

Serão sempre justas e adequadas as restricções impostas ás despezas publicas pelo poder competente; menos quando tiverem como consequencia fatal prejudicar por qualquer modo o serviço da instrucção e o desenvolvimento moral e intellectual da sociedade.

Ninguem melhor do que o Congresso póde reconhecer esta verdade: assim, confiando o Instituto Historico e Geographico Brazileiro na sabedoria e illustração do Congresso Nacional, espera ser attendido em sua justa e respeitosa representação.»

O segundo officio diz o seguinte:

« O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, em additamento ao officio, que com data de 9 do corrente dirigio á maioria da commissão encarregada da separação dos livros e mais objectos doados por S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara, e em attenção ás razões já ponderadas, pede á mesma commissão, que, sem prejuizo da separação já encetada, se sobr'esteja na retirada e entrega dos livros e objectos separados, até que seja conhecida a resolução de Sua Magestade sobre a duvida que, a tal respeito occorreu e de que trata o já citado officio.»

O Sr. secretario communica, que, graças aos bons esforços dos deputados Indio do Brazil e Dr. Felisbello Freire, socios do Instituto, já se achava prompta afim de ser aprezentada na discussão do orçamento na camara dos deputados, uma emenda mantendo a consignação que o Instituto recebia.

Passando-se á

ORDEM DO DIA

O Sr. thezoureiro lê um officio que lhe foi dirigido pela Sociedade Scientifica Antonio Alzate do Mexico, pedindo permuta da *Revista* do Instituto Historico com as *Memorias* da mesma sociedade. Resolveo-se attender ao pedido.

O Sr. Dr. Cezar Marques pede, que se lhe informe si já se officiou, como pedio, á Viscondessa de Cavalcanti; e pergunta si foi nomeado o reprezentante do Instituto no centenario de Colombo em Madrid, lembrando para esse encargo o Sr. Barão de Alencar, nosso consocio. Em resposta o Sr. prezidente declara, que o officio vai ser redigido e enviado a Sra. Viscondessa de Cavalcanti, agradecendo a offerta recebida e que quanto a nomeação de reprezentante do Instituto na festa commemorativa do descobrimento da America opportunamente será resolvido.

O Sr. commendador Jozé Luiz Alves lembra a necessidade da fazer-se o programma para a sessão anniversaria em 15 de Dezembro, e para a que o Instituto resolveu celebrar em homenagem a Colombo; deliberou o Instituto, que aquella se faça o mais modestamente que fôr possivel e que do programma da ultima se trate opportunamente.

São lidos os seguintes:

PARECERES

1º A' commissão de admissão de socios foi prezente a proposta da meza para ser recebido como socio benemerito o Sr. commendador Henrique das Chagas Andrada. Attendendo as qualidades que recommendão este cidadão, a commissão é de parecer, que a proposta seja approvada, cumprida a condição dos Estatutos. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 6 de Novembro de 1891. *Barão de Capanema*, relator. *Manoel Francisco Correia. Jozé Luiz Alves.*

2.° Lemos o trabalho intitulado *Breve noticia sobre a Parahiba*, do Dr. Ireneo Joffily, proposto socio correspondente do Instituto; e publicado no jornal *Brazil*, d'esta capital. Esta publicação, que ainda continúa, consta até hoje de 12 longos artigos, que já permittem ajuizar do merito do trabalho, que em breve apparecerá em um volume, como ahi promette o seu autor.

O estado de ignorancia relativa em que jazem as couzas do Brazil, dão ás investigações d'esta natureza elevado valor estimativo, merecendo para o seu autor os applausos dos interessados em recompensa do seu labor. O estado da Parahiba é precisamente um dos menos conhecidos, e os artigos do Dr. Joffily devem ser aceitos pelo Instituto como valioza contribuição para o estudo da nossa patria.

Na parte até hoje publicada, encontra-se, em linguagem simples e sem atavios, porém correcta e conciza, uma enumeração summaria dos dados geographicos e ethnologicos desse estado, noticia sobre a sua flóra e fauna, riquezas mineraes, considerações meteorologicas, etc., acompanhado tudo isso, tanto quanto possivel, de alguns esclarecimentos historicos, que serão sem duvida completados, em artigo especial em breve publicado.

Filho da Parahiba, conhecedor das suas tradições, o autor tem muito viajado por esse estado, de modo a trazer contingente proprio ao seu escripto, o que o leva, por vezes, a discordar do que corre impresso sobre o assumpto.

O trabalho do Dr. Joffily, pelas paliozas informações que encerra, vigoradas pelo testimunho da observação propria e directa, fornece material abundante e preciozo para a chorographia brazileira, e portanto na opinião da commissão subsidiaria de historia, è titulo sufficiente para a sua admissão ao seio do Instituto.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 6 de Novembro de 1891. Dr. *Alfredo Nascimento*, relator. *Henrique Raffard*.

O primeiro parecer fica sobre a meza e o ultimo é

remettido a commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia.

O Sr. Dr. Cezar Marques pede, que o desculpem por não ter comparecido as sessões, pois que adoentado como se acha com difficuldade póde sahir á noite.

O Sr. 1.º secretario Henrique Raffard communica, que já foram recebidas quatro das estantes da bibliotheca do Augusto protector do Instituto Sr. D. Pedro de Alcantara e que as outras serão conduzidas logo que se ache aberto o palacio da Boa-vista.

O socio Dr. Sacramento Blake faz diversas considerações sobre a deficiencia de livros ácerca de nossa historia, deixando entretanto de pedir que o Instituto trate de fazer acquizição de taes obras, emquanto não se conhece o catalogo, cuja elaboração está em andamento e não se conclue a separação dos livros de Sua Magestade, que passão a pertencer ao Instituto. Propõe porém, que o Instituto compre todos os trabalhos publicados com referencia á nova phase pela qual o Brazil passou á ser republica e accrescenta, que o Instituto não deve esperar adquirir esses livros por donativos.

O Sr. prezidente convida o mesmo doutor a aprezentar uma relação dos livros e mais trabalhos a que acaba de referir-se.

E não havendo nada mais a tratar levanta-se a sessão ás 9 da noite.

Garcez Palha,
2º secretario interino.

19.ª SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE NOVEMBRO DE 1891

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

As 7 horas da noite, achando-se reunidos na sala das sessões os Srs. conselheiros Olegario Herculano d'Aquino e Castro, Tristão d'Alencar Araripe e Manoel Francisco Correia, capitão de fragata Jozé Egidio Garcez Palha, commendador Jozé Luiz Alves, Dr. Augusto

Victorino Alves Sacramento Blake e major Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto, faltando por motivo justificado o Sr. Henrique Raffard, 1.º secretario interino, o Sr. prezidente declara aberta a sessão, depois de ter sido acceito o convite aos socios capitão de fragata Garcez Palha, 2.º secretario interino, e major Gomes Neto para occuparem aquelle o lugar de 1.º e este o de 2.º secretarios. Foi lida e approvada sem discussão a acta da sessão antecedente.

O Sr. prezidente, sciente de que achava-se na antesala o Exm. e Rvdm. Sr. Bispo de Olinda D. João Esberard, novo socio correspondente d'este Instituto, eleito na sessão de 25 do mez proximo passado, nomeou os Srs. conselheiro Manoel Francisco Correia e commendador Jozé Luiz Alves para introduzirem o dito socio, ao qual depois de tomar assento, o Sr. prezidente dirigiu as seguintes palavras:

«O Instituto Historico e Geographico Brazileiro recebe com a mais viva satisfação em seu gremio o muito distincto e respeitavel Sr. D. João Esberard, digno prelado da diocese de Olinda.

Rendendo a devida homenagem aos subidos merecimentos de quem tanto se recommenda á estima publica pela sua reconhecida illustração e nobillissimo caracter, compraz-se o Instituto pela valioza collaboração do novo socio, que sem dúvida virá concorrer com as suas luzes e efficaz auxilio para o desenvolvimento e progresso d'esta corporação literaria, cujos destinos especialmente dependem da bôa vontade e dedicação de seus associados.

Seja bem vindo o illustre e venerando consocio; e digne-se de receber com as cordiaes saudações, que lhe dirige o Instituto, as seguranças do justo apreço com que é hoje acolhido no modesto recinto, em que se reunem alguns desvelados cultores da historia e geographia do Brazil.»

Em seguida foi dada a palavra ao novo socio para d'ella uzar si quizesse, na conformidade dos estatutos. S. Ex. Revma. cumprio o preceito regulamentar proferindo o seguinte discurso:

Sr. prezidente, meus senhores. A insigne honra, que acabo de receber da vossa generoza benevolencia, cobre-me de confusão. Deixai-me fallar-vos com toda a

singeleza. Que vem com effeito aqui fazer n'este areopago da sciencia o novo bispo de Olinda? Por ventura não se achará elle deslocado no meio de tantos varões eminentes por letras e saber?

Sim, entre os nomes aureolados, que refulgem n'este firmamento da sciencia, como astros da primeira grandeza, o meu humilde nome empallidece e se eclipsa!

Sem merito algum nem literario, nem scientifico, como pude eu, sinão por grande condescendencia vossa, transpor aquelle illuminado limiar e vir tomar assento na vossa douta companhia?

Obscuro sacerdote, muito labutei, é verdade, no serviço frequente das almas; as dedicações porém do meu sagrado ministerio, se eu as exerci com a consciencia do dever, não são para serem recompensadas com as honras do vosso benemerito Instituto.

Para estas consagrações requerem-se aqui outros labores. Que fiz eu pois para careál-as?

Amigos, sem duvida mais benevolos que justiceiros, creáram-me uma reputação tão lisongeira, não direi de homem instruido, mas de homem estudiozo, que sou o primeiro a reconhecer-lhe grandes laivos de exagerada.

Até aqui podia eu deixál-a correr mundo sem protesto. Só havia para mim o natural acanhamento de me vêr realçado com um brilho, que a consciencia me taxava de immerecido.

Não são estas de certo as recompensas que nos trazem á alma legitimas alegrias! Para lhes saborearmos todas as delicias é mister, que uma voz cá de dentro nos brade: *Tu as mereceste!*

Agora é mais grave o cazo. Cumpre, com a venia que vos é devida, que eu lavre um protesto. Não! não sou o douto, o erudito, o letrado que pensaes! Si me desvaneço com a honrosissima distincção que me conferis, não é porque venha corôar meritos que não possuo; mas porque vem estimular uma tal ou qual bôa vontade que sempre me animou na doce convivencia com os livros.

Os amigos de que ha pouco fallei, trouxeram para este respeitavel recinto as suas denuncias, amistozas sim, mas eivadas de suspeição, como tudo quanto procede da

nossa faculdade affectiva. E o vosso douto instituto converteo-se em tribunal para decidir dos meus meritos.

Vós, senhores, influenciados, desconfio, por aquellas vozes amigas, não guardastes a justa severidade de juizes e, cheios de indulgencia, sentenciastes em meu favor.

Fique ahi a minha gratidão a realçar a benevolencia do vosso *veredictum*. Bem quizera eu tel-o merecido por um trabalho mais digno dos vossos altos creditos scientificos!...

A minha humilde *Rosa de ouro*! Quem o diria? Não sei que misterioza fada a converteo em chave do mesmo preciozo metal para me abrir com ella as portas d'este preclarissimo recinto!

Opusculo de occazião, só teve um merito, e foi o de ter sido escripto com o coração em uma phase solemne de nossa historia nacional.

Queria eu tambem entrar com a minha humilde estróphe, embora desafinada, naquelle hymno universal, que de todos os peitos se erguia victoriando a valente, a heroica Libertadora de uma raça desditoza.

O sacerdote é por excellencia o homem de Deus, e por isso mesmo deve ser o homem da humanidade. N'aquelle lance vencêra a humanidade. Diante de tão glorioza victoria não podia ficar indifferente o sacerdote.

E quando o Summo Pontifice veio, e sobredourou com o seu régio mimo os meritos da eximia Libertadora, corri a desentranhar d'aquelle mimo as altas significações, que n'elle via encerradas.

Mas, oh! vicissitude das couzas humanas!... A inclita Princeza, que estancou n'um dia abençoado o sangue e as lagrimas de tantos milhares de infelizes, lá vive debulhada em continuo pranto em terras do exilio!...

Não direi, que aquelle rasgo de generozidade lhe fez perder um throno. Como pudera eu dizer isto, quando lhe vejo erguido tantos thronos quantos são os corações que ha por esse mundo, vibrando ao diapasão de nobilissimos sentimentos!

A historia, que vós cultivais com tanto afan, é a reparadora suprema das grandes injustiças sociaes! Aqui as minhas esperanças se avigoram. Sinto-o ao vêr a côr

symbolica com que por vossas proprias mãos cobristes aquella cadeira duplamante augusta, augusta pela magestade e augusta pela sciencia do venerando ancião, que tão longos annos a occupára!...

Senhores, na honra que me outorgais eu vejo uma significação.

Corre por ahi, entre espiritos levianos ou superficiaes, a falsa idéa da existencia de um radical antagonismo entre a religião e a sciencia, entre a fé e a razão. Isto não é verdade. Vós não subscreveis a tão infundado preconceito.

Para proscrevêl-o de vez, não vos contentais só com apontar para os grandes nomes de catholicos eminentes, de sacerdotes illustradissimos que abrilhantaram as vossas fileiras, continuais a chamar para o vosso gremio o que de illustre ha no sanctuario, e assim confundis os calumniadores da nossa fé.

Para prova um nome só me basta. Não ha muito abristes respeitozos as vossas luzidas fileiras para dar lugar a um dos homens mais eminentes do Brazil contemporaneo. D. Antonio de Macedo Costa, arcebispo da Bahia, ai! tão cedo ceifado pela morte, era uma possante personificação do consorcio da religião com a sciencia, da fé com a razão. Duvido, que haja uma só voz discordante a tal respeito.

O imaginado conflicto é intrinsecamente impossivel. Tanto a fé como a sciencia procuram a verdade. A fé catholica tem por objecto a verdade revelada por Deus; a sciencia tem por objecto a verdade descoberta pela razão. Em ordens diversas o objecto é o mesmo. A verdade não contradiz a verdade. A fé e a razão procedem de Deus e a elle nos devem conduzir. Como póde haver pois antagonismo entre uma e outra?

A fé lê pela Biblia, a razão lê pela natureza. Ora, como diz Kurtz, « a Biblia e a natureza, são ambas a palavra de Deus, e devem estar de accordo. Si este accordo, ás vezes, parece que não se dá, é porque estão em erro ou a exegése do theologo, ou a exegése do naturalista. »

Demais, como poderá a religião pôr-se em antagonismo com a sciencia, quando os preambulos da nossa fé, os *preambula fidei* de Santo Thomaz de Aquino, nos são fornecidos pelas sciencias racionaes?

A fé catholica confina com todas as sciencias. Cada uma, respondendo ao seu appello, traz-lhe as suas conclusões e confirma o dogma. A nossa fé, prende-se sobretudo á historia, objecto especial de vossas sabias lucubrações; porque ella se arrima a factos e acontecimentos que realmente se deram no mundo. Que é a propria revelação christã, sinão um grande facto, um facto que como todos os mais se demonstra pelas leis e processos da historia?

A razão, rectamente orientada, conduz o homem até a porta do sanctuario. Ahi o deixa. N'esse penetral divino o guia é outro; é a fé. Esta ahi vem e introduz o homem em uma região superior, transcendental, onde tudo está illuminado. Para que pois irá a fé abrir conflicto com a razão, que taes serviços lhe presta?

Eis ahi, senhores, a verdade que, perante a incredulidade do seculo, pretendeis affirmar. Chamais um reprezentante do sanctuario, um homem de fé, para vir colloborar comvosco no campo da sciencia; e significais assim que a sonhada antinomia não existe. Sem duvida, o vosso pensamento é patente, convidando o homem de fé para concorrer com os seus labores no accrescimo de um patrimonio scientifico, não pretendeis exigir d'elle o sacrificio das suas crenças religiozas.

Tal é a alta significação que descortino na honra que hoje aqui me é feita.

Senhores, ainda uma palavra e concluo.

Eu não mereço, repito, a honra de pertencer ao vosso illustre gremio. Acceito-a porém jubilozo e a envio toda inteira para a cathedra episcopal de Olinda, que vós sem duvida quizestes exaltar na minha humilde pessoa.

Oh! que doutos prelados se assentaram n'aquelle solio illustre! Que nomes mais dignos que o meu de figurarem nos vossos aureos dipticos! Que accrescimo de gloria não trariam elles aos vossos doutos labores?

Nos tempos mais remotos eu vejo as glorias d'aquella illustre sé condensadas em dous eminentes prelados: D. Frei Luiz de Santa Thereza, um grande orador sacro; D. Jozé Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, um grande literato, um insigne erudito. Nos tempos mais proximos, o nome admiravel de D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, tão grande pela energia de caracter como pelo esplendor da illustração, absorve e eclipsa todas as glorias precedentes.

Peço-vos um favor, senhores. E' que não leveis a mal que eu tome assento no meio de vós como reprezentante apenas de tão illustres nomes.

Para elles fique toda a gloria.

Dada a palavra ao orador interino Sr. commendador Jozé Luiz Alves, para em nome do Instituto responder ás expressões benevolas desta allocução, o mesmo orador profere o seguinte discurso:

O Instituto ouvio com respeitoza e delicada attenção as palavras eloquentes que lhe foram dirigidas pelo Exm. e Rvm. Sr. D. João Esberard, bispo de Olinda que acaba de tomar posse da cadeira de socio correspondente para a qual foi eleito na sessão do dia 25 do proximo passado em homenagem ás suas virtudes e saber e em vista do douto parecer lavrado pela commissão de historia, realçando os altos meritos de seus escriptos, de entre os quaes destacou o Estudo historico e liturgico sobre a Rosa de Ouro, valiosissimo mimo que os soberanos pontifices desde o Santo Padre Urbano II no anno de 1096 até S. S. o S. Padre Leão XIII tem graciozamente conferido as mais sumptuozas cathedraes, imperadores, reis, principes e illustres personagens que mais fervorozamente se tem distinguido pela sua ardente fé e piedade em prol da religião santa de Jesus Christo, trabalho este que prima pela pureza do estilo, belleza de imagens, e que lhe foi inspirado por occazião de ser essa precioza reliquia concedida por Sua Santidade o Papa Leão XIII a S. A. Imperial a Serenissima Princeza a Sra. D. Izabel, Condessa d'Eu, por ter como Regente do Imperio, na auzencia do seu augusto

Pai firmado a diamantina lei, que tornou memoravel o dia 13 de Maio do anno de 1888, apagando a mancha negra da escravidão na terra de Santa Cruz.

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro em vista de trabalho de tanto merito deliberou inscrever na lista de seos socios correspondentes ao Anjo da sé de Olinda, cujo nome é alta e vantajozamente conhecido nos fastos da literatura nacional assim como nas lutas da imprensa.

Nascido aos dez dias de Outubro de 1843 e educado por seus illustres progenitores nos mais severos principios de moral christã, rico de talento e de moralidade e sentindo desde o verdor dos annos pendor para o estado sacerdotal, fez com luminozo brilho no seminario episcopal de S. Jozé o curso primario e com louvor e applauzo levou a termo os estudos das sciencias ecclesiasticas.

Aos pés do douto prelado da dioceze de São-Sebastião, D. Pedro Maria de Lacerda, Conde de Santa Fé e bispo capellão-mór, recebeu a investidura sacerdotal.

Tendo por ardente e sincera vocação vestido a samarra do Principe dos Apostolos, entrou no exercicio de seu sagrado ministerio, após a celebração de sua primeira missa.

Partindo para a Europa, vio e admirou a sumptuoza cathedral do christianismo na capital do mundo catholico e ao voltar as terras da patria recebeu a nomeação de capellão do convento das religiozas de Santa Thereza de Jesus, onde por longos annos tem piedozamente exercido com o maior zelo e circumspecção os arduos deveres de director espiritual das filhas dilectas da heroina de Avila, a inclita matriarca, fundadora e reformadora da Ordem Carmelitana. O esplendor de suas raras virtudes e moralidade unidas ao fervorozo zelo e a inquebrantavel dedicação com que nas lides da imprensa energicamente defendeu a cauza dos bispos de Olinda e do Pará, D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira e D. Antonio de Macedo Costa, quando foram arrastados do solio episcopal ás frias masmorras das fortalezas de São-João e da Ilha das Cobras, não podia

deixar de receber, como recebeu, a mais subida recompensa do Soberano Pontifice nomeando-o camareiro secreto. Essa graça conferida pela Santa Sé Apostolica, ainda era pouco para distinguir o alevantado merito do insigne batalhador, que na arena do jornalismo com os fulgores de seu talento tanto pugnou pelos direitos, prerogativas e regalias da igreja santa de Jesus Christo. Ao advento da republica seguio-se o decreto do Governo Provizorio separando a igreja do Estado. S. S. o S. padre Leão XIII por letras apostolicas que firmou no paço do Vaticano nomeou-o bispo titular de Gerra, coadjuctor e futuro successor do Exm. e Rvm. Sr. D. Jozé Pereira da Silva Barros, bispo de Olinda e Conde de Santo Agostinho.

Preconizado em o consistorio secreto na cidade eterna em tão alta dignidade, cobre-se de galas e de flores o templo do Sagrado Coração de Jesus, que pompêa em terras do seminario episcopal do Rio Comprido, e ahi no dia 28 de Setembro de 1890, pelo bispo D. Pedro Maria de Lacerda, Conde de Santa Fé, foi imposta a sagração episcopal. A morte d'esse principe da igreja fluminense deu lugar a immediata trasladação do Exm. Sr. bispo conde de Santo Agostinho da sé de Olinda pa a occupar o solio d'esta cathedral, e por esse facto realizou-se desde logo a posse do Exm. Rev. Sr. bispo de Gerra no solio que primeiro occupara D. Estevão Briozo de Figueiredo.

Em breves dias surgirá á luz a sua primeira carta pastoral, saudando a seus diocezanos e esse trabalho ainda mais uma vez virá confirmar os altos creditos de illustre e sabio que exornam a pessoa do illustre recipiendiario. Pelo imperiozo dever de seu elevado cargo terá em breve de deixar as plagas d'esta capital para assumir a direcção do rebanho, que por mercê de Deos e da Santa Sé Apostolica foi confiado á sua paternal solicitude. Praza aos céos, que brizas fagueiras e mares bonançozos o levem ao porto de seu destino e que por dilatados annos se prolonguem os dias de sua precioza existencia e que seu governo seja fecundo em rezultados para gloria e esplendor da religião e honra da patria, e que pela pratica da caridade, prudencia e brandura

conquiste o mesmo renome que conquistaram seus dignos antecessores, d'entre os quaes se destaca o egregio vulto de D. Jozé Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, gloria do episcopado brazileiro e portuguez.

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, abrindo de par em par suas portas a tão illustre recipiendario espera de seu luminozo talento, que honrará a cadeira de socio correspondente, como em tempos idos o fizeram D. Romualdo Antonio de Seixas, marquez de Santa Cruz, o arcebispo da Bahia conde de São Salvador, os bispos e condes de Irajá e da Conceição, o arcebispo D. Antonio de Macedo Costa, os conegos Januario da Cunha Barboza, Luiz Gonçalves dos Santos e Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, o cego frei Francisco de Mont'Alverne, e tantos outros, dignos ornamentos do clero secular e regular, que quaes astros brilharam no solio episcopal, a tribuna sagrada, na cadeira do magisterio e na arena da literatura e do jornalismo, servindo a religião, a patria e as letras com a distincção com que o nosso digno consocio tambem servirá, uzando do saber e illustração que tornáram o seu nome conhecido entre os arcades de Roma, onde foram laureados Souza Caldas, Caldas Barboza, Bazilio de Gama, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga, tudo para gloria e explendor d'este Instituto, que conta com os escriptos de sua delicada e adestrada penna para abrilhantarem as paginas da nossa *Revista*.

Em nome do Instituto Historico e Geographico Brazileiro agradeço ao Exm. Rvm. Sr. D. João Esberard, bispo de Olinda, as palavras repassadas de gentileza com que externou seu reconhecimento e faço votos para que a terra donataria de D. Duarte Coelho Pereira, o theatro de feitos immorredouros de Fernandes Vieira, Camarão, Henrique Dias e Vidal de Negreiros, o receba ao som de hymnos festivos e alegres acclamações.

EXPEDIENTE

O Sr. 1.° secretario interino deo conta do seguinte expediente:

Officio do director da bibliotheca publica da capital do Estado do Espirito-Santo communicando ter recebido

os tomos ns. 48 a 52 e 54 da *Revista Trimensal* do Instituto, agradecendo esta remessa, e solicitando a dos ns. 11, 14, 18 e 35, que alli faltam para completar a collecção.— Mandou-se satisfazer. Foi apresentada uma carta official do Atheneu de Lima (Perú) sobrescriptada para o fallecido socio commendador Joaquim Norberto de Souza Silva. O Sr. prezidente resolveu, que fechada, como se achava, fosse enviada á familia do destinatario. Foi lida outra carta official do mesmo Atheneu communicando a nomeação do Sr. 1.° vice-prezidente conselheiro Olegario H. d'Aquino e Castro, para o lugar de membro honorario do mesmo Atheneu. Agradeceu-se.

OFFERTAS

Pelo Dr. João Diogo Esteves da Silva o seu trabalho *Apontamentos de Geographia, Climatologia, Historia Natural, Historia local do municipio de Ubatuba*, do Estado de São Paulo. Pela Real Academia de Sciencias em Roma. *Atti*, da mesma Academia, vol. 7; fasciculo 6, 2.° semestre de 1891. Pela Bibliotheca de Marinha, *Revista Maritima Brazileira*, de Julho a Setembro de 1891.

Pelo Observatorio Astronomico, *Revista*, anno VI, Outubro de 1891 n. 10. Pelas Sociedades de Geographia de New-York, e de Berlim e da Australia, *Boletins*. Pelo Instituto Geographico Argentino *Boletim*. Pelas respectivas redacções: *Diario da Manhã*, *O Silva Jardim*, *Jornal do Recife*, *Diario Popular*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Monitor Campista*, *Club Curitibano*, *Seculo Caxoeirano*, *Brésil*, *Etoile du Sud*, *Geographie*, *Nouveau Monde*, *Golpe de Estado*. Pelo Observatorio Astronomico Nacional de Tacubaya, *Boletim* tom. 1 n. 6. Pelo Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia. *Relatorio da Sociedade Amante da Instrucção* de 1890 e 1891.

O Sr. prezidente communica ao Instituto o fallecimento do consocio Francisco Gomes de Amorim, occorrido por occaziãoda ultima inundação da cidade de Lisboa, e exprime os sentimentos do Instituto nos termos da seguinte allocução :

Senhores. Contrastes da vida! Acabamos de saudar a auspiciosa chegada de um novo e distinctissimo consocio, e já em seguida nos cabe dizer o ultimo adeos a outro igualmente estimavel, que para sempre desappareceu d'entre os vivos.

Bem sensivel é a perda que teve de soffrer o Instituto com o inesperado e desastrozo falecimento do nosso illustrado consocio, Sr. Francisco Gomes de Amorim.

Noticias telegraphicas aqui chegadas a 4 do corrente communicarão-nos que na vespera, e por occazião de ser inundada a cidade de Lisboa, quando fugia ao perigo que o ameaçava, pereceo de um modo lamentavel este distincto homem de letras, poeta e notavel escriptor.

Ao ser recebido como socio correspondente do nosso Instituto, em Novembro de 1880, tivemos occazião de apreciar devidamente o merecimento do eximio literato, revelado nos interressantes trabalhos que serviram-lhe de titulo de admissão, nos applaudidos *Cantos Matutinos e Ephemeros*, *Memorias de Garrett*, *Drama Cedro Vermelho*, e no romance *Selvagem*, cuja acção é travada e desenvolvida na provincia do Pará, durante a revolta de 1835 á 1836.

Francisco Gomes de Amorim havia habitado por muito tempo e percorrido diversos lugares das provincias do Pará e do Amazonas; amava o Brazil, e era pelos Brazileiros estimado; seos escriptos contem abundantes esclarecimentos e curiozas noticias acerca dos uzos, costumes e dialectos dos nossos indigenas; enumeração das riquezas naturaes das ferteis regiões Amazonicas, além de amena descripção de algumas das suas bellissimas paisagens. Mereceram esses trabalhos lisongeira apreciação do nosso douto confrade Ferdinand Denis, recommendando-se assim o nome do autor á nossa gratidão e benevolencia.

Hoje cumpre o Instituto Historico rigorozo dever manifestando os sentimentos de profundo pezar de que se acha possuido pelo infausto acontecimento que sinceramente deploramos, e do qual se fará menção na acta, na fórma determinada nos nossos Estatutos.

PROPOSTAS

1.ª Propomos para socio correspondente do Instituto Historico o Dr. Octacilio Aristides Camará, filho do capitão Francisco José Camará, natural da cidade da Bahia, e nascido a 18 de Junho de 1837; doutor em medicina pela Faculdade d'esse Estado, e distincto clinico no de Rio Grande do Sul, servindo-lhe de titulo seu livro: *Valor estrategico da cidade de Pelotas*; *plano de defeza do Rio Grande do Sul e vantagens agricolo-economicas, que d'ella resultam*, 2ª edição, augmentada de um novo traçado para a estrada de ferro intermediaria do Recife a Valparaiso, Rio de Janeiro, 1891. *Augusto Victorino A. Sacramento Blake*; *T. Alencar Araripe*; *Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto*. A' commissão de geographia (subsidiaria) sendo relator o Sr. capitão de mar e guerra Jozé Candido Guilhobel.

2.ª Propomos para socios benemeritos os Srs. commendadores Luiz Ribeiro Gomes e Manoel Mattos Gonçalves. Sala das sessões 20 de Novembro de 1891. *O. H. d'Aquino e Castro. T. de Alencar Araripe. Jozé Luiz Alves. Garcez Palha*. A' commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. conselheiro Manoel F. Correia.

3.ª Propomos para socio correspondente do Instituto o Dr. Guilherme Studart, filho do consul inglez no Ceará John William Studart, nascido na capital d'esse Estado e doutor em medicina pela faculdade da Bahia, servindo-lhe de titulo varios escriptos sobre a historia patria, já por elle offerecidos ao Instituto, como: *Historia do Ceará, Familia Castro*, Fortaleza 1888; *Correspondencia de Bernardo Manoel de Vasconcellos e João Carlos Augusto de Oeynhausen* com os ministros D. Rodrigo de Souza Coutinho e visconde de Anadia, como subsidio para a historia de seu governo no Ceará. Fortaleza 1890; *Seiscentas datas para a historia do Ceará na segunda metade do seculo XVIII*, Fortaleza 1891. *Augusto Victorino A. Sacramento Blake. T. Alencar Araripe. Garcez Palha*. A' commissão de historia (subsidiaria) sendo relator o Sr. Dr. Alfredo Nascimento.

Foram lidos os seguintes pareceres da commissão de admissão de socios :

1° A' commissão de admissão de socios foi prezente a proposta da meza para que sejam recebidos como socios benemeritos os Srs. commendadores Luiz Ribeiro Gomes e Manoel de Matos Gonçalves: e, attentas as qualidades que recommendam estes cidadãos, é de parecer, que, preenchida a condição dos estatutos, a proposta seja approvada. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 20 de Novembro de 1891. *Manoel Francisco Correia. Jozé Luiz Alves.*

2° A commissão de admissão de socios, concordando, por seus fundamentos, com o parecer da illustrada commissão subsidiaria de historia acerca dos trabalhos do Dr. Ireneo Ceciliano Pereira Joffily, opina tambem no sentido de ser o mesmo Dr. Joffily aceito como socio correspondente d'este Instituto. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 20 de Novembro de 1891. *Manoel Francisco Correia. Jozé Luiz Alves.* Ficão sobre a meza para serem votados em tempo.

O Sr. commendador Jozé Luiz Alves obtendo a palavra, insistiu no requerimento feito em uma das sessões transactas para que fosse revista a lista dos socios d'este Instituto, pois encontrava ainda n'ella o nome de um socio fallecido. O Sr. prezidente disse, que sendo a revizão trabalho periodico da competencia da commissão respectiva, esta teria em attenção a reclamação que acaba de ser feita.

Concedida a palavra pedida pelo Sr. Dr. Sacramento Blake, disse, que na bibliotheca do Instituto não appareciam muitas obras relativas á historia da America, especialmente do Brazil, ou por terem sido extraviadas desde o tempo do finado bibliothecario, ou porque estivessem fóra dos seus lugares; por isso seria conveniente aguardar-se a concluzão do catalogo, a que se está procedendo, e a vinda das obras doadas pelo Sr. D. Pedro II, para depois d'isto o Instituto fazer a acquizição das que faltassem. Disse mais, que depois da mudança do nosso regimen politico, tendo sido publicadas muitas obras relativas á Republica Brazileira, convinha que a bibliotheca d'este Instituto

fosse provida de tudo quanto na capital federal e nos Estados tenha sahido á luz da publicidade: que alguns autores d'estas obras acham-se no cazo de ser admittidos como socios, de que citou alguns nomes, e provavelmente offereceriam ao Instituto os seus trabalhos, e então pouco restaria para ser comprado da relação que offereceo e foi recebida pela meza para em tempo se providenciar como convier.

Por ultimo o Sr. prezidente convidou o major Gomes Neto a começar a leitura da sua obra *Historia das mais importantes minas de ouro do Estado do Espirito-Santo*; finda a leitura e achando-se a hora adiantada, o Sr. prezidente encerrou a sessão.

Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto
Servindo de 2º secretario.

20ª SESSÃO ORDINARIA EM 4 DE DEZEMBRO DE 1891

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. d'Aquino e Castro.

A's 7 horas da noite, prezentes os Srs. conselheiros Olegario H. d'Aquino e Castro e Alencar Araripe, Henrique Raffard, commendadores Jozé Luiz Alves e Rodrigues d'Oliveira, conselheiros Nascentes d'Azambuja e Manoel Francisco Correia, Dr. Cezar Marques e capitão de fragata Garcez Palha, abrio-se a sessão.

Leo-se a acta da sessão anterior, acta que foi sem observação approvada.

O Sr. 1º secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio da Exma. Sra. D. Maria Luiza Barboza Gomes de Amorim, participando ter fallecido, em Lisboa, a 4 de Novembro, seu marido, o socio do Instituto Francisco Gomes de Amorim. Respondeo-se, manifestando o pezar do Instituto por tão infausto acontecimento.

OFFERTAS

Pelo Sr. Lafayette de Toledo, *Boletim do bem Publico*, *Proclamação*, *Braza*, *Porvir*, *Araxaense*, *Locomotiva*, *Tributo ás letras* e alguns manuscriptos; pela Imprensa Nacional, decretos do Governo Provizorio da Republica 1° e 2° fasciculo de 1891; pelas sociedades de geographia de Lisboa, Bordeaux e de Neufchâtel, pelas Bibliotheca central Victor Emmanuel, Real Academia de Historia de Madrid e directoria geral dos correios, os seus *Boletins*; pela Real Academia dei Lincei, *Atti*; pela Sociedade rural do Uruguay, a respectiva *Revista*; pela Sociedade Scientifica Argentina e Academia de Medicina do Rio de Janeiro, os seus annaes; pelas respectivas redacções, *Diario Popular*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Jornal do Recife*, *Monitor Campista*, *Seculo*, *Brésil*, *Nouveau Monde*, *Étoile du Sud*; pelo Sr. J. V. Brove, Detalhe hydrographico e carta do rio Mississipi; pela redacção *d'Il Brasile*, a respectiva revista mensal; pelo conselheiro Nascentes d'Azambuja, Noticias e doutrinas pedagogicas e Elementos de Instrucção publica; Questão territorial com a Republica Argentina; pelo thezoureiro conselheiro Alencar Araripe, as seguintes obras: Mello Moraes, Brazil-reino e Brazil-Imperio; Brazil historico e Medico do povo; Ferreira Penna, Região occidental da provincia do Pará; Camargo, Quadro estatistico e geographico da provincia do Rio Grande do Sul; Alexandre Verdeixa, Juiz do povo; Brazil mistificado na questão religiosa; e Diario da viagem do Dr. Francisco Jozé Lacerda pelas capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso, Cuiabá e São-Paulo em 1780 a 1790.

1ª *parte da ordem do dia*

O Sr. prezidente communica, que no dia 2 do corrente, segundo a deliberação tomada pela meza, dirigira a S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara, por telegramma e em nome do Instituto, respeitosas saudações.

O Sr. thezoureiro participa ter recebido os donativos feitos ao Instituto pelos Srs. Luiz Ribeiro Gomes e Manoel de Matos Gonçalves.

Vem á meza e são lidos a proposta e o parecer que seguem:

Propomos para socio benemerito o Sr. tenente coronel Jozé Pastorino. Sala das sessões em 4 de Dezembro de 1891. *O.H. d'Aquino e Castro. Henrique Raffard. Tristão de Alencar Araripe. Jozé Luiz Alves. Garcez Palha.*

Parecer: A commissão de admissão de socios, em vista do douto parecer da commissão de ethnographia favoravel a admissão do Sr. Julio Meili ao gremio do Instituto, é de parecer que o referido senhor está no cazo de ser inscripto socio correspondente d'este Instituto. Sala das sessões em 4 de Dezembro de 1891. *Jozé Luiz Alves. Manoel Francisco Correia.*

A proposta é enviada á commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. conselheiro Manoel F. Correia; o parecer fica sobre a meza afim de ser votado opportunamente.

O Sr. conselheiro Nascentes d'Azambuja communica, que emprehendeu o estudo do pleito entre o Brazil e a Confederação Argentina, referente ao territorio de Missões, e que tem prompto outro trabalho sobre as Guianas, que será impresso logo que a molestia de que soffre lhe permitta fazer a correcção das provas typographicas. Que no primeiro d'esses trabalhos fez inserir extractos das obras dos Srs. Barão de Cotegipe, Barão do Ladario e Dr. Teixeira de Mello, como tudo consta do prospecto que aprezentou, e que pede seja lido em sessão.

Satisfeito esse pedido, o Sr. prezidente declara, que o Instituto tomará na devida consideração o que expoz o sobredito Sr. conselheiro.

Achando-se na sala immediata o Sr. Barão de Santa Anna Nery, que vem tomar posse de sua cadeira no Instituto, o Sr. prezidente nomea para recebel-o os Srs. commendadores Jozé Luiz Alves e Dr. Cezar Marques. Introduzido na sala das sessões o novo consocio, o Sr. prezidente lhe dirige as seguintes palavras:

« Grande é a satisfação com que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro hoje recebe o Sr. Barão de Santa Anna Nery, nosso digno consocio desde 1885, tendo em lembrança os assignalados serviços que ha prestado, longe da patria, aos interesses do Brazil nos primorosos trabalhos que assignalam os patrioticos sentimentos que animam o escriptor e o brilhantismo com que tem defendido a causa da justiça e da verdade, muitas vezes contestada pela ignorancia ou pela má vontade.

Nem ha elogio mais justo e merecido do que aquelle que ao nosso consocio foi tributado por este mesmo Instituto, quando, ao verificar os titulos de sua admissão ao nosso gremio, por intermedio das respectivas commissões, tornou bem patente a proficiencia do erudito escriptor que tanto empenho ha feito em tornar conhecidas no estrangeiro as nossas favoraveis condições, dando exacta noticia do progresso que revela-se no desenvolvimento das lettras, das sciencias, das artes, do commercio, agricultura e costumes deste grande paiz, ainda tão mal apreciado por quem não quer ou não póde fazer justiça ao elevado conceito que havemos procurado conquistar.

Não são esquecidos os generosos esforços empregados pelo digno brazileiro quando, por occasião da guerra do Paraguay, defendeu o Brazil de accusações injustas e malevolas, quanto a sua politica e factos relativos a esse desagradavel incidente que tão dolorosos sacrificios nos custou, ainda assim largamente compensados pela immarcessivel gloria que colhemos na luta, com denodo sustentada em prol da dignidade nacional.

Novos e não menos importantes serviços serão ainda prestados pelo valido talento do illustre brazileiro que entre nós se acha: e o Instituto Historico, que se orgulha de contar em seu seio prestimosos collaboradores, ha de em todo tempo applaudir a infatigavel actividade de quem, com tanto brilho, tem sabido honrar o nome e as letras brazileiras. »

O Sr. Barão de Sant'Anna Nery, respondeu agradecendo, e o orador do Instituto commendador Jozé Luiz Alves saudou o novo consocio em phrases lisongeiras e attenciozas.

Em seguida corre o escrutinio secreto sobre a admissão do Dr. Ireneo Jofily e dos Srs. Luiz Ribeiro Gomes e Manoel de Matos Gonçalves e por votação unanime são proclamados o primeiro socio correspondente e os dois ultimos benemeritos.

Finalmente na

2ª parte da ordem do dia

O Sr. major Silva Neto continúa a leitura de seu trabalho intitulado : *Historia das mais importantes minas do Estado do Espirito-Santo.*

Levanta-se a sessão ás 8 1/2 da noite.

Garcez Palha
Secretario supplente

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 7 DE DEZEMBRO DE 1891

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. d'Aquino e Castro.

A's 7 horas da noite, achando-se prezentes os socios Srs. conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro, general Dr. João Severiano da Fonseca, Henrique Raffard, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, commendador Jozé Luiz Alves, conselheiro Manoel Francisco Correia, Dr. Cezar Augusto Marques, Barão de Capanema, Dr. Maximiano Marques de Carvalho, major Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto, Marquez de Paranaguá, Dr. Alfredo do Nascimento Silva e Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt, servindo de 2°. secretario, abre-se a sessão.

O Sr. prezidente communica em sentidas phrases o lamentavel fallecimento do immediato protector do Instituto ; diz, que já remetteu em nome do mesmo Instituto um telegramma de pezames a S. A. a Sra. condessa d'Eu ; mandou, que ficassem cerradas as portas do

edificio durante sete dias e fez convocar a prezente sessão extraordinaria para se tratar de resolver como serão manifestados os sentimentos de profunda magua de que se acha possuido o Instituto pelo infausto passamento de S. M. o Sr. D. Pedro II; accrescenta parecer-lhe, que deve-se mandar suffragar a alma do illustre finado e que os consocios tomem luto pelo espaço de tempo que entenderem conveniente.

Uzam da palavra diversos socios e as propostas aprezentadas, depois de rezumidas pelo Sr. prezidente, são adoptadas nos termos seguintes:

I. Ficam approvadas as providencias já tomadas.

II. Os Srs. socios tomarão luto pelo tempo que julgarem conveniente.

III. O Instituto mandará celebrar uma missa de setimo dia pelo eterno descanço do pranteado morto, sendo convidado para o acto o distincto consocio Sr. bispo de Olinda.

IV. A meza fica constituida em commissão para assistir ás solemnes exequias mandadas celebrar pelo Sr. bispo diocezano.

V. Cobrir-se-ha de crepe, durante um anno, a cadeira em que se sentava Sua Magestade para prezidir ás sessões do Instituto.

VI. Corôas de louro serão collocadas sobre o busto do Sr. D. Pedro II e o respectivo pedestal ficará coberto de luto.

VII. Os socios Conde de Mota Maia, Barão do Penedo e Barão do Rio-Branco são nomeados para assistirem ás exequias em Pariz e depozitar corôas sobre o feretro em nome do Instituto.

VIII. Os socios Manoel Pinheiro Chagas, major Serpa Pinto e Pedro Vencesláo de Brito Aranha são nomeados para assistirem ás exequias em Lisboa e depozitarem corôas em nome do Instituto.

IX. Celebrar-se-ha no dia 5 de Janeiro proximo vindouro, trigesimo dia do fallecimento, uma sessão commemorativa, na qual, depois de aberta pelo prezidente, que em breve allocução declarará o fim especial da mesma, será dada a palavra ao orador para fazer o elogio do

venerando finado, e em seguida á quaesquer outros membros do Instituto, que com antecedencia de 15 dias tiverem avizado á meza, que querem d'ella uzar.

X. A sessão anniversaria, que devia ter lugar no dia 15 do corrente, se realizará no mez de Janeiro proximo futuro; quanto á sessão de eleições geraes, effectuar-se-ha no dia marcado pelos estatutos.

XI. O Instituto deferirá um premio, que consistirá em uma medalha de ouro, a quem aprezentar dentro do prazo de oito mezes, a contar de 5 de Janeiro proximo futuro, o melhor trabalho historico e biographico do illustre fallecido, devendo a meza pronunciar-se sobre a preferencia que houver de ser dada aos trabalhos aprezentados. O preferido será publicado pelo Instituto.

XII. Os secretarios da meza ficam encarregados de fazer em um livro especial a compilação de todos os artigos que houverem sido publicados com relação á pessoa de S. M. o Sr. D. Pedro II, desde o dia 5 do corrente mez.

XIII. Consigne-se na acta o voto ardente, que faz o Instituto para que, o mais breve possivel, os restos mortaes do grande cidadão brazileiro sejam trasladados para a terra da patria que tanto amava.

XIV. O prezidente fica autorizado a providenciar, como tiver por melhor, a respeito da execução das deliberações tomadas.

O 1° secretario Sr. Henrique Raffard, obtendo a palavra, participa ter recebido cartas dos socios commendador Luiz Cruls, annunciando que não póde assistir á prezente sessão, tendo de se auzentar hoje da capital por motivo de serviço publico, e capitão de fragata Jozé Egidio Garcez Palha, declarando deixar de vir á sessão por incommodo de saude e ponderando que, seja qual fôr a manifestação que o Instituto queira patentear pelo fallecimento do grande patriota que se chamou no Brazil e no mundo—Pedro II—a ella se associa e de coração a subscreve.

Levanta-se a sessão.

Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt,
servindo de 2° secretario.

SESSÃO DE ELEIÇÃO DA MEZA E COMMISSÕES PARA O ANNO DE 1892

Prezidencia do Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan

A 1 hora da tarde do dia 29 de Dezembro de 1891, na sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, reunidos socios em numero legal,(*) precedida convocação na fórma dos estatutos para o dia 21 do corrente mez, e não tendo comparecido o numero de 21 socios exigido pelos mesmos estatutos, o Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan, na qualidade de vice-prezidente, declarou aberta a sessão em assembléa geral para a eleição dos membros da meza e das commissões, que deviam servir no anno de 1892, e procedendo-se á dita eleição, foram eleitos :

Prezidente

Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino Castro.

1° *vice-prezidente*

Conselheiro Visconde de Beaurepaire Rohan.

2° *dito*

General Dr. João Severiano da Fonseca.

3° *dito*

Conselheiro Manoel Francisco Correia.

1° *secretario*

Henrique Raffard.

2° *dito*

Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake.

1º secretario supplente

Dr. Alfredo do Nascimento Silva.

2º dito

Major Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto.

Orador

Commendador Jozé Luiz Alves.

Thezoureiro

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

Commissão de fundos

Commendador Jozé Luiz Alves.
Commendador Luiz Rodrigues d'Oliveira.
Henrique Raffard.

Commissão de estatutos e redacção

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
Conselheiro Manoel Francisco Correia.
Dr. Cezar Augusto Marques.

Commissão de historia

General Dr. João Severiano da Fonseca.
Dr. Cezar Augusto Marques.
Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake.

Commissão subsidiaria de historia

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. Alfredo do Nascimento Silva.
Major Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto.

Commissão de geographia

Marquez de Paranaguá.
Capitão de fragata Jozé Egidio Garcez Palha.
Dr. Luiz Cruls.

Commissão subsidiaria de geographia

Capitão de mar e guerra Joaquim Candido de Guillobel.
Capitão de fragata Francisco Calheiros da Graça.
Coronel Alfredo Ernesto Jacques Ourique.

Commissão de ethnographia

Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt.
Visconde de Beaurepaire Rohan.
Dr. Alfredo do Nascimento Silva.

Commissão de archeologia

Dr. Ladisláo de Souza Mello Netto.
Conselheiro Epifanio Candido de Souza Pitanga.
Dr. Luiz Cruls.

Commissão de biographias

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
Commendador Jozé Luiz Alves.
Visconde de Beaurepaire Rohan.

Commissão de pesquiza de manuscriptos

João Capistrano d'Abreo.
Capitão Tenente Artur Indio do Brazil.
Artur Sauer.

Commissão de revisão de manuscriptos

Conselheiro Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros.

Dr. Alfredo Piragibe.

Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.

Commissão de admissão de socios

Conselheiro Manoel Francisco Correia.

Commendador Jozé Luiz Alves.

Barão de Capanema.

(*) Estiveram prezentes os socios: Visconde de Beaurepaire Rohan, Barão Homem de Mello, Tristão de Alencar Araripe, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, Cezar Augusto Marques, Henrique Raffard, Jozé Luiz Alves, Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros, Candido Epifanio de Souza Pitanga, Joaquim Jozé Gomes de Silva Neto, Jozé Verissimo de Matos.

LISTA DOS SOCIOS

DO

Instituto Historico e Geographico Brazileiro

Prezidentes honorarios

		ADMISSÃO NO INSTITUTO		
1	Principe de Joinville	20	Março	1891
2	Conde d'Aquila			
3	Principe Real da Dinamarca			
4	Conde d'Eu	16	Set.	1864
5	Duque de Saxe	16	Set.	1864
6	Miguel Juarez Celman	13	Set.	1889
7	Manoel Deodoro da Fonseca	17	Abr.	1891
8	Sadi Carnot	17	Abr.	1891

Socios nacionaes honorarios

		ADMISSÃO NO INSTITUTO		
1	Barão Homem de Mello	3	Jun.	1859
2	João Manoel Pereira da Silva	1	Dez.	1838
3	Visconde de Beaurepaire Rohan	10	Jun.	1847
4	Manoel Duarte Moreira de Azevedo	5	Dez.	1862
5	Olegario Herculano de Aquino e Castro	14	Jul.	1871
6	Tristão de Alencar Araripe	21	Out.	1870
7	Maximiniano Marques de Carvalho	23	Jan.	1845
8	Cezar Augusto Marques	4	A	1865
9	João Alfredo Correia de Oliveira	19	gt.	1887
10	Barão de Capanema	19	Out.	1848
11	Visconde de Souza Fontes	26	Març.	1848
12	D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo	2	Ag.	1889
13	Barão de Alencar	13	Set.	1889
14	Jozé Francisco Diana	13	Set.	1889
15	Visconde de Mota Maia	25	Out.	1889
16	João Severiano da Fonseca	1	Out.	1880
17	Manoel Francisco Correia	1	Out.	1886

---

* OBSERVAÇÃO. Vão os nomes na ordem chronologica da sua elevação ao grão de socio honorario.

O Visconde de Taunay não é contemplado n'esta relação, por ter-se despedido de socio do Instituto Historico em 22 de Abril de 1891.

Socios nacionaes effectivos por ordem de sua antiguidade

		ADMISSÃO NO INSTITUTO
1	Barão de Lavradio	25 Jan. 1840
2	Visconde de Sinimbú	1 Out. 1840
3	Jozé Tavares Bastos	23 Jan. 1841
4	Visconde de Nogueira da Gama	4 Nov. 1841
5	Jozé Jansen do Paço	12 Out. 1843
6	Visconde de Valdetaro	23 Jan. 1845
7	Visconde de Barbacena	2 Ag. 1845
8	Barão de São Felix	7 Dez. 1846
9	Angelo Thomaz do Amaral	10 Out. 1851
10	Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros	19 Set. 1856
11	Eduardo Jozé de Moraes	7 Jul. 1862
12	Barão do Ladario	7 Nov. 1862
13	Jozé Vieira Couto de Magalhães	5 Dez. 1862
14	Jozé de Saldanha da Gama	18 Ag. 1865
15	Barão Ribeiro de Almeida	11 Out. 1866
16	Barão de Rio Branco	7 Nov. 1867
17	Epifanio Candido de Souza Pitanga	7 Nov. 1867
18	Luiz Francisco da Veiga	22 Mai. 1868
19	Joaquim Pires Machado Portella	17 Jun. 1870
20	Ladisláo de Souza Mello Neto	14 Julh. 1871
21	Barão de Ramiz	16 Ag. 1872
22	Nicoláo Joaquim Moreira	17 Jul. 1874
23	Rozendo Moniz Barreto	6 Ag. 1875
24	João Barboza Rodrigues	29 Set. 1876
25	Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo	28 Mai. 1880
26	Alfredo Piragibe	26 Nov. 1880
27	Barão de Tefé	29 Set. 1882
28	Francisco Calheiros da Graça	29 Set. 1882
29	Jozé Alexandre Teixeira de Mello	24 Nov. 1882
30	Jozé Candido Guillobel	24 Nov. 1882
31	Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake	4 Out. 1883
32	Jozé Egidio Garcez Palha	7 Dez. 1883
33	Manoel Pinto Bravo	7 Dez. 1883
34	Pedro Paulino da Fonseca	7 Dez. 1883
35	Henrique Rafard	16 Out. 1885
36	João Capistrano de Abreo	19 Out. 1887
37	Barão de Miranda Reis	15 Jul. 1887
38	Visconde de Ibituruna	3 Jul. 1888
39	Artur Indio do Brazil	13 Ag. 1888
40	Marquez de Paranaguá	13 Ag. 1888
41	Luiz Rodrigues de Oliveira	13 Ag. 1888
42	Luiz Cruls	13 Ag. 1888
43	Torquato Xavier Monteiro Tapajoz	5 Jul. 1888
44	Feliciano Pinheiro de Bitencourt	25 Out. 1889
45	João Vicente Leite de Castro	25 Out. 1889
46	Jozé Ricardo Pires de Almeida	25 Out. 1889
47	João Carlos de Souza Ferreira	1 Ag. 1890
48	Antonio Joaquim de Macedo Soares	3 Out. 1890
49	Alfredo Ernesto Jacques Ourique	5 Dez. 1890
50	Alfredo do Nascimento Silva	12 Dez. 1890
51	Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto	17 Abr. 1891
52	Arthur Sauer	19 Jun. 1891

Socios nacionaes correspondentes por ordem de sua antiguidade

		ADMISSÃO NO INSTITUTO	
1 Barão de Lopes Neto	14	Out.	1840
2 Barão de Penedo	12	Ag.	1841
3 Barão do Desterro	23	Jan.	1845
4 Jozé de Barros Pimentel	23	Jan.	1845
5 Luiz Antonio Barboza d'Almeida	23	Jan.	1845
6 Ricardo Gumbleton Daunt	19	Dez.	1847
7 Joaquim Maria Nascentes d'Azambuja	23	Set.	1853
8 Tito Franco de Almeida	21	Ag.	1857
9 Barão de Guajará	8	Nov.	1866
10 Antonio Manoel Gonçalves Tocantins	17	Jul.	1871
11 Jozé de Vasconcellos	10	Dez.	1875
12 Joaquim Floriano de Godoi	4	Ag.	1876
13 Luiz da França Almeida Sá	29	Set.	1876
14 Americo Braziliense de Almeida Mello	1	Jun.	1877
15 Thomaz Garcez Paranhos Montenegro	10	Mai.	1878
16 Bernardo Saturnino da Veiga	13	Ag.	1880
17 Jozé Antonio de Azevedo Castro	24	Jul.	1885
18 Frederico Jozé de Sant'Anna Neri	13	Nov.	1885
19 Visconde de Ourem	1	Out.	1886
20 Jozé Higino Duarte Pereira	1	Out.	1886
21 Francisco Augusto Pereira da Costa	9	Dez.	1886
22 Antonio Borges de Sampaio	9	Dez.	1886
23 Antonio Ribeiro de Macedo	19	Out.	1887
24 Paulino Nogueira Borges da Fonceca	19	Out.	1887
25 Jozé Verissimo de Matos	16	Nov.	1887
26 Virgilio Martins de Mello Franco	13	Ag.	1888
27 Rodolfo Marcos Teofilo	11	Jul.	1890
28 Bazilio de Carvalho Daemon	12	Set.	1890
29 Brazilio Augusto Machado de Oliveira	12	Set.	1890
30 Felisbello Firmo de Oliveira Freire	26	Set.	1890
31 João Mendes de Almeida	3	Out.	1890
32 João Damasceno Vieira Fernandes	31	Out.	1890
33 João Jozé Pinto Junior	19	Dez.	1890
34 Jozé Domingues Codeceira	20	Mar.	1891
35 João Baptista Perdigão de Oliveira	19	Jun.	1891
36 Artur Viana de Lima	25	Set.	1891
37 D. João Esberard, bispo de Olinda	25	Set.	1891
38 Argemiro Antonio da Silveira	25	Set.	1891
39 Ireneo Joffily	4	Dez.	1891

Nota. João Brigido dos Santos deixou de ser socio do *Instituto Historico* por ter pedido para ser eliminado; o que se verificou, como consta da acta de 28 de Agosto de 1891.

Socios benemeritos

		ADMISSÃO		
1	Candido Gaffrée	26	Set.	1890
2	Antonio Jozé Gomes Brandão	10	Out.	1890
3	Visconde de Carvalhaes	14	Nov.	1890
4	Antonio Jozé Dias de Castro	28	Nov.	1890
5	Luiz Augusto Ferreira de Almeida	5	Dez.	1890
6	Luiz Jozé Lecoq de Oliveira	5	Dez.	1890
7	Visconde de Leopoldina	5	Dez.	1890
8	Barão de Oliveira Castro	12	Dez.	1890
9	Tobias Lauriano Figueira de Mello	12	Dez.	1890
10	Barão de Quartin	6	Mar.	1891
11	Luiz Augusto da Silva Canedo	6	Mar.	1891
12	Albino da Costa Lima Braga	6	Mar.	1891
13	Francisco de Paula Mayrink	20	Mar.	1891
14	Visconde de Moraes	3	Abr.	1891
15	Visconde de Assis Martins	3	Abr.	1891
16	Barão de Mendes Tota	3	Abr.	1891
17	Manoel Vicente Lisboa	3	Abr.	1891
18	Barão de Ibiapaba	22	Mai.	1891
19	Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe	19	Jun.	1891
20	Urbano de Faria	31	Jul.	1891
21	Manoel Jozé da Fonseca	28	Ag.	1891
22	Jozé Joaquim da França Junior	9	Out.	1891
22	Manoel de Matos Gonçalves	4	Dez.	1891
24	Luiz Ribeiro Gomes	4	Dez.	1891

Socios honorarios estrangeiros

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
1 Principe de Cariati	1839	Italia
2 Principe de Scilla	»	»
3 Artur Brooke	»	Inglaterra
4 Barão de Maltitz	»	Allemanha
5 Manoel de Sarratéa	»	Confed. Argentina
6 Agatino Longo	1842	Italia
7 Filipe Rizzi	»	»
8 Fernando de Luca	1843	»
9 Giuseppe Ceva Grimaldi (Marquez)	»	»
10 Nicolão de Santo Angelo	»	»
11 Tomas C. de Mosquera	1844	Equador
12 Jozé Vargas	1845	Venezuela
13 Alberto Gallatin	1846	Estados-Unidos
14 Bartolomeo Mitre	1871	Confed. Argentina
15 Alexandre de Serpa Pinto	1881	Portugal
16 Estanisláo E. Zeballos	1883	Confed. Argentina
17 Enrique Moreno	1889	»
18 Norberto Quirno Costa	1889	»
19 Gustavo Duarte Nogueira Soares	1889	Portugal
20 Jean Martin Charcot	1889	França
21 Mariano Semmola	1889	Italia
22 Achiles de Giovanni	1889	»
23 Manoel Villamil Blanco	1889	Chile
24 Blasco Vidal	1889	Uruguay
25 Arturo de Leon	1891	»
26 Guilherme A. Seoane	1891	Perú
27 Julio Banãdos Espinosa	1891	Chile
28 Roland Bonaparte (Principe)	1891	França

Socios correspondentes estrangeiros

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
1 Carlos Zucchi	1839	Italia
2 João Water House	1839	Inglaterra
3 Manoel Salas Corvaland	1839	Chile
4 Sabino Bertholet	1839	França
5 Guilherme Hunter	1840	Estados-Unidos
6 Jozé Barandier	1840	França

Advertencia. Por falta de esclarecimentos, contemplam-se n'esta relação e na seguinte individuos talvez já falecidos. Obtidas informações no futuro, serão eliminados os nomes dos mortos.

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
7 Julio Victor Armand Hain..........	1840	França
8 William Smith..........................	1840	Inglaterra
9 Mariano Eduardo de Rivera.........	1841	Perú
10 Marion de Procé....................	1841	França
11 Pedro Joze Mesnard................	1841	»
12 William Burchell....................	1841	Inglaterra
13 Woodbine Parish....................	1841	»
14 Duque de Serra de Falco...........	1842	Italia
15 Felix de Santo Angelo..............	1841	»
16 Francisco Cervelleri....	1841	»
17 Samuel Dutot.................	1841	França
18 Giacomo Castrucci..................	1841	Italia
19 Girolano Perozzi................ ..	1841	»
20 Giovani Semmola....................	1841	»
21 Luigi Semitini.......................	1841	»
22 Luigi Rizzi...........................	1841	»
23 Paulo Anania de Luca..............	1841	»
24 Carlos van Lede.....................	1843	Belgica
25 João Pie Namur.....................	1843	»
26 Fernando de Luca...................	1843	Italia
27 Rafael Zarienga....................	1843	»
28 Vicenzo Stellati.....................	1843	»
29 Jozé Antonio Pardo.................	1844	Equador
30 Vicente Rocafuerte.......	1844	»
31 Francisco Markoe Junior...........	1845	Inglaterra
32 Imbert des Mottelletts (Conde)......	1845	França
33 Duque de Paix.......................	1845	»
34 Marquez de Penafiel................	1845	Portugal
35 Alexandre W. Bradford............	1846	Estados.Unidos
36 B. M. Norman.......................	1846	»
37 Carlos Wiet..........................	1846	Belgica
38 Julio Parigot.........................	1846	»
39 João Rüssel Bartlett................	1846	Inglaterra
40 Hermann E. Ludowig..............	1846	Allemanha
41 Roberto Greenham.................	1846	»
42 Samuel Jorge Morton..............	1846	Estados-Unidos
43 William B. Hodgson................	1846	Inglaterra
44 Vicente Martillaro (Marquez de Villarena)............................	1846	Italia
45 Antonio Ramon Vargas.............	1847	Espanha
46 Ulrico Valia..........................	1847	Italia
47 James C. Fletcher..........	1862	Estados-Unidos
48 Frederico Francisco (Visconde de Figanière)............................	1863	Portugal
49 Jorge Martinho Thomaz............	1864	Inglaterra
50 Emmanuel Liais.....................	1866	França
51 Henrique Schutel Ambauer.........	1868	Italia
52 Vivien de Saint-Martin.............	1868	França
53 Jozé Rozendo Gutierres............	1869	Bolivia
54 Cezar Cantu.........................	1870	Italia
55 Augusto Carlos Teixeira de Aragão..	1871	Portugal
56 Diogo de Barros Arana.............	1871	Chile
57 Visconde de Wildick................	1880	Portugal

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
58 Alexandre Baguet..................	1882	Belgica
59 Antonio da Costa..................	1882	Portugal
60 Paulo Gafarel.....................	1882	França
61 Vicente G. Quezada................	1883	Confed. Argentina
62 Manoel Pinheiro Chagas............	1885	Portugal
63 Pedro Venceslão de Brito Aranha....	1885	»
64 Angelo Justiniano Carranza........	1887	Confed. Argentina
65 Anibal Echeverria i Reis..........	1889	Chile
66 Anibal Ferrero....................	1889	Italia
67 Bouquet de la Grye................	1889	França
68 Alexandre Sorondo.................	1889	Confed. Argentina
69 Constantino Bannen................	1889	Chile
70 Martin Rivadavia..................	1889	Confed. Argentina
71 Clovis Lamarre.	1891	França
72 Aristides Marre...................	1891	»

Socios falecidos em 1891

D. PEDRO DE ALCANTARA, socio protector do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, faleceu em Pariz á 1 hora da manhan do dia 5 de Dezembro de 1891.

Socios nacionaes

	ADMISSÃO NO INSTITUTO			OBTIO		
1 Barão de Macahubas (Abilio Cezar Borges	9	Dez.	1847	16	Jan.	1891
2 Antonio Jozé Victorino de Barros	7	Dez.	1883	17	Jan.	1891
3 Antonio de Macedo Costa, arcebispo da Bahia	13	Jul.	1888	21	Mar.	1891
4 Joaquim Norberto de Souza Silva	12	Ag.	1841	15	Mai.	1891
5 João Pedro Gay	22	Ag.	1862	16	Mai.	1891
6 Barão de Souza Queiroz	23	Jan.	1845	4	Jul.	1891
7 Francisco Ignacio Ferreira	21	Ag.	1885	15	Jul.	1891
8 Manoel da Costa Onorato	17	Nov.	1871	7	Ag.	1891
9 Francisco Jozé Borges	9	Dez.	1847	15	Out.	1891
10 Jozé Joaquim da Gama Silva	2	Set.	1847	14	Out.	1891

Socios estrangeiros

1 Jozé Silvestre Ribeiro	1882	10	Mar.	1891
2 Jozé Maria Latino Coelho	1877	29	Ag.	1891
3 André Lamas	1848	23	Set.	1891
4 Francisco Gomes de Amorim	1880	4	Nov.	1891
5 Carlos de Ibãnes (Marquez de Mulhacen)	1889			1891

LISTA ALFABETICA

dos socios nacionaes do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, falecidos desde 1 de Janeiro de 1884 até 31 de Dezembro de 1891. *

NOME E PROFISSÃO	DATA DA ADMISSÃO		DATA DO OBITO	
A				
1 Alvaro Barbalho Uxôa Cavalcanti, magistrado		1845	19 Dez.	1889
2 Antonio Alvares Pereira Coruja, professor	19 Dez.	1839	4 Jul.	1889
3 Antonio Henriques Leal, medico	11 Out.	1866	30 Set.	1885
4 Antonio Joaquim Ribas, professor e advogado	4 Out.	1861	22 Fev.	1890
5 Antonio Jozé Victorino de Barros, empregado publico	7 Dez.	1883	17 Jan.	1891
6 Antonio de Macedo Costa, arcebispo da Bahia	13 Jul.	1888	21 Mar.	1891
7 Antonio Maria de Miranda Castro, medico	22 Set.	1842		1886
8 Antonio Mariano de Azevedo, oficial de marinha	....		20 Dez.	1884
9 Antonio de Paula Ramos, advogado	....		15 Out.	1888
10 Augusto Fausto de Souza	29 Mai.	1880	20 Dez.	1890
B				
11 Barão de Alhandra (Jozé Bernardo de Figueredo)		1839	11 Mar.	1885
12 Barão de Catuama (João Jozé Ferreira de Aguiar) professor e advogado		1845	18 Nov.	1888
13 Barão de Cotegipe (João Mauricio Wanderley) magistrado, senador	23 Jan.	1845	13 Fev.	1889
14 Barão de Macahubas (Abilio Cezar Borges) professor	9 Dez.	1847	16 Jan.	1891
15 Barão de Maruiá (João Wilkens de Matos) empregado publico	1 Dez.	1875	3 Mai.	1889
16 Barão de Souza Queiroz (Francisco Antonio de Souza Queiroz) agricultor	23 Jan.	1843	4 Jul.	1891
17 Barão de Terezopolis (Francisco Ferreira d'Abreo) medico	9 Out.	1863	15 Jul.	1885

* Esta lista é continuação da lista que está na *Revista Trimensal* de 1884, tomo 47, parte 2ª, pag. 525.

NOME E PROFISSÃO	DATA DA ADMISSÃO	DATA DO OBITO
C		
18 Conde de Baependi (Braz Carneiro Nogueira da Gama) agricultor, senador	2 Mar. 1839	12 Mai. 1887
D		
19 Demetrio Ciriaco Tourinho, medico	9 Dez. 1847	16 Abr. 1888
20 Domingos Soares Ferreira Pena, naturalista	18 Mai. 1877	9 Jan. 1888
E		
21 Ernesto Ferreira França, magistrado	25 Mai. 1860	24 Dez. 1888
F		
22 Fausto Augusto de Aguiar, advogado, senador	1852	25 Fev. 1890
23 Felizardo Pinheiro de Campos, advogado	1 Dez. 1838	24 Nov. 1889
24 Francisco Antonio Pimenta Bueno, engenheiro	9 Dez. 1886	7 Dez. 1888
25 Francisco Baltazar da Silveira, magistrado	3 Jun. 1849	27 Fev. 1887
26 Francisco Ignacio Ferreira, advogado	21 Abr. 1885	15 Jul. 1891
27 Francisco Jozé Borges, empregado publico	9 Dez. 1847	15 Set. 1891
28 Francisco Jozé Ferreira Baptista, advogado	5 Jun. 1839	12 Set. 1889
29 Francisco de Paula Toledo, advogado	7 Dez. 1883	26 Abr. 1890
J		
30 João Franklin da Silveira Tavora, advogado	17 Dez. 1880	18 Agt. 1888
31 João Jozé de Souza Silva Rio, empregado publico	21 Ag. 1845	12 Ag. 1886
32 João Lopes da Silva Couto, magistrado	4 Fev. 1839	30 Ag. 1889
33 João Pedro Gay, sacerdote	22 Ag. 1862	16 Mai. 1891
34 João da Silva Carrão, professor e senador	1 Out. 1840	4 Jun. 1888
35 Joaquim Antão Fernandes Leão, senador	23 Jan. 1845	11 Abr. 1887
36 Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto, jornalista	4 Fev. 1839	15 Nov. 1885
37 Joaquim Jozé Paxeco, advogado	4 Fev. 1839	1 Jan. 1884
38 Joaquim Jozé Teixeira, advogado	23 Jan. 1843	2 Jan. 1885
39 Joaquim Norberto de Souza Silva, empregado publico	12 Ag. 1841	15 Mai. 1891
40 Joaquim Pinto de Campos, sacerdote	31 Ag. 1855	5 Dez. 1887

NOME E PROFISSÃO	DATA DA ADMISSÃO	DATA DO OBITO
41 Joaquim Vieira da Cunha, advogado	23 Jan. 1845	1884
42 Jozé Bernardo de Loiola, advogado.	1 Dez. 1838	15 Jan. 1884
43 Jozé Francisco d'Andrade Almeida Monjardin, agricultor.............	23 Jan. 1845	24 Jan. 1884
44 Jozé Joaquim da Gama Silva, empregado publico.......	2 Set. 1847	14 Out. 1891
45 Jozé Maria do Amaral, diplomata...	4 Fev. 1839	23 Set. 1885
46 Jozé Mauricio Nunes Garcia, medico.	17 Set. 1846	18 Out. 1884
47 Jozé Pedro da Silva, empregado publico.........................	17 Set. 1845	17 Nov. 1884
48 Jozino do Nascimento Silva, advogado	19 Jun. 1839	6 Jun. 1886
L		
49 Luiz Fortunato de Brito, advogado..	17 Set. 1846	20 Jun. 1887
M		
50 Manoel da Costa Onorato, sacerdote.	17 Nov. 1871	7 Ag. 1891
51 Manoel Jezuino Ferreira, empregado publico..........................	13 Out. 1876	4 Out. 1884
52 Manoel Soares da Silva Bezerra, advogado.........................	23 Jan. 1845	29 Nov. 1888
53 Maximiano Antonio de Lemos, medico	23 Set. 1841	12 Ag. 1885
Q		
54 Quintiliano Jozé da Silva, magistrado.	23 Jan. 1845	25 Ag. 1889
R		
55 Ricardo Jozé Gomes Jardim, militar.	19 Jan. 1843	1 Ag. 1884
S		
56 Sebastião Ferreira Soares, empregado publico..........................	6 Mai. 1853	5 Out. 1887
T		
57 Tomaz Jozé Pinto de Cerqueira, advogado.........................	24 Ag. 1839	18 Jun. 1885
V		
58 Visconde do Bom-Retiro (Luiz Pedreira do Couto Ferraz) professor, senador..........................	14 Set. 1855	12 Ag. 1886
59 Visconde de Itajubá (Marcos Antonio d'Araujo) diplomata.............	19 Jan. 1843	1884

NOME E PROFISSÃO	DATA DA ADMISSÃO	DATA DO OBITO
60 Visconde de Mauá (Ireneo Evagenlista de Souza) banqueiro.........	22 Mai. 1857	21 Out. 1889
61 Visconde de Ubá (Joaquim Ribeiro de Avellar) agricultor...............	23 Jan. 1845	2 Set. 1888
62 Visconde de Vieira da Silva (Luiz Antonio Vieira da Silva) advogado, senador........................	14 Ag. 1863	3 Nov. 1889

NOTA

Convém rectificar a data do obito dos seguintes socios constantes da lista alfabetica publicada na *Revista Trimensal* de 1884 de pag. 525 a 544.

NOMES	DATA DO OBITO
3 Agostinho da Silva Neves..........................	2 Abr. 1851
6 Amancio João Pereira d'Andrade..................	2 Dez. 1851
61 Barão de Catas-Altas..............................	Mai. 1839
152 Gaspar Jozé Lisbôa................................	7 Jun. 1865
168 João Alves Portella..............................	29 Dez. 1883
174 João Caetano da Costa Oliveira....................	15 Mar. 1860
198 Joaquim Baptista Avondano.......................	5 Jan. 1853
220 Jozé Antonio Ferreira da Costa....................	9 Dez. 1849
222 Jozé Antonio Lopes da Silveira....................	5 Dez. 1871
227 Jozé Antonio d'Araujo Coutinho..................	21 Jun. 1851
247 Jozé Jacques da Costa Ourique....................	15 Jul. 1854
270 Jozé de Santo Alberto Cardozo.....................	13 Jul. 1864
279 Jozé Vieira Rodrigues de Carvalho Silva..........	24 Dez. 1855

LISTA ALFABETICA

dos socios estrangeiros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, falecidos desde 1 de Janeiro de 1884, até 31 de Dezembro de 1891 *

NOMES	NATURALIDADE	ADMISSÃO NO INSTITUTO	DATA DO OBITO
A			
1 André Lamas............	Uruguay	31 Ag. 1848	23 Set. 1891
2 Antonio Jozé Viale........	Portugal	7 Ag. 1885	27 Abr. 1889
3 Ambrozio Campadonio...	Italia	4 Nov. 1841	
B			
4 Barão Gustavo Schreiner..	Allemanha	9 Nov. 1876	12 Ag. 1886
5 Benjamin Vicuna Mackena	Chile	17 Nov. 1871	1887
C			
6 Carlos Ibãnes, Marquez de Mulhacen..............	Espanha	25 Out. 1889	1891
D			
7 Domingos Faustino Sarmiento................	Conf. Arg.	22 Abr. 1853	11 Set. 1888
8 Domingo Santa Maria....	Chile	26 Ag. 1870	19 Jun. 1889
F			
9 Francisco Gomes de Amorim..................	Portugal	26 Nov. 1880	14 Nov. 1891
10 Francisco Manoel Rapozo de Almeida...........	Portugal	10 Jan. 1847	17 Mar. 1886

* Esta lista é continuação da lista, que está na *Revista Trimensal* de 1886, tomo 49, pag. XIX.

NOMES	NATURALIDADE	ADMISSÃO NO INSTITUTO	DATA DO OBITO
J			
11 Jean Ferdinand Denis...	França	2 Mar. 1839	3 Ag. 1890
12 João Fernando Bertier...	França	31 Out. 1839	Nov. 1886
13 Jorge Brancroft.........	E.-Unidos	1 Jul. 1864	18 Dez. 1890
14 Jorge Cezar Figaniere....	Portugal	6 Ag. 1860	Abr. 1888
15 Jozé Maria Latino Coelho.	Portugal	23 Nov. 1877	29 Ag. 1891
16 Jozé Silvestre Ribeiro....	Portugal	24 Nov. 1882	10 Mar. 1891
17 Jozé Victorino Lastarria.	Chile	17 Nov. 1871	14 Jun. 1888
M			
18 Marquez de Thomar (Antonio Bernardo da Costa Cabral)................	Portugal	3 Ag. 1843	1 Set. 1889
19 Miguel Luiz Amunátegui.	Chile	17 Nov. 1871	25 Jan. 1888
P			
20 Pascoal Estanisláo Mancini	Italia	12 Out. 1843	26 Dez. 1888
21 Principe Eugenio de Saboia Carignan...........	Italia	30 Nov. 1839	15 Dez. 1888
22 Principe de Comitini.....	Italia	23 Fev. 1843	Jan. 1886
23 Pascoal Pacini........ ..	Italia	12 Out. 1843	1889

RECTIFICAÇÕES

Na lista dos socios estrangeiros falecidos, que está á pag. XXIX da *Revista Trimensal* de 1886, convém fazer as seguintes rectificações na data de obito dos socios abaixo declarados :

NOMES	DATA DO OBITO
8 Alcides d'Orbigny..................................	3 Jun. 1857
17 Angelo Mai, cardeal................................	9 Set. 1854
27 Barão de Reifenberg..............................	18 Abr. 1850
34 Carlos Christiano Rafn.............................	20 Out. 1864
51 Deziderio Raul Rochete............................	3 Jun. 1854
33 Carlos Antonio Lopes..............................	10 Set. 1864
93 Horacio Emilio Say.................................	Jul. 1860
100 João Antonio Letrone.............................	14 Dez. 1848
192 Visconde de Osery................................	1846

SOCIEDADES E ESTABELECIMENTOS ESTRANGEIROS

A QUEM SE REMETTE A

Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

Ns.	NOMES	SÉDES
1	Academia dei Lincei.........................	Roma,
2	Archivo dos Açores...........................	Ponta Delgada
3	Academie des Sciences de Petersbourg.......	Petersburgo
4	American Geographical Society...............	New-York
5	Associacion Rural del Uruguay...............	Montevidéo
6	Academie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux Arts de Bruxelles.............	Bruxellas
7	American Association for the advancement of Sciences..............................	Washington
8	Academie Royale des Sciences...............	München
9	Academy of Sciences of S. Louis.............	Missouri
10	Adirondach Survey Office.....................	Albany
11	Academia Real das Sciencias de Lisboa........	Lisboa
12	Africanische Gesellschaft......................	Dresden
13	Academie de Stanislas.........................	Nancy
14	Academie des Sciences, Agriculture, Commerce, Belles Lettres et Arts du departement de la Somme.........................	Amiens
15	Academie delle Scienze Fisiche Matematiche.	Napoles
16	Academia Nacional de Sciencias en la Universidade......................................	Cordoba
17	Academia de Scienze de......................	Torino
18	Academia de Ciencias Morales e Politicas de	Madrid
19	Academia Nacional de Sciencias en Cordoba (Conf. Argentina).........................	Cordoba
20	Antropological Society of Washington.......	Washington
21	Bibliotheca Nacional..........................	Lisboa
22	Bulletin du Canal Interoceanique............	Paris
23	Badische Gesellschaft für Erdkunde..........	Lahr in Baden
24	Bibliotheca Nacional..........................	Montevidéo
25	Bibliotheca Publica Evorense.................	Evora
26	Botanisches Centralblatt (A la Redaction du).	Göttingen
27	Bibliotheca Publica do.......................	Porto
28	Bureau Scientifique Neerlandais..............	Harlem
29	Bureau Statistique (Budapest)................	Budapest
30	Boston Society Natural History..............	Boston
31	Badische Geographische Gesellschaft.........	Karlsruhe

Ns.	NOMES	SÉDES
32	Boletin Mensual (Ministerio de Relaciones Exteriores)................................	Buenos Aires
33	Bulletin of United States Geographical and Geological Survey of the Territories.....	Washington
34	Commission Central de Agricult. del Uruguay.	Montevidéo
35	Canadian Institute................................	Torento
36	Connecticut Academy of Arts and Siences....	New-Haven
37	Commissioners of States Parks of the States of New-York................................	Albany
38	Commissão Central Permanente de Geographia	Lisboa
39	Comission Statistique de la ville capitale....	Prague
40	Cronica Cientifica (Barcelona)................	Barcelona
41	Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik in Baiern........................	München
42	Departement of Agricultur of the United States	Washington
43	Direction de la Statistique Générale..........	Roma
44	Entomological Commission..................	Washington
45	Geographische Gesellschaft in................	Hannover
46	Gesellschaft Geographische in................	Hamburgo
47	Geographische Gesellschaft (für Thüringen) zu Saxe-Weimar........................	Iena
48	Geographische Gesellschaft zu Preussen......	Greifswald
49	Geographische Gesellschaft in................	Bremen
50	Geographischn Gesellschaft in................	München
51	Historical Society of Pensylvania............	Philadelphia
52	Instituto Geografico Argentino................	Buenos Aires
53	Institut Geografique International............	Berne
54	Indoch Aardrykundige Genootschap..........	Samarang
55	Institut Geologique d' Hongrie................	Budapest
56	Kaiserliche Academie der Wissenschaften......	Allemanha
57	Königl. Bairische Akademie der Wissenschaften	Baieren
58	Königl. Physikalivch-Oechonomische Gesellschaft................................	Königsberg
59	Kais.-Königliche Geographische Gesellschaft	Wien
60	Literary and Philosophical Society of Manchester................................	Manchester
61	Literary and Historical Society of...........	Quebec
62	Minesota Academy of Natural Sciences........	Mineapolis
63	Musée Teiler	Harlem
64	Muséo Publico de Buenos Aires...............	Buenos Aires
65	Muséo Nacional do........................	Mexico
66	Observatorio do Infante D. Luiz..............	Lisboa
67	Observatorio Nacional Argentino.............	Cordoba
68	Oberhessische Gesellschaft für Natur- und Heilkunde................................	Giessen
69	Oesterreichische Ingenieur und Architecten-Gesellschaft................................	Wien
70	Orlean County Society of Natural Sciences...	New-Port
71	Observatoire Royal de.........	München
72	Ostschweizerischn Geographischen-Commercielle Gesellschaft in	St. Gallen
73	Royal Geographical Society (The)............	London

Ns.	NOMES	SÉDES
74	Real Academia de Sciencias Morales e Politicas	Madrid
75	Real Academia de la Historia................	Madrid
76	Royal Institut Geologique de Hongrie........	Budapest
77	Societé des Sciences Historiques et Naturelles de Jonne..............................	Auxerre
78	Societé de Geographie de Marseille...........	Marseille
79	Societé Bibliographique Pollibillion..........	Paris
80	Societé Normande de Géographie.............	Rouen
81	Societé Geographique Roumaine...............	Bucharest
82	Societé Belge de Geographie..................	Bruxellas
83	Societé Imperiale de Naturalistes de Moscou..	Moscou
84	Societé de Geographie.........................	Anvers
85	Sociedad Geographica de Madrid..............	Madrid
86	Societé de Geographie Commerc. de Bordeaux	Bordeaux
87	Societé de Geographie de Lyon................	Lyon
88	Societé Hispano-Portugaise..................	Toulouse
89	Societé des Études Historiques (Ancien Institut Historique)............................	Pariz
90	Sociedad Nacional de Agricultura de.........	Santiago do Chile
91	Societá Adriatica de Scienze Naturale........	Trieste
92	Societé de Geographie de Genéve.............	Genéve
93	Societá Geografica Italiana..................	Roma
94	Sociedad de Geografia e Estatistica de la Republica Mejicana.........................	Mexico
95	Sociedad de Ingenieros de Jalisco............	Guadalajara
96	Sociedad Scientifica Argentina...............	Buenos Aires
97	Sociedade de Geographia de Lisboa..........	Lisboa
98	Societé de Geographie de......................	Pariz
99	Societé Imperiale Russe de Geographie.......	Petersburgo
100	Societé Hongroise des Sciences Naturales....	Budapest
101	Societé de Statistique de Marseille..........	Marseille
102	Societé Linneene du Nord de la France......	Amiens
103	Sociedade de Instrucção do..................	Porto
104	Sociedade de Geographia Commercial do.....	Porto
105	Societé de Geographie et d'Archeologie de....	Oran
106	Societé des Arts et des Sciences de..........	Batavia
107	Smitsonian Institution.......................	Washington
108	Societé Hongroise de Geographie.............	Budapest
109	Societá Africana de Italia....................	Napoles
110	Societé d'Antropologie de....................	Lyon
111	Societé des Sciencee Naturelles de...........	Neufchâtel
112	Societé des Sciences Naturelles et Mathematiques....................................	Cherburg
113	Societé de Geographie de Saint-Valerie-en-Caux..................................	St. Valerie-en-Caux
114	Societé de Geographie de l'Est. Meuse (França)	Bar-le-Duc
115	Societé des Études Indo-chinoises de Saignon (Cochinchina)............................	Saignon
116	Societé Khedeviale du Geographie............	Cairo
117	Societé de Geographie de.....................	Tours
118	Societé d'Etnographie de.....................	Pariz
119	Societé Archeologique Croate................	Agram

Ns.	NOMES	SÉDES
120	Sociedad Economica de Amigos del pais (Revista Filipina)........................	Manilha
121	Societé de Geographie Commerciale du.......	Havre
122	Sociedad Española de Geografia Commercial..	Madrid
123	Statistisches Handbuch der königl. Hauptstadt.....	Praga
124	Université Royale de Noruege...............	Christiania
125	Universidad de Chile........................	Santiago
126	Union Geographique du Nord de la France...	Lille
127	United States Geographical Survey..........	Washington
128	United States Naval Observatory............	Washington
129	United States National Museum.............	Washington
130	United States Geological Survey of Territoires	Washington
131	Verein für Erdkunde........................	Metz
132	Verein von Freunden der Erdkunde zu......	Leipzig
133	Verein für Erdkunde........................	Dresden
134	Verein für Erdkunde zu.....................	Halle
135	War Departement Office of the chief signal officer..................................	Washington
136	Wisconsin Academy of Sciences, Arts and Letters................................	Madison

RELAÇÃO

DAS

SOCIEDADES NACIONAES E ESTABELECIMENTOS PUBLICOS

PARA OS QUAES SE ENVIA A

Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

Ns.	NOMES	SEDES
1	Academia de Medecina	Capital Federal
2	Archivo Publico	»
3	Archivo Militar	»
4	Associação Promotora da Instrucção	»
5	Archivo do Correio Geral	»
6	Bibliotheca da Escola Politechnica	»
7	» do Exercito	»
8	» de Marinha	»
9	» » Medecina	»
10	» Municipal	»
11	» Nacional	»
12	» Publica da	Fortaleza
13	» » do	Recife
14	» » de	Itaguahi
15	» » da	Victoria
16	» » de	Ouro Preto
17	» » do	Desterro
18	» » da	Laguna
19	» » de	S. João d'El-rei
20	» » de	Muritiba
21	» » de	Manáos
22	» » do	Maranhão
23	» » de	Porto Alegre
24	» » da	Bahia
25	» » de	Aracajú
26	» » do	Natal
27	» » da	Therezina
28	» da Cidade de Brumado de Suassuhi	Entre-Riôs
29	» da Escola Normal	Nicteroy
30	» Municipal de	Barbacena
31	» Publica Pelotense	Pelotas
32	» Municipal de	Barra Mansa
33	» do Gremio Bibliotecario Caxoeirano	Itapemirim
34	» da Faculdade de Direito de	São Paulo
35	» dos Aprendizes artilheiros	Fortaleza de S. João
36	Boletim da Alfandega do Rio de Janeiro	Capital Federal

Ns.	NOMES	SÉDES
37	Club Literario de...........................	Paranaguá
38	» Curitibano...........................	Curitiba
39	» Recreativo Literario..................	João Gomes (Minas)
40	» Literario Taubatense..................	Taubaté
41	» Alfa de Morretes......................	Paraná
42	» Literario Nazareno....................	Nazarêth (Bahia)
43	Escola Dominical........................	Capital Federal
44	Gabinete Literario Goiano...............	Goiaz
45	» Portuguez de Leitura............	Capital Federal
46	» de Leitura do Atheneu Ubatense....	Ubatuba
47	Grande Oriente do Brazil................	Capital Federal
48	Gabinete de Leitura da villa do Pereiro......	Ceará
49	Instituto Politechnico Brazileiro............	Capital Federal
50	» Archeologico e Geogr. Pernambucano	Recife
51	» dos Advogados Brazileiros.........	Capital Federal
52	» Fluminense de Agricultura.........	»
53	» do Ceará........................	Fortaleza
54	» Archeologico e Geographico Alagoano	Maceió
55	Imprensa Nacional........................	Capital Federal
56	Licêo Mineiro............................	Ouro-Preto
57	Muzeo Nacional...........................	Capital Federal
58	Observatorio Astronomico..................	»
59	Revista Maritima..........................	»
60	» do Exercito Brazileiro...............	»
61	» da Escola da Marinha..............	»
62	» do Retiro Literario Portuguez.......	»
63	» da Pharmacia..........................	Recife
64	Secretaria do Governo do Est. das Alagoas...	Maceió
65	» » » do Amazonas.	Manáos
66	» » » da Bahia......	São Salvador
67	» » » do Ceará......	Fortaleza
68	» » » do Esp. Santo	Victoria
69	» » » dê Goiaz.....,	Goiaz
70	» » » do Maranhão..	São-Luiz
71	» » » de Mato-Grosso	Cuiabá
72	» » » de Minas Ger.	Ouro-Preto
73	» » » do Pará.......	Belém
74	» » » da Parahiba..	Parahiba
75	» » » da Paraná....	Curitiba
76	» » » de Pernanbuco	Recife
77	» » » de Piauhi.....	Therezina
78	» » » do Rio G. do N.	Natal
79	» » » do Rio de Jan.	Nicteroy
80	» » » de Sta. Cat...	Desterro
81	» » » de São-Paulo.,	Cidade de São-Paulo
82	» » » do Rio G. do S.	Porto Alegre
83	» » » de Sergipe....	Arcaujú
84	» do Interior........................	Capital Federal
85	» da Agricultura....................	»
86	» da Marinha........................	»
87	» da Guerra..........................	»
88	» do Exterior.........................	»

Ns.	NOMES	SÉDES
89	Secretaria da Justiça........................	Capital Federal
90	» da Fazenda......................	»
91	» da Camara dos Deputados.........	»
92	» do Senado......................	»
93	Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.	»
94	» Central de Immigração...........	»
95	» de Geographia do Rio de Janeiro..	»
96	» » de Lisboa Secção do Rio de Janeiro.....	»
97	União Medica..............................	»

EXPEDIÇÃO DE DIPLOMAS

Em 1891 a diversos socios

1 Alfredo Ernesto Jacques Ourique. 2 Alfredo do Nascimento Silva. 3 Antonio Joaquim de Macedo Soares. 4 Artur Sauer. 5 Artur Vianna de Lima. 6 Arturo de Leon. 7 Argemiro Antonio da Silveira. 8 Aristides Marre. 9 Barão de Ibiapaba. 10 Barão de Mendes Tota. 11 Barão de Oliveira Castro. 12 Barão de Quartin. 13 Bazilio de Carvalho Daemon. 14 Brazilio Augusto d'Oliveira Machado. 15 Candido Gaffrée. 16 Clovis Lamarre. 17 Conde de Figueiredo. 18 Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe. 19 Evaristo Afonso de Castro. 20 Felisberto Firmo de Oliveira Freire. 21 Francisco de Paula Mayrink. 22 Guilherme A. Seoane. 23 Ireneo Joffily. 24 João Baptista Perdigão d'Oliveira. 25 João Carlos de Souza Ferreira. 26 João Damasceno Vieira Fernandes. 27 D. João Esberard. 28 João Jozé Pinto Junior. 29 Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto. 30 Jozé Antonio Dias de Castro. 31 Jozè Joaquim da França Junior. 32 Julio Bañados Espinosa. 33 Luiz Jozé Lecoque de Oliveira. 34 Luiz Ribeiro Gomes. 35 Manoel Deodoro da Fonseca. 36 Manoel Francisco Correia. 37 Manoel Jozé da Fonceca. 38 Manoel de Matos Gonçalves. 39 Manoel Vicente Lisboa. 40 Roland Bonaparte. 41 Sadi Carnot. 42 Tobias Lauriano Figueira de Mello. 43 Urbano de Faria. 44 Visconde de Assis Martins. 45 Visconde de Carvalhaes. 46 Visconde de Moraes.

NOTA. Os diplomas dos socios sob n. 5 e 19 não foram ainda entregues por falta de certeza da actual rezidencia dos mesmos socios, achando-se um em França e outro no sul da Republica.

LISTA DOS SOCIOS

DECLARAÇÃO NECESSARIA

Na lista dos socios efectivos falta o nome de Jozé Luiz Alves, admitido em 13 de Agosto de 1886, e na lista dos socios benemeritos falta o nome do Conde de Figueredo, admitido em 1 de Agosto de 1890.

O socio honorario João Alfredo Correia de Oliveira foi admitido em 19 de Outubro de 1887, e o socio Visconde de Ibituruna em 13 de Julho de 1888, e não em 3 de Julho.

SESSÃO ANNIVERSARIA

Por justo impedimento não se celebrou a sessão anniversaria de instalação no dia 15 de Dezembro do prezente anno de 1891, como preceituam os estatutos sociaes.

BALANÇO

da tezouraria do Instituto Historico e Geografico Brazileiro no anno de 1891

RECEITA

1891

Saldo de 1890, conforme o balanço anterior...............	36:583$400
Subsidio do Governo Nacional...........................	9:000$000
Juros de apolices do 2° semestre de 1890..................	505$000
Idem do 1° semestre de 1891..............................	1:355$000
Venda da *Revista Trimensal*.......	8$000
Joia de entrada de socios. nota n. 1......................	140$000
Prestações semestraes dos socios, nota n. 2..............	672$000
Donativos, nota n. 3..	15:000$000
Diploma de socios benemeritos, nota n. 4................	900$000
	64.163$400

DESPEZA

1891

Impressão da Revista :

Impressão da *Revista Trimensal* de 1890, 2ª parte, e broxura, doc. n. 1...............	2:623$000	
Impressão da *Revista Trimensal* de 1891, 1ª parte, e broxura, doc. n. 2.............	2:026$000	4:649$000

Remessa da Revista :

Porte da *Revista Trimensal* remetida para o exterior em Maio de 1891, doc. n. 3......	115$800	
Idem idem em Novembro de 1891, doc. n. 4..	123$650	
Idem idem em Dezembro de 1891, doc. n. 5..	22$800	262$250
		4.911$250

Transporte.............		1.911$250
Encadernações :		
Encadernação de 20 volumes do *Jornal do Commercio*, doc. n. 6....................	200$000	
Idem de varias obras na oficina de Laemmert & Cª, doc. n. 7........................	41$300	
Idem de um volume de poezia hebraica, doc. n. 8...........	4$000	245$300
Expediente :		
Impressão dos novos estatutos, diplomas, cartões, rotulos etc., doc. n. 9 a 13.........	369$300	
Papel, penas, tinta, lapis, cadarço etc., doc. n. 14 a 16............................	241$900	
Velas para illuminação da sala das sessões, doc. n. 17 a 20.........................	105$900	
Talhas e copos para agua, doc. n. 21.........	35$200	
Publicações de avizos na imprensa, doc. n. 22 a 27................................	246$840	
Despezas miudas feitas pelo Porteiro, de Janeiro a Dezembro de 1891, doc. n. 28 a 32	231$520	1:230$660
Vencimento dos empregados :		
Ordenado do Escriturario nos mezes de Janeiro a Dezembro de 1891 na razão de 100$ mensaes, doc. n. 33 a 44...........	1:200$000	
Idem do Porteiro, idem idem, doc. n. 33 a 44.	1:200$000	2:400$000
Porcentagem ao Cobrador :		
Pela quantia arrecadada por cobrança de prestações semestraes, joias de entrada, e expedição dos diplomas de socios benemeritos, doc. n. 45................... ...	. ...	252$900
Eventuaes :		
Pastas para guarda de papeis, doc. n. 46....	45$500	
Trez telegramas expedidos para a Europa, doc. n. 47 a 49.........................	279$650	
Crepe preto para cobrir uma cadeira, doc. n. 50..................................	60$000	
Celebração de uma missa de sufragios, doc. n. 51.................	58$000	443$150
Compra de apolices :		
Importancia da compra de 30 apolices de 1:000$ de juro de 5 %, doc n. 52........	29:226$000	
Idem de 2 apolices de 1:000$ de juro de 5%, doc. n. 53..............................	1:982$400	
Idem de 2 apolices de 1:000$ de juro de 5 %, doc. n. 54..............................	1:990$400	33:198$800
		12.682$070

Transporte............		42.682$007

Despezas extraordinarias :

Quadros com molduras e douramento, doc. n. 55 e 56..................................	197$000	
Cavaletes, colunas, uma estante, uma meza com secretária, e varios concertos, doc. n. 57..................................	737$400	
Concerto de dois bustos, douramentos, e dois quadros dourados, doc. n. 58............	250$000	
Estantes para leitura de livros grandes e duas serpentinas, doc. n. 59..................	250$000	
Armação para mapas, fexaduras e colocação, doc. n. 60............................	266$800	
Dez retratos a crayon de socios falecidos, doc. n. 61..................................	250$000	
Ao encarregado de organizar o catalogo da livraria do Instituto Historico, por espaço de 6 mezes, doc. n. 62 a 67............	1:200$000	
A diversos auxiliares para serviços na secretaria do mesmo Instituto, doc. n. 68 a 76	393$310	3:544$510
		46.226$580

REZUMO

Receita..	64.163$400
Despeza..	46.226$580
Saldo..................................	17.936$820

OBSERVAÇÃO

Este saldo está em uma caderneta da Caixa economica (3:000$000) em uma letra do Banco do Brazil (1:000$000) e em conta corrente no Banco de Credito Movel.

O Instituto Historico e Geografico Brazileiro possue 55 apolices da divida publica, constantes da relação que adiante se verá, sob n. 7, com a designação do numero, valor e época da acquizição.

Não pagaram em 1891 as respectivas prestações semestraes e joia de entrada 32 socios, cujos nomes constam da relação manuscrita junta ao balanço.

Rio 31 de Dezembro de 1891.

Tristão de Alencar Araripe,

Tezoureiro.

N.º 1

Joia de entrada

	Alfredo do Nascimento Silva	20$000
2	Argemiro Antonio da Silveira	20$000
3	Artur Sauer	20$000
4	Ireneo Joffily	20$000
5	D João Esberard, bispo de Olinda	20$000
6	Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto	20$000
7	Jozé Domingues Codecéira	20$000
		140$000

N.º 2

Prestações semestraes dos socios pagas em 1891

1	Alfredo Ernesto Jacques Ourique, 1891	12$000
2	Alfredo do Nascimento Silva, 1891	12$000
3	Antonio Joaquim de Macedo Soares, 1891	12$000
4	Antonio Borges de Sampaio, 1891	12$000
5	Artur Sauer, 1891, 2º semestre	6$000
6	Barão de Lavradio, 1891	12$000
7	Barão de Miranda Reis, 1991	12$000
8	Barão de Ramiz, 1891	12$000
9	Barão de São-Felix, 1891	12$000
10	Barão de Tefé, 1888 a 1891	48$000
11	Eduardo Jozé de Moraes, 1891	12$000
12	Enrique Rafard, 1891	12$000
13	Epifanio Candido de Souza Pitanga, 1891	12$000
14	Feliciano Pinheiro de Bitencourt, 1891	12$000
15	Felisberto Firmo de Oliveira Freire, 1891	12$000
16	Francisco Calheiros da Graça, 1891	12$000
17	João Barboza Rodrigues, 1888 a 1891	48$000
18	João Capistrano de Abreo, 1891	12$000
19	João Carlos de Souza Ferreira, 1891	12$000
20	D. João Esberard, 1891	12$000
21	João Jozé Pinto Junior, 1891	12$000
22	Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto, 1891, 2º semestre	6$000
23	Joze Alexandre Teixeira de Mello, 1891	12$000
24	Jozé Candido Guilhobel, 1891	12$000
25	Jozé Domingues Codeceira, 1891	12$000
26	Jozé Egidio Garcez Palha, 1890 e 1891	24$000
27	Jozé Luiz Alves, 1891	12$000
28	Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros, 1891	12$000
29	Ladisláo de Souza Mello Neto, 1891	12$000
20	Luiz Cruls, 1891	12$000
21	Manoel Pinto Bravo, 1891	12$000
32	Marquez de Paranaguá, 1891	12$000
		456$000

	Transporte	456$000
33	Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, 1891	12$000
34	Paulino Nogueira Borges da Fonceca, 1890 e 1891	24$000
35	Pedro Paulino da Fonceca, 1886 a 1891	72$000
36	Ricardo Gumbleton Daunt, 1890 e 1891	24$000
37	Torquato Xavier Monteiro Tapajós, 1891	12$000
38	Virgilio Martins de Mello Franco, 1890 e 1891	24$000
39	Visconde de Ibituruna, 1891	12$000
40	Visconde de Nogueira da Gama, 1891	12$000
41	Visconde de Sinimbú, 1891	12$000
42	Visconde de Valdetaro, 1891	12$000
		672$000

N.° 3

Donativos

1	Artur Sauer	1:000$000
2	Barão de Ibiapaba	2:000$000
3	Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe	2:000$000
4	Jozé Joaquim de França Junior	2:000$000
5	Luiz Ribeiro Gomes	2:000$000
6	Manoel Jozé da Fonceca	2:000$000
7	Manoel do Matos Gonçalves	2:000$000
8	Urbano de Faria	2.000$000
		15:000$000

N.° 4

Expedição de diploma de socios benemeritos

1	Albino da Costa Lima Braga	50$000
2	Antonio Jozé Dias de Castro	50$000
3	Antonio Jozé Gomes Brandão	50$000
4	Barão de Oliveira Castro	50$000
5	Barão de Quartim	50$000
6	Barão de Mendes Tota	50$000
7	Candido Gaffré	50$000
8	Conde de Figueiredo	50$000
9	Francisco de Paula Mayrink	50$000
10	Luiz Augusto Ferreira de Almeida	50$000
11	Luiz Augusto da Silva Canedo	50$000
12	Luiz Jozé Lecocq de Oliveira	50$000
13	Manoel Jozé da Fonceca	50$000
14	Manoel Vicente Lisboa	50$000
15	Tobias Lauriano Figueira de Mello	50$000
16	Visconde de Carvalhaes	50$000
17	Visconde de Leopoldina	50$000
18	Visconde de Moraes	50$000
		900$000

N.° 5

Socios izentos do pagamento de prestações em 31 de Dezembro de 1891

	Nome	
1	Angelo Tomaz de Amaral	Remido
2	Barão de Alencar	Onorario
3	Barão de Capanema	»
4	Barão do Desterro	Remido
5	Barão de Guajará	»
6	Barão do Ladario	»
7	Barão de Lopes Neto	»
8	Barão Homem de Mello	»
9	Cezar Augusto Marques	Onorario
10	João Alfredo Correia de Oliveira	»
11	João Manoel Pereira de Silva	»
12	João Mendes de Almeida	Remido
13	Joãc Severiano da Fonceca	Onorario
14	Jozé de Barros Pimentel	Remido
15	Jozé Francisco Diana	Onorario
16	Jozé Tavares Bastos	Remido
17	Jozé Vieira Couto de Magalhães	»
18	Luiz Antonio Barboza de Almeida	»
19	Luiz Rodrigues de Oliveira	»
20	Manoel Duarte Moreira de Azevedo	»
21	Manoel Francisco Correia	Onorario
22	Maximiano Marques de Carvalho	»
23	Olegario Erculano d'Aquino Castro	»
24	D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo	»
25	Tito Franco de Almeida	Remido
26	Tristão de Alencar Araripe	Onorario
27	Visconde de Barbacena	Remido
28	Visconde de Beaurepaire Rohan	Onorario
29	Visconde de Mota Maia	»
30	Visconde de Souza Fontes	»

NOTA. Os socios benemeritos não pagam contribuição alguma depois de satisfeita a joia da expedição do seo diploma. Os socios estrangeiros rezidentes fóra da Republica não estão sugeitos a onus algum pecuniario.

N.° 6

Socios actualmente (31 de Dezembro de 1891) na Europa, e que por isso não satisfizeram suas prestações no corrente anno

1 Artur Viana de Lima.
2 Barão de Penedo.
3 Barão do Rio-Branco.
4 Frederico Jozé de Sant'Anna Neri.
5 Jozé Antonio de Azevedo Castro.
6 Visconde de Ourem.

N.º 7

Apolices pertencentes ao Instituto Historico e Geografico Brazileiro

VALOR	N. DE ORDEM	NUMERO DAS APOLICES	QUANDO ADQUERIDAS
1:000$	1	2.873	Em 1885.
»	2	2.874	» » (*)
»	3	6.750	Antes de 1881..
»	4	10.034	Em 9 de Maio de 1891.
»	5	10.035	» » » »
»	6	11.448	Em 14 de Fevereiro de 1885.
»	7	28.053	Em 12 de Abril de 1891.
»	8	30.825	» » »
»	9	31.175	» » » »
»	10	33.208	» » » »
»	11	37.131	Antes de 1881.
»	12	40.252	» »
»	13	41.952	Em 12 de Abril de 1891.
»	14	44.424	» » » »
»	15	44.425	» » » »
»	16	50.890	» » » »
»	17	50.961	Antes de 1881.
»	18	67.904	Em 12 de Abril de 1891.
»	19	71.981	» » » »
»	20	72.687	» » » »
»	21	73.484	» » » »
»	22	73.485	» » » »
»	23	73.486	» » » »
»	24	73.487	» » » »
»	25	73.488	» » » »
»	26	75.319	Antes de 1881.
»	27	75.320	» » » »
»	28	78.328	Em 29 de Maio de 1891.
»	29	81.517	Em 12 de Abril de 1891.
»	30	81.518	» » » »
»	31	90.113	» » » »
»	32	90.114	» » » »
»	33	97.787	Antes de 1891.
»	34	97.998	Em 12 de Abril de 1891.
»	35	111.225	» » » »
»	36	111.846	Antes de 1881.

(*) Estas 2 apolices fôram adquiridas por legado deixado pelo socio Dr Ricardo Jozé Gomes Jardim. Todas as demais fôram adquiridas por compra.

VALOR	N. DE ORDEM	NUMERO DAS APOLICES	QUANDO ADQUERIDAS
1:000$	37	118.123	Em 12 de Abril de 1891.
»	38	118.124	» » » »
»	39	118.125	» » » »
»	40	120.111	Antes de 1881.
»	41	129.311	Em 12 de Abril de 1891.
»	42	129.312	» » » »
»	43	131.945	Antes de 1881.
»	44	143.360	Em 12 de Abril de 1891.
»	45	146.731	» » » »
»	46	146.732	» » » »
»	47	159.125	Antes de 1881.
»	48	172.837	Em 8 de Outubro de 1887.
»	49	172.838	» » » »
»	50	182.940	Antes de 1881.
»	51	230.612	Em 29 de Maio de 1891.
»	52	234.988	Em Agosto de 1883.
»	53	234.989	» » » »
600$	54	490	Em 1882.
»	55	1.336	» »

D'estas apolices 12 fôram adquiridas antes de 1881; 2 em 1882; 2 em 1883; 3 em 1885; 2 em 1887; 34 em 1891. Total 55.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO TOMO LIV

PARTE SEGUNDA